



ELAINE MÜLLER
RECIFE-PE
2008

“A TRANSIÇÃO É A VIDA INTEIRA”:
UMA ETNOGRAFIA SOBRE OS SENTIDOS
E A ASSUNÇÃO DA ADULTEZ

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

“A TRANSIÇÃO É A VIDA INTEIRA”:
UMA ETNOGRAFIA SOBRE OS SENTIDOS
E A ASSUNÇÃO DA ADULTEZ

ELAINE MÜLLER

JUDITH CHAMBLISS HOFFNAGEL
ORIENTADORA

RECIFE - 2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

“A TRANSIÇÃO É A VIDA INTEIRA”:
UMA ETNOGRAFIA SOBRE OS SENTIDOS
E A ASSUNÇÃO DA ADULTEZ

ELAINE MÜLLER

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação da Professora Doutora Judith Chambliss Hoffnagel, para a obtenção do grau de Doutora em Antropologia

RECIFE - 2008

Müller, Elaine

“A transição é a vida inteira”: uma etnografia sobre os sentidos e a assunção da adultez / Elaine Müller. – Recife: O Autor, 2008.

284 folhas : il., tab., quadros.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia, 2008.

Inclui bibliografia e apêndices.

1. Antropologia. 2. Juventude. 3. Adultos. 4. Maturidade. 5. Responsabilidade. I. Título.

**39
390**

**CDU (2.
ed.)
CDD (22. ed.)**

**UFPE
BCFCH2009/11**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Judith Chambliss Hoffnagel (orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE

Prof. Dr. Russell Parry Scott (Examinador Titular Interno)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE

Prof. Dr. Antonio Motta (Examinado Titular Interno)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE

Prof.^a Dr.^a Elaine Reis Brandão (Examinadora Titular Externa)
Instituto de Estudos em Saúde Coletiva/UFRJ

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima de Souza Santos (Examinadora Titular Externa)
Departamento Psicologia/UFPE

Data da Defesa: 22 de agosto de 2008.

A Magdalena, Pantera, Pirata
(In memoriam)
Miguel, Sivuca, Valente e Tiririca
meus primeiros filhos

À vida que eu trago ao mundo
e que me dá uma nova vida

AGRADECIMENTOS

À CAPES pela concessão de bolsa nos dois primeiros anos do doutorado.

À orientadora Judith C. Hoffnagel, pelo apoio e confiança, por não ter deixado desistir pelo caminho.

À Márcia Longhi, Mónica Franch, Melissa Pimenta e Rosilene Alvim, pelos diálogos e troca de materiais.

À Angela Sacchi, pela leitura de parte da tese e pelos comentários.

A meus pais, irmãs, minha família inteira, pela torcida mesmo à distância, por acreditarem que tudo ia dar certo porque “eu sou inteligente”, mesmo quando eu mesma não acreditava.

Ao primo Shârtz e aos amigos que estavam sempre por perto, ainda que tocando uma irritante flauta doce.

Ao marido, Marcelo, companheiro desde o início e desde antes, pelas barras que agüentamos, pelo o que crescemos e temos ainda a crescer, por sermos parte das transições na vida um do outro.

Àqueles a quem chamo de Antônia, Bartira, Bruna, Donizete, Estela, JJ, Júlio, Marisa, Sandra, Sílvia, Tiago e Vitória, porque sem eles esta tese não seria possível.

“Desejo que você, sendo jovem,
não amadureça depressa demais,
e que sendo maduro, não insista em rejuvenescer
e que sendo velho, não se dedique ao desespero.
Porque cada idade tem o seu prazer e a sua dor
e é preciso deixar que eles escorram por entre nós.”

Victor Hugo

RESUMO

Esta tese é fruto de uma pesquisa feita entre 2004 e 2008, na cidade de Recife, Pernambuco, Brasil. Tomando um recorte do curso da vida, o da transição da juventude à adultez, busca-se trazer algumas questões que contribuam para uma Antropologia das Idades da Vida. Uma primeira questão é a de que se as idades são relacionais, como é assumido teoricamente, este aspecto está presente no trabalho de campo e precisa ser trabalhado metodologicamente. Assim, a pesquisa não deixa de revelar de que forma a condição etária da autora esteve presente tanto no trabalho de campo, como nas leituras feitas dos dados e da bibliografia relativa ao tema. A partir das entrevistas feitas com jovens com experiências diversas caminho à assunção da adultez e com seus pais, foi possível perceber que a idade assume diversos significados, extrapolando o sentido de fase ou estágio do curso da vida que um olhar cronologizador poderia tentar imprimir. Também os sentidos dados à juventude, à adultez e à vida são diversos e mudam conforme os sujeitos se deslocam em seu curso. A tentativa de entendimento da transição à adultez, desta forma, acaba por ser direcionada não apenas através de eventos como a saída da casa dos pais, o casamento ou a inserção profissional (que tanto têm sentidos diferentes para os indivíduos, como lhes colocam dilemas de ordem muito diversa), mas também pelas expectativas dos sujeitos quanto a suas trajetórias e a sua própria visão sobre elas. Ao invés de se fazer classificações destas experiências, optou-se por privilegiar as narrativas a seu respeito, trazendo a riqueza colocada pela diversidade. Algumas noções comumente articuladas nos estudos sobre a juventude e a adultez, como responsabilidade e maturidade, foram pensadas a partir do que os interlocutores/as entendiam sobre elas – o que lhes revelou várias dimensões, como a idéia de que responsabilidade é algo que se tem a vida inteira, ou que a maturidade é diferente da adultez, por ser aquilo que se aprende a partir das experiências. Quanto à noção de transição, embora pareça pertinente para se pensar o momento crucial da vida dos/as jovens entrevistados, que se sentem “em crise” ou numa “encruzilhada”, percebeu-se que a vida inteira é percebida como uma transição, na qual a mudança e os novos desafios não são privilégio de nenhuma idade.

Palavras-chave: juventude, adultez, curso da vida, transição.

ABSTRACT

This thesis is result of a research undertaken between 2004 and 2008 in the city of Recife, Pernambuco, Brazil. Looking at the transition of youth to adulthood, from the perspective of the life course, it seeks to bring up questions that contribute to an Anthropology Life Ages. The first question asks: if the ages are relational, how is this considered theoretically? This aspect is also present in the fieldwork and needs to be worked out methodologically. Thus the research does not fail to consider the ways in which the age of the author of the thesis was present not only in the fieldwork but also in the readings of the data and the bibliography relative to the theme. From interviews done with young people with diverse experiences on their way to assuming adulthood and with their parents, it was possible to perceive that age assumes diverse meanings, going beyond the sense of phase or stage of the life course that a chronology perspective might try of imprint. Also the meanings given to youth, adulthood and life are diverse and change accordingly as the subjects move through the life course. An attempt to understand the transition to adulthood, in this way, ends up being directed not only by events such as leaving the parental home, marriage or insertion in the marketplace (that has both diverse meanings for the individuals and puts them in dilemmas of different kinds), but also by the subjects expectations with respect to their trajectories and their own view of them. Instead of making classifications of these experiences, emphasis is given to the narratives about the experiences bringing a rich diversity to the study. Some notions commonly articulated in studies about youth and adulthood, like responsibility and maturity are considered from the point of view of how the interviewees understood these notions – which revealed various dimensions, such as the idea that responsibility is something that one has throughout one's whole life, or that maturity is different than adulthood, because it is what one learns through experience. Regarding the notion of transition, although it seems pertinent to think about the crucial moment of the young interviewees lives who feel that they are in “a crisis” or at “a crossroads”, our data reveal that all of life is perceived as a transition in which change and new challenges are not the privilege of any one age.

Key-words: youth, adulthood, life course, transition.

SUMÁRIO

12	1. INTRODUÇÃO: da transição da juventude à adultez a uma vida inteira em transição
19	Idades em campo
24	Trabalho de campo: a trajetória desta tese, os/as interlocutores/as
34	Sobre trajetórias e narrativas
41	1. A GERAÇÃO PARENTAL: “geração milagre econômico”
42	Dona Estela: “a necessidade faz o adulto”
57	Dona Bartira: “eu acho que eu nunca fui adulta!”
69	Seu Donizete: “ser adulto é agir com responsabilidade”
82	2. AS NOVAS FORMAS DE SE TORNAR ADULTO
83	Vitória: dos últimos anos da juventude à juventude madura
103	Bruna: “sou eu que amadureço muito lentamente?”
121	JJ: “vida de adulto é uma matemática”
137	3. O CURSO DA VIDA
151	4. JUVENTUDE, ADULTEZ E AS IDADES DA VIDA
156	Natureza e cultura no corpo humano: para além das idades como dados naturais ou como construções sociais
164	Os múltiplos discursos e dimensões das idades da vida
178	A tematização da juventude, a “não tematização” da adultez
184	Abordagens contemporâneas da juventude: transição à adultez, ou, o adulto em colapso?
192	Ser jovem, ser adulto... ser jovem e adulto
223	Responsabilidade, independência, autonomia e emancipação familiar
232	O prolongamento da juventude
238	5. A TRANSIÇÃO
242	Tipologias da transição da juventude à adultez
266	CONSIDERAÇÕES FINAIS
271	REFERÊNCIAS
284	APÊNDICE: Transições em curso

LISTA DE TABELAS E QUADROS

- 255 *Diversidade de itinerários e segmentação social*
(Casal et. al., 2006)
- 256 *Modalidades de transição à vida adulta*
(Casal et. al., 2006)
- 259 *Padrões de transição para a vida adulta*
(Guerreiro e Abrantes, 2005)
- 260 *Brasil: Proporção de jovens que fizeram a transição para a vida adulta por condição no domicílio e modalidade, 1982 e 2002*
(IBGE/PNAD de 1982 e 2002, apud Camarano et. al.. 2004)

NOTA SOBRE O PADRÃO DAS TRANSCRIÇÕES

Ênfases

- Palavra** Indica ênfases minhas
- Palavra* Indica ênfases dos próprios interlocutores
- Palavra:::: Indica extensão do fonema anterior
- “Palavra” Indica a mudança de entonação nas narrativas dos interlocutores (p. ex. lembrando diálogos com outras pessoas ou frases feitas)
- (risos) As pausas, risos, tosses, gaguejos e suspiros são indicados com parênteses

Dúvidas de transcrição

- (inaud.) Indica os trechos inaudíveis, sem transcrição
- [palavra] Indica dúvidas por parte da transcritora e transcrições dúbias
- [...] Indica supressões

1

INTRODUÇÃO:

da transição da juventude à adultez a uma vida inteira em transição

Que as escolhas dos temas que pesquisamos não acontecem em vão todos podemos supor. (Os porquês destas escolhas talvez alguns entendam com mais clareza.) O fato é que parece-me que toda tese traz em si – em sua temática, na forma de abordá-la ou na maneira de escrevê-la - muito de seu autor ou autora.

Esta questão tem me acompanhado desde o momento que decidi escrever sobre um momento do curso da vida que, de certa forma, eu também atravessava - por mais paradoxal que pareça ser, para alguns professores e professoras mais do que para outros, que se chegue a um doutorado antes de se chegar a “idade adulta” (pensemos, afinal, o que significa ser jovem e ser adulto...).

A idéia desta tese apareceu quando comecei a observar um grupo de conhecidos¹ com a mesma idade que eu e a forma como eles pareciam ser jovens e adultos ao mesmo tempo. Jovens pelo ritmo de vida, pelas festas, pelos lazeres que me pareciam juvenis, os namoros, as “ficadas”, as experimentações. E adultos porque a maior parte deles já havia se formado e tinha uma profissão e uma posição no mundo do trabalho. Eram jovens-adultos, como eu, e com muitas diferenças.

Parecia-me que pessoas de minha classe social tinham que batalhar muito mais para manter seu *status* de adulto – porque as obrigações financeiras, as responsabilidades com uma casa, as decisões com relação a minha carreira eram coisas que eu precisava administrar sem muita ajuda e sem muitas facilidades. A eles parecia ter muito mais coisas à mão (um carro do ano que eu pensava conhecer melhor do que eles o valor, novidades tecnológicas para seu trabalho e entretenimento, um endereço invejável com seu mundo particular num quarto de um amplo apartamento à beira mar). Não me parecia que eles tivessem qualquer

¹ Rendendo-me ao sexismo de nossa língua, usarei o plural masculino para designar homens e mulheres, e evitarei termos como *conhecidos/as*, *adultos/as*, a não ser quando julgar absolutamente relevante. A diferenciação entre jovens homens e jovens mulheres será feita quando for pertinente.

pressa em “crescer”, em ficar adultos, e ao mesmo tempo eles já tinham muitas responsabilidades que são comumente acionadas para definir a maturidade.

Nossas diferenças, em especial a de classe, faziam-me pensar que havia algo de peculiar em se tornar adulto em diferentes contextos sociais. Nossas semelhanças, em especial algumas ansiedades e inseguranças com relação ao nosso futuro, levavam-me a querer entender o que podíamos estar compartilhando enquanto geração.

O projeto defendido quando da qualificação do doutorado, em 2005, embora não o dissesse explicitamente (ou não fosse completamente convincente quanto a isto), estava direcionado para as trajetórias de transição da juventude à adultez² de jovens homens e mulheres de camadas médias em Recife. Mas houve um momento em que, ao invés de passar a ter um maior rigor com relação à questão de classe³, no que concerne a escolha dos interlocutores, passei a me deter cada vez menos nesta categoria. Não que tenha deixado de pensar classes ou posicionamentos sociais como sendo relevantes para as trajetórias de vida, bem pelo contrário, mas porque resolvi deixar para mais tarde esta reflexão, ou fazê-la a partir de outra perspectiva. O que acontecia é que a noção de curso da vida e a visão de meu trabalho como sendo algo enriquecedor para o debate sobre uma Antropologia das Idades da Vida foram tomando cada vez mais vulto no que eu estava fazendo.

O trabalho aqui apresentado, assim, não diz respeito à transição para a idade adulta de um grupo ou classe social. Ele tenta discutir esta transição enquanto um período do curso da vida, e se os meus interlocutores são de contextos sociais diversos, eles também têm gêneros, profissões, cores de pele e formações familiares diferentes.

Além da centralidade da perspectiva do curso da vida, que aos poucos foi tomando corpo, a *abordagem antropológica* a qual esta tese se filia também foi gradativamente se mostrando relevante⁴. A bibliografia sobre a transição à idade adulta no Brasil, bastante escassa quando do início de minha pesquisa, se expandiu consideravelmente nos últimos quatro anos. A temática, que já se constituía enquanto um problema de pesquisa há alguns anos na Europa, por exemplo, hoje se estabelece enquanto uma das questões mais emergentes

² O termo “adultez” é pouco utilizado no Brasil, e não consta de nossos dicionários, mas tem sido utilizada por pesquisadores portugueses. É interessante observarmos como a “idade adulta”, ao contrário de “infância”, “juventude” ou “velhice”, pede o emprego de substantivo e adjetivo. Cf. Boutinet (2001).

³ As importantes contribuições do professor Russell Parry Scott, na banca de qualificação, pareciam indicar que esta era uma deficiência do projeto de tese.

⁴ A descoberta da tese de Melissa de Mattos Pimenta, “Ser jovem” e “ser adulto”: identidades, representações e trajetórias, defendida na USP em janeiro de 2007 foi um fator importante para o redirecionamento teórico de minha tese, com um maior investimento na abordagem antropológica do tema. A autora vinha utilizando um *corpus teórico* bastante semelhante ao de meu projeto, o que colocava questões para algum “ineditismo” do trabalho.

dos estudos sobre juventude no Brasil. Num contexto de abordagens diversas, que vão da Sociologia à Demografia, novas categorias vão sendo incorporadas enquanto outras vão sendo desconstruídas, por autores de diferentes filiações teóricas.

A tese aqui proposta também busca algumas destas desconstruções e novas leituras. A princípio, filio-me ao conjunto de autores que têm proclamado a necessidade de se trabalhar a partir de trajetórias de vida particulares, observando a sua relação com os contextos sociais que circundam estes indivíduos (Pimenta, 2007; Pais, 2003).

Outro ponto a se refletir é a centralidade dada, por muitos estudos, nos eventos⁵ constituintes da aquisição do *status* de adulto. Trata-se de, por um lado, de relativizar o papel que o casamento, o estabelecimento de um novo domicílio ou a inserção no mercado de trabalho têm na transição à adultez. Por outro lado, para além disso, é preciso repensar a definição feita *a priori* destes eventos definidores da aquisição do *status* de adulto⁶, já que os mesmos têm diferentes importâncias para cada jovem adulto e que a identificação do momento certo de ocorrência dos mesmos às vezes é de difícil identificação. Assim, acredito que a abordagem através destes eventos deva ser equacionada com a das expectativas e subjetividades que as norteiam (Johnson-Hanks, 2002; Pais, 2003; Ramos, 2006).

Outra importante desconstrução – de fácil defesa, mas de difícil alcance – é a abordagem da vida como sendo constituída por uma série sucessiva de *etapas*. O embaralhamento cada vez maior das normas, comportamentos e papéis próprios a cada idade; a juvenalização do mercado de consumo; o aumento da expectativa de vida e do período de escolarização; as mudanças no mercado de trabalho etc. são algumas das situações que têm levado a uma recronologização do curso da vida. Percebemos, aqui, tanto o surgimento de novas fases da vida (os *beteens*⁷, a aposentadoria ativa, a pós-adolescência, a quarta idade, etc.), quanto o embaçamento dos limites entre as diferentes idades. De certa forma, por mais que se defenda a limitação em se ver o curso da vida a partir de uma perspectiva linear (etapas sucessivas e identificáveis) os trabalhos sobre a transição à adultez acabam por propor certas

⁵ A idéia de *evento vital* parece ser oriunda da Psicologia do Desenvolvimento, como uma forma alternativa de pensar o curso da vida a partir do momento que a idade cronológica passa a ser rejeitada como uma variável significativa (Keith e Kertzer, 1984). Hultsch e Plemons (apud Keith e Kertzer, 1984), definem um evento vital como uma “ocorrência digna de nota” na vida de um indivíduo, podendo ser tanto aquelas experimentadas como sendo parte de um curso de vida usual (casamento, morte de uma pessoa querida), como “eventos culturais” com origem exógena (guerra, catástrofe natural).

⁶ Metodologicamente, precisei recorrer a alguns destes eventos para a identificação de jovens que estariam em transição à idade adulta – privilegiando, assim, aqueles que teriam assumido apenas algumas das “responsabilidades” com moradia, família e profissão. O decorrer do trabalho de campo levou-me a repensar o papel dos eventos que marcam a inserção no mundo destas responsabilidades.

⁷ Corruptela dos termos *between* e *teenager*, em inglês, para designar os indivíduos entre a infância e a adolescência.

tipologias de transição, que buscam classificar de alguma forma (talvez por entenderem que este é um projeto do pensamento científico rigoroso) as múltiplas trajetórias dos jovens em direção ao *status* de adulto.

No Brasil, o trabalho de maior fôlego e que utiliza noções mais próximas às que aqui proponho, fala, por exemplo, de três modalidades de transição: uma mais “lenta”, própria das camadas mais privilegiadas socialmente, outra mais “precoce”, associada aos segmentos menos favorecidos e uma terceira transição “errática”, apresentando “reversões” de algumas etapas, como o abandono dos estudos, o desemprego e a volta ao lar familiar após o divórcio (Pimenta, 2007).

O que me parece importante observar, em um trabalho que se filie ou sugira uma Antropologia das Idades da Vida, é se os jovens que passam mais tempo na casa de seus pais se vêem como sendo mais “jovens” e menos “adultos” do que aqueles que estabeleceram um novo domicílio; se aqueles que retornam à casa dos pais após terem tido sua própria casa sentem-se como tendo se tornado mais jovens novamente. Dito de outra maneira, de que forma pensar em juventude e adulez como etapas distintas do curso da vida, com início e fim mais ou menos identificáveis (seja através de eventos, seja através de elementos mais subjetivos) faz sentido para estes jovens-adultos? E mais, de que forma as diferentes formas de se assumir a adulez – pois as trajetórias que conheci durante a pesquisa sempre revelavam esta diversidade – nos colocam questões sobre o que é ser adulto?

Para o olhar antropológico restam ainda importantes questões a serem incluídas neste debate, que dizem respeito à cara idéia, para a disciplina, de “categorias nativas”. Como os jovens em transição à adulez se classificam etariamente? O que eles entendem sobre a sua juventude e sua adulez? Como definem cada idade da vida – o que entendem sendo próprio da juventude e sendo próprio da adulez? Como eles percebem sua transição (se é que se identificam enquanto estando numa fase de transição)? Enfim, quando falam em idades da vida como a juventude e a adulez, que dimensões estão implicadas? Neste sentido, o que uma perspectiva antropológica poderia estar trazendo de novo para contribuir neste debate é justamente partir destas categorias nativas, teorizar a partir delas.

A partir do olhar “nativo”, a própria idéia de “transição” precisa ser equacionada de forma cuidadosa. Pode-se perceber, colocando-se frente a frente os discursos de duas diferentes gerações, que a idéia de que existe um período da vida em que se passa de uma condição de jovem para outra de adulto é muito mais clara para aqueles que estão atravessando este período atualmente. Os pais, sejam os que definem um evento pontual a partir do qual passaram a se sentir adultos, sejam aqueles que não conseguem identificar esta

transição em um período de suas vidas, parecem não ter um discurso sobre a transição nos mesmos termos como os seus filhos. Estas pistas indicam, eu imagino, que a construção da *transição à vida adulta* enquanto “problema social” ou “problema de pesquisa” (a ponto de merecer uma sigla, nos estudos sociológicos, TVA) ou ainda objeto da literatura de auto-ajuda, são fenômenos mais ou menos recentes, certamente com a marca de um determinado tempo, lugar e cultura.

Colaboram para que a transição para a adultez seja percebida enquanto um *fenômeno* algumas mudanças relativamente recentes ocorridas na sociedade ocidental. Uma delas diz respeito às mudanças no mercado de trabalho, que se torna mais instável, com as carreiras profissionais mais fragmentadas e incertas. Percebe-se que a transição ao mercado de trabalho exige atualmente muito mais qualificação, principalmente para atividades especializadas ou de formação superior, nas quais o diploma universitário deixa de ser um passaporte de inserção profissional. Alguns interlocutores percebem que a geração que ingressou no mercado de trabalho nos anos 70 ou 80 conseguiu postos estáveis com o diploma secundário ou a graduação. Hoje, seus filhos não conseguem ter seus cursos superiores valorizados da mesma forma – até porque ter uma faculdade não é mais um privilégio de tão poucos como o era há algumas décadas. O resultado é que se precisa ter cada vez mais qualificação para a ocupação de postos cada vez mais precários. Ou seja, tanto o mercado de trabalho como a formação profissional passou por mudanças (no que pese o número cada vez maior de faculdades particulares contribuindo para que o curso superior tenha cada vez mais o caráter de formação técnica que as escolas profissionalizantes tinham há algum tempo atrás).

Relacionado a estas mudanças no mercado de trabalho, pode-se pensar a respeito do poder aquisitivo (notadamente das camadas médias). Aqui é-me difícil afirmar se esta classe tem maiores dificuldades de conseguir atingir a independência financeira, ou se os padrões de consumo e as “necessidades” é que já não são as mesmas. O caso de Vitória é interessante neste sentido, quando ela fala de como não tinha condições de sair da casa dos pais, mas, por outro lado, enumera uma série de necessidades que lhe são impostas por sua classe social e que não o eram para os seus pais. Os estilos de vida mudaram, e, conseqüentemente, as necessidades de consumo e os níveis de renda para manter estas necessidades⁸.

⁸ Além disso, parece existir, nas camadas médias, um sentimento de que se deve partir do ponto ao qual os pais chegaram. Kehl (2004) fala, em termos do exercício da sexualidade, que mais do que o direito de desfrutar as conquistas de liberdade sexual da geração de seus pais, os jovens herdaram a obrigação de realizar os sonhos deles. Poderíamos nos aventurar a pensar que mais do que a possibilidade de se iniciar a vida emancipada da família parental tendo-se uma base mais consolidada do que os pais tiveram (acesso à educação, facilidade com transporte etc.), os jovens sentem-se na obrigação de manter esta base com o mesmo padrão.

Também a *familia* não é mais a mesma. Grosso modo, a geração de pais que foi aqui entrevistada tinha o casamento como o corolário principal da independência afetivo-sexual – mais que esperado, o casamento era praticamente inevitável, como apontou Dona Sílvia. Além da obrigação de se casar, disse Bruna, a geração de seus pais tinha a obrigação de se manter casada. A popularização do divórcio pode ser percebida como a transição para um novo sentido do casamento⁹, como uma relação que deve ser mantida enquanto tiver valor para ambos os indivíduos. Mais que uma desvalorização do casamento, pode-se pensar na valorização de um tipo de relacionamento, que se espera que seja mantido enquanto houver um sentimento (amor, lealdade, mas não apenas isto) compartilhado entre o casal.

Um outro aspecto a se notar é a tão percebida desvalorização ou dissolução de certos *rituais* que eram marcadores da passagem de uma idade a outra da vida. A formatura da faculdade não tem mais o mesmo sentido na medida em que não engendra uma nova condição nos formandos. O casamento religioso ou civil não tem a mesma importância quando os casais experimentam formas diversas de relações pré-maritais como a co-habitação. O primeiro emprego não parece ser muito percebido como tendo mudado a forma como os jovens se percebem enquanto a sua idade, até mesmo porque na maior parte das vezes se experimentam ou empregos precários ou uma série de posicionamentos do tipo “estágio” paralelamente a formação.

A transição da juventude à adultez, parece ganhar, assim, uma existência própria, quase se transforma ela mesma numa idade, na medida em que os sentidos dados à juventude e à idade adulta não são mais tão unívocos. Talvez o que todas estas mudanças podem estar indicando é que é cada vez mais difícil delimitar o início e o fim de cada idade da vida. Mais que etapas estanques, falamos da vida como uma transição, um *processo* (Featherstone, 1994) de auto-construção, aprendizado, micro-mudanças (Ramos, 2006) e acúmulo de experiências.

Para além disso, observar este momento específico do curso da vida *faz-me* perceber que a idade, enquanto construção social, é uma categoria muito mais complexa e multidimensional do que pode parecer à primeira vista. Nas definições sobre o que é juventude e adultez, a idade aparece enquanto categoria social, biológica e cronológica. Quando nos apoiamos nas narrativas sobre trajetórias de vida e nas classificações “nativas” sobre o tema, somos levados ao encontro de idéias sobre qualidade de vida, dilatação do período reprodutivo, responsabilidade, autonomia, independência etc. e, sobretudo, à impossibilidade de se separar o “cultural” do “natural” no que tange o curso da vida e suas idades. As narrativas sobre trajetórias das duas gerações nos levam a pensar, por um lado, a

⁹ Dona Marisa ressalta como a sua geração se divorciou muito, e como as separações foram traumáticas.

juventude e a adultez como algo além de idades da vida (no sentido de fases); por outro lado, as idades da vida como sendo definidas e marcadas tanto por fatores “naturais” como “sócio-culturais”. Remete-nos, desta forma, a mais um debate clássico da Antropologia – o do par natureza/cultura – e para a necessidade de se pensar numa abordagem que rompa com dualismos e classificações reducionistas.

Não fiz nesta tese uma pesquisa com uma “amostra” que pudesse dar conta de uma leitura sobre como, *em média*, os jovens de determinado *perfil* têm se inserido no mundo adulto. Talvez não por uma escolha epistemológica na elaboração do projeto, mas pelas circunstâncias na qual esta tese foi concebida, busquei entender que uma tese pode surgir mais do exercício de reflexão do que da realidade social mais ampla que ela possa explicar.

Trabalho aqui com um número reduzido de interlocutores (embora eles tenham sido muito mais numerosos do que se pode julgar pelos nomes citados). Mas cada trajetória que eu e meus interlocutores narramos aqui está relacionada, de alguma forma, com algumas das questões relevantes para se pensar a transição à adultez. Além disso, sua leitura muitas vezes pode sugerir que algumas mudanças de foco nos atuais estudos sobre o tema poderiam elucidar muitas outras questões, e incluir de forma mais positiva a diversidade das trajetórias individuais. Por acaso não estamos sempre, aliás, falando da mesma coisa, de uma espécie de recorte (não é este o sentido do real?)?

Apresento esta tese como uma contribuição para a discussão de uma temática que têm ganhado espaço nas Ciências Sociais, e acredito que algumas das desconstruções que trago aqui, muitas delas colocadas pelos próprios interlocutores, podem ser úteis para futuros trabalhos, ainda que não pareçam tão elucidativas quanto algumas classificações que têm sido propostas. Mas talvez a maior contribuição desta tese possa estar na tentativa de pensar antropologicamente uma questão que ao mesmo tempo nos faz retomar discussões clássicas da Antropologia e refletir sobre um “fenômeno” ocidental contemporâneo. A idéia foi que esta tentativa estivesse em diálogo com outras áreas de conhecimento, ainda que não as privilegie enquanto modelo explicativo.

No decorrer deste capítulo introdutório, na seção *Idades em campo*, trago uma discussão de caráter metodológico sobre a forma como a condição etária do/a pesquisador/a nunca deixa de estar presente antes, durante e após o trabalho de campo. Depois, em *Trabalho de campo: a trajetória da tese, os/as interlocutores/as* apresento o processo de construção desta pesquisa e os indivíduos que a tornaram possível. Na seção *Sobre trajetórias e narrativas* trago algumas questões que nortearam as entrevistas e as observações, além de falar brevemente sobre o tipo de etnografia que eu escrevi.

O restante da tese está dividido em cinco capítulos. Em *A geração parental: “geração milagre econômico”* trago as narrativas de vida de três adultos com filhos em “transição” à adultez, que falam de sua trajetória, das questões que circundavam a sua assunção da adultez, de como percebem este período da vida de seus filhos e as idades da vida. Em *As novas formas de se tornar adulto* é a geração dos jovens “em transição” que tem as suas trajetórias narradas: o momento atual de suas vidas, seus dilemas, expectativas, as noções sobre o curso da vida em diferentes momentos desta transição.

No capítulo *O curso da vida* retomo algumas idéias importantes que têm permeado as discussões nesta área, da noção de ciclo de vida e seus pressupostos de linearidade e da vida dividida em estágios, aos paradigmas do curso da vida e da vida como um processo.

Em *Juventude, adultez e as idades da vida* trago as discussões mais diretamente ligadas ao tema desta tese e a uma Antropologia das Idades da Vida. Recupero algumas colocações dos interlocutores e discussões teóricas, como por exemplo sobre a dicotomia natureza-cultura, as múltiplas dimensões e discursos sobre idade, as idéias sobre juventude e adultez e seu tratamento pelos estudos das Ciências Sociais, a idéia de responsabilidade e de prolongamento da juventude.

No capítulo sobre *A transição*, lembro de seu tratamento enquanto área clássica da Antropologia e algumas tipologias da transição à adultez propostas por diferentes estudos.

Encerro com as *Considerações Finais*, tentando dar um fechamento ao trabalho que o localize enquanto uma contribuição tanto para o entendimento deste recorte do curso da vida que me propus estudar, quanto a uma Antropologia das Idades da Vida.

Idades em campo

Lydia Alpizar e Marina Bernal (2003), fazendo uma crítica aos estudos sobre juventude, afirmam que os mesmos são negadores ou não explicitadores da subjetividade de quem os investiga. Poucos seriam os pesquisadores que trabalham com juventude (eu ampliaria, e diria idade) que reconhecem e dão conta de maneira explícita da carga subjetiva a partir da qual realizam seu trabalho.

Quando falamos na transição à vida adulta, em geral se trabalha com certos eventos – aqui, aqueles que instituem uma série de responsabilidades do tipo

conjugal/familiar, domiciliar, financeira/profissional. No meu caso, concomitantemente ao doutorado eu vivenciei alguns dos eventos cruciais para o que geralmente se define como vida adulta, na esfera familiar e profissional. Acredito que esta minha condição etária¹⁰ não pode ser desprezada ao se falar da abordagem metodológica deste trabalho. (E, se, como apontam Alpizar e Bernal, eu ainda não dou conta desta carga de subjetividade, pelo menos acho mais honesto expressá-la).

Afirmar que também atravesso o período que estou estudando não significa assumir que estou fazendo uma tese para me compreender¹¹. Pelo menos não é só isso.

Mary Catherine Bateson, na obra (auto)biográfica em que fala de seus pais, os antropólogos Margaret Mead e Gregory Bateson, reflete sobre a proximidade entre inquietações pessoais e profissionais dos antropólogos. Segundo a autora,

These resonances between the personal and the professional are the source of both insight and error. You avoid mistakes and distortions not so much by trying to build a wall between the observer and the observed as by observing the observer – observing yourself – as well, and bringing the personal issues into consciousness. You can do some of that at the time of the work and more in retrospect. You dream, you imagine, you superimpose and compare images, you allow yourself to feel and try to put what you feel into words. Then you look at the record to understand the way in which observation and interpretation have been affected by personal factors, to know the characteristics of any instrument of observation that make it possible to look through it but that also introduce a degree of distortion in that looking. All light is refracted in the mind. To look through such a lens, it becomes important to know the properties of the lens. This is the scientific goal of biographical work on social scientists.

In anthropology the relationship between observer and observed is complicated by the fact that one is constantly moving between two conflicting impulses, an impulse of closeness and an impulse of distance, the desire to leave home and the desire to discover oneself at the end of the journey, to go away to worlds rich and strange and to discover in them the ordinary, recording and explaining what initially seems exotic. Occasionally, as in Audubo's paintings of birds, the impulse to capture in precise description yields an object of beauty, but it is a different impulse (Bateson, 1994, pp.198-9).

Creio que não seja necessário justificar novamente a viabilidade de um trabalho em que a antropóloga faz parte do contexto que estuda. Boa parte da Antropologia brasileira tem sido feita nestas condições, e inúmeros autores já deixaram claro que distanciamento é algo diferente de distância. De certa forma, os riscos de se tomar o pessoal como algo compartilhado pelos sujeitos da pesquisa equivale ao risco de impor categorias analíticas pautadas em padrões culturais do pesquisador sobre fenômenos culturais de outros contextos.

¹⁰ Falo em condição etária no sentido não apenas do número de anos vividos (a idade cronológica), mas também toda a construção simbólica em torno dela (tudo o que transborda a idade cronológica, mas que se refere a ela).

¹¹ Para a discussão sobre auto-antropologia vide Rapport e Overing (2000); Marcus (1992); Lago-Falcão (2003) e Velho (1986).

Mas parece-me que com relação aos estudos sobre idade e curso de vida, a explicitação do lugar do pesquisador é especialmente importante. Na revisão da literatura sobre o tema desta tese, pude observar que diferentes trabalhos têm tomado diferentes idades como sendo as mais críticas e mais propensas a desencadear momentos de crise nos indivíduos. De certo, diferentes posicionamentos dos pesquisadores frente aos problemas de suas pesquisas estão levando a leituras diversas sobre seus objetos.

Esta questão leva-me a esboçar algumas proposições. A primeira diz respeito às relações que estabeleci, ou concretizei, durante o trabalho de campo para esta tese, mas também em pesquisas que havia feito antes sobre juventude. Em todas estas situações, parecia-me que a questão da minha idade de alguma forma refletia-se no trabalho de campo¹², na maneira como via meus interlocutores e como era vista por eles¹³. O trabalho de campo antropológico parece-me ser de fato o campo onde se refletem as especificidades do “objeto”, dos pressupostos teórico-metodológicos articulados pelo/a pesquisador/a, e dos sujeitos desta relação (quem são eles, como são vistos e aceitos, suas bagagens e subjetividades). Neste sentido, o trabalho de campo sobre idades, estabelecendo relações nas quais a idade importa, parece refletir algumas questões que nos são colocadas pelas idades da vida. E se as vimos como sendo construções sociais, como critérios classificatórios, como relacionais (e instituindo relações de poder, de luta e de negociação) não se pode esperar que estes seus aspectos apareçam apenas no “referencial teórico”. São questões metodológicas a serem enfrentadas e problematizadas.

Aliás, as escolhas teóricas que fazemos também refletirão em questões metodológicas. O que foi acumulado desde os primeiros estudos sobre idades da vida forma um repertório variado de abordagens. Assumir uma ou outra destas abordagens significa ver a criança, o/a jovem, o/a adulto/a ou o/a idoso/a de forma mais ou menos articulada com as outras idades, com culturas mais ou menos compartilhadas, como indivíduo socializado ou como agente social. Não é difícil imaginar que a forma como percebemos nossos/as interlocutores/as se reflete na relação que estabelecemos com eles/as.

A segunda proposição que sugiro ainda diz respeito a este tema, mas o “relativiza”.

¹² Desenvolvo melhor este aspecto em Müller (2006).

¹³ Em muitas situações da pesquisa para a tese as falas dos interlocutores apenas pontuavam a minha idade, geralmente em comparação com a dos jovens que estariam em transição para a adultez:

Dona Estela: não, foi, **vocês não devem lembrar**, implantação da Sudene aqui, na época do “vamo crescer o nordeste” [...] **vocês precisam estudar um pouquinho ainda um pouquinho da história do nordeste aqui...**

Vitória: **Na nossa faixa etária em Recife**, a turma inteira casou, eu, Tone, da turma que a gente conhece em comum, eu, Tone e mais uns três gatos pingados é que nós somos os... como é que é?

Se a condição etária de quem faz pesquisas com determinada idade se reflete no trabalho de campo, o faz de formas diversas – assim como o gênero importa mais ou menos de acordo com a pesquisa que é realizada. Ou seja, o tema que estudamos serve de mote e de norte para as relações que estabelecemos em campo. Talvez se nas minhas três pesquisas¹⁴ eu estivesse perguntando coisas sobre hábitos de consumo ou gosto musical e não sobre como aqueles indivíduos vivenciam suas idades, teria estabelecido outras relações, com outro peso para minha idade e de meus/minhas interlocutores/as.

Em algumas falas dos interlocutores adultos, por exemplo, observamos um tom de aconselhamento que me foi dirigido, como quando Dona Bartira sugere que eu dê logo a minha mãe um netinho – uma experiência muito especial para ela.

Outras vezes, percebia-se a contestação de que éramos de gerações diferentes:

Dona Estela: mas a vida de vocês, passou, a vida de todo mundo é difícil, mas eu acho que **o jovem hoje** ele tem muito mais dificuldade, muito mesmo. De manter uma família, de ter uma carreira, **muito mais difícil pra vocês**, esse mundo tá muito competitivo agora.

Dona Estela: é, **vocês tão ainda em pleno, em pleno estudo ainda**, ainda vão, né, enfrentar depois o trabalho, agora é só estudo, é só, ainda não tá ganhando a vida com isso. Né?

E em outros momentos, nossas idades serviam também de parâmetros para falar de maturidade, do quanto eu, como os seus filhos e filhas, ainda tenho muito pela frente e muito a aprender em minha vida:

Dona Estela: Eu acho que trabalho é o fundamental da vida da gente, né, porque se você... aonde é que você cresce? Onde é que você consegue experiência na vida, né? Claro que a vida vai passando, o tempo vai passando, **hoje eu sou uma mulher mais experiente do que vocês**, tenho que ser porque eu já vivi, eu levei muito tempo pra chegar a 66 anos, foram 66 anos.

[...]

Dona Estela: a nossa faculdade foi o trabalho, entendeu? A gente tava, você tava aprendendo lá, teórica, a gente tá na prática. Quer dizer, você tá aprendendo ali junto com que já sabe, você tá aprendendo, aprendendo andando. Hoje a gente tem o que, 66 anos. Não foi fácil assim também como é, **vocês tão com 26, gente, pelo amor de Deus. Vocês têm um caminho muito grande, que vão aprender também.**

Dona Sílvia: Eu acho que é uma coisa, a juventude hoje, vocês a questão de adultos vai por aí, da responsabilidade, da da o jovem é um empreendedor, é uma pessoa que quer, ele quer, ele quer **e eu acho que depende muito da gente que tem mais experiência ter saco pra dizer dez vezes a você que não é daquele jeito.** Não é? Que você, **pelo amor de Deus, Elaine, não cometa os erros que eu cometi não, invente um novo, invente um erro, faça o seu!** Mas não file¹⁵ uma coisa que você sabe que não vai dar certo, entendeu?

¹⁴ Müller (2000; 2004) e a presente tese.

¹⁵ *Filar*, em Pernambuco, tem o sentido de *colar*, no sul do Brasil: trapacear para completar um exame ou responder a perguntas em uma prova.

O fato é que a minha idade estava presente em cada entrevista e em cada conversa estabelecida.

Vale ressaltar que o resultado da condição etária do/a antropólogo/a em campo é variado. Às vezes será um dificultador para o “acercamento” do cotidiano dos indivíduos, por conta do grande número de anos que separam as idades cronológicas (como relata Pais (1993)); ou por conta da grande diferenciação simbólica que se constrói na brecha de um pequeno intervalo de anos vividos (o caso de minhas pesquisas feitas na graduação e no mestrado). Outras vezes será uma forma de enxergar determinadas questões de forma mais inclusiva, ou vivencial¹⁶, como no trabalho de campo para esta tese. Resultados da dimensão relacional das idades – mais do que algo dado, algo em constante negociação.

Um terceiro aspecto diz mais respeito à dimensão interpretativa de um trabalho etnográfico. Quando falamos de pesquisas sobre idades, não temos consenso nas leituras feitas sobre o que cada uma representa com relação às outras. Nenhum problema com relação a isto, é sinal de que se trata de um campo fértil para ricos debates. Mas se assumirmos que a pesquisa com idades envolve algo do “mundo do sensível”, como se se tratasse de uma realidade que não pode ser submetida apenas às ferramentas lógicas da ciência, como sugere Pais (1993), podemos pensar que na falta de consenso podem estar refletidas diferentes intersubjetividades. Ou seja, quem é o/a pesquisador/a, o que já vivenciou em sua vida e carrega em seus ombros como sua bagagem está presente, de alguma forma, na leitura que faz de seus “objetos” (Pais, 2003).

Por fim, por tudo isso, parece-me que nos estudos sobre idade e curso da vida a explicitação do lugar do/a pesquisador/a é especialmente importante. Não seria o momento de realmente aceitarmos *a categoria idade (guardadas suas especificidades) como sendo tão relacional como gênero, e (tal como já acontece com esta última categoria) começarmos a explicitar também nossa condição etária em nossos trabalhos*, na medida em que ela é um importante fator no estabelecimento de relações com nossos/as interlocutores/as?

¹⁶ Talvez se chegando perto de uma auto-antropologia...

Trabalho de campo: a trajetória desta tese, os/as interlocutores/as

A pesquisa para a tese foi feita com dois grupos (no sentido de duas populações, pois não são necessariamente indivíduos que formem grupos): o de jovens em transição para a adultez e a de seus pais.

A faixa etária dos jovens adultos foi estabelecida, a princípio, entre 20 e 30 anos, não sendo este um critério muito rígido. De fato a vivência do momento de transição foi o critério mais valorizado, e neste sentido foram entrevistados/as jovens com idades com menos de 20 ou mais de 30 anos. Para a identificação deste período, partiu-se da tríade de responsabilidades que têm sido utilizadas para a definição do *status* de adulto¹⁷: responsabilidades residenciais, profissionais e conjugais/familiares. Desta forma, foram identificados como estando em transição para a adultez aqueles jovens que eram os responsáveis por pelo menos um destes domínios em sua vida¹⁸.

Com relação à geração dos pais, a prioridade foi dada para o trabalho com os próprios pais dos jovens entrevistados (ou o pai, ou a mãe, de acordo com a disponibilidade dos mesmos em fazer parte da pesquisa), recorrendo-se a outros adultos identificados como fazendo parte desta mesma geração, e que, preferencialmente, tinham filhos em transição para a idade adulta. Como já foi apontado por outros/as pesquisadores/as que estudavam sobre família, as entrevistas com as mães foram muito mais fáceis de serem marcadas. A maior parte dos/as jovens não vive com o pai e a mãe, e, nos casos em que estes são separados, a maioria dos/as jovens mora apenas com a mãe. Vários/as entrevistados/as também pareciam ter relações mais conflituosas com os pais do que com as mães, privilegiando, assim, a indicação delas para as entrevistas.

Já explicitarei minha proximidade com o “campo” de minha tese, e o fato de ter atravessado importantes eventos da assunção da vida adulta durante o período do doutorado. Com relação ao trabalho de campo propriamente dito não foi diferente. A procura dos/as interlocutores foi feita a partir de meus contatos pessoais – o que por si só aponta a minha

¹⁷ No decorrer do trabalho, ficará claro como este critério é merecedor de revisão – sua funcionalidade se restringiu à escolha dos interlocutores.

¹⁸ Houve apenas um caso em que a auto-identificação de uma entrevistada não pareceu condizer com o olhar da pesquisadora (no caso, a “jovem” se via como sendo adulta).

proximidade com outros jovens-adultos/as em transição para a adultez. Minha trajetória e a construção desta tese parecem-me tão interligadas a ponto de eu ter dificuldade de falar em uma sem citar a outra.

Pois bem, no princípio, era o caos. Literalmente. Por mais que eu já estivesse “independente” de minha família há muitos anos, o início do doutorado foi marcado por uma importante ruptura: a que tivemos, eu e meu então namorado, com a sua família. Naquele momento uma frase nos soava muito significativa. “Esta vida de adulto é uma roubada”. Era o que melhor parecia definir a nova situação de casal-não casado, de responsabilidades com despesas ordinárias, de rotina de administradores do lar e de importantes escolhas que precisávamos fazer com relação à nossas carreiras profissionais.

Este era o primeiro momento do doutorado: o de cursar disciplinas, entregar trabalhos finais que ajudassem a esboçar um problema de pesquisa, de fazer recortes para o projeto de tese. Para auxiliar nesta construção de uma problemática, fiz, no final de 2004, uma espécie de pré-campo, no qual entrevistei algumas pessoas conhecidas que me pareciam ser jovens e adultas ao mesmo tempo. Uma destas entrevistas foi com Vitória¹⁹, uma jovem diretora de arte/criação que trabalhava em um bureau de criação²⁰ em Recife. Vitória²¹ falou muito sobre as angústias de se perceber “nos últimos anos de sua juventude”, das ansiedades geradas pela esfera profissional, instável, e sobre o aporte familiar que recebia e lhe era fundamental para a fase da vida que estava.

Outra entrevista foi com Antônia²², formada em Jornalismo e funcionária de uma agência de publicidade, que estava grávida de oito meses na ocasião. Antônia também falou de aspectos profissionais, mas marcou-me muito em sua entrevista o quanto a condição de mãe era importante para a forma como ela via o mundo ao seu redor e fazia planos pessoais. Também foi interessante perceber o quão independente e autônoma ela parecia ser desde muito jovem, e como o tipo de educação que seu pai lhe deu – rígida, com muitas responsabilidades, mas que pareciam transparecer grande confiança em seus filhos – teria sido importante para que ela não atravessasse “crises de transição”.

Na época ocorria-me a idéia de fazer a tese apenas com profissionais da área de comunicação – cujas funções e estilos “juvenilizantes” pareciam-me ser bastante paradoxais

¹⁹ Os jovens serão apresentados de acordo com a sua condição no momento da primeira entrevista. No decorrer do trabalho ficará claro como suas vidas foram mudando durante a pesquisa.

²⁰ Um bureau de criação é uma espécie de agência de publicidade, mas que trabalha apenas com criação publicitária, ou seja, não realiza outras etapas típicas da rotina de agências, como a veiculação de material na mídia.

²¹ Nascida em 14/02/1978.

²² Nascida em 02/08/1980.

com relação ao ver-se adulto. Entrevistei também, na época, um professor desta área, Leandro, que por sinal tinha filhos jovens-adultos. Leandro falou-me muito deste aspecto juvenil do trabalho em agências de publicidade, da dinâmica do mercado de trabalho na área, e de algumas características que ele acreditava serem próprias do perfil daqueles que são hoje jovens profissionais. Também comparou as relações estabelecidas no ramo da comunicação com aquelas da família patriarcal pernambucana, descrita por Gilberto Freyre. Sua entrevista colocou-me muitas indagações sobre “reproduções” e “rupturas” que acontecem em cada geração.

Ainda como um pré-campo, mas durante todo o período do doutorado, conversei com vários amigos e conhecidos sobre o tema de minha tese, freqüentei festas de casamento e visitei casais que recém moravam juntos, conversei com pais que me falavam da situação de seus filhos que procuravam trabalho, que terminavam o curso superior, enfim, recebi amigos em minha casa e a temática do “morar junto”, “cuidar de uma casa”, “ter o próprio espaço” e “independência financeira” parecia sempre estar presente.

A configuração da pesquisa, muito mais aberta à diversidade do que pensei a princípio, se deu a partir desta primeira aproximação com o campo – um campo que de fato rodeava-me em todos os aspectos de minha vida que eu compartilhava com pessoas com a mesma idade que eu (existia, é claro, sempre a esfera mais “adulta” de minha vida, muito em torno do próprio curso de doutoramento).

No ano de 2005 fiz novas entrevistas, já depois de ter defendido o projeto de tese. Uma delas foi com Dona Estela²³, mãe de Vitória, que fez um belo relato de sua trajetória de vida e deu-me muitos subsídios para pensar questões que já haviam aparecido na entrevista com sua filha. Com Dona Estela pude pensar nas mudanças no mercado de trabalho nos últimos anos e em alguns “fardos” que parecem carregar os jovens filhos de pais bem-sucedidos, que vivem em contextos bem diferentes dos de seus pais.

Outra entrevista foi com Sandra²⁴ e Júlio²⁵, um casal de namorados que só consegui entrevistar junto, numa tarde atribulada e numa casa que não era de nenhum de nós. Os dois, que faziam a mesma faculdade de Relações Internacionais, tinham modos diferentes de se imaginar em sua área, por um lado, mas compartilhavam de desafios semelhantes, por outro lado. Sandra foi minha primeira informante afro-descendente, e fez-me pensar em mais uma dimensão de diversidade que ainda não havia me dado conta (por mais óbvio que seja) do quanto influenciava um curso de vida.

²³ Nascida em 10/12/1940.

²⁴ Nascida em 13/01/1982.

²⁵ Nascido em 15/12/1980.

De certa forma esta dimensão racial do curso de vida apareceu ainda mais vivamente na entrevista que fiz com Dona Sílvia²⁶, a mãe de Sandra, já no ano de 2006. Dona Sílvia falou-me muito de seu casamento, do tipo de homem que seu marido parecia representar para ela no início da relação, e o que ele representa hoje. Falou da forma como via suas filhas enquanto jovens-adultas, tão diferentes uma da outra, mas ambas despertando muito sua confiança. Lembrou dos tempos de juventude do “black is beautiful”, do curso ginásial clássico e de uma vida entrecortada pela militância política no movimento negro²⁷.

Em muitos momentos destas entrevistas, e mais ainda nas observações que eu fazia no dia-a-dia, os problemas de inserção no mercado de trabalho e a instabilidade deste mercado eram lembrados e problematizados pelos jovens e pelos adultos. E não seria exagero dizer que para uma parcela da classe média pernambucana apenas uma saída era vislumbrada: prestar um concurso público. Eu conhecia algumas jovens adultas, ou adultas jovens, formadas em Direito que estavam estudando já há alguns anos para concursos. Uma delas estava passando por uma fase de transição domiciliar, com a venda repentina, por sua mãe, do apartamento onde morava sozinha. A entrevista com Sofia²⁸ foi bastante diferente de todas as outras, pela forma como ela se colocava como uma mulher adulta – fazendo com que muitas de minhas indagações parecessem sem sentido. De fato, Sofia tinha já 32 anos, trabalhava e se sustentava sozinha há alguns anos, mas sua concepção de si mesma como adulta não passava apenas por isso. Ela parecia sempre ter tido certeza de muitas coisas – de sua opção profissional, do tipo de advogada que gostaria de ser, de seu tipo de lazer, seus gostos, enfim. E parecia-me que a maneira como vivenciou sua adolescência – quase sem ser uma adolescente – se refletia na ausência de qualquer tipo de crise ou insegurança em se assumir como adulta, independentemente da idade cronológica.

Até este momento todos os entrevistados eram moradores do Bairro de Boa Viagem, com exceção de Leandro e Sofia, mas que não destoavam dos demais – o que dava certo contorno de classe à pesquisa – já que se trata de um bairro de classe média/alta do Recife. O tipo de proximidade que eu tinha com alguns jovens desta área (não exatamente os mesmos que eu havia entrevistado) acabava, no entanto, fazendo-me pensar em minha própria condição social: ia ficando cada vez mais nítido para mim que assumir uma condição de adulto era algo muito diferente, ou colocava dilemas bastante distintos, para jovens mais ou menos abonados economicamente. Foi a partir daí que comecei a buscar trajetórias um pouco mais diversas.

²⁶ Nascida em 04/02/1952.

²⁷ Ficará a indicação de que as questões étnicas precisam ser aprofundadas em outra oportunidade.

²⁸ Nascida em 03/04/1974.

A entrevista que fiz com JJ²⁹, um jovem morador de uma favela de Olinda, fez-me repensar muitas coisas de meu projeto. Toda sua história parecia ser marcada pelo estigma: ele era o jovem negro, pobre, com pouco estudo e sem emprego formal. Para ele, os dilemas de passar a ser adulto já estavam colocados desde muito cedo, e não diziam respeito, necessariamente, a sua idade. Ter um emprego estável, que lhe rendesse um salário mínimo, não era um sonho de independência, mas a certeza de sobrevivência. E infelizmente, as portas não pareciam estar abertas para ele. Com um passado que incluía uma fase de atividade criminosa e de vício em crack, JJ parecia ter conseguido o mais difícil – sair da “vida errada”. A conversão para uma religião evangélica, aliás, era como um divisor de águas em sua história e parecia dar sentido a sua visão de mundo.

Pedi então que JJ me apresentasse uma jovem de sua comunidade, e assim conheci Cris³⁰. Fui até a casa onde ela morava com sua avó, ou melhor, onde passava o dia cuidando de sua avó, já que Cris era “casada” e tinha uma outra casinha que compartilhava com seu marido, mas apenas durante a noite. A idéia de casamento dela era bastante distinta daquela de outros jovens que havia entrevistado anteriormente, e não envolvia necessariamente nem uma cerimônia civil ou religiosa, nem o compartilhar e administrar um lar em tempo “integral”. Ela percebia seu curso de vida bem dividido em fases da seguinte forma: ela era criança até a primeira menstruação, quando se tornou “moça”; e moça foi até o dia em que “se perdeu”, no sentido de ter perdido a virgindade, embora não seja apenas isso. Quando Cris virou mulher, ela automaticamente virou a mulher do homem para quem “se entregou”, e assim passou a ser casada. Mas Cris se via também como uma menina. Disse que gostava de jogar bola com as crianças da vizinhança, e que sabia que duas coisas a fariam se sentir completamente adulta. Uma, quando ela começasse a cozinhar, que então a tia dela não mandaria mais o almoço para ela e a avó almoçarem. Outra, quando ela tivesse filhos, o que ela não parecia estar planejando.

Fiz apenas estas duas entrevistas com jovens mais empobrecidos. Depois, voltei-me para o Bairro da Várzea, uma região de população de classe média e popular, nas redondezas da Universidade Federal de Pernambuco (e, portanto, com muitos estudantes)³¹. Bruna³² morava com seu companheiro no terceiro andar de um prédio, e sua mãe morava no

²⁹ Nascido em 29/08/1985.

³⁰ Nascida em 13/04/1988.

³¹ Esta minha classificação dos bairros de origem dos interlocutores não corresponde, necessariamente, ao modo como eles se percebiam quanto ao seu pertencimento de classe. As questões a este respeito foram bastante abertas, e a idéia era tentar captar, mais que a renda familiar dos entrevistados, a forma como eles se classificavam quanto à classe social. A maior parte dos entrevistados se disse como sendo de classe média.

³² Nascida em 12/04/1976.

primeiro. O apartamento havia sido ocupado por sua irmã, que se separou do marido na mesma época em que Bruna engravidou. Elas fizeram então uma troca, com o retorno da irmã para a casa da mãe e o casamento de Bruna. Duas coisas me chamaram muito a atenção no relato da jovem. Primeiro, o mesmo que já havia percebido com Antônia, o caráter “organizador” da maternidade nos planos da vida de uma mulher, na sua forma de enxergar o mundo, nas suas aflições. Ter um filho parecia ser o momento-chave da existência, a partir do qual se deixa de viver para si e começa-se a viver para um outro ser humano. Segundo, a questão das escolhas, do peso das escolhas mal feitas ou das não-escolhas, das dúvidas do tipo “e se eu tivesse feito diferente?”. Bruna era formada em Relações Públicas, área na qual nunca trabalhou, e organizava um plano bastante longo de como chegar a cursar aquilo que havia descoberto ser a sua paixão, Ciências Biológicas.

Entrevistei também a mãe de Bruna, Dona Bartira³³. Ela falou-me de seus dois casamentos, de seus filhos, e fez uma reflexão interessante sobre sua experiência de trabalhar fora e a de suas filhas. Dona Bartira foi dona-de-casa a maior parte de sua vida, mas foi vendedora de artigos para o lar durante um tempo – ocasião em que usava a sua experiência em cuidar da casa para demonstrar a eficiência dos produtos que vendia. Sua filha mais velha tinha um emprego bastante estável numa empresa multinacional, na qual trabalhava já há muitos anos. E Bruna, que pensava agora em investir novamente nos estudos, se preparando para prestar um concurso público, tinha um emprego que dependia da situação política do município, já que era um cargo de confiança na Prefeitura, e precisava pagar uma empregada para cuidar de seu menino enquanto estava fora de casa. Eram três experiências bastante distintas de entrada no mercado de trabalho, e Dona Bartira questionava, entre outras coisas, se valia a pena para uma mulher perder a oportunidade de estar mais próxima de seu filho para receber um salário que não era muito superior ao que ela tinha que pagar para outra mulher cuidar de sua criança e sua casa.

Outro entrevistado da Várzea foi Tiago³⁴, um jovem estudante e músico, que aguardava ser chamado para trabalhar no Banco do Brasil, onde tinha sido aprovado num concurso público. Eu o entrevistei em seu primeiro dia morando sozinho – sua irmã, com quem dividia apartamento, havia acabado de mudar-se para a casa de seu namorado. As despesas de Tiago eram pagas, em sua maioria, pela avó, que morava próximo de seu apartamento, junto com a mãe, uma outra irmã e uma sobrinha do jovem. O que era interessante em conversar com Tiago era a forma como ele parecia não nutrir expectativas

³³ Nascida em 18/04/1950.

³⁴ Nascido em 31/08/1980.

com relação a nada, ou seja, ele próprio dizia que seguia esta estratégia com relação à vida para não se decepcionar com as adversidades. Tiago estava trilhando o seu caminho, e embora estivesse ansioso para começar a trabalhar, não parecia compartilhar com os outros jovens entrevistados das mesmas ansiedades e angústias com relação ao futuro.

Entrevistei também Dona Marisa³⁵, uma senhora com a qual eu tinha uma grande proximidade (a ponto de lhe chamar e considerar uma tia). Dada esta relação, entrevistei-a nem tanto pensando em lhe pedir que me contasse sua trajetória, mas mais para que ela me falasse um pouco sobre como via a transição para a adultez em seus filhos – todos já formados, casados, com bons empregos e com idades entre 28 e 33 anos na ocasião. Dona Marisa sempre deu um grande suporte para a formação de seus filhos, financiando-lhes cursos, automóveis e ajudando-lhes com outras despesas extraordinárias. Ela falou-me sobre as escolhas profissionais de seus filhos, e a sua influência nestas escolhas. Em sua fala eu sentia muito do que parece ser o pensamento da classe média tradicional do Recife, que valoriza determinados cursos superiores mais do que outros, e coloca a estabilidade econômica como uma prioridade para decisões sobre carreira e a carreira antes da formação da família. Dona Marisa também falou-me de seu casamento e do tipo de casamento de sua época, em comparação com os relacionamentos de hoje em dia, bastante diferentes.

A esta altura do doutorado, eu havia prestado um concurso público e tinha sido chamada para assumir o cargo – de antropóloga, mas numa área de trabalho bastante diversa daquela que eu vinha estudando há alguns anos. Evidentemente, algumas mudanças aconteceram em minha vida. A que mais importa dizer aqui é que o tempo que tinha para dedicar-me ao doutorado ficou bastante exíguo. Também que passei por um longo processo de adaptação à nova rotina, no qual praticamente estacionei na elaboração da tese e na busca de novos informantes.

Este tempo maior antes de começar a analisar as entrevistas já feitas (pelo fato delas não terem sido ainda todas feitas), acabou dando uma nova característica a minha tese. Percebi, pelo contato que eu continuava tendo com quase todos os meus interlocutores, que suas vidas passavam por grandes mudanças a cada mês. Quando entrevistei Vitória, por exemplo, ela me disse que não estava namorando. Depois, teve um namoro bastante sério com um rapaz e cogitou a idéia de os dois irem morar junto (de fato, eles já viviam uma “situação irregular”, como dizia o pai dela a respeito dos namorados que praticamente moram juntos, mas que não assumem um casamento). Vitória então decidiu que precisava passar pela experiência de morar sozinha antes de assumir um casamento e dividir uma casa com outra

³⁵ Nascida em 01/02/1947.

pessoa. E como tinha já planos de passar algum tempo em São Paulo fazendo alguns cursos e reciclando-se para mudar de função, mudou-se para lá em 2007.

Bruna e seu marido mudaram do apartamento em que moravam para um outro no mesmo condomínio, onde pagavam aluguel. Dada a dificuldade em arcar com as despesas, decidiram voltar cada um para a casa de sua mãe (bastante próximas uma da outra). Depois se separaram, e reataram, mas continuam morando em casas separadas.

Tiago chamou alguns amigos para dividir o apartamento com ele. Depois foi chamado para trabalhar no Banco do Brasil e se mudou de casa. Com a saída dos colegas de apartamento, passou a morar só. O dinheiro que à primeira vista parecia muito bom para quem mora só foi ficando apertado, e Tiago frequentemente comentava que só trabalhava pra pagar contas, que tinha vontade de voltar para a casa da avó.

JJ conseguiu tirar seus documentos e pode voltar a estudar (ele recebia uma bolsa para terminar os estudos). Ultimamente, estava pensando muito em casamento. Estava tentando levantar dinheiro para comprar as alianças para o noivado.

As entrevistas feitas em 2007 tiveram então dois objetivos: complementar uma “amostra” mínima e reencontrar alguns dos interlocutores.

Assim cheguei a Seu Donizete³⁶, que tem duas filhas, uma é engenheira civil e a outra cursava Arquitetura. As duas moram com ele e a sua esposa. Ele é engenheiro eletricitista/eletrônico e tem a sua própria empresa, aberta depois de ter sido demitido de uma empresa onde trabalhava há muitos anos. A experiência da demissão foi lembrada por Seu Donizete, que hoje pensa que foi algo que aconteceu no momento adequado de sua vida, quando estava na hora de ter seu próprio negócio. Ele falou-me bastante de suas filhas, do tipo de educação que deu a elas, da importância do esporte nesta educação. E refletiu muito sobre o momento em que ele entrou no mercado de trabalho – quando as empresas iam contratar os recém-formados “na universidade” e todos tinham oportunidades; o período do “milagre econômico”, segundo ele – e sobre o momento vivido por suas filhas – que lhes exige muito mais qualificação para um mercado cada vez mais instável e que remunera mal os profissionais. De certa forma, são reflexões que aparecem em boa parte das entrevistas feitas com os adultos.

Também entrevistei novamente Vitória, em seu apartamento em São Paulo. Ela falou-me muito sobre o morar sozinha, sobre a montagem do apartamento, sobre receber seus pais e sua irmã de visita na sua casa – uma experiência muito marcante para ela. Falou sobre trabalho, sobre não voltar para o Recife, nem para agências de publicidade. E sobre a forte

³⁶ Nascido em 27/03/1954.

mudança em seu relacionamento com seus pais a partir do momento que não estava mais morando com eles. Vitória disse que percebia que agora era vista como uma adulta, e que o diálogo com o seu pai se fortaleceu muito. Hoje ele até lhe pede conselhos com relação a decisões que precisa tomar em sua empresa. Ela falou-me sobre a vida em São Paulo e sobre como “jovens maduros” como “nós” têm por lá vidas diferentes das de Recife. Se em Recife todos os amigos dela estão casando (e com o mesmo padre), em São Paulo ninguém fala em casamento; a prioridade é a vida profissional, que parece não deixar muito “tempo” para outras esferas da vida.

Na segunda entrevista com JJ, ele explicou melhor porque queria se casar - queria assumir que sua namorada já era a “sua mulher”. Nós conversamos sobre as relações com as famílias dos dois e sobre a igreja. Ele falou sobre o projeto social que estava permitindo que ele voltasse a estudar, sobre querer ter um emprego e conseguir manter a casa com a esposa, e sobre não ter filhos neste momento de sua vida.

Também entrevistei novamente Bruna. Foi uma entrevista um pouco atribulada, feita em minha casa e com hora para terminar por causa de sua volta para atender o filho. Ela falou sobre voltar a morar com a mãe, os problemas de relacionamento e sobre como o olhar que ela recebia de sua família influenciava na forma como ela se via com relação à idade.

Pelo andar dos prazos para a finalização da tese, as entrevistas acabaram sendo encerradas por aqui. O convívio com os interlocutores não. Também os eventos que são tradicionalmente tidos como definidores do *status* de adulto continuaram a acontecer em minha própria trajetória. Ainda em 2006, eu e meu companheiro resolvemos nos casar no civil – um evento que não teve um grande impacto na maneira como eu percebia-me com relação à idade, já que era a oficialização de uma relação que de fato já havia sido estabelecida há algum tempo. Em 2007, resolvemos comprar um apartamento financiado pela Caixa Econômica Federal – este sim um passo importante na assunção de uma nova responsabilidade, já que a administração da casa própria, as escolhas com relação a reforma de um apartamento antigo e, principalmente, o compromisso financeiro, cartorial, tão mais sério que o pagamento de um aluguel, eram coisas novas para nós dois. Também era nova a responsabilidade de se passar pelas inúmeras etapas burocráticas até a assinatura do contrato, em muitas das quais sentíamos o peso de nossas idades nos atendimentos que recebíamos nos órgãos públicos onde precisávamos expedir uma série de documentos. Fazia-me lembrar que numa faculdade onde eu havia dado aula algum tempo atrás eu sempre era tratada com certo desprezo na central de fotocópias, até que percebiam que eu era professora e passava a ser chamada de senhora com muita gentileza. A desculpa era sempre a mesma: “a senhora é tão

jovem que parece ser aluna”.

Já na fase final e mais delicada da escrita da tese, fui surpreendida por aquele que parece ter sido apontado por diversos interlocutores como sendo o evento marcador da irreversibilidade da assunção da condição de adulto, o ponto a partir do qual deixamos de viver para nós mesmos (próprio da juventude) e passamos a viver para outro (coisa de adulto). A gravidez foi confirmada no final do mês de março de 2008, e as primeiras conversas sobre o assunto que eu tive com o meu marido poderiam bem merecer um capítulo extra.

Acredito ter deixado claro que além das entrevistas que fiz, que buscaram estimular as narrativas de vida sobre um determinado período do curso da vida, e que neste sentido se enquadram na concepção de Daniel Bertaux, minha experiência de vida foi um fator muito importante de coleta de dados. Não que eu tenha baseado a tese na análise de minha própria trajetória, ou tenha planejado fazer de minha vida um laboratório. Mas no sentido de que foi o compartilhar com outros indivíduos de experiências comuns e diversas de assunção da vida adulta que me deu acesso a eles, me permitiu observar importantes eventos e conversar sobre eles, e em certos momentos, mesmo não sendo este meu objetivo nem meu deleite, me sentir como uma confidente de muitas ansiedades, angústias e inseguranças com relação ao futuro. Além disso, o sentir-se um pouco informante de minha própria pesquisa fez-me ler de uma forma particular a bibliografia sobre a transição da juventude à adultez. Neste sentido, algumas colocações teóricas pareciam-me no mínimo estranhas, como a classificação das trajetórias segundo critérios absolutamente exteriores aos jovens-adultos, enquadrando-as em categorias como “precoces”, “tardias”, “precárias” ou “bem-sucedidas”.

Minha experiência contou para que eu questionasse, além disso, uma espécie de obsessão pela adultez, como se os jovens tivessem planos ou estratégias para atingir este *status*, quando no fundo parece-me que os planos e estratégias para a estabilidade profissional, a constituição de uma família ou a independência financeira e domiciliar não são necessariamente pensadas a partir de uma concepção de vida como uma sucessão de etapas distintas e bem delimitadas. Um bom exemplo é a idéia de que as transições para a idade adulta podem ser reversíveis. Ora, nossas trajetórias são nossas experiências, algo que não nos tiram, e se voltar a morar com os pais após experimentar um período de moradia independente significar voltar a ser jovem após ter sido adulto, talvez precisemos repensar: juventude e adultez são aqui idades da vida? Qual o significado das idades da vida, são etapas de nossa existência? Como disse Dona Sílvia, tendendo a uma visão da vida como um continuum, simplesmente “a gente... vive”. Ou, nas palavras de Tiago:

A vida é uma só, né, vai se acrescentando com coisas, vai ocorrendo coisas aqui, coisas acolá, acho que **a transição é a vida inteira**, que você tá se transformando sempre assim, nunca você vai ser a mesma coisa, né, tá sempre ganhando conhecimentos, tendo experiências, tá sempre em transição eu acho.

Sobre trajetórias e narrativas

Nesta pesquisa lido principalmente com dados biográficos, e procuro abordá-los a partir das proposições de três autores principais: o historiador Giovanni Levi (1998), etno-sociólogo Daniel Bertaux (1997), e o sociólogo da juventude José Machado Pais (2003).

Bertaux (1997) fala das narrativas de vida como narrativas de práticas em situação. Assim, ao invés de procurar reconstruir toda a trajetória de um indivíduo, o autor trabalha a partir da descrição de um fragmento da experiência vivida – uma categoria de situação – compartilhada com outros indivíduos. Desta forma, cada sujeito entrevistado é convidado pelo pesquisador a considerar as suas experiências passadas através de um filtro, que não é senão o próprio objeto da pesquisa, apresentado nos primeiros contatos estabelecidos entre pesquisador e entrevistado. Dito de outra forma, os testemunhos são orientados pelas intenções de conhecimento do pesquisador que os recolhe.

Esta abordagem dos dados biográficos pareceu-me ser adequada para esta pesquisa por poder ser utilizada tanto com os jovens como com os seus pais. A idéia foi estimular os jovens a narrarem o momento que vivenciam e suas perspectivas com relação ao futuro. Com relação aos pais, o estímulo foi para que eles falassem sobre este período de suas trajetórias. A entrevista foi ainda uma forma de buscar elementos para pensar como pais e filhos se percebem no que toca este período da vida.

No que tange a relação entre as trajetórias de transição à adultez dos sujeitos da pesquisa e suas narrativas biográficas, assume-se aqui, também, as proposições dos autores supracitados. Pais (2003) fala da tendência dos indivíduos em organizar os relatos de vida pela continuidade. Quando as pessoas falam que suas vidas são compostas de altos e baixos, existe uma tendência em aplainar estes contornos em um “antes” e um “depois”. Embora a vida seja composta de mudanças e descontinuidades, existe uma necessidade de compreender a continuidade desta descontinuidade real, através da ilusão de um “todo” que reduz o tempo ao espaço euclidiano.

Para Pais, os alinhamentos da vida são tão importantes quanto os desalinhamentos,

as conexões da vida são tão relevantes quanto suas desconexões – sendo as últimas muito mais difíceis de apreender. As aparentes ilhas de descontinuidade são, na verdade, como um arquipélago, unido sob a superfície da água. A única forma de descobrir estas uniões é investigando profundamente estas aparentes brechas através de uma “interconectividade” (Pais, 2003).

The post-linear methods permit us to account for the ruptures in life – experienced or reported – amply suggested by their tendency to fragment. Fragments of life that seem to have fallen loose from the whole to which they belong (Pais, 2003, p. 122).

O desafio, portanto, seria encontrar como interconectar os fragmentos da realidade – um desafio de análise interpretativa, segundo Pais (2003) e que eu considero como estando bastante próximo dos desafios da Antropologia.

Também Levi (1998) aponta que uma das questões fundamentais suscitadas pelo recurso a narrativas de vida se refere ao papel das incoerências entre as próprias normas – e não mais apenas as contradições entre a norma e seu efetivo funcionamento em cada sistema social. O autor então afirma que, no caso, alguns historiadores, embora assumam que todo sistema normativo sofre transformações ao longo do tempo, consideram que num dado momento ele se torna totalmente coerente, transparente e estável. Segundo o autor,

[...] deveríamos indagar mais sobre a verdadeira amplitude da liberdade de escolha. Decerto essa liberdade não é absoluta: culturalmente limitada, pacientemente conquistada, ela continua sendo no entanto uma liberdade consciente, que os interstícios inerentes aos sistemas gerais de normas deixam aos atores (Levi, 1998, p. 179).

Para Levi, a biografia é o campo ideal para verificar o caráter intersticial da liberdade de que dispõem os agentes e para observar como funcionam os sistemas normativos (jamais isentos de contradições). Assim, a perspectiva é diferente – mas não contraditória – daquela sugerida por Bourdieu (1998), que prefere se deter nos elementos de determinação. Segundo Levi (1998), há uma relação permanente e recíproca entre biografia e contexto, com a soma infinita de suas inter-relações. A biografia assim descreve as normas e o seu funcionamento efetivo, e este é considerado também o resultado de incoerências estruturais e inevitáveis entre as normas.

A idéia de se trabalhar com dados biográficos, mais precisamente com narrativas de vida, é mostrar como as trajetórias individuais podem ser uma fonte importante para o estudo do curso da vida, em geral, e a assunção da adultez, particularmente. Através das trajetórias de indivíduos de duas distintas gerações, pode-se acessar uma série de aspectos importantes para o entendimento deste recorte do curso da vida, e outros tantos sentidos dados a diferentes idades da vida.

Trabalhar com questões em torno do (conceito de) curso da vida nos remete a uma série de outros domínios, e outros conceitos. Uma trajetória de vida, assim, seria a interconexão de distintas trajetórias (familiar, profissional, habitacional), cujas fronteiras não são bem nítidas – e esta seria a característica definidora da consistência interna do conceito de trajetória de vida tomada num sentido dinâmico (Pais, 2003). Assim, as entrevistas orientadas para o relato de um período da vida buscaram abranger outros domínios que estão relacionados a ele, como a família, o trabalho e a moradia. Estes domínios acabam por ser mais bem trabalhados em outros momentos da tese. Aqui, só trago algumas questões que nortearam o trabalho de campo.

O lugar da (e na) família: Sendo o *locus* do problema de pesquisa aqui proposto, lugar das relações intergeracionais e exercendo seu papel na transição dos jovens à adultez, a família coloca uma série de questões para a construção de uma leitura antropológica das idades da vida e deste momento de assunção da adultez.

A bibliografia recente sobre o tema tem apontado para um crescente processo de individualização, que estaria transformando as relações familiares e colocando a família “a serviço” dos indivíduos. Concomitantemente, haveria um estreitamento dos laços afetivos, sendo a família apenas concebida na medida em que há sentimentos como o amor.

Para Singly (2000), esse duplo processo de individualização – pois envolve autonomia e independência – resulta de um longo trabalho de socialização, efetuado principalmente durante a infância e a adolescência. Nas sociedades contemporâneas, o que estaria acontecendo é que este modelo de identidade pessoal só estaria sendo elaborado integralmente muito tardiamente e os jovens adultos sofreriam por não conseguir chegar a uma conjunção entre autonomia e independência.

Além das dinâmicas em torno da autonomia e da independência dos jovens no núcleo familiar, as quais se referem às relações familiares mesmas dos jovens adultos, outras questões que foram estimuladas dizem respeito à formação de uma nova família por parte destes jovens: eles desejam se casar, são casados ou têm uniões estáveis? Como seria esta nova família? Eles têm filhos ou pretendem tê-los? O que percebem como sendo comum e distinto entre sua trajetória familiar e a de seus pais? Quanto aos pais, o que se buscou foi apreender a sua trajetória familiar e a forma como vêem ou têm expectativas quanto a trajetória de seus filhos.

Os diversos dilemas da inserção no mundo do trabalho: Esteves (1995) diz que ao

invés de falar-se em “transição na vida ativa” ou “inserção profissional”, fala-se cada vez mais, no discurso das agências de estudo e de planificação, no campo do ensino e do emprego de jovens e nas análises sociológicas e econômicas, na “transição ao trabalho”.

no caso da linguagem elaborada em torno da imagem da inserção, o que se visa, antes de mais, é o movimento para uma colocação (mise em poste) estável, se não fixa, garantida e adequada às capacidades dos jovens num espaço profissional pré-existente e disponível. No caso da linguagem desenvolvida a partir da noção de transição, a imagem está centrada no próprio movimento de deslocação, sem referência a um ponto terminal (Esteves, 1995, p. 82).

Com a idéia de transição, para o autor, coloca-se a “passagem” em si mesma enquanto movimento que não é definido nem determinado por nenhum ponto de chegada. Aliás, ele afirma que este ponto de chegada pode ser algo problemático, seja porque os indivíduos não se adequam a ele, seja porque simplesmente ele não existe. Assim,

a imagem de “transição”, ela própria, contém um efeito multiplicador: ao contrário da imagem de inserção, que marca a ocupação de uma posição “uma vez por todas”, a transição reforça a expectativa de acordo com a qual “um mal nunca vem só”. A incerteza diante do futuro ocupacional torna-se o núcleo central da acção social dos indivíduos envolvidos, dos jovens neste caso (Esteves, 1995, p. 82).

As questões que orientaram a pesquisa, neste íterim, se referiram à situação dos jovens adultos quanto ao trabalho, os modos de transição ao mundo profissional, suas expectativas de carreira; e, no caso dos pais, também sua situação (se trabalhando ou não) e sua trajetória profissional. Algo que foi estimulado tanto nos jovens como nos adultos foi a comparação entre as transições ao trabalho nas duas gerações.

As expectativas com relação à moradia: Quais são as formas de habitação dos jovens adultos? Eles realmente têm deixado mais tarde a casa dos pais? Eles gostariam de estar vivendo como e onde? Como os pais vêem esta questão?

Um aspecto importante de se pensar é se a decoabitação (a saída da casa dos pais) pode ser vista como um indicador válido para se pensar na assunção da adultez. Este seria um evento importante para todos os jovens? Não existiriam significados diversos para a permanência prolongada na casa dos pais, até pelo o que indicamos acima a respeito das mudanças na família contemporânea?

Foi possível perceber que o mesmo conjunto de perguntas revelava percepções distintas. Para além dos diferentes significados atribuídos à juventude, à adultez, à transição ou eventos e expectativas a eles relacionados, o que podemos notar, a partir de cada interlocutor, são diferentes formas de construção narrativa. Alguns interlocutores centravam

seus relatos nos acontecimentos de sua vida - os lugares onde trabalharam, as mudanças de cidade, os diferentes cursos feitos. Ou então falavam mais dos aspectos subjetivos que perpassam estes eventos - os sentimentos vivenciados, os superados, o que ainda sentem com relação a cada acontecimento. Haviam aqueles que precisavam as datas, outros que as traziam de forma vaga. Aqueles que faziam referência a mim - minha idade, as pessoas que conhecemos em comuns, aquilo que sabem que eu já sei sobre suas vidas. Outros nem tanto. Cada interlocutor tinha, assim, sua forma particular de relatar sobre a sua vida, de construí-la de forma coerente (Linde, 1993). E aqueles que foram entrevistados duas vezes, às vezes traziam novos elementos para pensar os mesmos eventos. Algumas destas diferentes perspectivas, quando relacionadas às concepções sobre diferentes idades da vida, foram pensadas por mim como tendo referência com o fato de que à medida em que nos deslocamos no curso da vida, mudamos nossos olhares sobre este curso e sobre as idades. Um outro caminho teria sido pensar em termos mais “narrativos”: que dizer das múltiplas formas dos indivíduos contarem sua história?

Se os interlocutores trouxeram diferentes modos narrativos, e se eles próprios, na busca por uma história de vida coerente (Linde, 1993), aplainaram muitos altos e baixos (Pais, 2003), certamente muito de seu modo de contar foi construído pela minha própria narrativa: a etnografia que eu compus para pensar os seus textos. Embora tenha simpatia e valorize os enfoques da Antropologia Lingüística ou da Etnografia da Comunicação, há de se confessar de antemão que as narrativas sobre narrativas que eu própria escrevi não chegam a ser análises de discurso no sentido estrito do termo. São antes etnografias pautadas em textos orais.

Ainda com relação à minha própria narrativa, a leitura de alguns autores, embora não os referencie no decorrer do texto, influenciou-me muito acerca das possibilidades textuais da etnografia. Os principais são Clifford Geertz (1989, 2001), Mary Catherine Bateson (1994; 2000) e Michel Leiris (2003). Geertz e Bateson (apud Clandinin e Connelly, 2000) têm em comum a proposição de que a certeza não é o objetivo da escrita antropológica. Para Bateson, o que é escrito, no final das contas, é um “*eu*” *documento*, a construção do agente pesquisador. A etnografia é um “*eu*” *documento* pela voz autoral do etnógrafo, e pelo “*eu*” que se origina das relações de campo. O edifício da Antropologia repousaria justamente sobre o “*eu*” deste agente e tudo o que ele dá a entender em virtude das incertezas de seu aprendizado. Para Geertz, o edifício antropológico repousaria na tentativa de conexão entre os eventos observados e as explicações oferecidas, num exercício no qual ele terminaria por criar grandes geringonças instáveis (Clandinin e Connelly, 2000).

Michel Leiris, num texto não estritamente etnográfico (escrito em 1939), relatou a sua própria passagem a *l'âge d'homme* e talvez nos tenha premiado com um belo e pioneiro trabalho de auto-antropologia que fala da percepção de um homem sobre a sua passagem a adultez - “dessa progressiva degenerescência na qual, segundo creio, se poderia em grande parte traduzir a passagem da juventude à idade madura” (pp. 30-1).

Se meu texto não é tão auto-referenciado quanto o de Leiris, que se inicia com uma declaração forte: “Acabo de completar trinta e quatro anos, a metade da vida” (p. 27), ele não deixa de ser, em parte, um “*eu*” *documento*. Em parte porque desde o início tomei como preceito que a idade de quem estuda idades não pode ser negligenciada (e meus interlocutores de fato não me deixaram negligenciá-la). Em parte porque as narrativas de vida que se seguem talvez tenham me trazido mais aprendizado do que toda a reflexão teórica que busquei para tentar entendê-las. Com meus interlocutores, aprendi coisas para a minha vida, e espero que a minha “voz autoral” não tenha conseguido aplinar em todo os sentimentos e sentidos dados por eles a suas experiências.

Embora eu tenha entrevistado, em alguns casos, indivíduos de duas gerações de uma mesma família, não apresentarei as trajetórias por núcleos familiares, mas por gerações. A idéia é dar um panorama geral sobre os contextos sociais nos quais os caminhos à adultez ocorreram e ocorrem. Através dos casos particulares percebe-se algumas questões que perpassam experiências de diferentes indivíduos, além de algumas rupturas e outras reproduções que ocorreram entre a geração parental e a de seus filhos.

A escolha dos interlocutores que tiveram as narrativas reconstruídas não deixa de ser arbitrária. Na geração parental, foram privilegiadas as narrativas que cobrissem de modo mais amplo as trajetórias dos indivíduos. Na geração dos filhos, foram privilegiados os casos dos jovens que puderam ser entrevistados em duas ocasiões. Um outro critério, para as duas gerações, foi que o conjunto de narrativas pudesse abarcar o número mais diverso de experiências. Cada narrativa, assim, traz uma série de questões que são pertinentes para pensar este recorte do curso da vida que me propus a estudar. A discussão sobre algumas destas questões é feita de modo mais acurada nos capítulos seguintes.

Cabe ressaltar o sentido da palavra geração nesta tese. Refiro-me à geração familiar mesmo (a dos pais e mães e a de seus/suas filhos/filhas) – embora alguns aspectos compartilhados por cada uma delas possa servir de base para pensá-las como gerações no sentido sociológico do termo (contemporâneos que compartilham de mesmas experiências). Como as designações dos jovens com relação à idade são diversas, a maior parte deles se

vendo como sendo jovem e adulto ao mesmo tempo, mas com diferentes terminologias para esta definição, preferi não cunhar nenhuma nova expressão ou utilizar termos como jovem-adulto ou pós-adolescente. Assim, os interlocutores das duas gerações foram chamados simplesmente de *jovens* ou *adultos*, um visto em relação ao outro. Os sentidos da juventude e da adulez acabam sendo discutidos no decorrer de todo o trabalho.

2 A GERAÇÃO PARENTAL: “geração milagre econômico”

Foram entrevistados seis adultos com filhos jovens-adultos. A maior parte deles tem trajetórias claramente marcadas pela ascensão social – embora os discursos possam enfatizar mais ou menos a humilde origem social ou a posição à qual se chegou. Também se percebeu o que Bourdieu chamaria de “estratégias de reprodução”³⁷ de determinada posição – notadamente pelo investimento nos estudos e na carreira profissional.

Dona Estela enfatiza uma diferença entre a geração dela e a de suas filhas: ela teria começado a trabalhar cedo, e teria aprendido o que era importante para o exercício de uma profissão na prática, trabalhando. Já suas filhas, e eu também, como ela apontou, seríamos de uma geração que aprendeu as coisas estudando, fazendo faculdade, para somente depois começar a trabalhar, colocando em prática o que já teríamos aprendido teoricamente.

Ela também fala do papel das relações de confiança na aquisição de empregos relativamente estáveis na iniciativa privada. Trabalhando em uma grande empresa, ela conseguiu emprego para vários irmãos, porque o chefe acreditava que podia confiar na família de uma pessoa que já havia se mostrado confiável.

Seu Donizete fala de uma época em que quando os jovens terminavam a faculdade tinham emprego garantido – as empresas iam “buscá-los” na faculdade. Os jovens de hoje, embora sejam bem mais qualificados – ele diz se maravilhar sempre que trabalha com “essa juventude” – têm muito menos garantias de estabilidade.

Dona Bartira, que começou a sua vida como dona-de-casa e só começou a trabalhar fora após a separação do primeiro marido, fala como construiu a sua vida em Recife a ponto de não cogitar a idéia de voltar para o sul, onde nasceu e se casou com um

³⁷ “[P]ráticas fundamentalmente diferentes [que] se organizam objetivamente, sem terem sido explicitamente concebidas e evocadas por referência’ para produzirem um valor, ao menos, equivalente ao valor inicial da família de origem” (apud Singly, 2007, p. 54). Singly faz uma leitura crítica interessante da noção de Bourdieu: se *estratégias* são formuladas conscientemente ou não, isto permite ao sociólogo designá-las, de antemão, como o conjunto de ações com efeito positivo. E como se acessar as estratégias que não deram certo? (Singly, 2007).

pernambucano. Ela quebra um pouco com um discurso bastante corrente sobre o valor do trabalho, e o relaciona à necessidade. Não havendo necessidade, ela lembra que “essa história de trabalhar por prazer isso não existe...”.

Em suma, os adultos que fizeram parte desta pesquisa partilhavam uma auto-percepção de que fariam parte da “classe média” e o sentimento de que fizeram sua transição ao mundo do trabalho numa época em que tiveram “oportunidades”, ou ao menos numa época em que conseguiam reconhecimento em troca de seu esforço. Neste sentido, ao contrastar as suas experiências com a de seus filhos, especialmente no mercado de trabalho, é legítimo pensar em termos de uma “geração milagre econômico”, como definiu Seu Donizete.

No campo das relações familiares percebe-se que há sim o seguimento de um modelo mais “tradicional”, no qual os contatos pré-nupciais eram bem menos estreitos do que os arranjos diversos que percebemos hoje. Mas a esposa de Seu Donizete, enquanto eles namoravam, morava só, o que lhes permitia certa liberdade; Dona Estela casou com um homem separado e com quatro filhos; Dona Bartira casou-se novamente após o rompimento do primeiro casamento, tendo mais um filho. Além disso, nenhum dos adultos entrevistados pareceu nutrir grandes expectativas de que seus filhos seguissem os modelos tradicionais, alguns chamando mesmo de bobagem gastar dinheiro com festa de casamento, ou recomendando um “estágio” antes do casamento.

Dona Estela: “a necessidade faz o adulto”

Dona Estela foi entrevistada em 16 de outubro de 2005, em sua casa e na presença de sua filha Vitória. Iniciamos a entrevista conversando sobre sua trajetória profissional. Na época com 66 anos de idade e trabalhando há 18 anos em uma grande empresa de cosméticos, ela começava a pensar em sua aposentadoria e tinha dúvidas sobre a quais atividades se dedicar. Dizia-se tímida, mas gostando de atividades mais teatrais, e pensava na possibilidade de fazer curso de contadora de histórias ou algo afim, além da possibilidade de continuar prestando consultoria para a empresa na qual trabalhava. As muitas possibilidades de atividades deixavam Dona Estela com dúvidas sobre o que realmente “queria fazer”, já que não se via deixando de trabalhar para “ficar parada”. Era certo para ela que a aposentadoria não seria para ficar descansando, mas para deixar de ter “obrigações” e se dedicar mais a ela mesma.

Sua vida profissional havia sido iniciada bastante cedo, em Fernando Prestes, cidade do interior paulista onde nascera. Ainda criança, já havia prestado alguns serviços de babá, cuidando do filho de um médico – experiência esta que talvez tenha sido mais marcante por ter sido a oportunidade de ler alguns livros médicos e aprender um pouco sobre sexo, algo sobre o qual não se conversava em casa. Com 16 anos de idade, mudou-se para a cidade de sua avó e trabalhou junto um tio que tinha uma máquina de beneficiamento de arroz e café. Foi com o tio que Dona Estela diz ter aprendido os “rudimentos do trabalho”.

Aos 18 anos, mais ou menos, Dona Estela mudou-se para a Grande São Paulo. Seus pais achavam uma loucura a mudança para a cidade grande, mas como uma amiga já havia se mudado para lá, e como acreditava que teria mais chances de estudar e trabalhar, ela insistiu na idéia. Na época não pode contar muito com a ajuda financeira dos pais – que tinham outros seis filhos para sustentar. Foi o tio que emprestou algum dinheiro, que mais tarde foi devolvido “direitinho”. A princípio, Dona Estela pediu pensão na casa de uma amiga da família que havia se mudado para São Caetano do Sul. Ela lembra que a viagem foi feita de trem, com o filho desta senhora, e que chegar em São Paulo, vinda do interior, naquela época, era como estar chegando em outro país.

Dona Estela: a família era do interior de São Paulo, né, e eu fui sozinha pra lá, eu fui, eu fui, eu fui, uma família conhecida do interior, é::: eles foram morar em São Caetano do Sul, depois ela era uma grande amiga da gente a Dulce, né, aí eu resolvi ir pra lá também pedi pra Ermelinda que era a dona da casa se eu podia morar com eles, né, se eu podia, se eles me dava uma pensão lá. Aí ela concordou, meu pai e minha mãe também achavam uma loucura, não queriam aquela coisa, mas eu bati o pé “eu quero, eu quero, eu quero”. Porque eu tinha uma amiga que tinha ido, então eu também queria ir, entendeu como é, jovem, né, cabeça cheia de história, que que eu ia fazer lá no interior? Não tinha, não tinha o que fazer lá! Eu tinha que procurar alguma coisa pra mim, e achava que em São Paulo eu ia ter chance, né, tanto de continuar estudando, como de trabalhar também.

Esta foi uma época bastante sofrida de sua vida. Dona Estela lembra que não lhe faltou nada, mas que poderia ter faltado. Mas foi em São Paulo que ela “terminou seus estudos” e que “se desenvolveu”, não tanto na escola, mas trabalhando. De fato, duas experiências profissionais aparecem de forma mais marcante no relato de Dona Estela: o trabalho de 11 anos com assistência social, na Termomecânica, e os 18 anos (na época da entrevista) como promotora da Natura.

Quando fala do trabalho na Termomecânica, Dona Estela ressalta o caráter prático das atividades que fazia e do aprendizado de sua vida:

Elaine: a senhora estudou até que série?

Dona Estela: eu só fiz a segunda série, o segundo grau.

Elaine: e foi em São Paulo que a senhora terminou, né?

Dona Estela: em São Paulo que eu terminei, porque lá no interior não tinha, na minha cidade.

Elaine: ah, tá.

Dona Estela: terminei em São Paulo, em São Bernardo do Campo, depois, não fiz faculdade, não deu. Não dava tempo. Ou também não tinha vontade, talvez, então **o que eu fui aprendendo no decorrer da minha vida foi trabalhando, foi agindo, foi fazendo**, né. Quer dizer, eu vou fazer assistência social, o que que é fazer assistência social? **Não é pegar um livro, é ir lá ver o que que o cara precisava**, era fazer um relatório dizendo o que que precisava, era lutar junto com o presidente da empresa pra conseguir as coisas, e assim eu fui criando, eu criei um hospital lá, eu criei assistência médica, eu tinha a parte de saúde era toda minha.

Esta distinção entre formas de aprender, ou de se desenvolver na vida, diferentes – a mais prática, do *aprender-fazendo*, e a do *estudar-aprender-fazer*, em fases distintas da vida – é colocada por Dona Estela em diversos momentos de sua entrevista. A referência a sua trajetória como sendo exemplo da primeira modalidade, e a de sua filha e a minha própria como sendo da segunda também aparece diversas vezes, ora de forma sutil, ora mais direta, na entrevista.

Neste emprego, Dona Estela precisou iniciar um setor da empresa que ainda não existia. O senhor Ari, o chefe, bastante interessado pela parte social, acompanhava de perto o trabalho de Dona Estela e lhe dava autonomia para correr atrás do que julgava necessário para realizar o seu trabalho – de uma pequena sala com mesa e máquina de escrever, a princípio; passando por uma ambulância que ela própria dirigia; a uma casa que havia sido comprada pela empresa mais tarde, juntamente com outras casas contíguas à sede da fábrica, onde ela teria mais privacidade para os atendimentos.

Dona Estela: Numa daquelas casinhas que já tinham sido compradas eu reivindiquei, eu falei “eu quero aquela casa, eu quero ficar por fora da fábrica” porque aí podem vir os dependentes, os funcionários, lá a gente cria a parte dentária, tudo, e pode ser também a parte, e tinha um portão de comunicação com o muro da fábrica, então eu ia pra fábrica, lá pra dentro, e ia e trabalhava fora, né. E assim foi, e a gente criou o Departamento, a Enfermaria, fomo criando tudo, ficou uma beleza. Enfermaria, fiz curso de Enfermagem também (risos) pra atender, porque não tinha enfermeira, então depois contratamos enfermeira também, e aí foi contratando médicos, daquela casinha virou uma parte médica, onde tinha salas de consultório, foi muito bom, muito bom, uma época muito criativa, de muito trabalho, muito muita briga, né.

Esta foi também uma época de estruturação material na vida de Dona Estela. Ela foi a primeira filha que se mudou para São Paulo e aos poucos foi levando os outros irmãos. Hoje apenas um irmão (que ficou com a oficina de carpintaria do pai) e uma irmã continuam morando no interior. Com os irmãos e com uma ajuda da mãe, que havia recebido uma pequena herança, ela construiu uma casa próximo à empresa na qual todos trabalhavam. Dona

Estela lembra que naquela época as relações eram mais pautadas na confiança, o que ajudava na hora de conseguir emprego:

Dona Estela: aquela época era bom porque se acreditava muito na pessoa, na palavra, então o Dr. Ari ainda dizia que escolaridade pra ela não era muito importante, o importante era a pessoa. E se eu era boa, ele achava que a minha família era boa...

A essa altura, estava-se nos anos sessenta/setenta. Dona Estela lembra que se mudou para São Paulo em 64, “época da revolução” e de grande comoção na família por conta do irmão que servia o exército e fora chamado para se deslocar para a capital, o que para os familiares era a mesma coisa que ir para a guerra. Também era época de grande desenvolvimento da região do ABC Paulista, com a migração de muitos nordestinos e de paulistas do interior. No trabalho com assistência social, Dona Estela teve contato pela primeira vez com os nordestinos, chamados indiscriminadamente de “baianos”, não importando de que Estado do Nordeste vinham.

Durante algum tempo, seus pais moraram com os filhos na Grande São Paulo para ajudar a cuidar dos filhos de uma irmã que havia se separado e mudado para lá, e que já estava trabalhando também na Termomecânica. Depois, Dona Estela casou-se, os pais voltaram para o interior e ela se mudou com o marido para Recife.

O casamento de Estela e Amaro foi um tanto quanto inusual na época, o que lhes causou certas dificuldades. Quando se conheceram, no ônibus de volta da escola à noite, Seu Amaro ainda era casado (“um casamento no final”) e tinha quatro filhos. Na época (a aliança de Dona Estela traz a data de 26 de dezembro de 1971, a data que ela realmente comemora o seu casamento) ainda não havia sido promulgada a lei do divórcio. O casal passou um ano morando na casa dos pais dele e depois, ele já “desquitado”, foram morar juntos num apartamento de quarto e sala em São Bernardo do Campo. Começaram então a “fazer as coisas juntos”, a “comprar um carrinho”, enfim, edificar sua vida de casados.

Nesta época, eles enfrentavam situações como ter que viajar juntos sem poderem dizer que eram casados e enfrentar o preconceito de toda a família. A mãe de Dona Estela lhe dizia que se ele havia deixado uma esposa, iria abandoná-la também. Mas parece que o maior desafio, para a família, era enfrentar a família mais ampla, que não aceitava este tipo de relacionamento na época. Além disso, a separação de Seu Amaro não havia sido desejada por sua esposa, o que tornava a relação entre os dois núcleos domésticos potencialmente conflituosa. Algumas destas situações foram amenizadas com a mudança do novo casal para o Nordeste. Hoje, Dona Estela diz ter uma boa relação tanto com a ex-esposa de Seu Amaro,

quanto com os filhos do primeiro casamento, que até já moraram em sua casa.

Seu Amaro, que era empregado da Volkswagen, começou a trabalhar na mesma empresa que a esposa. Quando mudaram para o Recife, em 1972, ele veio como gerente regional da empresa e ela cuidava não apenas da parte social como também dos recursos humanos, já que era uma pequena unidade que estava sendo implantada.

A mudança para o Nordeste também aconteceu numa época de efervescência econômica. Era tempo da Sudene, do “vamo crescer o Nordeste”, e da instalação de diversas empresas na região mediante incentivos fiscais e empréstimos de longo prazo a juros baixos. Durante algum tempo, o casal teve toda a sua rotina em torno da fábrica – moravam num casarão junto à empresa e eram os responsáveis por tudo na sede.

Foi neste meio tempo que nasceram as filhas, Débora, em 1976 e Vitória, em 1978.

Dona Estela: foram criadas lá na casa da fábrica. Que eu trabalhava no escritório e tinha as duas ali, né, tinha babá junto pra tomar conta, aquela coisa toda, e eu trabalhava, nunca deixei de trabalhar...

Dona Estela conta que quando as filhas nasceram elas foram registradas apenas com o nome da mãe, e que havia uma declaração de paternidade do pai em anexo. Somente após o divórcio do Seu Amaro é que eles puderam corrigir as certidões de nascimento. As filhas, inclusive, foram no casamento civil dos pais, que aconteceu em 1982.

Perguntei a Dona Estela sobre a decisão de ter filhos, se havia sido algo planejado:

Dona Estela: Não, na verdade a gente, Amaro não queria ter filhos mais, já tinha quatro, né? E eu já tava passando, virando o Cabo da Boa Esperança né, então já tava com 36 anos, 36 anos, era ter ou não ter, então, né, não tinha tanta, tanta, hoje você tem inseminação artificial, um monte de coisa, mas naquela época não tinha, então eu tinha que ter, eu queria ter, então convenci o marido que queria ter um filho e tinha que engravidar, e eu não engravidava, né, aí foram 2 anos de tratamento, cirurgia, um monte de coisa, pra poder vir Débora, e Vitória de enxada, veio em seguida, né, sem eu esperar, entendeu? Então não foi planejado. Quando eu tava pensando em ter o segundo ela já tava na barriga. Aí não tinha planejamento, daí, aí não, planejamento foi a primeira. Dava, né, a gente já tava mais estabilizado, dava pra cuidar dos quatro de lá, mais uma daqui, não tinha problema. Os dois trabalhávamos, tínhamos condição, né, assistência médica, casa pra morar, salário razoável, então não tinha preocupação, né? Aí não teve esse planejamento todo não, e depois com o decorrer do tempo também as coisas vão acontecendo, você não vai programar “vou programar pra acontecer isso agora”, isso não existe, né, as coisas elas vão ocorrendo, né?

Com a família maior, Dona Estela e Seu Amaro se viram na necessidade de retornar a São Paulo. Dona Estela lembra que esta época de incentivos via Sudene foi também uma época de muitas falcatruas e que muitos negócios acabaram fechando. Este não teria sido o caso da empresa Termomecânica, mas eles haviam sofrido pela falta de matéria-prima na

região. A necessidade de trazer sucata do Sudeste para produzir material havia tornado a unidade de Recife contra-producente.

A mudança já estava chegando em São Paulo quando o casal foi transferido para Belo Horizonte, onde o Seu Amaro também assumiria uma outra unidade da empresa. Nesta época, Dona Estela pediu demissão. As filhas estavam pequenas, o regime de vida seria outro, e ela não encontraria mão-de-obra doméstica com tanta facilidade como em Recife. Depois de quatro ou seis meses morando em Minas Gerais, Seu Amaro pediu demissão e eles retornaram a São Paulo, onde ele foi trabalhar na Furukawa.

Dona Estela disse que foram dois anos difíceis de volta à São Paulo, até que tiveram a oportunidade de retornar ao Recife em 1982:

Dona Estela: Aí foi um período difícil, foram dois anos eu não consegui me readaptar em São Paulo, ele teve uma oferta de voltar, ficou como gerente regional também da Furukawa, **Vitória:** voltar pra cá pra Recife?

Dona Estela: voltar pra Recife, “ah” botei a mão pro céu, “bora!” e viemos de de carro né, parando em todo canto, que era umas viagens deliciosas que a gente fazia. E voltamo pra cá, eu fiquei mais uns tempos sem trabalhar, porque elas tava pequeninhas ainda.

Eles compraram então um apartamento no Edifício Mirela. Nesta época, com as filhas já um pouco maiores, Dona Estela começou a se sentir sem ter o que fazer e começou a procurar ocupação. Fez um curso para aprender a vender painéis, e transformou algumas visitas de amigos em demonstrações do material.

Dona Estela: Porque eu nunca tinha tido contato com vendas, não sabia o que era vender não. Meu trabalho era outro, completamente diferente, embora com público, embora com as pessoas, relacionamento não era venda, né. Então foi ótimo para mim, fazer esse cursinho das painéis, eu aprendi a enfrentar a pessoa pra convencê-la a comprar, isso é muito complicado, ‘cê convencer alguém a comprar alguma coisa, né, é convencer sem enganar, você tem que demonstrar, tem que convencer, né, fazer brotar o desejo de consumo naquela pessoa por aquele objeto, então isso foi muito importante na minha vida. Aliás, tudo o que eu fiz foi importante, tudo, sempre tudo acrescentou, né?

Ela tinha uma amiga, Regina, que vendia Natura, e cuja promotora morava no mesmo Edifício Mirela. A amiga já a havia convidado para ser consultora de vendas, mas como Dona Estela tinha alguns problemas com a promotora por causa da garagem, ela recusara se tornando apenas compradora dos produtos.

Dona Estela: ... do Mirela a gente foi, compramo um apartamento lá e lá conheci Juraci e lá entrei na Natura. Oitenta e sete, 87 entrei na Natura. Que aí eu comecei a ajudar, a promotora morava no prédio onde eu morava, e eu fui vender Natura, aí elas cresceram, eu comecei a ficar sem ter o que fazer, depressiva, né, porque nessa época eu fiz quadro, eu fiz cerâmica, né, eu estudei, pintei e bordei, mas depois não tinha o que fazer, não tinha

emprego, né? Aí a Juraci era promotora da Natura e eu brigava muito com ela por causa da garagem, que a gente tinha problema por causa da garagem do prédio, e eu tinha uma amiga, que tenho ainda, que se chama Regina, ela vendia Natura, “vamo vender Natura?”, “eu nem sei o que é”, “não, vamo, é perfume, e tal, parara parara” e eu comecei a comprar Natura da minha amiga Regina.

Um dia, uma amiga que havia ganhado um perfume de Dona Estela lhe perguntou como se fazia para comprá-lo. De ímpeto, ela respondeu que os vendia, e como já tinha uma relação um pouco melhor com a vizinha, a procurou para ver o que precisava fazer para se tornar uma consultora da Natura.

Dona Estela: aí um dia eu tava lá na casa da Lurdinha e ela falou Estela, aquele produto que você me deu, onde é que a gente compra? Que ela gostou, né? Eu falei “por quê?”. “Porque eu queria comprar outro”, falei, “pois não, eu vendo”.

Vitória: do nada você falou?

Dona Estela: “você vende?”. Falei “acabei de começar a vender, você não quer comprar? Então eu vou vender”.

Mesmo sem ter muito treinamento – a promotora apenas havia lhe dado as pastas com informações sobre os produtos e os formulários para fazer os pedidos – Dona Estela iniciou suas vendas. Não passou muito tempo nesta atividade, e logo se tornou uma promotora.

Dona Estela: Aí eu fui, preenchi a ficha, mais ou menos, né, pronto, esse foi meu início de Natura, fiz o cadastro, e comecei a sair pra vender assim, sem ter nenhum treinamento, nada, que ela dava muito pouco treinamento, Juraci, hoje em dia a gente faz curso, a gente dá curso de tudo, né, mas aí foi bater a cara, vamo dizer assim, aquela, vencer o meu medo das pessoas de venda, né, porque venda é muito complicado, e oferecer, e demonstrar, e foi indo, foi indo, foi indo, fiquei um ano, um ano mais ou menos vendendo, ah, um sucesso, eu achava o máximo, eu comecei a ganhar dinheiro, né, comecei, as pessoas começaram a comprar produto, eu achei uma coisa fantástica, aí ela, eu, eu, o que que eu fiz, meu Deus? A Juraci, “Estela, você não quer tirar as minhas férias? Porque eu tenho que ter alguém pra pegar pedido aqui pra mim”. Porque como eu acompanhava muito a atividade dela, porque era minha vizinha, eu ia na casa dela pegar panfleto, eu via ela atender telefone, eu via ela fazer o contato com as consultoras. Falei, “ah, posso tirar, o que que tem que fazer? É só pegar pedido?” Ela falou “sim, só”, eu falei “não tem problema”. Aí ela me deu a chave da casa dela e eu ia duas vezes por semana na casa dela, e fazia plantão, então eu ficava com o telefone, o relatório, o bloco de pedidos e atendendo todas as consultoras que ligavam e passavam o pedido pra mim, porque naquela época elas passavam o pedido, esse pedido eu fazia um relatório e mandava por malote pra São Paulo, né, e quando, che., quando ela terminou o trabalho que ela voltou ela falou, “ó, Estela, obrigada, você fez um trabalho tão bem feito que eu fechei os meus objetivos”, que tem objetivo de venda, né. “É mesmo? Que coisa boa, né? Parabéns”. E aí eu comecei a gostar do trabalho da promotora, não da vendedora, eu não gosto muito de vender não, eu gosto do trabalho da promotora. Aí eu falei “Juraci”, aí comecei a ficar mais próxima dela e falei, “ó, Juraci, como é que a gente faz pra ser promotora?”. Ela falou assim “indicação, Estela, quando tiver alguma vaga a gente te indica, você quer ser?”, aí indicou. Aí veio a gerente de São Paulo, fazer as entrevistas, e:: mais nessa época quando ela me indicou, isso foi em 86, eu, já tinha uma outra preparada, uma secretária de uma outra promotora, que ia sair, mas ela já tava preparada pra ser promotora, então ela ficou, aí eu fiquei mais quatro meses como consultora, abriu nova vaga, falei “Juraci, minha hora de novo, ela “não, já tá indicado”, aí

veio a Zelinha, que foi minha gerente, baixinha, aí ela ficou entre a cruz e a espada, que tinha duas indicações fortes, que essa Juraci era manda-chuva daqui, então o que ela falava... ela respeitava, porque ela era muito muito próxima com o gerente de São Paulo, e Zélia, mas a Zélia queria tomar a decisão por ela, e não por por, e tinha outra corrente que queria uma outra moça, não lembro nem o nome dela mais, nós ficamos o que, acho que 4 dias fazendo o teste pra Zélia, todo dia tinha entrevista, lá vai pro hotel fazer entrevista com a Zélia, aí no fim ela me escolheu, né, foi ótimo, adorei.

Quando Dona Estela conta seu tempo de Natura, ela conta a partir deste ponto, quando começou a fazer a atividade que exerce até hoje. Como promotora de vendas, Dona Estela gerenciava, na época de nossa entrevista, uma equipe de 670 consultoras (vendedoras). A carga de trabalho era grande: alcançar “metas”, o que exigia que ela cobrasse de suas consultoras que efetivassem um bom número de vendas; recrutamento e treinamentos para novas consultoras; lançamento de produtos novos; encontros a cada Ciclo de Vendas (de 21 dias) com todas as suas equipes.

Dona Estela: é eu virei promotora não sabia nada, né. Só sabia que eu tinha que captar, fazer a captação de consultora nova, ter um setor, eu ia ter objetivos de venda e eu tinha que trabalhar com telefone e pessoalmente, com visitas, recrutamento, com a captação de pedido, a parte, toda a parte burocrática do pedido, né, enfim, e todo o acompanhamento, toda a infra-estrutura pra consultora, a consultora ela não tem contato com a própria empresa, hoje ela tem, através de internet, através do próprio 0800, mas antes não, ela só tinha contato por uma promotora. Então a gente, nós éramos as, A Natura pra, pras pessoas que vendem, né. A Juraci o setor dela foi dividido ela me deu trinta pessoas, das quais umas vinte saíram, e eu comecei a fazer o recrutamento, a captação. Tá, captar, desenvolver, né, fazer crescer, e aos pouquinhos as coisas vão, cê vai recebendo as instruções, o que que eles querem, lançamento de produto, cê faz treinamento, você dá o treinamento pra consultora, quer dizer, lança-se um a colônia, ou um sabonete, ou um creme, você tem que saber pra poder passar, entendeu?

Aqui novamente o *aprender-fazendo* aparece na vida de Dona Estela. Ela própria nos deixa indícios para pensar nesta relação com o mundo do trabalho como sendo própria de sua geração, quando explica que hoje se recebe mais treinamento para o exercício das atividades na empresa na qual trabalha.

O início do trabalho de Dona Estela, nesta fase de sua vida, trouxe mudanças para toda a família. Vitória, que estava presente no momento da entrevista, diz que “mamãe passou daquela mãe que fazia obras de arte e cozinhava muito bem (risos), pra uma pessoa que tinha escritórios e secretárias (risos)”. Dona Estela lembra:

Dona Estela: e elas, coitadas, né, elas falavam assim, elas punham um bilhete assim “mãe, preciso falar com você”, punha um bilhetinho assim porque não tinha tempo pra elas, né. Aí a minha vida mudou muito na Natura, mudou muito.

Vitória: é, completamente.

E continua, quando percebemos que o envolvimento com o trabalho era/é algo que vai além das horas dedicadas a ele. Dona Estela, que nos fala com propriedade sobre a necessidade de estimular as vendedoras, fala de um “encantamento”³⁸:

Dona Estela: muito, a Natura ela tem uma coisa assim que é um **encantamento**, porque ao mesmo tempo que você, que ela te dá responsabilidade ela te incentiva a crescer, através de que, de desafios mesmo, então você é desafiada a todo momento, é desafiada de ter uma contratação nova, uma consultora nova, você é desafiada pra conseguir atingir aquele determinado objetivo que eles dão, que objetivos eles têm que ser factíveis, né, que se forem difíceis não adianta, que você não chega lá nunca e desanima, né, se for muito fácil você não faz, se for muito difícil também não faz, então é desaf., tem que ser desafiador, então era todos os ciclos, e a gente ganhava prêmio, não era porque era só desafio [no baco], você tinha dinheiro, e isso era muito importante naquela época pra mim também. Eu queria ganhar dinheiro, né, e comecei a ganhar, comecei a ganhar prêmio, e aquilo foi me incentivando, e eu fui abandonando automaticamente a casa, pondo empregadas, as crianças aí crescendo, era [fera], foi uma luta, né.

Débora tinha então dez anos e meio e Vitória nove. Dona Estela diz que elas precisavam ainda bastante de sua atenção. Por outro lado, sabe que sua experiência profissional tem muita importância em sua trajetória, e conseqüentemente para certos valores que passou para as filhas.

Dona Estela: Eu acho que trabalho é o fundamental da vida da gente, né, porque se você... aonde é que você cresce? Onde é que você consegue experiência na vida, né? Claro que a vida vai passando, o tempo vai passando, hoje eu sou uma mulher mais experiente do que vocês, tenho que ser porque eu já vivi, eu levei muito tempo pra chegar a 66 anos, foram 66 anos. (Vitória ri) isso, quer dizer, o meu dia-a-dia nesses 66 anos foi de aprendizado, vocês, isso vai, acontece com todo mundo, eu acho que a pessoa que não trabalha, que ela não tem desafios, ela não tem como crescer, ela não tem incentivo pro crescimento, né, a própria inteligência, não adianta você só estudar, você ser um gênio no estudo, se você não trabalha, se você não aplica você também não cresce porque você não vai encontrar as dificuldades, ou vamo dizer assim, o desafio daquilo, né, “bom eu sei isso, mas será que eu sei mesmo? Eu sei mas aplicar como é?”. É uma surpresa, o mundo, tudo, é uma caixinha de surpresa, reação das pessoas, principalmente se você trabalha com pessoas, cada pessoa é um mundo, cada pessoa é uma caixinha de surpresa, né, você não sabe como é que ela vai reagir com você, se, né, não sabe o que vem dali, é muito complicado, mas é fantástico, eu

³⁸ Também parece ser de “encantamento” a atmosfera ideal a ser alcançada nos encontros com as equipes de vendas, que visam passar informações tanto sobre os produtos quanto sobre as promoções de cada ciclo. Dona Estela descreve parte de um destes encontros, que veremos que é bastante parecido com os realizados por outra entrevistada que trabalhava com venda de produtos domésticos no mesmo sistema. “Eu reúno as pessoas, passo as novidades que têm, no ciclo, faço o incentivo da venda daquele ciclo, faço promoções por minha conta, passo promoções da empresa, né, parablenizo, faço às vezes uma motivação, aí elas tavam tudo ouriçada lá, não, eu tava dando parabéns, não, como é que foi? Falei “vamo começar esse ciclo nós vamos começar a reunião se, se, se cumprimenta!” “Todo mundo fica em pé”, aí todo mundo fica em pé, elas morrem de rir, “todo mundo em pé”, todo mundo em pé, “vamo lá, bota a mão na cabeça, bota a mão na cintura, dá uma viradinha e me dá um abraço”, eu fiz todo mundo ficar em pares, aí aquela abração la na sala, né, elas morrem de rir, né, falei “pronto, agora que vocês já se confraternizaram, vamo começar o encontro”, que aí vem a parte chata, a parte de lançamento de produto, a gente passa uma fita de DVD, quando a empresa manda, né...”

acho que é isso que é a vida da gente.

Elaine: Isso é uma coisa que a senhora sempre tentou passar pras filhas, também, pros filhos, essa coisa do valor do trabalho?

Dona Estela: Não falando, mas fazendo, né porque eu acho que elas têm a experiência de me verem trabalhando, eu acho que devo ter tido muita falha com elas também na parte do atendimento, mas eu fiz o que eu pude, tendo que dar atendimento a tudo né, mas eu acho que eu não seria a pessoa que eu sou hoje se eu não tivesse trabalhado assim, não. Eu não seria, eu acho que eu poderia ter sido uma pessoa mais, mais problemática. Ou menos confiante, né. Eu sou mais confiante em mim mesma, sem dúvida nenhuma, muita coisa a gente deixa pra lá com o trabalho, sabe, então hoje, quando eu comecei, a Natura era uma coisa a parte, se você começa numa empresa, onde tem aquele horário rígido onde você entra as 7 e sai as 8, sai às 6 ou é horariuzinho de almoço, você deixa o seu trabalho ninguém toca em nada, é:::, não vai acontecer nada se você fizer dali meia hora, né, então é uma rotina, isso até, isso não incentiva ninguém, né, mas você tá ganhando a tua vida, você tá ganhando o seu salário, criando seus filhos e tudo, né.

Os dois principais empregos da trajetória de Dona Estela tinham objetos de trabalho bastante distintos. Como ela própria aponta, em um deles ela lidava com doença e no outro lida com beleza. Para ela, no entanto, basicamente se trata de serviços que envolvem *relacionamento*.

Elaine: É isso que eu ia perguntar pra senhora, que coisas que a senhora acha que teve que aprender em cada emprego, por exemplo, são coisas bastante diferente, o que a senhora fazia com a assistência social [...]?

Dona Estela: mas basicamente é a mesma coisa, o relacionamento, certo? Eu prestava um serviço de assistência médica às pessoas, então eu tinha de me relacionar, assistência social, então tinha que saber quem era a pessoa, o que ela fazia, o que que ela necessitava, eu tinha que ouvir, eu tinha que entender e tinha que ajudar. E aqui é a mesma coisa, eu tenho que saber quem é a pessoa que tá entrando, o que que ela pretende, tenho que incentivá-la a trabalhar, ganhar dinheiro, tenho que mostrar pra ela as possibilidades de ganho que ela tem, tenho que treiná-la, lá eu não tinha que treinar ninguém, mas aqui eu tenho que treinar, eu faço curso de técnica de vendas, faço curso de produtos, dou encontros, faço 3 encontros todos os ciclos, né, *pega aquela foto do meu aniversário, ela vai ver eu, elas me homenagearam no aniversário com um bolo. Hum, tá aqui, Vitória. tá no meu escritório aqui na na prateleira*, e aí, o que que eu tava dizendo, aí é basicamente relacionamento.

Elaine: Relacionamento.

Dona Estela: Relacionamento, porque você tem que **cuidar daquela pessoa, você tem que fazer ela desenvolver, ela crescer, ela se entusiasmar pelo trabalho dela, você precisa dar o apoio no momento que ela tá precisando**, né, que ela não tá conseguindo, é::: você tem que treinar, né, (Vitória chega com álbum de fotografias) isso aqui é um encontro.

De certa forma, trata-se de atributos tradicionalmente femininos que são colocados em prática na vida profissional. Neste sentido, embora Dona Estela tenha começado a trabalhar fora cedo e tenha se mantido com uma vida profissional produtiva na maior parte de sua vida, são aptidões femininas, que mães e donas-de-casa dominam, que precisam ser articuladas para o desenvolvimento de atividades na esfera pública.

Aqui também podemos pensar em mudanças ocorridas entre a geração de Dona

Estela e a de suas filhas, algumas delas que a mãe precisou acompanhar e que hoje são colocadas para a sua função, como a administração de um tempo muito mais acelerado. Outras questões dizem respeito a gênero, propriamente dito, e são bem próprias do tipo de atividade exercida por Dona Estela:

Dona Estela: Eu acho que antigamente era um pouquinho mel., não é que antigamente era melhor, se você tem uma rotina menor, mais leve, dá tempo de você também, que é o importante hoje, se dedicar à família, se dedicar ao seu trabalho, se dedicar ao seu lazer. Hoje o que a gente tá encontrando é que você tá atropelada de coisa, com a facilidade que a gente tem com internets, com a tecnologia, você cada vez tem mais coisa pra fazer e o teu tempo continua, 24 horas do dia, que não aumentou, né, a tecnologia aí não adiantou nada, o dia continua do mesmo jeito, mas as suas atividades, elas aumentaram, dobraram ou triplicaram, né. Por quê? Porque você faz as coisas mais rápido, você tem carro pra ir até lá, você ia de ônibus ou ia a pé, demorava mais, você tem uma internet onde você não precisa escrever carta pra ninguém, né, então você quer conversar com alguém, você conversa na internet, então você tá fazendo mil coisas ao mesmo tempo, isso em prol, por causa da tecnologia, isso deixa de lado a família, as pessoas hoje elas tão muito mais voltada pro trabalho do que pra família, e isso é ruim, eu mesmo me questiono muito porque eu ainda s., me, não me dou muito tempo pra mim, se elas precisam de mim tudo bem, ainda dava, né, mas pra mim memo não dá, hoje já estou me questionando mais, também com essa idade, já vou dar a minha andadinha na praia, faço alguma coisa, mas a:::, é muito importante você ter uma atividade que te estimule (pequena pausa). Rotineiro também é aquela desgraceira, né, filha? (Vitória ri). Estimular, estimular, ganhar, ser reconhecida, é importante. É vaidade? É, a gente é feita de vaidade também, é auto-estima, você não gosta de uma [farra], gosta, né? Gosta de receber um prêmio, de ser reconhecida, né? Gosta de ter dinheirinho no banco, de não ter dificuldade financeira, isso é muito importante e principalmente você saber que você tá fazendo alguma coisa que tá ajudando as pessoas.

Quando pedi que Dona Estela comparasse sua trajetória com a de suas filhas, ele remeteu novamente àquela distinção entre as duas formas de aprender: *fazendo* e *estudando*. O *aprender-fazendo* seria colocado pela *necessidade*, enquanto o *estudar-para-depois-fazer* era promovido pela possibilidade de *escolha*.

Elaine: E a senhora olha pra suas filhas, agora, a trajetória que elas tão tendo, a senhora consegue fazer alguma comparação com como foi a trajetória da senhora, nessa esfera profissional mesmo? Vem alguma coisa à mente da senhora “ah, agora é mais assim...”

Dona Estela: Vitória sim, Débora começou a trabalhar agora, né, então ela ainda tá começando né, elas tiveram um pouquinho mais de folga na vida porque elas não tiveram **necessidade**, que isso também foi o que me moveu né, vamo dizer assim, se eu tive necessidade de trabalhar, eu não tive tempo também de **escolher**, vamos dizer, uma pessoa que tem que ganhar dinheiro pra sobreviver, ela pode escolher? Não! Ela tem que fazer aquilo que aparecer, não é isso? Então no meu tempo eu não tinha que escolher, eu podia escolher, porque não tinha muita escolha, eu, surgiu uma oportunidade e eu aproveitei, né, que foi trabalhar com meu tio, porque também eu ia trabalhar aonde? Eu catava algodão, eu ia catar algodão na roça, quando eu era mais novinha, né, e eu fazia o que mais... essas coisinhas que tinha oportunidade de ganhar um dinheirinho eu ia, né, porque não tinha na cidade, cidadezinha deste tamanho, de três mil habitantes, não tem nada pra fazer, não tem emprego, né. Então, agora elas já tiveram uma condição totalmente diferente, elas tiveram uma condição totalmente diferente, elas já nasceram numa casa, onde já as pessoas, nós já tínhamos condição de criar, trabalhar, dar escolaridade, elas terem oportunidade de escolher

a vida delas futura, por exemplo, se elas escolheu a faculdade delas, elas escolheram a vida futura delas, não é verdade? Débora também escolheu, então **eu vejo a trajetória delas um pouco diferente da minha, a minha baseada na necessidade e a delas mais por escolha**, mas porque não precisou, não precisou, não tinha necessidade disso, essa resposta tá boa? (risos)

Elaine: ta! (risos). Mas a senhora acha que é mais fácil, então, elas tiveram uma...?

Dona Estela: Bem mais.

Elaine: bem mais fácil...

Dona Estela: mas por ser mais fácil elas também eu acredito que não tiveram essa experiência toda que eu tive, mas elas são novas ainda, eu também fui ter a minha experiência com o passar do tempo. As dificuldades que eu passei elas não passaram, não, e nem vão passar, porque eu tive que lutar, vamo dizer assim, eu tive que ir aprendendo, né, também, eu tive que ir estudando junto com o trabalho, elas não, elas já fizeram a faculdade, já tinham toda aquela experiência, né, foi diferente a minha trajetória da delas, totalmente diferente, **eu fui fazendo e aprendendo, elas não, aprenderam pra depois fazer.**

E logo depois:

Dona Estela: Você não tem necessidade de dinheiro, tudo bem, entendeu? Então foi a facilidade de ter a família mais estabilizada, os filhos os filhos já com condição de ter ajuda dos pais, deixar crescer, o que fizessem de mais era lucro, tá entendendo? Sem a necessidade.

A trajetória profissional de Dona Estela, que poderíamos considerar de sucesso, assim como a de seu esposo, proporcionaram a sua família uma condição social bastante distinta da de suas origens. Por um lado, Dona Estela (e também seu esposo) tiveram muito mais dificuldades materiais do que suas filhas, e, ao contrário das jovens, construíram trajetórias que, segundo ela, estiveram muito mais pautadas na *necessidade* do que na possibilidade de *escolha*. Por outro lado, o contexto sócio-econômico das trajetórias dos pais era bem mais receptivo e promissor do que o de suas filhas.

Vitória pondera sobre algumas mudanças que aconteceram, por exemplo, no mercado de trabalho entre estas duas épocas. Para a filha, é claro que nem mesmo seus pais, autodidatas competentes, teriam tido, nos dias atuais, as mesmas chances de sucesso profissional – até por conta de uma espécie de “corrida de diplomas” (Bourdieu, 1998b) que faz com que uma promotora da Natura precise ter curso superior para ser considerada habilitada para a função. Dona Estela também sabe que os tempos são outros, e que colocam outras adversidades.

Se para a mãe as dificuldades que ela enfrentava quando jovem foram o impulso para procurar meios de ter uma vida melhor, para as filhas as conquistas de seus pais forneceram as ferramentas para enfrentar um mundo e um mercado de trabalho muito mais duro. Neste contexto, difícil não se cogitar como seriam as coisas *se* as filhas não tivessem

tido a base que os pais lhes proporcionaram... *se* elas teriam sido impelidas a lutar ou teriam se acomodado com “menos”... *se* para elas as dificuldades teriam sido impulsionadoras ou não.

Com relação ao curso da vida, estes diferentes contextos sociais se refletem em diferentes formas de assunção da “idade adulta” e da “maturidade”. Dona Estela, que diferencia claramente as duas coisas, diz que assumiu responsabilidades muito jovem em sua vida. As dificuldades da vida, e também seu ímpeto para fazer coisas de jovens mais velhos, a fizeram adulta mais cedo do que na geração de suas filhas.

Elaine: e outra coisa, a senhora falou assim da experiência diferente da senhora de ter necessidade de trabalhar, por exemplo, versus a experiência das filhas que puderam escolher, no caso, né. Esses posicionamentos diferentes, digamos assim, a vida que a senhora teve, as condições que a senhora tinha e as condições que elas têm a senhora acha que isso, de que forma isso influencia assim pra assumir essa coisa da maturidade, pra assumir ser adulto, pra essas responsabilidades, tudo?

Dona Estela: é, bom, como eu tô te falando, vai depender muito das pessoas, mas eu acho que me deu mais força, **as dificuldades que eu passei me fizeram amadurecer antes do que elas que não tiveram tanta necessidade**, né, não sei se, eu não posso falar por elas, posso falar por mim, eu só pude crescer fazendo e eu não pude escolher o que fazer, foi acontecendo na minha vida e esses acontecimentos eu fui aproveitando e fui fazendo a minha vida, né. Eu acho que eu cresci, amadureci, elas não têm essa experiência que eu possa te falar “será que se elas tivessem tido dificuldades, elas teriam estudado? Será que se elas não tivessem estudado, elas teriam ido trabalhar em qualquer coisa pra poder se manter? Elas teriam se fortificado ou elas teriam caído?” não sei, eu não sei, não posso dizer, eu sei de mim, né. Mas o que que você acha?

Vitória: eu posso responder?

Dona Estela: é.

Vitória: a entrevistada não é mamãe?

Dona Estela: é, mas não, conversando só.

Vitória: eu acho que minha vida seria completamente diferente mesmo, porque **se eu não tivesse vocês eu ia ter que batalhar esses empregos, que hoje em dia não tem oportunidade pra você de crescer dentro de uma empresa**, eu ia acabar trabalhando em empregos menores como vendedora de loja, alguma coisa assim, né, e a vida ia ser muito mais difícil mesmo, aí que faculdade ia ser um abraço, ou aquela coisa, ia depender mesmo de mim pra ver se eu ia conseguir trabalhar em alguma coisa, estudar à noite.

Dona Estela: exatamente, você teria que ser uma pessoa muito mais forte...

Vitória: e ia tá numa...

Dona Estela: exatamente, você teria que ter tido muito mais, vamos dizer assim...

Vitória: eu não sei nem responder se eu teria esse estalo, né.

Dona Estela: Exatamente, então, **você teria condição de se estruturar, de ganhar experiência com isso e ir pra frente? Hoje as condições também são diferentes.**

Vitória: exatamente. Eu acredito que eu tenha, que eu tenho a personalidade...

Dona Estela: de não deixar a peteca cair.

Vitória: e a capacidade de não deixar uma peteca cair, mas às vezes a própria vida impõe obstáculos que não fazem você ir pra frente, né? Não dá certo as coisas, vê, a Débora tem um super talento e o aquário não deu certo.

Dona Estela: exatamente.

Vitória: né? Então assim, **eu ia tá batendo cabeça num mundo muito mais duro, muito mais cheio de ponta**, né, é uma incógnita realmente se você ia, se eu ia chegar [...].

Dona Estela: mas uma coisa vou lhe dizer **fortaleza de caráter também, quando uma pessoa ela não se, não se deixa vencer pelas dificuldades, não se entregam a nada fácil, elas vão ficar mais fortes, não tenha dúvida.**

Vitória: e não amadurecer mais cedo, com certeza.

Dona Estela: vão amadurecer mais cedo, vão ficar mais duras e mais fortes pra conseguir. Agora que **as condições hoje seriam assim, muito diferentes, não é? Naquela época se valorizava mais as coisas**, hoje, hoje...

Vitória: talvez a questão do **amadurecimento seja a chegada da consciência que você é capaz de se manter**, né? Você percebe, “poxa, eu tenho que me ligar, eu sei me virar sozinho de uma forma ou outra eu não preciso de ninguém, eu não vou me desesperar se não tiver ninguém pra me botar a mão na cabeça. Algum caminho na vida eu acho por mim mesmo”, assim, eu acho que a pessoa toma essa consciência, né...

Dona Estela: já é o adulto?

Vitória: talvez chegue...

Dona Estela: mas eu tomei essa consciência com 16 anos, com 15 anos.

Vitória: então você amadureceu mais cedo, mesmo, você se tornou...

Dona Estela: eu não saí pra trabalhar quando eu achei que podia já ganhar a minha vida? Eu já não dei mais despesas pros meus pais.

Vitória: cada um num horário.

Dona Estela: então é o que eu digo, **o que que é ser um adulto**, né, hoje? É difícil, **depende da necessidade que você tem. Da ansiedade que você tem também de querer fazer as coisas antes da hora**, né, como eu era mais afoita, com 16 eu já queria ter uma cabeça de 18, quer dizer, queria fazer as coisas de 18, **mas eu não tinha também essa maturidade pra fazer isso**, não tinha conhecimento muito do que era certo e errado, né. Aí vi uma falha muito grande, eu não tive uma educação de diálogo com os meus pais, que eles não eram pessoas de dialogar, de ensinar. Eles eram mais no castigo físico, né, e no grito memo, né, castigo físico, porque no ensinamento não.

Para Dona Estela, a idade adulta está relacionada com a assunção de responsabilidades, compromissos. Mas ter responsabilidades não faz de uma pessoa alguém maduro. A maturidade se adquire com o tempo, com a experiência de vida – os sessenta e seis anos (de aprendizado) que ela levou para chegar aos sessenta e seis anos de idade. Neste ponto, novamente, Dona Estela se refere ao tipo de aprendizado que marcou a sua vida:

Dona Estela: Então o que que era maturidade? Você não sabia das coisas, **você tinha que tinha que aprender errando**, né, **você tinha que fazer pra aprender**, você não tinha exemplos, né, os exemplos que você tinha eram terríveis, quer dizer, uma moça tinha um filho sem casar, meu Deus, a cidade toda né destruía com a pessoa, entendeu como era? Então você cresce sob esse tipo de regime, e eu sempre fui um pouco mais afoita, né, eu era mais afoitinha, eu não não...

Vitória: não aceitava?

Dona Estela: ... não aceitava muito essas coisas, eu já era além um pouquinho da minha época, né? Pra sair de casa com 16 anos ninguém saía não, e bati a cabeça, né, claro, aprend., errei muito, aprendi muito. Maturidade. Então o que você perguntou, adulto. **Eu eu acho que eu fui adulta cedo demais, ser ter condição de ter um preparo pra ser adulta, mas aí eu te pergunto: quem iria tá preparado pra ser adulto? Eu não sei o que é ser um adulto. O que que é preparar uma pessoa pra ser adulto? O que que é o ser adulto?**

Dona Estela teria se tornado adulta cedo demais, e como ela diz, sem ter sido preparada para a adultez. E se pergunta o que seria este preparo. Seria o tipo de aprendizado que as filhas tiveram, no qual se estuda primeiro para mais tarde assumir uma vida profissional, o *fazer*? Da fala de Dona Estela é difícil se sugerir isso – parece que o *aprender-fazendo* não se refere apenas ao aprendizado de uma atividade técnica, mas envolve outros

meandros da vida social, coisas que não necessariamente se aprendem na escola.

Em toda a entrevista, Dona Estela parecia falar – ou eu a ouvia desta forma – com a tranqüilidade de quem colheu os frutos que plantou. Se a trajetória desde o interior paulista até uma metrópole nordestina foi marcada por diversas lutas, também foi de muito aprendizado. Mesmo se colocando como uma mãe um pouco ausente, no sentido de não ter tempo para se dedicar muito às filhas quando elas ainda precisavam de atenção, ela sabe da importância dos exemplos que deixa para sua família. E se diz plenamente tranqüila com relação ao futuro das filhas.

Elaine: E quando a senhora olha pras suas filhas, Débora, Vitória, a senhora acha que elas já são adultas ou são jovens, como é que a senhora vê. (risos) essa era bom ela não tá, né?³⁹

Dona Estela: eu acho que elas são jovens adultas, já. Já com responsabilidades, já com determinações, já sabendo o que que tão querendo na vida, certo, se dedicam ao que querem, isso me dá uma tranqüilidade muito grande. Não vejo irresponsabilidades nelas, eu não vejo, como é que fala? Acho que irresponsabilidade mesmo.

Vitória: incoseqüência?

Dona Estela: incoseqüência. Sabe? E sempre procuram, sempre procuraram, passaram por tudo também, né? As experiências delas, porque realmente muita coisa acho que eu não sei, né? Que cada um tem a sua vida íntima, né? Mas uma coisa que eu acho é assim, que eu consegui dar algum parâmetro pra elas. De vida, né. Com o que? Com exemplos, então tanto ela quanto o pai, tanto eu quanto o pai, a gente trabalhando, a gente lutando, lutando pela família, lutando pelas boas coisas, né, isso deve ter servido de base pra hoje o que elas têm. O que elas são. Embora a gente veja muita gente aí também com uma estrutura boa e que tem filhos... então é muito difícil você generalizar, mas eu acho que uma boa parte do que elas são elas devem a gente sim. À casa onde elas estiveram, onde elas foram criadas.

Vitória: sem dúvida.

Elaine: e a senhora... esse momento assim, de ver as filhas ficando adultas era alguma coisa que a senhora tinha assim temor, que tinha ansiedade?

Dona Estela: tinha. Muita ansiedade, tanto é que eu tô saindo de uma ansiedade que é a Débora

Vitória: Vitória: (risos)

Dona Estela: você nem imagina como é tranqüilo pra mim saber como eu estou tranqüila nesse ponto. Muito tranqüila. E eu sei que se eu for embora amanhã, né, se eu morrer amanhã, elas já tão aí, não precisam de mim mais, eu só vou fazer pra elas companhia, e só vou esperar que elas cuidem de mim (risos). Agora eu vou querer o retorno, né? Mais tranqüilíssima, tranqüila, tranqüila, tranqüila com as duas. Muito bom. É uma fase que eu tô vivendo uma fase muito boa, né, embora sessenta e seis anos, (inaud.) mas eu não tô o mínimo preocupada, porque eu acho assim, eu já andei um caminho tão grande, eu custei pra chegar aqui, né, eu andei minuto a minuto, passo a passo, tá, então hoje quando eu olho pra trás eu vejo tudo o que eu fiz de bom, tudo que eu fiz de ruim, que eu poderia ter feito melhor, mas o que passou você não tem o que fazer, você tem que fazer o pra frente, mas eu durmo, eu acho que tem muito mais pontos positivos na minha vida, do que negativos. E elas, tranqüila. Deus não poderia ter me dado duas filhas melhores.

³⁹ Se refere à presença de Vitória na entrevista.

Dona Bartira: “eu acho que eu nunca fui adulta!”

Dona Bartira foi entrevistada em 25 de setembro de 2006, em sua residência num condomínio no bairro da Várzea, em Recife. Dona-de-casa, na época ela tinha 56 anos de idade e morava apenas com o filho Rodrigo, de 19 anos, estudante de Geografia em duas universidades. A filha mais velha, Carol, que enquanto fora casada havia morado a dois andares do apartamento da mãe, no mesmo prédio, morava então com o namorado no centro do Recife. Este apartamento na época era ocupado pela filha do meio, Bruna, que se mudou para lá junto do companheiro durante sua gravidez.

Nascida em Iraí, no Rio Grande do Sul, em 1950, Dona Bartira era filha de um imigrante alemão que se instalou no país no período da guerra, estabelecendo-se no serviço público (ele trabalhava na chamada Coletoria Estadual). A mãe, gaúcha, havia tido pouco estudo e era dona-de-casa, tendo tornado-se viúva precocemente.

Dona Bartira casou-se bastante jovem – ainda ia completar 18 anos. O marido, pernambucano, havia feito o curso de sargentos do Exército no Rio de Janeiro e foi transferido mais tarde para um batalhão no sul do país.

Dona Bartira: Ele foi pro Rio fazer curso de sargentos, (inaud.) de sargento. Aí lá ele foi do Exército ele foi pra um batalhão servir um batalhão de construção, que faz estradas. Aí chegou lá no Rio Grande do Sul a gente se conheceu um pouco, em dois anos, casou, eu não tinha 18 anos, tinha 17, me casei, passei um ano e pouco por lá e aí fomos embora pra Mato Grosso, que ele foi transferido. Aí começou a... nunca tinha saído de casa, nunca tinha arrastado de perto da casa de mamãe. Aí vamo s’embora. Morei no Mato Grosso dois anos, foi quando Carol nasceu. Aí ele passou um tempo lá, depois fizeram a Transamazônica, aquela estrada, né, aí ele poderia escolher pra qualquer lugar, pra qualquer estado do Brasil, foi como assim uma compensação, por esse período que passou fora, sabe? É óbvio que ele pediu pra Pernambuco, não é, que ele era daqui. E eu vou te dizer, eu vim pra cá, meu choque foi muito grande, quando cheguei aqui. Por quê? Ele quando saiu daqui tinha 18 anos, deixou, tava na faculdade, amigos, namorada, tudo tava aqui. Quando ele chegou aqui eu acho que ele foi em busca, resgatar o que ele deixou, e aí eu fiquei, ele me deixou muito afastada, sabe? Ele me deixou muito de lado. E aí meu cabelo começou a cair, eu comecei a adoecer, e “vou-me embora, vou-me embora, vou-me embora”. Mas aí pra ir pelo Exército é muito, demorava entre 6 a 8 meses pra ter uma conscientização e aí o Exército pagar uma ajuda de custo pra ir embora pro Sul. Só que isso ia demorar tanto, eu digo “não, vou me... Esses 6 meses eu morro até chegar lá, então durante esses 6 meses deixa eu viver um pouquinho”. E aí eu comecei a me conscientizar de que eu tinha que me adaptar, e tinha que ficar, tinha que ficar, tinha que ficar durante esse período, né? E eu fiquei e gostei. E aí quem não queria mais ir era eu. Aí nesse meio tempo essas, essas, essa busca dele, ele foi muito longe, aí ele começou com violão, com barzinho, com amizade, não sei o que, e eu achei melhor cortar o mal pela raiz, sabe? Não deu certo, vamo desfazer nosso casamento.

Quando se separou, depois de aproximadamente 10 anos de casamento, Dona Bartira já tinha a segunda filha, Bruna, que nasceu em Recife. Ela conta que como foi ela que pediu o divórcio, não achou correto pedir pensão alimentícia para ela própria.

Dona Bartira: e eu fiquei de fora, “não quero”. Inclusive na minha, outro dia eu tirei até uma brincadeira, porque na nossa nossa separação tem assim: “a mulher abdica de pensão *enquanto* trabalhar”. Eu digo: “olha, tu fique na tua porque eu não tô trabalhando, tu pode (inaud.) minha pensão”⁴⁰. Bom, mas aí eu não achei que tinha que ter uma, que só a pensão das meninas não dava pra gente ter uma uma vida razoável, porque eu queria botá-las estudando num colégio particular. Todas duas. E dava muito mal pro colégio delas. Aí comecei a trabalhar pra isso, sabe?

Embora tenha feito o curso Magistério, ela nunca chegou a lecionar. Neste período de separação, ela trabalhou nas mais diversas áreas: com vendas (de centrais telefônicas e para a Tupperware), incentivos fiscais (na Audiplan), marcas e patentes, como aprovadora de crédito da Fininvest etc.

De todas estas atividades, a que parece ter sido a mais marcante para Dona Bartira é a de promotora da Tupperware. É a atividade sobre a qual ela mais fala, e aquela que parece ter repercutido mais em sua vida, financeira e pessoalmente. A Tupperware é uma empresa de embalagens e produtos para o lar, conhecida pelo seu método de vendas porta-a-porta, mais especificamente, por fazer as vendas através de reuniões domiciliares nas quais as suas vendedoras recebem em sua casa um grupo de conhecidos e faz demonstrações dos produtos.

Não se tratam de produtos muito baratos, mas Dona Bartira fala de sua qualidade e de como podem representar economia para quem investe neles, pois os mesmos ajudam a conservar melhor os alimentos, além de serem úteis para diversas finalidades. De fato Dona Bartira fala da necessidade que sente de acreditar naquilo que faz, ou seja, se for para vender produtos, há de ser produtos que ela goste e que possa atestar a qualidade:

Dona Bartira: Então eu gostava, e eu acho assim que as coisas que eu entro, eu entro de cabeça, sabe. Eu visto a camisa sabe, então eu defendo aquilo como se fosse meu, o produto que eu tô usando, eu gosto, eu tenho que gostar do produto, se não não consigo. A Herbalife me chamou pra eu ir trabalhar, mas eu não gostei, não serviu pra mim, como é que eu vou passar uma coisa pra você que não deu certo pra mim, quer dizer, a partir do momento que eu vou fazer um regime e dá certo, então eu aproveito aquilo ali eu tenho que passar pra você, eu tenho prova, tá aqui, eu sou uma prova. Mas não deu pra mim (inaud.) não dá não.

⁴⁰ Dona Bartira diz ter um bom relacionamento com seu ex-marido hoje, que ela considera um amigo. Inclusive ele lhe disse que ainda casa com ela novamente, mas que ela não cogita a possibilidade:

Dona Bartira: não, não tem, não tem, não tem como é, eu acho que não tem condição. Acho, não vejo, não consigo, que houve muito desgaste, sabe? Muita, muita queima de cartucho. A gente desencanta. E hoje, eu acho que a idade da gente, muita, eu acho que quando que gente tem uma idade, a gente tem muitos ideais, muito sonho, muitas coisa que a gente procura ver se alcança, né, a gente fica muito realista, cai na real, né? Não tem mais essas coisas de “pode ser? Será que vai dar certo?” não. Não caio mais nessa não.

Na Tupperware, Dona Bartira coordenou um grupo com mais de quarenta mulheres – um grupo de sucesso, segundo ela, pois sempre atingia as metas estipuladas pela empresa. Para Dona Bartira era não apenas o trabalho mais tranquilo que ela teve, pois ela é que fazia seus horários, como também onde ela conseguiu reconhecimento pelo seu esforço. Assim, ela montou sua casa com prêmios recebidos como recompensa pelos objetivos cumpridos, incluindo aí viagens, festas, eletrodomésticos e até um automóvel.

Com relação ao trabalho na Tupperware, pode-se pensar em uma ponte com o que percebemos no trabalho de Dona Estela como promotora da Natura. Em primeiro lugar pela importância da experiência das mulheres em atividades tradicionalmente femininas, que são articuladas no desempenho da profissão (no caso de Dona Bartira, a importância de sua vida como dona-de-casa na venda de produtos para o lar).

Em segundo lugar, a dimensão do “encantamento”, seja o encantamento da promotora, que vê na empresa na qual trabalha uma excelente oportunidade de crescimento e estabelecimento profissional, seja a atmosfera criada nas reuniões com as vendedoras. Cria-se então, um ambiente de brincadeiras e fantasias, com o objetivo de estimular as vendedoras a atingirem suas metas.

Dois relatos de Dona Bartira dizem respeito a este encantamento. Quando lhe perguntei sobre qual o evento que teria sido o mais marcante em sua vida (seja por ter desencadeado mudanças, por ter trazido fortes emoções ou outro motivo), ela lembrou primeiramente de uma festa promovida pela empresa:

Dona Bartira: Eu tive tantas coisas... eu vou te dizer uma coisa. Por exemplo, nesse agora, que eu me lembro nesses meus trabalhos de Tupperware, eu fui a um evento aonde a gente foi recebida com tapete vermelho, aonde foi eu mais cinco monitoras, aonde nós fomos convidadas, fomos convidadas para jantar, num jantar de gala, aonde sentou na cabeceira, no nosso lado, Júlio Iglesias!

Elaine: Nossa!

Dona Bartira: É... cantando pra gente, com orquestra de violino, no hotel, no Copacabana Palace. Então a gente era assim, entre esses teve outros também que foi Roni Von, onde foi aquele menino, como é... Roni Von, Wanderlei Cardoso, Roberto Carlos. Então tem muita coisa assim extraordinária, aquelas coisas assim que só parecia sonho, sabe? Parecia um sonho.

No segundo relato, Dona Bartira fala um pouco sobre uma das reuniões que organizou para as suas vendedoras, e das estratégias para mantê-las motivadas:

Elaine: [...] a senhora acha que combinava com a senhora mesmo?

Dona Bartira: Combina, combinava sabe por quê? Porque eu tinha, eu liderava um grupo, então eu estimulava, a Tupperware me passava uma meta, um objetivo, você tem que

vender tantos mil, vamo dizer, eu não podia vender sozinha, eu tinha que distribuir com o grupo, mas eu tinha que distribuir com esse grupo estimulando cada uma dessas 42 mulheres a cada uma chegar primeiro, né. E eu, mas eu não podia ficar naquela “não, vocês tem que fazer”, “não, vocês não tem que fazer, vocês fazem se quiserem fazer”. Agora quem cumprir vai ter premiação, inclusive de finais de semana com a família, com o marido, quem não tinha filho ia com o marido em hotel, essas coisas, pago por mim, não com a Tupperware, eu quem dava o prêmio, então quer dizer, eu não dizia que eu ia dar o prêmio, “a Tupperware ia dar, a Tupperware vai oferecer”. Dizia não, “vocês vão fazer que eu pago”, não, “vocês façam que a Tupperware vai oferecer um final de semana diferente, e realmente sempre me propus a fazer uma coisa boa, diferente, pra marcar. Por exemplo, numa Reunião de Lançamento, Lançamento era quando a gente ia fazer a menina ia entrar no meu grupo, então programava uma reunião de show, inclusive um show de de de, pô, nunca me esqueço, que a gente fez um lá em Camaragibe, que houve um, a menina chegou vestida de Cinderela. Mas foi tão surpreendente, tão surpreendente que ela chegou tava todo mundo conversando, [...] apareceu, escureceu e apareceu a menina que apareceu vestida de bailarina, de fada. Então foi sorteio, criava assim uma brincadeira, uma coisa assim muito diferenciada, sabe, de de de você brincar, você participar, aonde eu passava receitas, receitas onde mostrava pra minhas, pra pessoas o quanto era necessário um Tupperware em casa. Porque você vai guardar um produto que não vai se perder, por exemplo, no Bom Preço tem similares muito muito mais bonitos que uma peça de Tupperware, só que Tupperware era o [maxi], eu tinha que acreditar pra passar pra você, que Tupperware era... por isso que era um produto caro, que era um produto de primeira qualidade, era polipropileno, parará, parará, que não estragava os alimentos, aí eu fazia a receita e ensinava por exemplo um pão, um sorvete, uma coisa que ela ia usar com o produto e ia guardar. Então o produto não se tornava caro, se torna caro até onde você começa a pesar o quanto ele vale pra você, o quanto ele economiza pra você, sabe? E foi bom, foi bom porque eu conheci muita gente, eu fiz muitas amigas aqui em Recife. E criei, criei a minha vida hoje aqui em Recife hoje eu não troco, não volto pro Rio Grande do Sul. Porque eu me dei muito bem aqui, e apesar de não trabalhar eu conheço Deus e o mundo, né, eu conheço Deus e o mundo porque eu tive muita gente, muita amizade, sabe.

Elaine: Que ótimo. E eu vejo então assim que senhora também usava os conhecimentos da senhora de dona de casa, pra ser uma boa profissional, né?

Dona Bartira: Era sim, ah, tem. E aí você mostrando você prova, você faz, e prova por A + B que aquilo que você tá fazendo é econômico, como você economiza, porque você economiza.

O trabalho de Dona Bartira representou na época mais do que um meio de sustento. Foi também uma forma dela conhecer pessoas, fazer amizades. Sem dúvidas, estas relações contribuíram para a adaptação de Dona Bartira em Recife após sua separação, a ponto dela não cogitar a hipótese de voltar para o Sul.

Outros fatores também contribuíram para que ela não retornasse ao Rio Grande do Sul. Dona Bartira diz que recebeu dos pais uma educação muito rígida e autoritária, um modelo que ela considerava ultrapassado e que não gostaria de repetir com sua família. Ficando em Recife, ela teria a oportunidade de dar a educação que ela considerava mais adequada para suas filhas.

Dona Bartira: Quando eu me separei eu pensei assim, eu fui criada num ritmo, numa vida, minha maneira que eu fui criada, graças, adoro a minha mãe, mas eu achava que já tava muito antecipada, minha... muito atrasada, então pra mim levar as meninas no mesmo ritmo que eu fui criada eu não queria pra elas. Eu fui muito presa, muito trancada, sabe, eu não queria, eu achava horrível aquilo. Então eu não queria que as meninas fossem criadas da

mesma maneira que eu fui. Mas também se eu fosse morar no Rio Grande do Sul, que daí eu tava separada, com elas, elas iam entrar no ritmo, e eu não queria agredir [a mãe]. Então eu digo “eu vou ficar aqui, eu crio a minha maneira”.

Apesar de toda a gratificação com as vendas de Tupperware e do reconhecimento pelo seu trabalho, Dona Bartira permaneceu na empresa apenas enquanto sentiu necessidade. Por volta dos 29 anos, ela conheceu seu segundo marido, e com 36 anos teve sua última gravidez, que inspirava cuidados por conta de seus problemas cardíacos. Foi quando nasceu Rodrigo, seu filho mais novo, e quando deixou definitivamente de trabalhar fora.

Seu segundo marido faleceu, e hoje Dona Bartira vive da pensão que recebe do Ministério Público Federal. É o suficiente para que ela mantenha uma vida que considera como sendo de classe média, pois tem sua casa própria e seu carro.

Elaine: E depois a senhora não ficava pensando em voltar? Nunca, não tinha saudade do tempo?

Dona Bartira: não, porque veja bem, era, **porque essa história de trabalhar por prazer isso não existe...**

Elaine: (risos)

Dona Bartira: então eu via uma **necessidade**, uma necessidade que eu tinha de manter a mim mesma. Aquela coisa toda que eu precisava de dinheiro. Mas, agora, graças a Deus hoje em dia eu tô bem, se eu não preciso me preocupar com esse lado, de, primeiro que eu tô na minha casa, eu não tenho despesas extras, meu filho faz faculdade, mas é na universidade, é em Nazaré da Mata, na Federal, passou em terceiro lugar, pra nós isso foi uma glória, então pra que que eu vou me preocupar em trabalhar, Elaine?

Elaine: é. tá certo.

Dona Bartira: não sinto falta não.

Dona Bartira coloca com muita clareza a relação que faz entre “trabalho” e “necessidade” – o trabalho representando uma forma de se sustentar ou de melhorar a situação financeira. Hoje ela sente que tem uma situação confortável, e que a atingiu graças ao seu esforço. Assim, ela não tem pudores em desconstruir alguns discursos recorrentes sobre o valor do trabalho:

Dona Bartira: não, eu acho assim, ah, não, **trabalhar por prazer eu acho que é conversa, ninguém trabalha por prazer. Trabalha por necessidade.** Você levantar de manhã quando você pode tá dormindo até 8 horas, levantar às 7, pra ir trabalhar? Pra ir responder, bater ponto? Por prazer? Isso não existe não. Não existe. Então que eu digo, porque que hoje vou me desfazer de uma mordomia que eu adquiri depois de muito esforço pra bater ponto?

Com relação à sua vida social, a conhecer e encontrar pessoas, ela aponta a liberdade que tem para sair sempre que estiver entediada em casa e encontrar antigas amigas ou freqüentar um barzinho, independente de uma vida profissional.

Quando pedi que Dona Bartira comparasse sua trajetória profissional com a que

seus filhos estão seguindo, ela falou de habilidade, ou melhor, da “falta de dom” deles para vendas, o que faz com que eles sigam outros caminhos. Dona Bartira diz que não se viria mais numa atividade com horário regular, atrás de um balcão. Também não pareceu muito entusiasmada com a rotina da filha mais velha, que naquele dia havia chegado à casa da mãe já à noite, depois de um dia inteiro de trabalho, mesmo estando de férias.

Embora Dona Bartira não faça uma comparação entre as situações do mercado de trabalho das duas gerações, certamente houve uma série de mudanças nas últimas décadas, especialmente para as mulheres. Dona Bartira, como tantas outras de sua geração e de sua classe social, talvez tenha sido preparada principalmente para o trabalho doméstico (tanto que só começou a trabalhar fora após a sua separação, quando percebeu que precisaria complementar a renda familiar). Talvez pudéssemos dizer que o trabalho fora de casa era algo até mesmo “opcional” nesta primeira geração, ou pelo menos no seu caso. Em todas as suas gravidezes, Dona Bartira não estava trabalhando fora, nem o fez enquanto teve os filhos pequenos. Esta não era, na época, a realidade de sua filha Bruna, que trabalhava oito horas diárias desde antes do nascimento de seu filho. Para a geração das filhas, a inserção no mercado de trabalho é praticamente a situação mais esperada.

Dona Bartira, no entanto, questionava se esta era a melhor opção para a filha, até mesmo financeiramente falando, já que para trabalhar fora ela precisava contratar alguém para atender o seu filho.

Elaine: E essa coisa assim, a senhora de optar não sei se pode dizer que pode optar, por não trabalhar quando tava com os filhos, né. Mas parece que com, por exemplo, Bruna tá com menino pequeno e trabalhando, né? A senhora vê... é uma diferença, como é que é assim...

Dona Bartira: não, mas ela é, é porque ela não quer sair, eu inclusive disse a ela outro dia eu “filha, faça as contas pra ver se não sai mais barato você ficar em casa. Porque de repente você paga uma babá, uma empregada, e será que não vale a pena você ficar em casa?” Mas ela não quer, ela quer trabalhar, parece que, eu acho que não sei, hoje o pessoal não gosta muito de ficar em casa não, sabe? Acho que quer correr mais, ela não quer. Carol também. Trabalhar, e sair pra fora de casa trabalhando, mas num num, num é, num é, num é, num jeito elas parada em casa não. Muita, muito agitada pra trabalhar em casa.

Aqui, Dona Bartira retoma a comparação entre disposições, ou temperamentos individuais para pensar as mudanças entre a sua trajetória e a de suas filhas: “hoje o pessoal não gosta muito de ficar em casa não”, as filhas são “muito agitadas pra trabalhar em casa”.

Embora empregadas, as filhas de Dona Bartira pensavam em se dedicar a um tipo de atividade diferente daquelas que realizavam. Bruna não tinha um emprego muito estável, pois era contratada por uma empresa que prestava serviços à Prefeitura, emprego, portanto,

que dependia da situação político-partidária local⁴¹. Carol já estava há 17 anos trabalhando para uma multinacional, mas sua mãe deu a entender que ela estaria cansada do trabalho puxado.

Para a geração dos filhos, a melhor opção em vista para o futuro profissional era a prestação de concurso público. Fazia parte dos planos de Bruna e de Carol, na época, abandonarem seus empregos e se dedicarem a estudar para um concurso⁴². Rodrigo, que na época apenas estudava, também tinha em vista as possibilidades de se tornar um professor universitário. Dona Bartira apoiava a opção: “Eu acho que a saída é se preparar pra concurso, porque é uma coisa mais segura, mais estável, né”.

Um aspecto interessante da trajetória de Dona Bartira é que ela teve filhos com idades bem diferentes, a primeira aos 18 anos, a segunda aos 22 e o terceiro aos 36 anos de idade. Ou seja, a diferença de idade entre a primogênita e o caçula é de 18 anos. Quando ele nasceu, as filhas ajudaram a tomar conta dele. A diferença de idade é apontada como algo positivo por Dona Bartira. Ela diz que não estava cansada quando seus filhos nasceram, e que pode curtir cada momento. “Curtição” parece mesmo ser a forma como descreve a experiência da chegada de um bebê na família, seja um filho ou um neto.

Elaine: a senhora assim vê diferença de ter filho com diferentes idades?

Dona Bartira: bom, eu acho bom. Porque veja bem, Carol praticamente Rodriguinho quando nasceu foi aquela boneca que chegou, sabe? Aquele brinquedo que chegou. E ela assumiu, tomando conta do Rodriguinho como se fosse a mãe dele, sabe? Hoje, hoje ela tem assim, ela tem um carinho muito grande por ele, como tinha por Bruna, Bruna também era pequeninha, e ela tava sempre na frente, né. E Bruna com Rodriguinho também, precisa ver a curtição dessas duas meninas quando souberam que eu tava esperando um bebê. E alisaram, e alisaram, e alisaram minha barriga, e conversavam com ele, quer dizer, houve uma **curtição** maior, sabe? [...] De Bruna também houve uma **curtição** assim extraordinária, a espera de Bruna, eu tive ce., foi cesárea, quando nasceu Carol, e Bruna eu fiz ginástica do primeiro dia que eu soube que tava grávida, até a Bruna nascer. Bruna eu não senti nenhuma contração, tive parto normal, foi pow, nasceu Bruna, sabe? Por isso que ela é meia... agitada.

Elaine: (risos) vai ver que era ela já querendo nascer.

Dona Bartira: querendo nascer. E eu acho assim que eu gosto dessa diferença, porque você tá na expectativa, você não tá cansada. Por exemplo, quando nasce um atrás do outro, não dá tempo de você **curtir** os lances da criança, sabe? Como a gente **curte** hoje Caio⁴³. Eu

⁴¹ Algumas informações sobre a família não foram adquiridas na entrevista com Dona Bartira, mas com Bruna, tanto nas ocasiões em que esta foi entrevistada, como em nosso convívio anterior a esta pesquisa.

⁴² A procura por um concurso público se mostrava, em certos momentos da pesquisa, como a única saída para um grande número de jovens-adultos oriundos das camadas médias. Preocupados com a instabilidade profissional, com os baixos salários e situações informais de emprego, praticamente todos os entrevistados citaram em algum momento a opção possível de se tornar servidor público, muitas vezes em áreas bastante distintas daquelas de sua formação. Aqui, vale refletir sobre os valores dados ao **trabalho**, enquanto atividade produtiva humana, à **formação**, enquanto preparo para o mercado de trabalho, e também aos próprios **empregos** disponíveis.

⁴³ O neto, filho de Bruna.

curto, Dona Deja⁴⁴ **curte**, por quê? Porque eu acho que a gente tem mais tempo pra ele, pra **curtir** essa coisa nova, essas novidades que eles aparecem, sabe.

Dona Bartira teve um papel importante na decisão da filha Bruna ter filho, o que é afirmado por ambas. Como diz Dona Bartira, o filho já estava sendo desejado pelo casal; a filha mais velha ainda não havia engravidado; e talvez o desejo de Dona Bartira ser avó fosse comparável ao da filha ser mãe.

Dona Bartira: [...] “Ah, pode deixar que qualquer bronca eu assumo” (risos). Eu disse a ela, “pode deixar que eu assumo”. Porque ele tava sendo querido, tava sendo esperado, né, pronto, agora qualquer hora que ela quiser, ou também, porque tem eu, ele é pouco pra muita gente, sabe? Tem a outra avó lá também que tem um carinho muito grande por ele, então, a outra não tem, a mais velha, Carol não tem filho ainda, né?

Do ponto de vista da filha, talvez o apoio da mãe tenha tido tanta importância “subjativa” quanto “objetiva”. Na época, Bruna morava com Dona Bartira, e seu namorado, Paulo, com Dona Deja, sua mãe. Ambos tinham emprego, mas estes não eram muito estáveis nem pagavam o suficiente para que eles decidissem se casar. A decisão de ter filho foi tomada independentemente de planos de co-habitação, o que acabou acontecendo por conta da separação de Carol na mesma época⁴⁵. Quando Dona Bartira diz “pode deixar que eu assumo”, ela está afirmando seu apoio incondicional à decisão da filha e do genro, e a possibilidade de, na hipótese de algum problema, assumir financeiramente as despesas com o neto. Em troca (não no sentido mercantil do termo) ela curte uma nova experiência em sua vida, a de ser avó.

Elaine: E sobre... Fala um pouquinho para mim, Dona Bartira, sobre ser avó. O que que mudou na vida da senhora quando a senhora virou avó?

Dona Bartira: Tudo. Tudo. Tudo. É a coisa mais fantástica do mundo. Virou tudo. É uma coisa mais linda, é uma **curtição**, tudo é pra ele, eu não saio, eu saio na rua, todo canto que eu vou eu vejo uma coisa, se eu descobrir um brinquedo é pra Caio, tudo é pra Caio, Caio está em primeiro plano em todos os sentidos. Primeiro plano aqui em casa, eu, e pra tia e pro tio, e primeiro plano com empregada, aqui em casa ele impera, e na casa da Dona Deja eu sei que é assim também, da mãe de Paulo. E na casa de Bruna nem se fala. Então avó é lindo e maravilhoso.

Para Dona Bartira, a experiência de ser avó “dá um outro sentido na vida”. Tanto que ao final de nossa entrevista, quando perguntei a ela se havia mais alguma coisa que ela queria dizer, ela retomou algo que eu havia comentado, sobre o desejo de minha mãe ser avó.

⁴⁴ A mãe do esposo de Bruna, a outra avó de Caio.

⁴⁵ O que poderá ser notado na trajetória de Bruna, no próximo capítulo.

Elaine: Eu acho que é isso, Dona Bartira. Tem mais alguma coisa que a senhora gostaria de falar sobre essas coisas que a gente conversou, que a senhora... Ou da trajetória da senhora, alguma coisa assim que... alguma coisa que de repente eu não perguntei mas que a senhora acha que era interessante falar a respeito?

Dona Bartira: Não, deixa eu pensar aqui. Não, que agora eu me lembrei daquele negócio da tua mãe, que queria um netinho, não deixe de dar essa felicidade pra ela urgente. Que é tão gostoso, tão gostoso...

Elaine: (risos)

Dona Bartira: Que isso ela tá perdendo tempo, viu. Quer dizer que quanto mais cedo, mais ela vai curtir.

O apoio dado por Dona Bartira à maternidade de sua filha, independente de planos de casamento, pode ser visto como um sinal de seu entendimento sobre a instituição do casamento através de sucessivas etapas e de rituais tradicionais (o namoro – noivado – casamento, de véu e grinalda na Igreja – a chegada do filhos) como coisa de “seu tempo”, mas que hoje ela não vê muito sentido: “no nosso tempo, né? No meu tempo. Mas eu não... eu já não penso assim, sabe, Elaine”.

Elaine: Então a senhora não chegou a ter assim a expectativa de que elas seguissem aquela coisa assim tradicional, e tudo certinho, o casamento...

Dona Bartira: Não, eu não queria, eu não gostava, também nunca nunca... Carol casou em Casa Forte, um vestido de noiva coisa toda... Mas eu achei um desperdício, eu disse “pega esse dinheiro, faça uma viagem, porque isso aí é só pra apresentar, amanhã depois vão, puxa vida, sempre vai ter uma coisa que não está de acordo, então vai passear, vai fazer uma viagem, vai curtir esse dinheiro”. Mas ela queria, que era “mainha, a gente só casa uma vez na vida, deixa eu...” “então faça”. Então faça, eu não incentivo, sabe.

Elaine: e Carol se separou, não foi?

Dona Bartira: separou.

Elaine: às vezes é interessante que os casamentos mais assim, preparados...

Dona Bartira: são os que não dão certo.

Elaine: Bruninha disse que casou, a testemunha do casamento dela e de Paulo, quando botou a aliança, foi Shiriú, o cachorrinho.

Dona Bartira: (risos). (inaud.) o negócio é meio estranho, mas se tem que ser, tem que ser. Hoje em dia eu vejo assim, eu não sei, mas existe uma, existiu um um cerimonial, com testemunha, não sei o que, não sei o que, foi lá ali na na na Praça de Casa Forte, na Igreja, o padre, aquelas coisas que (inaud.) tão cansativo, meu Deus, foi muito preparo, viu? Foi muito. A única coisa que sobrou da história foi o álbum dela, é só o que tá no álbum, muito bonito, por sinal... Mas Bruna tá lá em cima⁴⁶ de tabela, com o garotão dela, e o garotinho...

Provavelmente pela distância de sua família de origem e dos parentes que permaneceram no Sul, pela separação do primeiro casamento e a viuvez do segundo, Dona Bartira tem uma relação realmente estreita com seus filhos. Desde nossa entrevista, houve algumas mudanças de endereço de seus filhos – Bruna saiu do apartamento no prédio de sua mãe, que foi ocupado pelo irmão, e se mudou para outro apartamento no mesmo condomínio; depois voltou para a casa da mãe com o filho; Carol, por sua vez, se mudou do centro da

⁴⁶ Se refere ao apartamento ocupado pela filha dois andares acima do seu, no mesmo prédio.

cidade também para o mesmo condomínio. Depois disso eu soube que Rodrigo, que possui uma herança de seu pai, havia comprado um apartamento na mesma região da cidade, e que Carol e Dona Bartira intencionavam adquirir um imóvel no mesmo empreendimento. Enfim, as mudanças ocorrem, mas a mãe e os filhos permanecem preferindo morar bastante próximos uns dos outros.

A proximidade de moradia dos filhos está implícita nos planos de Dona Bartira com relação ao futuro: ela pensa em estar próxima, porém se preocupa em não dar trabalho aos filhos.

Elaine: E a senhora imagina quando a senhora tiver mais idosa, se coloca nessa... assim, imagina o futuro da senhora como é que vai ser a relação com os filhos? Tem tranquilidade com relação a isso?

Dona Bartira: bom, em princípio eu quero que se mantenha, me mantenham no meu canto, aqui. Aí quem quiser morar comigo pode vir, eu acho que eu não posso, eu acho que a partir do momento que eu fosse morar com um filho ou uma filha eu iria interferir na vida deles, ia tirar a liberdade do casal. Ia tirar a liberdade dos netos e do casal. Então eu vou ficar na minha, daqui ninguém me tira, se que., mas eu quero ver se consigo, Elaine, manter uma situação em que eu possa ter uma pessoa, vamos supor, pagar uma enfermeira. Pra mim não ter que depender duma, dar trabalho pra um filho. Não quero me afastar deles, mas também não quero ficar na dependência.

Elaine: na dependência.

Dona Bartira: um filho ou uma filha ter que deixar a família pra vir tomar conta de mim, ou eu ficar aqui, eu vou atrapalhar, trazer um filho por exemplo Bruna, tá lá em cima, aí se eu tiver aqui em baixo, tiver doente, ela vai descer, vai deixar Caio, vai deixar Paulo pra tomar conta de mim, porque eu não tô, como é, fazendo ceninha de não querer sair daqui? Não. Eu quero ficar aqui bem. Bem com eles, entendeu? Enfermeira, não é muito caro, mas é uma coisa que eu posso deixar elas tranqüila e eu também estou tranqüila, porque eu não estou dependendo, não é o fato de depender, é o fato de não dar trabalho, como é, toda vez que eu digo a melhor coisa do mundo é você se preparar pra sua, pra sua velhice, sabe? É, tem que se preparar como o vinho, quanto mais velho, melhor, e não como o vinagre. Não virar vinagre, sabe? Com pouco tempo azeda, e aí pra coisa, não dá pra beber. A gente tem que se preparar como o vinho. Quanto mais velho melhor.

De acordo com a intenção de Dona Bartira, ela parece ter conseguido consolidar um determinado tipo de relacionamento com os filhos pautado na abertura para o diálogo, mais do que no controle de seus horários e hábitos.

Dona Bartira: Minha filha, eu digo, “vô pra casa de Flávia, não sei a hora que eu chego, nem se chego hoje. Mas toma o celular, qualquer coisa ligue pra mim”. A mesma coisa eles, todo mundo tem celular, na hora que vocês sair, se não vierem pra casa, me liguem, eu só quero que vocês me mantenham informada de onde é que estão, como é que estão. Quem ninguém prende nada, ninguém prende ninguém. Ninguém esconde nada de ninguém. Eu acho que, e digo mais a ele, “olha, **a gente tem que botar na cabeça que nós somos três. Vocês três e eu. Então nós somos uma família em que tem que ser um por um.** Nós temos que ser assim um matando e morrendo um pelo outro, se um dia vocês souberem, alguém chegar e dizer “mamãe tá presa” não me pergunte por que, faça tudo pra tirar de lá. Alguma coisa eu fiz pra estar lá. Não pergunte por que, nem procure saber por que, me tire de lá. E assim é com vocês. Se vocês tão lá alguma coisa vocês fizeram, não quero nem saber, eu vou tirar vocês de lá pra depois eu saber o que foi que houve. Eu acho que tem que ser assim. É muito ruim, sabe, não pode ser, não pode ter diferença, se diferenciar um

filho numa filha, não, ele é homem, não, ele é homem, é mulher, todos têm os mesmo direito e a gente vai batalhar por ele, sabe? Por eles em igualdade, sabe?

Ela parece contente ao afirmar que nunca precisou dizer ao filho que não bebesse e fumasse, e que ele não o faz. Lembra que Bruna passou por uma fase “especial”, descrita pela própria filha como sendo bastante problemática, em que saía muito à noite, bebia e fumava, mas acredita que foi uma fase “aborrecente”, que já passou. Aliás, a mãe ressaltou a mudança na filha após a maternidade, que teria se tornado mais responsável e mais caseira, sentindo prazer em estar em casa.

O bom relacionamento com todos os filhos, a abertura para o diálogo, independente das idades e sexo, é lembrado por Dona Bartira numa série de questões que levantei durante nossa entrevista. Todos veriam nela uma aliada, com quem podiam conversar sobre seus problemas, pedindo conselhos. Para a mãe, estes pedidos dos filhos podiam ser vistos como sinal de sua insegurança: às vezes os filhos seguiam estes conselhos, outras vezes, segundo a mãe, “eles procuram a gente pra... nem que seja pra depois dizer ‘não, foi porque mainha disse isso’”. Ou seja, era mais uma forma de ratificar alguma atitude e encontrar um ponto de apoio caso as conseqüências não fossem as esperadas. Os conselhos da mãe podiam servir tanto como uma orientação, quanto como justificativa de alguma atitude.

Também quando levanto questões pertinentes à idade, aparece o tipo de relação que ela tem em família. Dona Bartira tem dificuldade de se enquadrar em uma determinada faixa etária, e se intitular adulta, madura, ou o que for com relação a sua idade cronológica. Por um lado, parece pesar aqui o relacionamento familiar, onde não parece importar a sua idade para que acompanhe seus filhos em momentos de lazer.

Dona Bartira: Eu acho que eu não sou, eu não tenho diferença, eles não fazem diferença, por exemplo, Carol tem 37 anos, Carol, “mainha, vamo com a gente” “vamo com a gente” é como se eu fizesse, como se... criasse ambiente pra eles. Mas não é isso que, não sei se é isso que entendo. Mas por exemplo com Bruna, sair pro shopping, a Bruna me chama, “mãe, vamo com a gente dá um passeio no shopping”. Bruna, Paulo, pra ir pro shopping passear com ela. Às vezes eu digo “não, é melhor você ir com eles. Vá você com ele, vá passear”. Mas eles me convidam, não é porque eu esteja só, não, eles gostam da minha companhia, então eu acho, então eu não sei se eu posso me sentir diferenciada de de gera., de idade, não, como é, de adulto (risos)...

Elaine: de fase, assim, né?

Dona Bartira: não, não, eu acho que eu, não pesou pra mim essa fase, sabe?

Elaine: nas relações que a senhora tem isso não faz assim diferença?

Dona Bartira: não, não, não faz diferença. Primeiro porque nós somos muito amigos, eu e meus filhos, então não pesa muito essas coisas. Não tem, não tem coisa assim de conversar escondido, de de, de eu não tomar conhecimento de coisas que acontecem na vida deles. Então eu participo de tudo. Como eles participam da minha vida, então por isso que eu acho que não tem essa diferença não.

Por outro lado, Dona Bartira se diz uma pessoa muito dependente, que frequentemente recorre aos filhos para pedir conselhos. Isto está ligado ao que ela entende como sendo própria da adultez – a tomada de certas atitudes e responsabilidades – algo que ela questiona a partir de que momento assumiu, se assumiu, ou ainda, se sua vida realmente tem sido vivida em fases diferentes, pois o sentimento que ela tem é que a sua idade não pesa nas relações que ela estabelece.

Elaine: Mas como a senhora entenderia assim, o que seria vida de adulto? O que seria ser adulto, assim, a senhora consegue definir isso assim?

Dona Bartira: Será que é como tomar assim, (gagueja) tomar certas atitudes, ou responsabilidades? Bom, eu quando me casei eu não sabia nem o que tava fazendo porque eu tive que pedir permissão pra casar, que era muito nova. Quando Carol nasceu também foi uma coisa tão grande tão grande que eu não sabia, eu fiquei meio abestalhada, eu não sabia tomar uma atitude, eu não sabia tomar atitudes assim por mim. Então eu acho que eu sempre fui muito dependente, sabe, Elaine, eu acho que a realidade é essa (risos). Muito dependente, eu não sei o que é adulto, (inaud.) atitude (inaud.) eu nunca fui. Hoje, eu às vezes pergunto pra a Carol “o que eu faço? Será que eu faço assim”. Eu pergunto pra elas! Então eu acho que eu não sou (risos) eu acho que eu nunca fui adulta! (risos) eu não sei tomar atitudes e responder, eu acho que eu sou dependente.

Elaine: Mas a senhora falou tantas coisas da senhora que parece bem o contrário, que a senhora que ajuda eles também a tomar decisões, né, e que a senhora...

Dona Bartira: não, a gente, a gente troca... como é, idéias, por exemplo, eu estimei muito Bruna, mas eu disse, “olha, pode, se você quiser qualquer bronca a gente assume”, e assumo, assumiria, vamo dizer assim, qualquer bronca que a Bruna tivesse “não, menina, venha pra cá que a gente resolve isso”. Mas eu acho que isso é companheirismo, entendeu? É companheirismo, como eu tenho com Rodrigo, como eu tenho com Carol. Ah, pode botar uma fase qualquer aí da minha vida que é tudo a mesma coisa, mas a gente pode... (risos)

É interessante relacionar esta auto-percepção de Dona Bartira com a forma como ela enxerga os seus filhos, enquanto adultos plenos, “emocional e economicamente”, “tomando todas e qualquer posição e situação que eles [tomam], com independência absoluta”.

Ainda tentando buscar que elementos poderiam ter feito com que Dona Bartira se percebesse como adulta, perguntei sobre a importância do casamento e do nascimento da primeira filha. Ela trouxe uma reflexão interessante:

Elaine: Não foi uma mudança muito radical pra senhora assim depois do casamento, ou depois da primeira filha assim?

Dona Bartira: Não, houve muito, claro, aí a gente até pode centrar nessa **fase responsabilidade**, eu fiquei muito **amedrontada**. **Com medo de errar**, eu tinha medo de errar. Eu tinha medo de não saber, não acertar a mamadeira, não sabia, tinha medo de dormir e ela chorar de noite e eu não acordar, então isso é **irresponsabilidade**. **Não é adulto não**. (risos) Entendeu? Mas eu tinha por exemplo, eu posso dizer assim de **responsabilidade**, quando eu tinha um grupo que eu era monitora, eu tinha, distribuía, mas isso é uma coisa... das mulheres, 42 mulheres, uma tinha tal problema em casa com a filha, a outra tava com um problema com o marido, outra tava com o marido não queria que trabalhasse, e você ter que tá ali naquele, você sempre tinha que ter uma palavra de apoio e

dar uma força pra essa pessoa, que se a pessoa trabalhar com a cabeça perturbada ela não produz, ela só produz quando ela tá bem com ela, quando ela tá bem em casa, quando ela tá bem com a família. E você tem que ouvir, você tem que “olha, você faz assim”, você tem que tá sempre atenta e ligada, a pessoa tava com a cabeça baixa, tava triste, então tu tem que procurar chegar nessa pessoa sem tá especulando, você tem que chegar por trás e fazer com que ela chegue a você dizer o que que tem. O que que, o que tá acontecendo com ela. “Não, nada, é que o marido não tá mais querendo que eu trabalhe”. Então a gente vai ter que criar uma maneira de que ele sinta que é bom ela trabalhar, como vai fazer isso? Então você tinha que tá como marionete (inaud) pra fazer o grupo andar. E o grupo andava e chegava, sempre a top, sempre era top de venda.

Elaine: E a senhora se sentia segura, então, nesse papel?

Dona Bartira: Absolutamente.

Elaine: Mais do que a primeira experiência de mãe?

Dona Bartira: [...] que daí o tipo da coisa, se ali não der certo [...] é o meu trabalho. E meus filhos era a minha vida! Aí era diferente. Meus filho era minha vida, eu tinha assim quase uma obsessão, tinha que dar certo, e o trabalho não, trabalho a gente... eu faço outro, eu faço outro tipo de trabalho. Então sempre levei assim, sabe?

Assim, ela diferencia a “fase responsabilidade” iniciada com o nascimento da filha, marcada por medos e, portanto, de “irresponsabilidade”; com a “responsabilidade” de ser a monitora de um grupo de 42 mulheres. A idade adulta era remetida para a vida profissional, mais do que para a experiência da maternidade. Talvez porque aquela lhe parecesse menos amedrontadora e ela se sentisse mais segura, talvez porque esta fosse irreversível, a “sua vida”.

Seu Donizete: “ser adulto é agir com responsabilidade”

Seu Donizete foi entrevistado em 12 de junho de 2007, em sua residência na Avenida Rosa e Silva, em Recife, onde mora com a esposa, Lúcia, e suas duas filhas, Gabriela e Júlia. Nascido em 1954, na época Seu Donizete estava com 53 anos. Engenheiro Eletricista e Eletrônico, ele tem atualmente sua própria empresa de manutenção de circuitos internos de TV.

Ao falar de sua trajetória – mesmo a profissional – Seu Donizete prefere começar pela vida familiar. De fato, muito da forma como ele encara a vida e como trilhou seus passos tem relação com um evento importante de sua infância – a morte precoce do pai.

Seu Donizete: Não, vê bem. Então como eu te falei, meu pai é:, meu pai era médico, meu pai veio de São José da Lajem, uma cidadezinha bem pequena, ele foi pra Maceió e de

Maceió foi pra Recife. Fez Medicina aqui, morou até na Tamarineira⁴⁷, essas coisa toda. E meu pai, ele morreu com 37 anos, 37, minha mãe tinha 32 e nós éramos seis filhos, essa época o mundo era diferente do mundo de hoje, daí aquilo que eu disse, minha mãe era do lar e depois teve que se virar, certo? Teve que começar a trabalhar também. Então nós sempre tivemos lá em casa uma cultura de trabalho, trabalho até doméstico, de lá em casa, apesar de morar numa casa grande mas a gente é que varria, lavava, lavava banheiro, tudo a gente fazia, antes da escola, mas sempre muito cobrado pro estudo.

A partir de seus 8 anos de idade, portanto, Seu Donizete toma contato com certas responsabilidades – ajudar a mãe a manter a casa organizada, o que era partilhado entre os seis irmãos⁴⁸.

Por volta dos 17 anos, Seu Donizete começa a fazer pequenos trabalhos para a boutique que a mãe e a tia haviam aberto. Eram serviços de banco, “os estafeta da vida”, segundo ele. Para a sua mãe, o importante era que ele estivesse trabalhando.

Seu Donizete: Como tinha uma certa dificuldade financeira aí tinha essa história “tem que trabalhar, tem que trabalhar, tem que trabalhar”, tá entendendo? Tem que trabalhar. Isso era muito cobrado. E até me lembrei que minha mãe tem uma história de, a gente conheceu umas pessoas de banco ela disse “não, trabalhar no banco...”, eu tinha horror a esse tipo de trabalho de banco, teve uma época que aí eu já tava maior, “não, tem uma oportunidade de ser vendedor” eu nunca vendi nada, então tinha também esses problemas, mas tinha sempre a história de trabalhar pra se manter, trabalhar pra se manter, trabalhar pra se manter.

Mas Seu Donizete iniciava uma trajetória profissional que iria distanciá-lo do trabalho em banco ou com vendas. Nesta época, ele já fazia o curso de Eletricidade na Escola Técnica Federal de Pernambuco. Foi o período que Seu Donizete guarda como sendo o dos primeiros passos de independência, quando ele começa a se sentir adulto.

Seu Donizete: (pausa) Ah... (pequena pausa) Quando eu fui pra Escola Técnica, foi uma coisa muito boa pra mim, sabe, eu fazia ginásio no Colégio de São Bento, aí minha mãe já tinha uma relação, já conhecia o povo lá do mosteiro também aí eu comecei a ficar muito ainda numa coisa meio paternalista, dentro de um lado, que mamãe conhecia o diretor da escola, conhecia não sei quem, aí você tava naquele negócio que todo mundo conhecia todo mundo. Na hora que eu fui pra Escola Técnica, foi bom pra tudo, porque primeiro eu saía de um colégio convencional e já ia pra uma escola onde se você não assistir aula, não tem problema não, não tinha sensor na porta, e cadeado, nada disso não, então você já era independente, você saía de casa pra ir pra aula, ninguém ia mandar a caderneta de volta pra dizer “olha, ele teve falta”, entendeu como é que era? Era muito o treinamento pra faculdade, né, isso eu me lembro bem, mas eu era muito policiado. Mas aí também foi que a gente começou a sentir, tomar as atitudes sem ninguém tá com ferrão como minha mãe dizia, né, eu acho que ali a gente já começou a arrumar a cabeça.

⁴⁷ Como é conhecido o Hospital Psiquiátrico Ulisses Pernambucano, situado no Bairro da Tamarineira em Recife, onde o pai de Seu Donizete trabalhou.

⁴⁸ No dia em que Seu Donizete foi contatado para dar a entrevista, numa reunião social em sua casa, ela e a irmã brincavam nos contando o “regime militar” instaurado pela mãe para organizar a casa. Cada filho tinha uma cor e todos os seus pertences eram daquela cor (caneca, prato, escova de dentes etc.). Cada um era responsável por estes pertences.

Como Seu Donizete diz, ele foi bastante “policiado” por sua mãe, que exercia bastante controle sobre a sua movimentação e seus horários. A falta de liberdade para sair com amigos, o fato de não ter a cópia da chave da casa até os 19 anos, eram os principais objetos de conflito com a mãe.

Aos 18 anos de idade, Seu Donizete entra na faculdade de Engenharia Elétrica da Escola Politécnica da Feesp – “na velha Poli”. Na escolha da profissão, Seu Donizete aponta um amigo da família, que seria mais do que uma referência para a escolha da profissão, uma referência masculina.

Seu Donizete: Eu tenho um... eu acho que eu parti muito pra essa área foi por conta de um amigo que eu tinha, certo? Que era, ele é filho dum amigo do meu pai, médico também, que é Salustiano Gomes Lins, e ele é eletro-encefalografista, meu pai era neurologista. E eletro mexia com essas coisa de eletrônica. Eu ia pra casa de Otávio, filho de Salu, e eu e Otávio somos a mesma idade, sempre tinha umas ciências lá pra se fazer mexendo com eletrônica, mexendo com essas coisa de eletricidade, então desde pequeno eu sempre gostei de mexer com coisa de ferramenta, desde que eu desmontei meu velocípede e não montei mais, e lá na casa de Salu sempre mexia com eletrônica, daí sempre eu comecei a mexer. Tanto é que Otávio ia fazer vestibular de eletrônica, daí depois partiu pra Medicina, e passou, taí, o cabra é gênio demais. Aí sempre foi esse incentivo, acho que o grande incentivo foi. Até talvez como referência também, né, porque meu pai morreu eu tinha 8 ano de idade, aí eu tinha muito Salu como referência, né.

Como a faculdade era paga, Seu Donizete logo precisou começar a buscar uma forma de se auto-sustentar, e durante o curso já estagiou na área de formação. A mãe precisou pagar apenas parte de seu curso.

Em 1978, Seu Donizete se forma na Poli. Um ano mais tarde, com 25 anos de idade, ele se casa com Lúcia. A relação com aquela que viria ser a sua esposa havia se iniciado dois anos antes do casamento, num carnaval. Seu Donizete, em tom jocoso, diz que passou dez anos traumatizado, sem brincar o carnaval.

Seu Donizete e Dona Lúcia não chegaram a seguir as etapas “tradicionais” caminho ao casamento. Não chegaram a noivar. Como ela morava só, Seu Donizete diz que eles tinham certa liberdade e que ele às vezes “ia pra lá e ficava um bocado de tempo”. O contrário, a namorada dormir em sua casa, no entanto, não era permitido.

Seu Donizete fala da importância de arranjos “pré-nupciais” como forma dos casais se conhecerem na rotina diária antes de firmarem o casamento. Para ele, em outra de suas brincadeiras, “dar bom dia sem escovar os dentes é muita prova de amor”. A intimidade colocada pelo casamento seria algo com o qual as pessoas teriam que ver se conseguem se adaptar. Na convivência diária, importa se os hábitos e as referências são as mesmas. Ou seja,

não é apenas o nascimento dos filhos que muda a vida das pessoas, o convívio diário que ocorre com o casamento não pode ser menosprezado. Talvez por isso Seu Donizete diz ser o casamento o evento mais importante de sua vida, ao lado do nascimento das filhas.

Seu Donizete: Porque eu acho que o filho, quando ele vem, você tem que dá atenção, né, você tem que abrir mão da sua vida, depois, porque de noite, tudo isso. Lá em casa minha mãe mesmo ela dizia: “Quem pariu Mateus que te balance.” E minha sogra era do Rio de Janeiro, então a gente sempre, as meninas sempre ficavam com a gente.

Elaine: Então o que mudou na vida do senhor com os filhos? Quer dizer, vou perguntar diferente, mudou mais a vida do senhor, ter casado eu depois os filhos?

Seu Donizete: Acho que os filhos, casado também é... casado você, acho que é bom antes de casar fazer um estágio, viu, viver um pouco tempo juntos. Porque querendo não querendo você passou a vida toda tendo a sua vida, né, depois você começa a dividir a sua vida, você viveu só, eu vou prum canto, vou pro outro, é diferente. Não é fácil você namorar quarta, sábado e domingo, era muito fácil, antigamente era assim, né? Não tinha quem brigasse⁴⁹.

A chegada das filhas foi bem planejada por Seu Donizete e sua esposa. Um ano após o casamento, em 1980, nasceu Gabriela, e quando esta tinha três anos nasceu Júlia, encerrando a prole. A questão do planejamento familiar parece ser algo que Seu Donizete considera muito importante e que procura transmitir às filhas.

Seu Donizete: dois filhos, exatamente. Mesmo sendo duas meninas, nunca quis história de tentar o terceiro pra saber se era um homem não. Eu acho que, eu acho que filho, eu sempre digo “filho é uma beleza”, certo? Mas tem que ser muito bem planejado, que se você não tiver com a condição, por exemplo, uma uma, uma estudante ter um filho, é ela jogar o curso dela fora, né? Que é **complicado ela administrar faculdade, não é fácil, eu acho que é burrice hoje você ficar grávida.**

Elaine: e o senhor costuma conversar isso com as filhas?

Seu Donizete: Digo. Não assim, delicadamente, mas digo. Isso é muita burrice. No início eu conversei “não engravide não, se engravidar pode jogar os planos todos fora!”

Com relação às expectativas de Seu Donizete com o futuro das filhas, ele parece ver nelas um investimento maior em suas carreiras do que com planos para a formação de suas famílias.

Seu Donizete: Não sei, às vezes me perguntam, os amigos me encontram e me perguntam se eu tô com neto, não sei que, eu disse “não, não tenho neto”. “Ta casada, as meninas?”, eu não sei não, às vez eu acho que as meninas... é::: são muito, Gabriela eu acho são mais enfocada em negócio com o trabalho, eu acho que uma relação diferente, né, eu acho que ela pode até (pequena pausa) viver junto, mas não agora, assim, pra filho agora não, acho que o plano dela é outra coisa, na cabeça dela tem um foco muito profissional, hoje, eu acho que ela tem um foco muito profissional. A maioria das pessoas tem filho em média hoje todo mundo tá tendo filho com mais de 30 anos, então...

Por um lado, Seu Donizete demonstra o desejo de ser avô, quando diz que seria

⁴⁹ Vide adiante os comentário de Dona Sílvia e Dona Marisa sobre os namoros e casamentos de sua época.

um avô “bem babaca”, que brinca com os netos, e que hoje brinca de avô com a filha de seu sobrinho. Por outro lado, ele diz que não pressiona as filhas com relação a isto, pois esta é uma decisão que compete a elas. Na época da entrevista, as duas jovens não tinham namorado – estavam “tudo largada” – o que talvez reforce a idéia, para Seu Donizete, de que elas não estavam colocando planos familiares como prioridade.

A pressão com relação algum evento não realizado por suas filhas, quando estas atingem a idade que seus pais tinham ao realizá-lo, pode vir na forma de brincadeiras, quando Seu Donizete “cutuca” as meninas: “Na sua idade eu já estava casado”.

Na educação dada às meninas, Seu Donizete e a esposa buscaram estimular responsabilidades, antes que exercer controles sobre elas.

Seu Donizete: Agora, uma coisa que a gente sempre cobrou é *responsabilidade*.

Elaine: aham.

Seu Donizete: responsabilidade. História de faltar a escola, não. “Faça a sua maneira, a sua responsabilidade é a escola”. Eu tenho um exemplo de acho que não foi Gabriela não, acho que foi Júlia, existia aquele negócio de Recifolia, no passado, se lembra? Era um negócio em Boa Viagem.

Elaine: aham.

Seu Donizete: aí ela quis ir, eu disse “amanhã você tem aula”, disse “eu vou”, disse “cê vai?” [...] aí foi, naquela época chegava de 4 hora da manhã, 4 hora da manhã, o que, quando deu 6 hora eu (bate na mesa) “escola!”. “Eu cheguei 4 hora!”, “o acordo era Escola”. É escola, entendeu, eu acho que tem que saber, regra tem que ser cumprida.

Para Seu Donizete, “responsabilidade é fazer sem ninguém mandar fazer”. Ou seja, á algo que tem a ver com autonomia, iniciativa de atitude. Na educação das filhas, ele buscou formas de estimular isso nas meninas:

Seu Donizete: Eu acho que o grande problema deles hoje é que eles tem que tomar decisão muito cedo. É aquela história “o quê que eu vou fazer?” é muito cedo, eu acho que a cabeça não tá muito boa. Eu acho que uma coisa que ajudou muito as meninas aqui em casa, ajudou muito acho que foi elas nadarem, sabe? Elas fizeram esporte, é::: nadaram em equipe, tudo isso, então um esquema quase profissional, elas nadavam todo dia, tinham a obrigação de nadar todo dia, então elas nadavam todo dia, mas aí iam pra o clube, mas aí levavam a tarefa, tinham que fazer a tarefa, e elas ficavam sós, as meninas tinham tanta responsabilidades que tinham uma conta aberta na cantina, e elas só comiam aquilo que podiam comer, não tinha essa história de ultrapassar não, elas sabiam, eu só fazia pagar, não tinha... se elas chegassem lá e pedissem mais o cara ia dar, mas elas só comiam... **eu acho que pra ter responsabilidade você tem que dar responsabilidade, aprender a usar, aprender usar liberdade**, como dizia uma tia minha que era educadora no Rio de Janeiro “aprender a usar a liberdade”.

Desde antes de sua formatura, Seu Donizete já trabalhava. Em 1976, ele trabalhava para o Estado, no então Detelpe (Departamento de Telecomunicações de Pernambuco). Como

o trabalho era mais na área de telecomunicações, Seu Donizete resolveu voltar à faculdade como portador de diploma para se formar também em Engenharia Eletrônica.

Durante um ano e meio dos mais de vinte em que Seu Donizete trabalhou para a Detelpe, ele foi cedido para trabalhar no Metrorec. Ele não estava se entendendo com um diretor, e recebeu então um convite de um amigo que já trabalhava no Metrô e que estava com problemas justamente na área de atuação de Seu Donizete. Segundo ele, esta era a época do “boom” deste setor no serviço público. Todo mundo queria trabalhar no Metrorec, por conta dos salários que eram muito bons.

Seu Donizete lembra da experiência para exemplificar porque não estimula que suas filhas se dediquem a entrar no serviço público, principalmente fazendo concurso para trabalharem em áreas que não são aquelas de sua formação:

Seu Donizete: então vê bem, eu sou do tempo do Metrorec, o Metrorec foi um sonho que chegou em Recife. Pagava assim salário de assustar, quem não trabalhasse no Metro era frustrado. E eu vi muita gente que fazia Direito, muito médico, muito engenheiro fazer concurso pra maquinista. E o pessoal passou e virou maquinista do Metrô. E por um problema interno que teve no Detelpe, que eu não consegui me entender com um diretor que foi trabalhar lá, porque eu não concordava com o que ele tava fazendo, e o Metrô me pediu emprestado, eu tinha um ex-colega meu que era engenheiro do Metrô e ele tava com um problema exatamente na área minha de trabalho, aí ele disse “tu quer fazer um desafio?”, eu disse “qual é”, aí ele disse “vem aqui pra o Metrô?”, aí ele me pediu emprestado, eu passei um ano e meio lá e o salário era assim cinco vezes maior do que o meu, impressionantes os salários. Mas o que você tinha de gente revoltada, “que eu sou advogado, eu me formei em Direito, e aqui eu sou maquinista!!!”, “mas você fez concurso pra maquinista, meu”, entendeu? Eu vi muita gente frustrada, eu tive colegas pro próprio Detelpe que fizeram concurso pra Secretaria da Fazenda, aí depois de tá na Secretaria da Fazenda disse que “eu não agüento mais tá em posto fiscal...”. Então eu acho que isso é uma armadilha, que vai criar um bocado de frustração, vai dar um bocado de dinheiro a psicanalista.

Como a carga no Estado era de seis horas diárias, Seu Donizete já prestava alguns serviços a empresas privadas neste tempo. Em 1996, ou 2000 – Seu Donizete não lembrava exatamente – num plano de demissão voluntária, ele sai definitivamente da Detelpe e passa a trabalhar como funcionário da Nordeste Segurança. Tendo a oportunidade de se especializar no Brasil e no exterior em sua área, Seu Donizete se torna um executivo da empresa, função que lhe proporciona um bom salário, e uma grande carga de cobranças.

Em agosto de 2005, numa remodelação da empresa, Seu Donizete foi demitido. Embora se possa levantar que a demissão após os 50 anos seja algo naturalmente dramático, por conta da dificuldade de reinserção, Seu Donizete aponta um aspecto diretamente ligado ao seu curso da vida, que influenciou o caminho que ele escolheu para se voltar na ocasião. A inesperada demissão chegou num momento da vida de Seu Donizete em que ele considera que

não precisa mais adquirir nada além do seu sustento.

Seu Donizete: mas é que também a... o que acontece? Eu, hoje, a gente com 53 anos, aí expectativa da gente na vida é outra, já, né, é o que eu e a minha mulher diz, a gente não precisa mais comprar um beliro. Eu não preciso comprar um beliro, eu já tenho casa pra morar, tenho carro, as filhas já tão encaminhadas, aí você vive com pouco, né. Você se satisfaz com pouco.

Elaine: aham.

Seu Donizete: o que importa é a qualidade da vida né, a qualidade da vida, é você decidir o que vai fazer e não os outros decidir e você ter que engolir de goela a baixo.

A decisão de Seu Donizete, bem de acordo com a fase de plena maturidade que ele parece viver, na qual vê qualidade de vida como autonomia, foi “dar uma chance a ele mesmo”. Como ele “sempre teve um plano B na vida” e tinha um dinheiro guardado, com o qual poderia manter-se por um período, ele resolveu arriscar e montar a sua própria empresa.

Seu Donizete: Foi uma decisão em cima de que eu já tava aceitando que eu tinha que sair daquela rotina, sabe? Que eu tava numa pressão muito grande, você, você como executivo aquela história, você ganha bem, mas você também tem uma pressão muito grande, 24 horas você só pensa naquilo, pensa na na. Eu tava sentindo que eu precisava sair, minha mulher que dizia que eu já tava ficando doente. Aí tem a hora. Eu sei que é, que foi interessante que tem que acontecer alguma coisa assim pra você despertar, né, e foi um amigo meu que me alertou pra isso, ele disse: “eu vim lhe chamar eu vim aqui lhe chamar pra trabalhar na minha empresa, a missão que eu tenho do meu patrão é você ir trabalhar com a gente na minha empresa. Mas eu como já passei por essa situação que você tá passando, não aceite solicitação de ninguém. Para pra pensar durante 30 dias, porque as pessoas vão lhe chamar”, e aquela história da perda, né, você se sente muito fragilizado na hora que a pessoa... na hora que você, é a história de, do emocional na hora que você é demitido, tem isso também. Ele “não vá por aí, não vá pelo emocional.” Aí tô tocando, tô me divertindo. Quando alguém “como é aí, pá, tá ganhando dinheiro?”, eu digo “meu amigo, eu tô me divertindo”

Elaine: (risos)

Seu Donizete: então me deixa do jeito que tá.

Elaine: aí o senhor tem também, tem mais tempo pra o senhor agora do que antes?

Seu Donizete: tenho. Com certeza.

Elaine: pode fazer o horário, né?

Seu Donizete: Posso fazer o horário, exatamente. Um Note book e um celular...

Elaine: um celular

Seu Donizete: eu acho muito engraçado isso, às vezes a gente tá na praia, o pessoal liga pra mim “pode atender agora? Pode falar um minutinho?” “vou parar uma tarefinha aqui”, mas a tarefinha é deixar a vassoura num canto. Acho muito interessante isso.

A empresa de Seu Donizete presta manutenção preventiva e corretiva em circuitos internos de TV. Ele percebeu, no decorrer dos anos de trabalho, que havia uma “cultura de vendas” destes circuitos, mas que os comerciantes não se responsabilizavam com a manutenção.

Com pouco mais de dois anos de implantação, a empresa de Seu Donizete já se mantém. Ele aponta que houve uma caída na renda familiar após a sua demissão, mas que os

custos da família também são menores, o que lhe faz se sentir como um legítimo brasileiro classe média.

Seu Donizete: veja bem, a gente tá numa nova fase, né, porque eu tinha um emprego, há dois anos atrás eu tinha um emprego fixo, era, não deixa de ser meio pedante mas eu era um executivo numa empresa, então eu ganhava bem, ganhava muito bem, aí foi quando eu saí, eu fiz uma opção a trabalhar pra mim mesmo, aí eu tô com uma empresa, mas aí eu vivo com a renda que eu tenho duma poupança que eu fiz, e hoje a empresa já tá se mantendo, então tinha um patamar deste tamanho... e foi caindo.

Elaine: Mas o senhor se considera como sendo como o que, classe média?

Seu Donizete: *Classe média...*, com certeza, brasileiro classe média. Todo mundo também se considera classe média, né, ninguém quer...

[...]

Seu Donizete: E outra coisa você tem que ver dentro da sua situação real, hoje, “porque você é classe média?” Hoje, por que eu me considero classe média? Acho que a renda familiar é a minha renda e a renda de Lucinha, da minha mulher. Aí você tem que analisar quais são as suas despesas? Tá certo? Ah, a gente mora num local próprio, hoje as meninas Gabriela já tá formada, não tem despesa, Júlia é da Universidade Federal, entendeu como é? Então você o que você ganha é pra você gastar no seu dia-a-dia, então eu acho que tá dentro da classe média.

Quando compara sua trajetória profissional com a de suas filhas, Seu Donizete percebe diferenças, pelas próprias condições financeiras diferentes, ele acredita que enquanto sua mãe deu uma educação com ênfase no trabalho, ele e sua esposa enfatizaram na educação de suas filhas muito mais o estudo. Mas as mudanças iriam além disso, pois os jovens de hoje não estariam priorizando tanto a independência financeira quanto a de atitude.

Elaine: Agora se for pra o senhor comparar um pouco com a trajetória das filhas do senhor, com relação ao trabalho mesmo, é diferente, daí?

Seu Donizete: é diferente.

Elaine: o que que é diferente?

Seu Donizete: As meninas a gente, é:::, eu acho que como lá em casa tinha uma certa dificuldade assim na parte financeira, eu acho que (apesar que a dificuldade financeira lá da gente é incomparável com a dificuldade real hoje das pessoas, entendeu, eu acho que era outra época, a gente sempre estudou em escola boa, sempre estudou em escola boa) mas eu acho que mamãe falava muito nessa história de que tinha que trabalhar, e aqui em casa tanto eu, Lucinha trabalhando, também, sempre foi duas pessoas trabalhando, minha mulher sempre trabalhou, teve uma boa remuneração, aí a gente sempre deu muita ênfase a estudo, muita ênfase a estudo, certo. Muita ênfase a estudo. E eu acho também que hoje o::: a juventude eles tem assim um discurso de independência que é independência de atitude, não é independência financeira, tá entendendo? Eles são mais presos dentro, talvez até pela liberdade que a gente dá, eles são mais presos a casa. A gente não tinha essa liberdade que eles tem hoje do namorado vir dormir na casa da gente, nada disso. Você pra fazer isso no passado tinha que morar fora de casa. Tá entendendo? Então hoje eu acho que essa, a relação é mais aberta, na hora que a relação é mais aberta, quando você tem uma relação aberta em casa eles demoram mais a tomar o rumo deles próprio. Tá entendendo? Eu acho isso aí.

Elaine: mas o senhor vê isso como uma coisa boa pra família do senhor, ou como uma desvantagem?

Seu Donizete: não, eu acho que, isso eu vejo como uma coisa boa, não vejo como desvantagem não. Eu acho que filho tem que tá perto mesmo. Não é que a gente tem sob domínio, mas é sempre bom eles tarem perto. Isso eu vejo como bom, o que eu vejo como ruim, é que as referências de trabalho eu não sei se é a mídia ou até a própria convivência

deles, eles tem uma referência de trabalho assim que não é muito a realidade do mundo, sabe? Eles sempre vêem assim uma referência de trabalho a pessoa que ganha bem, a pessoa que tem um carro, mas tem gente que rala mesmo, eu sempre bato muito aqui em casa, não, tem muita gente que rala mesmo que não tem um salário alto, o chefe reclama é normal o chefe reclamar, não vai ter essa moleza de televisão não.

Elaine: De novela né?

Seu Donizete: de novela. Hoje eu recebi até um e-mail, onze posicionamentos de Bill Gates, eu não gosto de olhar essas coisas não, mas uma das coisas que ele diz é isso, o cara tem que ralar mesmo, o chefe tá ali a função do chefe é cobrar. No dia que você for chefe você vai cobrar também. Eu acho que essa realidade da coisa que eles não têm muito, talvez porque os nossos filhos eles são filhos de uma classe média que teve os seus áureos tempos, né. Eu sou da classe média, e da classe média que evoluiu assim. Eu sou do tempo que a gente se formava na faculdade e o pessoal ia buscar a gente pra trabalhar lá dentro. Então todo mundo tinha um trabalho, tinha condição de todo mundo comprar uma casa de praia, mas as praias tão cheia de casa pra vender agora, porque a própria classe média tá sendo achatada, na hora que a gente tá sendo achatado os salários não tão sendo repostos da mesma maneira, então se você for conversar com um funcionário da Chesf⁵⁰, que eu acho que é uma pessoa na minha opinião, que eu tenho uma visão geral da coisa, é uma pessoa bem-remunerada, mas eles já receberam mais, então hoje eles reclamam. E essa juventude é que tá sendo massacrada, essa juventude tá sendo contratada pra substituir esses grandes salários. Então na hora que você pega um engenheiro recém-formado, coloca numa empresa, ele ganha dois mil reais ele reclama, porque ele sabe que tem um cara ali que tá ganhando quatro cinco, mas a idéia é que o dois mil vai forçar a demissão do que ganha quatro cinco, vai ficar ali. E eles não contratam ninguém como engenheiro, é tudo analista, eles botam outro nome, pra não cair naquela história do CREA, do salário.

As mudanças na forma como os jovens ingressam no mundo do trabalho – poderíamos ampliar e falar em transição à adultez? – são, portanto, diferentes hoje porque o contexto sócio-econômico é outro, e no caso de famílias como a de Seu Donizete, a situação financeira e as relações familiares que também não são mais as mesmas.

Além disso, Seu Donizete deixa claro o que quer dizer sobre “dificuldade financeira”, que não era a mesma que as pessoas enfrentam hoje, já que ele e seus irmãos tiveram acesso à educação de qualidade. Foram as boas escolas que Seu Donizete e irmãos freqüentaram que provavelmente ajudaram-lhes a ter acesso à universidade e, mais tarde, a boas colocações no mercado de trabalho.

Seu Donizete diz que não acredita que a geração de suas filhas esteja tendo boas referências com relação ao mundo do trabalho. A julgar por outras colocações dele, ele seria mais realista com relação às cobranças dos chefes, as injustiças (“o mundo é injusto”) que toda pessoa enfrenta, seja qual for o emprego. Mas ele também diz que o mundo de hoje está muito mais duro: não há abundância de empregos, e ter um curso superior não é mais garantia de uma boa colocação profissional.

Se a geração de Seu Donizete era a geração “milagre econômico”, como ele diz, que conseguiu crescer socialmente com o seu trabalho, hoje a “geração classe média” filha da

⁵⁰ Companhia Hidro Elétrica do São Francisco.

anterior, enfrenta contextos diferentes. Foi o fato dos pais terem tido êxito em suas carreiras, que possibilitou a esta segunda geração ter acesso à educação e estar bem preparado para um mercado cada vez mais competitivo e cruel.

Seu Donizete: É, geração classe média, né? A geração classe média. Não é milagre econômico mas é geração classe média, exatamente, que a gente foi na época que o Brasil começou a crescer e a gente tava saindo das faculdades, e tinha emprego pra todo mundo, todo mundo se estabeleceu, todo mundo tinha um emprego no governo, né? Foi o tempo do milagre econômico, porque querendo ou não querendo a gente é profissional do milagre econômico, 70, 80, 90, aí depois é que a coisa começou a apertar.

Elaine: Começou a apertar. O senhor vê então diferença na maneira de se tornar adulto do senhor e de suas filhas?

Seu Donizete: sim.

Elaine: Disso tudo que o senhor tá falando, né?

Seu Donizete: A gente era instigado a ser independente.

Elaine: O senhor acha que hoje é mais difícil pra elas serem adultas? O lado adulto da vida delas é mais difícil ou é mais fácil, como que o senhor vê?

Seu Donizete: O lado profissional é mais difícil, apesar que elas serem bem mais preparadas que a gente foi, certo, mas é mais difícil, elas serem... mas elas foram bem mais preparadas, agora elas também tiveram muito mais *apoio* nesse campo profissional. Ou seja, tanto eu quanto a minha mulher nós tivemos muito mais experiência profissional do que a minha mãe tinha, tá certo? Lá em casa não tinha nada de empreendedorismo, nada, nada, nada, nada, que a escola não ensina, tava até falando com a Lucinha essa semana, a escola não ensina você ser empreendedor nada. A escola ensinava na época da gente era você estudar e entrar num órgão público desse e morrer lá dentro, naquela época era isso. Mas acho que eles estão mais preparados, mas a guerra aí fora tá maior, a guerra tá bem maior, mas eles são mais preparados, com certeza, eu me encanto quando eu começo a trabalhar com esses meninos novo, eu disse “puta merda, que menino sabido da gota esse”, só falta experiência, né. Agora são muito mais preparados, a juventude é muito mais preparada. Acho que tiveram oportunidade, né?

A oportunidade de que fala Seu Donizete, poderia ser vista como oportunidade de se preparar para o contexto atual, muito diferente dos tempos de “milagre econômico”. Assim, as filhas de Seu Donizete tiveram acesso a cursos de línguas, experiências no exterior e boas faculdades, mas não deixam de fazer parte de uma geração que precisa articular uma formação ampla para concorrer aquilo que para os pais, uma vez formados, era quase garantido: um bom emprego.

Seu Donizete tem uma visão geral do contexto de inserção na idade adulta muito elaborado. Ele aponta para várias dimensões envolvidas neste período do curso da vida, instigando-me a pensar a questão de uma maneira bem abrangente. Assim, ele não apenas localiza as filhas como sendo jovens adultas, como também nos dá subsídios para definir juventude e adultez e pensá-las não apenas como fases consecutivas do curso da vida.

Com a própria idade, Seu Donizete diz se sentir jovem, mas perceber que cada vez mais é visto como um homem “meio velho”.

Seu Donizete: Eu já hoje eu me acho um jovem, né? Mas eu tô a cada dia mais consciente de que as outras pessoas já me acham meio velho, sabe? Porque por onde eu ando é todo mundo “o senhor, o senhor, o senhor”. Eu fui pra São Paulo agora o pessoal “o senhor, o senhor, o senhor”, eu já desisti, deixa, pode me chamar de senhor, cabeça branca e todo mundo “o senhor, o senhor, o senhor”, alguns amigos meus me chama de velhinho, quando eu ando com gente mais nova, “velhinho, vamo aqui?”, “vamo s’embora”, ou “tio”. Mas eu acho que eu tenho o espírito mais jovem, mas eu acho que a idade mesmo, a gente tem que assumir que a idade tá chegando.

Quando relacionamos com a forma como Seu Donizete define juventude e adulez, fica mais claro:

Elaine: Agora o que o senhor define como o que é ser jovem, e também o que o senhor entende por ser adulto? Se quiser falar os dois pra comparar. Como que o senhor define assim, juventude e idade adulta?

Seu Donizete: Eu acho ser adulto, **ser adulto é agir com responsabilidade, sabendo que tudo que fizer hoje tem reflexo no futuro**, isso é ser adulto, mesmo quando for fazer uma besteira, saber que aquela besteira eu vou fazer, e não adiante depois vim dizer “to arrependido não”. Eu acho que isso é ser adulto.

Elaine: E ser jovem seria não saber isso ainda? Não ter aprendido isso?

Seu Donizete: Não, não, não, eu acho que ser jovem... é eu acho que você pode ser um adulto jovem, tá entendendo? Eu acho que ser jovem é aquela pessoa que tem a ... é porque não sei, se você aqui chama de jovem - imaturo, eu acho que não, acho que **ser jovem é ser essa pessoa aberta a coisa nova, que tem aquela sede de provar novas aventuras, sede do conhecimento** também, entendeu? **Então eu acho que adulto pode ser jovem também.**

Elaine: É porque até pra fazer as perguntas a gente vê como duas coisa separadas né? Mas eu acho que muita gente não vê a vida como uma etapa, depois outra etapa, depois outra etapa, né?

Seu Donizete: Eu acho que você vai amadurecendo, você vai crescendo junto...

A responsabilidade que define a adulez seria relacionada com algum tipo de consciência das conseqüências de seus atos – não necessariamente com atitudes responsáveis, pois Seu Donizete fala de saber as conseqüências de uma “besteira” quando for fazê-la. Se pensarmos que com experiência que se adquire este saber, podemos imaginar que a pessoa se torna adulta, sim, com determinada idade, quando já passou por diferentes experiências. Só não se pode é definir qual esta idade, até porque Seu Donizete não relaciona juventude com imaturidade, dando a entender que um jovem pode ser, também, adulto.

Também com juventude, quando é definida como a sede de conhecer coisas novas, não se pode definir uma idade ou um evento limite. Juventude é um estado de espírito, e, portanto, um “semi-idoso”, como ele jocosamente se define, pode ser, também, jovem.

No relacionamento com as filhas, assim como outros jovens, Seu Donizete, um realista, parece ser aquele que tenta puxar os mais jovens para a “realidade”. Ele próprio se vê como sendo um pouco duro às vezes, e se há algum atrito na relação entre ele e as filhas seria

por conta disso:

Seu Donizete: Com as meninas eu tenho uma relação boa, num... mas eu acho que a gente conversa mas não tem *muita* conversa, eu acho que procuram muito mais na mãe do que eu, às vezes a gente não tem muita paciência, eu falo as coisas, com essa história de, eu sou muito (bate na mesa duas vezes) sou até duro nessa coisa, quando começa a reclamar, “ah, que no trabalho”, a vida é essa, não adianta, eu não sou muito de fantasiar não, e a maneira que eu digo, Lucinha diz que a maneira que eu digo é que estraga, aí a gente tem uns atritos normal, é normal, mas a gente tem uma convivência boa.

Seu Donizete, que diz ficar encantado em trabalhar com jovens (“meninos sabidos da gota”), diz que tenta orientá-los de acordo com as experiências pelas quais já passou, mas que às vezes é visto como aquele que quer saber de tudo, quando na verdade a idéia dele é repassar o que já aprendeu com seus erros.

Seu Donizete: Eu digo muito isso, principalmente trabalhei, muitos jovens trabalhou comigo, eu dizia assim, o cara “vou por esse caminho”, aí eu digo “não vá por esse caminho não, eu já trilhei esse caminho”, aí o cara “você quer saber de tudo”. Eu digo: “eu não quero saber de tudo, só que nesse caminho eu já dei a topada, quer dar a mesma topada que eu dei? Vá lá na frente e dê a topada, agora depois volte com o pé inchado pra ver se eu não dei a topada”. Aí às vezes “não, quer saber de tudo”, “ta bom, então dê a topada”. Eu sou assim muito realista, né, a coisa é essa, é essa, não tem...

* * *

Seu Donizete passou por algumas mudanças em sua vida a partir de um evento dramático – a sua demissão aos 51 anos de idade – mas que acabaram se tornando positivas, ou podem ser vistas desta forma, quando analisamos o período do curso da vida no qual ele estava. Aliás, talvez seja mais acertado dizer que foi a leitura que Seu Donizete fez de seu posicionamento no curso da vida que colaborou para esta positivação da crise, levando-o a voltar seus esforços para a solidificação de uma carreira de empresário.

Com relação a transição da juventude à adultez, Seu Donizete fala de responsabilidade como algo que ele teve que ter desde criança, que ele tentou ensinar para suas filhas desde cedo e que ele define como autonomia e como iniciativa de atitude. Agir com responsabilidade seria ter consciência das conseqüências de seus atos – algo que as pessoas podem adquirir desde jovens. Ser jovem, por outro lado, é estar aberto a novos aprendizados, algo, portanto, que pode fazer parte da vida de um adulto ou de um idoso, que podem ser jovens de espírito.

Seu Donizete, um membro da “geração milagre econômico”, acredita ainda que as

coisas mudaram e que suas filhas enfrentam hoje outra realidade. Ele vê, assim, a forma como suas filhas se tornam adultas como consequência delas serem da geração seguinte à sua. Uma geração que tanto teve a oportunidade de se qualificar para o mercado de trabalho, quanto teve a necessidade de estar preparada para um mercado mais difícil, que vem “achatando” a classe média e massacrando as novas gerações, fazendo-as se submeter a postos mal remunerados, na substituindo da geração anterior.

3

AS NOVAS FORMAS DE SE TORNAR ADULTO

Foram entrevistados nove jovens, de diferentes contextos sociais e com diferentes experiências de assunção à adultez. A idéia de trazer mais detalhadamente as narrativas de Vitória, Bruna e JJ foi justamente dar um breve panorama da diversidade de formas de se tornar adulto, mostrando como ela coloca desafios para a sua compreensão.

Os três foram entrevistados em duas ocasiões, com um intervalo de, em média, dois anos entre os dois encontros. Neste interstício, muito de suas vidas havia mudado, e junto com elas os seus dilemas, suas percepções sobre o curso da vida e as idades e a sua auto-percepção enquanto jovens e adultos.

Algo que ficou claro, neste sentido, é que nossas idéias sobre as idades da vida se modificam conforme nos deslocamos no curso da vida. Não há visão a-etária sobre as idades, e nisso não pesam apenas os números vividos, mas a forma como os vivenciamos, as experiências pelas quais passamos.

Também podemos refletir sobre como os estudos sobre o recorte do curso da vida da chamada “transição à adultez” podem ser delineados pelo momento da transição pelo qual estão passando os jovens que participam das pesquisas. Se toda a vida é uma transição, como temos pensado nesta tese, juntamente com os interlocutores, este momento parece ter sido visto também como o de mudanças esperadas – um emprego, uma residência, uma família, são todas dimensões que compõem as expectativas dos indivíduos para o resto de suas vidas. Os diferentes posicionamentos caminho à assunção da adultez refletiriam, desta forma, em diferentes sentidos dados à juventude, à adultez e às transições da vida.

Vitória: dos últimos anos da juventude à juventude madura

Vitória foi entrevistada em 09 de dezembro de 2004, em seu local de trabalho em Recife, durante um pré-campo antes da elaboração do projeto definitivo, e em 23 de junho de 2007, em sua casa em São Paulo. Eu a conhecia apenas superficialmente, mas após este primeiro encontro passamos a ter uma relação de amizade mais estreita. Isto foi bastante importante para o amadurecimento de muitas questões pertinentes a esta tese, inclusive porque nos encontros que tivemos durante este período a temática da assunção da adultez sempre esteve presente de uma forma ou de outra. Assim, compartilhamos decisões, conquistas e frustrações em nossos campos de trabalho, planos sobre moradia, relações conjugais e familiares⁵¹.

Ela também foi o primeiro contato feito para a pesquisa que vivenciava, especialmente em 2004, uma espécie de “crise” por sentir que estava deixando de ser jovem, ou melhor, que estava nos últimos anos de sua juventude, mas sem ter realizado algumas expectativas que imaginava que teriam sido realizadas até aquela idade. Assim, o convite para ser entrevistada foi recebido por ela como algo bastante significativo: era como se eu, na qualidade de pesquisadora, corroborasse a idéia de que a “crise” que ela vivenciava se tratava de um fenômeno. Ou seja, havia algo de específico na maneira como os jovens como Vitória estavam se tornando adultos, e quando ela falava de suas expectativas frustradas ela se referia à mudanças no mercado de trabalho, nos estilos de vida, na vida urbana violenta do Recife enfim, ao fato de ela estar enfrentando situações bastante diversas daquelas enfrentadas pelos seus pais em sua assunção do *status* de adulta.

Vitória nasceu em Recife, em 1978. É formada em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Pernambuco e na época de nossa primeira entrevista trabalhava como diretora de arte/criação⁵² em um bureau de criação de alguns amigos. Ela morava com os pais num apartamento no bairro de Setúbal, também em Recife.

Seus pais, Seu Amaro e Dona Estela, que foi outra interlocutora desta pesquisa, eram auto-didatas, como Vitória os define, e haviam tido trajetórias de ascensão social, que como veremos, refletem na maneira como Vitória se vê tornando-se adulta.

Naquele primeiro encontro, Vitória falou bastante sobre como se sentia com

⁵¹ Não quero sugerir que relações de amizade sejam importantes ou necessárias para o trabalho de campo antropológico, apenas apontar que neste caso tratou-se de uma experiência enriquecedora.

⁵² O diretor de arte é responsável pela identidade visual das peças publicitárias e sua unidade (a homogeneidade na comunicação do produto). O diretor de criação é quem dirige o departamento de criação de uma agência.

relação a sua idade, dando pistas para pensarmos que para a geração dela a transição à adultez, enquanto momento de “crise”, se coloca como um período delimitado do curso da vida, embora não tenha fronteiras nítidas.

Elaine: Vitória, com relação à idade, como é que você acha que você se encaixa? Na tua faixa etária... jovem... adulto...

Vitória: Como eu me classifico?

Elaine: É.

Vitória: Eu me classifico nos últimos anos da minha juventude. (risos)

Elaine: Nos últimos anos?

Vitória: Eu tô realmente passando da juventude pra fase adulta mesmo. Tem coisas que eu já não me vejo mais fazendo, tem coisas que eu me pego querendo fazer, assim, porra, me enxergo muito na minha mãe, velho, fico olhando assim até nas fotos começo assim reconhecer, a mudança do, da fisionomia mesmo, assim, dos trejeitos, das maluquices, começa a mudar mesmo assim. E eu tenho me pegado cada vez mais me parecendo mais com meus pais, deixando de ser aquela figura louca, jovem, exclusiva, que você é até acho que uns vinte e um, vinte e dois anos, assim. Aí eu me classificaria assim, nos últimos anos da minha juventude. Exatamente na fronteira.

Vitória fala de uma mudança em sua auto-percepção. Sente-se cada vez mais parecida com sua mãe, vê muito de seus pais em seus gestos. A compreensão das atitudes dos pais também parece ser outra. Em outro momento desta entrevista, ela disse que há alguns anos se incomodava com os pedidos de satisfações sobre onde e com quem estava, que sentia como uma forma de controle de seus pais. Hoje, liga espontaneamente para dizer a sua mãe e a seu pai onde está e em que hora vai chegar em casa, não porque eles lhe peçam, mas porque ela deseja.

A mudança na forma como ela se vê – talvez as mudanças nas próprias expectativas sobre si mesma – é um primeiro fator apontado por Vitória ao pensar na forma como ela se percebe com relação a sua idade. Ela tinha clareza do momento pelo qual estava passando, um momento de transição, que para ela era um tanto quanto problemático. Se pensarmos que os adultos entrevistados não falavam em crises de assunção da idade adulta, ou crise dos 25 ou dos 30, podemos pensar que estamos diante de um fenômeno novo: não seria a assunção da adultez a novidade, mas a percepção desta fase da vida como sendo crítica, envolvendo uma série de questões existenciais e de dificuldades de inserção profissional⁵³.

A entrevista continua:

Elaine: E você falou assim, que você tá vivendo essa crise. Por que você diz crise, assim?

Vitória: Porque é difícil, assim, tá sendo meio difícil pra mim aceitar isso. Eu tô tendo problemas, na verdade, com isso, assim. É, meio **triste** mesmo, porque dá um **medo**, né.

⁵³ Outro elemento a ser levado em conta na interpretação é que mesmo momentos vivenciados de forma crítica no curso da vida, quando vistos com certo distanciamento, não têm mais o mesmo sentido dramático.

Você, porra, aquilo que Marcelo⁵⁴ mesmo tava falando de estudar pra concurso e garantir um futuro e, **não ter estabilidade no emprego**, assim, trabalhando com publicidade você não tem estabilidade no emprego assim. Eu não me vejo investindo muito na minha carreira, na minha consolidação financeira, sabe? Me vejo trabalhando muito ainda como jovem, ainda me enxergo um pouco em início de carreira profissional, mas se for na realidade você para um pouco pra pensar um pouquinho mais não tô, não tô mais no meu início de carreira, não tô mais com vinte e um, vinte e dois anos, quando você é um pós-estagiário assim, você já com vinte e seis anos, eu já tô no mercado o que, quatro anos, três, quatro anos, e eu já devia tá com alguma **estabilidade financeira** que eu não tô, e isso me causa **insegurança**, porque eu vou ter que realmente, ou eu corto de vez o que eu tô fazendo, profissionalmente falando, começo uma outra história agora, correndo atrás do prejuízo, ou não sei o que eu faço, e assim, **na verdade não sei muito o que eu faço ainda**. Daí isso me dá uma insegurança, é uma crise mesmo que eu fico pensando, porra, não tô mais no iniciozinho não, velho, ou eu me dou bem nessa história que eu tô fazendo, ou eu paro e começo a fazer outra coisa. E eu não sei o que eu quero fazer ainda, sabe.

Elaine: Mas esse me dar bem que você fala, é na questão da realização do trabalho mesmo, de ser reconhecida, de ter um trabalho bom, ou é mais questão financeira? Ou são as duas coisas?

Vitória: As duas coisas, mas principalmente financeiro mesmo. **Estabilidade econômica** mesmo, de começar a juntar uma graninha, e querer comprar meu apartamentozinho, querer fazer uma viagem, querer ter as minhas coisas, assim, porra, eu **moro com os meus pais ainda**, quando eu tinha vinte e um, vinte e dois anos eu achava que quando eu tivesse com vinte e seis, vinte e sete eu já tava no meu apezinho, eu já tava com as minhas coisinhas, e **isso não tá acontecendo**, assim, não agora, não tenho condições de ir pra rua, eu não tenho condições financeiras de ir pra rua, morar só, assim, ter o que eu quero, e isso me dá uma certa **frustração**, por isso eu digo que é uma crise assim. Que meio que aquilo que eu idealizei que eu estaria fazendo com a idade que eu tô hoje não tá acontecendo. **É outra vida que eu tô vivendo assim**. E aí me dá esse meu **conflito**.

Tristeza, medo, insegurança, frustração, conflito são sentimentos que Vitória articula para descrever seu momento de vida. A instabilidade na vida profissional e, por consequência, econômica, a indecisão quanto aos rumos a serem tomados, o fato de não ter realizado o que tinha planejado para a sua vida quando tivesse a idade que tem, como ter a própria casa, são problemas que ela enfrenta em sua transição para a idade adulta. Vitória fala de inseguranças profissionais, de se sentir ainda trabalhando como jovem, sem nenhuma estabilidade, e se pergunta sobre que atitude deveria tomar: continuar investindo no que faz? Mudar para outra área da comunicação?

Por um lado, a crise de Vitória tinha um motivo bem pontual: sua insegurança profissional. Por outro lado, o momento da vida no qual esta insegurança se passava era especificamente delicado. Vitória diz que quando tinha 20, 21 anos de idade, imaginava que chegaria aos 25, 26 anos tendo realizado coisas que de fato não realizou. As questões colocadas pelo mercado de trabalho acabavam por refletir na própria auto-percepção da jovem, contribuindo para um momento de crise que teria se iniciado aos 25 anos.

⁵⁴ Foi através de Marcelo, na época meu namorado, que eu e Vitória nos conhecemos. Os dois haviam sido colegas na faculdade.

Vitória: Quando eu fiz 25 eu fiz: “fudeu”. Porque eu tenho uma teoriuzinha, assim, né, que é uma parábola que a gente vive, né. Parábola que fala, acho que é parábola que fala (faz gesto de uma curva como a parte superior de um guarda-chuva), aquela curva, né? Que até os 25 você tá ascendendo, o vértice é aos 25. Passou dos 25, meu amigo, é ladeira abaixo, hormônio muda, tudo muda, assim, sua figura mesmo muda, e isso é fato, você pode observar em qualquer um. Se eu pegar as minhas fotos de 21, 22, 23, é tudo a mesma merda, tudo igual, 24, parecida, aí 25, porra, me achava um pouquinho diferente, 25, 26, assim, eu sou, eu me vejo como uma outra pessoa na foto, pô. Me fode mesmo, eu vejo, meu irmão, eu tô mudando, assim, expressão do rosto, assim, o próprio comportamento, muda mesmo, e na foto pra mim é evidente, então, começou com os 25, quando eu fizer 27 vou me trancar no quarto e fu-deu, porque eu fiquei velha assim. Eu tenho certeza que eu vou pensar nisso.

Quando perguntei se nesta teoria a pessoa não passaria a maior parte de sua vida na fase decrescente (essa *progressiva degenerescência*, nas palavras de Michel Leiris), ela continuou:

Vitória: Querendo ou não é. Querendo ou não é assim. Se você considerar que a juventude é o ponto bom da vida, quando mais você afasta disso pior fica, né. Cabe a você encarar isso de forma positiva ou não. Não tô dizendo que seja ruim se tornar adulto, não, eu tenho apego a minha juventude, e eu tô vendo ela, eu tô me sentindo nos últimos anos dela e tô realmente tendo problema pra me adaptar com isso, só que nada de sério não, assim “ah, eu tô tendo depressão por causa disso”. Não. Eu falo até brincando. Mas é um processo que eu tô tendo realmente de digerir assim, que, porra, eu não sou mais jovencinha não, **as atitudes que eu tomar daqui pra frente vão ter que ter um embasamento muito mais sério do que normalmente tinham. Porque você sempre encara tua vida como tudo pra frente, né?** Ah, porra, você com 21, 22 anos tá no início da faculdade, você tá no início de tudo. Tá tudo pra frente, né. Tá a sua frente, então você pode errar, pode deixar pra amanhã, pode fazer o que quiser, né, **quando você começa a ver que você não tá tão no início assim, que certas atitudes que você toma hoje você vai sofrer uma consequência amanhã, imediatamente, assim, então você tem que pensar direitinho o que você tá fazendo.** Abrir mão de algumas coisas, investir em outras. Você começa a ter que realmente pensar a sua vida de forma mais séria, assim. É isso que eu tô meio que vivendo hoje. Aí esse negócio da parábola que eu digo é que quando você faz 25 você vira a curva, né, você virou, woop! (rindo), você já não tá mais vindo, já tá indo embora, não tá mais vindo, né? E assim, 25 você vira a curva bonito, e eu virei faz um ano já. Tu virou agora, né?

A mudança principal que estaria acontecendo neste momento da vida é uma espécie de consciência que se adquire das consequências das decisões tomadas. Se até o início da segunda década de vida podia-se agir sem pensar tão atentamente no que ia acarretar os seus atos, agora se chegava a uma fase em que era preciso atentar mais para as atitudes, pensar aonde elas iam levar. As decisões quanto à carreira profissional eram um ponto nevrálgico, neste sentido.

Apesar de sua família ter uma situação financeira estável, Vitória começou trabalhar cedo, por volta dos 16 anos de idade, numa escola de inglês onde estudava. Também trabalhou na gráfica do seu colégio, por conta de ter feito um curso de Corel Draw, tendo inclusive a Carteira de Trabalho assinada. Mas depois de duas semanas de trabalho na gráfica, ela recebeu um convite para estagiar em uma agência de publicidade. Assim, desde o segundo

semestre do curso universitário, ela dava os primeiros passos de sua carreira. Depois disso, ela passou por diversas agências de publicidade de Recife, e aos poucos foi sendo vista no mercado como uma profissional competente, apesar do reconhecimento de seu talento e experiência não ter sido adquirido à altura, financeiramente falando.

Em 2004, ela não estava com um emprego formal, de carteira assinada ou contrato de trabalho, mas Vitória gostava da idéia do bureau, uma alternativa à agência de publicidade que ela via como um modelo em decadência. Uma vez que um bureau de criação não administra contas de clientes, como fazem as agências, as relações com os clientes são muito mais abertas e frouxas – podendo estes ser, inclusive, outras agências.

Na época, Vitória dizia que não conseguia se ver novamente trabalhando em agência de publicidade. O trabalho no bureau, desta forma, se mostrava como uma opção não pelo retorno financeiro, mas pelo que acreditava ser uma alternativa interessante de trabalho na área de comunicação.

Vitória: E agência de publicidade em si, o próprio modelo tá caindo por terra. Por isso que assim, eu me identifico muito aqui com a Plano b). Porque é uma empresa entre aspas alternativa em comunicação, na minha opinião é um dos empregos mais estáveis em comunicação do mercado recifense é a Plano b). Pra mim, é. Eu não me vejo mais em agência.

Trabalhar num lugar que gostava, mesmo não lhe pagando o ideal, era uma escolha de quem podia se dar ao luxo de não correr atrás do melhor salário, por ser jovem. Além de podermos pensar a juventude como a idade quando se vê tudo pela frente, e a adultez quando se vê a vida acontecendo; podemos também ver a juventude como a idade em que se trabalha e busca conquistas para si próprio, e a adultez quando se faz coisas não apenas para si. Trabalhar como jovem, era, portanto, bem diferente de trabalhar como adulto, e talvez a chave da crise de Vitória fosse se perceber com a idade cronológica que sempre imaginou como sendo a de adulto, mas experimentando situações que sempre percebeu como sendo juvenis.

As características do mercado de trabalho de publicidade em Recife, principalmente na área de criação, onde ela trabalhava, podem ser vistas como elementos que contribuem para a instabilidade de seus profissionais. Este mercado tem absorvido profissionais, em sua grande maioria, bastante jovens e em início de carreira. E os salários pagos são tão baixos quanto a mão-de-obra é pouco qualificada. Isto faz com que a criação seja uma atividade de “estagiários”, em que mesmo aqueles já formados há alguns anos tenham dificuldades de conseguir uma colocação estável. Para Vitória, a profissão está cada vez mais se tornando parecida com a de modelo, em que a experiência (o passar dos anos)

pesa contra a estabilidade financeira dos profissionais.

A falta de estabilidade financeira também tinha um peso para Vitória por conta da fase de vida de seus pais – ambos com mais de 65 anos e profissionalmente ativos, o que colaborava para o sentimento de Vitória de que deveria já estar trabalhando como “adulta”.

Vitória: Os dois trabalham. Só que o meu pai é caso perdido, ele vai trabalhar até o dia que, ele vai, acho que vai morrer dentro do trabalho, eu acho. Sabe, não pára não. Mas minha mãe fala, que queria parar de trabalhar já, que queria tá numa fase da vida dela em que ela pudesse tá colhendo os frutos, né. E nem eu nem minha irmã nos sustentamos ainda. E isso me dá uma, porra, é chato isso pra mim, sabe, me bate assim uma crise de consciência de não poder falar “mãe, tá bom, larga a Natura que agora quem te sustenta sou eu”. Quando eu fizer isso, pronto, vupt, encerrou-se a minha juventude, porque aí eu vou tá cuidando da minha mãe. Não vou tá mais trabalhando para mim, a merrequinha que eu ganho não vai ser mais pra eu guardar na poupança, pra eu gastar tudo em livro, sabe. Vai ter aquela grana que vai ter que ser pra minha mãe comprar as coisas dela, comer, beber, comprar roupa, não sei o que, e sustentar a minha mãe, porque a minha mãe merece descansar assim. E eu não tenho essa possibilidade ainda. Por isso que me dá um pouco de crise assim.

Embora o pai seja um “caso perdido”, a mãe de Vitória, então com sessenta e sete anos, tinha vontade de se aposentar e se dedicar a atividades que lhe dessem satisfação pessoal – contar histórias, por exemplo. Vitória não se sentia confortável por não poder assumir compromissos com despesas da casa e dizer a sua mãe que parasse de trabalhar, o que para ela seria um evento que a levaria imediatamente para o *status* de adulta. A comparação entre sua vida de jovem de 26 anos, com a vida de adulta de sua mãe, aos 26 anos, parece outro fator importante de se notar:

Elaine: Quando ela ficou adulta. O passar dela pra idade adulta foi diferente, você acha?

Vitória: Acho que foi. A minha mãe ela é do interior de São Paulo, e aí a gente deve tá falando de 1950, mil e novecentos e... é, 1950:: certo? Ela devia ter a minha idade, na década de 50. E aí ela saiu do interior de São Paulo com a minha tia que é a irmã mais velha dela, elas foram morar na cidade de São Paulo sozinhas, passaram fome, e aí minha mãe e meu pai são autodidatas, assim. Eles não são formados nem no segundo grau. E ralaram mesmo, e quando a minha mãe tinha a minha idade ela já tava no emprego dela, sustentando a casinha dela com minha irmã, com minha tia, é:: comprando as coisinhas dela, quando ela tinha 26 anos ela já se sustentava assim. Bem diferente da vida que eu levo hoje. Totalmente. Super humilde, no interior, na cidade de São Paulo, batalhando pra comer mesmo. Mas também era outra época, né, o custo de vida era outra história.

Elaine: É, eram outras necessidades que ela tinha para o estilo de vida dela, né?

Vitória: E até mesmo o mundo em si era diferente, né, não precisava de carro, por exemplo, eu, se eu não tiver o meu carro eu não saio de casa, porque violento do jeito que tá, né, andando sozinha pra cima e pra baixo, pô, as pessoas andam, fazem isso, claro, mas... não é que seja um luxo, mas se eu não tivesse carro, muita coisa que eu tenho possibilidade de fazer eu não faria. Porque teu ritmo de vida é outro, você tem que contar com ônibus, não sei o que, que as pessoas usam, claro que usam, não sei o que, mas eu não ia sair à noite, eu não ia estudar na casa de um amigo meu, eu não ia ficar até mais tarde no trabalho, eu ia ter um horário mais regrado, minha vida ia ser completamente diferente se eu não tivesse um carro hoje. Muitas das coisas até de trabalho mesmo que me permite fazer hoje eu não faria por causa do transporte. E naquela época não, minha mãe pegava

metrô, bonde, metrô não, né, bonde, ônibus, condução sei lá como que era. Era muito mais tranquilo. Ela ia à pé, andava na rua à pé, se andar à pé aqui é assaltado, pô, né, tem que tá sempre ligado, não sei que, as roupas que eu ia vestir ia ser diferente, porque você tem que tá levando mochila, bolsa, não sei que, tênis, tudo ia ser diferente pra mim hoje se eu não tivesse carro hoje em dia. E naquela época não, então realmente era outra vida, mas ela, o mérito é o mesmo, assim, ela já se sustentava tranquilamente.

Se por um lado os tempos mudaram, e Vitória tem necessidades diferentes das que seus pais tinham quando com sua idade (a trajetória de Seu Amaro é semelhante a de sua esposa, neste sentido); por outro lado Vitória não tira o “mérito” de sua mãe de conseguir se sustentar sozinha, apesar das dificuldades. As mudanças na vida urbana, o estilo de vida que Vitória e sua família têm, imprimem na jovem algumas necessidades que não eram colocadas para seus pais – um carro, por exemplo.

Acontece que parece haver uma desproporcionalidade entre os salários que Vitória consegue receber e o necessário para manter estas necessidades. A situação colocada para ela, semelhante ao que acontece com outros jovens deste mercado, é que não há condições de saída da casa dos pais sem mudanças no estilo, ou padrão de vida. Maiores necessidades e menores rendas.

Como que em um mesmo movimento, pode-se dizer que o investimento que Vitória fez em sua carreira (o tempo e o dinheiro gastos com sua formação) foi muito superior ao de seus pais.

Vitória: E aí em São Paulo meu pai trabalhou na Volkswagen, foi galgando espaço na firma pela competência mesmo, própria, e cresceu, cresceu, cresceu aí saiu da Volkswagen, foi trabalhar na Furukawa, virou gerente regional da Furukawa, e aí... não, saiu da Termomecânica vieram pra cá pra Recife, aí da Termomecânica foi trabalhar na Furukawa, aí virou gerente regional, sempre cresceu assim, consegui crescer dentro das empresas que ele trabalhou por mérito mesmo, por dedicação, por estudo. Hoje, se você não tiver o diploma você não entra em empresa nenhuma, né.

Elaine: É.

Vitória: Então, começa por aí, que eles não tiveram chance nenhuma, que com a oferta que tem por aí. Se não tiver diploma de terceiro grau, se não tiver faculdade, não consegue ser nada. Minha mãe hoje ela é promotora da Natura, ela trabalha 10, 12 anos na Natura. É promotora de vendas. Começou como consultora, conseguiu chegar a promotora. Não é formada. Hoje, pra você ser promotora, pra se inscrever pro cargo de promotora você precisa ter diploma de terceiro grau. E minha mãe não tem. Trabalha na empresa por mérito porque conseguiu também entrar na empresa numa época em que as coisas eram mais acessíveis. Porra, é tudo diferente, né. Hoje a minha mãe por mais mérito que ela tivesse ela não conseguiria emprego porque o RH não permite que a empresa admita pessoas que não tenham...

Elaine: Sem a formação

Vitória: Sem a formação. E minha mãe é uma das melhores aí. Aqui em Recife é uma das melhores da gerência. Que consegue bater as metas, e tal. Totalmente fora da faixa etária, já é, ela tá na terceira idade, pô. Sessenta e, ela tem quase 70 anos, pô. Ela tem 60 e cacetada. É quase 70 anos, velho. Setenta anos é idade de vó. E ela tá toda bonitona, cheia de creme no rosto, não sei o que, e fazendo reunião e dirigindo 700 muié, são 300 linha telefônica lá em casa, 3 linha telefônica lá em casa, são 700 mulheres ligando pra minha casa, minha

mãe tem a secretária dela. A minha casa é uma confusão, por causa da Natura. E a minha mãe com quase 70 e na da ativa, e batendo meta, indo pra convenção. Meu pai há quinze anos saiu da Furukawa e montou uma empresa própria chamada Recicabos. Tá aí no mercado, ditando, porrada pra caramba, e conseguiu se firmar no ramo como uma das melhores do ramo, de fio, cabo elétrico, essas coisas, material pra informática, essas coisas. E é assim que a gente se sustenta, pela empresa e pela Natura.

Formação estendida e remuneração reduzida. Os pais de Vitória tiveram menos anos de escolaridade formal, e pode-se dizer que tiveram a qualificação profissional alcançada dentro da própria atividade laboral – aprenderam trabalhando. Vitória passou mais tempo na escola, fez universidade, é ativa em um mercado que exige a formação superior para a inserção, mas que não permite a consolidação de uma carreira estável e ascendente.

Embora parte das inseguranças de Vitória com relação à carreira seja compartilhada com profissionais de outras áreas, parece haver algo de específico nesta profissão de publicitário – talvez mais especificamente na área de direção de arte – que pode ser apontado como um fator agravante. Como foi dito, a oferta de mão-de-obra é muito superior ao que o mercado pode absorver, o que leva os empresários do setor a investirem mais naquela que lhes sai mais barata: a dos jovens⁵⁵. A profissão de publicitário torna-se, assim, tanto mais “juvenilizante” quanto a sua mão-de-obra é juvenil.

Vitória: Você tá perguntando se eu acho que acertei na minha escolha profissional, ou não, o que que eu penso disso?

Elaine: Não, é, mais ou menos isso. Você falou que, de algumas dificuldades que você tem, de inseguranças com relação ao teu futuro profissional, né? Essa insegurança é por causa dessa época ou por causa de repente da escolha, “ah, se eu tivesse talento pra ser advogada talvez fosse mais fácil...” uma coisa assim?

Vitória: O que eu penso a respeito disso hoje em dia é que realmente eu poderia ter escolhido a minha profissão melhor. Eu acho que eu gosto pra caramba de publicidade. Gosto muito do que eu faço, acho que eu faço bem o que eu faço. Não que eu seja, se eu fosse uma top, se fosse pra ser modelo eu não seria Gisele Bündchen, sabe? Mas assim, eu acho que eu taria entre as melhores do mercado, assim, entre as mais cotada. Não seria a top model, não ganharia milhões, mas eu me sustentaria, assim. Mas com publicidade mesmo, eu acho que a profissão em si se degenerou. A profissão em si se tornou muito instável e de certa forma desvalorizada. Os salários são muito baixos, a oferta tá muito alta, os profissionais tão com qualidade baixíssima, então o que leva o nosso trabalho a ficar cada vez mais:: desvalorizado, menos, pior percebido, digamos, diante dos clientes e tal. Então é cada vez mais difícil você conseguir estabelecer uma carreira rentável em publicidade. Ou você é dono de agência, e consegue por lobby uma conta do governo e ganha milhões até mudar, ou você vai ficar ralando, ralando, ralando. E publicidade cada vez mais, na minha opinião, é profissão de modelo. Sabe? Quanto mais velho você fica, mais fácil é você perder o emprego. Porque você vai trabalhando, vai ganhando experiência, vai querendo ganhar coisas na vida, vai querendo ter um plano de carreira, querer galgar salários, né? Você vai trabalhando vai querendo ganhar cada vez mais, né. E a profissão não comporta isso. Então você passa 3 anos na agência já é uma pressão. Porque o cara já tá todo enrolado com você, trabalhisticamente falando, você é um funcionário caro. É muito fácil ele trocar você, que tem experiência, que tá querendo ganhar 5 mil reais,

⁵⁵ Como aponta Seu Donizete, “essa juventude é que tá sendo massacrada, essa juventude tá sendo contratada pra substituir esses grandes salários”.

por 5 de mil reais. Então bota 5 pessoas no teu lugar. Trabalhando por mil reais cada um. Em vez de ter uma que ganha 5. Então como é que eu vou ganhar, fazer um plano de carreira nessa profissão? Que a minha experiência pesa contra a minha estabilidade financeira. Não é que nem um médico, que quanto mais tempo de ofício ele tem, maior é a clínica, mais clientes ele tem, ele ganha credibilidade, né, com isso, né. Não, em publicidade, se for, quanto mais velho você vai ficando, menos agências, menos empresas comportam você, financeiramente falando. Uma ou outra. Em São Paulo, pô, em São Paulo até é uma mercado mais profissional, as pessoas são mais velhas mesmo, os diretores de arte são pessoas mais velhas, você encontra (inaud.) e aqui é tudo jovem, pô. Entra em qualquer agência aqui, tu vai ver, 21, 22, 23. Aí tem uns de 25, 27. Aí tem o dinossaurozinhos do mercado, que tem 30, 32 anos. Sabe? E aí isso vai ficando cada vez mais raro, cada vez mais raro as pessoas mais velhas nessa profissão. E aí quando paro simplesmente pra ver o mercado, eu falo “porra, que que eu vou fazer?”

[...]

Mas acho que a regra mesmo assim é você deixa de ser diretor de arte aí vai ser diretor de cinema, e faz roteiro e vai virar artista plástico, sabe, você vai ter que ir caminhando pelas áreas de comunicação, mas levanta da sua cadeirinha e deixa de ser diretor de arte, sabe. Principalmente aqui. Aqui é fogo, ou você vira dono de agência ou não tem lugar pra você não. Você vai ter que fazer outra coisa. Não sustenta não, na boa. Regra geral é isso, não sustenta não, o salário aqui nesse mercado é muito baixo. É isso, aí porra você vai olhar esse panorama não tem como você ficar tranquilo, né. Cada ano aí são, quantos alunos novos por ano? Parece que são 700 novos alunos em cada ano, guria, 700 novos profissionais em comunicação que tão sendo despejados no mercado, agora com essas faculdades pagas. 700!

Diante de um panorama um tanto quanto desanimador, em 2004 Vitória disse que as únicas providências que estava tomando com relação ao seu futuro era o pagamento do seu INSS como autônoma, feito pelo pai, e o plano de previdência privada que a mãe havia feito para ela.

Vitória: Muitos caminhos abertos assim e eu não sei o que eu faço. Se eu invisto de vez na minha carreira de publicitária, se eu largo de vez e vou fazer outra coisa, aí eu fico pensando, se eu largar o emprego e for fazer outra coisa, eu já não tô mais no início, vai ser difícil pra caramba... Muitos questionamentos ainda.

Investir ainda mais numa carreira que não parecia dar sinais de ser promissora ou mudar para uma outra área de comunicação? Tal qual sua mãe, Vitória tinha diante de si muitas possibilidades e a dúvida sobre que caminho tomar. Se levarmos em consideração como o seu trabalho lhe consumia o seu tempo, naquela época, podemos supor que o momento de “crise” de Vitória poderia ser especialmente doloroso pelo fato de ela ter pouco tempo para si própria, para se preparar para um próximo passo em sua carreira. Citando o caso de um amigo que precisou pedir permissão para o chefe para fazer a faculdade à noite – porque não poderia mais fazer hora extra, o que poderia não ser conveniente para o empregador – Vitória desabafou:

Vitória: E aí é que começa a crise, que você tem que repensar tudo, assim, até quando vale a pena investir tanto tempo da minha vida nessa profissão que eu não consigo nem ter uma base financeira, né? Massa, acho que não vale a pena investir tanto tempo da minha vida nisso. OK. Vamos mudar? Vamos. Vamos mudar pra que? Aí fudeu, que eu não sei. Aí

começa a crise, porque eu não sei o que eu vou fazer. Eu acho que eu ficaria nessa área de comunicação, sim. Vou trabalhar no departamento de marketing de uma empresa, vou trabalhar com produção, vou abrir uma empresa própria... que que eu vou fazer? Não sei. Essa resposta eu não tenho ainda não. E é isso que me causa aflição. E aí vem a pressão do sossego da minha mãe, últimos anos da minha juventude, e não sei, não sei que.... (risos) sabe, fica uma bola de neve, pô. Quando você para pra pensar nisso me dá uma agonia.

E questionando se estaria se esforçando o suficiente para estar em outra situação, ela completou a idéia que tinha sobre a sua “crise”:

Vitória: Meio que as oportunidades iam surgindo e eu ia vivendo, então assim, eu sou meio que acostumada mesmo a seguir o fluxo da maré. Se eu podia tá mais lá na frente, se eu nadasse? Porra, eu acho que podia, né. Mas aí, eu não nado muito não. Eu vou seguindo o fluxo, por isso é que me dá um pouco uma certa insegurança talvez. Que você tem que nadar, né. Você tem que ver o que você vai fazer da vida. Tem que tomar meio que as rédeas, e eu não tomei ainda não. Eu acho que é um pouco todos esses pensamentos soltos que eu tô falando que resumem a minha crise, assim. Interior.

Diante até deste comprometimento com o trabalho, neste nosso primeiro encontro conversamos sobre a idéia de responsabilidade. Parecia-me que tentar gerir uma profissão tão instável era uma grande responsabilidade, mas seria aquela responsabilidade comumente articulada na literatura como sendo definidora do *status* de adulto? Para Vitória, existiria um *modelo de responsabilidade padrão* – “Que é casar, assumir a casa, assumir a família, e trabalhar pra sustentar isso e ser feliz”. Um caminho que ela não sentia que estivesse seguindo. O seu modelo passava pela idéia de investimento em si própria, planejar-se e batalhar para atingir estes planos pessoais:

Vitória: É. Eu acho que eu vou querer, mesmo que eu me sinta na fase adulta, que eu tenha, vamo lá, até os meus 35 anos, digamos assim, bota mais 10 anos pra frente, eu vou querer tá investindo na minha carreira, mas eu vou tá querendo investir em mim ainda, entende? Mesmo que eu tiver um filho, aí, de repente, eu vou tá querendo investir nas coisas que eu acho que eu tenho que realizar na minha vida. E isso, querendo ou não é uma responsabilidade, que é um compromisso que você assume com você. Porra, eu quero ver o mundo lá fora, então eu tenho que trabalhar pra ganhar dinheiro pra viajar pra Europa, por exemplo. Isso é uma responsabilidade? É. Exige planejamento, exige dedicação, exige... como é que fala, você abrir mão das coisas, né, certas coisas pra você chegar nesse objetivo. **Não é uma responsabilidade padrão**, que talvez a gente leia no livro, de assumir uma casa, mas é uma responsabilidade que você assume com você mesmo, você tá tendo que investir em você pra realizar o que você quer. Eu me vejo mais nesse outro módulo, assim, nesse plano b, assim, entre aspas. Tendo que realizar pra adquirir os sonhos que eu coloco pra mim, assim. As responsabilidades de vida que eu coloco pra mim, assim. É meio isso que eu penso, assim, eu acho que o padrão, o comportamento padrão, as responsabilidades padrão não são as únicas na vida que você pode atingir pra ser aceita ou pra se sentir bem-sucedida.

Uma das “responsabilidades padrão” tradicional, para Vitória, seria a formação de uma família. Haveria uma expectativa da sociedade para que as pessoas a partir de uma

determinada idade já estivessem casadas, e uma vez casadas, tivessem filhos.

Vitória: Essa liberdade que você tem de não ir atrás do melhor salário porque você gosta do que você faz, entende, investir naquilo, investir em você mesmo, viver para você, né, não ter um filho, não ter um marido, o tradicional mesmo da sociedade, né, que você vai crescendo, aí você tem que casar, aí você casa, aí você tem que ter um filho, né, que a sociedade cobra pra se fuder isso da pessoa, você não pode tá s..., ter vinte e poucos anos e ser solteira. Minha mãe mesmo, quando fala, “minha filha, aquele seu amigo, quantos anos ele tem? Trinta e cinco, e nunca casou, é?” Ela fala mesmo. Mãe, “o que que tem isso, a pessoa”... “ah porque homem é assim, mulher até tudo bem, é normal não casar e tal, mas homem quando não casa, humm, tem alguma coisa errada”. Vê, que pressão da porra, a pessoa ter que seguir esses passos, entendeu? Se não segue, tá errado, tem alguma coisa errada com a pessoa, ou não é uma pessoa de bem, alguma coisa tá errada, você tem que descobrir. Ela não pode simplesmente não ter achado a pessoa certa, sabe como é. Não, alguma coisa errada tem.

[...]

Elaine: E essa coisa de família, de ter família, essa pressão que nem a tua mãe fala, pra ti ela não chega, ela nunca pergunta: “mas minha filha...”

Vitória: Pra mim? Oxe, direto, pô.

Elaine: “Não, acho que tá na hora, de você arranjar marido”...

Vitória: “Ah”, ela fala “ah, eu não vou viver para ver meus netos”. (risos) “Minha filha, quando é que você vai casar, quando é que vai engravidar, hein? Como é que é a história? 26 anos...”

A despeito da pressão da mãe pelo investimento em planos familiares, era a conquista de sua própria casa que era algo particularmente significativo para Vitória. Ela apontava que mesmo morando com os pais ela já tinha uma vida meio que à parte da delas. Até porque os horários nem sempre coincidiam, a ponto de ela passar dias sem ver o pai, pois quando ela acordava ele já havia saído e quando ela chegava à noite ele já estava dormindo.

Vitória: Então assim eu moro com eles, eu tenho a base que eles me dão, mas minha vida já é à parte, assim. Eu tenho o meu quarto, então eu tenho as minhas coisas, a gente, eu acho que eles nem sabem o que acontece na minha vida, eles não conhecem a maioria dos meus amigos, porque são pessoas que eu me relaciono no trabalho. Eles não sabem onde é o meu trabalho, eles não conhecem a empresa onde eu trabalho, é... a vida realmente que eu levo é à parte, eu só faço morar debaixo do teto deles assim. Então eu meio que me sinto um peixe meio que fora d’água. Sabe quando você sente não é mais tão natural tá morando com eles, eu me sinto meio que obrigada realmente a morar com eles porque eu não tenho condições de bancar um aluguel, e tal, ainda. Mas eu tenho essa sensação, de que eu tô meio que um pouquinho deslocada. Talvez isso seja independente de juventude ou fase adulta, assim, seria mais realização pessoal, que poderia vir com 20, 21 ou 40. É uma realização pessoal, independente do meu, da minha concepção de juventude isso.

Após a data da primeira entrevista, a vida de Vitória passou por algumas mudanças. Ela completou 27 anos e pelo o que eu soube ela não chegou a se trancar no quarto para pensar em sua nova vida de “velha”. No campo afetivo, ela, que na época dizia para a sua mãe, diante de certas pressões para que lhe desse um neto “fica calma aí, minha filha, que eu não tô nem conseguindo beijar na boca ultimamente, quanto mais, quanto mais ter filho”, teve

um relacionamento bastante estável, que seu pai costumava chamar de “situação irregular”. Ele se referia jocosamente aos períodos longos que ela passava na casa do namorado. A coabitação chegou ser cogitada, mas Vitória preferiu priorizar sua vontade de passar algum tempo morando só para pensar em casamento mais tarde. E o namoro acabou sendo rompido.

No campo profissional, ela decidiu que iria juntar um dinheiro que a permitisse morar em São Paulo por algum tempo, fazendo alguns cursos e ampliando sua área de atuação. Assim, saiu do bureau de criação para trabalhar como *free lancer*. Acabou prestando serviços para a maior agência de publicidade do Norte-Nordeste e acabou sendo efetivada na empresa, recebendo, pela primeira vez, um salário que considerava razoável.

Durante os dezoito meses em que trabalhou na nova agência, ela teve oportunidade de ter contato com uma das áreas mais rentáveis do mercado publicitário, a de campanha política, para um candidato ao Governo do Estado – embora para ela a experiência fosse oferecer apenas experiência, pois não viria a receber nenhum bônus. Também foi lá que uma grande decepção a fez desistir definitivamente do trabalho em agência de publicidade e mudar-se para São Paulo.

Com o dinheiro que havia guardado, a rescisão de contrato da agência e o proveniente da venda de seu carro, Vitória se mudou para São Paulo em janeiro de 2007. A princípio ficou na casa de parentes, enquanto procurava um apartamento. Priorizou uma boa localização, que facilitasse a sua circulação a pé, de ônibus e metrô.

Na segunda entrevista, em 23 de junho de 2007, ela me recebeu em seu pequeno e aconchegante apartamento, uma moradia modesta para o endereço (próximo à Avenida Paulista, numa das ruas mais caras da cidade), que ela mantinha com um orçamento mensal bem planejado e com prazo de validade (ela me disse que tinha ainda 16 meses até seu dinheiro acabar).

Há meio ano em São Paulo, Vitória não estava ainda “desesperada” a procura de um trabalho. Estava fazendo alguns cursos, ampliando seu leque de possibilidades na área de Comunicação. E estava completamente emaranhada em um tipo de “responsabilidade padrão” em torno do cuidado do apartamento, que ela mesma havia mobiliado e decorado, contas para pagar, a administração de uma vida em que passava a maior parte do tempo sozinha, um tempo no qual ela podia pensar nela mesma. Sua auto-percepção com relação à idade, assim, era bem diferente: “eu acho que eu entrei no auge da minha juventude”.

Vitória: Então a pergunta é se eu me sinto adulta e se, se sentir adulta elimina o sentimento de jovem. Elaine, eu me sinto adulta, né, tenho o meu bambu pra criar como eu acabei de te falar, e não acredito nisso, que faz tanto tempo que a gente conversou, mas eu acho que

pelo contrário, eu tô me sentindo mais jovem, assim, hoje em dia, eu tava nos finais da minha juventude, tava naquela angústia, né, naquela época que eu tava em casa dos pais ainda e aí quando eu vim aqui pra São Paulo, quando você passa muito tempo só, né, passei dois meses, quase três meses procurando apartamento, todo mundo trabalhando, todo mundo fazendo as coisas, até hoje assim 85% do meu tempo eu passo calada e sozinha, né, comigo mesma. E não tem coisa melhor eu acho pra você se resolver do que você ficar com você mesma, obrigatoriamente, ou você faz as pazes consigo mesma ou você vai ficar muito sozinha, né, se nem com você, você se entender. Então assim, muitas dessas aflições e dúvidas, auto-críticas que eu tinha, que eu tava nos últimos anos da minha juventude e ainda me sentia muito criança, meio que cortou, acabou, passei essa fase, vim pra cá, montei casa, saí debaixo da asa da mãe, a sombra da asa ainda tá em cima de mim, entende, mas eu não sinto mais o calorzinho, eu tenho que me virar, né, mas aí o engraçado disso é o contrário, que hoje eu me sinto mais independente, assim, mais jovem de espírito, porque eu sei que posso fazer o que eu quiser, na independência que eu botei pra mim mesma, não falo financeiramente, e tal, mas de vontade mesmo, não sei se eu tô fazendo muito sentido. Mas eu me sinto mais jovem, com mais coisa pela frente, e totalmente adulta porque agora eu tenho responsabilidades pesadas assim. Às vezes eu venho, chego em casa e uma vez dessa eu cheguei em casa e sempre tem o corredor, né, do prédio, toda vez que eu passo pro elevador e o porteiro fica sentado, é tranqüilo. Quando ele levanta e vem atrás de mim, significa que tem conta para pagar. Quando o porteiro levanta e faz, “dona Vitória” eu falo “ih, é conta, né?”, ele fala “é:::”, ele abre a portinha lá do armário e vem com um envelope, aí um dia ele veio com um monte de envelopes e eu vim folheando, assim, celular, água, condomínio, luz, aí quando eu abri a conta do celular eu patinei. (suspira). Porque eu tinha voltado em Recife, né, ligação de Recife, local, pro pessoal, meu irmão, veio estourada a conta. Aí eu já fiz aquelas contas de cabeça “fudeu, estourou o orçamento”. Antes eu não tinha orçamento, antes o meu salário era todo pra mim, né, bem ou mal, pouco ou muito, era todo pra mim, pra eu fazer o que quiser, agora não, chega o salário e eu sei que aquele dinheiro já tem metade comprometido, salário não, eu digo, agora eu me boto uma verba mensal, né, eu tenho tantos por mês pra gastar e administro assim. Quando eu vi a conta do celular que estourou, velho, eu (faz barulho de calculadora) calculei, “fudeu, fudeu”. Isso é novidade, né, porque eu não tinha orçamentos antes, então... Eu prefiro hoje, assim, eu gosto dessa minha vida, eu tô fudida sem trampo, não sei o que eu vou fazer da minha vida ainda, a gente tava conversando, mas vai acontecer, uma hora eu vou começar a trabalhar, e não pretendo voltar pra casa, pra Recife, se eu voltar pra Recife eu não vou voltar pra casa, entende, mamãe tem meu quarto lá, reformou o meu quarto, não sei o que, botou outra cama, mas se eu voltar pra Recife eu não volto pra casa, ela não sabe disso, desculpa mãe, não dá, não dá pra você voltar atrás, né, eu acho, porque quando você sai de casa, monta suas coisas e você vê como você funciona, não dá, eu acho que isso é ser adulta, né, isso é se sentir adulta, né, não dá, eu não vou morar com meus pais, não tem como, assim, eu não aceito mais [me] impor às regras da casa deles, né, agora eu tenho as minhas, e aí, em contrapartida eu me sinto muito mais jovem porque eu me sinto mais livre, justamente por isso, de poder fazer o que eu acho que eu quero fazer, aquilo que é bom pra mim. E é isso.

A brincadeira de Vitória de que agora seria adulta, pois tem um bambu para criar, diz respeito ao seu entendimento de idade adulta como um período em que não se vive apenas para si próprio, mas para uma família, uma casa ou outra responsabilidade que não “padrão”. Assim, sair debaixo da asa da mãe, montar uma casa, assumir compromissos com contas a pagar (e se assustar quando as perde de controle⁵⁶), administrar um orçamento que ela mesma se impôs, seriam novidades de sua vida adulta.

⁵⁶ Pelo menos outros dois jovens falaram de sustos semelhantes com algumas contas de serviços que sempre usaram, mesmo antes de saírem da casa dos pais. Tiago se assustou com a conta do telefone convencional e mandou cortar alguns serviços; Bruna dispensou o “gelágua” e o ventilador de teto depois da primeira conta de energia elétrica.

De fato, ela já supunha dois anos e meio antes que a conquista de seu espaço a faria sentir-se mais adulta, quando dizia que: “Gostaria de ter a minha casinha, gostaria de ter as minhas coisas e acho que quando eu fizer isso eu vou me sentir muito mais adulta mesmo e meio até que mais realizada mesmo, em relação a mim mesmo”.

Para quem tinha apego a sua juventude e estava com problemas para aceitar o seu fim, há de ser, no entanto, reconfortante perceber que todas estas responsabilidades não a impedem de se sentir mais jovem. A saída da casa dos pais (talvez também o afastamento do mercado de trabalho recifense) teve aqui um papel importante para que ela se “resolvesse” e descobrisse como ela “funciona”. A vivência de uma independência que ela mesma se impôs, a obediência às suas próprias regras, e o sentimento de liberdade para fazer o que ela quisesse, eram alguns dos ganhos de uma nova “fase” de sua vida – tão adulta quanto jovem. Ela havia superado o que teria sido o pior semestre da sua vida, e agora sentia a tranquilidade de quem realiza o que havia planejado para si mesma.

Talvez a idéia de fase não seja a mais adequada para pensar o novo período de vida de Vitória. Por um lado era visível uma ruptura com a vida anterior, já que ela teria superado as angústias, dúvidas, aflições, auto-críticas, o sentimento de ser ainda muito criança, enfim, sua “crise” de final da juventude. Também não via mais a possibilidade de voltar a morar na casa dos pais, apesar de saber que continuava a ter lá um abrigo e o seu espaço. Por outro lado, ela agora atingia o “auge de sua juventude”, entendida enquanto liberdade de atitude. Mais uma vez, o que pode ser percebido é uma idéia de juventude e de idade adulta não como fases distintas do curso da vida, e mais como distintas formas de se relacionar e de se perceber neste curso.

O discurso com relação ao mercado de trabalho publicitário, em especial o de Recife, no entanto, era o mesmo. Talvez um pouco mais contundente:

Vitória: aí teve uma história, um ano e meio na Ampla, né, que é a maior agência norte nordeste, então hoje pra o mercado normal seria o topo da carreira lá, né, trabalhei com Governo e no ano passado, final do ano passado eu fiz campanha política, né, e os acontecimentos só levaram a concretizar essas aflições que já rondavam a minha cabeça no meu final de temporada na Plano b), né, de que o mercado realmente não tem pra onde ir, a estrutura das empresas transformam você em pilha, né, te botam, te encaixam ali na cadeira sugam sua energia e quando você tá gasta te trocam por outro, né, não existe um progresso profissional, ele não vai crescendo junto com a empresa, não tem retorno financeiro, um plano de carreira, coisa do tipo não, é você fica patinando, gastando sua energia por uma empresa que não te dá a mínima bola, e aí, como profissional eu descobri que eu sou uma música, um músico que não quer viver de música, o músico que vive de música toca pagode, né, não vive da música que gosta de fazer, e eu não quero mais tocar pagode, não quero mais fazer pagode. Eu quero fazer a minha música, então se eu for trabalhar com direção de arte mesmo hoje em dia, a minha vontade, que não é exatamente o que acontece na vida, mas a minha vontade é fazer free lance, é projetos especiais, né, quando a coisa

valer a pena, porra, eu vou fazer direção de arte, vou fazer o que eu gosto, mas viver de direção de arte eu acho que eu não quero mais porque eu não concordo com o modus operandi que a Publicidade, que o mercado publicitário utiliza, entendeu, eu não quero mais agência, eu acho que agência é um tipo de empresa horrível pra se trabalhar quando você é criativo, não quero mais, e aí eu vou procurar trabalhar em empresas mesmo, departamento de marketing, voltando aquela (inaud.), fazer um projeto especial, fiz uns cursos que ampliaram meus conhecimentos, tô entrando mais, teoricamente, na parte de internet, então eu tô cumprindo o que eu me propus, né, em vim pra São Paulo pra abrir meu leque de conhecimento e procurar emprego novo, assim, eu quero continuar em comunicação que é o que eu sei, o que gosto de fazer, mas não necessariamente como diretora de arte não numa agência, não concordo mais não, não concordo mais com agência de publicidade e no mercado publicitário, assim, desencantei assim totalmente, [...].

A idéia então, era agora ampliar a formação e procurar outras formas de inserção no mercado, longe das agências de publicidade, de preferência. Para chegar lá, Vitória determinou que faria um “*job*”⁵⁷ por vez: primeiro, “procurar apartamento” para alugar dentro de suas expectativas e possibilidades; o segundo, “montar o apartamento (o mês em que só falava de cama, mesa e banho); a terceira fase foi a “cursos” (na ocasião ela já havia feito 3 ou 4, como o de produção técnica de shows e eventos, e sobre base tecnológica de sites); o quarto *job* era talvez o mais difícil, “manter tudo o que já havia feito” em São Paulo, ou seja, trabalhar. Vitória comenta o quanto era controverso viver na cidade mais capitalista da América Latina, uma cidade que não aceitava quem não trabalhava, estando sem emprego (situação essa que ela descrevia como sendo a de alguém que colocou o pára-quedas nas costas e estava em queda livre).

No plano familiar, no entanto, a mudança havia refletido de forma bastante positiva na relação de Vitória com os pais – que nunca foi uma relação ruim, mas que agora parecia ser mais estreita.

Vitória: No dia seguinte já era outra relação, outro relacionamento. Impressionante. Cheguei em São Paulo no dia 12 de Janeiro, no dia 13 de janeiro o meu relacionamento com o meu pai já era outro, assim, outro, outro. Incrível, é incrível, nossa, ainda bem que você perguntou isso, porque é uma das coisas mais claras, assim, que acontecem com a mudança. Hoje eu dialogo com meu pai, espero que, se ele ouvir isso um dia vai ser engraçado (inaud.). A gente morava junto, né, os quatro, e dentro da minha casa quase não tem diálogo assim, a gente fica junto vendo TV mas não sabe da vida do outro, a gente era, era roomates, colegas de quarto, assim, a gente morava na mesma casa mas não dividia a vida, assim, como família memo, e eu entrava em casa, chegava do trabalho tardão, a hora que meu pai tava sentado, vendo TV, mamãe já tava dormindo, minha, meu, minha convivência com mamãe era um beijo de manhã antes de sair pro trabalho, ela já trabalhando pilhada, sabe, e de noite quando eu chegava ela tava dormindo, e meu pai tava quase dormindo vendo TV, e não conversava, não sabia o que acontecia na vida um do outro. Eu converso mais, meu pai me liga hoje lá de Recife pra pedir opiniões no que ele deve fazer nos assuntos dele, sabe, é uma coisa totalmente inédita, hoje existe diálogo, hoje eles sabem mais da minha vida, a 2500 km de distância, do que morando embaixo do mesmo teto, a aproximação é muito maior, a saudade, a vontade de falar, essa semana eu fui assaltada, né, levaram meu celular, e eu tava naquela pilha, “conto ou não conto? Conto ou não conto? Conto ou não conto?”, que eles vão ficar doidos lá em Recife, aquela coisa, achando que eu tô exposta a todas as mazelas do mundo, não sei o que, não, tenho que

⁵⁷ Termo usado no jargão publicitário para cada trabalho a ser executado.

contar, não posso esconder isso. Aí mandei agora de manhã, contando, a gente se fala por e-mail, ou seja, a gente troca cartas, né, as cartas assim, mamãe me manda e-mail... nunca... mamãe nem sabia onde eu tava em Recife, pô, nem sabia se eu tava trabalhando se não tava, o que acontecia, agora eu conto o meu dia-a-dia, ela conta o dia-a-dia dela, a gente se liga, se fala, eu falo com minha irmã, o meu relacionamento com minha irmã é melhor hoje, quando eu vim pra cá eu vim brigada com ela, a gente tentou umas pazes no aeroporto, e eu vim brigada, a gente teve uma briga feia assim, antes de eu vim embora, e depois quando eu voltei lá pela primeira vez em Recife já era outra coisa, sabe, já era, aquela raiva, aquela rrr desapareceu. Se for contabilizar uma das coisas que melhorou 100% desde que eu saí de casa é justamente o relacionamento com minha família, louco né? E aí eles vieram pra cá no casamento da minha prima, no dia 06 de junho, 02 de junho agora, porra, abrir a porta da minha casa pra meu pai e minha mãe entrarem, sabe, foi a cena mais inédita do mundo, assim, eles ficaram, a minha mãe olhando o que eu tinha feito pra mim, como é que eu fazia as coisas, o que tava certo, tava errado, ela já mandou tirar o cinzeiro do lugar porque atrapalhava o caminho, sabe, dando aquelas ordenzinhas de mãe, mas adorando, dormindo na minha cama comigo, e falando baixinho, assim, no ouvido, que tava orgulhosa, com o que eu tinha construído, pô, foi super especial, assim, super emocionante, receber meus pais na minha casa foi incrível, assim, porque eu mandei as fotos pra Recife senão eu te mostrava, papai (inaud.) aqui de noite, a casa tava um caos, um caos, tendo que ter aquela logística pra poder funcionar com os três dentro sabe, e assim, feliz pra caramba, e isso realmente eu não tenho dúvidas que foi a melhor coisa do mundo, assim, a mudança do relacionamento com a família.

A mudança na relação com os pais certamente está relacionada com a forma diferente como ela se percebe – mais adulta e plenamente jovem, porque livre. Talvez também os pais a percebam como sendo mais adulta, e isto pode aparecer nos pedidos de opinião de seu pai sobre seus assuntos.

Ao manter os pais informados sobre o seu dia-a-dia, Vitória de certa forma pode se sentir mais próxima deles, ultrapassando os 2.500 km que os separam. Mas a distância continuará permitindo que ela tenha plena autonomia para decidir sua agenda diária e tomar as decisões sobre sua vida. É ela quem define os *jobs* de sua vida, os prazos e condições para realizá-los.

Com relação à pressão colocada por sua mãe para que ela tenha filhos, no entanto, parece permanecer, e Vitória afirma que aprendeu a lidar com isso de forma mais tranqüila.

Vitória: Eu tenho, a pressão continua, incrível, firme e forte, a mesma de sempre, né, a Estela que tem que vir, isso tá acordado entre nós duas desde que eu tinha 12 anos de idade, que tem que ser Estela se for menina, a primeira menina é Estela, e::: só que eu não acho um marido, né? A outra parte da história, aí ela fica, quando ela começa muito na pressão eu falo, “ta bom, vou engravidar, certo, agora não vai ter pai”, aí ela “não, não, não, não, não, tá bom, tá bom, então tá certo, então vamo esperar, né”. Vamo esperar, vamo. E se você quiser saber como é que tá a minha vontade em relação a isso assim, eu tenho vontade, Elaine, assim de ter filho, eu tenho vontade de ter uma família, muito, muito, sinto falta, é o meu perfil, mas enquanto não vem, não vem, tá ótimo também essa fase literalmente sozinha que eu acho que realmente tô vivendo desde que eu acabei meu último relacionamento, e tal, que poderia ter sido outra coisa e a vida fez com que não fosse, poderia estar com uma família agora...

Ela também parece ver de forma tranqüila os motivos que fizeram com que seu

último relacionamento não tenha formado uma família. Se ela diz que “a vida fez com que não fosse”, é porque talvez tenha um pouco a sensação de ter encontrado a pessoa certa, mas no momento errado, antes que ela tivesse se sentindo preparada para assumir um casamento.

Elaine: Mas você uma vez comentou assim que queria passar pela experiência de também ter uma vida só antes de chegar a construir a tua vida de casada...

Vitória: Exatamente isso que você tá falando, porque eu não acho que naqueles dias, um dos motivos que mais me fizeram a não seguir em frente, né, montar uma família naqueles dias, era que eu não me sentia preparada realmente, eu tinha que viver o que eu tô vivendo hoje, pra poder saber que eu posso viver com alguém, né, dividir minha vida com alguém, eu nunca ia conseguir tranquilamente dividir minha vida com alguém nunca tendo vivido realmente só, me sustentado por minhas próprias pernas, isso é uma coisa muito importante pra mim, disso que eu vivo aqui em São Paulo como uma fase anterior ao casamento, porque eu sempre namorei, namorei, namorei, namorei, aquela coisa, namoro dentro de casa, morando em casa mas sempre namorando, e de repente casar, sair da minha, da casa dos pais pra casar, assim, sabe? É um pensamento que nunca se encaixou muito legal pra mim, então isso que eu vivo hoje eu acho que é essencial pra realmente desenvolver a vontade e a capacidade de fazer uma relação dar certo, porque eu acho que não seria capaz de fazer uma relação dar certo, antes de viver isso que eu tô vivendo agora, eu tinha essa noção naqueles dias, foi dito, e levantando esse assunto agora eu tenho certeza que é isso mesmo, é o certo, o que eu pensava era realmente o que devia fazer, hoje eu me acho mais propensa a isso, engraçado, engraçado não, é a consequência natural, hoje eu encaro com mais naturalidade, dividir a vida mais pra frente, quando eu achar uma pessoa que seja pra mim, né, do que antes. Eu tinha realmente medo, o pensamento me dava uma trava interna, assim, algo dizia “não, não, você não tá pronta, você não tá pronta, não é agora, não é agora” era realmente aquela sensação que não estava na hora. Hoje continua não estando na hora, porque não tem uma pessoa, como tinha naquela época, que seria fantástica pra isso, mas eu me sinto mais propensa a quando acontecer, ter mais tranquilidade nesse pensamento, entende, então vamos ver, não é possível que eu fique uma tia avó solteira, né, ficar pra titia, eu já fiquei, titia avó, não é possível que eu vá ficar titia avó solteira pra o resto da vida, espero que o companheiro apareça, mas quando aparecer tá massa, mas tá massa também viver sozinha.

O morar sozinha aparece, na trajetória de Vitória como uma espécie de arranjo familiar em si mesmo. Ao assumir sua casa, seu orçamento e ter descoberto “como ela funciona” em seu próprio habitat, é como se Vitória assumisse sua família unipessoal – o que a fazia sentir-se plenamente adulta e ao mesmo tempo continuar se sentindo jovem. Talvez sejam próprias desta geração estas vivências que poderiam ser vistas como sendo intermediárias entre uma idade e outra, mas que parecem-me mais como novas formas de vivência da própria idade adulta – sem a assunção das “responsabilidades padrão”, sem abrir mão de seus lazeres e hábitos de jovem.

Para Vitória, este tipo de vivência desta “fase” do curso da vida é particularmente comum em São Paulo. Enquanto em Recife a maior parte de seus amigos está se casando, em São Paulo ela tem contato com pessoas que têm privilegiado o que ela chama de *juventude madura*.

Vitória: Agora uma coisa que eu acho engraçado disso, é que vindo pra cá pra São Paulo, eu percebi que isso é muito também cultural, local, em Recife tá todo mundo casando, tá

todo mundo fazendo tendo filho, tá todo mundo, né? [...] Na nossa faixa etária em Recife, a turma inteira casou, eu, Tone, da turma que a gente conhece em comum, eu, Tone e mais uns três gatos pingados é que nós somos os... como é que é?

Elaine: Se bem que Tone tentou ...

Vitória: é, Tone tentou, nós somos os líderes da resistência. Porque o resto, todo mundo casou e com o mesmo padre, meu amigo, não é brincadeira não, foi o mesmo pastor que casou a turma inteira, né. Então você fica vendo isso, e rola mesmo um pouco o sentimento de que você tá fora do padrão, você tá... tá todo mundo indo pra um caminho e você não “por quê? Por que não acontece com você? O que há de errado, na rá rá”. Mas você sai da rodinha e vai pra um outro lugar, você vê que isso é cultural, também, é muito local, aqui as pessoas, aqui o povo pensa em trabalhar e sair mesmo pra balada, e...

Elaine: e trabalhar, e...

Vitória: e trabalhar, e curtir, e não sei o que, e viver um pouco essa **juventude madura**, né, que é justamente **a juventude de você ter sua casa, você ter as suas coisas, ter as suas contas pra pagar, mas não necessariamente viver a vida padrãozinho adulta que a sociedade impõe, que é ter a casa, ter o trabalho, ter o carro, ter o filho, ter a esposa e ter o cachorro**, né. E se o filho for um pouco excêntrico ter um papagaio dentro de casa. **Não existe esse padrãozinho que todo mundo segue, existe este tipo de vida, existe outros tipos de vida, que são tão legítimos quanto**, assim. E aqui tem muito dessa juventude madura, cada um com a sua casa, lá em Recife quase ninguém mora só, né, todo mundo mora com os pais [...].

Esta fala de Vitória é especialmente importante para pensarmos nos parâmetros comumente utilizados para definir a assunção da idade adulta – criando, inclusive, tipologias que classificam as trajetórias de transição entre as mais precoces e as mais tardias. Para a maior parte dos trabalhos, o que percebemos é que a saída da casa dos pais é vista como um definidor de adultez. Neste sentido, de fato Vitória diz ter um sentimento de adultez mais forte a partir deste evento, mas chama atenção para o fato de que existem formas diversas de vivência da idade adulta, todas igualmente legítimas. Algumas delas não poderiam ocorrer ainda ou também na casa dos pais?

Para esta diversidade, parecem contribuir uma série de fatores. Vitória aponta um de natureza “cultural”: o paternalismo da sociedade recifense seria o motivo para que os pais incentivassem os filhos a permanecer mais tempo morando consigo.

Vitória: é, os pais... é muito paternalista, isso né? Aquela sociedade muito patriarcal mesmo, os pais querendo ou não, vamos falar das pessoas que fazem parte do nosso convívio, eles incentivam isso, né? Porque por exemplo na Europa, aos 18 anos os próprios pais começam a dizer: “vai fazer tua vida! vai fazer tua vida!”, né. Empurra o filho pra fora de casa, você tem que procurar. Dezoito, 19 anos, neguinho já tá né, morando em AP com amigo, morando em república de faculdade, né. Lá não, aqui no Brasil e na nossa cidade os próprios pais incentivam a você ficar né.

Além disso, haveria um incentivo para que os filhos só deixassem a casa dos pais quando tivessem condições de manter o mesmo padrão de vida, morando num bairro com o mesmo *status*, um apartamento com o mesmo nível e suprindo suas necessidades básicas da mesma forma.

Vitória: Eu acho que tem vários aspectos lá em Recife que levam a isso, na minha opinião. Primeiro, os próprios pais incentivam, né, tem isso, “fica aí, fica aí, se não tem pra onde ir, pra que você vai morar na Tamarineira se você pode ficar aqui em casa, não, meu filho, pelo amor de Deus!” Minha mãe já falou isso pra mim “se você sair de casa pra dividir apartamento, você vai dividir apartamento comigo, se você vai sair de casa, vai morar só,” eu ouvi isso claramente da minha mãe, “você não vai sair de casa pra dividir apartamento não, se você for dividir apartamento, vai dividir apartamento comigo.” Né, “porra, mãe”. Tá bom, aí foi que eu fiz, vim pra cá morar só, mas eu ouvi isso da minha mãe, então eles mesmos incentivam a gente não sair de casa enquanto não tiver essa capacidade de pegar a mesma qualidade de vida que a gente teve dentro de casa e jogar dali pra cima, né, tem o lado cultural também, que você... tem o *status* que você quer manter, é foda, você mora em Boa Viagem, você mora em Casa Forte, vamos falar da classe média como você tá falando, e ninguém vai realmente querer sair de Boa Viagem, Casa Forte e ir...

Elaine: pra Cidade Universitária, na Boa Vista...

Vitória: pra morar em Cidade Universitária, em Barra de Jangada. Por quê? Porque é ruim pra caralho em Recife, porque não tem ônibus, porque não tem transporte público que funcione, não tem nem calçada pra você andar, Recife não tem calçada, você não anda, né. Você tem que ter carro mesmo, você tem que ter custos pra isso, realmente você vai adicionando o que você teria que ter pra manter pelo menos o mínimo, assim, que você tem dentro da casa do seu pai, porra, é um salário grande, velho. Então você acaba não saindo mesmo, não se, não vê realmente muitas vantagens, de crescimento interno, de crescimento pessoal, de se realmente andar pelas próprias pernas, e ir morar em Barra de Jangada, pegar um ônibus lotado, fudido, pra ir trabalhar e tal, podendo ir de carro, né, morando em casa, trabalhando do mesmo jeito e tendo o seu carrozinho, porque a cidade pede esse tipo de comportamento, também.

É importante notar que este padrão de vida mantido pelos pais é, na maior parte das vezes, o ponto final de uma trajetória profissional longa. No caso da família de Vitória, por exemplo, tanto o pai como a mãe iniciaram suas vidas economicamente ativas de forma muito mais modesta do que vivem hoje. Parece haver, no entanto, uma idéia de que o ideal é que as filhas não passem pelas mesmas condições, até porque os pais conseguiram dar-lhes mais oportunidades de se preparar para a vida adulta. Mas a despeito desta expectativa de que o ponto final das trajetórias de uma geração seja o ponto inicial da geração de seus filhos, as condições sócio-econômicas já não são as mesmas. Para as camadas médias de Recife, o que é colocado com clareza é que o período de “milagre econômico” terminou faz tempo.

* * *

Tanto na entrevista com Vitória, como na que fiz com a sua mãe, ficou bastante evidente o quanto os contextos sociais da assunção da idade adulta foram diferente nestas duas gerações. Por um lado, a mãe e o pai de Vitória enfrentaram muito mais dificuldades, por serem de famílias humildes e terem começado “de baixo”. O acesso à educação e as oportunidades de formação, as condições de moradia, a inserção no mundo do consumo foram todas muito mais tranqüilas para Vitória do que para seus pais. Por outro lado, o mercado de trabalho e o mundo mesmo mudaram nestes anos, o que justificaria diferentes hábitos de

consumo e estilos de vida (se a mãe andava de bonde, hoje Vitória não se sente segura para desenvolver suas atividades sem o seu carro⁵⁸) e diferentes inserções profissionais (se os pais ascenderam na iniciativa privada, hoje enfrentariam outro mercado, que não lhes abriria as portas da mesma forma sem que eles tivessem um diploma de curso superior).

O que fica bastante evidente, assim, é que as condições sociais em que os pais cresceram e se tornaram adultos colocou a eles dilemas bastante diversos dos enfrentados por Vitória. No caso dos pais, de certa forma percebemos uma ruptura com a casa parental a partir do momento em que eles ingressaram no mercado de trabalho. Esta ruptura não ocorreu sem seus problemas, como a difícil situação enfrentada pela mãe na cidade de São Paulo. De famílias humildes, os pais começaram do zero e construíram um patrimônio. Embora Vitória tenha começado a trabalhar cedo, não se pode dizer que tenha sido por necessidade financeira, pois a família já tinha uma situação mais estável. Vitória passou por uma “crise” por não se ver em condições de “romper” com a base parental e procurar seus caminhos sozinha, como fez sua mãe.

De certa forma, a *trajetória de ascensão social de sua família refletiu no período de “crise” vivenciado por Vitória por volta dos seus 26 anos* – e por isso chamo a atenção para a forma como as diferentes condições sociais das duas gerações lhes colocam diferentes questões. Vitória sabia que não tinha condições, por exemplo, de sair da casa dos pais, assumir compromissos com a manutenção de uma residência (aluguel, contas de água, luz, condomínio, telefone), e nem de assumir compromissos desta ordem na casa parental. Sua renda era suficiente apenas para as suas despesas pessoais. Mas seria apenas uma questão de renda?

Talvez possamos perceber aqui uma das características da transição à adultez de jovens de camadas “médias”, ou “altas” como Vitória: a possibilidade de continuar na casa dos pais, e a opção de assim fazê-lo até que se alcance condições de sair sem grandes mudanças nos hábitos de consumo. Isto não quer dizer que este prolongamento da juventude, como tem sido definido, aconteça sem “crises” – as falas da jovem são exemplares. É como se o jovem tivesse que iniciar sua vida adulta a partir do que seus pais construíram, ao invés de passar pelas mesmas dificuldades que os pais enfrentaram. Um tipo de obrigação de começar “bem”, que é colocada pelo habitus e estilo de vida de sua posição social.

Na “crise” vivenciada por Vitória, além das trajetórias que seus pais lhe deixavam de “herança”, estavam refletidas outras questões: a frustração de expectativas que Vitória havia nutrido com relação a sua carreira profissional, moradia e aporte aos pais. Ela sentia-se

⁵⁸ Ao menos em Recife, já que em São Paulo ela estaria se virando muito bem com o transporte público.

“criança” demais para uma idade em que havia imaginado que seria bem mais consolidada enquanto adulta.

A mudança feita para São Paulo, no entanto, refletiu de forma positiva na sua auto-percepção. A liberdade de fazer o que quisesse, a autonomia para gerir responsabilidades que ela mesma colocou para si própria a fazia sentir-se plenamente adulta e ao mesmo tempo muito mais jovem. Dos “últimos anos de sua juventude”, Vitória ingressava agora no “auge de sua juventude”, fazendo-nos questionar tanto a abordagem de “juventude” e “idade adulta” enquanto idades distintas do curso da vida (desvalidando, de certa forma, as tipologias de transição) como os múltiplos sentidos que podem estar sendo dados a estas “idades”.

Não seria a “juventude madura” – aquela em que se assumem certas responsabilidades, talvez não as “padrão”, uma vez que estão voltadas para si próprio – uma forma de vivenciar a idade adulta? A adulez de uma geração filha do milagre econômico, massacrada por uma espécie de corrida de diplomas e rodeada de desafios impostos por sua posição de classe?

Bruna: “sou eu que amadureço muito lentamente?”

Bruna foi entrevistada em 05 de março de 2006, no apartamento no qual residia com seu companheiro e com o filho; e em 08 de setembro de 2007, em minha residência. Assim como outros jovens que participaram de alguma forma desta pesquisa, houve uma série de mudanças em sua vida neste período.

Bruna nasceu em Recife, em 1976. É formada em Relações Públicas, mas nunca exerceu esta profissão. Na época da primeira entrevista ela trabalhava como técnica social, numa empresa contratada para executar um projeto de sustentação de barragens da Prefeitura da Cidade do Recife – o Parceria nos Morros. Tratava-se de um trabalho desgastante, no qual eles visitavam todas as comunidades instaladas em áreas de risco de desmoronamento, apresentavam o programa (a Prefeitura entrava com material e a comunidade com a mão-de-obra) e constantemente precisavam intervir na resolução de conflitos nas comunidades. O desgaste era, assim, físico, por conta do difícil acesso das moradias e da exposição ao sol, e emocional, já que a intervenção nos casos de conflitos raramente era tarefa fácil.

Levantando todo o aprendizado adquirido nesta atividade, Bruna falava em “lição

de vida”, em se deparar com “outra realidade, outro contexto” o que “ajuda muito você pensar a, a rever certos conceitos”. Mas não sabia exatamente se gostava do trabalho.

Bruna: Na realidade eu, é muito difícil assim de eu dizer assim se eu gosto totalmente ou se eu não gosto. Eu acho que eu tenho, eu tenho simpatia, pelo trabalho. Mas se fosse pra mim escolher, vamos dizer assim, é:::, provavelmente eu não taria trabalhando, tá, nessa, no programa. **Eu estaria trabalhando em outro contexto se hoje eu pudesse escolher entre o Parceria e sei lá, a coisa realmente que eu gostaria de fazer,** né, é mais ou menos como se, é, a resposta seria assim, eu... tenho afinidade mas não é, realmente não é aquilo que eu gostaria de fazer não. Não é não, assim. Agora não é ruim não, tá entendendo? Às vezes assim é uma lição de vida.

De fato, Bruna tinha outra atividade para a qual gostaria de estar se dedicando: a faculdade de Ciências Biológicas. Esta teria sido uma escolha que ela fez a partir de uma profunda busca interior, de quem vinha experimentando a experiência de trabalhar fora da área de formação, além de ter descoberto que havia se formado numa área que não lhe parecia ser a mais adequada à sua personalidade. A questão da *escolha*, era colocada de forma premente para ela, tanto quando ela revia seu passado, como quando ela planejava o seu futuro.

Bruna: olha Elaine, eu acho assim, que eu eu fiz o curso meio que na doidera. Porque na época eu não passei na Federal e foi uma pressão familiar mesmo pra que eu entrasse em qualquer curso de nível superior pra poder conseguir um emprego, até porque na época memo eu não queria saber de nada realmente, sabe, eu tava, “o mundo vai acabar e eu só queria dançar”, tá entendendo, essa era a verdade. Eu não queria saber muito de muita coisa não. Então assim, eu não tinha conhecimento de causa do curso, quem me introduziu o curso foi minha irmã, que na época ela estudava na ESURP, ela fazia Secretariado, e pá, e ela ficou, né “ah, faz, e pá, Relações Públicas é tão bom, e não sei o que”, mas eu entrei no escuro, eu dei um tiro no escuro, eu não sabia nem do que se tratava. É realmente foi aquela coisa, que eu empurrei com a barriga, empurrei com a barriga o curso, porque naquele momento, tá entendendo, ele era, ele tava me servindo, tu tá ligada? Tipo eu tava estagiando, então era uma coisa que pra mim era fundamental, que eu entrei realmente no mercado de trabalho, né, **mas se eu pudesse voltar no tempo, talvez eu tivesse, eu gostaria de ter, sabe, mais um tempo pra pensar. Que poderia ser que eu tivesse hoje já formada, fazendo especialização, mestrado, doutorado, em Ciências Biológicas, tá entendendo? Mas também é tudo tão relativo, Elaine, que às vezes eu fico pensando “poxa, será também que naquela época as ciências biológicas iam me saltar os olhos?”.**

Elaine: você não ia tá com a cabeça que você tem hoje, né?

Bruna: eu não ia ter, é, justamente. Então assim é aquela coisa, né. Eu fico pensando, eu já pensei sobre isso, sabe, eu digo de uma certa forma o curso me abriu portas, né, eu não posso negar isso, né, mas dizer que foi um curso que eu escolhi por vontade própria não, eu fui induzida, na realidade, fiz porque precisava, né, continuei na universidade porque era conveniente, pra mim, mas não era o que eu queria, né, na realidade eu não, eu digo assim, eu eu acho que eu não me identifico muito, sabe, com o curso. Eu não tenho muito a ver, assim, sabe. Apesar do pessoal achar, tem certas pessoas lá no trabalho que acha “ah, mas você tem uma cabeça tão assim, pra Rela...” mas eu não tenho, eu, eu, particularmente não me identifico assim, eu acho que o relações públicas ele é uma pessoa mais antenada em um bocado de coisa que eu não sou.

Bruna não se sentia preparada para tomar a decisão sobre sua carreira profissional, no momento em que teve que fazê-la, e depois de formada tinha a sensação de que tinha sido induzida a fazer aquele curso. A questão que poderíamos colocar é: por que então levou o curso até o fim? Há de se pensar no momento de vida que ela vivenciava. “O mundo vai acabar e eu só queria dançar”... Mais adiante, ela fala dos conflitos que existiam com sua mãe, na época de sua adolescência marcada por muito rock’n roll e consumo de álcool. Estar estudando, ainda que não fosse o melhor curso, era algo “conveniente”, que pode ter ajudado como forma de amenizar as relações familiares e dar-lhe mais tempo para tomar a decisão mais adequada. E conveniente permaneceu sendo o curso, já que o interesse por uma outra área foi sendo construído aos poucos e a partir de experiências não muito gratificantes de inserção no mercado de trabalho, a partir de Relações Públicas, mas não diretamente nesta área (atividades em torno de vendas, por exemplo).

Elaine: e Ciências Biológicas, desde quando que você começou a sentir esta afinidade?

Bruna: ó, Elaine, Ciências Biológicas foi o seguinte, como eu tava realmente meio que perdida na multidão, e eu queria, e eu queria, eu comecei a ter uma certeza dentro de mim do seguinte, “bom, eu preciso sair da minha área de relações públicas porque eu não tô satisfeita”. Né. É feito eu tô te dizendo, nunca trabalhei como relações públicas e isto frustra. Talvez se eu tivesse, talvez, eu fico pensando assim, **“se eu conseguisse trabalhar como relações públicas será que eu teria a mesma visão?”**. Tá entendendo? Porque simplesmente podia até ser que eu gostasse, tu tá entendendo? A, aí eu comecei, eu disse “sim, mas eu vou fazer o que?”. Foi essa a primeira pergunta, “eu vou fazer o que? Eu não tenho nada em mente”, né. Aí eu comecei a por um caminho, eu mesma comecei a me questionar o que é que eu gostava, tá entendendo? “O que que eu gosto? Eu gosto disso, daquilo”, e sai fazendo por eliminação. Eu acho que você começa a se visualizar, sabe, você começa a pensar, “poxa, se eu fosse médica, eu ia fazer uma cirurgia”, e outra coisa assim semelhante, aí foi quando eu cheguei em Ciências Biológicas, entendeu? Eu cheguei em Veterinária, porque aí eu cheguei no caminho, bom, eu gosto muito de animal. Eu sou louca por animal. Entendeu? Eu sou louca por natureza, então eu sou louca por essas coisas, saca? E assim eu comecei a fechar, sabe, o ciclo, assim, sabe. E ficou Veterinária e Ciências Biológicas. Então o que que eu comecei a fazer, como mainha na época tinha assinado a Sky, eu comecei a ver documentários, na Discovery, National Geographic, o Animal Planet, que é um canal que tem documentário a respeito de plantão veterinário, não sei o que veterinário, então pra quem quer fazer Veterinária e tá em dúvida eu, é o melhor canal, pra você ver se é isso mesmo que você quer, porque você vê tudo, tudo, tudo, você vê cirurgia, você vê atendimento, você vê o dia-a-dia do profissional de Veterinária, do médico veterinário. E aí eu descartei Veterinária por causa disso, entendeu, porque eu vi, eu gosto de animal, mas eu não gosto desse tipo de de, eu não me vejo fazendo isso, esse tipo de coisa. Aí foi quando eu comecei realmente a entrar no mundo das Ciências Biológicas. Tá entendendo? De você ver uma coisa mais ampla, sabe, de você, aí comecei a entrar mais no campo da Ecologia, daquela coisa, eu disse “rapaz, eu acho que é isso aí, bicho” eu acho que isso, isso, sei lá, sabe, **é uma coisa eu você vê que é uma coisa que começa a bater dentro de você**, sabe, Elaine, assim, que você olha assim faz “porra”, se eu tivesse fazendo isso, mesmo que não tivesse uma boa remuneração, tá entendendo, talvez eu tivesse legal, velho. Eu tivesse satisfeita, né, **porque eu acho que a consequência do dinheiro é o empenho que você tem**, né. E eu acho quanto mais você tem amor pelo aquilo que você quer, você se empenha mais e a tendência é realmente você se destacar. E na hora que você destaca, eu acho que a grana vem, né, é uma coisa que vem naturalmente, né. Foi isso assim, eu acho que foi mais uma busca interior por uma questão assim de eu tá muito insatisfeita, assim, como meu lado profissional, né, lado profissional mesmo.

Em sua busca interior, Bruna fez eliminações e chegou à profissão que imagina que estaria mais feliz se estivesse praticando. De certa forma, o movimento que ela aponta que não conseguiu realizar no momento de ingressar na faculdade foi ocorrer depois de sua formatura, depois de já ter experimentado o que era trabalhar em algo com o qual não se identificava completamente. Como ela mesma diz, é difícil saber se alguns anos antes Ciências Biológicas lhe teriam feito brilhar os olhos, assim como é difícil saber até que ponto a sua não inserção no mercado enquanto relações públicas pode ter contribuído para o sentimento de frustração. Ou seja, Relações Públicas talvez não lhe parecesse ser o curso errado, caso ela tivesse conseguido trabalhar na área.

Além disso, Bruna aponta a sua *maturidade* para escolher – no momento em que foi obrigada a fazê-lo *versus* no momento em que ela viu que tinha que saber o que a contemplaria.

Bruna: é justamente, Elaine, porque que eu, que eu entrei pra fazer relações públicas eu não tinha, veja só, eu não trabalhava, eu não tinha nenhuma obrigação, eu só fazia estudar, minha cabeça tava em outra, completamente, eu vou dizer assim, eu era muito muito muito imatura ainda, entendeu, eu não pensava nessas coisas, **então eu não tinha como fazer uma escolha naquela época.** Qualquer escolha que eu fizesse naquela época eu acho que seria só fruto de eu ter que decidir de alguma coisa, porque praticamente você termina o segundo ano você tem que decidir alguma coisa, isso já é imposto, né, pra pra os jovens ter que decidir, porque tem que fazer o vestibular, porque não sei o que, porque não sei o que. Toda essa história. **Então assim, essa busca interior aconteceu nesse momento da minha vida porque eu senti a necessidade de buscar o que eu gostava porque eu vivi a experiência de fazer o que eu não gosto. Na época, eu não tinha vivência nenhuma.** Eu tinha um leque de opções e não sabia pra que lado atirar eu fiquei em cima do muro! Vamos dizer assim, tá entendendo? Eu acho que eu fiquei em cima do muro e aí veio alguém e deu um empurrãozinho, “vai pra esse lado”, tá entendendo. Eu fui. Paguei pra ver. Tá entendendo? E aí essa busca foi em cima disso, assim, foi essa questão mesmo d’eu, d’eu sentir “bicho, eu não sou uma relações públicas, eu sou o que?”. Quando me perguntam feito você me perguntou agora foi interessante, você perguntou “qual a tua profissão?”. Porra, é rid., eu acho, chega é... você não saber qual é a sua profissão. Pô, eu sou formada em relações públicas mas eu não exerço a profissão de relações públicas eu vou dizer qual é a minha profissão? Foi isso, foi isso que tava me deixando incomodada, tá entendendo? Esse era o meu incômodo, eu não tenho uma profissão, eu tenho uma função, mas profissão eu não tenho. Tá entendendo?

Escolhas, assim, são feitas em cima de “vivência”, e talvez aquelas que Bruna estivesse vivenciando (pois seria um pouco exagerado supor que sua fase de entrega adolescente à subjetividade não tenha lhe ensinado nada) não lhe ajudavam muito a pensar-se enquanto profissional.

Para atingir seu objetivo, chegar ao que ela descobrira que realmente gostaria de estar fazendo, Bruna traçou sua meta, com planos de médio prazo (passar em um concurso público) e longo prazo (o exercício da profissão de bióloga):

Elaine: (inaud.) planos, mesmo, você tem planos profissionais pro teu futuro, assim, porque você falou de algumas expectativas de coisas que você gostaria de fazer, né, mas você tá planejando isso?

Bruna: tô, Elaine, eu tracei uma meta, né, que é passar a princípio num concurso público. Essa é a minha meta, é a minha primeira meta. Depois que eu passar num concurso, aí provavelmente eu vou botar em prática o meu outro plano que é o sonho de fazer a faculdade de rela., de Ciências Biológicas. E aí o que vai vir dessa faculdade só Deus sabe. Mas assim, a minha primeira meta, meu primeiro objetivo agora é passar num concurso público. Até pra me, pra me deixar um pouco mais estável, sabe. Assim, me estabilizar, conseguir manter um salário legal e daí começar a trilhar o caminho que, o outro caminho que é o de ciências biológicas. Aí trilhar mesmo, tá entendendo?

Elaine: deixar esse fixo quando já tiver condições de andar...

Bruna: ... com as próprias pernas, com a ciência biológica, é.

Elaine: então digamos que seja um plano de médio prazo.

Bruna: é.

Elaine: né, porque você tem que...

Bruna: ... no caso, no caso do concurso é médio prazo, mas eu acredito que o outro ainda vai ser um pouco, né, porque aí vai ter que passar, vai depender d'eu passar ou não no concurso o fato d'eu fazer ciências biológicas, porque hoje eu não posso fazer sem me estabilizar primeiro. Porque fica complicado.

Eu lembro de ter conversado com Bruna, em momentos distintos do da entrevista, se ela não via a possibilidade de fazer uma pós-graduação na área ambiental, sem desprezar sua formação universitária em Comunicação. A questão da “estabilidade”, ou melhor, da falta dela, no entanto, sempre era vista por ela como um empecilho a mais para que ela se dedicasse a uma área de atuação de maior interesse. A saída que se apresenta para Bruna – e ela está longe de ser a única que levanta esta possibilidade – seria prestar um concurso público e, com um emprego estável, com remuneração razoável, começar a se dedicar a outras atividades.

Além da questão financeira – pois quando se fala em “estabilidade” fala-se tanto em ter um emprego em que as possibilidades de demissão são pequenas, quanto num salário razoável e geralmente superior aos que poderiam ser percebidos na iniciativa privada – os planos de médio e longo prazo com um cargo público também têm relação com a idade de seu filho. Naquele momento, Bruna se via impossibilitada de se dedicar a outra faculdade, à noite, estando trabalhando durante o dia, pois ela passaria muito pouco tempo com o filho. O prazo que ela imaginava que seria necessário para tomar posse em um cargo público seria, assim, mais ou menos o mesmo para que Caio completasse cinco anos, idade que, conversando com a pediatra, havia sido determinada como sendo o final da fase de maior dependência do menino com relação à mãe. Nas suas decisões quanto o seu futuro, Bruna precisava lidar tanto com questões relacionadas com a renda familiar (ela apontava, na época, que muitas vezes o que ela e o companheiro recebiam não era suficiente para manter a casa), quanto com a administração de seu tempo para o trabalho, estudos e a educação do filho.

Bruna apontava que para chegar a decisões em sua vida, especialmente no plano profissional, que para ela era particularmente complicado, ela conversava e pedia a opinião das pessoas mais próximas a ela, como a mãe, a irmã e o companheiro. Essa relação de diálogo com a mãe, no entanto, nem sempre existiu. Bruna aponta sua “vivência particular” da adolescência como a causa de uma série de conflitos com a mãe:

Elaine: e essa relação com a tua mãe, sempre foi assim? Você sempre teve esse diálogo com ela?

Bruna: Não, não, não. Assim, na época que eu, já foi muito conflituosa a relação com a minha mãe. Até porque eu já, eu sempre dei muito trabalho, tá entendendo, Elaine, eu sempre fui doida, sempre gostei muito de sair, e né, teve toda aquela, todo aquele meu período que eu gostava de som, de rock, de rock paulera, que me vestia de preto, então aquela coisa toda dos meus dezesseis, vamos dizer, comecei com dezesseis anos, até um pouquinho antes d’eu sa., não, acho que até:: mais ou menos há cinco anos atrás, entendeu, eu acho, eu acredito, há cinco anos atrás, então foi um período onde eu tava... que eu me joguei mesmo, tá entendendo, em tudo. Sabe, eu queria viver como se aquele momento fosse o último, como se o mundo fosse acabar daqui a uma hora. Então tudo o que pudesse viver dentro daquela uma hora eu queria viver, então se tornou uma relação conflituosa porque a minha mãe primeiro ela não aceitava o tipo de roupa que eu vestia, o tipo de pessoas que eu convivia, né, o meu jeito de falar, as músicas que eu escutava, ela nunca aceitou nada disso, então não tinha como a gente viver em harmonia dentro de casa. Né, ela já quebrou discos meus, ela já rasgou blusa, sabe, pôsteres que eu tinha de banca de Metallica, de Sepultura, de não sei o que, de blá blá blá, então assim eu saía, por exemplo, eu saía de noite e só voltava no outro dia de manhã, né, e ela sempre me cobrava telefonemas, porque ela queria saber onde é que eu tava, não sei o que, com o tempo, né, que eu fui amadurecendo, foi melhorando porque eu fui vendo que aquilo dali foi uma fase, né, uma fase adolescente ainda, sabe, uma vivência muito particular minha, assim, que, assim foi uma... foi as., é, é, porq., é (gagueja) **engraçado, foi muito bom eu ter vivido o que eu vivi, Elaine, porque se hoje eu sou do jeito que eu sou, se eu tô pensando é porque eu tive que passar tudo o que eu passei.** Tá entendendo? E nem tudo o que eu passei foi ruim, nesse contexto. Teve muita coisa ruim, assim, teve muita coisa que eu poderia ter evitado, por exemplo, entendeu? Mas a sede, sabe a ânsia de viver, de experimentar, de tá ali, de, sabe, de querer viver tudo ao mesmo tempo agora, sabe, era tanta que vinha tudo no bolo, vinha coisa boa, coisa ruim, coisa, sabe? Aí a relação com minha mãe sempre foi, sempre não, né, no começo... é. Agora não, agora tá ótima a relação com a minha mãe. Tá ótima, ótima mesmo. A gente conversa muito, ela é muito minha amiga, ela me deu a maior força pra mim engravidar, ela participou de todo o processo, né, d’eu querer, de Paulo querer, da gente, no caso da gente querer engravidar, eu e Paulo, ela participou, eu contei a ela, eu pedi o apoio dela, ela me deu, ela queria, ela queria ser avó. Então assim, hoje é completamente diferente do que há dez anos atrás, entendeu. Que era muito perturbadora a relação da gente, a gente discutia muito, brigava muito, entendeu, quer dizer, a minha mãe, na época que eu era pequena ela nunca me bateu, ela chegou a me bater, na época, né, por causa de doidera minha, de chegar bêbada em casa, muito doida, viajando (risos).

Bruna fala dos conflitos com a mãe, que não aceitava a sua “vivência particular” da fase adolescente, e de como esta relação melhorou nos últimos anos de sua vida. Ela também aponta o valor desta sua vivência para que ela seja hoje como ela é, pense do jeito que pensa. Isto é interessante de ser notado, pois algumas tipologias de transição, como apontei em outros momentos, tendem a dizer se as trajetórias individuais rumo à idade adulta

aconteceram de forma “precoce” ou “tardia”, o que acaba “aplainando” as experiências juvenis sem pensar em como elas contribuem para que um indivíduo se perceba como adulto, mais tarde. Pensada nestes termos, a “fase” de sua vida à qual Bruna se refere poderia ser facilmente vista como uma forma de postergar a sua assunção do *status* de adulta – quando eu tendo mais a pensar que um indivíduo é adulto a partir do momento que assim se percebe, trazendo em sua bagagem todo o aprendizado que acumulou para sua auto-percepção.

Talvez tenha sido a partir da gravidez de Bruna que a relação com a sua mãe tenha tido uma importante mudança. Ela fala que a maternidade foi um projeto estimulado pelo namorado e apoiado pela mãe.

Elaine: e essa decisão de ter filho, como é que foi? Como é que surgiu isso?

Bruna: Elaine, vê só (tossidinha). É muito engraçado isso. Na realidade, eu até conhecer Paulo, né, eu tinha vontade de ser, de ter uma família, né, eu tinha vontade de casar e ter filhos mas não era uma coisa muito forte, dentro de mim, assim, era aquela vontade que eu acho normal, natural, que todo mundo tem, é, casar, ter filhos e pá, né, é perpetuar a espécie, né. (risos). Aí, só que quando eu conheci Paulo que a gente começou a namorar na verdade quem despertou esse instinto, essa coisa mais assim em mim foi Paulo. Porque o desejo surgiu primeiramente dele. Tá entendendo? Foi ele eu chegou pra mim e disse que queria ter um filho comigo. E aquilo foi uma revolução, sabe, na minha cabeça, porque na hora, e eu costumo dizer assim que eu, eu, eu, eu falei pra ele uma vez, eu acho que foi o momento mais bonito da relação da gente foi quando ele disse pra mim que queria ter um filho comigo. Porque foi muito bonito o jeito que ele falou, entendeu, e aquilo me despertou, pra uma coisa que na realidade eu tinha na minha cabeça, eu tinha vontade, mas era como se precisasse realmente de de alguém que abrisse a porta pra sair, tá entendendo? Porque hoje em dia é muito difícil, Elaine, no mundo que a gente vive, é muito difícil você ver um homem querendo ter um filho. Ele às vezes até quer, mas eu vejo que geralmente os homens que querem ter filhos são homens mais velhos, tá entendendo? Esses novinhos, esses meninos novos eles não querem ter filho. Quando acontece é porque aconteceu. Mas se perguntar pra cada um deles “mas tu queria, tu nesse momento tu queria ter filho? Não”. Eles vão dizer “não, não queria ter um filho”. Né. Mas, tudo bem. Então assim, foi isso que na reali., aí eu comecei a pensar, a partir daí eu comecei realmente a pensar nisso, tá entendendo? Aí comecei a pensar, pensar, a princípio a gente, eu decidi que não, eu fiquei com medo, né, a gente tinha pouco tempo de relação, eu achava Paulo muito novo, tá entendendo, eu tava ainda começando a trabalhar, Paulo trabalhava no SAMU mas ganhava, ele não ganhava o que ele ganha hoje. Então foi todo um contexto. Depois que, e aí eu fiquei com aquilo como se tivesse guardado ali, sabe? Aquela coisa, stand by, saca? A gente parou de falar sobre isso, e aí volta e meia a gente falava, mas ficava muito naquela, não, não sei o que, vamo tentar se estabilizar, aquela velha conversa, né. Aí pronto, aí foi quando a gente acabou, a segunda vez, e quando a gente voltou realmente assim, eu já tinha aquela vontade, eu já tava né com aquela ânsia de, né, de de, achar que eu achav., que a gente não deveria pensar muito senão não ia rolar. E aí seja o que Deus quiser. Foi assim mais ou menos que a gente decidiu, vamo ver, vamo, o que tiver que ser vai ser.

Bruna retoma um pouco da história de seu relacionamento, com dois rompimentos e retornos, para contar como o projeto da maternidade foi sendo construído: o romantismo do pedido do namorado, sua insegurança com relação ao relacionamento e com a situação financeira, a “ânsia” de engravidar quando reataram pela segunda vez.

A vontade de *ter um filho* teria sido um sentimento compartilhado por Bruna e seu

então namorado de forma tão intensa que eles colocaram a decisão da gravidez antes dos planos de viverem juntos. Da mesma forma, *o projeto de casamento parece ser algo independente do projeto de maternidade/paternidade*. Bruna disse que o apartamento no qual vivia com o marido e o filho “veio de tabela”. Na mesma época em que engravidou, sua irmã se divorciava e desocupava um apartamento no prédio da mãe. Como era de certa forma um apartamento da família (havia sido comprado também pela mãe), a irmã de Bruna tomou a iniciativa de voltar para a casa da mãe enquanto a nova família se instalava à parte.

Bruna: “... Eu engravidei porque eu quis. E porque *ele* queria também”. O apartamento veio de tabela. Pra você ter uma idéia a gente, o desejo da gente de ter um filho foi maior do que a gente vir e casar e ver como a gente ia se dar como casal pra depois eu engravidar, tá entendendo?

Elaine: até era isso que eu ia perguntar, porque uma coisa, você falou da decisão de ter filho, né, e essa decisão de casar parece que não foi junto, então.

Bruna: não, não.... a gente...

Elaine: vocês iam engravidar de qualquer jeito?

Bruna: foi, na rea., é, pronto, é isso memo. A gente ia ter de qualquer jeito (risos).

Elaine: mesmo que cada um ficasse na sua casa?

Bruna: mesmo que cada um ficasse na sua casa, a gente ia ter de qualquer jeito, entendesse? É, a gente, na realidade poucas vezes assim a gente comentou a respeito de morar junto. Mas parecia que o morar junto era uma coisa tão impossível, por questões financeiras, mesmo, porque a gente não tinha uma casa, a gente não tinha o dinheiro pra alugar, tá entendendo, que gente falava mas ficava naquela, “é, pá, não sei o que”, o desejo de ter filho era maior do que qualquer coisa. Aí, rolou dessa forma.

O apoio parental, ou melhor, maternal, pode ter contribuído para a decisão de que o projeto da maternidade fosse efetivado independentemente da idéia de coabitação do casal. Foi dito tanto por Bruna como por sua mãe que o desejo de engravidar foi compartilhado entre mãe e filha. Dona Bartira teria dito: “qualquer bronca eu assumo” com relação ao neto. Mas nenhuma delas falou sobre a disponibilidade da mãe, na época da decisão, para o aporte com relação à estruturação de uma residência à parte. Este aporte certamente acontecia, pois Bruna afirmou que em alguns meses ela e Paulo precisavam recorrer a algum auxílio para o pagamento das contas, e que preferiam fazê-lo com a família dela. Mas talvez a mãe de Bruna estivesse menos voltada a apoiar o casamento da filha do que seus planos de ter um filho, até porque a experiência de ser avó seria muito significativa para ela.

Para Bruna, tanto o seu casamento com Paulo é diferente do casamento de seus pais, como a instituição do casamento e a sua importância mudou nos dois períodos.

Elaine: [...] se você for comparar com os seus pais, você que o tipo de relação que você tem hoje é parecida com a deles? É diferente?

Bruna: minha e de Paulo?

Elaine: é.

Bruna: eu acho que é diferente.

Elaine: em que sentido?

Bruna: olhe, veja só, meu pai, primeiro que meu pai e minha mãe casaram bem mais cedo do que eu e Paulo. E na realidade eu acho que se eles pensassem mais um pouquinho eles não teriam nem casado. Essa é a impressão que eu tenho, sabe. Que é diferente de mim e de Paulo, né, eu acho a gente, é feito eu tô dizendo, a gente, *apesar* de Paulo ser novo, a gente soube muito bem o que tava fazendo. Tu tá entendendo? Não que meu pai e minha mãe não soubessem, sabe? Mas eu acredito que a gente foi mais consciente. Até porque assim, muito cedo o meu pai e minha mãe começou a ter problemas, né, tanto é que quando eu tinha três anos de idade eles se separaram.

[...]

Bruna: e outra coisa, a cabeça da minha mãe é diferente da minha, a do meu pai também é diferente da de Paulo, né, assim, eu acho que o meu pai é muito machista, sabe, e de repente isso pode ter influenciado a, a o casamento não dar certo, ao fracasso, tá entendendo? Tinha a questão da bebida, no meio, meu pai bebia muito, sabe, foi por causa da bebida também, foi um fator muito forte assim que fez a minha mãe se separar do meu pai, né. Então assim, eu acho que foi muito aquela coisa, a época era diferente, né? Naquela época você tinha a obrigação de casar. Hoje você não tem, então eu acho que as relações de casamento hoje são mais conscientes por causa disso, mesmo que não sejam duradouras. Porque antigamente era assim, você tinha a obrigação de casar e tinha a obrigação de estar casado, vê que inferno. Porque mulher separada era quenga. Mas era verdade, né? É::: na época da minha mãe, a separada, meu Deus do céu, Jesus, era mulher pra todo mundo comer. Né? E aí eu acho que a diferença é essa, né. Hoje não, hoje a gente casa muito consciente do que tá fazendo. Né, e se não der certo se separa com a mesma consciência, também.

Elaine: e vocês se casaram no papel?

Bruna: nada. Nem papel nem igreja nem nada. A única testemunha do meu casamento com Paulo foi o cachorro, foi Shiriú. No dia que a gente comprou as alianças, botou no dedo e priu. A gente não fez festa, não avisou ninguém. Comprou a aliança, botou no dedo e tchau. Não fez nada.

Bruna aponta, por um lado, para uma espécie de “afrouxamento” da importância do casamento, já que hoje as pessoas não seriam obrigadas da mesma forma que na época de seus pais a se casarem. Por outro lado, pode-se pensar em como os sentidos do casamento podem ter mudado, já que hoje as pessoas também não seriam mais obrigadas a se manterem casadas como naquela época. Conseqüentemente, as relações matrimoniais seriam mais “conscientes”, ainda que menos duradouras. “Apesar” da idade de Paulo – Bruna apontou mais de uma vez o fato de Paulo ser mais novo que ela – os dois estavam, assim, muito conscientes do que estavam fazendo, e teriam a mesma consciência para se separarem, se este fosse o caso.

A idéia de “consciência” também foi articulada por Bruna para falar de com se sentia com relação à idade, a partir da experiência da maternidade.

Elaine: [...] com relação à idade, mesmo, assim primeiro como você se classificaria, com relação à idade? Jovem, adulto, nessas categorias assim... em qual fase você acha que você está?

Bruna: olha, eu acho que eu tô na fase adulta.

Elaine: e desde quando você acha que tá nessa fase?

Bruna: eu acho que desde que eu resolvi engravidar.

Elaine: e o que mudou assim, pra mudar esse *status*?

Bruna: eu acho que foi a consciência que você tem, de vida, sabe, de não ser uma coisa

só de de brincadeira, como se você tivesse assim, eu acho que ser adulto é você ser mais centrado, sabe, Elaine? Você ser mais é, é, consciente daquilo que você tá fazendo. Eu acho que tudo o que eu fiz antes de, de, vamo dizer d'eu querer mesmo, d'eu engravidar, antes de ter Caio, não é que não soubesse o que eu tava fazendo, lógico que eu sabia o que tava fazendo, mas era como se eu não pensasse duas vezes, assim, sabe, eu pensasse, desse vontade eu fazia, então era aquela coisa meio moleca ainda, meio menina, sabe, meio adolescente, mesmo, aquela coisa de mundo, né, de... coisas de, coisas de adolescente mesmo, de você, sentimento de adolescente. De você querer tá no mundo, de querer curtir sempre, e eu acho que quando eu resolvi mesmo engravidar e ter a vida que eu tô tendo agora eu acho que foi um passo pra fase adulta, entendeu, pra o amadurecimento mesmo, de ver que, que, passou. As minhas fases passaram. Eu já não posso tá vamo supor, com vinte e nove anos, é::, com marido, com filho, querendo agir como eu agia há dois anos atrás, há três anos, cinco anos, tá entendendo? Eu acho que a transição foi essa. Foi a decisão mesmo de dar um passo em direção a formação de uma família.

Elaine: e você acha que você começa a ver as coisas de uma maneira diferente?

Bruna: eu acho.

Elaine: é isso que é o dif., que modifica?

Bruna: você vê. Você vê. **Você vê com outra perspectiva, Elaine, porque você não pensa só por você, tá entendendo? Você não pensa, eu quando eu penso eu não penso só em mim. Antigamente eu só pensava em mim.** Assim, pensar em mim assim, não é egoísmo, não, é diferente, pensar em mim é vamo dizer assim, a hora que eu vou fazer alguma coisa, tá entendendo, eu tenho que pensar em Paulo e em Caio. Antigamente não, né, na hora que eu vou fazer alguma coisa eu pensava em Bruna. Tá entendendo? Então ia fazer uma coisa pra mim. Se não desse certo, tudo bem. Hoje não, hoje eu tenho que parar e pensar o que é que eu vou fazer, porque não é só eu. Não sou só eu, tá entendendo?

A partir do momento em que resolvera ter um filho com Paulo, Bruna haveria dado um passo em direção à vida adulta. A principal mudança seria a necessidade de pensar com mais cuidado sobre as suas atitudes, pensando que suas ações implicavam agora não somente em sua vida, mas na de todos da sua família. A perspectiva com relação ao mundo também seria diferente. Bruna fala inclusive sobre ser mais humanista, e que desde que havia se tornado mãe ela tinha novas aflições, como a violência e a questão ambiental (“como eu vou criar esse filho dentro de um Estado violento desse”).

Desde esta entrevista, a vida de Bruna passou por grandes mudanças. Naquela época, Paulo estava trabalhando na *lan house* de propriedade da irmã de Bruna (Carol) e seu namorado. Quando Carol e o namorado resolveram se desfazer da *lan house*, cogitou-se a possibilidade de Paulo comprá-la; ele estava negociando com seu irmão para abrirem uma sociedade, mas não conseguiram acertar-se com o valor da compra e acabaram não fazendo negócio.

Depois, Carol vendeu sua parte no apartamento que Bruna e Paulo moravam para o irmão mais novo, Rodriguinho, que resolveu mudar-se para lá. Bruna e Paulo então alugaram um outro apartamento no mesmo condomínio. A esta altura, Carol não estava mais morando com a mãe, tinha ido morar com o namorado. Durante este período em que passaram pagando aluguel, Bruna resolveu sair definitivamente do emprego no Parceria, para ter mais

tempo para se dedicar aos estudos para um concurso público. Ela e Paulo então refletiram sobre como seria mais acertado resolverem a questão de moradia, já que não teriam condições de continuar pagando aluguel. Resolveram que o melhor seria cada um deles voltar a morar com suas mães (que moram bastante perto, por sinal). Foi levado em consideração que ambos têm boas relações com suas sogras, o que poderia mudar com o convívio diário caso os dois fossem morar com uma delas.

A segunda entrevista foi feita em minha residência, numa visita que o casal nos fez. Na ocasião, Bruna reforçou seus planos de médio prazo em busca de “estabilidade”:

Elaine: tá Bruna, então tu tava falando assim, dos planos profissionais...

Bruna: então. Assim, eu na realidade Elaine tô partindo assim pra fazer uma coisa, saí do trabalho pra fazer uma história assim que de repente ela ainda me dê mais **estabilidade financeira**, que meu trabalho dava, porque assim, eu ganhava bem, mas bem pra quem era uma pessoa solteira, né, **a partir do momento que eu casei, que a gente teve Caio e que rolou as responsabilidades dentro de casa, eu tive também que me adequar a isso, né, você tem que porra, não dá mais pra você ganhar o que você ganhava**. Então assim, quando eu pensei foi, foi foda, porque eu disse assim porra, vai acabar a minha vida com Paulo assim completamente diferente do que a gente vivia, né, o pouquíssimo tempo, que a gente viveu pouquinho tempo assim junto, eu e ele. Só que eu decidi, velho, vou sair, vou partir pra estudar, que Caio tava muito novo, e eu queria realmente estudar e não tinha tempo, porque não tinha com quem deixá-lo, trabalhava oito horas, né, à noite não dava pra eu estudar mais, como era antigamente. Então assim eu parti pra essa história pra ganhar essa questão da estabilidade em todos os sentidos e pra conseguir fazer o que realmente eu quero fazer, né, que é outra graduação, tal, então tem uma coisa muito mais além do que só aquela “não, fiz isso porque eu quero ganhar mais e ter estabilidade”. É, também, mas por trás disso tem outra história muito maior assim que é a minha outra graduação, e tal, que eu quero fazer mesmo.

Elaine: aham.

Bruna: eu não me sinto formada.

Bruna fala de novas necessidades financeiras, a partir do momento que ela e Paulo formaram uma família. De certa forma pode-se aqui fazer um paralelo com a reflexão de Vitória sobre “trabalhar como jovem” e “trabalhar como adulto”. As necessidades de adulta de Bruna a fizeram buscar uma forma “adulta” de inserção profissional? Ela fala de um trabalho que lhe proporcione estabilidade, em todos os sentidos, num momento de sua vida em que ela viu a necessidade de se adequar às responsabilidades dentro de casa, a partir do casamento e da maternidade. A idéia de estabilidade aparece, assim, muito próxima da própria idéia de adulez.

Por trás desta busca pela estabilidade, teríamos o que Bruna considera como uma coisa “muito maior”, que é a sua segunda graduação. Neste sentido, é como se a “escolha”, ou a “não escolha” do passado agora orientasse o seu futuro, já que é o sentimento de não ser formada que a impulsiona a buscar meios de fazer outro curso.

A possibilidade dos jovens voltarem a morar com os pais após ter experimentado por algum tempo a moradia independente têm recebido alguma atenção da literatura sobre a transição para a adultez. Numa perspectiva de que o curso da vida não pode ser visto como sendo unilinear, José Machado Pais (2003) fala das “múltiplas faces do futuro” no “labirinto da vida”, repleto de bifurcações, caminhos sem saída e retrocessos. Se a situação de moradia for vista como um dos elementos definidores da assunção do *status* de adulto, como alguns autores têm sugerido, então a transição da juventude para a adultez seria tão diversa quanto reversível. A trajetória de Bruna é interessante para pensar esta questão.

A princípio pode-se refletir sobre a *independência* que Bruna havia adquirido de sua família enquanto teve sua residência à parte. Como ela mesma apontou, “o apartamento veio de tabela” e sobre o seu destino ela não parecia ter muito poder. De fato, não parece que tenha sido uma decisão dela e de seu marido mudar-se para um apartamento alugado. Também não foi Paulo que decidiu deixar de administrar a *lan house* dos cunhados. Pode-se dizer que a decisão do casal de voltarem para as casas de suas mães foi uma forma de contornar uma situação colocada por terceiros. O “sacrifício” de seu viver junto, neste sentido, é conseqüência da falta de independência de ambos com relação a suas famílias de origem, já que a experiência que tiveram de morar junto estava toda pautada numa estrutura que havia sido montada pelos parentes (o apartamento de Carol, o emprego de Paulo com os cunhados, a ajuda de Dona Bartira, que pagava a empregada doméstica e babá de Caio). Se pode-se falar da reversão de uma *situação* (o retorno à casa parental), não parece ser tão clara a reversão da *condição* (que nunca deixou de ser de relativa dependência).

Cabe notar que tanto na entrevista que fiz com Dona Bartira, como nas duas feitas com Bruna, a idéia de “independência”, no entanto, aparece pouco em suas falas. Dona Bartira, pensando em seu futuro, diz que não quer “ficar na dependência” dos filhos. Também diz que vê os filhos como adultos, com “total independência”. Já Bruna, a única vez que se refere ao termo é para falar da independência financeira de seu irmão mais novo, que tem apartamento e carro. Os projetos de Bruna estariam mais voltados para sua “estabilidade” do que para a sua “independência”. Esta idéia, no entanto, aparece no discurso de Bruna quando ela fala dos planos, ainda que implícitos, para o casamento:

Elaine: mas agora tu tá pensando em voltar a morar junto? Como é que ficou essa coisa de vocês dois?

Bruna: eu e Paulo?

Elaine: é.

Bruna: vê só, Elaine, a gente na realidade não teve nem muito tempo mais pra tá conversando sobre isso porque a gente tá tão de repente sei lá, foi que meio também um

choque, né, a separação, cada um na sua casa e tal, e não sei o que. Fica aquele meio termo, né? Sempre metade, parece que tá faltando alguma coisa, tá ligado, mas assim, hoje eu acho que a gente ficou tão naquela perspectiva de correr atrás mesmo de alguma coisa, que aquilo tá meio que subentendido, entendeu, e **tudo o que a gente tá fazendo assim tá fazendo pra que a gente volte novamente à vida que a gente tinha, velho, e muito melhor, no caso, que aí a gente é que vai prover**, tá entendendo? Então acho que tá já inerente também em todas as ações que a gente tá fazendo agora eu pelo menos acredito nisso, tá entendendo?

Bruna aponta outras questões que estão envolvidas em seu retorno à casa da mãe.

Primeiro, a questão do relacionamento entre mãe e filha.

Elaine: ô Bruna, como é que tá sendo essa coisa de mudança de moradia, de voltar...

Bruna: é punk, viu? Rock hard core. É paulera. Porque assim, a gente já tinha problemas, eu e ela, de relacionamento, porque minha mãe tem um gênio muito forte e eu também tenho. Entendeu, Elaine, então assim, é foda, a gente se choca às vezes dentro de casa, sabe? Mas assim, eu fui já sabendo como é que era e sabendo, e tendo a paciência de que ia ser pior ainda, porque eu tava indo, eu tava voltando pra casa em outra situação, né. Então eu sabia, porra, vai ser foda. Porque:: mainha nunca foi fácil, e na minha situação, tanto é que hoje ela banca tudo, assim, saca, e não fala nisso.

Elaine: ela te chamou pra ir morar na casa dela?

Bruna: quando eu e Paulo, eu fiquei matutando essa história de sair do trabalho, e estudar pra concurso, eu fui conversar com ela, entendeu? Eu fui conversar com ela, disse que eu tava pensando em fazer isso, tal, e que se provavelmente eu tivesse condição de fazer eu voltaria a morar com ela e queria saber o que ela ia achar disso, entendeu, se ela ia gostar, se de repente ia ser uma coisa legal. Na hora ela chegou pra mim e disse assim, “olha, minha filha, eu acho que você tem que pensar primeiro no seu casamento”, é, ela falou da questão do meu casamento com Paulo, que a gente ia se separar, entendeu, e tá tá tá, pra depois de repente falar (inaud.) pra depois falar que, mas, se eu quisesse, eu podia ir pra casa dela que pra ela não tinha problema nenhum. Tá entendendo?

[...]

Mas assim, ela ficou super feliz, até porque minha irmã tava, meu irmão tinha saído, tava saindo de casa, minha irmã já tava morando lá na Rua da Aurora com o namorado dela, então assim, ela, de uma certa forma pra ela, ia ser massa, pô, porque ela não ia tá sozinha em casa, e minha mãe, ela não, se tem uma coisa que ela não consegue ficar é só. Ela precisa de gente junto dela, assim. Ao redor dela, saca? Oxe, se a gente começar a cair fora mainha, eu acho que mainha tem um treco. Porque... e assim também, ela criou a gente assim Elaine, entendeu, minha mãe criou a gente assim, a gente com essa vontade de tá perto também. Eu não sei se é porque a gente nunca viveu, a família da gente é grande, tanto por parte de mãe como parte de pai, mas a gente não teve muito convívio com família.

Por um lado, até pela forma como ela e seus irmãos foram educados, Bruna aponta para a dificuldade de se afastar da mãe, e do aspecto positivo de ter voltado a morar com ela em um momento que ela ficaria morando sozinha. Por outro, os problemas de relacionamento com a mãe, que teria um gênio tão forte quanto o seu, teriam retornado.

Elaine: e tu assim, a tua relação com a tua mãe, assim. Na outra entrevista tu tinha falado que vocês já tinham tido problemas quando você era mais nova mas que vocês tavam com uma relação bem boa assim, principalmente depois que tinha nascido Caio, aí agora?

Bruna: [tosse]. Não, ainda, assim porque sabe o que que foi, também, foi a separação, eu sair de casa, então tipo assim, os problemas que eu tinha com a minha mãe na realidade eram problemas cotidianos, dentro de casa, não eram coisas, assim, sei lá, de muita

desavença, por causa de tudo, não, pô, era problema do cotidiano, merda, pô, minha mãe sempre foi muito nervosa, tá ligado, aí qualquer coisa ela se enerva, “ahhh”, saca?
[...]

Mainha... enfim, mas assim de uma certa forma ela tá, ela quer me ajudar, sabe, Elaine, eu sinto que ela tá com aquela intenção de me ajudar, tá ali, sabe, de prover pelo menos o que ela, pra que eu consiga realmente chegar aonde eu quero, porque inclusive eu já, foi o meu principal objetivo d’eu voltar pra casa, né, eu tô ali pra isso, né, então assim, é um tempo que, é uma provação, pô, tá ligado, eu tô achando, tô achando uma provação.

Assim como apontado por Vitória e por Seu Donizete, a decoabitação teria seus efeitos positivos neste relacionamento, e o retorno à casa da mãe coloca à Bruna, novamente, a necessidade de lidar com situações que imaginava que já havia superado, como veremos adiante. Bruna define como “provação” este retorno – complementando, de certa forma, a idéia de “sacrifício” da vida a dois ao qual ela estaria se submetendo. “Sacrifício” e “provação” fariam parte de um momento de sua vida em que Bruna vive voltada para o futuro, abrindo mão de algumas coisas no presente em nome de um objetivo maior.

Um outro aspecto importante do retorno de Bruna a casa de sua mãe é que ela não pode precisar quanto tempo terá este período. Como ela diz, passar em um concurso é algo que pode acontecer tanto amanhã como daqui a dois anos. Talvez ela precise “se virar nos trinta”, tomar outro rumo em sua vida, abrindo mão de seu objetivo. O que fica implícito é que trata-se de uma situação peculiar e transitória, até que ela consiga se “estabilizar” melhor. O tempo, assim, se coloca como o maior inimigo de Bruna, incitando uma série de emoções:

Bruna: Sei lá, eu acho que eu tô meio sufocada, sabe, de querer, que a coisa aconteça, saca, naquela angústia, naquela ansiedade, tá meio doido assim, sabe, eu tô meio ansiosa. Na boa, eu tô meio ansiosa mesmo.

Na primeira entrevista, Bruna apontou que se via como adulta desde o momento em que decidiu que iria engravidar. Um ano e meio depois, a resposta para a mesma pergunta seguia uma direção diferente:

Elaine: ô Bruna, e com relação assim a como você se sente com relação a idade, como é que você se vê assim?

Bruna: assim, Elaine, eu, primeiro que eu não aparento ter a idade que eu tenho, né? É, eu não aparento a idade que eu tenho, então já é uma coisa que você já se vê de uma forma mais (pausa) mais nova, tá entendendo assim? Você realmente parece que incorpora isso, porra... E assim, e eu acho que isso não é tão legal, tá entendendo, eu acho que você tem que se ver do jeito que você é, com a idade que você tem. Tá entendendo? Mas é porque é foda, meu, ninguém me dá a idade que eu tenho e eu fico me sentindo mais uma pirralha ainda, tá entendendo? Ninguém, eu não tenho credibilidade em canto nenhum. Tá ligada? Porque minha cara não oferece nem medo, tá ligada, de “ah, não” o respeito de ser, da pessoa olhar e ver, “não, essa pessoa tem uma determinada idade, né e tal”. Não, pô a galera tira uma onda com a minha cara, pô, acha que eu sou uma pirralha mesmo. Então de repente isso influi de uma certa forma, né? (risos) No seu jeito de se ver, assim, de repente eu me acho meio pirralhona mesmo, assim, às vezes, sabe? Não me acho tão adulta, assim

(risos). Não, tá ligada?

Elaine: mas isso aí mudou de alguma forma pelo fato de tu voltar a morar com a tua mãe? Tu acha?

Bruna: também, né, porque aí eu voltei a ter a vida que eu tinha quando eu *era* pirralha (risos). Quer dizer, **toda aquela bagagem de coisas que eu tava adquirindo para o meu amadurecimento, né, foi-s'embora, eu tive que voltar, tive que retroceder**, de uma certa forma (inaud.). Tem coisa que eu não acredito que acontece, pô, por exemplo lá em casa, que eu digo “eu tenho 31 anos e tá acontecendo isso, velho, comigo?” (risos)

Elaine: mas tu fala no sentido de que, de tu não ter a tua liberdade ou de...

Bruna: também. Porra, **de você não ter a tua liberdade dentro de casa, saca, de você não poder opinar de nada**, pô, saca, você não pode opinar de nada, parece que tudo o que vai sair da tua boca é uma besteira completa, não merece ser dita, tá ligada? Eu digo “porra, velho”, falar o que? Vou ficar calada, né, assim, vou me restringir a dar a minha opinião quando pedirem, tá ligada?

Elaine: mas isso aí tu acha que é uma coisa do teu círculo familiar, ou tu acha que isso aí seria comum a qualquer pessoa que voltasse a morar (inaud.)?

Bruna: não sei, não, eu acho que o círculo familiar influencia. Influencia bastante, assim, sabe, porque **tem gente que volta a morar com os pais mas que não é tratado como criança por causa disso**. Entendeu? O pai respeita a respect.(inaud.) privacidade, respeita que o filho cresceu, né, o problema é **realmente o meio familiar que contribui que você se ache alguma coisa**, pô. Ou não se ache nada, saca, e lá casa é trash, porque a galera:: é foda a galera lá em casa. Mas eu acho que outra pessoa talvez não... depende da família. Depende o contexto.

Elaine: [...] Mas aí eu queria saber assim, mas será que, será que a pessoa se sente de novo mais jovem do que era antes? Antes ela era adulta, agora é jovem? Eu acho que não é *bem* assim... Dizer assim, “ah, meu Deus, eu já tava praticamente uma mulher adulta, agora eu voltei a ser jovem” eu acho que as pessoas não pensam desse jeito, né?

Bruna: não, não, eu acho que não. Eu acho que não pensa não, mas é:: **fica uma coisa meio que em condicional**, né? Você tá numa coisa que favoreça a você pensar desse jeito, tá entendendo, mas assim, Elaine, eu na verdade eu não penso assim, com relação a mim, né. Só em alguns momentos (risos). Mas tem momentos que não, pô, tem momentos que eu acho que é porque a galera não me escuta mesmo, tu tá ligada? A galera não quer saber o que eu penso. Então me tira mais pela imagem que vê, e pela imagem que vê, pô, pela imagem não é tudo, né? É tudo pra propaganda. Mas assim, eu acho que não, eu acho que a galera às vezes é assim, lá em casa, tá ligado? E isso me deixa muito, às vezes me deixa muito confusa, saca, porque eu digo pô, é o alicerce da pessoa, de repente. Então se o alicerce é desse jeito, velho, **nada mais natural do que mil vezes eu ser uma pessoa altamente indecisa**, com as coisas, tá entendendo? Eu sou muito indecisa. Pra decidir uma coisa, minha filha, eu penso, repenso, penso de novo, é uma agonia. Às vezes entro em choque, com aquele conflito, qual é o melhor, que foda, e muitas vezes eu erro, pô. Várias vezes eu errei (risos). Eu não sei se dessa vez vai ser um erro, mas espero que não, porque eu pensei tudo muito bem pensado.

A partir da fala de Bruna podemos pensar tanto no impacto que o retorno à casa parental, quanto no papel que a família (o “alicerce da pessoa”) pode representar na auto-percepção com relação à idade. Ela diz que não aparenta ter a idade que tem, o que contribui para que a vejam como “meio pirralha”, o que não é de todo bom, pois ela acabaria introjetando esta percepção. Ou seja, no que depender da maneira como é vista, de uma forma geral, Bruna não se sentiria como uma adulta. Também fala que voltar a ter a vida que ela tinha quando realmente “era pirralha” tem um papel para que ela não se veja muito como adulta. O retorno, assim, poderia ter deixado a sua adulez “em condicional”, já que ela fala do retrocesso da bagagem que ela vinha adquirindo para seu amadurecimento. Por fim, Bruna

levanta o que seria peculiar de sua família, que não a trataria como uma adulta, como alguém que tem algo para ser ouvido nas decisões dentro de casa, e que isto contribuiria para que ela algumas vezes não se visse como adulta (ou como menos adulta do que se sentia quando tinha a sua casa?). Estar de volta à casa da mãe passava, assim, por estar novamente sendo influenciada pelo olhar da família sobre a sua condição etária, que aqui não parece contribuir para que ela se perceba como uma mulher madura. Sua indecisão também seria fruto desta espécie de falta de crédito por parte de sua família, que a deixaria confusa.

Com trinta e um anos de idade e morando na casa da mãe com o filho de três anos, Bruna seria o exemplo clássico de “prolongamento da juventude”, ou de “transição tardia” em um estudo demográfico sobre o tema, pautado em dados objetivos como moradia, ocupação e renda. Até por acreditar que identificar que as transições à adultez (seja qual for o critério para pensá-las) ocorrem mais tardiamente no curso da vida contemporâneo é algo diferente de classificar uma determinada trajetória de transição como sendo “tardia” ou “precoce”, interessa-me, no entanto, pensar em como Bruna percebe esta questão do tempo em sua trajetória. De fato, o tempo se mostra a ela de forma contundente – quando ela reflete sobre coisas do passado e pensa como seria o presente se agisse de forma diferente; quando ela se questiona se agiria diferente se pudesse voltar atrás; quando pensa se seria quem é hoje se não fosse suas experiências anteriores; quando se planeja para o futuro; quando acredita que há dez anos atrás não teria estrutura para agüentar a vida que está levando; ou quando se pergunta se ela tem um crescimento muito lento.

1. **Bruna:** é. Se eu fosse mais nova acho que ia ser pior⁵⁹. Na boa. Porque minha vida só começou a se estruturar assim, entendessee, Elaine, eu fiquei um teempo assim, eu passei muito tempo vivendo uma viagem, velho, saca assim, uma coisa muito louca, entendessee? Era muita doidera, pô, saca, e de repente eu fico imaginando se acontecesse antigamente eu tava fudida, pô (risos) literalmente (risos). Tá ligada?

2. **Bruna:** Eu acho mesmo, e às vezes eu fico viajando, porque eu digo, porra, será que sou eu que amadureço, assim, muito lentamente, saca? De repente o que eu tô pensando hoje era pra eu ter pensado cinco anos atrás (risos). Tá ligado? Ou era dez anos atrás, não sei, às vezes eu fico nesse conflito sem saber, tá entendendo, se o que tá acontecendo, as coisas que eu tô, assim, que fico almejando e tal, saca? Eu fico viajando, pô, será que é por que meu crescimento é lento, eu passo um tempo pra amadurecer? (risos) (Inaud.) não sei, é viagem isso.

3. **Bruna:** eu só vivo pensando no futuro, é a única coisa que eu sei fazer hoje em dia, é pensar no futuro, eu não consigo mais pensar em nada, pô. Até por causa de Caio, né, e tudo que eu também quero dar a ele, ainda tem essa, você quer dar alguma coisa pra seu filho, entendeu, quer deixar, quer transmitir, quer ser *aquela* pessoa pro seu filho, tá ligada, é isso que é assim, a viagem é essa, tá entendendo?

⁵⁹ Ter filho.

A sua percepção do tempo diz respeito à percepção do seu curso da vida, no que pesam todos os seus dilemas e suas escolhas. De certa forma, Bruna percebe que com a sua idade ela já poderia estar mais adiantada em suas conquistas – caso tivesse começado a trilhar este caminho mais cedo, ou tivesse feito outras escolhas. Por exemplo, com relação ao momento em que aconteceu a decisão pela maternidade:

Bruna: Porque a gente, eu engravidei e aí de repente a gente assumiu uma responsabilidade que na época né tava meio que, sei lá, a gente tava trabalhando, né, ninguém tava fazendo na realidade o que queria fazer. Né. No momento que era pra gente de repente tá se preparando pra gente fazer o que a gente gostaria de fazer a gente, rolou um sentimento bem maior e tal, d’eu engravidar, e aí a gente disse bora nessa, tá ligado? Tamo a fim, tamo a fim, vamo fazer, a gente vê no que vai dar.

O sentimento maior de ter um filho aconteceu num momento que poderia ser de “preparação” para que o casal fizesse as coisas que gostaria de fazer. A ordem dos eventos tidos como mais significativos para a assunção da adultez, na trajetória de Bruna, aconteceu de forma bem diversa daquela “tradicional”. Bruna fala das múltiplas perspectivas e inseguranças enfrentadas hoje em dia para pensar esta mudança no curso da vida.

Bruna: porra, eu acho que a gente vem, é:::, velho, eu acho que a gente vem de uma história assim que tinha que ser daquele jeito. Daquela organização. Você não podia, assim, destoar um pouco do que tava na regrinha da sociedade e tal, não sei o que, tá ligado? Porque se não, a bomba chiando era bem maior, era uma bomba atômica, (inaud.) uma bomba atômica, pulverizou a galera, saca, aí eu acho que como hoje em dia, é porque sabe como que é, Elaine, **a gente também tem tanta perspectiva**, né, velho, eu acho que a gente tem muito mais perspectiva hoje em dia que a galera tinha antigamente. É, tá ligado? Assim, é foda, e principalmente a gente que é mulher, pô. Saca? Eu acho, velho. Eu acho, hoje a gente virou o chefe, fudeu, tá ligado, Elaine? É, em muitas casas são assim, pô. Saca? É foda, e você pensar que você vai ter que fazer tudo direitinho, eu acho que **a gente também pode arriscar alguma coisa**, ver se, porra, todo mundo fez assim, eu vou fazer de outro jeito, velho, né? Sei lá, vamo ver se dá certo, por essa estatística aqui, estatística da galera que não fez tal coisa, fez diferente, fez assim, assado, tá ligada? É, **porque você fazer tudo certo, você vai correr o mesmo risco**, dá certo ou dá errado, ninguém garante que vai dar certo, tá ligada (risos). **Pode dar certo e pode dar errado, velho, então se o risco é o mesmo, pô, faz logo o que tem vontade de fazer primeiro**, tá ligado (risos) e primeiro já tem um filho (risos). Se vai dar certo ou vai dar errado a gente tá vendo.

Talvez até a geração que tinha a obrigação de casar e permanecer casada, as regras da sociedade quanto o curso da vida fossem mais claras, e as trajetórias mais facilmente obedecessem a algum “padrão”. Bruna, assim, como Vitória, aponta as diversas formas de se assumir a adultez, e, diante do “risco” pertinente a qualquer escolha, a possibilidade de se buscar primeiro o que mais deseja alcançar. Com relação ao tempo talvez estas novas formas de vivência deste período da vida não sejam tão rápidas.

Bruna: É... na realidade é a história, eu fiz tudo de trás pra frente, tá ligado? (risos) Então assim, é mais demorado quando uma pessoa faz isso. Lógico que com relação a tempo, você seguir as regrinhas talvez as coisas não sejam tão demoradas, tá ligada, pra se alcançar o que você quer, né? É isso que eu acho assim, eu acho que o fato de ter feito tudo assim,

meio doido, requer mais um tempo, velho, pra poder me organizar (risos), tá ligada? Eu fiz tudo doido, então tem que ter um tempo pra se organizar, mas eu acho que tudo vai se organizar, visse, Elaine, eu acredito nisso. Não sei quando, tá ligado, mas eu posso prever como, tá ligado? Assim as coisas vão se organizar. Mas é uma fase meio crítica, assim, então eu acho que o tempo aí é (risos) é foda, tá ligada? O tempo vai ser muito mais longo do que seria se fosse de outro jeito, assim, se fosse diferente, saca?

* * *

Não exercer a profissão na qual se formou é um complicador na identificação de Bruna como profissional, e a partir daí ela iniciou a sua “busca interior” atrás do que realmente gostaria de estudar e trabalhar. Chegou ao curso de Ciências Biológicas, e traçou planos de médio e longo prazo, que passam pela busca de “estabilidade”, através de um concurso público.

Bruna falou bastante sobre as *escolhas* que fez, ou não fez, na vida. Por um lado pensa em como poderia ser diferente sua vida hoje se ela tivesse escolhido o curso de graduação que hoje quer fazer. Da mesma forma pensa como a maneira peculiar como vivenciou a sua adolescência lhe colocou conflitos com a sua família, e foi também um fator para que se conformasse ao curso de graduação que na época lhe era “conveniente”, embora não fosse a sua escolha. Por outro lado, pensa se teria maturidade para fazer outra escolha caso pudesse voltar atrás. Ela teria então optado por Ciências Biológicas? Se não tivesse vivenciado sua adolescência de forma tão intensa, ela seria hoje a pessoa que é? O interessante de se observar aqui, é que Bruna se coloca ou se percebe como agente de sua trajetória, afinal ela sabe ou sente que as escolhas deveriam ter sido tomadas *por ela* e que, não as tendo feito antes, é momento de planejar o seu futuro.

As escolhas relacionadas à formação de uma família também lhe impõem determinadas condições para que alcance seu grande objetivo. A opção por ter um filho antes de pensar em coabitação, antes de ter estabilidade profissional, alonga os planos de Bruna e a remete para o futuro. Para quem só queria viver o presente, não deixar de pensar no futuro há de ser uma mudança substancial. A centralidade da maternidade na trajetória de Bruna, aliás, não pode ser menosprezada. Ela fala da forma como o projeto de ter um filho com seu então namorado era expressão de um “sentimento maior”, que os fez seguir por um caminho que diverge das “regrinhas da sociedade”. Mas num contexto de tanta incerteza, quem segue estas regras também não tem garantia alguma de que vai chegar a sua meta. Também fala de como ter um filho orienta seus planos, no sentido de que ela quer que Caio tenha orgulho dela. Melhor então inventar seu curso de vida, nem que se tenha mais que lidar com certos

“sacrifícios” e “provações”.

Talvez a maior destas provações seja justamente o retorno à casa materna, após ter experimentado um período morando com o marido e o filho num apartamento à parte. Angústia, ansiedade, ânsia de atingir o que almeja, são sentimentos que Bruna relaciona ao período da vida que vive. Se por um lado o retorno pode ser visto como “estratégico” – uma forma dela se preparar melhor para um concurso público, uma graduação, uma carreira que lhe agrade – por outro, a volta a uma condição que de certa forma, ainda que de maneira transitória e insegura, ela havia “superado”, reflete na maneira como Bruna se percebe com relação a sua idade. Se em nossa primeira entrevista ela falava do papel da maternidade na forma como se via como adulta, agora ela fala do tratamento recebido pela família, que reforça uma imagem dela como sendo ainda “meio pirralha”. É na relação com os familiares que ela constrói um espelho de si mesma, e se “no alicerce da pessoa” ela não sente que receba crédito, isso não a ajudaria muito a continuar se percebendo enquanto adulta.

Bruna fala com a propriedade de quem sabe que tem um bom caminho a percorrer até conseguir ter a vida que teve por um curto período, e numa situação melhor, por ser provida por ela e seu marido. Talvez um dos aprendizados que ela esteja trazendo em sua “bagagem para o amadurecimento” seja a necessidade de planejar-se com relação ao futuro. Ao assumir que tem feito seu caminho de forma “muito louca”, ela sabe que encontrará ainda muitos percalços, e que a própria desistência do que hoje é certo para ela é uma possibilidade. Quem sabe meio a tudo isso ela não tem uma certeza: a de que a trajetória durará o tempo que ela necessitar para percorrê-la.

JJ: “vida de adulto é uma matemática”

JJ foi entrevistado em 03 de fevereiro de 2006 e em 17 de setembro de 2007. Ambas as entrevistas foram feitas em minha residência, que ele já costumava frequentar.

Ele nasceu em 1985, em São Benedito do Sul, interior de Pernambuco. Quando criança, morava com sua mãe, que era cortadora de cana, sua avó, costureira, o irmão mais novo e alguns tios. A situação nunca foi fácil. Sua avó, “uma boa costureira do bairro de Igarapeba”, bebia muito e às vezes ficava sem trabalhar. Sua mãe recebia pouco.

A presença de uma figura paterna em sua vida nunca foi muito regular ou intensa, nem mesmo muito afetuosa. O marido de sua mãe era caminhoneiro, e “vivia voando”,

passando mais tempo em outros lugares do que em sua casa. A relação com ele “era mínima”.

Por volta dos seis ou sete anos, JJ se mudou para a lha do Maruim, bairro pobre no município de Olinda, na região metropolitana do Recife. Instalou-se com o irmão, a mãe e a avó na casa de tios que já moravam no bairro. A situação então “melhorou” um pouco. Havia a aposentadoria da avó e o salário da mãe, que trabalhava na casa de uma família.

Depois a mãe se mudou para Rio Doce, um outro bairro da cidade, com um novo marido. A avó faleceu. JJ passou um tempo morando com a mãe, mas começou a ter conflitos com o padrasto. Voltou para a Ilha, para a casa do tio, mas acabou também se desentendendo e foi dividir um barraco com um colega.

A história de JJ é marcada por fases bastante distintas. JJ diz que começou a ter problemas com o padrasto por ele chamá-lo de “maconheiro”, mas que na época ele nunca havia fumado, apenas saía com os amigos para se divertirem na Sé, em Olinda. Quando JJ brigou com o padrasto e saiu de casa, já chegou na Ilha do Maruim fumando maconha, na “democracia”, como ele diz – e sem maiores envolvimento com atividades ilegais.

Já quando brigou com o tio e foi morar com um colega, JJ experimentou pela primeira vez um “mesclado”, cigarro feito com a mistura de crack e maconha. Foi neste período que JJ, sem trabalho e sem o apoio da família, e morando com um colega que “metia mola” (assaltava), começou a fazer alguns roubos próximo a seu bairro. O consumo de crack e os assaltos se iniciaram na mesma época, e em geral aconteciam no mesmo momento. Perguntei se ele achava que o uso da droga havia influenciado nos crimes, ou vice-versa:

JJ: Não, foi a coisa que causou a outra assim, o tá mal influenciado, né? Tá no meio de um negócio divertido dizer “bora fazer, bora”. É só “ah, não devo nada a ninguém mermo. Já tô numa doidera, não custa nada fazer outra”. Aí “ah, não tenho nada a perder” aí vai, usa.

Sem nada a perder, JJ passou alguns meses em sua vida “doidera”, chegando a fazer assaltos à mão armada. Toda sua transição à vida adulta é marcada por sua *posição social* – o jovem homem pobre, negro e com poucas oportunidades. Estigmatizado, JJ parece que aos poucos foi passando por tudo aquilo que já haviam lhe reservado em uma vida de *exclusão social*. Tachado de maconheiro antes de começar a fumar, chamado de bandido quando apenas “dava uma bolinhas”⁶⁰, sofreu “baculejos”⁶¹ da polícia e até foi levado à delegacia por engano junto com vizinhos que faziam assalto na região. ““Ooxe, meu irmão, não faço nada de errado acontece essas coisa comigo, eu vou fazer’. Aí comecei a fazer, entendeu?”.

⁶⁰ “Dar uma bola” ou “dar uma bolinha” quer dizer fumar maconha.

⁶¹ “Baculejo” é a abordagem policial, geralmente bastante ofensiva quando aplicada a jovens como JJ, que não precisam estar em atitude suspeita para serem submetidos a revistas.

Quando fala de como deixou sua vida de bandido, aparecem três coisas: uma *namorada*, um *projeto social* e a *igreja*. Todos estes três elementos estão ligados a idéia de adulez de JJ, bastante atrelada a um modo mais consciente de ver o mundo.

JJ: [...] Aí quando eu criei meus 18 anos, eu disse “oxe, não quero mais não, essa vida mais não”.

[...]

Elaine: O que aconteceu assim que tu, foi quando tu fez aniversário, foi quando tu fez 18 anos ou foi alguma coisa assim que te... aconteceu alguma coisa marcante...

JJ: Teve, teve, teve, uma coisa marcante. Eu tive uma esposa, era bem bonitinha aí eu tirei ela d’um palácio pra morar num barracão, velho. Ela veio morar mesmo com a família dela bombada, ela não tava nem aí, ela só queria saber lá pegar a grana e voltar pra casa, morar comigo e.

Elaine: É mesmo? Não sabia disso não.

JJ: É. Aí foi na minha fase dezesseis pra dezessete ano, isso. Aí eu gostei de morar com ela, morei um bom tempo, dezesseis até os dezoito ano, aí eu disse “poxa, é bom, velho, morar junto é bom, ter alguém que cuida de mim” e a gente assim, a gente tava oposto a qualquer momento ter uma gravidez, tá entendendo? Que era um negócio seguro, só era entre eu e ela, aí depois começou a num rolar mais confiança, que ela ia pra São Lourenço, pra casa da mãe dela, e a vó dela ficava, não aceitava muito eu com ela, aí ficou aquele negócio estranho, né. Deixei ela e botei aquele negócio na cabeça “puxa, morar junto é muito bom, meu irmão. Eu não mais viver essa vida errada não”. E ela me aceitava na doidera, né. Eu era já, já era doidera já. **Ela cuidava assim de mim, se preocupava de me tirar eu daquela vida assim. E saber que a vida não era realmente aquela que eu tava vendo aos meus olhos, né? E sim essa que eu tô vivendo agora, entendeu?** Eu “puxa, meu irmão”, aprendi que a vida era diferente. Aí decidi mudar de vida.

A importância desta companheira foi a de mostrar a JJ, primeiro que viver com outra pessoa podia ser bom – ter alguém para ele cuidar e cuidar dele, como ele falará mais adiante. Em segundo, o ajudou a despertar para o fato de que a vida que ele estava levando o fazia se afastar deste tipo de relação. Ele costuma muito dizer como um pessoa que vive uma “vida errada” ou um usuário de crack não pode ser depositário de confiança, e talvez aí resida a incompatibilidade entre a “vida louca” e a vida a dois.

Elaine: E eu sei que teve duas coisas que tu participou, aquele projeto social, né...

JJ: Agente Jovem, lá em Rio Doce.

Elaine: Isso foi antes de tu começar a ir na igreja?

JJ: Foi.

Elaine: E daí como é que foi, então, esse projeto?

JJ: Esse projeto é uma loucura, visse? Era as pessoas de Quarta Etapa, Segunda Etapa de Rio Doce, e Terceira Etapa. E Ilha do Rato não era unido com Rio Doce.

[...] Aí, a gente estudou na Associação de Moradores I e II, o professor era Edmilson, lá da rua, lá do Rato, mas só vevi em Rio Doce, nessa associação; e com a psicóloga, a Mirtes. Aí tinha a professora Anete, essa que ia buscar o dinheiro, em outros projetos mais a galera programou e roubou o projeto, porque sabia que os professores vinham com muito dinheiro, entendeu? Mas na favela da gente não a gente fazia o negócio sigilo⁶² [...]. A gente praticava esportes, a gente praticava atos culturais, um bocado de coisa, e no começo foi aquela desunião, as menina não se unia com as menina, os menino não se uniam com os meninos, naquele ponto um de matar o outro, e no final de tudo aquela, como é que se diz,

⁶² JJ se refere ao dinheiro da bolsa que os alunos do projeto recebiam, que foi objeto de assalto por parte dos próprios alunos beneficiários em outros grupos, segundo ele.

aquela confraternização. Foi uma paz, uma paz tranqüila. **A gente começou a entender que a vida não era aquela que a gente realmente vivia.** [...] Aí a gente passou dois ano, aí quando fica de maior não pode fazer mais, eu saía do Maruim pra lá fazer, ó.

Foi o projeto social que abriu aos olhos de JJ um mundo de possibilidades. Como ele diz, as atividades culturais e as conversas com os professores e psicóloga o faziam “se distrair” mais das drogas. Foi nessa época em que ele passou a viver com uma bolsa do Governo Federal (diga-se de passagem, um valor irrisório se comparado ao que ele conseguiria levantar com os assaltos) e a freqüentar a igreja, que JJ conseguiu deixar o vício do crack. As duas instituições certamente tiveram um papel importante tanto para a imensa força de vontade que deve ter sido demandada, quanto em ajudá-lo a ver “que a vida não era aquela que a gente realmente vivia”.

Elaine: Sim e a igreja, como foi?

JJ: Foi massa assim.

Elaine: Quando foi que tu começou ir pra igreja?

JJ: Eu comecei a ir a partir do momento que uma pessoa tava falando coisas que tava assim relatando a minha vida, meu irmão. Aí eu percebi que não era aquela pessoa que tava falando.

Elaine: Ah tá.

JJ: O pessoal tava no microfone falando um negócio ali assim, que as pessoas não param pra perceber bem. Mas quando a pessoa tá cheia de problema ali começa aparecer coisa assim, muitos dizem, “ah não, ele tá dizendo ali porque ele já conviveu isso”. Oxe, como é que o cara tá convivendo um negócio que eu tô convivendo? Se muitas vezes ele é mais novo do que eu?

Elaine: Foi o que? Tu escutou um culto, assim, e a pessoa que tava fazendo o culto dizia coisas que tu dizia “meu Deus, é a minha vida”, é isso?

JJ: É, é. Aí eu percebi que Jesus Cristo não é mudo. As pessoas dizem assim, “no mundo”, eles diz, “a esperança é a última que morre”. Eu digo assim, “a esperança não morre mais”. As pessoas perguntam “por que?” “Porque a esperança morreu e ressuscitou no terceiro dia”. Quem morreu no terceiro dia foi Jesus, então a nossa esperança é Jesus. É Deus, entendeu, não morre mais. Aí as pessoas tem esse ditado lá, eu não acredito muito nesse ditado não. As pessoas diziam “vaso ruim não se quebra”. Rapaz, vaso ruim nem sempre se quebra se Jesus Cristo não quiser, rapaz. Se quiser quebra, e pronto. Eu era um vaso ruim, eu era um vaso ruim. “Esse aí, não tem jeito mais não”. Tinha gente até que dizia “ish, lá vem aquele escamoso”, entendeu? Tem a pessoa que diz, “puxa, fulano lá tava te chamando de escamoso”. “Ei meu irmão, deixa fulano pra lá (inaud.) querer confusão”, entendeu? Aí a igreja foi um negócio massa. Tava (inaud.) minha vida, disse “oxe, eu vou pra igreja”. Passei oito meses lá e caí, me desviei, aí aconteceu essa tragédia comigo d’eu ir preso, por causa de colega, defendendo patrimônio dos outros, né. Aí não vale a pena. A família gastar uma grana com advogado, mas o advogado me tirou não foi porque ele quis não, foi porque Deus tinha que me tirar dali mesmo. Porque foi só pra eu se ligar ali que se eu tentasse voltar pra vida que eu tava querendo voltar, né velho, eu ia ver que as coisas iam ser muito diferentes.

Elaine: Mas tu pensava nisso ainda, de achar...

JJ:... de vez em quando pensava.

Elaine: Que era mais fácil?

JJ: Era mais fácil. Pensava assim, metendo uma mola invocado e gastar o dinheiro num bar pra nada.

Goldstein (2000), pensando nas conversões religiosas, notadamente das mulheres expostas a contextos de extrema violência no Rio de Janeiro, traz algumas reflexões que

acredito que podem ser relacionadas à trajetória de JJ. Para a autora, a devoção religiosa ofereceria uma “disciplina corporal”, através de vestimentas e de comportamentos que sugerem que os convertidos estão “fora do jogo” da violência. “Tais roupas sinalizam que a pessoa está longe do mundo das drogas, crime, violência e ‘encrenca’ – na linguagem da igreja – e mais perto de Deus” (Goldstein, 2000, p. 45). Considero este aspecto importante, porque como veremos adiante, algo com o qual JJ precisa lidar ainda hoje, passados quatro anos de sua efêmera fase “vida louca”, é com a visão de que não se transformou em um homem de bem.

Desde que decidiu não levar mais uma “vida de bandido”, JJ tem tentado seguir uma vida correta. Eu o conheci quando trabalhava numa empresa de sinalização, através de meu esposo. JJ recebia um salário mínimo e não tinha carteira de trabalho assinada, não recebia vale-transporte ou auxílio alimentação. Quando o proprietário começou a atrasar os salários mais que o usual, praticamente todos os funcionários saíram da empresa – alguns com processos trabalhistas que se estenderam por dois anos, outros, como JJ, que acabaram fazendo um acordo e receberam menos do que lhes seria de direito.

A tragédia que ele fala aconteceu após sair deste emprego. JJ estava no trabalho de um amigo, que é vigilante de uma loja de motores, à noite, quando avistou um homem pulando o muro. Pensando que se tratava de um ladrão, quis ajudar o amigo e pegou sua arma para abordar o suposto bandido. Mas se tratava de um “araque” de polícia (um informante), e os policiais estavam na área atrás de uma “boca de fumo”. JJ foi preso em flagrante por porte ilegal de arma, ficou treze dias no presídio e na época da primeira entrevista estava sob liberdade provisória. Ironicamente, ele nunca havia sido preso quando era assaltante e usuário de crack.

Desde então, JJ se virou como pode, fazendo pequenos bicos perto de sua casa. Quando fizemos a primeira entrevista, ele estava morando com sua mãe e seu irmão, que haviam se mudado de Rio Doce para a Ilha do Maruim. Também estava namorando uma menina que conheceu na igreja, que tinha então quinze anos – um namoro aos moldes antigos, já que o sexo antes do casamento é considerado adultério pela igreja.

No namoro, como na vida, JJ estava sempre lidando com a imagem do jovem de “vida errada” que ele foi – tendo problemas com o pai da namorada, que não aceitava ver os dois juntos. Suas expectativas eram de uma vida simples: poder se casar e dar o mínimo de conforto a mulher:

Elaine: E outras coisas assim eles ficam cuidando muito dela, sei lá, das intimidades de vocês?

JJ: Fica, fica, mas a nossa intimidade é só quando tem oportunidade, porque às vez ela

passa no portão lá de casa, aí, ou então na oficina, eu chamo ela, “vem cá, vem cá” ela entre rapidinho na oficina, eu dou um beijo nela e pronto, já é a felicidade pra mim.

Elaine: (risos) porque ela é bem nova, né? Será que até não é por isso que o pai dela não gosta de ti, porque ela é novinha....

JJ: É não, é porque ele é ex-drogado e tá drogado de novo. É por isso que ele não gosta. Que ele acha assim “esse cara, meu irmão, vai querer fazer, vai querer ficar com a minha filha”. Pra ficar, na igreja a gente pra ficar a gente namora, a gente noiva, depois casa. É o meu sonho com ela, que eu quero ter uma família, claro. Aí ele pegou e fica nessa, aí ele fica nessa “esse cara só quer pegar a minha filha, passar no facão e desfiar aí pra eu criar”. Não, eu tenho uma proposta o contrário, no dia que eu tirar ela da casa dela, eu não quero que ela volta lá nem pra pedir um... um extrato de tomate. É sério. Não, que ela vá lá tudo bem, mas que ela tenha uma vida de, não uma vida de luxo, né, mas ela se acordar de manhã ter um iogurte na geladeira, ter um biscoito guardado, uma coisa diferente, uma fruta pra ela comer. Eu quero dar essa vida a ela, né, claro. E eu sair pra trabalhar e ela ficar em casa, assistindo uma televisão, ou escutando uns CD de evangélico, e não faltar nada, né. Não ter muito não, mas pelo menos ter cinco reais pra assim, ela precisa ir ali comprar uma carne, comprar um negócio, não faltar, ter um plano de saúde já pago todo mês, porque tem clínicas que a pessoa paga dez reais por mês e tem um bom atendimento, entendeu, entendeu não, aí é assim a vida que eu quero. Dar bem muita injeção nela, pra ela não ficar grávida antes do tempo, não pode, (risos), é sério, oxe, eu também sou uma pessoa assim, tipo vocês, eu e ela samo tipo vocês⁶³, como seguro demais, meu tio dizendo, “poxa, eu vejo tu há tanto tempo com a tua namorada vocês nunca beijaram na minha frente, eu vejo o meu filho tanto tempo com a namorada dele, nunca beijaram na minha frente, teu irmão começou a namorar agora com a menina, fica na sem-vergonhice aí, no meio da rua”. Aí pega mal, né? Assim, o pessoal dizer “ó, os crente”. Entendeu? Aí, essa é a vida que eu quero assim.

Também a *conversão* parecia ter uma importância significativa para o modo como JJ se via com relação à idade, e como entendia ser a juventude e a adultez. Da mesma forma que, com o projeto social e a igreja, ele começou a ver que “a vida não era aquilo que ele pensava que era”, *ser adulto tinha algo a ver com uma forma mais consciente de ver o mundo*:

Elaine: Ô JJ, eu quero que tu me diga assim, ó, com relação à idade, jovem, adulto, coisa assim, como é que tu acha que você se encaixa, assim?

JJ: Com relação a como?

Elaine: À tua idade.

JJ: Eu já me encaixo como homenzinho já, né.

Elaine: Homenzinho? Como é que é isso, homenzinho?

JJ: É uma pessoa assim já grandezinho, crescido.

Elaine: Não é mais jovem, ou ainda é jovem?

JJ: Não, não, não. Eu acho que jovem, eu considero jovens de quinze a, de quinze a dezoito ano. Mas as pessoas nos considera como jovem ainda, né. Que a partir do momento que a gente ainda não se casou a gente somos jovens. Entendeu?

⁶³ JJ se refere ao fato de eu e meu marido não termos filhos. Meu marido, que tinha uma relação de amizade mais próxima com JJ (e que não estava fazendo trabalho de campo antropológico) diversas vezes lhe “abria os olhos” sobre as implicações de seu plano de casar muito “precocemente”, dizendo que então só faltaria ter logo um filho. Obviamente as posições de classe de cada um deles fazia com que tivessem um olhar diferente sobre o momento de se casar e de planejar uma família. Eu procurei tentar ouvir as motivações de JJ para os seus planos de vida, abstenho-me de lhe dar “conselhos”, embora não possa ignorar que nossa amizade de alguma forma refletiu nestes planos, notadamente no valor dado aos estudos por ele e na sua auto-percepção enquanto trabalhador. À guisa de exemplo, certa vez JJ reconheceu que foi a partir da relação com os amigos da empresa de sinalização que ele deixou de ter vergonha de entrar sozinho em um supermercado, onde sempre se sentia visto como ladrão.

[...]

Elaine: O que é mais importante pra uma pessoa ser considerada, pra um cara já ser homem, já, o que é mais importante?

JJ: O importante é que ele vai ver que a vida não é realmente do jeito que ele pensa que é, e vai se dedicar mais a viver.

Elaine: Quando começa a ter vida assim diferente, então?

JJ: É, de modo de trabalhador, modo digno de se viver. Entendeu?

Nesta ocasião, tanto a definição de juventude como de adulez de JJ foram costuradas pela sua experiência na igreja:

Elaine: É, ser jovem..., se fosse pra tu dizer o que é ser jovem, o que uma pessoa jovem faz, o que acontece com uma pessoa jovem.

JJ: Uma pessoa jovem? Eu vou dizer o que uma pessoa jovem faz. Uma pessoa jovem é uma pessoa que se dedica pra vida, vai à praia, sai com a namorada no final de semana. Ser jovem é isso. Mas isso tem gente que não tá querendo ser assim jovem. Tá sendo jovem perdido nas drogas, matando, morrendo, fazendo coisas que não convém mais pra eles. Não combina. Sabe aquela pessoa que você olha pra ele e diz “rapaz, fulano não combina com essa vida, velho”. Essa vida que ele tá levando, tá entendendo? Porque tem gente que tem filho e não combina de ter filho, porque ainda não tava bem atualizado pra tá naquela vida. E tem gente que não combina pra tá nas drogas, pra tá roubando, tirando onda. Tem gente que, muitos pais de família que fuma, ninguém sabe, se sabe não dão saber porque eles são na deles, é bom dia, boa tarde e boa noite. E assim é a vida.

[...]

Elaine: Coisas que tu acha que são da vida de adulto, assim, que que é então, me fala mais sobre isso um pouco.

JJ: Vida de adulto? O que que eu acho ser vida de adulto?

Elaine: É.

JJ: A vida de adulto eu acho que é a pessoa chegar do trabalho e ou ir a igreja, se não vai à igreja ficar em casa, assistindo uma televisão, escutando uma rádio, e conviver mais, se dedicar mais pra esposa, pra mãe ou pra alguém que ele tenha assim como uma pessoa carente, dedicar-se pra ele, e ser adulto é trabalhar, viver a vida decentemente, se dar com todo mundo e não ter inimizade, isso é coisa de ser adulto.

Na segunda entrevista, JJ diz que o problema da família da namorada é que “eles ainda não acreditam que Deus tem poder suficiente pra mudar a vida de um homem não. E a vontade da pessoa, porque não adianta Deus querer uma coisa pra pessoa e a pessoa querer outra, né?”. Poderíamos dizer que para além de todas as mudanças operadas na postura e na percepção do mundo, a conversão funcionava, assim, como um aliado para se fazer aceito com uma nova identidade, a de homem honesto. Se mesmo estando na igreja, com todos os sinais visíveis de que ele estava “fora do jogo” da violência, era difícil para se fazer acreditar, imaginemos se a aceitação de uma nova identidade dependesse apenas de sua palavra de que havia mudado. No entanto, não deixava de ser algo com o qual ele tinha que lidar socialmente a sua percepção como um “crente”, tendo o passado dele. É como se ter tido uma “vida errada” e mais tarde “ter encontrado Jesus”, como diz-se na igreja, era algo com o qual JJ terá que lidar por toda a sua vida.

JJ: Eu acho que é melhor ser um jovem na igreja.

Elaine: É mesmo? Tu preferia ter passado a tua juventude na igreja?

JJ: Na igreja.

Elaine: Do que na vida que tu passou? É isso que tu quer dizer?

JJ: Na vida que eu o que?

Elaine: Tu acha que era melhor tu ter passado a tua fase jovem...

JJ: ... Na igreja...

Elaine: do que do jeito que foi?

JJ: É. Porque as pessoas olham assim e diz “olha, depois que ele roubou, tirou bem muita onda, disse aquilo, hoje ele é, ser santo, querer tá na igreja, pra se esconder, e”. Não, se eu tivesse a minha convivência desde criança não “rapaz, ó, fulano é um bom exemplo de pessoa, foi criado com a gente mas hoje em dia, tá na igreja, ainda tá na igreja desde criança, tem um bom exemplo”. E tem gente não, tem gente que é mal visto, né? Até assim, muitos colega meu foram criado desde criança, mas muitos não gostam da paz de Deus.

Em nossa segunda entrevista, depois de quase um ano e meio, JJ refletiu sobre o que teria mudado em sua vida. Sua avaliação era bastante positiva: “as minhas condições de ter uma vida melhor, foi ficando melhor agora”. Ele estava novamente participando de um projeto social, o Pró Jovem, no qual recebia uma bolsa para terminar o ensino fundamental. Com a bolsa, JJ tinha uma renda fixa, ainda que muito pequena, que o permitia começar a fazer alguns planos. Além do dinheiro, a possibilidade de voltar a estudar⁶⁴, “que era fundamental também ter”, e o seu relacionamento com a namorada foram apontados como mudanças positivas em sua vida no período transcorrido entre as duas entrevistas.

Como JJ estava namorando a mesma jovem da época da primeira entrevista, não foi tê-la encontrado a mudança positiva em sua vida, mas o fato do relacionamento ter se consolidado e dos dois estarem fazendo planos de se casarem. Para JJ, o casamento fazia parte do que ele chama de “encarar a vida”. É como se ele tivesse chegado num ponto decisivo de sua trajetória, no qual já era tempo de assumir certos papéis. De acordo com algumas interpretações de outras pesquisas sobre a transição à adultez, poder-se-ia identificar aqui um projeto para a vida adulta. Prefiro pensar no *projeto de vida* de JJ – na forma como iniciar uma nova família fazia parte do que ele desejava para o resto de seu curso de vida. O casamento aparecia nos planos de JJ ao lado do trabalho, de uma vida decente, da vontade de ter alguém que cuidasse dele (mas que não fosse a sua mãe), da incerteza quanto o que encontraria pela frente e da certeza de que o que viesse haveria de ser um aprendizado:

Elaine: tu tais planejando de casar, é isso?

JJ: é. Ter uma vida diferente, se a gente não encarar a vida, a gente nunca vai saber como a vida é. Se a gente ficar se escondendo de uma coisa que a gente tem que encarar aí a gente vai ser covarde. Os covarde nunca vencem, né. A não ser que seja o ditado que diz “é

⁶⁴ Que só aconteceu porque JJ, depois de um longo percurso burocrático, havia conseguido tirar novamente os seus documentos.

melhor um covarde vivo do que um valente morto”. Aí...

Elaine: mas o que que tu acha, o que seria que tu tem que encarar, que tu acha?

JJ: tem que encarar a vida, trabalhar, meus objetivos de eu ter uma responsabilidade, de gostar de alguém que tá do seu lado pra sofrer com você, uma vida diferente, né, se a gente se decepcionar lá na frente, a gente não pode dizer nada, porque todo mundo se decepciona, só Jesus que não decepcionou ninguém, né, esse era o motivo da gente encarar a vida. Se a gente não encarar a vida a gente não vai ter experiência pra passar um pro outro, e a vida é assim a gente passa experiência um pro outro. [...]

Elaine: quando tu fala assim uma coisa que você tem que enfrentar, você tá falando do casamento mesmo? Tu acha que tá na hora de casar? É isso?

JJ: não, eu não acho que tá na hora, eu acho que tá na hora de eu ter uma vida decente, pô, se eu quero mudar eu tenho que mudar pra melhor. Quando eu vivia na vida do crime, na vida louca aí, eu não queria ter uma esposa? Agora eu tenho uma chance de ter uma esposa e ter uma vida nova, então se a gente tem uma chance de ter uma vida nova, por que a gente não mudar de vida? Vai ficar sempre naquela, é? A vida é uma aventura, se a gente não se souber pro lado que a gente vai, a gente se perde, não é não?

Elaine: e quando tu fala assim, mudar de vida, assim, porque na verdade a tua vida já mudou, assim, aquela fase tua de crime faz bastante tempo, não faz?

JJ: faz. Faz quatro ano já. Mas é porque eu quero ter uma pessoa do meu lado, que cuide de mim, não que seja a minha mãe, mas que seja a minha companheira, minha amiga, minha irmã, tudo no momento que eu precisar, entendeu? Porque a gente vivendo com a nossa mãe direto a gente nunca vai ter nada, e a vida a gente tem que conquistar as coisa, meu, se a gente não lutar, todo mundo começou do nada.

Havia, no entanto, um motivo bastante pontual para que ele planejasse se casar com a namorada. Como os dois freqüentavam a igreja evangélica, eles sabiam que tinham restrições quanto à prática de sexo antes do casamento – o que havia acabou acontecendo há alguns meses. Haviam então pelo menos duas questões a serem resolvidas. A primeira, ter que assumir o fato diante da família da moça – que agora havia se transformado em sua mulher. A segunda, assumir o pecado diante da igreja, e se redimir. O casamento no civil aparecia, assim, como a solução para ambas as questões, e era neste sentido que estava direcionado o planejamento do jovem casal.

JJ: a gente vai esperar eu receber a minha mensalidade do Pro Jovem, que são três mensalidades que eu tenho pra receber, agora em outubro, a gente vai tá com uma granazinha guardada, vai esperar mais o mês que vem, ainda, final do mês, vai casar e com o dinheiro que vai sair do Pro Jovem a gente vai alugar um lugar pra gente morar e com os trocados que vai aparecendo eu vou desenrolar, véio.

Elaine: vocês vão casar de papel passado, é?

JJ: a gente vai casar de papel passado.

Elaine: e não tem problema por causa dela ser menor?

JJ: mas a mãe e o pai dela vai.

Elaine: eles vão assinar, daí?

JJ: vão.

Elaine: eles não vão botar empecilho, daí?

JJ: não.

Elaine: pra casar eles não tem... como é que é isso, JJ, pra ela casar eles não têm problema?

JJ: não, eles tão com problema, eles não tão querendo que ela case comigo, mas ele disse que já que, não vão dar parte de mim porque foi nós dois que queria, não tem nada a ver, até porque eu assumi logo quando aconteceu, eu assumi logo pra não ficar na boca de um, de outro, e os pais fazendo de conta que sabem não querem perguntar. Eu disse “**ó, a tua filha é minha mulher, vamo parar com esse pantim pro meu lado, que agora o que**

tinha que dar já deu, vocês não podem falar mais nada, agora”. Eles é, ficaram naquela. É, o cara vai casar mermo, véi...

Elaine: daí ficou melhor que ela case com você do que que fique, assim só de namorado, eles acham?

JJ: não, eles acham que fica melhor que ela case comigo que eu tenho responsabilidade com ela, e ela comigo do que ficar só de namorado, porque eles moram numa casa que não é deles, aí ficam levando pressão lá de uma cunhada deles lá, tia da menina, fica botando eles pra fora e eles acham assim que sem ela lá dá pra eles agüentar, mas com ela não, né. Pode ser que por causa da menina lá eles botem pressão neles e põem os três pra fora, entendeu?

Na verdade o ato de coragem de JJ não está apenas em pensar em casamento, mas antes disso em assumir publicamente que agora a sua namorada havia se tornado a sua mulher. As condições para a efetivação do casamento poderiam ser vistas como sendo temerárias – mas para JJ, poder contar com a bolsa e com o dinheiro de um bico de segurança que ele realizava aos domingos num posto de gasolina era talvez sinônimo de uma estabilidade que há tempos ele procurava. No mais, os dois, se não podiam contar muito com a ajuda dos familiares, contavam com a ajuda de Deus, que não lhes deixaria faltar nada.

A idéia de casamento, a julgar pela fala de JJ, embora não fosse muito do agrado dos pais de sua namorada, não deixava de lhes ser conveniente, diante da situação difícil com a moradia de favor. A saída da filha de casa acabava representando certo alívio para os pais que viviam na iminência de terem que procurar outro lugar para morar. Este tipo de arranjo de moradia, em contextos pouco favorecidos socialmente, como os da Ilha do Maruim, mereceriam uma análise mais detalhada. Em que medida os casamentos vistos como sendo precoces pelas camadas médias não seriam ali o arranjo mais esperado? De que forma a saída da jovem esposa da casa de seus pais para a casa da família do noivo não representa uma forma de residência mais ou menos prescrita?

O casamento civil também representava uma necessidade para a continuidade da identidade da namorada de JJ como uma jovem direita, no sentido em que era a única forma de ela se redimir diante da igreja. Na época da segunda entrevista, eles estavam passando por um período de “disciplina”, após terem assumido publicamente o seu pecado (e de fato, já que eles acreditam que quando estão em pecado Deus não ouve a sua voz, assumir o erro era o primeiro passo para a redenção). Para JJ a disciplina não era tão severa quanto era para ela, não por uma questão de gênero, segundo ele explicou-me, mas por ela já ter feito a afirmação de seu compromisso com a igreja.

Elaine: e vocês não pensaram em morar junto sem ser de papel passado, assim, morar um tempo?

JJ: até não, porque ó, a gente vai pra igreja, né? Vai pra igreja, e tal, e na igreja só pode participar do órgão, ela, eu não, ela, porque ela já desceu as água, já fez uma comunhão

com a igreja, aí quando a pessoa participa de qualquer órgão musical da igreja e comete um delito desses, que eles acham que é um delito, um crime, ato de fornicação, negócio assim, a pessoa quando faz antes do casamento, aí eles afastam a pessoa por um tempo, do órgão, faz a pessoa passar por uma disciplina, se não casar, a pessoa que é membro vai ficar indisciplinado eternamente, mesmo Deus tendo perdoado, o homem já tendo perdoado, mas ele não vai poder cantar em nenhum órgão porque está em disciplina. Só sai da disciplina se casar. Então se eu não casar com a menina, a menina que vem sofrendo comigo dois ano, isso não é só vontade não, isso é companheirismo, que posso até me enganar mais tarde, ela vai ficar para sempre no banquinho ali, e daqui pra janeiro já vou poder começar a cantar no órgão que ela quiser cantar.

Havia então uma clara obediência aos preceitos da igreja, embora já se tivesse incorrido em um grande pecado. Esta obediência tinha, no entanto, seus limites. Perguntei a JJ sobre planos com relação a filhos, e se a igreja permitia o uso de metidos contraceptivos:

Elaine: e vocês também tão pensando em tipo filho, coisa assim, JJ?

JJ: não, não, não. Filho agora não, a gente não tem condições pra gente, quanto mais pra filho.

Elaine: e não tem problema na igreja, assim, de usar método anticoncepcional, essas coisas? Pode?

JJ: sei lá, eu acho que tem, mas a gente usa. Se não tiver método concepcional, usa o método do homem mesmo, tem vários métodos.

Elaine: é. (risos) naturais.

JJ: naturais. É o hábito mesmo, né?

Elaine: é. Tem que tomar cuidado, né?

JJ: porque a gente, Elaine, não tem condições financeiras muitas vezes nem pra gente, a gente já vive numa ruela, pra pagar um montão de coisa, porque a gente quanto mais ganha mais gasta, parece que a gente ganha um pouquinho, gasta mais do que aquele pouquinho.

Elaine: é, é verdade.

JJ: e se a gente não tiver preparado, menino chora de madrugada, tu não sabe o que é, tem que tá ligado se é vontade de comer, vontade de urinar, vontade de fazer alguma necessidade física.

Elaine: se é dor de barriga.

JJ: é. Se tiver doente, um remédio puxa outro. Ter cuidado, muita coisa, então, a gente pede a Deus pra que não venha logo, pô.

Elaine: mas vocês pensam pro futuro, daí? Vocês conversam sobre essas coisas?

JJ: conversamos. Um dia, quando a gente viver uma vida socialmente sucedida a gente pode enfrentar essa, esse menino, né? Eu preferia que fosse uma menina, mas é memo, assim, eu sei dos cuidado que os pais tem com os filho, que hoje tem que examinar quem é quem, vira um detetive, procura saber o que a pessoa faz, realmente, porque, se não quiser se ligar, não precisava ter menino não. Se eu não quisesse mudar, eu tava enganando a mim memo, sendo um otário fracassado que não conseguia ver a realidade dentro dele. Que muitas vezes as pessoas tão cega, no crack, fumando aí, tirando onda e abusando da razão de viver deles, pô, e nóia⁶⁵ direto, não tem respeito, moral, eu tenho tudo isso de volta, pô.

JJ desejava a mesma vida simples de que falamos. Estar com a pessoa que ele escolheu como sua companheira, em seu próprio espaço, separado de suas famílias, lutando por uma posição melhor e cuidando para que a chegada dos filhos não acontecesse antes disso. Como ele ainda estava morando com a mãe e o irmão, e vinha tendo alguma “desavença” pela forma como a mãe dava folga ao irmão, que “dorme de dia e passa a noite

⁶⁵ *Nóia* é o termo usado para falar do efeito do uso do crack. Dizer que alguém está *noiado* significa que a pessoa está sob o efeito da droga.

acordado” e depois não quer ir trabalhar, o desejo de ter a própria casa era ainda mais evidente. Apesar dos conflitos, havia entre ele e a mãe uma relação de ajuda mútua: “agora com minha mãe, ela corre prum lado e eu corro pro outro. Porque se eu não tiver ela tem pra cobrir o meu e quando eu tiver eu cubro o dela, entendeu? E assim a gente vai desenrolando junto”. Esta relação, JJ imaginava que poderia continuar a existir mesmo sem que ele estivesse morando junto da mãe – e ela era a única pessoa com quem ele imaginava que poderia contar de alguma forma.

Ter ido morar com a mãe, ou ter trazido sua mãe para morar com ele, representava para JJ a oportunidade de assumir suas responsabilidades. É interessante que se formos pensar responsabilidades nos termos utilizados pelos outros interlocutores, jovens e adultos, podemos dizer que pessoas advindas de contextos tão fragilizados financeiramente como JJ têm tudo para ter assumido responsabilidades desde muito cedo. Ele sempre precisou ajudar, de alguma forma, na vida da família – embora tenha se desviado um pouco disto por conta de sua “vida louca”.

Mas para JJ, a idéia de responsabilidade passava não apenas por ter compromissos, mas também por ter condições para arcar com eles:

Elaine: e desde de quando na tua vida assim que tu já tem tipo responsabilidades, assim?

JJ: eu tenho responsabilidade de uns tempos pra cá. Acho que uns dois anos pra cá que eu vim ter responsabilidade, sempre tive responsabilidade com as coisas, mas eu não tenho condições de arcar com as minhas responsabilidades, porque eu moro na casa de pessoas que não me davam oportunidade de aprender nem de ter outro emprego em outro lugar⁶⁶, e nem foi pessoas companheiras de dizer assim vamo tirar o documento desse bicho, ele que se vire com o resto. Aí eu consegui com a força de Deus, de amigos, tirar os meus documentos, as coisas ficou mais fácil pra mim, ficou mais diferente, meu compromisso eu comecei a arcar com meus compromisso depois que eu comecei a ver que eu tenho que encarar a vida do jeito que ela é, que ela não é diferente pra ninguém, às vez a gente é que não quer encarar a vida. Aí eu disse pronto, agora eu vou começar os meus compromissos, a partir do ponto que eu vim morar com a minha mãe. Agora os compromissos são verdadeiros memo. Porque não pode a minha mãe ganhar uma ruela e colocar um bocado de coisa dentro de casa pra dois ficar sentado assistindo televisão, na época desse momento é que veio os meus compromisso.

Elaine: mas tu já tinha sempre assim que ajudar de alguma forma, tu ajudava assim, na casa do teu tio na verdade tu trabalhava pra ele e não recebia [...]

JJ: é, eu não recebia. É você tá falando de compromisso eu vou ter compromisso há muito pouco. Na casa do meu tio eu tinha compromisso, pô. Precisava de uma cueca, precisava de um desodorante, isso tudo é compromisso. Pequenos compromissos que terminam sendo compromissos. Eu precisava de um estudo, precisava de ter um trabalho fora pra ter grana, tirar umas xérox, resolver um negócio d’um documento, coisa que eu não tinha, né, véio. Tinha um compromisso de amanhã me acordar bem cedinho, lixar uma geladeira, mas não tinha compromisso de ter as minhas necessidades.

⁶⁶ Se refere ao período em que morou com a família do tio e trabalhou com ele na oficina de geladeiras – sem ter a oportunidade de buscar outro emprego ou voltar a estudar, até porque nesta época ele estava sem os seus documentos.

Foi a mudança da mãe para a mesma comunidade da Ilha do Maruim que permitiu que JJ alugasse com ela um espaço para os dois e para o irmão. A partir daí, JJ foi se desligando do tio e buscando outros caminhos em sua vida, tendo voltado a estudar e conseguido desde então levantar algum dinheiro para ajudar nas despesas da casa. Todo este movimento não deixava de ser apontado, por JJ, como uma forma de “encarar a vida do jeito que ela é”, ou seja, bem próximo de sua definição de adultez.

Se na primeira entrevista eu havia conseguido apenas perceber alguns desejos de JJ com relação ao futuro, neste segundo encontro ficou claro um outro aspecto importante. O de que ele, há alguns anos, não tinha expectativa nenhuma com relação ao seu futuro, e que agora já conseguia imaginar como gostaria que a sua vida estivesse daqui algum tempo – ainda que não fossem planos ou expectativas muito bem delineadas, ainda que estivessem contornadas pela leitura que ele faz do mundo e que não é nada otimista.

Elaine: JJ, aí assim, eu queria te perguntar era como é que tu, como é que tu imaginava a tua vida, assim, como é que tu imaginava que tu ia tá quando tu tivesse 22 anos?

JJ: do jeito que eu ia eu não imaginava se eu ia ter 22 anos não. Eu achava que, que eu ia partir com menos de 22.

Elaine: quando tu tinha tipo uns 17 anos assim, tu achava que tu não chegava nem aos 22?

JJ: é. Porque a morte me amava.

Elaine: me amava, tu disse?

JJ: sim, a morte me amava.

Elaine: e hoje, como é que tu imagina a tua vida daqui 10 anos, assim, como é que tu acha que vai ser a tua vida.

JJ: daqui a dez anos? Eu creio que vai ser ótima.

Elaine: como é que é ótimo?

JJ: ótima? É... várias vezes melhor do que o que gente pensa pra nós. Isso que é ótimo. É a pessoa ter aquele otimismo dentro da pessoa, vai ser bom, pô.

Elaine: mas tu acha que tu vai tá fazendo o que? Vai tá morando aonde, com quem?

JJ: sei lá. Eu acredito assim, se Jesus não voltar pra buscar o povo da Terra, a gente vai tá aqui, nesse mesmo sofrimento, nessa guerra, esse massacre, o mundo cada vez mais violento que é a Terra, ficando cheio de marcas de crime, aí. Vai ser assim. Não é a guerra dos animais, é a guerra do ser humano. Pessoas te matando por que um celular, um celular de, que bate cam., que tem câmera, que filma, que baixa (inaud.), que fala com fulano lá do outro lado, por causa dessas coisinha aí que homem tá criando o homem tá afundando. Eu acho que não é camada estufa que tá acabando com o mundo, eu acho que é o homem que tá acabando com o mundo, o homem tá poluindo o mundo, o homem tá destruindo (inaud.) se isso não melhorar, isso vai sempre degludir, então, a gente sonha que mais tarde a gente vai ter uma vida melhor, paraíso, uma tranquilidade, sossego, todos nós.

Elaine: mas dez anos tu não tá pensando que tu já vai tá no paraíso, que tu vai ter morrido, coisa assim, né?

JJ: não. Não penso. Eu digo assim...

Elaine: agora tu tem perspectiva, de pensar no teu futuro, tu pensa no teu futuro?

JJ: penso no meu futuro. Estudar, ter uma vida massa, ter uma vida boa e ir m'embora morar no interior, pô.

Elaine: no interior?

JJ: no interior, é, porque é um lugar tranquilo, um lugar pacato, pode, acontece barbaridade também, não é diferente de nenhum lugar, mas é o lugar que você tá reservado de tudo, das coisas mal, das (inaud.) coisas boas, né? Da natureza, aí meu Deus do céu. Acordar de manhã com aquele vento gelado no nariz. Não é não? No interior pode ser o clima mais quente que for, mas sempre rola esse climinha de frio. Eu gosto de lugares assim.

Elaine: tipo onde tu nasceste?

JJ: é. Se eu tivesse agora estudar, tivesse agora trabalhar, com dinheiro bom no bolso eu podia morar lá, né? Mas como eu fui achar que ser marginal era melhor do que estudar, aí atrapalhou muitas coisas, então eu tô conseguindo aos pouquinho. A vida é uma escada. Se você tentar subir os degrau, se você tropeçar você vai ter que cair um bocado, então é melhor subir de um em um pra ter o objetivo certo.

De fato, a leitura do mundo está bem de acordo com o mundo no qual ele tem vivido, cheio de conflito e de violência. Havia ainda um quê de um sonho idílico de estar morando no interior⁶⁷ – uma mudança que, mais do que o meio de se chegar a uma vida melhor, aparece como uma espécie de prêmio por ter tido uma vida mais acertada. Tanto é que JJ não deixa de lamentar por ter atrapalhado sua trajetória por ter sido um marginal ao invés de ter estudado.

Outro aspecto que ficou mais claro na segunda entrevista, talvez por JJ tê-lo melhor elaborado, é a sua percepção quanto à idade e a sua definição de adultez.

Elaine: o JJ, e hoje assim, com relação a tua idade, como é que tu acha que tu se classifica, assim?

JJ: pra quem, pra um concurso público?

Elaine: não, digamos assim, eu quero dizer assim, tu acha que você é jovem, é adulto, é jovem-adulto, adulto-jovem, sei lá? Assim, nessas idades.

JJ: eu sou um jovem ainda. Mas um jovem já adulto já.

Elaine: como é que é um jovem já adulto?

JJ: é um jovem que tem experiência, pô. Um jovem que já passou por algumas dificuldades na vida, e tem o kit de primeiros socorros para... Esse é o jovem adulto. Jovem mesmo é aquele que ainda vai passar. Ainda vai ter experiência.

JJ se percebia agora como um “jovem já adulto”, no sentido de que ele havia passado por certas experiências que ele associava a um “kit de primeiros socorros”. A experiência do casamento haveria de ser outra que lhe conferiria, pelo menos para algumas pessoas, uma identidade um pouco diferente. Mais uma vez, JJ associa a maturidade a uma “ótica diferente das coisas”:

Elaine: Você acha que isso vai mudar, quando tu for casado?

JJ: vai. Vão me tratar mais agora como um senhor casado. Um jovem senhor casado. É, vou lutar diferente. Pessoas que tão habituadas com isso não, mas pessoas de igreja, lugar diferente, elas “não, ele não é mais um jovem, agora é um moço”. Acham que tem uma diferença de jovem pra moço.

Elaine: moço é mais maduro?

JJ: é, é mais maduro. Um pessoal que tem a visão ótica diferente das coisas, (inaud.) se eu vejo dificuldade eu não sei, acho que eu não vejo dificuldade em outras coisas.

A definição de adultez de JJ, a meu ver, é exemplar, e condensa muito do que vimos na sua narrativa de vida.

⁶⁷ Em outra ocasião que JJ estava em minha casa, brincamos com o fato de ele dizer que se estivesse aposentado poderia estar morando no interior; “ora, JJ, pra **você** se aposentar com esta idade só se você ficar inválido!”.

Elaine: se fosse pra tu dizer assim, vida de adulto é isso, o que que tu acha que é uma vida de adulto?

JJ: eu acho que vida de adulto é ter condições de fazer o que eu preciso lutar pra ter, velho. E nunca reclamar daquela vida, porque se eu procurei aquela vida pra mim eu não posso reclamar dela. Não é assim? Se eu vou escolher um pote de Nescau pra comer porque que eu vou me arrepender depois, não foi eu que catei esse Nescau pra mim? Agora se chegasse alguém dizendo assim, “ó, pega esse pote de Nescau aí, pá, não sei o que”, então aí não foi, isso aí, eu não aceitei isso não, não foi isso que eu escolhi pra mim não, vida de adulto é isso, você escolher as coisas pra você e mais tarde dizer “poxa se eu soubesse que era assim...” o meu irmão, porque você não calcula logo o que é lá da frente? **Vida de adulto é uma matemática, se ele somar dois mais dois ele sabe que vai dar quatro, pô. Se ele não somar o que ele quer agora, como é que ele vai saber o que ele quer lá na frente, com a vida de adulto? Então vida de adulto é isso, é assumir a consciência do que ele precisa e lutar pra ter, né?**

Elaine: nesse sentido que tu também já é adulto, né, porque tu já sabe o que que tu quer e tá correndo atrás disso? É isso?

JJ: é, é isso mesmo. É isso que eu digo, isso mesmo. Eu já sei o que eu preciso e corro atrás. Quando eu não consigo, eu tento me conformar. O sol brilha pra todos, mas nem todos conseguem ver o brilho do sol. Entendeste?

De acordo com a sua noção de responsabilidade, ser adulto é ter condições de lutar para se ter o que precisa na vida. É também se conformar com as conseqüências de suas próprias escolhas – o que não deixa de ser o que JJ tem feito, arcando com os efeitos de sua passagem pelo crime e pelas drogas. Vida de adulto é saber calcular quais os efeitos futuros das atitudes no presente, o que exige a capacidade de avaliação tanto pessoal como clareza na visão do seu contexto. Como ele mesmo disse, pode ser útil aqui saber ouvir o que outras pessoas contam sobre os efeitos de seus próprios erros e observar as atitudes de outras pessoas.

* * *

A experiência de assunção da adulez de JJ parece ser marcada pelo duro contexto social e a forma como ele tem lidado com isto. Para jovens como ele, a inserção profissional talvez seja um dos principais problemas a serem enfrentados – de restaurador de geladeira, à segurança ou ajudante de pedreiro, JJ tem se virado como pode e visto em alguns programas sociais do Governo a possibilidade de estruturar a vida e pensar no futuro.

Aliás, não deixa de ser uma mudança significativa na vida de JJ nos últimos anos a forma como ele passa a ter expectativas com relação ao seu futuro, ou melhor, começa a imaginar um futuro quando há alguns anos “a morte o amava”.

Se para o olhar exterior, administrar uma vida repleta de agruras pode parecer uma grande responsabilidade, é interessante perceber como ele próprio define este conceito. Para

ele, pensar em responsabilidade é mais do que pensar em compromissos, mas também conseguir arcar com eles, mantê-los. E também assumi-los, como ele vinha pensando com relação aos planos de casamento com a namorada que já havia se tornado a sua mulher. Assumir este novo compromisso era tão significativo para sua vida de “crente”, quanto para a imagem dela, quanto para a organização de sua vida futura.

O adulto que encara a vida de forma consciente, consegue prever as conseqüências de seus atos – e por isso a vida de adulto é uma matemática. Se nem sempre conseguimos nos livrar das adversidades da vida, podemos sempre tentar aprender com outras pessoas, e passar para elas o que aprendemos. É o compartilhar de experiências que nos faz crescer e superar os problemas.

Sua visão de mundo é ainda moldada pelas estratégias encontradas por ele para mudar de vida e ser visto como um novo indivíduo, após uma passagem, ainda que breve, pelo mundo do crime. Assim é que ser adulto compreende ver o mundo do jeito que ele *realmente é*, e encará-lo. Ser adulto é assumir o que precisa e lutar por isso – e não ser um covarde. E acima de tudo, saber olhar para o mundo de uma forma consciente, ou então se corre o risco de deixar passar o brilho do sol sem percebê-lo.

4 O CURSO DA VIDA

A noção de curso da vida se construiu a partir de diversos eixos teóricos, e traz em seu bojo a problematização de diversas áreas classicamente abordadas pela Antropologia – o parentesco, a família, a relação entre material biológico (corpo) e a cultura, os ritos de passagem e as transições etc. Suas imbricações com os estudos de uma Antropologia das Idades, desta forma, é evidente⁶⁸, e a retomada de algumas idéias pertinentes ao estudo do curso da vida são especialmente relevantes.

Uma destas idéias, tomada como um referencial durante um longo período, é a da vida como sendo composta de uma série de estágios. Quando Arnold van Gennep, em 1909, publica “Os ritos de passagem” (onde estaria propondo uma classificação dos ritos e o enquadramento analítico de sua análise), contribui para o entendimento das vidas sociais como organizadas em seqüências de estágios ou etapas (Johnson-Hanks, 2002).

Para van Gennep,

a vida individual, qualquer que seja o tipo de sociedade, consiste em passar sucessivamente de uma idade a outra e de uma ocupação a outra. Nos lugares em que as idades são separadas, e também as ocupações, esta passagem é acompanhada por atos especiais, que, por exemplo, constituem, para os nossos ofícios a aprendizagem, e que entre os semicivilizados consistem em cerimônias [...]. É o próprio fato de viver que exige as passagens sucessivas de uma sociedade especial a outra e de uma situação social a outra, de tal modo que a vida individual consiste em uma sucessão de etapas, tendo por mérito e começo conjuntos da mesma natureza, a saber, nascimento, puberdade social, casamento, paternidade, progressão de classe, especialização de ocupação, morte. (Van Gennep, 1978 [1909], pp. 26-7).

As etapas da vida de van Gennep seriam semelhantes aos estágios evolutivos da sociedade de Morgan, mas com uma importante diferença: enquanto os segundos foram rechaçados da disciplina, o trabalho de van Gennep foi amplamente absorvido pela Antropologia pós-boasiana. Antropólogos teriam discutido os conteúdos destas etapas, mas

⁶⁸ Na verdade seria mais apropriado dizer que os estudos sobre idade e sobre curso da vida são de difícil separação, ou seja, uma Antropologia das Idades da Vida não deixaria de ser uma Antropologia do Curso da Vida, e vice-versa.

não a sua existência (Johnson-Hanks, 2002).

Meyer Fortes, na Introdução de “The developmental cycle in domestic groups” (Goody, 1971) fala não apenas das fases deste ciclo – expansão, dispersão ou fissão e substituição – paradigma que, *mutatis mutandis*, poderia ser aplicado em todos os sistemas sociais; mas também daquelas seguidas por qualquer pessoa desde o seu nascimento até a sua adultez. Pautando-se mais em exemplos de sociedades matrilineares, Fortes esboça quatro fases principais do ciclo de vida individual:

- 1) Na primeira fase, a pessoa está toda contida na célula matricentral, sendo o contato com a sociedade feito através de sua mãe. Este período pode ser de alguns dias, ou durar até a realização de algum ritual;
- 2) Na segunda fase ele é aceito na unidade familiar patricentral. Seu pai assume responsabilidades com mãe-e-criança como uma unidade. Esta fase se segue até que o bebê esteja andando;
- 3) A pessoa agora entra no domínio do grupo doméstico. Na terceira fase a criança tem liberdade de circular em toda a casa, e fica sob o cuidado jurídico e ritual do cabeça do grupo doméstico – nem sempre um de seus pais. Esta é a fase da infância propriamente dita;
- 4) Finalmente, a pessoa é admitida no domínio político-jurídico, que lhe confere autonomia potencial ou real no controle de recursos produtivos, os elementos de independência jurídica, os direitos de acesso a poderes e instituições rituais, e alguns direitos e deveres de cidadania. É comum que esta fase seja legitimada por ritos de passagem. Esta fase culmina no casamento e a fissão incipiente ou real do grupo doméstico natal.

Diferentes autores poderiam dividir o chamado ciclo de vida em diferentes fases ou estágios – e o modelo de Fortes seriam apenas mais um exemplo – mas de certa forma eles estavam sempre presentes, dando corpo a certo paradigma sobre a existência humana. A crítica a esta abordagem foi feita a partir de diferentes lugares⁶⁹, mas atualmente pouco se usa a noção de *ciclo de vida*, preferindo-se falar em *curso da vida*. Algumas das críticas à antiga abordagem, ou suas releituras mais atuais, nos são úteis para pensarmos o curso da vida enquanto objeto antropológico.

⁶⁹ Muitas das etnografias clássicas, por exemplo, traziam um capítulo com o título *O ciclo de vida* ou *O ciclo doméstico*, com a descrição de normas e comportamentos relacionados à idade. No entanto, raramente estas informações apareciam em outros capítulos como parte integral da análise da vida social, assim como pouca atenção analítica era dada à idade como algo distinto da posição no grupo de parentesco (Keith e Kertzer, 1984).

Para Johnson-Hanks (2002), esse modelo de ciclo de vida composto por sucessivas etapas, faz três afirmações sobre o seu objeto: primeiro, *as etapas são universais* (todos os membros de uma sociedade passam por elas, e todas as sociedades as possuem); segundo, *as etapas são estritamente ordenadas* (cada um as segue na mesma seqüência, e nunca volta ao estágio anterior); terceiro, *os estágios são coerentes* (as pessoas no mesmo estágio compartilham um conjunto consistente e significativo de atributos, e eventos de transição constituem mudanças em todos os domínios da vida) (Johnson-Hanks, 2002).

Assim, é difícil se pensar na sustentação de uma abordagem como esta numa época em que a não-linearidade e a diversidade das trajetórias individuais são cada vez mais enfatizadas. Numa perspectiva pós-moderna, teríamos que buscar por categorias analíticas mais abertas para a multiplicidade de trajetórias que os indivíduos parecem construir na contemporaneidade. Para Featherstone e Hepworth (2000),

Nossas noções tradicionais de identidade e a percepção de que o curso da vida compreende estágios bem definidos de desenvolvimento (infância, juventude, começo da vida adulta, etc.) estavam implicitamente baseadas em uma determinada concepção de espaço. [...] Pode-se argumentar que a dinâmica de expansão na mudança da sociedade moderna para a sociedade pós-moderna, aliada à maior fluidez das correntes culturais mediante a globalização, significou que nossas identidades são menos formadas em lugares-comuns – nossa atitude quanto a momentos compartilhados vem se tornando, de fato, cada vez mais ambivalente. (Featherstone e Hepworth, 2000, p. 128.)

De qualquer forma, pensar que a divisão da existência de cada ser humano deixou de ser pensada em termos de fases seria exagero. Segundo Featherstone e Hepworth (2000, p. 115), “[...] O modelo do curso da vida baseado em idades e estágios é um ‘clichê cultural’”, e é neste sentido que ele é absorvido e compartilhado para dar significado à experiências e emoções. É assim que podemos falar em termos de infância, adolescência, juventude, adultez e velhice: temos imagens e representações da vida que nos permitem pensar nas mudanças que ocorrem em nossa existência em termos de diferentes épocas ou fases. Analiticamente, o que importa observar é como se dá, em cada época e em cada contexto social, esta divisão do curso da existência humana.

Por paradoxal que possa parecer, parece-me que podemos perceber na contemporaneidade dois movimentos simultâneos. Por um lado, enxergamos a cada dia o surgimento de *novas fases do curso da vida* – pré-adolescência, *beteens*⁷⁰, *kidults*⁷¹, meia-idade, aposentadoria ativa (Debert, 2004). Isto aponta para novas formas de se conceber o

⁷⁰ O termo é uma corruptela das expressões *between* e *teenager* e designa aqueles que estão *entre a infância e a adolescência*.

⁷¹ Corruptela de *kids* e *adults*.

curso da vida e a sua divisão em etapas. Se a abordagem dos estágios através da perspectiva do ciclo de vida foi superada, as atuais teorizações têm agora novos desafios, colocados por estas formas de se perceber as divisões do curso da vida.

Por outro, a cada dia são lançados novos produtos cosméticos, procedimentos de cirurgia plástica, complementos alimentares e tratamentos médicos que prometem uma imagem jovem em qualquer idade (a juventude como um ideal); percebe-se o que tem sido chamado de prolongamento da juventude, com as dificuldades de inserção no mercado de trabalho e a extensão do período de escolarização, além do consumo de produtos infantis por jovens-adultos, como podemos perceber claramente em publicações para este público, como a Revista da MTV (juvenilização das experiências). Enfim, pode-se falar no *embaçamento* de alguns *limites* que se faziam mais claros *entre as idades* e os seus comportamentos tidos como ideais há algumas décadas, uma cronologização do curso da vida que também traz novos desafios para sua teorização⁷².

Stephen Katz (apud Featherstone e Hepworth, 2000) contextualiza a divisão do curso da vida em fases a partir de uma análise foucaultiana: começa por perceber a associação entre o envelhecimento e a morte como uma forma de discurso – a noção do corpo em envelhecimento como um corpo morrendo seria, assim, *uma forma de discurso* imposto pela ciência médica. Além disso, haveria uma luta de narrativas sobre a experiência do envelhecimento humano e sobre a relação entre corpo em envelhecimento e o *self*. Uma luta de poder que ajudaria a legitimar e reforçar a noção de uma vida estruturada em um número predeterminado de estágios.

Featherstone e Hepworth (2000) ressaltam a importância deste questionamento do conceito tradicional de vida para uma análise sociológica do envelhecimento.

Nessa interpretação alternativa, o conceito tradicional do curso da vida é transformado num recurso poderoso para multiplicidade de esforços cotidianos no sentido de entender o envelhecimento e a velhice. Sujeito a limitações biológicas, o curso da vida é transformado numa arena sociopsicológica de uma energia criativa potencialmente positiva. (Featherstone e Hepworth, 2000, p. 115.)

Distante de uma abordagem biologizante de processos sócio-culturais, o que alguns autores parecem apontar é para uma leitura mais sociológica de dados biológicos. De

⁷² **Dona Sílvia:** é, Elaine, porque hoje em dia essa coisa, não sei, tá meio misturado. Porque na minha época existiam coisas de jovem, na minha época não tinha, essa palavra adolescente era muito pouco falada, não é? Você era mocinha, um rapazinho e não sei o que lá, e daqui a pouco tão adulto, se falava muito nesses termos. E as coisas eram mais características, entendeu, hoje em dia você não vê essa característica. Se for ver uma pessoa, uma mulher, um homem com 40 anos, ele é completamente (inaud.) não é verdade? Buscando às vezes até o que vai ser da vida, trocando de emprego, trocando de curso, entendeu, não tem, eu não vejo hoje em dia o que caracteriza.

acordo com Featherstone (1994):

[...] Nós não podemos redesenhar o mapa da vida adulta de uma maneira completamente arbitrária. Apesar da ordem de diferenças históricas e interculturais com relação às fases do curso da vida, não podemos eliminar todos os estágios nem colocá-los numa ordem completamente casual porque o curso da vida humana tem como premissa fases precedentes de desenvolvimento (Featherstone, 1994, p. 66).

Além de um redimensionamento na forma como pensamos as “fases” ou “etapas” do curso da vida, isto nos remete a outro campo clássico da Antropologia: o da díade natureza-cultura (vide capítulo adiante).

Um outro pressuposto que este modelo analítico do ciclo de vida acompanhava também merece ser repensado: a idéia de curso da vida como sendo *linear* e, conseqüentemente, *progressivo* e praticamente *inevitável*. Se teoricamente a linearidade do curso da vida precisa ser repensada (pelos mesmos motivos da idéia de estágios), as metáforas usadas para falar da vida – um rio que flui etc. – aparecem prenhes de significados que precisam ser discutidos. Este ponto fica bastante complexo quando pensamos que por mais fragmentadas que possam parecer as experiências individuais, o curso da vida sempre terá que trabalhar com dados biológicos (o crescer, amadurecer e envelhecer do corpo humano; os períodos finitos de fertilidade etc.) que têm uma ordem mais ou menos pré-estabelecida.

Mas antes da discussão deste curso de vida que se convencionou chamar de pós-moderno, pensemos um pouco em como se instaura esta estruturação chamada moderna. Para Hareven (1999), quando o curso da vida era comprimido num período mais curto e homogêneo, as principais transições para a vida adulta, como sair da escola, entrar na força de trabalho, sair de casa, estabelecer um lar, casar e ter filhos não eram tão estruturados quanto passaram a ser a partir do século XX. Apenas casamento e a formação de lares talvez representassem um movimento em direção a uma vida adulta independente. A saída da escola e a entrada na força de trabalho, por exemplo, não marcavam uma transição num tempo em que o trabalho infantil era uma prática estabelecida.

A mudança histórica mais significativa no momento e na seqüência das transições da vida desde o começo deste século foi a emergência de maior uniformidade no ritmo em que uma coorte realiza uma dada transição. Isso é particularmente evidente nas transições para a vida adulta (sair de casa, casamento e o estabelecimento de um novo lar). Durante o século passado, as transições da vida se tornaram mais claramente marcadas, mais rápidas e mais comprimidas no tempo. Em contraste com nossos tempos, no final do século dezanove as transições da casa paterna para o casamento e para a chefia do próprio lar eram mais graduais e menos rígidas. [...] No século vinte, as transições para a vida adulta se tornaram mais uniformes para as coortes de idade, mais ordenadas em sua seqüência e mais rigidamente definidas. A consciência de entrar num novo estágio da vida e as implicações do movimento de um estágio para o seguinte ficaram mais firmemente estabelecidas (1999, pp. 30-31)

A autora aponta ainda outros fatores que favorecem a segregação dos grupos de idade: legislação sobre trabalho infantil, educação compulsória até 14 ou 16 anos, a expulsão gradual dos mais velhos da força de trabalho e o declínio das funções paternas. Ou seja, trata-se de mudanças que aconteceram no período “moderno”, se quisermos confrontá-las com aquelas tomadas como sendo “pós-modernas”.

Para Bassit, a modernidade, marcada pelo fortalecimento do capitalismo, da ciência e da tecnologia e o nascimento do Estado Moderno, é norteada pela lógica da uniformização e da universalização das transições do curso da vida. Haveria um maior interesse em registrar, regular e disciplinar a vida das pessoas: “a preocupação central da modernidade é periodizar a vida humana, institucionalizando as transições das pessoas da família para a escola ou o trabalho, instituindo a idade ideal para se casar ou para se aposentar, entre outras” (Bassit, 2000, p. 221).

Featherstone (1994) também aponta o curso de vida moderno como sendo marcado pelo Estado assumindo o papel de padronização e universalização das grades etárias, a partir do momento que inicia o registro de nascimentos, mortes, doenças e a cronologização do curso da vida. Eram importantes mudanças a partir do curso de vida pré-moderno, que era relativamente indiferenciado, sem estágios definidos, com o *status* social de uma pessoa podendo ser mais importante que a sua idade.

Já a pós-modernidade seria marcada pela celebração da fragmentação, do populismo, da estetização da vida cotidiana e dos grupos marginalizados, e pela crítica às sociedades ocidentais, na medida em que relativizaria o projeto de modernidade do Ocidente (Bassit, 2000). No que tange o curso da vida,

[...] A pós-modernidade está vinculada ao reverso dos processos que contribuíram para a normatização das idades cronológicas e de suas transições. O curso de vida na pós-modernidade será fundamentado na desinstitucionalização e na não-diferenciação, ou seja, na desconstrução de todos os parâmetros utilizados anteriormente para a análise do curso de vida das pessoas; enquanto a modernidade estabeleceu parâmetros claros entre diferentes períodos etários, a pós-modernidade irá obscurecê-los de novo (Bassit, 2000, pp. 224-5).

Para Featherstone (1994), estaríamos em transição para a pós-modernidade. Índícios importantes deste processo seriam a maior diversidade e embaçamento das grades etárias; os modelos mais variados de empregos, transições ao/do trabalho⁷³, famílias etc.; o ofuscamento das fronteiras entre infância e maturidade, que o autor chama de “a adolescentização do curso da vida”; a maior flexibilidade das idades, que altera estágios e

⁷³ Para uma discussão acerca das noções de inserção profissional e transição ao trabalho, vide Esteves (1995).

fronteiras entre elas; e a pluralidade dos cursos de vida possíveis.

Moody leva um pouco mais ao extremo as conseqüências da pós-modernidade, e avulta, além da “relativização das normas apropriadas para cada estágio da vida”, “a emergência de uma sociedade em que a idade passa a ser irrelevante (apud Debert, 2004, pp. 55-6). Para Moody, “o apagamento das fronteiras que separavam juventude, vida adulta e velhice e das normas que indicavam o comportamento apropriado aos grupos de idade” é

o reflexo de uma sociedade pós-fordista, marcada pela informatização a economia, pela desmassificação dos mercados de consumo, da política, da mídia e da cultura, e pela fluidez e multiplicidade de estilos de vida, frutos de uma economia baseada mais no consumo do que na produtividade. O próprio da cultura pós-moderna, para esse autor, é a promessa de que é possível escapar dos constrangimentos e dos estereótipos, das normas e dos padrões de comportamento baseados nas idades. (Debert, 2004, p. 57).

Para Debert, no entanto, podemos relativizar a radicalidade das transformações no curso da vida:

as idades ainda são uma dimensão fundamental na organização social: a incorporação de mudanças dificilmente se faria sem uma nova cronologização da vida. Seria um exagero supor que a idade deixou de ser um elemento fundamental na definição do *status* de uma pessoa (2004, p. 57).

Debert, portanto, tende a pensar que o que ocorreu foi uma mudança no modo como a vida é cronologizada, que não necessariamente implica numa menor importância das idades na organização social. Se num determinado momento as idades se tornaram mais segregadas, o que teria influenciado numa valorização da juventude proporcional à desvalorização da velhice, como aponta Hareven (1999); se no contexto pós-moderno a juventude continua sendo valorizada não mais apenas como idade, mas também como signo; é interessante pensarmos que se trata de transformações que ocorrem *sobre* um material: *as idades da vida*.

Uma idéia importante de não se perder de vista é a de que modernidade e pós-modernidade não se tratam de períodos históricos distintos, como se fossem eras sucessivas. Antes, são processos que acontecem lado a lado, interferindo na composição de diferentes histórias de vida (Bassit, 2000). Cada pessoa, cada trajetória de vida, seria guardiã de um processo de construção de si muito peculiar, ora pendendo mais para o curso de vida estruturado típico da modernidade, ora para as trajetórias fragmentadas tidas como caracteristicamente pós-modernas.

Estamos falando, portanto, de um período em que as relações entre diferentes

idades se complexificam, pois o próprio curso da vida já não é algo muito simples⁷⁴ — o que nos coloca novos desafios para o seu estudo.

O estudo das mudanças na periodização da vida têm sido, contudo, um tema pouco estudado pelos antropólogos interessados em dar conta de configurações culturais nas sociedades ocidentais contemporâneas, mesmo quando não se duvida de que essa seja uma dimensão fundamental para a compreensão da produção e reprodução social. (Debert, 2004, p. 40.)

Estamos talvez em um campo em que o grande desafio seria conseguir teorizar sobre o curso da vida levando em conta tanto os constrangimentos culturais quanto a mobilidade dos sujeitos; tanto as possibilidades múltiplas de representação e de experimentação da vida quanto os limites biológicos; e a forma como todas estas questões se tornam cada vez mais complexas com o avanço da sociedade de consumo e das novas tecnologias⁷⁵.

A fim de abarcar toda a riqueza que as trajetórias individuais encerram, estarei assumindo *o curso da vida*, de acordo com Pais (2003), *como um labirinto*, com caminhos bifurcados contendo múltiplas possibilidades, algumas reversíveis⁷⁶, outras nem sempre possíveis. Segundo Pais, quando analisamos os cursos da vida de jovens, o que descobrimos é que eles são subordinados ao “princípio da incerteza”⁷⁷. Para o autor, isto significa que nós temos que trabalhar com um conceito de curso da vida (trajetória) num sentido complexo, e não amarrá-lo com uma visão linear da vida. Assim, ele sugere uma sociologia pós-linear, que siga um método que nos permita lidar com as rupturas da vida.

O aspecto mais dinâmico em se pensar o curso da vida desta forma reside em assumir que a transição à adultez, além de não ocorrer de forma linear (pelo menos não de forma unilinear), não é necessariamente definitiva. Pais fala que o jovem que hoje está a meio caminho de uma vida de adulto pode amanhã compartilhar de outros atributos juvenis (com o retorno para a casa dos pais, a perda de um emprego ou o retorno a uma vida de

⁷⁴ Uma idéia que parece ter se difundido, ao se falar nas idades da vida, é a idéia de crise, ora apontada como sendo característica da idade jovem (Sarti, 1997; estudos clássicos na área da psicologia do desenvolvimento, com o legado de Erikson), ora como sendo típica de momentos de transição, seja aquela para a idade adulta (Robbins e Wilner, 2004), ou ainda como sendo compartilhada pelos adultos (Kehl, 2004; Boutinet, 2001 e 1995, apud Debert, 2004).

⁷⁵ O’Rand (apud Silva, 1996) chama de “abordagem integradora do curso da vida” aquela que concilia aparato cultural e a variabilidade de experiências dos sujeitos.

⁷⁶ Quanto à reversibilidade da transição à adultez, ver as críticas dos autores do GRET (Grupo de Recerca Educació i Treball) da Universidade Autônoma de Barcelona a esta perspectiva, que “resulta atractiva y ‘postmoderna’, pero oculta muchas realidades acerca de la ‘cristalización social’ que hemos intentado describir” (Casal et. al., 2006, p. 31)

⁷⁷ Para Leccardi (2005), talvez seja a relação entre projeto, tempo biográfico e identidade que precisa ser repensada numa época em que o componente de incerteza tende a dominar.

estudante, por exemplo). Eu preferiria afirmar que este jovem-adulto pode voltar a ser reconhecido como detentor de um *status* juvenil – mas que a sua auto identificação quanto à condição etária poderá não mudar (muitos deles se vêem mesmo como sendo jovens e adultos ao mesmo tempo), ou quando isto acontecer, estar mais condicionada com a mudança na forma como ele é tratado e percebido pela família e seu meio. Bruna, por exemplo, ao falar do retorno a casa da mãe pensa na idéia de um “retrocesso”, mas admite que em outras famílias, talvez, voltar a morar com os pais não signifique voltar a ser tratado de forma mais infantilizada. Se Bruna de fato não se sentia tão adulta morando novamente com a mãe, o discurso dela aponta muito mais para fatores externos do que internos: “não poder opinar de nada”, ser “tratada como criança”, “voltar a ter a vida que tinha quando *era* pirralha”⁷⁸.

No fundo, voltamos à discussão sobre as fases ou etapas da vida. Por mais que falar em infância, adolescência, juventude, adultez ou velhice faça sentido, na medida em que se tenham idéias pré-definidas sobre estas idades da vida, tudo se passa como se os indivíduos percebessem a sua vida muito mais como um *continuum*, no qual se acrescentam, aos poucos novas experiências⁷⁹. Algumas delas poderão parecer um pouco deslocadas – uma experiência infantil ou juvenilizante na adultez – mas não deixam de fazer parte da trajetória de cada um e dos aprendizados que todos levamos de tudo o que vivemos.

Aqui, podemos ressaltar algumas premissas da perspectiva do curso da vida concebida por Matilda White Riley no final dos anos 1970. Riley (apud Keith e Kertzer, 1984) fala em termos de *envelhecimento* — há de fato um casamento ainda firme entre esta perspectiva do curso da vida e os estudos sobre o envelhecer e a velhice. Mas podemos ampliar estas premissas para pensar no amadurecimento ou na maturidade dos indivíduos com o curso da vida, em outras palavras, pensar em como o aprendizado de nossas existências não se restringe a uma de suas idades. Eis as colocações da autora: 1) o envelhecimento é um processo de toda a vida (*a longlife process*). Ele começa com o nascimento (ou a concepção) e termina com a morte; 2) o envelhecimento consiste em três conjuntos de processos – biológicos, psicológicos e sociais – que são sistematicamente interativos com um ou outro no decorrer do curso da vida; 3) o padrão do curso da vida de qualquer pessoa particular (ou coorte de pessoas nascidas no mesmo tempo) é afetado por mudanças sociais e ambientais, ou pela história; 4) novos padrões de envelhecimento podem causar mudança social. Isto é, mudança social não apenas molda o curso das vidas individuais, mas quando muitas pessoas

⁷⁸ “[...] [A] identidade adulta pode ser mais ou menos frágil dependendo dos fatores internos e externos que atuam para consolidá-la.” (Pimenta, 2007, pp. 178).

⁷⁹ Cf. fala de Dona Sílvia, a seguir.

na mesma coorte são afetadas de forma similar, a mudança em suas vidas coletivas pode, por sua vez, produzir mudança social (apud Keith e Kertzer, 1984, p. 25).

Nesta perspectiva, o envelhecer é visto como um processo contínuo de mudança envolvendo processos de nível individual e interagindo com uma sociedade cambiante⁸⁰ (Keith e Kertzer, 1984). De forma semelhante, podemos pensar o aprendizado ou os processos de amadurecimento como sendo mudanças individuais contínuas, que não deixam de estar interagindo com processos sociais mais amplos, refletindo-os.

O “paradigma do curso da vida” esboçado por Giele e Elder no final dos anos 1990 (apud Bassit, 2000) reforça a intrínseca relação entre aspectos individuais e sociais na existência humana. Quatro elementos compoem este paradigma, segundo Bassit (2000).

O primeiro diz respeito à “situação no tempo e no lugar”, ou seja, a contribuição da História, que fala também na estrutura social e da cultura. Assim, tanto o comportamento individual como o social estariam assentados em contextos sociais e físicos diversos, nos quais cada experiência individual é, em algum sentido, particular; e estes comportamentos afetariam as experiências pessoais e as maneiras como os indivíduos vivem suas vidas ao longo do tempo.

O segundo se refere à idéia de “vidas interligadas”, proveniente dos estudos sobre diferentes coortes, que diz como os diferentes níveis de ação social estão interligados e em interação como partes de um todo e como resultado dos contatos com outras pessoas que partilham experiências similares.

A noção de “agência humana”, ou seja, “como os indivíduos se movimentam ao longo de suas vidas para atingir metas pessoais” (Bassit, 2000, p. 218), que configura e direciona seus caminhos, corresponde ao terceiro elemento deste paradigma⁸¹. Esta idéia colocaria, ainda, a importância das expectativas dos agentes, algo com o qual tentei lidar minimamente neste trabalho:

[...] qualquer ponto do curso da vida precisa ser analisado dinamicamente, como consequência das experiências passadas e das expectativas futuras, e de uma integração entre os motivos pessoais e os limites do contexto social e cultural correspondente. (Bassit, 2000, p. 218);

Bassit remete, neste ponto, à proposição de Bateson, para quem os parâmetros das gerações anteriores tornam-se difíceis de seguir, pela descontinuidade de nosso tempo, “que transformou nosso curso de vida na “arte de improvisar”” (Bassit, 2000, p. 218). Sem parâmetros que sigam de norte, caberia a cada indivíduo formular o seu rumo, colocando uma

⁸⁰ Vide colocações de Dona Marisa, a seguir.

⁸¹ Vide colocações de Bruna, a seguir.

dimensão ainda mais importante para a agência humana (alguns interlocutores trouxeram relatos que nos fazem pensar, por exemplo, no dilema da urgência e da necessidade de se tomar decisões num contexto com cada vez mais opções e caminhos possíveis).

Para Bassit, estas diferenças ainda indicam a importância das histórias de vida, que teriam também contribuído para que houvesse a substituição da idéia de ciclo de vida pela noção de curso de vida. Este movimento seria significativo por indicar uma maior flexibilidade na maneira de conceber e de analisar como as pessoas vivem as suas vidas” (pp. 218-219). O potencial da inclusão de novas histórias de vida nesse referencial teórico é especialmente interessante para se pensar como as pessoas vivem em sociedades modernas e contemporâneas, “nas quais a noção de lugar enquanto espaço, onde cada um de nós está cercado pelos vestígios do passado e pelas expectativas do futuro, está sendo substituída pela noção de uma identidade própria construída a partir de nossa trajetória em diferentes cenários institucionais da modernidade. (Bassit, 2000).

E o quarto elemento do paradigma do curso da vida de Giele e Elder corresponderia à “sincronização da vida”, cuja caracterização foi possibilitada pelos estudos longitudinais, e que diz respeito à combinação que as pessoas fazem entre os eventos cronológicos de sua vida pessoal tanto com os eventos de seu grupo de referência, quanto com aqueles próprios de seu momento histórico. É esta configuração que contribui para histórias pessoais com considerável variação e também com algumas similaridades no sentido de que as pessoas parecem se adaptar aos desafios da vida, confrontando as suas características pessoais com a sincronização dos eventos de sua vida a fim de obter maiores possibilidades de sobrevivência com um menor sofrimento e baixa probabilidade de fracasso. (Bassit, 2000).

* * *

Tentando ligar um pouco as discussões sobre o curso da vida com algumas narrativas dos interlocutores, trago três passagens que considero importantes – outras delas não deixam de estar dispersas no decorrer de todo o trabalho.

A respeito de um possível ordenamento “natural” do curso de vida, ou que obedeça minimamente a fases que são colocadas a partir da vivência de eventos significativos *versus* a agência dos sujeitos, que com suas criativas escolhas modelam a sua existência, a experiência de Bruna é interessante de ser observada. Para ela, diante da incerteza que aplaca a todos em todas as dimensões de suas existências, no sentido de não termos certeza de que nada “dará certo”, a saída é inventar a sua própria história, ainda que quebrando com a ordem tradicional.

Assim, seria cada vez mais comum que os indivíduos tomassem decisões, como a dela, de ter um filho antes de pensar em coabitar ou casar, antes de ter cursado a faculdade dos sonhos, que foi deixada para o momento posterior ao da conquista de um emprego estável que se almeja.

O curso da vida parece assim se tornar cada vez menos unilinear e projetado para direções menos estandardizadas. Aliás, às vezes ocorre-me que pensar o curso da vida em termos geométricos (uma linha, muitas linhas...) seja de pouco valor elucidativo. Afinal, cada indivíduo, seja lá quantas forem as identidades, práticas ou contextos ele vivencie simultaneamente, vive *uma existência, única e particular*.

Quanto à questão do curso da vida ser ou não vivenciado em termos de distintas fases, já citei a colocação de Tiago de que a transição é a vida inteira, de que mais do que mudanças bruscas, sua vida segue mudando sempre, aos poucos. Dona Sílvia, quando perguntada sobre como percebia a transição à adultez das filhas, falou de sua dificuldade de perceber transições, já que ela não via a vida como sendo formada por etapas⁸²:

Elaine: E a transição da fase adulta das filhas da senhora, a senhora acha que foi parecida com a da senhora, ou tá sendo, eu não sei como a senhora vê também isso?

Dona Sílvia: não, olhe, de fato, eu nem percebi essa transição, certo? Eu nem percebi essa questão de serem adultas, eu nunca fui ligada nessa história não. Eu assim, aquela coisa de crise de adolescência, não é, não vi bem isso lá em casa, não foi aquela coisa assim que aparece, a gente vê hoje “ah, porque adolescente, é aborrecente, é...”. Não vi, eu não vi. Às vezes eu paro e começo a imaginar as minhas filhas menores, “puxa, como o tempo passou, não acredito que essas meninas estejam nessa idade”. Mas nunca pensei assim “não acredito que estejam adultas”, entendeu. Eu não vejo isso, eu vejo mais, talvez eu não veja a divisão das coisas, você criança, você pré-adolescente, que agora tem pré-adolescente, adolescente, pós-adolescente, tem outra coisa que eu ouvi pra distinguir jovem, adulto, e de repente você não é mais adulto, você com 35 anos tá no grupo de jovem, entendeu? Então talvez seja isso, eu não veja, eu acho que a gente vive, a gente vive, não tem, sei lá...

Elaine: etapas separadas?

Dona Sílvia: separadas. Entendeu? São coisas contínuas. E talvez assim eu não percebo.

O que tanto a fala de Bruna, como a de Tiago e de Dona Sílvia talvez estejam nos trazendo é a visão do curso da vida como um processo, uma construção, que ao mesmo tempo se molda e se relaciona com os contextos sociais e é projetado e vivenciado de forma única pelas escolhas de cada indivíduo.

Neste sentido, é interessante observarmos as colocações de Dona Marisa, médica geriatra, que está fazendo o seu doutorado estudando o envelhecimento, e que, até por sua visão acerca desta dimensão da vida humana, não deixa de estar lidando com isso em sua própria existência.

⁸² Com relação ao seu próprio curso da vida, D. Bartira também tinha dificuldades em perceber algum ponto em que tivesse passado a se perceber como adulta. Em certo momento comentou que talvez ainda não tivesse atingido a adultez. Vide sua narrativa de vida.

Dona Marisa: Eu acho assim, que a velhice biologicamente, a velhice humana, biologicamente ela não tem marcador, né, eu acho que vai ser muito difícil ter um marcador da velhice, mas assim, eu sinto a velhice como uma construção. Uma construção social, econômica, afetiva, amorosa, psicológica, então você é o velho que você... eu vou ser a velha que eu estou trabalhando desde 15, 16 anos, entendeu? A velhice é uma construção. Aí você diz: “Você se sente uma velha?” Mas o que é se sentir uma velha? Né? Eu fico arretada quando alguém diz “eu sou uma velha de cabeça moça”, e o que é uma cabeça moça? “Mentalmente jovem”. O que é mentalmente jovem, mentalmente velho? Né? Quer dizer, ainda existe muitos estereótipos, né. Então eu acho que um velho de cabeça velha pode ser alguém de mais de 60 anos, tem uma cabeça que tenha bom raciocínio, pense bem, seja alegre, isso não quer dizer que seja jovem não, porque tem jovem que é um caga-raiva, tem menina de 20 anos que só vive cagando raiva, mal humorada, então ela é uma jovem de cabeça velha? Não! Ela é uma jovem mal humorada (risos), nitidamente mal humorada.

Elaine: Nem tudo que é de jovem é bom, né?

Dona Marisa: não, não. Nem tudo que é de velho é bom nem ruim, né? Não é, como eu digo, geralmente quando eu vou falar eu digo: “olhe, a gente tem que terminar com determinados mitos, que a pessoa a partir de 60 anos vira um anjo, não, tem velho que é insuportável...”

Elaine: e se a pessoa era insuportável...

Dona Marisa: se já era antes, imagina depois, entendeu? Porque a idade só faz agravar os traços principais de uma pessoa. Entendeu? Se a pessoa era miserável, era ávara, quando ficar velha, fica miserável mesmo, né, então eu acho que eu não tenho assim qual é a coisa... eu não me sinto velha porque eu não sei o que é velho, simplesmente eu não sei o que é velho. Eu sou menopausada, quer dizer, a menopausa é um marcador de passagem de tempo, de envelhecimento, é uma prova que a pessoa não pode mais reproduzir, né, então tem certas coisas, tenho cabelo branco, né, então... mas o que é se sentir velho? Eu não sei! Porque diz “ah eu sou velha porque tô com dor aqui, dor ali”, então eu não sou velha.

Elaine: e tem gente que morre com idade muito avançada e...

Dona Marisa: o fato de ter dor aqui pode ser uma hérnia de disco, pode ter uma vida sedentária, que não se alonga, agora coincide que a pessoa tem 62 anos, né, entendeu? Coincide que a pessoa tem 65 anos, não é? Então eu certas coisas eu eu eu discordo. “Fulano é um velho... Ah, eu sou um velho de mente jovem”, mas o que é mente jovem?

Sua fala está claramente centrada na discussão sobre as diferentes idades da vida, e nos estereótipos que muitas vezes são carregados junto com elas. Assim como a velhice, a adultez não tem marcadores biológicos claros – e poderíamos pensar, este é um ponto que eu poderia ter discutido melhor com ela, se a construção tanto da adultez como da velhice não são ao mesmo tempo naturais e sócio-culturais. Se cada indivíduo se tornará o velho que ele vem construindo desde os seus 15, 16 anos, talvez cada adulto não deixe de ser também aquele indivíduo em construção desde o seu nascimento. Porque não apenas as idades são construções, todo o curso da vida o é.

Passamos, assim, por algumas colocações acerca de idéias que nortearam os estudos do *ciclo de vida* e outras que ainda parecem bastante pertinentes, já vinculadas ao paradigma do *curso da vida*. A proximidade com uma reflexão antropológica sobre idade é, mais que evidente, necessária. A seguir, pensando sobre como a idade tem aparecido (ou não) nos estudos antropológicos e de algumas áreas afins, ficará ainda mais claro como falar nestes dois campos constitui um mesmo esforço, que diz respeito à tentativa de entendimento dos

itinerários da vida humana.

5

JUVENTUDE, ADULTEZ E AS IDADES DA VIDA

A idéia deste capítulo é abarcar, a partir da juventude e da adultez, alguns aspectos relevantes para se pensar em uma Antropologia das Idades da Vida. Já coloquei algumas observações de caráter metodológico, ligadas a um pressuposto amplamente assumido pelos estudos sobre idade na Antropologia – a forma como o caráter relacional das idades não pode ser desprezado nas relações estabelecidas em campo. Há de se pensar, ainda, em de que forma a observação do objeto de estudo desta pesquisa pode contribuir para uma teoria antropológica sobre as idades da vida.

A consideração da idade na pesquisa antropológica não é novidade. Os estudos sobre o parentesco, base da disciplina durante um longo período, de alguma forma precisaram pensar as classificações geracionais e a forma como a idade é utilizada em diferentes sociedades como um critério hierarquizador e ligado à reprodução cultural (Balandier, 1976). Seja nos estudos sobre o parentesco e a organização social a partir de grupos de idade, seja na explicação da transmissão da cultura ou da emergência do conflito de gerações, a idade esteve presente desde as etnografias clássicas dos primeiros antropólogos.

Algo diferente de considerar a idade como um dado etnográfico, no entanto, é tomá-la como objeto de reflexão, tentando explicar fenômenos ligados às diferentes idades da vida. Para Feixa (1996), foi a partir dos anos 1980 que ela se converteu em um objeto de reflexão central e não mais periférico para a teoria e a práxis antropológica, traduzindo-se num espaço de debate batizado de Antropologia da Idade (Keith, 1980 apud Feixa, 1996). Marcada pelo que Cohen teria chamado de “tropos de ambigüidade”, esta subárea da disciplina durante algum tempo careceu de um corpus teórico consistente, ainda que a Antropologia trouxesse consigo algumas propostas paradigmáticas importantes para a superação das limitações (Feixa, 1996).

Desde os anos 1980 muitos estudos foram feitos sobre diferentes idades da vida.

Vimos o ápice e a queda de uma Antropologia da Juventude⁸³ e, mais recentemente, a consolidação de uma Antropologia da Criança (Cohn, 2005), além de estudos valiosos sobre a velhice (Debert 2004; 1994; Britto da Motta, 1998). Importantes desafios ainda são postos, no entanto, para a construção de uma Antropologia da(s) Idade(s). O mais importante deles talvez seja a busca de noções e de metodologias que sejam aplicáveis a estudos sobre diferentes idades⁸⁴. Ou melhor, a abordagem destas diferentes “fases” da vida a partir de uma mesma perspectiva. Pautados na demanda social, de certa forma, os estudos nesta área têm sido centrado principalmente sobre “problemas” de diferentes idades. Remetendo à idéia de um “tropos de ambigüidade”, Feixa comenta:

La misma delimitación del campo en el ámbito anglosajón es ambivalente, pues el término *anthropology of age* (o a veces *anthropology of aging*) se suele identificar de manera un tanto eufemística con los estudios sobre tercera edad, largamente hegemónicos en Estados Unidos, mientras que los estudios sobre la infancia se suelen integrar en la etnografía escolar, los trabajos sobre la juventud acostumbran a ir asociados a la antropología de la marginalización, y los estudios sobre la vida adulta brillan literalmente por su ausencia. (Feixa, 1996, p. 2).

Adiante, discutirei um pouco sobre a forma como a juventude tem sido largamente abordada na disciplina; e penso em algumas explicações para que a adultez simplesmente não apareça neste debate até recentemente. Não se pode negar o número crescente de trabalhos que procuram compreender fenômenos juvenis não “marginais”, e de reflexões recentes sobre a adultez, mas parece-me que temos aqui um importante ponto de partida para a teorização mais ampla sobre as idades da vida e sobre alguns desafios que ainda precisam ser perseguidos.

É neste sentido que algumas proposições feitas por Keith (1980) e por Keith e Kertzer (1984) ainda parecem desafiadoras, tanto na consolidação de uma Antropologia das Idades, quanto na observância da idade enquanto um elemento importante para a teoria antropológica mais geral. Para os autores, tanto o envelhecimento individual como o uso da idade enquanto princípio na organização social devem ser levados em conta na descoberta de padrões de comportamento humano. O foco não seria, assim, o produto do processo de envelhecimento, mas o processo por si mesmo e suas relações com o contexto social, cultural e histórico (Keith e Kertzer, 1984).

Jennie Keith (1980) pontua algumas considerações sobre o lugar da idade na

⁸³ Observe-se, neste sentido, o número expressivo de Grupos de Trabalho nos congressos da ABA e da ANPOCS, notadamente até a primeira metade da década de 2000, e sua redução desde então.

⁸⁴ Keith e Kertzer (1984) colocam a necessidade de estudos trans-culturais para a consolidação do entendimento sobre a idade. Acredito que ainda estou longe de propôr um modelo analítico que dê conta deste desafio.

Antropologia, que me fazem pensar em que medida podemos crer na consolidação deste campo, já que muitos destes pontos parecem permanecer em aberto:

- A idade como um princípio de organização social não teria recebido o mesmo tratamento dirigido, por exemplo, ao parentesco, etnicidade ou sexo;
- As condições sob as quais diferentes graus e tipos de diferenciação etária ocorrem, e com que conseqüências para indivíduos e sociedades, não teria sido ainda explorado através de culturas e através do curso da vida;
- Os grupos de homens jovens teriam sido o foco da maioria dos estudos de grupos de idades em cenários tradicionais, embora também existam organizações por idade de mulheres;
- Em sociedades industriais, grupos de pares da adolescência teriam tido, de longe, muito mais atenção dispensada do que qualquer outro “estágio” da vida;
- Mudanças estruturais da organização por idade ainda não teriam sido minuciosamente estudadas, embora se saiba que elas não sejam estáticas;
- Embora a maior parte das escolas e períodos importantes da Antropologia tenham contribuído com alguns estudos característicos sobre idade, houve pouco esforço em ligá-los através do tempo ou do espaço, pensando-se em uma tipologia que pudesse facilitar comparações;
- Poucos enfoques à idade teriam abordado contextos de sociedades modernas e tradicionais.

Para Keith e Kertzer (1984), a idade não é apenas um objeto de estudo da Antropologia, mas um importante elemento a ser considerado na teorização antropológica mais ampla. Eles pontuam que idade e curso da vida são domínios empíricos sobre os quais pouco se sabe, em termos trans-culturais, e que idade e envelhecimento oferecem variáveis cuja inclusão refinará a teoria em muitas áreas da Antropologia. Perguntando-se por que os antropólogos não prestaram mais atenção teórica para assuntos gerais do uso da idade em sociedades humanas e nos variados conceitos culturais do curso da vida; e por que deveríamos prestar mais atenção nestes assuntos, eles defendem: “If, as David Maybury-Lewis states in his chapter, a theory of age is impossible except as part of a theory of society, then the converse is also true. Adequate theories of society must take account of aging and age” (Keith e Kertzer, 1984, p. 21).

Neste mesmo trabalho, que é a Introdução do livro *Age and Anthropological Theory*⁸⁵, Keith e Kertzer, ao pontuar alguns aspectos pouco estudados relacionados à idade e

⁸⁵ O livro, organizado pelos autores, que traz a participação de nomes como o de Meyer Fortes e Maybury-Lewis

curso da vida, definem uma agenda mínima para este campo:

- a necessidade de produção de *documentação etnográfica trans-cultural* sobre a variação na forma ou sub-divisões do curso da vida; sobre o curso da vida enquanto um domínio simbólico e ritual; sobre a idade no contexto do parentesco; sobre idade e parentesco como sistemas de estratificação; sobre as formas de pressão produzidas por alguns grupos etários com interesses separados (jovens e velhos, por exemplo); sobre a curva de poder no curso da vida; sobre a relação norma *versus* idade; sobre a idade diferencial entre homens e mulheres nas normas de casamento e recasamento; sobre idade e influência política; sobre em que medida a idade serve como uma base de estratificação social, ou em que condições a idade é mais desenvolvida como uma base de diferenciação do poder;
- a necessidade de *estudos teóricos* sobre estes mesmos pontos, ressaltando-se as definições culturais do curso da vida; a abordagem do curso da vida em termos de sub-categorização; os aspectos rituais e simbólicos da idade; sobre grupos de parentesco ou famílias enquanto unidades de estudo, com foco no curso da vida individual (a idade como uma variável distinta da posição no grupo doméstico); as bases demográficas dos sistemas de parentesco; idade e parentesco como sistemas de estratificação; sobre condições e conseqüências dos vários usos da idade como um princípio de organização social.

Para situarmos melhor o contexto no qual escrevem os autores, Keith e Kertzer (1984) apontam que as pesquisas sobre idade como um domínio, uma variável ou um foco teórico estariam sendo feitas principalmente nas sociedades as quais a idade física está mais firmemente sob controle cultural, através de sistemas formais de classes ou grupos de idades, e que as análises mais recentes, naquela época, que estariam sendo feitas nestas sociedade estavam situadas na perspectiva do curso da vida. A questão maior passaria a ser, assim, a relação entre estes sistemas de idade e outros aspectos da organização social. Já os estudos sociológicos sobre a idade estariam sendo feitos quase que exclusivamente no contexto de sociedades ocidentais industrializadas, ressentindo-se de um olhar trans-cultural. Keith e Kertzer (1984) colocam como um dos pontos mais significativos desta área temática a sua natureza interdisciplinar, envidando esforços para pensar em como cada área poderia beber das contribuições de outras (a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia), reforçando seus conceitos analíticos.

(para citar os mais conhecidos no meio nacional), é dividido em três partes: 1) Age, Evolution, and Biology; 2) Age and Society; 3) Age and Culture.

Pensando ainda em que termos a idade e o curso da vida deveriam estar no *mainstream* da reflexão antropológica, os autores apontam que como processo e princípio, tanto o curso da vida como a idade estão presentes em todas as sociedades, sempre fortemente moldados pelo contexto cultural – a fórmula tradicional do quebra-cabeças antropológico. As duas categorias ainda oferecem o *nexus* da interação entre realidades biológicas, sociais e culturais – que são a “especialidade” da Antropologia. Além disso, muitos temas da perspectiva do curso da vida estão presentes há muito tempo na Antropologia e a disponibilidade de dados etnográficos trans-culturais encoraja esta abordagem em outras disciplinas. Tanto os processos de desenvolvimento humano como a significância estrutural da idade na sociedade têm sido explorados por antropólogos, no entanto estes estudos têm sido limitados a certos estágios da vida, regiões e domínios de atividade. Para Keith e Kertzer (1984), nós começamos os exercícios preliminares, agora é hora de começarmos a exploração de larga escala.

Minha preocupação, até o presente trabalho, é menos trans-cultural do que as de Keith e Kertzer. Tenho clareza das limitações de uma tese como esta ao se prestar como um modelo para o entendimento da idade, ou de um recorte do curso da vida, em diversas sociedades e culturas. Antes disso, ao partir deste recorte etário, penso em como poderíamos abordá-lo antropológicamente, articulando algumas noções que sejam úteis também para o entendimento de outros recortes neste mesmo contexto cultural – ocidental, urbanizado, mais específica e modestamente no contexto de uma metrópole do Nordeste brasileiro.

Talvez uma das desconstruções que tenho tentado perseguir neste exercício seja justamente a de uma das proposições de Keith e Kertzer, muito comum na tentativa do entendimento de diferentes idades da vida, mas que têm, a meu ver, deixado uma marca de valoração destas idades. Para os autores, o paralelo entre adolescência e velhice, por exemplo, reside na existência de certos estágios da vida nos quais as normas de idade são particularmente salientes e os pares de idades representam particularmente grupos de referência poderosos. “The commonalities between adolescence and early old age in modern societies offer a starting point for propositions: these are periods of *transition*, of *powerlessness*, and of *identity confusion* (Keith e Kertzer, 1984, p. 39, grifos meus).

Se jovens e velhos representam os grupos de transição, impotência e com identidades confusas, então podemos supor que haveria uma idade não transitória com poder legitimado e identidade bem resolvida – provavelmente a partir da qual o pesquisador se coloca para observar as demais. Há, assim, um ranço adultocêntrico em proposições como esta, que as fazem parecer pouco úteis para o entendimento do contexto sobre o qual me

debruço – o de uma “nova adultez” sendo colocada tanto externa como internamente, marcada por uma série de incertezas e por múltiplas identidades.

A seguir, relaciono o estudo das idades da vida com aquele que talvez seja o debate mais clássico da Antropologia: o relacionado ao par dicotômico natureza-cultura; para depois pensar em algumas proposições mais amplas sobre as diversas dimensões que permeiam a noção de idade – um conceito que pode parecer algo mais ou menos dado, mas que não deixa de ser tão “ambíguo” quanto a sua Antropologia.

Natureza e cultura no corpo humano – para além das idades como dados naturais ou como construções sociais

A dicotomia entre “natureza” e “cultura” é uma das mais clássicas da Antropologia, tendo servido de fundamento para muitas teorias sobre parentesco. Lévi-Strauss explica a proibição do incesto enquanto o elemento instaurador da passagem da natureza à cultura, estabelecendo que tudo o que for universal é da ordem da natureza e se caracteriza pela espontaneidade, e que tudo o que for ligado a uma norma pertence à cultura, tendo os atributos do relativo e do particular. Neste sentido, a regra de proibição do incesto seria ao mesmo tempo *social* (por ser uma regra) e *pré-social* (por sua universalidade e pelo tipo de relações que impõe sua norma) (Lévi-Strauss, [1947], 2003).

A proibição do incesto não é nem puramente de origem cultural nem puramente de origem natural, e também não é uma dosagem de elementos variados tomados de empréstimo parcialmente à natureza e parcialmente à cultura. Constitui o passo fundamental graças ao qual, pelo qual, mas sobretudo no qual se realiza a passagem da natureza à cultura. Em certo sentido pertence à natureza, porque é uma condição geral da cultura, e por conseguinte não devemos nos espantar em vê-la conservar da natureza seu caráter formal, isto é, a universalidade. Mas em outro sentido também já é a cultura, agindo e impondo sua regra no interior de fenômenos que não dependem primeiramente dela (Lévi-Strauss, [1947], 2003, p. 61).

Nas teorias gerais de Lévi-Strauss e de Radcliffe-Brown o parentesco era visto como a instituição mais estreitamente ligada ao *natural* nas atividades humanas – uma instituição voltada à reprodução humana, pode-se dizer. E não se perguntava, por exemplo, se os “nativos” que eles estudavam concebiam o parentesco como tão centrado na reprodução. Se o parentesco podia *modificar* a natureza, não podia *transcendê-la* (Rapport e Overing,

2000). Este tipo de formulação teórica só é possível se pautado no pressuposto ocidental de que natureza e cultura são lados opostos de uma relação dual. A dicotomia entre natureza e cultura, desde então, já rendeu muitas páginas nos trabalhos antropológicos.

Um autor tido como um dos precursores na desconstrução de conceitos-chave da teoria do parentesco é David M. Schneider. Foi ele quem fez a crítica relativista de que os antropólogos estavam levando suas próprias noções culturais para o entendimento do que chamavam de parentesco em outras culturas. O lugar central dado às relações biológicas de reprodução como um dos atributos sociais e culturais do parentesco, em diferentes culturas, é um exemplo deste etnocentrismo. Os laços de sangue são centrais nas culturas ocidentais dos antropólogos, mas será que também o seriam em outras culturas? Poderíamos usá-los enquanto categorias analíticas? (Schneider, 1985, apud Rapport e Overing, 2000; Piscitelli, 1998; Fonseca, 2003).

Antes mesmo que Schneider (ou contemporaneamente a ele) teóricas feministas, através de sua rejeição da mulher universal (que elas mesmas tinham criado), iniciam um movimento de “desnaturalização” das categorias analíticas (Strathern, 1980, apud Fonseca, 2003). Em 1981, Sherry Ortner e Harriet Whitehead organizam *Sexual Meanings*, onde criticam a teoria psicológica de sexo e gênero, com premissas na biologia; e denunciam o viés dos estudos sobre papéis sexuais e dominação masculina – a suposição de que sabemos o que “homens” e “mulheres” são, de que machos e fêmeas são predominantemente objetos naturais (Ortner e Whitehead, 1981, p. 1).

As autoras assumem a posição de que dados biológicos fornecem apenas um cenário sugestivo e ambíguo para a organização cultural do gênero e da sexualidade (Ortner e Whitehead, 1981). Numa perspectiva hermenêutica, elas propõem o estudo de *estruturas de hierarquia e prestígio associadas ao sexo*⁸⁶ (considerando-as um símbolo, ou sistema de símbolos, com significados diversos em cada cultura) (Fonseca, 2003, p. 20) que fariam a mediação entre a organização do casamento, de um lado, e a ideologia de gênero, de outro. Elas sugerem, finalmente, que determinados aspectos das relações culturais dos sistemas de prestígio podem explicar alguns dos aspectos gerais das ideologias de gênero (Ortner e Whitehead, 1981, p. 10).

Também Collier e Yanagisako revisam criticamente as principais dicotomias

⁸⁶ Prestígio – ou “honra social” ou “valor social” – assume diferentes formas em grupos e indivíduos diferentes em cada sociedade. Os campos de posições de prestígio ou os níveis que resultam de uma linha particular de evolução social, os mecanismos pelos quais os indivíduos ou grupos chegam a dados níveis ou posições, e todas as condições de reprodução do sistema de status, podem ser designados como uma “estrutura de prestígio” (Ortner e Whitehead, 1981, p. 13).

analíticas que fomentavam os estudos de parentesco e de gênero, pois dualismos como natureza/cultura, doméstico/público, reprodução/produção estariam assentados no pressuposto que a diferença biológica na reprodução sexual seria universalmente central nas relações de gênero (algo que Rubin já havia apontado) (apud Piscitelli, 1998).

Em suma, o programa analítico de Collier e Yanagisako trazia três elementos:

Para nos livrar daquelas dicotomias analíticas constantemente reinventadas, [mas sempre] arraigadas [na convicção] de diferenças naturais entre as pessoas, propomos um programa específico para a análise de totalidades sociais (*social wholes*). Nossa abordagem [...] envolve a explicação de significados culturais, a construção de modelos de relação dialética entre práticas e idéias na constituição de desigualdades sociais e a análise histórica de continuidades e mudanças (Collier, Yanagisako, 1987, pp. 7-8, apud Fonseca, 2003, pp. 23-4).

Num artigo publicado no Brasil em 1988 (*Velhos valores, novas tecnologia, quem é o pai?*) Verena Stolcke fala do *boom* de tecnologias reprodutivas como a inseminação *in vitro* (VTI, também conhecida como “bebê de proveta”). Por um lado, novas tecnologias reprodutivas e pesquisas genéticas podem ser o *locus* de relações sociais pautadas em valores tradicionais sobre parentesco e reprodução⁸⁷. Por outro lado, no entanto, o alargamento das possibilidades de manipulação do biológico, ou da natureza, faz que se repense a velha *dicotomia* entre *natureza* e *cultura*, ou entre fatos biológicos e fatos sociais.

Segundo Luna (2004), “é difícil estabelecer limites entre o natural e o cultural em um campo em que a biologia é continuamente alterada pela intervenção técnica. Natureza assistida deixa de ser natural?” (p. 28). Se por um lado, as novas tecnologias reprodutivas colocam o parentesco em outros termos, *enfatizando seu caráter intencional*, por outro lado, a análise destas escolhas mostra-as seguindo uma lógica que toma *o parentesco natural como referência*.

Qual o significado de natureza humana produzida no contexto do laboratório? Independentemente da intervenção técnica inovadora, os mesmos valores que norteiam a concepção ocidental moderna de ser humano, o indivíduo, informam a compreensão da biologia: autonomia, individualidade, escolha, racionalidade. A natureza biológica humana é considerada como característica geral da espécie e, ao mesmo tempo, característica particular do indivíduo. [...] A noção de natureza como fundamento da realidade e ordem moral é relativizada diante da plasticidade na construção da natureza humana em laboratório. (Luna, 2004, p. 29)

Neste aspecto, Marilyn Strathern é constantemente citada como tendo trazido novas categorias analíticas para a Antropologia. Em seu livro *After nature: english kinship in the late twentieth century*, de 1992, ela reflete sobre o pensamento anglo-saxão sobre

⁸⁷ Ler Stolcke e os textos citados adiante logo após ler a etnografia do parentesco estadunidense de Schneider é um exercício interessante para se observar isto.

parentesco em termos de “partes” e “todos”, e sugere que pensemos, ao contrário, nas *relações*:

the popular supposition that kinship is only ‘part’ of society rests on the fact that it is also ‘part’ of biological process. Such parts are not equal to one another. The perspective that gives each of them its distinctive nature appears always as a different order of phenomena. Each order that encompasses the parts may be thought of as a whole, as the individual parts may also be thought of as wholes. But parts in this view do not make wholes. [...] Thus the logic of the totality is not necessarily to be found in the logic of the parts, *but in principles, forces, relations that exist between the parts*. (Strathern, 1992, p. 76, apud Franklin, 2003, p. 66 – ênfase de Franklin).

Assim, Strathern usa as “discordâncias” entre “partes” e “todos” (ou outras “partes”) para explorar as formas como as partes sobrepõem-se e pensar em termos de ligações (*relatedness*). É neste sentido que a autora introduz a idéia de “conexões merográficas” (“*merographic connections*”) para distinguir um tipo específico de *empréstimo cultural* (*cultural borrowing*) envolvido na forma como as idéias deslocam-se, conectam-se, desconectam-se e contêm outras idéias (apud Franklin, 2003, p. 66).

Segundo Munro,

In defining ‘merographic’ Strathern (1992: 73) refers to the ‘English view that anything may be a part of something else, minimally part of a description in the act of describing of it. In this view, nothing is in fact ever simply part of a whole’. This is because another view, another perspective, another domain, may redescribe it as ‘part of something else’ (Munro, 2005, s/p).

Strathern teria então cunhado o termo para se referir à interminável proliferação de perspectiva na qual uma coisa é pressuposta ser diferente de outra na medida em que pertence ou é parte de alguma outra coisa⁸⁸ (Munro, 2005).

Franklin, que absorve amplamente a noção elaborada por Strathern, demonstra sua aplicabilidade. Parentesco e novas genéticas conectariam distintos domínios (social, científico, biológico, etc.) “merograficamente” porque na idéia de relação de parentesco, ou de um marcador genético, reside a idéia de uma “co-mistura” (“*co-mingling*”) das partes que pertencem a diferentes todos. Neste sentido, parentesco é uma esfera de “empréstimos” (“*borrowing*”) e também uma esfera de hibridiz⁸⁹ (Franklin, 2003).

Strathern está preocupada com os princípios, forças, relações que existem entre as

⁸⁸ Munro (2005) diz não ter dúvidas da validade deste termo para capturar a maneira duplamente articulada pela qual o inglês trata o parentesco; nem de sua aplicabilidade para a infinita capacidade de visões ocidentais para estender, pluralizar, proliferar. Apenas pensa que uma confiança demasiadamente forte no termo pode repetir o erro de conceber as pessoas como “híbridas” – algo que Strathern estaria tentando evitar. Mesmo assim, haveria a diferença de que agora é a perspectiva, mais que a pessoa, que é decomposta em “partes”.

⁸⁹ Aqui Franklin utiliza um termo que Strathern não estaria usando, por causa do tipo de indivíduos que supõe. Ver Munro (2005).

“partes”. Para ela, a aparente dissolução das diferenças entre natureza e cultura, ou biologia e sociedade, deriva de um *colapso da analogia entre natureza e cultura*, que é sustentada apenas parcialmente e não pode funcionar num contexto “pós-plural” (Strathern, 1992 apud Franklin, 2003, p. 68).

Com relação a este aspecto Sarah Franklin, Célia Lury e Jackie Stacey (2000) oferecem a sua interpretação das mudanças no modo como a categoria “natural” passa a ser vista de modos mais fluido e flexível, e, segundo elas, de certa forma ainda mais poderosa. A categoria *natural*, para as autoras, permanece central para a produção da diferença, não apenas como uma categoria classificatória em mudança, mas através de processos de naturalização, desnaturalização e renaturalização (Franklin et. al., 2000 apud Franklin, 2003).

Além disso, para Franklin, o conceito de *biológico* está sendo convidado a fazer um tipo de trabalho “merográfico” similar ao que Strathern descreve para o parentesco. Enquanto o parentesco é “merográfico” no modo como conecta idéias da natureza, sociedade e indivíduo, o biológico também pode ser visto como sendo composto de distintas ordens que pertencem a “todos” diferentes, distintos e irreconhecíveis. Progressivamente, o biológico refere-se à combinação e divisão de fenômenos que não apenas requerem novas metáforas, mas também vêm a incorporá-las, produzindo um processo produtivo interessante (Franklin, 2003).

Gow (1997) lembra que a concepção da Antropologia Moderna de que os fatos do parentesco são ao mesmo tempo fatos naturais e fatos culturais ou sociais levou a uma projeção, em todas as culturas, de formulações ocidentais sobre “natureza” e “laços naturais”, objeto de crítica relativista por teóricos como Schneider. Para Gow, a questão principal, no entanto, é ainda outra.

Embora eu seja geralmente simpático a tais críticas, creio que o verdadeiro problema não está aí. O verdadeiro problema é muito mais profundo; ele diz respeito ao modo específico pelo qual a antropologia moderna definiu o social ou o cultural em oposição ao biológico. As análises do parentesco começaram pondo a sociedade/cultura como um domínio de objetos e de métodos metafisicamente distinto de seu “outro”, a natureza. Assim, tais análises se viram obrigadas a demarcar rigidamente a fronteira entre os dois domínios, abandonando à biologia muito do que elas gostariam de explicar. Pior ainda, o estudo da natureza viva terminou por se reinfiltar nessas análises, pois muitos antropólogos vieram a confundir a ciência da biologia com o objeto desta ciência, como se constata quando se os ouve falar em “parentes biológicos” ou em “fatos biológicos”. Isso sugere que a abordagem sociocultural sempre esteve fadada ao fracasso, já que os antropólogos atribuíam uma auto-evidência ou uma transparência à construção dos argumentos dos biólogos que eles não reivindicavam para os seus próprios. (Gow, 1997, p. 57).

O que podemos tirar de contribuição do debate antropológico sobre o parentesco diz respeito à necessidade de superarmos a visão de natureza e cultura como dimensões

separadas ou como conceitos analíticos dicotômicos, dando à idade um tratamento mais adequado. Para Keith e Kertzer, “as structuralists point out, ambiguous category boundaries are often perceived as dangerous and are usually subject to mythic elaborations. Age appears to have received this treatment from some anthropologists”. (Keith e Kertzer, 1984, p. 20).

Os autores se referem à “hipersensibilidade” de alguns pesquisadores em uma suposta clareza de fronteiras entre natureza e cultura, apontando os riscos de se enfatizar os aspectos biológicos das adaptações humanas. Talvez por causa de sua contínua e dinâmica base biológica, segundo eles, a idade ainda tem sido mais elegível para apontamentos do lado natural ou biológico da fronteira do que de suas características como parentesco e sexo, cujas fundações biológicas são mais estáveis. Seria justamente esta difícil definição de fronteiras entre natureza e cultura que faria da idade um objeto por excelência da reflexão antropológica: “Since all of human culture rests on a biological foundation, each community’s definition of the nature/culture boundary is part of a cultural map, and a promising topic for anthropological investigations” (Keith e Kertzer, 1984, p. 21).

Nesta perspectiva, o envelhecimento humano deve ser visto como um produto ou pára-produto (by-product) da cultura. O intrínseco e sutil emaranhado biológico/cultural que faz da idade um objeto difícil, também oferece um tópico apropriado para a análise antropológica (Keith e Kertzer, 1984).

Para Featherstone e Hepworth (2000), o “artefato” do curso da vida, visto como progressivo e linear, está fundamentado nas limitações biológicas da existência e resultaria numa concepção de envelhecimento como um processo unidirecional. Assim, levantaria questões sobre a “*incorporação humana*” e os limites entre cultura e biologia.

Para os autores, o envelhecimento não é um processo unívoco: “[...] a base deve ser determinada biologicamente – a existência humana é, atualmente, limitada –, mas a superestrutura é determinada culturalmente e está aberta a reinterpretções e reconstruções”. (Featherstone e Hepworth, 2000, p. 113.)

A corporalidade, assim, seria um assunto complicado para as Ciências Sociais. Afinal, o corpo é natureza ou é cultura? Featherstone e Hepworth (2000) citam a contribuição da teorização feminista, que teria ampliado criticamente os limites do social no processo de envelhecimento, a partir de estudos sobre a menopausa. Nesta perspectiva, não haveria nenhum fundamento genuinamente natural a se descobrir, nem um corpo natural. A natureza é interpretada como qualquer outra coisa do pensamento humano, podendo ser acionada após um evento para garantir a sua construção cultural (Wei Leng apud Featherstone e Hepworth, 2000). Pautando-se em Wei Leng, os autores apontam que

Tornou-se cada vez mais difícil defender qualquer tipo de divisão entre a natureza e a cultura na sociedade do final do século XX, em que as reivindicações de disciplinas do conhecimento a uma autoridade absoluta e os limites entre elas já não podem mais ser mantidas. Os avanços na cosmética e na cirurgia de substituição de partes do corpo, a inteligência artificial, a Internet e, sobretudo, os robôs levaram a uma situação em que se tornaram permeáveis as distinções ou barreiras entre o ser humano e o animal, o ser humano e a máquina, o físico e o não-físico. (Featherstone e Hepworth, 2000, p. 120.)

Esta percepção dos autores traz importantes conseqüências teóricas. Featherstone, num texto com tradução de 1994, já tratava de algumas das questões sobre a impossibilidade de se separar natureza de cultura. O autor traça um paralelo entre duas abordagens comuns do envelhecimento. Por um lado, teríamos o determinismo biológico dos comportamentalistas e etologistas; de outro, a concepção do envelhecimento como uma construção social, típica das Ciências Sociais. Na primeira abordagem os aspectos corporais do envelhecimento seriam reduzidos ao envelhecimento fisiológico; e a explicação da estrutura social feita a partir de características biológicas. Na segunda, noções como identidade, gênero, desvio, estilo de vida, gosto e espírito seriam vistas como construções sociais criadas, revertidas e recriadas. Esta abordagem não daria conta de como o corpo humano coloca limites às nossas possibilidades para a vida social.

Para Featherstone (1994) é preciso superar este dualismo e perceber que a cultura é escrita sobre nossos corpos, que não operam no mundo social como coisas “em si mesmas”:

com efeito, a cultura é escrita sobre os corpos e nós precisamos examinar os modos particulares de como isso acontece em diferentes sociedades, incluindo o papel das imagens sobre nossas percepções do corpo e os modos pelos quais a construção das identidades depende da construção das imagens do corpo. Seria preciso, portanto, explorar o desenvolvimento dos modos de conceber o envelhecimento e o curso da vida social. (Featherstone, 1994, p. 50.)

Assim retornamos à discussão sobre as etapas da vida, e do curso da vida como sendo algo linear. Se o curso da vida se constrói sobre um material biológico, este tem seus “ciclos”. A ênfase dada por Featherstone para o fato de que somos seres corpóreos aparece em sua tese principal: a de que a vida é um processo. Quais seriam as principais características estruturais da vida entendida desta forma? Em primeiro lugar, o autor aponta a influência dos modelos biológicos do curso da vida na vida social. A ênfase seria aqui colocada naquelas características que dividimos com outros seres vivos: vivemos um ciclo com fases de crescimento, maturação, reprodução, declínio e morte. Esta concepção aparece, por exemplo, na Psicologia do Desenvolvimento, e é refutada pela pesquisa histórica e cultural que aponta sociedades sem infância, a invenção da adolescência etc. Featherstone (1994) fala em termos

de uma colonização do curso da vida, “um processo por meio do qual a duradoura fase da vida, depois que o tempo de bebê cessou, é crescentemente diferenciada e demarcada em fases com conjuntos específicos de problemas e soluções.” (p. 57)⁹⁰.

Em segundo lugar, temos a descoberta da variabilidade histórica e da complexidade cultural apontando para o *erro de se considerar a existência de um único curso da vida*. Aqui, utilizando uma metáfora geográfica recorrente, a do curso da vida como um rio que flui, Featherstone lembra que utilizar um mapa do rio Tâmis para navegar o Amazonas seria de pouca serventia. É preciso reconhecer que existem diferentes mapas, de diferentes rios – para não se correr perigo de desorientação ou naufrágio, que colocariam questões sobre a validade das ciências da navegação.

O terceiro aspecto estrutural da vida como um processo diz respeito ao modo, ou a perspectiva desde a qual a enxergamos: conforme apontamos, se a vida é um rio que flui, não há perspectiva a partir de uma ponte, estamos sempre em algum ponto dentro deste rio⁹¹.

O desafio para a abordagem do curso e das idades da vida, desta forma, seria alcançar um conhecimento integrado do ciclo biológico, do curso social da vida e do curso da vida pessoal ⁹²(Featherstone e Hepworth, 2000.).

Neste desafio, acredito ser pertinente pensar nas proposições feitas por meus interlocutores quando definem as diferentes idades da vida ou se posicionam em relação a elas. Fica claro que uma Antropologia das Idades da Vida, ou uma Antropologia do Curso da Vida, tem ainda muito a refletir, dada a complexidade do que se entende por idade.

⁹⁰ “Para entender esse processo de colonização é importante investigar o papel dos seus defensores. Cruciais aqui são os especialistas da cultura, os educadores, acadêmicos, intelectuais, peritos e profissionais muitos dos quais tendo suas origens na nova classe média são, (sic) capazes de influenciar promotores de políticas, políticos e de utilizar a mídia. [...] Com efeito, eles objetivam ter a capacidade para identificar e resolver problemas sociais urgentes (como a delinquência e a rebelião jovem) apontando uma síndrome universal definida como característica de uma fase da vida que eles delinearão.” (Featherstone, 1994, pp. 57-58.) Para uma discussão sobre as implicações das abordagens sobre as classificações etárias, vide Müller (2005).

⁹¹ Fry (1976, apud Keith e Kertzer, 1984) aponta que o número de categorias de idade diferenciadas pelas pessoas varia de acordo com o seu estágio no ciclo doméstico. Sua hipótese é de que o número de classes de idade distinguidas está relacionado com a heterogeneidade da idade nas redes de parentesco dos indivíduos. Ou seja, as pessoas fazem tantas distinções quanto elas necessitem.

⁹² Com Strathern, poderíamos pensar as idades como engendrando relações merográficas, que articulam domínios diversos.

Os múltiplos discursos e dimensões das idades da vida

É lugar comum nos estudos antropológicos sobre as idades da vida assumi-las como sendo *construções culturais e sociais*. Desta forma, se todos os indivíduos estão submetidos ao amadurecimento e ao envelhecimento do corpo, os sentidos atribuídos a estes processos variariam espacial e temporalmente, de acordo com cada cultura.

A abordagem da idade enquanto construção social e cultural nos permite perceber os aspectos políticos das idades da vida (a luta entre as diferentes idades), as configurações sociais (a idade como critério classificador em todas as culturas), as ideologias que conformam os valores dados a cada fase da vida, além da possibilidade de se assumir que as idades se constroem relacionalmente, referenciando-se mutuamente (Müller, 2004).

O fato é que se as idades são construídas cultural e socialmente, elas nunca deixam de ter uma base natural, e talvez um dos maiores desafios de uma Antropologia que se proponha a estudar este campo seja a proposição de caminhos teóricos para uma leitura ampla sobre as idades – tão ampla quanto parecem ser as noções articuladas por alguns interlocutores.

Parece-me que a aceitação da idade enquanto uma construção é de tão fácil assunção quanto a necessidade de se entender o que há para além, ou por trás, disso. Neste sentido, não deixa de ser útil refletir-se sobre que dimensões estão implicadas quando falamos em idade e em curso da vida. Diversos autores têm envidado esforços no sentido de perceber estas múltiplas dimensões que compõem o que se entende por idade. Bernardi (1985, apud Feixa, 1996) distingue entre a *idade psicológica* (que mediria o desenvolvimento cronológico de um indivíduo desde o seu nascimento até o presente), da *idade estrutural* (que mediria sua capacidade para desenvolver certas atividades sociais, o que se traduz em ritos de passagem como a iniciação ou em limites legais como a maioridade).

Laslett (apud Aapola, 2002) distingue cinco dimensões da idade: *cronológica*, *biológica*, *social*, *pessoal* e *subjativa*. Já Kansas (apud Aapola, 2002), fala em três categorias: o critério *individual de idade* (baseada na experiência), o critério *culturalmente definido* (que é *societal*), e o critério *biológico/físico* da idade. Para Kansas, a divisão mais significativa seria aquela feita entre definições individuais e sociais de idade. As definições individuais são baseadas na avaliação pessoal que as pessoas têm sobre sua idade. As definições sociais são criadas no contexto social. No entanto, esta divisão é problemática: mesmo as definições “individuais” de idade são criadas em contextos sociais e históricos, sendo baseadas em

entendimentos culturalmente compartilhados sobre idade. Da mesma forma, os critérios usados nas definições biológicas de idade são definidos socialmente. A conclusão a qual chega Kansas é a de que a idade é, antes de tudo, uma construção social, mesmo no nível individual.

Meyer Fortes (1984) se preocupa em separar a idade de outras dimensões colocadas pela estrutura social. Assim, diferencia entre *estágios de maturação*, *idade cronológica*, *ordem de nascimento* e *gerações genealógicas*. Os estágios de maturação são identificados, nomeados, definidos culturalmente e construídos na estrutura social de todas as sociedades, embora o número de estágios possa variar de acordo com o contexto social. A idade cronológica não determina os estágios de maturação. Os antropólogos frequentemente projetariam interpretações de idade cronológica em dados de campo referentes à maturação⁹³.

Já o processo de ordenação, reconhecimento e agrupamento das pessoas através de gerações é completamente diferente daqueles feitos através de seus estágios de maturação ou equivalentes de idade. A sucessão de é condição *sine qua non* do processo reprodutivo, seja para a reposição física de cada geração, seja para a sua reposição social e cultural pela próxima geração. A ordem de nascimentos pode ser uma forma ou um critério para resolver o problema de ordenamento dos indivíduos por geração no contexto da família ou das relações de linhagem (Fortes, 1984).

Keith (1980) fala em quatro dimensões de diferenciação etária: a *dimensão cognitiva* da idade enquanto uma fronteira social diz respeito ao uso da idade ou do envelhecimento como um princípio de categorização – a idade é uma base importante para distinguir os indivíduos? Keith lembra que o *status* marital e a posição de um indivíduo no ciclo doméstico afetam a sua categorização do curso da vida, através da influência das redes de parentesco na estrutura etária.

A dimensão ideológica/normativa fala sobre a possível conexão entre a idade e certas obrigações ou deveres nem sempre realizados na vida social (os “oughts” e “shoulds”). As bordas das fronteiras etárias podem vir a definir diferenças ideológicas com o potencial de transformar fronteiras em alinhamentos conflituosos – sob quais condições e quais conseqüências a idade adquire estes tipos de saliência? Muitas sociedades possuem “relógios sociais” com normas amplamente compartilhadas sobre o timing dos principais eventos da vida. No entanto, há variação no grau de ordenação da prescrição destes eventos versus a atenção mais especial à idade em que eles devem acontecer. A avaliação do comportamento e

⁹³ Para Fortes (1984), pelo nosso hábito de pensar em termos de idade cronológica, teríamos o hábito de perseguir, para cronologizar, todos os *eventos* e ocorrências. Isto sugere-me que muitos estudos sobre a transição à adultez podem estar sendo marcados por esta perseguição cronologizante.

da personalidade também podem variar dependendo da categoria etária na qual um indivíduo está situado.

E *dimensão interacional* se refere à possibilidade dos indivíduos que compartilham uma característica como idade concentrarem sua atividade social dentro da fronteira que os descreve. Esta concentração é calculada não pela contagem do número de horas ou indivíduos, mas da proporção dos tipos de contato social compartilhados com os pares de idade. Para cada tipo de teia social, por exemplo, amizade, um indivíduo pode ter um repertório mais ou menos homogêneo de outros; e fora do arranjo inteiro de tipos de vínculo social, por exemplo, colegas de trabalho, de lazer, parceiros sexuais, uma maior ou menor proporção pode ser predominantemente homogênea etariamente.

A *dimensão corporativa* diz respeito ao fato de que a idade, como qualquer característica social, pode tornar-se a base de recrutamento de organizações formais, definindo as fronteiras de um grupo corporado. Embora grupos com outros propósitos manifestos possam ser etariamente homogêneos, a referência aqui é agrupar em termos explícitos de idade. Eles não são apenas recrutados pela idade, mas a idade é crucial na sua função corporada (Keith, 1980).

Sinikka Aapola (2002), de certa forma reforçando algumas colocações de Keith (1980) e Keith e Kertzer (1984) a respeito da necessidade de estudos etnográficos mais sistemáticos, relacionados à teoria antropológica geral, diz que algumas destas dimensões têm representado conceitos descritivos e frouxamente definidos, que nem sempre se articulam com uma teorização antropológica mais ampla ou com dados de campo etnográficos.

Uma saída encontrada por Aapola (2002) é a leitura das idades da vida através da análise do discurso. Para a autora, as dimensões da idade são discursos, formas mais ou menos sistematicamente organizadas de fala, baseadas em conceitos, idéias e práticas inter-relacionadas, e frequentemente ligados a instituições sociais. Esclarecendo alguns conceitos relacionados à idade, ela cria uma nova abordagem que a entende como fenômeno histórico, social e culturalmente construído.

Neste sentido, de acordo com Aapola (2002), teríamos quatro grandes discursos de idade, com seus respectivos sub-discursos: o discurso da idade cronológica, o da idade física, o da idade experimental e o discurso da idade simbólica. Passemos então a estes discursos, nos referenciando, sempre que possível, nas falas dos interlocutores.

Discurso da idade cronológica

Seria a mais bem conhecida dimensão da idade, usada rotineiramente nas burocracias estatais modernas para categorizar as pessoas. Neste discurso a idade é medida quantitativamente pelo tempo passado desde o nascimento de uma pessoa. Com a demanda crescente por racionalização e produtividade na educação, cuidado com saúde e indústria, a partir da década de 1850 e particularmente durante o século XX, esta dimensão tornou-se especialmente influente em diversas instituições públicas.

No discurso da idade cronológica são elaboradas por médicos, pedagogos e outros especialistas das áreas de saúde e educação, uma série de normas prescrevendo os comportamentos apropriados para cada idade. Assume-se que a idade calendária é uma base relevante para assumir diferenças e similaridades entre as pessoas.

Se o discurso da idade cronológica é especialmente importante na esfera pública, influenciando muitas instituições, ela não deixa de ser relevante no âmbito privado. As festas de aniversário podem ser vistas, segundo Aapola (2002), como práticas discursivas que refletem a importância da idade cronológica que acentuam a centralidade desta idade como base da categorização social. Eu acrescentaria a especial carga simbólica dada por muitos interlocutores a algumas idades, como os 18, os 25 ou os 30 anos, tidos como marcos seja biológicos, seja comportamentais.

Júlio: Mas eu digo que aqui é crítico pelo seguinte, porque agora é que vai se resolver o que vai acontecer nos 30 anos.

Elaine: E o que tem nos 30 anos que alguma coisa tem que acontecer justamente nos 30? Ou até os 30?

Júlio: Bom, os trinta é mais ou menos um marco, porque fica difícil também tu já com 30 anos tu continuar dizendo que tu é um adolescente (risos de Sandra), que quer jogar vídeo game, tu pode até continuar gostando dessas coisas, mas não é possível que vá continuar exatamente da mesma forma, entendeu, eu acredito que não vá, além do que provavelmente tu já deve tá a meio caminho andado de ter um filho, se não tem, ou já teve, alguma coisa assim, e também já vai tá tudo bem definido assim, provavelmente é mais difícil ocorrerem mudanças, até porque historicamente se fala que as pessoas que, no ramo artístico ou qualquer coisa que criaram, ou também cientistas que criaram alguma coisa, a maioria das coisas aconteceram antes das pessoas completarem 30 anos, os yuppies tinham como conceito fazer o primeiro milhão de dólares antes de completar 30 anos, então acho que existe tudo isso internalizado na cabeça das pessoas, mesmo quem não sabe da história dos yuppies, de fazer o primeiro milhão antes dos 30 anos, ou mesmo que não saiba que a maioria dos artistas, ou cantores ou músicos explodiram porque fizeram, começaram antes dos 30 anos, então não sei, eu acho que é muito significativo neste aspecto.

Sandra: Engraçado, que 30 anos parece realmente uma parte que divide assim...

Júlio: É um marco, entendeu?

Sandra: É um marco, a partir dos 30 anos já é outra coisa, que você vai viver, sei lá, engraçado isso, talvez seja o mesmo daquela dos 18, que depois dos 18 vai ser uma outra coisa.

Este discurso teria ainda dois subdiscursos:

- Idade institucional: definições padronizadas da idade cronológica para instituições sociais particulares, como o sistema judicial ou escolar. Frequentemente, estas definições são contraditórias.
- Idade desenvolvimental: também é chamada de idade psicológica. As teorias desenvolvimentais assumem a correspondência entre idade cronológica e certa fase psicológica/física de desenvolvimento. Geralmente estas teorias estão pautadas num pensamento hierárquico, segundo o qual uma criança ascenderia “degraus”, desenvolvendo-se para um nível mais alto, até alcançar a “madura” adultez. Este discurso também pode ser altamente normativo: constrói-se um curso de desenvolvimento linear, universal, cujos desvios podem ser definidos como patológicos. Segundo Aapola, no entanto, o conceito de maturidade raramente tem um significado claro.

A seguinte fala de Bruna pode ser um bom exemplo de articulação do discurso da idade cronológica:

Bruna: não, olhe, é assim, Elaine, veja só, você falou “não, a idade não influencia”⁹⁴, não, não influencia, mas inconscientemente você não tem como dividir, separar muito não, sabe, no seu inconsciente você, o peso da sua idade vai chamando também você a cair na real, tá entendendo? **Porque até por uma questão de bom senso, né, você, por exemplo, seria ridículo você ver uma mulher por exemplo de quarenta anos tendo uma atitude de uma menina de dezessete. É inadmissível**, tá entendendo, você tá com quarenta anos agindo como uma menina de dezessete. Não que a idade, porra, tudo bem, ela tem o espírito jovem, não sei o que, mas a idade ela chama você a uma... sabe? Mas assim, o seu pensamento, eu acho que o espírito, ele independe de idade. **Mas eu acho que você tem que seguir um padrão**, tá entendendo, você tem seguir um uma, não é nem um padrão, vamo dizer assim, você tem que seguir uma rota, sabe, um caminho que você tá envelhecendo, quer queira quer não você tá envelhecendo, então você tem que seguir aquilo dali. Mesmo que você com quarenta anos use bermuda de surfista, aí é uma questão de estilo, mas assim, mesmo que quarenta anos você continue dando uma bolinha, vai pra show de reggae, tá entendendo, mas a sua forma de pensar, o que você viveu durante esse tempo todo, tá entendendo, as suas perspectivas são diferentes, é isso que eu quero dizer, o estilo, o que que você vai fazer, as suas atitudes, e pá, babababab, podem até ser joviais, tá entendendo, mas você nunca vai conseguir separar totalmente a idade... é muito relativo assim, não tem a ver, mas ao mesmo tempo tem a ver.

Estes diversos discursos em torno da idade cronológica – e os subdiscursos da idade institucional e desenvolvimental – por vezes aparecem embaralhados a outras dimensões da idade. Bruna, como vimos acima, já disse que se perceber como adulto tem a ver com idade e ao mesmo tempo não tem, no sentido de que, se por um lado, as fases da vida não são necessariamente coladas ao número de anos vividos por uma pessoa, por outro lado

⁹⁴ Um pouco antes, Bruna havia definido o adulto como aquele que toma certas decisões no sentido de formação de uma família, no que eu lhe perguntei: “então não tem muito a ver com idade, né?”.

“a idade chama”, impondo certos comportamentos, ao fazer que outros pareçam um pouco ridículos depois de certo número de anos vividos.

Na entrevista que fiz com Sandra e Júlio, discutimos muito o que faz de uma pessoa ser adulta. A princípio, articulou-se principalmente um subdiscurso de idade psicológica:

Júlio: Eu acho que se for classificar pela idade, com relação à idade a gente aquilo que se chama jovem-adulto, adulto-jovem, alguma coisa assim, agora **o psicológico da gente**, desse pessoal da nossa geração, da nossa idade, eu acho que 90% das pessoas e eu também assim, acho que **nós somos psicologicamente adolescentes ainda**, eu acho, psicologicamente adolescente [...]

Mas logo a idade cronológica por excelência, a medida pelo tempo passado desde o nascimento, apareceu tanto como um definidor, quanto como um elemento dificultador para a definição do *status* de adulto. Por um lado, um adulto é aquele que pode responder civil e criminalmente por seus atos, ou seja, aquele que tem 18 anos. Por outro, é aquele que já assumiu certas responsabilidades. Mas quando estas responsabilidades são assumidas de forma muito “prematura”?

Elaine: Então vamos pensar pelo outro lado, o que que faz a pessoa ser adulta? Não tem mais questão, aí virou adulto?

Júlio: O que faz a pessoa ser adulto, o que a classifica, o que é o ritual de passagem pra vida adulta, o que torna o indiozinho deixar de ser um indiozinho e ser adulto com o ritual de passagem, é quando ele faz 18 anos e ele pode responder criminalmente pelos, aliás agora não é mais 18, é menos agora, ou não? Quando ele pode responder criminalmente pelo que ele faz, com 18 anos ele se torna um adulto, isso não quer dizer que ele seja psicologicamente um adulto, mas pra sociedade ele é um adulto.

Elaine: Mas Sandra falou que tinha coisas de adulto, e falou de responsabilidade, tu não falou de idade, tu falou assim que já tinha coisas de adulto, que adulto seria a pessoa que tem mais responsabilidades, uma casa...

Sandra: É, exatamente, um adulto, ele pode, você pode se tornar adulto com 20 anos de idade, então você tem toda uma responsabilidade em cima de você além de você responder criminalmente, você já tem toda uma responsabilidade, já tem um filho, então você se torna um adulto no sentido que você tem que ...

Júlio: ... Tá, você pode ter um filho com 14 também, 13 anos...

Sandra: Mas aí é uma coisa muito prematura e você com 14 anos...

Júlio: ... E porque com 20 anos não é? Eu não teria cabeça pra ter um filho agora...

Sandra: Sim, mas assim, eu tô dizendo que pode ser, eu não tô dizendo que é ou não, mas quando se é adulto, eu não sei se eu teria a ousadia de dizer que uma pessoa com 14 anos que tem filho é um adulto, realmente eu não sei, eu teria que conhecer, mas assim se você passa a ter uma responsabilidade.

Elaine: Um adulto com 14 anos? Não existe isso não...

Júlio: É isso que eu tô dizendo, eu não sei se eu teria a ousadia de dizer isso, mas talvez se você tem toda uma responsabilidade, se você cuida da sua casa, cuida dos seus filhos, é completamente independente dos seus pais com relação a financeiramente, em tomar decisões, eu acho que você não passa a ser um adulto, você tá independente, você tá construindo uma outra pessoa, você já tá construindo uma outra pessoa, tá passando a sua personalidade já pra uma outra pessoa, sua responsabilidade agora sobre outra pessoa, não tem ninguém mais “em cima”, você agora é que tá “em cima” de outra pessoa.

Talvez o mais interessante seja notar que a idade cronológica teria seria seus limites na definição dos *status* etário de um indivíduo, e que por mais que este *status* esteja fundamentado em outros elementos para além dos anos vividos, também existem limites para estes elementos, na medida em que é articulada a idéia de “prematuridade”.

Discurso da idade física

Inclui estimativas sobre a condição corporal de uma pessoa, sua habilidade para funcionar e a aparência externa. Geralmente as medidas desta condição corporal variam de acordo com o contexto e o gênero. Este discurso também está ligado ao desenvolvimental, já que geralmente se assume que certa idade cronológica corresponde a um estágio particular de desenvolvimento físico. E possui dois subdiscursos:

- Idade biológica/médica: sub-discurso profundamente ligado às profissões médicas e o discurso biológico em geral. A puberdade, por exemplo, é estimada por mudanças físicas, frequentemente salientando a idade reprodutiva e as diferenças físicas entre os sexos.

Aqui poderíamos situar a “teoria” de Vitória (que por sua vez não deixa de estar também pautada num discurso de idade cronológica). Vejamos:

Vitória: Quando eu fiz 25 eu fiz: fudeu. Porque eu tenho uma teoriuzinha, assim, né, que é uma parábola que a gente vive, né. Parábola que fala, acho que é parábola que fala (faz gesto de uma curva como a parte superior de um guarda-chuvas), aquela curva, né? Que até os 25 você tá ascendendo, o vértice é aos 25. Passou dos 25, meu amigo, é ladeira abaixo, hormônio muda, tudo muda, assim, sua figura mesmo muda, e isso é fato, você pode observar em qualquer um. Se eu pegar as minha fotos de 21, 22, 23, é tudo a mesma merda, tudo igual, 24, parecida, aí 25, porra, me achava um pouquinho diferente, 25, 26, assim, eu sou, eu me vejo como uma outra pessoa na foto, pô.

Para Vitória, o curso da vida e suas idades tinham um quê de *determinação biológica* e de uma evolução linear. “...Você é jovem, mas vai ‘crescendo’, entre aspas, até os 25. Depois dos 25 é você envelhecer mesmo.” Ou ainda: “... Acho que 25 é o ponto meio que limítrofe até fisiológico mesmo do teu corpo. A partir dos 25 começa a mudar mesmo, as coisas.” Ela fala, assim, de mudanças que ela percebia no espelho, em sua própria imagem, e que não deixavam de estar relacionadas com outras mudanças – percebia-se cada vez mais parecida com sua mãe, tanto física quanto comportamentalmente.

- Idade contextual: se refere a forma como a idade de uma pessoa, em diversos contextos, é estimada de forma não oficial. Trata-se de uma estimativa da idade cronológica de uma pessoa a partir de sua aparência física e conduta.

Um bom exemplo seria a reflexão de Antônia sobre a mudança na forma como passou a ser tratada em diversos lugares após o casamento e a gravidez. De certa forma ela já tinha que lidar com a idéia de ser tratada como alguém mais jovem do que ela era, por aparentar ter menos idade do que realmente tinha.

Antônia: É, as pessoas passaram a me chamar só de senhora! (risos) Eu pareço ser mais jovem, todo mundo diz que eu pareço ser, ter menos idade do que eu tenho, né, então no trabalho, sempre as pessoas ficavam surpresas com a idade, apesar de que no trabalho eu ia, tentava aparentar mais velha, né. Mas em qualquer lugar, então as pessoas “menina, tu tem mais de dezessete?”, então aquela coisa, depois que você casa, e grávida, ainda mais, é só senhora, coisa de uma hora pra outra, eu sei que eu não mudei, eu continuo com a cara de menina e tal, mas eu acho que mudando o *status*, você muda pra sempre.

Discurso da idade experimental

Pode ser definida como a idade que uma pessoa subjetivamente atribui a ela mesma. Ela é medida em relação a idade cronológica de uma pessoa: quanto mais velha ela se sente. Por ser definida comumente em comparação a outras pessoas, também é chamada de idade relacional, e pode variar consideravelmente em diferentes situações.

- Idade incorporada: refere-se à dimensão experimental da incorporação (embodiment), seus sentimentos e emoções. O foco está em como a pessoa se sente em relação ao seu corpo, sua aparência e capacidades, se ela se sente jovem ou velha, com a “idade certa” ou não.

Dona Marisa: Eu acho que eu tô numa idade tão boa visse (risos). Eu acho assim, eu acho que eu tô falando do ponto de vista biológico, eu tô mais perto da morte do que antes (risos) sem dúvida nenhuma, mas assim, a minha idade hoje, ela não me pesa nada, não me pesa, ela não me pesa nada, ela é a minha idade ela é muito leve, assim, não é um fardo. Primeiro que eu sou uma pessoa muito saudável, né. Segundo porque sou uma pessoa muito assim ativa, e gosta de viver, entendeu? Então eu acho que atualmente minha idade... eu tô vivendo a melhor época da minha vida agora.

Discurso da idade simbólica

Refere-se às expectativas anexadas às várias fases da vida, observando os

comportamentos, habilidades e estilos de se vestir adequados (alguns objetos e atitudes representam simbolicamente algumas idades). Mesmo na sociedade atual, em que se sugere que muitas normas de idade gradualmente se dissolvem, elas continuam tendo uma dimensão simbólica importante. Valeria lembrarmos da citação de Bruna, transcrita acima, sobre comportamentos adequados para cada idade. O discurso da idade simbólica tem dois subdiscursos:

- Idade ritual: refere-se aos rituais existentes em muitas culturas, estabelecidos para os jovens para marcar a transição da infância à adultez, por exemplo. Estes ritos não estão necessariamente conectados com a idade física das pessoas na puberdade nem com a idade cronológica. Na sociedade ocidental contemporânea, estes ritos perdem sua força, mas algumas comunidades educacionais e religiosas os mantêm de diversas formas (idade da Primeira Comunhão, Confirmação ou Vestibular).
- Idade funcional: aqui o *status* de uma pessoa depende das habilidades que ela demonstra – no caso de um jovem, simbolizam sua preparação para se tornar adulto. Nas modernas sociedades ocidentais, este discurso é substituído pelo da idade cronológica, especialmente nos contextos oficiais (independente de suas habilidades, todos são maiores a partir dos 18 anos⁹⁵). O discurso da idade funcional é mais utilizado em contextos não-oficiais na definição da posição de uma pessoa jovem em seu ambiente social, especialmente na família.

Tiago, por exemplo, coloca a idéia de responsabilidade no centro de sua percepção sobre a assunção da adultez. Mas o adulto não seria necessariamente ou apenas aquele que tem responsabilidades, mas também aquele que está preparado para assumi-las. Assim, ele se percebe como alguém pronto para assumir as responsabilidades que inevitavelmente um dia ele encontrará. E ele se sente tranqüilo quanto a isto.

Tiago: Eu não sei se jovem quer dizer menos responsável né mas, eu hoje em dia não tenho tantas responsabilidades assim, por isso que eu me acho jovem assim, mas a partir do momento que você vai buscando mais responsabilidades, você vai se tornando mais adulto, eu acredito que pra pessoa se tornar adulto é questão de quanto mais responsabilidade você tenha assim, de lidar com essas responsabilidades assim, mas acredito que um jovem também sabe, eu me tenho como um adulto jovem assim que não tem problema em lidar não com responsabilidade nenhuma não, eu lido como qualquer adulto que se acha adulto, que trabalha, que tem sei lá, várias contas pra pagar e responsabilidades assim e tal, pra fazer assim, eu acredito que não tem problema nenhum, quando eu tiver assim, chegar a ter

⁹⁵ Existe, é claro, o caso daqueles considerados *incapazes* ou *relativamente incapazes*, que sendo curatelados, não gozam plenamente dos direitos civis garantidos aos maiores de idade e que são igualmente a estes considerados imputáveis. O conceito jurídico de *capacidade* está pautado na idéia de personalidade: “Capacidade é a aptidão inerente a cada pessoa para que possa ser sujeito ativo ou passivo de direitos e obrigações” (Fiúza, 2003, p. 111).

uma quantidade de tarefas assim pra realizar, acho que não sinto dificuldade nenhuma, acho que meu, minha cabeça assim ela é bem tranqüila, assim, em relação a ... amadurecida assim né, acredito que..., eu já passei assim por broncas assim que sei lá, pode ser parecido, não tem nem como explicar, eu não sei nem como dizer, acho que eu tô me enrolando aqui.

Um outro aspecto lembrado por Tiago como sendo um importante definidor do ser adulto é saber lidar com as pessoas:

Elaine: Então assim, uma coisa que seja essencial pra uma pessoa ser considerada adulto assim, tu olha um amigo teu e diz assim “isso é uma pessoa adulta,” o que tu acha que é decisivo?

Tiago: Acho que o modo que ele trata as pessoas. [...] Acho que o essencial é você saber lidar com as responsabilidades, assim, que muda assim quando você é jovem e vai começar a entender melhor como lidar assim com as coisas e o fato de saber lidar com as coisas em geral, pessoas, com, quando você tá na rua e vê dentro de um ônibus, e passa um mendigo, um cara de sei lá, 30 anos fala uma besteira assim, você “porra, esse cara é uma criança, não cresceu ainda” fala uma coisa nada a ver assim, você vê, acho que é muito fácil enxergar quando a pessoa não é maduro assim, conversando com ela, acho que pela forma dela lidar, de falar assim, tem que conversar né, como é que vai poder falar o que é, o que seria?

* * *

Extrapolando um pouco a idéia dos discursos de idade colocada por Aapola (2002), mas ainda tendo-a como referência, as falas dos interlocutores remetem ainda a uma série de dimensões da idade. Como alguns interlocutores puderam ser entrevistados em duas oportunidades, pode-se perceber que suas falas sobre o *ser jovem*, juventude, o *ser adulto* e a adulez, acompanharam, de certa forma, as mudanças – algumas bastante expressivas – destas trajetórias. A característica das idades de serem relacionais, desta forma, diz respeito não somente ao fato de que cada idade se constrói *em relação* às demais, mas também ao fato de que o posicionamento dos sujeitos em seu curso da vida diz respeito à perspectiva através da qual eles percebem e definem as idades da vida.

Como vimos, na primeira entrevista feita com Vitória ela morava com os pais e estava passando por uma espécie de crise de idade. Sentia-se nos últimos anos da juventude, o que dizia respeito, de certa forma, a perceber-se cada vez mais próxima de seu principal referencial de adulez, seus pais. Vitória sentia certo peso em perceber que não era independente financeiramente, e que não tinha condições de sair da casa de seus pais para o seu espaço, como sempre pensou que ocorreria quando chegasse àquela idade. Havia um entendimento por sua parte de que a idade adulta, para além da decrepitude biológica, é uma idade de independência, de saber se virar e se manter sozinha. Mais do que isso: se na juventude

você pode viver para você [...] quando você vai ficando adulto não, você começa a ter pessoas que dependem de você, você deixa de viver pra você e tem que sustentar não sei quem, ou tem que pensar em não sei quem, tá fazendo as coisas não para você mas para os

outros que tão a tua volta, assim.

Juventude e adultez, desta forma, não são definidas apenas por limites naturais, mas também por uma *dimensão de auto-determinação e pelos tipos de relações sociais que são estabelecidas* nestes momentos do curso da vida.

Em 2007, Vitória foi entrevistada em seu apartamento alugado e por ela “montado”, após seis meses de mudança para São Paulo, numa rotina de gestão de um orçamento que ela própria havia se colocado, proveniente de suas economias, já que ela não estava trabalhando. A maneira como ela se percebia com relação a idade era, assim, bastante diversa da anterior. Agora ela se “sentia adulta” pois tinha o seu “bambu pra criar”, havia superado “muitas dessas aflições e dúvidas, auto-críticas”. Por paradoxal que possa parecer, Vitória afirmava: “Mas eu me sinto mais jovem, com mais coisa pela frente, e totalmente adulta porque agora eu tenho responsabilidades pesadas assim”.

Coerente com sua percepção da idade adulta como uma fase marcada pela independência e autonomia, Vitória se sentia, assim, plenamente adulta. Mas seu sentimento de adultez não a impedia de se sentir também mais jovem. A decrepitude fisiológica não aparecia mais tão marcadamente em seu discurso sobre a idade – de fato, perceber que juventude e adultez não são fases sucessivas e separadas parece ser bem diferente de percebê-las por uma ótica biologizante, bem mais irreversível. Juventude e adultez, mais do que fases da vida, aparecem assim como *formas de se colocar diante da vida*.

A idéia de responsabilidade aparece na dimensão adulta da vida de Vitória. Esta idéia é bastante articulada por diversos interlocutores, e comumente utilizada para a definição do *status* de adulto nas pesquisas sobre a transição para a vida adulta. Dona Estela⁹⁶, a mãe de Vitória, quando perguntada sobre a partir de que momento de sua vida passou a se sentir adulta, primeiro deu uma aula de Antropologia da Idade, depois trouxe um novo elemento para se pensar neste referencial:

Dona Estela: (pequena pausa) pergunta, né, o que que é se sentir adulto, primeiro, né? O que é ser adulto, né? Ser adulto é ter *responsabilidade*? Se for... ter juízo, vamos dizer, já nasceu o dente do ciso, então tem juízo é adulto, né? Adulto é ter, é a idade, né, a partir de que? 18 anos já é adulto?

Elaine: é isso que a gente hoje em dia não tem mais...

Dona Estela: mas eu sempre tive responsabilidade desde os 15 anos, que eu já comecei a ganhar o meu dinheirinho com 15 anos, 16 anos. Então eu já não dependia dos meus pais, era ter responsabilidade? Era, era ser adulto eu acho. Agora *maturidade* não, é diferente. Maturidade você ainda não tem *experiência*, você não tem quem lhe ensine as coisas...

⁹⁶ Cf. sua trajetória.

Para Dona Estela, ter responsabilidade era algo que se podia ter desde muito cedo, e ela se questionava se seria isso que define a adultez. Se sim, ela teria sido adulta desde seus 15 anos, quando já era responsável por ela mesma, não dependia mais dos pais. Mas nesta idade, Dona Estela não tinha maturidade, algo que se adquire com a experiência, com o vivenciar de diversas situações. Dona Estela se perguntava ainda se havia sido preparada para ser adulta – a relação com os pais não era de muito diálogo, ela não tinha quem lhe ensinasse algumas coisas, a respeito da sexualidade, por exemplo. Por outro lado, ela também se questionava o que seria preparar uma jovem para ser adulta, o que seria estar preparada. A trajetória de Dona Estela é toda ela marcada pelo “aprender fazendo”, que ela contrapõe ao aprendizado que antecede o “fazer” próprio da geração de suas filhas (que fizeram faculdade antes de começar a trabalhar, enquanto ela aprendeu tudo sobre a sua vida profissional trabalhando).

Temos assim outra dimensão da idade: a da *experiência*. Individual, pessoal, intransferível, esta dimensão definia a maturidade das pessoas, e seria um dos elementos da adultez, talvez mais importante do que marcadores naturais (o dente do ciso), ou a idade cronológica (ter 18 anos). Se as responsabilidades podiam ser assumidas desde muito cedo pelas pessoas, isto não fazia delas pessoas maduras, pois o amadurecimento só se alcança com a experiência.

Com Bruna⁹⁷, ficou claro mais uma vez que uma pessoa pode se sentir jovem e adulta ao mesmo tempo. Para ela, que havia dito que se percebia como adulta desde que decidiu que iria ter um filho, a adultez tinha a ver com o impulso na direção de formação de uma família, de um emprego estável: “esse tipo de coisa que você só começa a pensar, Elaine, quando você realmente tá adulto”. Antes disso, por mais que um jovem pense nestas questões é ainda de uma forma embrionária, “não tem uma diretriz”.

Elaine: [...] olha, Bruna, no momento atual da tua vida, que você se sente uma pessoa adulta, mas também jovem, né, dependendo de como você tá vendo, né?...

Bruna: ... é, é, é, o jovem, na realidade aí pronto, o jovem na realidade entra porque eu acho que a minha cabeça não é velha, tá entendendo? Eu sou adulta, mas eu não tenho espírito velho, eu não sou uma pessoa de pensamentos retrógrados, conservadores, velhacos, tá entendendo...

Mais do que com a idade cronológica, o sentimento de ser jovem ou adulto tinha a ver com a maneira como a pessoa *percebe o mundo*. Ela era adulta por ter dado um passo na formação de sua família e por estar buscando sua estabilidade profissional, mas também era

⁹⁷ Cf. sua trajetória.

jovem por não ter pensamentos conservadores ou retrógrados, que ela chamaria de um “espírito velho”. A entrevista continuou:

Elaine: interessante que você disse isso, porque já mais de uma pessoa me disse quando eu tava entrevistando: quando eu tinha sei lá dezoito, menos, adolescente mesmo, eu olhava pra uma pessoa de trinta e eu pensava assim que era uma velha, uma pessoa velha, né. Desse jeito, assim, careta, e tudo. E agora, amanhã eu tô fazendo trinta anos e eu não me reconheço naquela pessoa de trinta, né.

Bruna: mas é justamente isso. Essa pessoa falou certo. Todo mundo pensa isso. Quando a gente tem dezessete anos e olha pra uma pessoa de trinta, quando eu tinha dezessete anos, eu namorar com um cara de trinta pra mim era um coroa. Juro! Coroa. Eu dizia, “eu namoro com um homem de trinta, coroa”. Hoje, trinta anos já faz parte da minha, do meu hall de pessoas, tá entendendo, então trinta anos pra mim não é coroa.

Assim como Vitória mudou sua maneira de perceber a idade conforme o caminhar de sua trajetória, Bruna confirma algo muito recorrente nas entrevistas: a forma como os jovens começam perceber a adultez, ou idades emblemáticas enquanto marcadores de uma espécie de limite da juventude, como os trinta anos, de uma forma diferente quando se aproximam deste ponto.

Aqui, remeto a idéia de Featherstone de que a vida é um processo, o que implica em percebermos a perspectiva pela qual a enxergamos:

Outro problema é que nós olhamos a vida de dentro dela – nós estamos no rio, não há uma visão a partir da ponte – olhamos a partir do nosso próprio ponto particular de vida e fase da história. Ainda que possamos nos esforçar para nos distanciar, necessariamente, vemos as outras fases da vida de diferentes modos dependendo de nossa própria idade e ponto de vista. (Featherstone, 1994, p. 61.)

Se isto vale para a forma como enxergamos nossas vidas, há de se atentar para suas implicações teóricas e metodológicas para quem estuda as idades e o curso da vida. Tenho defendido que a assunção das idades da vida como sendo relacionais tem sido um engodo acadêmico, na medida em que pouquíssimos trabalhos têm deixado claro qual a condição etária do/a pesquisador/a – eu de fato não me recordo de nenhum pesquisador que tenha ido além de uma nota de rodapé ou de um comentário sobre as dificuldades enfrentadas em campo por conta de sua idade, geralmente dita por um adulto que estudou algum grupo jovem⁹⁸.

Eu tentei entender então se a mudança no modo de ver uma determinada idade – os 30 anos, por exemplo – tinha mais relação com as mudanças que operamos nas construções e percepções que fazemos de nós mesmos; ou se havia algo de novo na maneira de se ter 30 anos na contemporaneidade. Seria um efeito de idade ou um efeito de geração? Bruna remeteu

⁹⁸ Para uma discussão sobre as implicações metodológicas da condição etária do/a pesquisador/a das idades da vida, vide Müller (2006) e capítulo introdutório desta tese.

a uma discussão interessante sobre a idade cronológica, que já reproduzimos acima. Para ela, “a idade chama...”. Assim, são definidos certos comportamentos ideais para cada idade da vida – as idades têm mesmo sua *dimensão ideológica* também. Por mais que seja permitido hoje para um adulto ter atitudes joviais, haverá sempre certos limites que não se espera que sejam atravessados. É desta forma que é inadmissível que uma mulher de 40 anos se comporte como uma menina de 17.

A *idade cronológica*, embora pareça tão dada e objetiva (um cálculo matemático do ano atual menos o ano em que alguém nasceu; o número de aniversários completados) não é tão auto-evidente quanto parece (Aapola, 2002). Além disso, é por si só imbricada do que chamamos de natureza e de cultura. Dizendo respeito ao tempo, por um lado é inerente à existência humana, por outro, é completamente cultural, já que a sua contagem e os sentidos que lhes são dados e suas relações com os cursos de vida e as trajetórias individuais são moldadas de formas diversas em diferentes culturas e épocas⁹⁹.

Pautados dos discursos dos interlocutores, chegamos, então, às seguintes dimensões da idade:

- A idade é determinada biologicamente, tem seus limites naturais, que acompanham o ciclo da vida dos seres humanos de acordo com sua própria natureza;
- A idade é definida por dimensões como a auto-determinação e pelo tipo de relações que se estabelece em cada fase da vida. Assim, se ser jovem é viver para si próprio, ser adulto tem relação a se dedicar a outras pessoas;
- As idades dizem respeito à forma como as pessoas percebem o mundo a sua volta – ser jovem pode significar não perceber o mundo de uma forma conservadora ou retrógrada, ou ainda, ser adulto pode significar ver o mundo de uma forma mais consciente;
- As idades são definidas também a partir do referencial pelo qual as percebemos. Sentir-se mais próximo do referencial de adultez que temos (os nossos pais, por exemplo), reflete na maneira como percebemos a adultez, por exemplo;
- A idade é também definida por sua cronologia, pelo número de anos vividos. Isto tem relação tanto com a dimensão do determinismo biológico quanto com a dimensão ideológica das idades, que estabelece comportamentos adequados para cada fase da vida. Por mais que hoje possa perceber-se a dissolução de padrões muito rígidos, com a juvenalização da existência humana e o culto ao corpo, temos ainda alguns limites,

⁹⁹ Agradeço à Mónica Franch a oportunidade da leitura de parte de sua tese de doutoramento (PPGSA/UFRJ), ainda em construção.

ainda que sejam definidos por percepções como a do *ridículo* e de *prematividade*;

- As idades são definidas pela experiência. Se pode-se ter responsabilidades desde cedo, a maturidade só se alcança com a vivência de múltiplas experiências – e maturidade pode ser também um referencial de adultez, mais do que a responsabilidade;
- Finalmente, as idades da vida não são fases distintas e sucessivas do curso da vida. Elas podem dizer respeito a diferentes formas de se colocar diante da vida – no que pesam todas as outras dimensões apontadas anteriormente. É cada vez mais difícil definir limites de passagem de uma idade para outra, uma vez que a idade passa a ser cada vez mais, no contexto urbano, ocidental e principalmente das camadas médias, outras coisas para além de uma etapa da vida.

A tematização da juventude, a “não tematização” da adultez

Boa parte dos trabalhos que tratam da juventude começa apontando a dificuldade em defini-la. Enquanto um objeto de pesquisa, a juventude pode ser vista como um conjunto homogêneo, quando comparada a outras gerações, ou heterogêneo, quando examinada como um conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens uns dos outros (Pais, 1993).

Grosso modo, podemos perceber que a juventude tem sido abordada como um grupo, como se houvesse uma comunidade juvenil separada do resto da sociedade¹⁰⁰ – e noções como subcultura e contracultura parecem caminhar por aí (Müller, 2004). E foi enquanto um grupo que a juventude passou a ter visibilidade tanto na mídia (e no senso comum), como na academia. Quando os jovens passam a ter formas de sociabilidade e de consumo diferentes daquelas compartilhadas pelos adultos, e, principalmente, quando os jovens se apresentam como um *problema* para a sociedade adulta, quando de alguma forma se fez necessário explicar o “confronto de gerações, as relações e conflitos entre classes de idade”, é que os olhares dos pesquisadores se voltam para eles:

¹⁰⁰ É verdade que enquanto período de experimentações intensas e de certa liminaridade a juventude acaba agregando diferentes indivíduos que só tem em comum a idade; mas é difícil saber até que ponto os adultos e os idosos não compartilham da mesma forma de relações de amizade apenas, ou principalmente, com indivíduos da mesma idade.

quando as sociedades tomam consciência de sua existência problemática, das dificuldades encontradas para assegurar sua continuidade — isto é, sua reprodução —, o questionamento dos processos de socialização expressa-se com impetuosidade. As sociedades interrogam sua ‘juventude’ e se interrogam a respeito do que lhe têm causado. (Balandier, 1976, p. 69).

Foi assim que a Escola de Chicago passou a se debruçar sobre certas práticas juvenis, como a formação de gangues: por seu aspecto transgressor e patológico. Foi assim também que a Escola de Birmingham tratou os diferentes estilos juvenis: vendo-os como formas de resistência ritual ao *establishment* e se detendo ao seu caráter espetacular. E também foi assim que se criou uma espécie de obsessão acadêmica por um modelo ideal de juventude, o dos jovens dos anos 60, militantes, inovadores, revolucionários. Para Abramo, esta “fixação” do “modelo ideal” do comportamento juvenil nos movimentos dos anos 60 “acabou por cristalizar uma ‘essência’ da condição juvenil como portadora de utopias e de projetos de transformação” (Abramo, 1994, xiii). A juventude se constrói, assim, enquanto um objeto de estudo, como a fase da vida mais propensa a questionamentos e mudanças na ordem social vigente. Espera-se dos jovens que eles mudem, ou pelo menos manifestem seu descontentamento com o “sistema”.

Isso fica muito patente quando revisamos os principais trabalhos sobre juventude no contexto das ciências sociais. Muito já foi dito sobre a juventude transgressora, mas muito pouco foi pensado sobre o modelo do qual estes transgressores juvenis estão se desviando. Afinal, qual é a “juventude normal”?¹⁰¹ Qual o modelo ideal de jovem desejado pela sociedade? A julgar pela forma como as ambigüidades do período juvenil são enfatizadas pelo senso comum (e divulgadas pela mídia) e pela academia (reproduzidas através das pesquisas), em certos momentos parece que o jovem ideal é exatamente aquele que rompe com certas ordens estabelecidas.

Conforme Abramo:

a tematização da juventude pela ótica do ‘problema social’ é histórica e já foi assinalada por muitos autores: a juventude só se torna objeto de atenção enquanto representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social: ameaça para si própria ou para a sociedade. (Abramo, 1997, p. 29).

Além da imagem de decepção e desespero diante do jovem rebelde e desafiador existe ainda aquela das expectativas: o jovem como o “futuro da nação”. É como se a juventude tivesse o ônus da mudança, ora esperada, ora temida. As imagens sobre os jovens

¹⁰¹ Para uma discussão sobre juventude “normal”, ou seja, aquela que não se apresenta como transgressora ou delinqüente, nem se apresenta através de estilos espetaculares, vide Müller (2004).

estão cheias das ambigüidades, medos e esperanças da sociedade adulta. Ainda segundo Abramo:

de um modo geral, pode-se dizer que a ‘juventude’ tem estado presente, tanto na opinião pública como no pensamento acadêmico, como uma categoria propícia para simbolizar os dilemas da contemporaneidade. A juventude, vista como categoria geracional que substitui a atual, aparece como retrato projetivo da sociedade. Nesse sentido, condensa as angústias, os medos assim como as esperanças, em relação às tendências sociais percebidas no presente e aos rumos que essas tendências imprimem para a conformização social futura. (Abramo, 1997, p. 29).

Se a juventude tem sido estudada predominantemente a partir da ótica do problema social, e tem sido tomada como uma fase da vida transitória (como se todas as outras também não fossem), com relação a adulez o que percebemos é um grande descaso por parte das pesquisas sociológicas e antropológicas. É como se houvesse coisas a se dizer sobre indivíduos e grupos por eles atravessarem a juventude, mas indivíduos e grupos que atravessam a idade adulta não são pensados em termos de sua adulez. Teoricamente, temos elucubrações e teorias sobre a infância, sobre a juventude e sobre a velhice, mas as colocações sobre a idade adulta não parecem formar um todo coerente da mesma forma.

Sousa (2007), citando Boutinet, fala desta lacuna de estudos sobre adulez. Para Boutinet, os estudos seriam escassos porque “falar sobre a vida adulta pode parecer aparentemente banal” (2000, apud Sousa, 2007, p. 13). Vista em suas “antigas certezas”, a adulez seria uma “idade sem problemas”, e uma “idade de referência” para as outras idades. A autora se pergunta, a propósito, se a adulez seria outra coisa além de uma idade de referência e sobre quais seriam as “antigas certezas” de que fala Boutinet. Não seria evidente a complexidade da adulez? (Sousa, 2007).

Alguns aspectos podem ser levantados para pensarmos sobre a não-exploração da idade adulta como objeto de pesquisa – aspectos que se mostram relevantes para a compreensão da adulez numa perspectiva das Ciências Sociais¹⁰².

Em primeiro lugar, *a adulez não é pensada como objeto de pesquisa enquanto não é vista como uma idade problema.*

Para Berger, os estudos sobre idades seriam subvencionados por razões mais ou menos práticas e, sendo assim, a centragem predominante sobre os jovens e os velhos não seria inocente. Estas seriam as idades “realmente” ou “potencialmente” problemáticas

¹⁰² O texto de Filomena Carvalho Sousa “O que é ‘ser adulto’: as práticas e representações sociais sobre o que é ‘ser adulto’ na sociedade portuguesa”, de 2007, propõe uma Sociologia da Adulez. É possível que a autora seja uma das primeiras a tentar delinear um campo específico para a idade adulta enquanto objeto sociológico. Prefiro pensar em uma Antropologia das Idades da Vida, que se debruce sobre o entendimento dos significados das idades pensando-as predominantemente enquanto relacionais.

(Berger, 1994, p. 41). É preciso, no entanto, não perder de vista o caráter ideológico desta assertiva. É interessante observarmos, por exemplo, que enquanto os jovens com comportamentos violentos são bastante estudados dentro de uma área de estudos sobre juventude, as práticas violentas dos adultos não vêm sendo pensadas como sendo também etárias¹⁰³ (Müller, 2005). O mesmo que ocorre com a violência pode ser apontado por uma série de outras temáticas, como a sexualidade, a tomada de decisões e formas diversas de agência (o protagonismo juvenil), o trabalho ou o lazer. Assim, o que podemos apontar é que juventude e velhice são apontadas enquanto “idades problema” por definição, o que não ocorreria da mesma forma com a adultez.

Por outro lado, tal qual aconteceu com outras idades da vida que já foram tomadas como objeto de estudo, a adultez começa a ser percebida como uma fase da vida que também tem as suas ambigüidades e dificuldades. Ou seja, começa-se a perceber a necessidade de explicação de alguns “problemas desta idade”.

A relação entre “idades problema”, “problemas de idades” e “idades enquanto problemas de pesquisa” é, assim, evidente. A partir do momento que se começou a perceber que a transição dos jovens para a idade adulta prolongava-se e que os eventos usados para demarcar esta passagem ocorriam cada vez menos simultaneamente (e que isto seria um *problema*, dada a noção sobre a adultez enquanto *idade de referência e a-problemática*) começou-se a pensar sobre os significados do ser adulto. Ou melhor, uma vez que a transição era colocada como sendo mais problemática, ela recebeu atenção antes mesmo da própria idade para a qual se transitaria.

Sousa se pergunta:

Como se pode entender os modelos de transição para uma determinada fase de vida, se não existe investigação acerca dessa mesma fase de vida, ou seja, a vida adulta? Como posso estudar a forma pela qual se transita para uma determinada fase de vida, se não se sabe o que ela significa? (Sousa, 2007, p. 57)

Em segundo lugar, como bem aponta Hareven (1999)

diferente da adolescência, que representa a passagem de uma pessoa pela puberdade, a vida adulta não pode ser claramente demarcada em termos biológicos. Em um mesmo grupo de idade, seu significado social e as funções a ela associadas variam entre culturas e segundo condições psicológicas. (p. 23).

¹⁰³ Quando questiono o caráter dos estudos sobre juventude que se debruçam prioritariamente sobre temas como violência juvenil, não quero questionar a relevância destas pesquisas, pautadas numa demanda social (o número de jovens vítimas e produtores de violência, principalmente nas grandes cidades, é realmente um problema que precisa ser compreendido). Meus questionamentos se voltam para o que pode haver por trás, ou além destes trabalhos: uma determinada *concepção de juventude*; e a idéia de que as *idades são relacionais*, e que muitos problemas vistos como dos jovens são *problemas sociais* (de todas as idades, portanto) sendo perdida de vista.

A *adulter* seria assim marcada pela *ausência de um referencial biológico que a defina*¹⁰⁴, como acontece em outras etapas da vida, se pensarmos que a primeira menstruação ou ejaculação, o crescimento de pelos no corpo sejam importantes definidores da passagem de uma criança para a adolescência. Por um lado, é claro que a entrada na vida adulta não está marcada em termos biológicos (não tão claramente), mas será que a adolescência, hoje, ainda o é como há algumas décadas? A criação de novas terminologias para caracterizar novas “idades” não pode ser aqui desprezada, como é o caso da pré-adolescência, que pode se iniciar a partir dos dez anos de idade (ou tão logo o indivíduo não se reconheça mais como uma “criança”). Por outro lado, não se pode negar que os eventos biologicamente importantes da transição para a “maturidade” ou para a “velhice” são importantes objetos de estudo, como é o caso da menopausa ou do prolongamento da vida sexualmente ativa através de recursos farmacêuticos.

Em terceiro lugar, diferente dos jovens *os adultos não são vistos como formando um grupo* (algo que foi fundamental para que esta a juventude tivesse visibilidade). Para Berger (1994), a concentração de jovens nas escolas e de pessoas idosas em casas de repouso pode favorecer entre eles uma interação e uma comunicação densa e suscitar o sentimento de uma identidade geracional:

Il en résulte logiquement que le groupe d'âge des, disons, entre 30 et 65 ans n'est pas souvent caractérisé en termes de générations – précisément parce qu'ils sont beaucoup moins hétérogène en termes de mariage, famille, foyer, classe et carrière que les jeunes ou les vieux. Et dans les rares occasions où ce groupe intermédiaire est effectivement caractérisé en termes quasi générationnels (cadres, quadra, yuppies), la typologie a beaucoup moins à faire avec l'âge qu'avec les impératifs créés par les pressions exercées par la carrière et la famille. (Berger, 1994, p. 43).

Que a juventude parece condensar mais nitidamente uma identidade geracional é algo bastante aceitável, mas até que ponto essa identidade também não é uma construção exterior, elaborada pela academia em seus estudos e pelos meios de comunicação, na publicidade de diversos produtos? Parece-me que as relações entre indivíduos com mais ou menos a mesma faixa etária não seja privilégio de nenhuma idade em especial. Há de se entender, por exemplo, o que os indivíduos entendem por *adulter* para que se possa pensar em termos etários a respeito de muitas práticas próprias dos adultos.

Em quarto lugar, é interessante observarmos que os *limites da adulter*, como os

¹⁰⁴ Dona Marisa, que levanta esta característica acerca da passagem à velhice, é cuidadosa ao dizer que *ainda* não temos marcadores biológicos.

conhecemos hoje em nossa sociedade, têm uma história. Segundo Hareven (1999):

[...] A infância foi “descoberta” na primeira metade do século dezenove e a adolescência foi “inventada” ao final do século. Ambos os estágios apareceram na consciência pública como resultado das crises sociais associadas a aqueles grupos de idade de modo semelhante ao do surgimento da velhice mais tarde. No entanto, a despeito da consciência crescente da infância, da adolescência e da juventude enquanto estágios pré-adultos, não surgiram limites claros para a idade adulta até muito depois, quando o interesse na meia-idade como segmento distinto da vida adulta surgiu da necessidade de diferenciar os problemas sociais e psicológicos da ‘meia idade’ daqueles da “velhice” (p. 21).

Assim, a adultez não tem sido problematizada a não ser quando se estão em discussão outras idades da vida. Até mesmos seus limites foram precisados desta forma, a partir da necessidade de distinguir o que seria idade adulta e o que já seria uma “terceira idade”.

Um quinto aspecto a ser levantado a respeito da não-tematização da adultez seria o *caráter dos estudos sobre o desenvolvimento humano*, que têm privilegiado a reflexão sobre as idades marcadas pelos “ganhos” de desenvolvimento. Seria preciso uma mudança de perspectiva sobre o que define o desenvolvimento, para que a adultez e a velhice fossem tomadas como objeto de estudo mais privilegiado, como bem aponta Ana Bassit.

O ser humano passa a maior parte de sua existência como adulto (Neri, 1995) e, se considerarmos o volume e a qualidade dos estudos existentes sobre o desenvolvimento psicológico na infância e na adolescência, podemos dizer que ainda há muito o que estudar sobre a vida adulta, tanto em relação ao desenvolvimento psicológico e social como às diferentes culturas que, sob as óticas da modernidade e da pós-modernidade, redefinem a maturidade a partir das diferentes relações entre grupos sociais distintos que configuram a vida adulta. Neri (1995) considera que essa diferença entre o volume de estudos sobre crianças, adolescentes e adultos pode estar vinculada a algumas das concepções sobre o processo de desenvolvimento humano que, a partir de uma visão unilateral e unidimensional, enfatizam os ganhos desse processo. De acordo com essa autora, se considerarmos que o desenvolvimento humano é um processo multidirecional e multifuncional, no qual não há ganho sem perda (Baltes, 1995), poderemos reafirmar a inscrição do estudo da idade adulta e da velhice como tema de interesse tanto da área da Psicologia do Desenvolvimento como da Gerontologia. (Bassit, 2000, P. 227).

Atualmente não se pode mais afirmar que a adultez, ou pelo menos a transição a ela, não esteja minimamente contemplada nos estudos sobre as idades da vida. Pensemos, então, sobre como ela tem aparecido na bibliografia mais recente.

Abordagens contemporâneas da juventude: transição à adultez, ou, o adulto em colapso?

Assim como os próprios estudos sobre juventude, a passagem para a adultez começa a receber atenção a partir do momento que se mostra ela própria como um problema. Percebeu-se, principalmente a partir dos anos 80, que os jovens permaneciam mais tempo na casa dos pais, adiando a sua independência domiciliar até a garantia de sua independência financeira, o que começava a ocorrer também mais tardiamente.

Dito de outra forma, parece ter havido a partir deste período e ainda mais notadamente a partir dos anos 90, uma série de pressões sobre o modelo tradicional de entrada na vida adulta (definida até então com a obtenção de estabilidade na vida profissional, financeira e familiar) (Sousa, 2007):

- a) prolongamento da formação – podemos identificar o que Bourdieu (1998b) chama de “corrida de diplomas”, com a sua desvalorização e a necessidade de se alcançar níveis mais altos de qualificação para a realização das mesmas atividades. Assim, encontramos jovens que mesmo com níveis muito mais altos de instrução do que os seus pais, têm chances muito menores de conseguir posições equivalentes no mercado;
- b) maiores aspirações à mobilidade social – no que pese, provavelmente, o individualismo erigido a um valor, e o consumo como um importante definidor do *status* social dos indivíduos contemporâneos;
- c) os novos modelos familiares – com o crescimento dos núcleos unipessoais, as uniões estáveis e a co-habitação antecedendo ou substituindo o casamento, os re-casamentos e os novos arranjos nas famílias com filhos de diferentes relacionamentos etc;
- d) a possibilidade de programação e adiamento da procriação – que possibilita novas formas de perceber o curso da vida e de planejar as trajetórias;
- e) a melhoria das condições de vida e o seu prolongamento – com o aumento da expectativa de vida não seria de se espantar que se operassem mudanças na sua cronologização, com a criação de novas “etapas”;
- f) mudanças no campo profissional – emprego estável menos freqüente e ocorrendo menos diretamente;
- g) “a revolução das necessidades, o incremento do consumo, da informação, da promoção do lazer, do ‘rejuvenescimento’ e do hedonismo” (Sousa, 2007, p. 58).

Diferentes enfoques têm sido dados para a leitura de um novo “fenômeno”. Enrique Gil Calvo (2002) contextualiza estas mudanças na introdução de seu artigo da seguinte forma: e emancipação cada vez mais tardia dos jovens se coloca como um tema de “especial preocupação”, sobretudo em países como a Espanha e a Itália, onde o “atraso” seria dos mais pronunciados do mundo ocidental. Além disso, o mais “alarmante” seria que os dados não foram afetados pelas melhoras das taxas de emprego. Isto demonstra que o “problema” que começou nos anos 80 é hoje “independente do ciclo econômico”, permanecendo “insensível” aos “diferentes tratamentos” com que se tem tentado “corrigi-lo”.

Os problemas da transição da juventude à adultez, desta forma, ganham corpo de um “fenômeno social” que prescinde de uma explicação e de soluções. Existe, portanto, por trás de todo o investimento dado para a compreensão da transição à adultez na contemporaneidade, uma preocupação com a necessária resolução dos problemas sociais que impedem que os jovens cheguem à idade adulta – esta vista como sendo sempre um estágio esperado do curso da vida, para cujo acesso a família e o Estado hão de dar suporte aos jovens.

Abordado pelas beiradas, o adulto é trazido para perto das reflexões acadêmicas. A própria conceituação de adultez, ainda recente e em processo, têm contribuído para a abordagem deste período do curso da vida enquanto tema relevante na agenda de pesquisa. Sousa (2007) fala de duas representações do adulto: uma hegemônica, do adulto padrão; e outra representação emancipada, do adulto inacabado. A primeira fala do adulto como “estatuto a atingir com a obtenção de estabilidade na vida profissional, financeira e familiar” (p. 56). Uma representação que não necessariamente corresponderia a realidade atual, de trajetórias complexas, múltiplas e despadronizadas. A segunda implica na idéia de um adulto em aprendizagem contínua; de realização pessoal, profissional e afetiva; um aprendiz perene. A evolução se daria por percursos complexos de avanços e recuos.

De certa forma, as duas representações da adultez implicam em abordagens diferentes.

O adulto padrão define-se como o indivíduo equilibrado, estável, instalado e, conseqüentemente, rotineiro. Trata-se de um adulto produto da confiança ilimitada no progresso, na possibilidade de se poder controlar e projectar todas as dimensões da vida humana através da definição de um ciclo de vida linear, com etapas a percorrer e objectivos a cumprir. O adulto padrão será aquele que atingiu a maturidade biológica, sexual, psicológica. Ou seja, conforme Boutinet (2000), identidade social construída, na perspectiva da inserção e da autonomia financeira. (Sousa, 2007, pp. 59-60).

Assim, estudos sobre a transição da juventude a *esta adultez* estariam pautados em

dados sobre a inserção profissional destes indivíduos, a saída da casa dos pais, a independência financeira e a construção de um novo lar, eventos tomados como definidores da assunção da vida adulta. “Nesse caso, referimo-nos a um conceito integrado num modelo de sociedade masculino, do adulto viril, chefe de família e inserido profissionalmente.” (Sousa, 2007, p. 60).

Sousa identifica já no pós-guerra, especialmente a partir das décadas de 60 e 70, a proposição de pesquisas voltadas para o entendimento do impacto de novas tecnologias da informação, de mudanças sócio-econômicas provenientes da sociedade industrial, do consumo e da individualização.

Desse modo, substitui-se o *adulto padrão* – como estado terminado e estático – pelo ‘adulto inacabado’, sujeito a um contínuo processo de construção e desenvolvimento. O adulto ‘é entendido doravante [...] (em) maturidade vocacional nunca atingida, (...) em contínua conquista’ (BOUTINET, 2000, p. 17). Dito de outro modo, um adulto como perene aprendiz que tem de dominar e aperfeiçoar as suas competências de oralidade, da escrita e da língua com que se expressa no meio social. (Sousa, 2007, p. 61, grifos no original).

Nesta perspectiva, o adulto inacabado pode ser tomado como objeto de estudo tal qual outras idades da vida, e só o pode pelo reconhecimento da constante dinâmica em seu posicionamento social e na forma como ele se percebe em diferentes posições.

Sousa (2007) identifica aqui dois posicionamentos diferentes frente a este novo conceito do adulto. Até os anos 70, vários trabalhos defendem uma perspectiva de “*otimismo construtivista*” segundo a qual existiria uma orientação positiva para todos os homens.

O ‘estado inacabado do homem’ era visto como a possibilidade de progredir e de conservar as suas formas juvenis. Nesse caso, a angústia dos indivíduos face às características da sociedade moderna e industrial é considerada como ‘remanescente, como portadora de esperanças e optimismo’ (BOUTINET, 2000, p. 15). (Sousa, 2007, p. 61)

A partir dos anos 90, ainda segundo Sousa (2007), o processo de construção do adulto passa a ser questionado segundo uma “*visão pessimista*”¹⁰⁵. “O desenvolvimento de uma sociedade pós-industrial – na qual predomina a incerteza, o risco, as desordens, as situações de precariedade, além da vulnerabilidade e da marginalização – promove a permanente instabilidade, especificamente, no trabalho e na família” (pp. 61-62).

Um exemplo das visões diversas sobre o adulto na contemporaneidade ocorreu em 1998, com a publicação simultânea, por uma mesma editora francesa (Presses Universitaires de France) de um livro com o título *Le développement psychologique à l’âge adulte et pendant*

¹⁰⁵ É interessante perceber as abordagens de alguns jornalistas e pesquisadores acerca do prolongamento do período de permanência dos filhos na casa dos pais. É comum encontrar-se termos que indiquem que estes jovens-adultos se negam a assumir o seu *status* de adulto. Menos comum é assumir que os significados da *adulthood* podem não ser mais os mesmos.

la vieillesse, maturité e sagesse, de Christiane Vandenplas-Holper; e outro intitulado *L'immaturation de la vie adulte*, de Jean-Pierre Boutinet. Temos de um lado, a vida adulta ordenada pela maturidade. De outro, uma vida adulta feita de imaturidade (Boutinet, 2001)¹⁰⁶.

As diferenças entre os dois trabalhos se colocam já na denominação dada ao que temos chamado aqui de adultez. Em francês, assim como em português, não temos um termo para designar esta categoria de idade intermediária entre a adolescência e a velhice. O termo adulto não tem um estatuto substantivo, não é mais que um qualitativo suscetível de ser substantivado (Boutinet, 2001). Ambos os autores recorrem a locuções nominais: ele fala de vida adulta, ela de idade adulta. Para Boutinet, a idade adulta com seu singular genérico remete a uma categoria homogênea, identificável, estável, admitindo somente poucas mudanças. Já a expressão vida adulta remeteria ao plural das idades adultas da vida adulta. Para o autor, é necessário distinguir três gerações adultas: os jovens adultos, os adultos de meia idade e os adultos completos ou acabados de 60 anos. Nas palavras do autor:

De mon côté en utilisant de préférence la formulation La vie adulte avec les connotations biologiques que lui son attachées, je présume que le cours de l'existence adulte est tributaire d'un caractère non pas d'abord linéaire mais cyclique avec ses avancées, ses reculs, ses fluctuations, ses gains, ses pertes, ses formes d'expansion et de régression. (Boutinet, 2001, p. 42).

A abordagem de Boutinet é definida por ele mesmo como sendo psico-cultural. Sua preocupação gira em torno da questão: qual a imagem que o adulto tem dele mesmo, no que concerne o contexto no qual ele evolui? Um sentimento de não se reconhecer como adulto, identificado pelo autor, o levou a se interrogar sobre o estatuto de adulto e sua evolução na sociedade pós-industrial ocidental (Boutinet, 2001). Vandenplas-Holper (2001) diz que ele descreve as condições de natureza sócio-política e tecnológica que poderiam manter o adulto pós-moderno na imaturidade.

Já a autora (2001) se diz preocupada com o desenvolvimento pessoal e para isto descreve, a partir dos autores cujas pesquisas ela analisa, a evolução da inteligência e da personalidade na idade adulta e durante a velhice, e ainda as condições que estimulam o desenvolvimento, a maturidade e o acesso à sabedoria. Boutinet (2001) a enquadra numa perspectiva cognitivo-desenvolvimental do adulto, que segue uma lógica adaptativa evocada a

¹⁰⁶ Tive acesso não aos textos originais publicados em 1998, mas a dois artigos publicados também simultaneamente em uma revista de 2001, na qual os autores confrontam as suas abordagens, buscando as similaridades e divergências entre ambos. Nesta oportunidade, Vandenplas-Holper dá alfinetadas em Boutinet por ele utilizar apenas autores franceses, quebequenses, ou traduzidos para o francês (enquanto ela utilizava uma vasta literatura poliglota) e por suas referências às pesquisas empíricas serem poucas e breves (enquanto ela consegue resultados do tipo “hard data” a partir de uma vintena de obras). Já Boutinet revê a sua própria abordagem a partir do contato com a obra de Vandenplas-Holper e agradece a oportunidade de reformular de maneira mais refinada seus conceitos de maturidade e imaturidade na vida adulta.

partir da abordagem de Jean Piaget. As pesquisas relativas ao controle pessoal sobre o desenvolvimento, segundo a autora, mostram a iniciativa que as pessoas tomam no curso de suas vidas; os estudos relativos ao julgamento moral esclarecem os processos de decisão democrática; os trabalhos concernentes aos eventos marcantes da vida mostram como as pessoas se adaptam às mudanças de diversas naturezas que demarcam sua existência, o desenvolvimento pessoal, desta forma, se articula em torno das noções de “maturidade” e de “sabedoria” (Vandenplas-Holper, 2001).

Para Vandenplas-Holper (2001), embora os termos utilizados por ela e por Boutinet coincidam em larga escala, eles estão associados a conotações essencialmente negativas por ele e positivas por ela. Boutinet não deixaria de fazer referência à precariedade das situações da vida nas quais o adulto está atualmente inserido, ligados a sua vulnerabilidade e sua fragilidade. Já em seu trabalho, termos como bem-estar psicológico, felicidade, prazer de funcionar, satisfação da vida e confiança seriam de longe mais freqüentes.

De fato, Boutinet se centra em refletir sobre a situação de fragilidade do adulto quando comparado a outras idades da vida (que recebem formas diversas de ajuda através de dispositivos de assistência). A vida adulta, por definição, corresponderia a uma situação paradoxal, que confronta uma *dimensão de juventude* jamais apagada e que remeteria a uma *lógica de aprendizagem* e de ineditismo, da prematuração; e uma *dimensão de envelhecimento*, já presente, às vezes um pouco prematura com suas escleroses, suas rotinas, suas ameaças de repetição¹⁰⁷. A vida adulta, assim, mais do que outras categorias de idade, procuraria trilhar seu caminho entre dois contrários, a aprendizagem e a desaprendizagem, o ganho e a perda, o inédito e a repetição, sem jamais ser segura de saber que triunfará.

Se a vida adulta é um conceito flutuante de acordo com as culturas e períodos históricos, ela toma um sentido específico na cultura pós-moderna, na qual a inexistência de sinais de orientação contribui para um sentimento de abandono e isolamento desencadeador de imaturidade para o adulto deixado só face a ele mesmo (Boutinet, 2001). O autor aponta três paradigmas que dariam conta das mudanças na vida adulta, já que geram formas de vulnerabilidade que têm impacto nas representações da vida adulta:

- a) A desestabilização da concepção da vida adulta como aquela das responsabilidades;
- b) A mutação das temporalidades, com a desestabilização tanto de perspectivas futuras, quanto de formas de memória;
- c) O universo da comunicação que suplanta o da produção (comunicação esta que,

¹⁰⁷ Esta concepção não deixa de nos lembrar que não apenas a juventude é uma idade de transição.

feita para jovens, traz uma imagem negativa do adulto e valoriza o imediatismo e a instantaneidade). Isto reflete na desidealização da vida adulta com a visibilidade de adultos em situação de decrepitude de seu ser adulto.

Um outro aspecto abordado por Boutinet (2001), central em sua abordagem, diz respeito ao adulto interrogado sobre ele mesmo. Segundo o autor, cada vez mais as pessoas se percebem como “adultos intermitentes”, ou ainda não se sentem totalmente adultos na medida em que eles associam tal idade aos qualitativos de contrariedade, conformismo, dureza, hipocrisia¹⁰⁸:

Ils expriment par ailleurs ce sentiment de doute quant à la fonction d’adulte qu’il leur est donné de remplir au sein d’une société que a développé les exigences liées à l’exercice des responsabilités à un niveau jamais atteint jusqu’ici. D’un autre côté face à un univers adulte perçu comme le lieu d’interiorisation de normes, bon nombre d’adultes ne veulent pas se reconnaître dans le statut d’adulte que l’environnement social veut leur faire endosser. (Boutinet, 2001, p. 42).

Trata-se, portanto, de uma contestação do estatuto de adulto que não vem mais do exterior (da juventude, como na época do conflito de gerações), mas do interior da vida adulta. O déficit de auto-reconhecimento como adulto conduz a pelo menos duas conseqüências. De um lado, um sofrimento identitário expresso pelo adulto: sem consistência, balançado ao gosto de flutuações circunstanciais. De outro lado, uma oposição ou negação de se constituir em modelo, recurso de idealização e de referência para as classes de idade jovens (Boutinet, 2001).

Bassit (2000), citando Featherstone, nota que alguns problemas e características associadas à juventude foram expandidos para a maturidade. Para a autora, exemplificando bem a visão pessimista do novo adulto,

Atualmente, temos uma visão mais complexa sobre a maturidade do que aquela fundamentada no contraste entre a turbulência da adolescência e a estabilidade da maturidade. O interesse no desenvolvimento dos adultos, associado a crises e transições, pode estar indicando uma insegurança em relação à responsabilidade e à autoridade que compõem os modelos de maturidade em face da sutil permissão atribuída à juventude em relação a sua contínua exploração da vida e busca de novas realizações. (Bassit, 2000, p. 226).

Maria Rita Kehl (2004), neste sentido, fala da “*teenagização* da cultura ocidental”, com o jovem se transformando em “modelo de beleza, liberdade e sensualidade para todas as outras faixas etárias” (p. 93). Viveríamos numa sociedade em que ninguém quer ocupar o

¹⁰⁸ Os exemplos a partir de meus interlocutores seriam inúmeros. Boa parte, ou a totalidade dos jovens que se vêem como sendo adultos ressaltam que são também jovens por não terem pensamentos retrógrados, “caretas”, conservadores.

lugar de adulto.

Em uma sociedade em que o adolescente é erigido à posição de ideal para todas as idades, os adultos passam a sofrer de má consciência diante de sua experiência de vida. [...] O adulto que se espelha em ideais *teen* sente-se desconfortável ante a responsabilidade de tirar suas conclusões sobre a vida e a passá-las a seus descendentes. Isso significa que a vaga de ‘adulto’, na nossa cultura, está desocupada. Ninguém quer estar ‘do lado de lá’, o lado careta do conflito de gerações, de modo que o tal conflito, bem ou mal, se dissipou. Mães e pais dançam *rock*, *funk* e *reggae* como seus filhos, fazem comentários cúmplices sobre sexo e drogas, freqüentemente posicionam-se do lado da transgressão nos conflitos com a escola e com as instituições. (Kehl, 2004, p. 96)

Segundo Featherstone (apud Bassit, 2000) a literatura de auto-ajuda dos anos 70 teria contribuído para uma abordagem das crises da meia-idade nos mesmos termos usados até então para falar das crises e transições da adolescência. Esta literatura teria permitido o aparecimento e a popularização de termos como meia-adolescência e meia-juventude (em substituição a meia-idade). Para o autor, estaríamos a caminho de uma juvenilização do curso da vida, principalmente se pensarmos no estilo de vida californiano que valoriza a assunção da vida como um processo contínuo de realizações e atualizações e a sensibilidade juvenil para refletir sobre a auto-representação e a aparência pessoal. Segundo Bassit,

Diante desta diversidade, podemos aventar a possibilidade da existência de uma transição dramática para assentar esses novos adultos no padrão de estabilidade que anteriormente definia a maturidade, à medida que eles parecem estar continuamente explorando suas identidades e incorporando também em suas vidas outros conceitos definidores da maturidade sob a perspectiva da pós-modernidade. Nesse sentido, a expansão das características de determinados grupos sociais para outros grupos [...] pode dificultar o estabelecimento de limites entre os diferentes períodos etários, bem como a identificação das transições e das crises que permitem a passagem e a adaptação das pessoas de um período para o outro. (Bassit, 2000, p. 226).

Numa perspectiva mais dos estudos sobre o curso da vida, Guita Debert (2004), fala de uma “complexificação de outros momentos da vida adulta”, com a criação de novas etapas intermediárias:

[...] uma das marcas da cultura contemporânea é, sem dúvida, a criação de uma série de etapas no interior da vida adulta ou no interior deste espaço que separa a juventude da velhice como a ‘meia-idade’; a ‘idade da loba’, a ‘terceira idade’ e a ‘aposentadoria ativa’. É próprio de cada uma dessas novas etapas desafiar comportamentos convencionalmente considerados como expressão da maturidade, como um estágio claramente definido que deve ser conservado ou ao qual todos devem ascender. (p. 65).

Para Sousa, é ambígua a expressão “jovens adultos” que testemunha o prolongamento do período de transição para a vida adulta – “O indivíduo situa-se numa posição intermédia: já não se considera propriamente jovem, mas também não se acha adulto; está numa fase híbrida entre o ser jovem e o ser adulto, fase de é recém-adulto” (2007, p. 65).

Além do “jovem adulto” teríamos ainda o “adulto-jovem”, que se referencia cada vez mais na juventude, adquirindo atitudes e práticas que antes eram próprias da juventude, seja na vestimenta, no lazer, no consumo, na linguagem, nas éticas ou na valorização do corpo.

Nesse sentido, quase se poderia defender a reformulação do conceito de adulto ou mesmo da substituição deste estatuto e fase de vida nas sub-fases de *jovem adulto* e *adulto jovem*. Principalmente, quando, mesmo perante o envelhecimento da população, o idoso começa a perspectivar-se como um *novo idoso*, quer dizer, um idoso que é cada vez mais sensibilizado para a necessidade de promover um estilo de vida saudável, fazer dietas, fazer exercício físico e manter-se activo. Referenciado na juventude e neste *jovem idoso*, também o adulto, sabendo, à partida, que a sua vida se poderá prolongar ainda por várias décadas, preserva-se e promove práticas de rejuvenescimento. Esse facto leva a que, cada vez mais, se distinga a idade cronológica da idade funcional e o *adulto jovem* começa a comportar-se cada vez menos de acordo com o estereótipo definido para as pessoas que têm, por exemplo, entre os 35 anos e os 45 anos, pois a sua performance física e o seu desempenho intelectual são maiores do que o esperado. A esse fenómeno alguns autores chamam de *youth creep* (rejuvenescimento), isto é, a idade funcional dos indivíduos torna-se mais jovem que a idade cronológica, e pessoas com 65 anos comportam-se de acordo com o que era o comportamento típico das pessoas de 55 anos (*jovem idoso*), quem tem 55 anos comporta-se como se tivesse 45 e assim sucessivamente até à idade do *jovem adulto* – mais activos, mais saudáveis e com uma aparência mais cuidada e jovem (LEMME, 1995). Ou seja, de jovem passa-se para *jovem adulto*, depois para *adulto jovem*, depois para *idoso jovem*, depois para *idoso* e depois para *idoso idoso*, sem que reste um espaço para o adulto. (Sousa, 2007, p. 66).

Ou as novas formas de ser adulto estariam levando à uma “re-organização” ou “desorganização” das idades da vida; ou justamente a criação de novas etapas intermediárias na maturidade (não necessariamente as etapas, mas os produtos direccionados a elas) estaria levando os adultos a experimentarem outros comportamentos. Ou melhor, não podemos estabelecer aqui uma relação de causa e efeito, pois muito provavelmente se tratam de duas faces de uma mesma moeda. É desta forma que Hareven (1999) aponta a relação entre a imagem negativa da velhice com um “culto da juventude” – sem estabelecer um fator como causa do outro. Para a autora,

a glorificação da juventude e o rebaixamento da velhice são dois aspectos de um processo muito mais complexo. Ambos resultam da crescente segregação dos diferentes estágios da vida – e dos grupos de idade correspondentes – na moderna sociedade norte-americana (p. 34).

Se ninguém quer tomar o lugar do adulto na sociedade contemporânea, se o novo curso da vida se re-classifica, e o espaço para o adulto se dilui em novas terminologias; se a visão otimista da adultez parece não corresponder ao adulto dos tempos atuais, e a visão pessimista carrega certos vieses dos estudos de outras idades; como abordar esta idade da vida? Com Sousa, penso que

Perante esses factos, opta-se, nesta análise, por não defender, contudo, nem a teoria da

sublimação do adulto, nem a hipótese da sua *morte*, e, muito menos, a teoria do seu desaparecimento, da sua diluição enquanto fase de vida em diversas sub-fases. O adulto existe enquanto categoria etária e social e não pode nem deve ser elevado em relação às demais idades ou estigmatizado pela sociedade em geral. É importante considerar que entre a “resignação construtiva” e o “optimismo trágico” existem muitos compromissos e mundos possíveis. (Sousa, 2007, p. 66).

Um primeiro desafio seria, portanto, trazer o adulto para as reflexões mais cuidadosas do curso da vida e suas idades. Um bom ponto de partida seria pensarmos como os jovens-adultos (ou seja qual será o termo que usaremos para designar os indivíduos em “transição” para a adultez, ou vivenciando estas novas formas de adultez) percebem juventude e idade adulta, ou como se colocam perante estas idades.

Ser jovem, ser adulto... ser jovem e adulto...

Identities juvenis, identities adultas...

Pimenta (2007) define o “tornar-se adulto” como um processo de socialização e de construção de identidade que, sendo característico das sociedades humanas, seria universal.

Deixar de ser ‘adolescente’ ou ‘jovem’ para tornar-se ‘adulto’ significa, nesse sentido, assumir uma nova identidade. Embora nunca completa ou acabada, a identidade ‘adulta’ é inerente à identidade social. ‘Ser adulto’ é apenas uma das categorias socialmente disponíveis e legítimas de identificação. Porém, para o indivíduo tornar-se ‘adulto’, em primeiro lugar, é preciso que seja identificado como tal (atribuição da identidade) pelos agentes em relação direta com ele e pelas instituições e em que se efetiva a formalização legítima dessa categoria; em segundo, é preciso que os próprios indivíduos se identifiquem como ‘adultos’ (incorporação da identidade). (Pimenta, 2007, p. 129).

A análise sociológica que a autora faz destas identidades é feita a partir das representações dos próprios atores, ou seja, a partir de significados surgidos em discussões de grupos focais, chegando-se a “alguns modelos socialmente significativos, diferenciados segundo características de gênero e condição social” (Pimenta, 2007, p. 129). Como os modelos derivariam do que Goffman chama de “identidades sociais virtuais” (“aquilo que os indivíduos aparentam ser”), a autora analisa as trajetórias sociais e as formas discursivas de legitimação para chegar às “identidades sociais reais” (“aquilo que os indivíduos de fato são”) (p. 129).

Pimenta dedica, assim, uma parte de seu capítulo sobre “ser jovem” e “ser adulto” às *representações* e outra parte às *identidades*, chegando a classificações e proposições interessantes em ambos os momentos. Antes disso, gostaria de refletir minimamente sobre estas primeiras colocações. Para Pimenta (2007), embora assumo que as representações e identidades sobre adolescência, juventude e adultez sejam variadas, parece algo dado que o indivíduo, ao tornar-se adulto (ou *para tornar-se adulto?*), assumo uma *nova identidade*. Um primeiro aspecto que percebi do diálogo com os interlocutores a respeito de como se percebem com relação à idade é que é extremamente difícil definir tanto um critério para classificar os indivíduos em cada uma destas idades, quanto é difícil identificar se um indivíduo é jovem ou é adulto. De fato, a busca destes interlocutores foi feita a partir do que se convencionou chamar de “transição à adultez”. Era mais ou menos previsível, neste sentido, que os entrevistados oscilassem entre se identificar como jovens e adultos – a grande maioria deles se percebendo como sendo jovens e adultos ao mesmo tempo. Conseqüentemente, seria extremamente difícil identificar em que medida estariam sendo articuladas “identidades jovens” ou “identidades adultas”, até porque parece-me que esta separação é feita muito mais do exterior, por quem procura alguma forma de ordenação para chegar a um modelo analítico.

Outro aspecto que eu percebi é que a assunção da adultez parece ser gradativa – aos poucos os indivíduos vão incorporando comportamentos, responsabilidades, passando por alguns eventos ou fazendo planos para a vida que os fazem se perceber como já sendo também adultos. Falar em uma nova identidade, para os jovens que eu entrevistei, neste momento de suas vidas que eu acompanhei, talvez fosse um pouco exagerado. Não que as identidades construídas sobre critérios etários não possam ser distintas; é bastante aceitável pensar que adultos tenham identidades diferenciadas daquelas que possuíam quando eram jovens, da mesma forma como as identidades são (re)construídas em diversos momentos e por diversos motivos no decorrer de nossos cursos de vida.

Pensar em diferentes *identidade etárias*, assim, ainda me parece mais oportuno do que imaginar diferentes *culturas* – juvenis, adultas, idosas – como se cada idade da vida formasse um grupo, como se estes grupos tivessem características distintas e não estivessem em constante relacionamento. Mas segundo Pimenta (2007) para o indivíduo tornar-se adulto, é preciso, *em primeiro lugar*, ser identificado como tal e, *em segundo lugar*, identificar-se como adulto. Embora seja um ponto pacífico, na literatura antropológica, que a identidade seja construída na interação entre estas duas dimensões (interna e externa), colocar a identidade atribuída na frente da auto-identidade, poderia ser visto como sendo bastante

questionável. A distinção entre identidades sociais “virtuais” e “reais” parece seguir um caminho semelhante, que coloca o pesquisador numa posição de confirmação da veracidade dos discursos de seus interlocutores através da análise de suas trajetórias.

Uma reflexão antropológica sobre identidades etárias deveria ser pensada, assim, de forma bem mais cuidadosa – muito mais do que conseguirei lidar aqui. Seria preciso refletir, à luz de toda a teorização acumulada em torno da temática, para a questão das marcas simbólicas das “fronteiras” entre estas identidades – levando-se em conta tanto a sua fluidez quanto, como bem apontam Keith e Kertzer (1984), para o contraste com aquelas fronteiras de outras identidades atribuídas que são mantidas enquanto os indivíduos passam por elas.

Para Keith (1980) as fronteiras sociais baseadas em uma característica como a idade podem ter mais de uma dimensão (neste caso, ela fala nas dimensões cognitiva, ideológica/normativa, interacional e corporativa). Em qualquer uma delas, uma característica pode ser mais ou menos claramente definida e mais ou menos permeável. Além disso, é preciso lembrar que qualquer fronteira tem dois lados, e que, portanto, as percepções e avaliações de ambas as bordas e de seus marcadores podem ser diferentes para *insiders* e *outsiders*.

A partir do que ouvi de meus interlocutores, e já levantei em outros momentos, sobre as diferentes percepções sobre as idades à medida que nos movimentamos no curso da vida, podemos pensar que estas fronteiras podem ser construídas e reconstruídas conforme os indivíduos as atravessarem, se aproximem ou se distanciem delas. Talvez o que possamos ver como distintivo em se pensar em identidades, relacionando-as à idade seja, desta forma, este caráter individual que a diferenciação etária parece carregar consigo – não sem uma constante relação com parâmetros construídos socialmente. Para Keith (1980), os usos e características de uma fronteira podem ser mapeados em mais de um nível: individual, social e situacional; e precisaríamos de uma *etnografia da idade* mais ampla, que mapeasse as dimensões e níveis de diferenciação etária, para pensarmos nesta questão de forma mais definitiva.

Dentro de seu quadro teórico, faz sentido que Pimenta (2007) pense em modelos identitários: a) jovens que (ainda) não se sentem adultos; b) jovens que não querem ser adultos; c) jovens que querem ser considerados adultos (ou adultos que não querem ser considerados jovens?); d) jovens adultos ou adultos que procuram ser jovens; e) adultos que já não se sentem jovens. Meu posicionamento está mais no sentido de perceber os próprios discursos como sendo também práticas (Fairclough, 2001; 2003) tentei tirar algumas observações que considere pertinentes a partir da leitura destes discursos – ainda que não tenha alcançado, até por não ter me proposto a isto, alguma forma de classificação das

diferentes experiências dos interlocutores. Assim como fiz anteriormente com os diversos discursos e dimensões da idade, pontuarei, a seguir, algumas formas diversas dos interlocutores se perceberem como sendo jovens, adultos, jovens e adultos; e sobre critérios que parecem utilizar para localizar etariamente as pessoas.

Ser jovem-adulto

Apenas uma das interlocutoras trazia como limiar para se ver como “mulher” a iniciação sexual. Para Cris, moradora da comunidade pobre da Ilha do Maruim, era bem claro que ela havia sido “menina” até a primeira menstruação, quando passou a ser “moça”. E “moça” foi até que “se perdeu”, que dizer, perdeu a virgindade, quando passou a ser “mulher”. Não apenas mulher, mas a mulher de um homem, seu “marido” – embora o casamento não estivesse em seus planos.

Elaine: Com relação à idade, o que é que você se considera? Jovem ou adulto?

Cris: Nem adulta, nem adolescente mais, no dia que eu arrumar um emprego aí eu vou me considerar uma adulta já, mas agora que eu não tenho um emprego, ainda vivo as custas da minha mãe, nem adolescente, sei lá! Nem adolescente, porque eu sou mulher, tenho marido, aí eu tenho que ter mais responsabilidade né? Aí antes eu não era responsável não, não fazia nada em casa, só vivia no meio do mundo, fumando maconha de manhã, de tarde e de noite, maloquerando de manhã, de tarde, de noite, só chegava de madrugada, às vezes passava a noite na rua e só chegava no outro dia. É::: vivia maloquerando, hoje em dia eu vivo mais em casa, se eu saio pra rua, meu marido reclama “tá fazendo o que? Tava aonde?”, não posso nem soltar um peido contra o vento ôxe!

[...]

Elaine: Cris, o que você acha que você tem... que você disse que tem umas coisas de jovens e de adulto, né? O que você acha que é de jovem e o que é de adulto?

Cris: Rapaz, pelo lado de mainha, de minha mãe eu me sinto criança, tenho ciúme dela e tudo, como toda menina tem, né, ciúme da sua mãe. Sou manhosa. Sei lá. Eu gosto de tá jogando bola de gude, jogando bola, futebol, queimado, coisa de adolescente, de tá brincando por aí. Agora de adulto é porque eu sou casada, né? Aí tem que obedecer às ordens do marido. É a parte mais chata que tem.

Elaine: Como é que é isso de obedecer ordem, que tu fala?

Cris: Porque eu tinha um colega, ele era meu amigo, e eu ia pra lá todo dia, né? Brincava lá com ele, não tinha nada com ele, apesar de que ele dava em cima de mim, sempre gostou de mim, queria ter alguma coisa comigo, só que eu nunca quis ter com ele, aí eu disse isso a Léo. Pra que fui dizer? “Não quero você mais nunca lá”. Aí eu ia escondido, aí foram dizer a ele e ele pegava ficava arretado. [...] Aí eu peguei deixei de ir na casa do meu amigo por causa dele, deixei de sair por aí com minhas amigas, que elas me chamavam e eu saía de manhã, só chegava de noite, a gente ia lá pra trás do Bom Preço, eu tinha um coroa aí eu deixei dele, oxe, eu era doida demais. Eu era ainda moça, eu, muita doidera, ia me encontrar com ele, a gente conhecia outros homens lá, outros caras [...]

Elaine: Foi com o teu marido que tu...

Cris: ...que eu me perdi.

Elaine: Se perdeu, por que tu diz assim?

Cris: Porque eu perdi a minha virgindade com ele. Não é assim, todo mundo diz?

Para Cris, foi a aquisição de um *status* de “mulher” que a fez ter um pouco mais de responsabilidade, deixar de estar no meio do mundo “maloqueirando” – e não a assunção de responsabilidades que a fez se sentir adulta, como parece ter sido apontado por outros jovens. Ela dá a entender, por um lado, que é mais apropriado para uma mulher casada ter um comportamento mais alinhado, e por outro lado sugere que está exposta a uma série de cobranças de seu marido sobre o que ela deve ou pode e o que não pode fazer.

Embora o critério para pensar em cada fase da vida seja bem claro para Cris, e determinado por eventos relacionados ao seu corpo, ela não deixa de se perceber de forma ambígua com relação a idade – “nem adulta, nem adolescente”; com coisas de adolescente, como as brincadeiras de menina, a relação de dependência e de ciúmes com relação à mãe; e coisas de adulta, como o ser “mulher”, casada, e a necessidade de obedecer às ordens do marido (“tem que ter mais responsabilidade”). Ela ainda condiciona sua auto-percepção como adulta plena com o trabalho: quando “arrumar um emprego” vai se “considerar uma adulta”.

Esta auto-percepção quanto à idade, como sendo ao mesmo tempo jovem e adulta, foi o posicionamento mais comum dos interlocutores. Alguns deles preferem contrapor adulez a adolescência, reservando para a juventude uma conotação que *extrapola um pouco uma idade*. Pimenta (2007) também observou durante o trabalho de campo que seus entrevistados percebiam a transição como ocorrendo entre a adolescência e a adulez, reservando à juventude um sentido de estado de espírito. Vejamos um trecho um pouco longo da entrevista que fiz com Sandra e Júlio. Talvez por entrevistá-los juntos, a pergunta sobre como se percebiam com relação à idade disparou todo um debate, no qual aparecem várias dimensões das idades da vida.

Elaine: Como é que vocês se classificam com relação à idade assim? Como vocês se situariam nas idades da vida?

Sandra: tipo assim, se eu sou jovem, se eu sou adulta assim, ah eu sou jovem, assim, é, porque tipo:: adulto é:: tem outra responsabilidade assim, já tá no... além da idade assim, sem você querer pôr aquela responsabilidade, mas você já tá administrando uma casa, você tá... (inaud.) eu tenho uma vida mais de jovem, também, além da idade, né? 23 anos. Eu acho jovem assim.

Elaine: E você Júlio?

Júlio: [...] Eu gosto de revista em quadrinho embora isso eu não leia, faz muito tempo que eu não leio mas eu gosto de revista em quadrinho, então são muitas coisas ainda de, quase de menino ainda, associada a uma série de responsabilidades que você tem que ter, então é como se houvesse as duas coisas assim, você é adolescente nesse sentido, mas você é adulto porque você também tem responsabilidades, você tá ali no meio, se você pensar no teu pai, na tua mãe, nos meus pais quando tinham a nossa idade, sabe, pô, se eu pensar em meu avô, meu avô casou com 19 anos, acho que com 28 já tinha 3 filhos, ou 22, já tinha responsabilidade, já tinha a própria casa onde tinha que morar, já, e a gente já não tem isso entendeu, a nossa grana é pra nossas coisas, é pra nossa roupinha, é pra nosso carro, é pra não sei o que, entendeu, então acho que é uma coisa meio dúbia, é um adulto e ao mesmo tempo é um adolescente, é mais ou menos assim que eu me vejo, um pouco imaturo e ao

mesmo tempo maduro porque eu tenho responsabilidades, eu tenho que trabalhar...

Como veremos a seguir, embora se defina a adultez em grande parte pelas responsabilidades assumidas, isto não significa que uma pessoa jovem já não as possua em alguma medida. Tanto Júlio quanto Sandra já trabalhavam e arcavam parcialmente com as suas despesas, além de estarem cursando a faculdade de Relações Internacionais – tinham, assim, responsabilidades no trabalho e com eles mesmos, com relação a sua carreira profissional. Enquanto Sandra se percebia como jovem, por ainda não ter as responsabilidades com uma casa, por exemplo, Júlio preferia contrapor a adultez de sua vida profissional à adolescência de seus gostos e desejos lúdicos.

A entrevista continua, e Sandra sugere a Júlio que um adolescente-adulto é um jovem:

Sandra: Se você tá, se você não é nem adolescente, porque você tem outras responsabilidades, então você não é nem adulto porque você tem desejos, tem algumas atitudes de adolescente, porque não, você não ser jovem, não é isso não, o termo?

Júlio: Porque eu acho que jovem, realmente jovem mesmo, jovem era o meu pai com 24 anos, que ele era um cara que sei lá, às vezes na sexta-feira saía com os amigos dele pra beber, mas no sábado de manhã tava trabalhando, tava resolvendo as coisas, tava pensando qual era o curso que ele ia fazer pra se aprimorar, pra subir mais na carreira, ou alguma coisa assim, entendeu? Então acho que a gente na realidade a gente eu não acho que a gente é necessariamente jovem, é jovem tá, pode dizer assim, mas você é adulto, porque você faz coisas de adulto e ao mesmo tempo você é adolescente, eu vejo dessa forma entendeu? As minhas conversas às vezes, pô, tu saca às vezes eu só converso merda, eu quero falar de videogame, eu quero...

Sandra: Não mas então, talvez tenha sido isso, não sei, eu nunca nem estudei essa questão da faixa etária assim, como foi que eles chegaram a essa conclusão, e porque deram tais nomes, não sei, etimologicamente falando, não sei porque, mas se você pensar que tem o adulto, tem o adolescente, tem o jovem, talvez porque o jovem que tá na sua cabeça é aquele jovem da televisão e tal, descolado e saindo, e quando na realidade, talvez quando as pessoas formaram esse grupo e tal pensaram que o jovem é uma pessoa que tem características de adulto mas também ainda não saiu da adolescência.

Sandra de certa forma questiona o conceito de “jovem” de Júlio – por que não seria justamente a pessoa entre a adolescência e a adultez? Para ele, parecia ser diferente o *jovem* que estuda e planeja seu futuro e tem certos lazeres como sair com os amigos para beber; e o *adulto*, por já ter responsabilidade com um emprego, que é ao mesmo tempo ainda um *adolescente* porque tem lazeres que se aproximam, talvez, mais da infância do que da adultez¹⁰⁹. Tentei entender melhor a diferença que eles percebiam entre jovem e adolescente:

Elaine: Qual a diferença de adolescente e jovem, vocês percebem assim?

Sandra: Eu acho que adolescente tem menos responsabilidade ainda.

Júlio: Eu acho que jovem talvez seja todo mundo que ainda não tem ruga na cara talvez, entendeu, talvez seja quem tem 12 anos é jovem, quem tem 25 é jovem, não sei, eu mesmo

¹⁰⁹ De fato, percebemos a crescente oferta de produtos e lazeres destinados a um público *jovem-adulto*, como o *boom* dos brinquedos colecionáveis “*toy art*”. Vide a Revista da MTV, publicada até 2007.

tô confuso agora com o conceito, não sei.

Elaine: Não, é isso que eu tô também querendo entender, o que as pessoas pensam sobre isso né?

Júlio: Jovem, jovem depende do ponto de referência que *você* está falando, se eu tenho 60 anos, eu tô falando com você que tem 40, eu chamo você de jovem, “como vai, jovem?” Eu acho que talvez o jovem seja um ponto de referência no particular, cabe a você definir quem é o jovem, eu tenho uma definição de jovem, talvez você tenha uma, quando eu tinha 12 anos, eu me lembro muito bem disso, Elaine, sei lá, de 0 ano até 12, 15 ano, na minha cabeça, primeiro que eu achava que não ia crescer nunca, primeiro que eu achava que era Peter Pan, que não crescia nunca, primeiro, eu achava que existiam pessoas que nasciam adultas e pessoas que nasciam crianças, primeira coisa. E segundo fator é que na minha concepção, quando eu encontrava alguém que tinha vinte e poucos anos já, eu dizia assim “pô, que cara velho”, 25 anos pra mim era muito velho, aí minha avó me dizia assim “é mesmo? E eu meu filho?” aí eu dizia a senhora é mais velha ainda, porque quem tem 25 anos já é velho, a senhora é muito mais velha, a senhora é *muito* velha, velha demais...” e hoje eu já não consigo enxergar dessa forma, eu tenho 24 anos, e muitas vezes me sinto um menino com 17.

Sandra: Mas aí também é isso que faz a, tudo bem ...

Júlio: Sinto desejos, fico, às vezes louco, vejo um skate quero comprar de novo pra aprender a andar de skate de novo como eu andava.

Sandra: Mas aí é que tá Júlio, cabe muito na referência se você for pensar direito assim, vai chegar muito naquele caso de que não, jovem é aquele, que você pode ser uma pessoa de 80 anos e é jovem, que tem o espírito jovem, o espírito de uma pessoa que é, determinada, que tá ainda em boas condições físicas, que pensam que é moderno e tal.

Para Sandra o adolescente teria ainda menos responsabilidades que o jovem. Para Júlio, o jovem poderia ser “todo mundo que não tem ruga na cara” ou a juventude poderia ser mais uma referência do que uma idade. É-se jovem sempre em relação a alguém mais velho, independente da idade cronológica. Ele lembra de como estes nossos referenciais com relação às idades vão mudando com o passar dos anos de nossas vidas – quem não tinha a sensação, quando era criança, de que as pessoas adultas eram muito mais velhas do que parecem quando chegamos perto destas idades? Mudamos de lugar dentro do rio, e a visão sobre a correnteza já não é mais a mesma.

Mas Sandra demonstrava estar inquieta: com este conceito de Júlio, qualquer um poderia ser jovem, e poderíamos chegar ao ponto de achar realmente que todos o seriam, desde que tivessem um espírito e um corpo joviais. Ela então conclui, retornando à idéia de que ambos seriam jovens, com suas responsabilidades, que são diferentes das responsabilidades de adulta de sua mãe:

Sandra: não, eu acho que ele tá certo assim em algumas coisas, tipo essa questão de ele ter vontades ainda de adolescentes e tal, a questão do jogo, eu acho que Júlio é um jovem, eu acho que eu sou uma jovem, mas a gente não tem uma certa responsabilidade, a gente pode ter responsabilidade no trabalho, que é o que a gente tem que ter, que a gente tem responsabilidade no trabalho, responsabilidade com a sua vida de uma certa forma, mas é jovem ainda no sentido que gosta de jogar vídeo game, de que faz algumas besteiras assim, né, um adulto: minha mãe, um exemplo só, minha mãe ela no Natal tem a responsabilidade de dar presente pra um monte de gente da família dela, eu mesmo não tenho, quem tem ainda é ela entendeu, eu aí depois, quando eu tiver meus filhos vou começar, ou quando tiver morando só eu vou ter que começar a fazer isso.

Antônia também se percebia ao mesmo tempo como adulta e como jovem, ou adolescente:

Antônia: É. Que se você falar “como é seu pensamento com relação a sei lá, em relação como você vê a vida, não sei o que”, vou falar “ah, sou jovem”. Me acho jovem. Jovem agora com responsabilidade e tal, não tão adolescente. Ou... falei também que me achava adulta assim porque em todos os outros aspectos da vida de de da vida, de como é a minha vida é de um adulto.

Elaine: Então assim, vamo tentar pelo contrário: o que você tem de jovem e o que você tem de adulto, na tua vida assim? De adulto seria essa coisa de responsabilidade com o trabalho, ou agora com o filho?

Antônia: A parte da responsabilidade mesmo, de dona do meu nariz, não depender, acho que tem muito disso, de não depender mais dos pais. Você depende ainda da asinha do pai, não sei o que, acho que você tem um Q aí de que você não é adulto, totalmente, pelo menos. Agora se tu quer saber qual seria o lado adolescente é, pô, não sei, acho que o encontro com as amigas, ainda tem algumas amigas que eu até considero elas adolescentes, mais novas, mas encontra e ri, e a gente conversa lembra de... eu não sei assim, me parece, eu nunca vi uma mãe minha, um pai, se encontrar com amigo de escola e ficar rindo das palhaçadas. Não sei. Talvez isso seja, um lado.

A partir das falas de Júlio, Sandra e de Antônia, pode-se perceber que a identidade com relação à idade se constrói também com *referência à idade dos pais*, com os quais aprendemos e nos acostumamos, observando-os, com uma determinada idéia sobre o que é ser adulto. Antônia não se lembrava de ter visto em seus pais certos comportamentos que ela definia como sendo o que ela tinha ainda de adolescente, “encontrar amigos” e “ficar rindo de palhaçadas”. O “assumir responsabilidades” e o “tornar-se independente” são também dimensões importantes para definir a adultez. Isto não significa, no entanto, que ser jovem também não compreenda uma dimensão de assunção de responsabilidades, como veremos adiante.

Bruna disse primeiramente que se percebia estando “na fase adulta”, desde que resolveu engravidar. O que teria mudado, com esta decisão, era a “consciência” que ela tinha da vida, “de não ser uma coisa só de brincadeira”. “Eu acho que ser adulto é você ser mais centrado [...] mais consciente daquilo que você está fazendo”. No decorrer da entrevista, Bruna complementa:

Elaine: tem mais alguma coisa que você acha que divide mesmo, assim, “não, ser jovem é diferente de ser adulto por causa disso ou por causa daquilo”?

Bruna: não, eu acho que... (pausa). Eu acho que o jovem, na realidade, o que se chama jovem, na realidade porque eu me considero jovem, tá entendendo, eu só não me considero mais adolescente. Eu acho que é a transição da adolescência pra idade adulta quando você começa a tomar determinadas decisões na sua vida, tá entendendo? Que lhe guiem para o amadurecimento, para o crescimento, porque o adolescente na realidade ele vivencia muitas coisas, mas poucos são os que começam realmente a dar um direcionamento em sentido à formação de família, tá entendendo, em sentido de à estabilização de emprego, esse tipo de coisa que você só começa a pensar, Elaine, quando você realmente tá adulto. Que antes disso você não pensa não. E se pensa é de uma forma muito... ainda de ver como é que vai

fazer. Não tem nada, não tem uma diretriz, tá entendendo?

Elaine: então não tem muito a ver com idade, né?

Bruna: não, não, eu acho que não tem nada a ver com a idade não.

Elaine: [...] olha, Bruna, no momento atual da tua vida, que você se sente uma pessoa adulta, mas também jovem, né, dependendo de como você tá vendo, né?...

Bruna: ... é, é, é, o jovem, na realidade aí pronto, o jovem na realidade entra porque eu acho que a minha cabeça não é velha, tá entendendo? Eu sou adulta, mas eu não tenho espírito velho, eu não sou uma pessoa de pensamentos retrógrados, conservadores, velhacos, tá entendendo...

Mais uma vez, o que aparece é uma oposição entre adolescência e adultez. Mas talvez pudéssemos ir além de minha proposição anterior a respeito da juventude ter um caráter para além de uma idade da vida e pensarmos que isto perpassa todas estas “idades”. Tanto adolescência, quanto juventude e adultez parecem ter características diversas (diversas *dimensões*), ora se aproximando de uma fase da vida (embora com limites muito fluidos), ora um conjunto de atitudes perante ela, ou ainda comportamentos e expectativas com relação à existência.

Uma outra maneira de se perceber como sendo jovem e adulto foi trazida por Vitória, conforme relatamos em sua trajetória. Em nosso primeiro encontro, quando ela morava na casa dos pais, ela se sentia nos últimos anos de sua juventude. Depois de dois anos e meio, morando sozinha, ela se percebia como sendo totalmente adulta, e ao mesmo tempo muito mais jovem, “com mais coisa pela frente” – no sentido de ter então “responsabilidades pesadas” e ao mesmo tempo muito mais independência, uma independência que ela mesmo havia colocado para ela.

Seja qual for o sentido dado à juventude e à adultez, o que me parece mais relevante de observar é a forma como estes sujeitos se percebem como *jovens-adultos*, *adultos com coisas de jovem* ou *jovens com coisas de adulto*, é que não podemos sustentar a idéia de que estas duas idades seriam claramente distintas, enquanto diferentes *etapas* do curso da vida. Sempre que falamos em juventude e em adultez, neste sentido, precisamos ter em mente que são noções que têm, socialmente, algum significado, mas que não deixam de ter muito de construção feita a partir de quem as aborda enquanto objeto de estudo. No decorrer desta tese, diversas vezes oponho estas duas noções como duas diferentes idades, mas este exercício, se não totalmente falacioso, não deixa de ter alguma coisa de liberdade hermenêutica de quem tenta refletir sobre um recorte do curso da vida que é transpassado tanto pelo o que se entende por juventude, quanto sobre adultez.

Assim, pensar em juventude e adultez enquanto construções nos faz relativizar a relevância e o alcance da noção de *transição* para pensar neste período de que estamos tratando. De que forma teremos que entender a idéia de transição, ou que desconstruções

teremos que fazer para que ela continue sendo um conceito válido, eu discutirei mais adiante.

Olhares e posturas adultas perante o mundo

JJ também trouxe um outro elemento para a definição dos *status* de adulto. De certa forma já falamos da importância de nossas visões de mundo para o entendimento das idades. JJ fala em ver o mundo de um modo mais consciente. Sua concepção de adultez não poderia deixar de estar atrelada a sua trajetória, de quem passou pelo crime e pelo uso de drogas, e que se renovou através de um projeto social e da igreja – duas instituições que teriam o discurso sobre a consciência com relação ao mundo como sendo basilar, e que o ajudariam a perceber que a vida não era do jeito que ele pensava que fosse. Também se atrela um pouco à concepção de Cris de que seria adulta por ser casada. Para os dois jovens oriundos de classes menos favorecidas, era comum a percepção de que o casamento era um definidor do *status* de adulto. Conforme vimos na sua narrativa de vida, o atrelamento do casamento à iniciação sexual também é um valor importante para ele, o que me faz pensar que estas idéias sejam realmente mais importantes para este estrato social do que para as camadas médias das quais vêm os outros interlocutores.

Embora fale ainda sobre ver a vida de “modo de trabalhador”, é preciso pensar em que medida o mundo do trabalho seria um limiar para perceber a assunção da adultez¹¹⁰. JJ também diz que conhece muito homem trabalhador que também é ladrão – o que representaria que ainda não ter este olhar consciente sobre a vida que parece ser o elemento mais importante para JJ definir um adulto.

Poderíamos aqui retornar ainda aos diversos exemplos que os interlocutores trouxeram de como o olhar sobre as idades muda com as perspectivas que temos em cada idade de nossas vidas.

Sofia: Mas assim eu também, de uns anos pra cá, de uns dois anos pra cá, é o que eu tenho pensado a respeito da minha fase de vida e que eu ainda não consegui chegar a uma conclusão é aquele referencial que eu sempre tive de alguém que tinha 30 anos quando eu ainda não tinha, então assim eu tenho pensado bastante nisso, no último ano, principalmente depois que eu fiz 30, e é interessante isso porque quando você tem 20, você olha pras pessoas de 30 como se elas fossem velhas e que aquilo ali vai demorar pra chegar, então eu acho que todo mundo tem essa sensação, né? A mesma coisa que hoje eu olho pra alguém que tem 50 e vejo que a diferença já é de 20 anos, não mais de 10, e eu já acho que é uma coisa que tá longe de chegar, entendeu? Ao passo que eu acho que 40 tá pertinho,

¹¹⁰ Ainda mais num contexto em que muitos rapazes da idade de JJ oscilam entre o subemprego, o desemprego e o emprego não formal.

entendeu? Diferente de quando eu tinha 20 e olhava pra alguém de 30, é interessante isso, assim, eu não sei se de fato as pessoas de 30 anos, que tinham 30 anos quando eu não tinha 30, eram, se comportavam como pessoas mais velhas, ou pelo menos que tivessem uma coisa mais velha, ou se eu era alienada e agora eu tô percebendo que não tem nada a ver, entendeu? Eu não cheguei a essa conclusão. Mas assim, por exemplo, a questão do aspecto fís., da aparência física pesa muito nessa coisa de você se comportar, obviamente que não é fator determinante mas influencia bastante, por exemplo, eu posso às vezes na sexta-feira chegar na faculdade pra dar aula, se eu chegar de calça jeans e camiseta, ninguém me conhece, os meus alunos não me conhecem, eles ficam tirando graça com a minha cara. “Professora, pensei que era uma aluna”, invariavelmente é isso que eles falam, então eu acho assim que às vezes você fica meio que, pô, eu vou me despojar um pouco, porque na verdade eu nem sou tão velha assim, eu acho que rola um pouco isso. Eu reparo. Não sei definir muito bem se eu não sou velha, mas antigamente eu via uma pessoa de trinta e tantos como velho, imagina, eu fico imaginando aqui a minha irmã tem 40 anos, e a minha irmã é sempre a pessoa mais velha, o referencial pra mim, né, e eu fico imaginando que eu 3 anos antes disso, minha mãe já era viúva com quatro filhos, o que que é 37 anos, né, isso é absolutamente, é uma pessoa jovem e que, já assume assim uma carga... minha mãe me disse uma vez que quando ela ficou viúva a única coisa que ela queria era, achava tudo injusto, mas não porque meu pai tinha morrido, porque ela não tinha morrido junto. Como se a vida tivesse acabado. No entanto, depois que ela fez 50 mais jovem do que eu no comportamento no sentido assim, não quer mais saber de responsabilidades.

A pergunta sobre se, por exemplo, ter trinta anos de idade é que mudou nos últimos anos, ou se nossos olhares sobre os trinta é que mudaram conforme nos aproximamos desta idade, foi feita a diversos interlocutores mais jovens, já que este discurso também foi recorrente. Talvez se a pergunta tivesse sido feita à geração parental, pudéssemos ter mais elementos para pensar em como esta idade mudou nas últimas décadas. Sabe-se que o culto à juventude e o comércio de produtos rejuvenescedores é crescente, assim como se sabe que vários outros aspectos têm contribuído para o que chamamos de um prolongamento da juventude. Mas também é certa esta mudança na percepção do curso da vida conforme nos deslocamos nele.

Sofia fala em como o seu olhar sobre a irmã, seu referencial de pessoa mais velha, foi mudando com o passar dos anos. É interessante observarmos que a diferença entre a idade delas continua sendo a mesma, de 10 anos, mas talvez haja a percepção, com o passar dos anos, de que elas não fazem mais parte de “fases” tão distintas, ou melhor, que não é tão diferente ter 30 ou 40 anos, pois uma idade pode ser tão jovem quanto a outra. Também a observação da mãe, de que aos 37, após passar por um evento dramático, sentia que a vida havia terminado, e que aos 50 se comporta como sendo mais jovem que a filha de 30, contribui para pensar na não-linearidade do curso da vida. Se juventude e adultez não podem ser consideradas idades “absolutas”, como apontamos anteriormente, elas também não podem ser pensadas estritamente como uma sendo a fase que sucede a outra. Em outras palavras, há outros sentidos sobre as idades que contribuem para pensá-las como não sendo absolutamente lineares.

Outro aspecto apontado pelos interlocutores como sendo uma característica da adultez ou da maturidade é saber aprender com erros e lidar com as situações difíceis da vida. Dona Sílvia, ao pensar em algo que ela desejaria que, na vida das filhas, fosse diferente da sua, falou da experiência de um casamento mal-sucedido. É interessante que ela não diz desejar a suas filhas que acertem na escolha do companheiro. Antes, gostaria que elas ao passarem por eventos difíceis como uma separação, soubessem lidar com a situação.

Elaine: se... se fosse pra senhora desejar alguma coisa pra suas filhas, o que a senhora não gostaria que fosse igual ao que foi pra vida da senhora, ou...

Dona Sílvia: ah, minha filha, olhe, eu acho que assim, primeiro, o casamento, né, você tem que analisar friamente o casamento, não pela paixão, você tem que analisar, eu queria que elas tivessem essa sabedoria, né, não se iludir, de vamos supor, ou pelo menos se fizessem uma coisa na incerteza, estivesse preparadas pra poderem reagir, não sofrerem tanto, entendeu, não criar uma expectativa que aquela pessoa, pronto, o caso de Sandra, pense isso se eles estivessem casados¹¹¹, não é você ficar, acabou o namoro você fica... mas o casamento até pela própria cultura da gente é pior, porque aquela coisa assim, que danado tem aquele papel ou aquela declaração pública de casamento, pra afetar tanto, psicologicamente, as pessoas, de você sofrer mais, de você se sentir mais vítima, sabe, vamos supor, de você ter um filho e “ah! Nem o filho ele respeitou”, entendeu? Aí eu queria assim que elas tivessem bastante sabedoria, que, pra pra casar com a pessoa certa ou errada mas ter mais poder de reação, não é?

[...]

Dona Sílvia: que eu tô dizendo assim, eu não queria que elas passassem, não sei se eu não queria que elas passassem, se aquilo que eu passei, aquele sofrimento todo, me amadureceu muito. Porque tanto é que hoje em dia eu tô tão bem, entendeu?

Elaine: então tá torcendo mais pra que elas saibam lidar com as coisas?

Dona Sílvia: com as coisas que acontecerem, agora dizer assim “não, não quero que elas passem por isso” não. Eu não sei, eu quero que elas tenham sabedoria pra passar por aquilo. E tirem uma lição. Porque por exemplo eu tirei.

O que Dona Sílvia deseja a suas filhas, em outras palavras, é que elas saibam “tirar uma lição” dos seus sofrimentos – poderíamos dizer, de uma dor que não deixa de ser também fruto de uma escolha. O sofrimento, assim, não é algo intrinsecamente ruim, pois a partir dele pode-se amadurecer.

Ainda pensando na experiência de um casamento que terminou de forma traumática, Dona Marisa tem tranquilidade em acreditar que seus filhos não cometeriam os mesmos erros que viram os pais cometerem.

Dona Marisa: não. Não. Porque eu acho que eles vivem, eles desfrutaram de um momento com muito mais abertura, né, e eles tiveram, eles viram, eles vivenciaram situações péssimas que pela inteligência deles, eu tenho certeza que nenhum deles vai fazer, vai cometer os erros que a gente cometeu, eu e o pai deles, entendeu? Então eu não tenho medo não, com relação assim, eu não vou dizer “não, nunca vai separar” não, mas eu tenho certeza, se algum deles se separar não vai ser uma separação como foi a minha, entendeu? Eu tenho certeza.

Mais uma vez, o que percebemos não é a certeza de que os filhos não passarão por

¹¹¹ Refere-se ao fim de namoro de Sandra e Júlio.

um divórcio, mas a certeza de que se isto vier acontecer, eles saberão lidar de outra forma com este evento. Marisa fala da “inteligência” dos filhos em aprender com as péssimas situações que vivenciaram em sua casa, com os pais.

JJ, ao falar dos planos de casamento, fala sobre a importância de “encarar a vida” – um conceito que parece extrapolar a esfera familiar e ser aplicado ao enfrentamento de uma série de compromissos, com trabalho, estudo e moradia. A importância de se encarar a vida estaria justamente na possibilidade de se adquirir experiências que possam ser compartilhadas com outras pessoas.

JJ: Se a gente não encarar a vida a gente não vai ter experiência pra passar um pro outro, e a vida é assim a gente passa experiência um pro outro. Uma pessoa diz assim “ó fulano, te preserva daquilo ali porque não pode passar por aquilo agora não, porque as tuas condições de vida não dá pra tu passar por isso agora” aí o cara diz “é, pô fulano já passou, então eu vou me prevenir daquela situação que é pra eu não passar também”. Aí a gente se previne num lado e se arrebenta no outro lado, aí quando a gente se arrebenta a gente diz “não, tsic, vou conseguir vencer essa rebentação, porque eu vou contar pra outra pessoa e aquela outra pessoa não vai passar por isso, se me escutar” entendeu? É assim.

Dona Sílvia acredita na importância das pessoas mais experientes criarem mecanismos para fazer com que os mais jovens aprendam com os erros dos mais velhos.

Dona Sílvia: Eu acho que é uma coisa, a juventude hoje, vocês a questão de adultos vai por aí, da responsabilidade, da da o jovem é um empreendedor, é uma pessoa que quer, ele quer, ele quer e eu acho que depende muito da gente que tem mais experiência ter saco pra dizer dez vezes a você que não é daquele jeito. Não é? Que você, pelo amor de Deus, Elaine, não cometa os erros que eu cometi não, invente um novo, invente um erro, faça o seu! Mas não file¹¹² uma coisa que você sabe que não vai dar certo, entendeu? É uma coisa que eu acho que você, antropóloga, eu socióloga, mas mais precisamente as pessoas mais jovens devem é começar a tirar tabus. Entendeu? “não, não adianta, Sílvia, você me dizer isso, (inaud.) porque o jovem não vai entender isso” (inaud.). não, tem que se criar meios de você começar a ver que essa merda não vai dar certo. Entendeu?

Podemos aqui remeter novamente à fala de Seu Donizete, que tenta mostrar aos jovens com quem trabalha quando eles estão seguindo um caminho que ele próprio já seguiu e viu que não deu certo.

A aquisição da maturidade, conforme discutiremos adiante, passaria, assim, pelo aprendizado contínuo a partir de experiências que um indivíduo atravessa ou que observa outros indivíduos vivenciarem. Embora seja algo que se adquire com o tempo, não pode ser pensada como sendo vinculada à idade. Pessoas jovens poderiam tanto ter passado por mais experiências do que outras mais velhas, como poderiam ter aprendido, ou tirado lições mais expressivas observando as experiências de outros. Além disso, independentemente da idade,

¹¹² *Filar*, em Pernambuco, tem o sentido de *colar*, em outras regiões do Brasil: “copiar nas provas escritas de um exame”.

os indivíduos teriam formas diferentes de lidar com os erros e as dores da vida, conforme Dona Sílvia relata sobre as filhas:

Dona Sílvia: não, com relação a isso que a gente tá falando, se elas têm capacidade de superar isso? Olhe, sinceramente eu acho que Sandra aprendeu, eu acho que Sandra aprendeu¹¹³. E Sílvia fica louca dentro de uma garrafa, mas não, fica louca dentro de uma garrafa que eu digo é assim, ela vai quebrar tudo dentro de casa, agora se você chegar lá elas vai “minha linda!”, sabe, agora vai sofrer mais do que Sandra. Entendeu como é? Sílvia certamente sofre mais do que Sandra, agora porque Sílvia sofre calada, sabe, assim, calada, calada, calada, daquelas que se derrete todinha por dentro, e eu acho que essas coisas você pra aprender você tem que quando você está sofrendo você tem que pensar muito, sabe, eu acho que Sandra sofreu muito aprendendo, ou aprendeu sofrendo, mistura as coisas. Silvinha eu acho que não, Silvinha eu acho que quando tá sofrendo ela não tá ligada em aprender não, ela tá sofrendo, aí parou de sofrer, fui. Entendeu? Aí é como se assim, que cada sofrimento pra Silvinha fosse diferente, não é o primeiro não, não é porque você tem um, vamos supor, se acontecer com Sandoca novamente o que aconteceu com Júlio, essa coisa, aí o que é que tem, Sandoca, eu acho que Sandoca tá mais fortalecida. Silvinha diz assim “mas foi completamente diferente, mainha” entendeu? “foi completamente diferente”. Entendeu como é? Aí sofre mais, porque não aprende.

Com o relato de Dona Sílvia, podemos pensar que não basta atravessar momentos de sofrimento para aprender com a dor: “tem que pensar muito”. Sua filha mais velha se dedicaria apenas a sofrer, e em cada experiência vivenciaria o mesmo sofrimento como se fosse pela primeira vez. Já Sandra saberia lidar com a dor de forma a tirar dela um aprendizado e se sair fortalecida para novas situações.

“Homem amadurece mais tarde que a mulher”

Os diálogos com Bruna, que estava casada e com um filho, e Antônia, também casada e grávida, trouxeram como um dos elementos definidores ou característicos da adultez o movimento do indivíduo no sentido de formação de uma família¹¹⁴. Antônia, diferenciando a juventude ou adolescência da adultez, diz: “Hoje em dia aí tem a preocupação, a contenção de despesa, passa o final de semana todo em casa, mas aí compartilha do marido, né, e faz planos, e... bom, e faz tudo com a pessoa que você escolheu”. Compartilhar planos e rotinas com a pessoa que escolheu seria bem diferente das saídas com as amigas (“você não passava um final de semana em casa”), mas não necessariamente melhor ou pior. Era diferente, e ela

¹¹³ Novamente se refere ao fim do namoro de Sandra e Júlio, ao sofrimento e aprendizado da filha.

¹¹⁴ Assim como JJ disse que na medida em que não era casado era visto pelos outros como jovem, e Vitória definiu o ser adulto como o ter responsabilidades com outra pessoa, e não apenas consigo mesmo. O que estas duas interlocutoras casadas enfatizaram com mais clareza é que o próprio movimento em direção a formação de uma família era próprio de ser adulto.

sentia que aquela “fase adolescente” já havia passado, por isso a percebia de forma positiva embora não tivesse vontade de voltar a ela. Ela não conseguia perceber o que poderia haver de ruim em se perceber nesta vida de casada, apenas que o ideal seria não precisar “se preocupar”, e que “o dinheiro fosse fácil”. No mais, “então é só cuidar, agora, da sua escolha...”.

Antônia falou também sobre como foi a relação com seu companheiro que a fez querer ter seu espaço, independente da casa dos pais:

Elaine: E pra você o que significava esse movimento de sair da casa dos pais, o que você tava procurando com isso?

Antônia: (pequena pausa) Elaine, eu até conhecer Lázaro eu nem me preocupava com isso. E conheci Lázaro, que morava sozinho, né, aí pronto, e comecei a ver, poxa, como é bem, como é mais legal ter o seu próprio cantinho, puxa, vai ser sacrificio, tal, mas uma hora tem que ser, aí então eu provei um pouquinho disso, né, junto com o Lázaro, e nas nossas acabadas e idas e voltas e tal, então eu já pensava nisso. Eu queria sair, bom, tem que dar satisfação, tudo aquelas coisas, né.

Bruna, que definia a transição à adulez pelo movimento de construção de uma nova família, reflete sobre como a relação com o então namorado a fez despertar para a vontade de ter um filho. Até conhecê-lo, sua vontade de ter uma família seria “aquela vontade que eu acho normal, natural, que todo mundo tem, é, casar, ter filhos e pá, né, é perpetuar a espécie”. Mas Paulo teria despertado nela “esse instinto”, ao lhe dizer que queria ter um filho com ela – o momento que ela define como sendo o mais bonito da relação dos dois. “E aquilo foi uma revolução, sabe, na minha cabeça”. Ela percebia, então, que esta idéia já existia na cabeça dela, mas que precisava de “alguém que abrisse a porta pra sair”.

Além disso, muito da beleza que Bruna vê no desejo do namorado de ter um filho com ela está em ela perceber que este não é o desejo mais comum dos homens de “hoje em dia”, principalmente os “meninos novos” (e Paulo seria um deles, já que ele é mais novo que Bruna). Antônia, casada com um homem mais de 15 anos mais velho que ela, reflete sobre o fato dos rapazes amadurecerem mais tarde. Com quase 40 anos, Lázaro estaria mais preparado para ser pai naquele momento do que quando era mais novo, ainda mais pelo estilo de vida dele.

Elaine: Você acha que isso dele já ter mais idade, já ter, já deve ter vivido já um monte de coisa, isso é importante também pra essa experiência de...

Antônia: Acho...

Elaine:... pra dar conta da responsabilidade?

Antônia: Acho. Apesar de que é verdade, né, que o homem amadurece mais tarde que a mulher, então, eu acho que ele, fosse em outra época, ele também eu acho que tava na época boa, se fosse antes. Sem olhar pra idade, olhando pra ele, assim, sempre viveu loucamente, na verdade ele era contra o casamento, ele era contra ter filhos, então já era outro pensamento dele, tá entendendo, e já macaco-velho. Quando eu conheci ele, ele pensava tudo isso. Deixou de pensar... (pausa)

Elaine:... na prática. (risos)

Antônia:... deixou de pensar depois que começou a namorar comigo também. Eu já tava pensando, “não, tudo bem, não vamos casar não” (risos) “depois eu vejo isso”. Tava levando. Eu era muito nova. Não tinha porque me preocupar com isso. Mas aí eu acho que isso aí é um lado positivo, sabe, isso aí pra mim. Ele já morava sozinho há muito tempo, então, já é uma pessoa que sabe se virar, não são dois que tão saindo da casa dos pais pra viver uma aventura. Então, tudo isso, contribuiu.

O que o trecho acima também nos traz é que assim como os planos de moradia de Antônia foram influenciados pelo relacionamento com Lázaro, e os planos de maternidade de Bruna foram despertados por Paulo, pode-se dizer que também os planos dos homens estariam sendo construídos no contexto de seus relacionamentos. Lázaro, que era contrário ao casamento e a ter filhos, aos poucos começou a ver estes eventos com mais “naturalidade”, colocando inclusive a meta de ser pai até os 40 anos de idade. Se pensarmos que estamos falando de eventos, desejos e planos que são relacionados, por estas interlocutoras, com a *assunção da adulez*, podemos pensar no *papel das relações de gênero neste processo*. Para além de pensarmos o casamento, a moradia independente e a maternidade/paternidade como os *eventos* que marcam a mudança de *status* etário, seria interessante pensarmos em como as relações de gênero que estão relacionadas a estes eventos contribuem para as *expectativas* quanto a concretização de novos planos e desejos.

A “irreversível” adulez

Por mais que haja dificuldade em definir os indicadores que marcariam a assunção da vida adulta, alguns aspectos foram bastante citados como tendo uma forte carga simbólica. Já citei a importância dos 25 anos para Vitória, e dos 30 para Júlio e Sandra, e outros jovens ratificaram sua importância como alguma espécie de marco. Mas se formos pensar em termos de eventos – eles de fato pareceram ser bem menos importantes do que ressaltam a bibliografia existente – haveria um deles que poderia ser relacionado a uma irreversibilidade do *status* de adulto: ter um filho.

Elaine: Tiago, assim, como é que você acha que se classifica com relação a idade?

Tiago: Como assim?

Elaine: Se tu se sente jovem se tu se sente adulto?

Tiago: Eu me sinto jovem ainda, não tenho... assim eu sei que eu me sinto adulto assim, mas jovem ainda, adulto jovem e não criança.

[...]

Elaine: Você acha assim Tiago que quando você... tenta se imaginar quando você for adulto, quando você se considerar adulto mesmo, não tiver mais volta, o que tu acha que vai ter acontecido na tua vida pra tu se sentir adulto mesmo.

Tiago: Eu pretendo ter um filho eu acho.

Elaine: Daí não tem mais volta?

Tiago: Não tem mais volta não. Aí o cara vai viver pra o filho, pra ele também, mas... a responsabilidade sempre... 50% da sua vida é pra seu filho, até mais, não sei, acho que o filho é primordial assim, o principal fator assim, que leva a pessoa a ... principalmente eu, vai me levar a fazer assim, a não fazer coisas assim que hoje em dia ainda faço, umas besteiras assim, sempre... vou tá com aquela coisa na cabeça “ó, você não vai fazer isso, porque o menino lá em casa, cuidado, não faça aquilo” a pessoa pensa 10 mil vezes mas, só se é adulto é isso né, você pensar tudo antes de fazer assim, você vai falar com a pessoa, você na hora tem vontade de falar uma coisa mas pensa um pouquinho e fala, você, tudo é questão de pensar um pouco mais, a experiência que o cara tem, que a pessoa tem né, durante a vida inteira assim. Acho que o filho, um filho é tudo.

A opinião de Tiago é confirmada por praticamente todos os entrevistados. A paternidade e a maternidade seriam tão basilares porque refletiriam o momento a partir do qual o jovem deixa de viver apenas para si e passaria a viver para uma outra pessoa. Com o filho, todas as decisões e atitudes a serem tomadas precisariam ser mais bem pensadas, pois o jovem não seria mais o único implicado nas conseqüências de seus atos. Haveria, assim, uma importante mudança na intensidade das responsabilidades, com o jovem passando a encabeçar uma nova família. Como disse Sandra, quando você começa a “construir uma outra pessoa”, a “passar a sua personalidade” para outra pessoa, “não tem ninguém mais ‘em cima’, você agora é que tá ‘em cima’ de outra pessoa”. Para Tiago, o adulto é aquele que pensa melhor das suas atitudes antes de tomá-las, e um filho faria com que operasse esta mudança no comportamento das pessoas – ele deixaria de fazer algumas besteiras que hoje ele ainda faz.

Vitória, como vimos com a sua trajetória, também fala sobre a juventude como o momento para se viver para si mesma, e a adulez como o momento em que se passa a viver para outra pessoa, ser responsável por outra pessoa. Assim é que ela reflete sobre a experiência da maternidade.

Vitória: Eu acho que tem os dois. Tem uma pressão social, quanto o apelo da natureza¹¹⁵. Dizem que a mulher sente a vontade, né. Ou é por acidente, “puf, tô grávida, lascou, agora ou vai ou racha, né”, ou dizem que você sente a necessidade, se sente preparada pra ser mãe, e tal, assim, porra, “agora eu quero ter os meus filhos”, e tal. Eu não me vejo nessa fase ainda não, tem muita coisa que eu quero fazer ainda, um doutorado, um mestrado, ou uma viagem pra Europa, né, eu sei que tem muita coisa ainda que eu acho que tenho que realizar como, entre aspas, jovem, antes de eu assumir uma responsabilidade que é ter um filho, assim. **Que eu encaro filho como o momento da sua vida em que você para de viver pra você e começa a viver pra outra pessoa.** Cabou-se. Tudo que eu fizer da minha vida, e é natural, eu vou querer fazer isso, da mesma forma que hoje eu ligo pra minha mãe pra dizer mãe, tá tudo bem, eu vou querer toda a minha vida sendo dedicada a meu filho. Ele vai ser a minha razão de viver. É assim que acontece, é assim que as pessoas são, né. Então antes que eu transforme isso na minha vida, eu sei que tem muita coisa ainda pra realizar. Aí é meio egoísta isso de, é um pensamento egoísta, né, não, eu anda quero viver pra mim, eu não quero viver pra outra pessoa ainda não. Então sei lá, não tá no prazo. E ao mesmo tempo eu fico pensando “porra, mas se eu fosse mãe agora, daqui a dez anos eu ia ter 36 anos minha filha ia ter 10 anos”. Hoje as pirraia de 10 anos são muito avançadinha. Então, daqui a 10 anos, as pirraia de 10 anos vão ser muito mais avançadinha ainda. Então eu vou ter muito mais condições de tá vivendo meio que a mesma geração com a minha

¹¹⁵ Nós falávamos sobre os tipos de pressão que mulheres de nossa idade, de certa forma, recebiam com relação a “hora de ter filhos”, e sobre como cada mulher se sentia mais ou menos preparada ou “no tempo” de ser mãe.

filha, não ter tanto conflito de geração como é eu e meu pai, por exemplo, né, e vai ser muito melhor. Então tem as suas vantagens de ter filho cedo, assim. Porra, um dia eu vou falar, sei lá, “porra, ainda bem que eu tive com 26 filho tive o meu filho, né”. Não vou ficar naquela paranóia, então é ponto negativo e ponto positivo, assim, que você fica pensando. Ultimamente, tipo, esse ano pra cá, eu tenho pensado mais seriamente nisso. Eu acho que alguma coisa tá meio se... em ebulição, assim, dentro de mim pra pensar mais seriamente nesse assunto. Talvez antes dos 30 mesmo eu tenha um filho, casada ou não, talvez eu tenha assim. E porra, eu acho que é tipo uma, um desafio da porra, assim, você falar “eu vou ter um filho agora, eu vou botar pra fuder, agora, agora”

Elaine: Chutar o pau da barraca... (risos)

Vitória: Agora não tem essa boquinha de empreguinho e eita, não sei o que eu quero fazer da minha vida não. Agora lascou que eu vou ter que me sustentar nesta porra, vai ter um ser humano que vai depender de mim, assim, então é meio que você falar assim, meu irmão, agora eu vou ter que me garantir, né? Agora não tem mais meio termo na história não “ah, porque meu emprego não me dá dinheiro, eu não sei o que eu faço”, que é o que eu vivo hoje, né? Se eu decidir ter um filho então cabou-se, assim, não tem mais que trabalhar por gosto, não, eu vou ter que ir atrás do que dá dinheiro pra comprar fralda Pumper’s, que é a melhor que tem, pro meu filho. **Então, é uma decisão que pra mim ela permeia muita coisa, assim, que eu mudaria em mim mesma, antes de tomar decisão e, permeia tudo, na verdade, porra, um filho na verdade permeia tudo assim.** E eu ainda não sei se eu tô preparada pra isso não. Eu me sinto no início desse processo, assim, eu acho que antes dos 30 eu chego a uma conclusão (risos).

Vitória fala não apenas do que representa para ela ter um filho, mas também reflete sobre o momento de tê-lo. Como ela diz, “é uma decisão que permeia tudo”, um evento a partir do qual tudo em sua vida terá um foco diferente. Ela relaciona com a sua situação profissional naquela época: com um filho não poderia se dar ao luxo de permanecer num emprego que gosta ao invés de procurar o que lhe pague melhor. De fato, esta situação profissional era vista por ela como sendo própria da juventude, e como ela não estaria mais “no iníciozinho” da carreira, sentia que se aproximava do momento de procurar formas de trabalho “de adulta”.

Outro aspecto de ter filhos, este citado pela jovens mães é a mudança no olhar sobre o mundo:

Elaine: E na maneira assim de tu encarar a vida, de tu ver as coisas, o que você acha que tá mudando com a chegada do filho?

Antônia: Ai (suspira). Poxa, eu acho que todo mundo diz a mesma coisa, mas é verdade, é:::, você olha com uma pena danada por ele estar vindo a esse mundo do jeito que tá, né, caos, então é preocupação atrás de preocupação. Você só, claro, pensa nas coisas boas, “ô meu filhinho, vai ser tão amado”, você vai fazer isso com ele, você vai fazer aquilo com ele, você só pensa nele, você e seu marido, (risos) é tudo, durante a gravidez toda, é só em função, já. Mas, agora, assim, encarando o mundo, você já vê que vai ser uma barra, né, o mundo não tá fácil, tá cada dia mais difícil, então mais ser barra de despesa, barra de preocupação, de dar educação. [...] Então é isso, com relação ao mundo, eu só vejo preocupação, né porque não tem como ver, você só vê desastre, e cada vez mais perto de você. Então é:::, até, você já pensa, ele nem nasceu, muito antes de tudo e você pensa “com quem eu vou deixar” depois dos meses, né, de licença maternidade, com quem eu vou deixar, minha mãe trabalha, não vai ficar; esses berçários, eu fico deixando, não, vou pensar, vou fazer pesquisa em berçário, ver qual é o melhor. Vou deixar ele no berçário, quando eu tiver trabalhando no meio do expediente, do nada, eu vou ficar aparecendo lá, em horas, sabe? (risos) é muita coisa pra pensar. (risos) Muita muita. Muita responsabilidade. Muita mesmo.

A idéia de “preocupação” apareceu várias vezes na entrevista com Antônia, sempre associada à adulez e à maternidade. O que a adolescência tinha de melhor que a juventude era não ser uma época de “preocupações”, embora ela não tivesse saudades ou vontade de voltar ao tempo dos “pagodes” e “caronas”. Como para ela, como veremos adiante, “responsabilidade” não era exclusividade da adulez talvez o que diferenciase as responsabilidades juvenis das adultas fosse esta maior intensidade e a sua relação com “preocupações”.

Bruna disse ter se tornado mais humanista, mais preocupada com a violência e com os problemas ambientais.

Elaine: É::: e nessa fase sua, atual, o que é que lhe causa assim, ansiedade, medo, assim insegurança, não sei, o que lhe aflige nesse período que você tá vivendo agora?

Bruna: é a violência.

Elaine: mas em que sentido, assim, na tua vida, ou é... me explica melhor.

Bruna: não, o que mais me aflige, por exemplo: hoje eu tenho uma família, hoje eu tenho filho. O que me aflige é, primeiro, como eu vou criar esse filho dentro de um Estado violento desse, né, porque na hora que a gente diz violência a violência ela tá embutida em tudo, não só num assalto, mas você vê desenho animado violento, você vê joguinho que Paulo tem de bula aí que é um horror, tá entendendo, então a violência da vida mesmo, sabe, que a gente tá vivendo, porque é punk rock demais, então, o que mais me aflige assim é isso, é é essa questão da violência, como é que eu vou tratar isso com Caio, tá entendendo? [...] como é que eu vou criá-lo. Eu acho que é isso, o que hoje mais, eu fico pensando, como é que eu vou criar o Caio, dentro desses contextos todos, sabe, será que eu vou ter cabeça pra...? Porque até os cinco anos de idade você tem criar, tem que dar limites senão vira um monstro. É. E aí eu acho que a minha aflição mais é essa, sabe? Agora, existe também o lado da violência independente da criação de Caio, né. Eu realmente, é, as questões ambientais, também, sabe, do planeta, eu acredito muito nisso, eu acredito que a gente tá caminhando pra uma extinção, então hoje quando eu penso, porra, daqui 5 anos eu penso em ter outro filho, daqui 4, sei lá, isso vai depender muito da minha vida, mas eu fico pensando, será que vale a pena? Tá entendendo? Botar outra pessoa no mundo pra sofrer, pra... sabe, porque eu creio que a gente não vai chegar muito longe não.

Coerente com a percepção do filho com o momento em que se deixa de pensar apenas em si mesmo, pude perceber que os entrevistados que não tinham filhos, quando perguntados sobre o que mais lhes afligia na fase da vida em que estavam, se referiam a problemas com a inserção profissional, os empregos mal remunerados, a insegurança com relação ao seu futuro. As mães, seja ao se referirem às preocupações com o cuidado do bebê (“com quem eu vou deixar”; “como é que eu vou criá-lo”), seja na visão de que o mundo está “um caos”, que “violência ela tá embutida em tudo”, têm seus olhares sobre o mundo e suas “preocupações” moldadas pela experiência da maternidade.

Expectativas quanto à formação de famílias e o papel da avó

Quais as expectativas dos jovens quanto à formação de sua família? Que tipo de família eles esperam construir? Podemos falar em ruptura ou em continuidade com os padrões de família da geração parental?

Durante o trabalho de campo, conforme indiquei no capítulo introdutório, além das entrevistas eu aproveitei as oportunidades de comparecer a festas de casamento ou celebrações de casais que passavam a coabitar para fazer algumas observações, além de conversar com vários jovens sobre estes assuntos em outras ocasiões. Algo que ouvi bastante foram comentários sobre a importância das festas de casamento não tanto para os noivos, mas para suas famílias. Em pelo menos um caso me surpreendeu, e também a outros convidados de minha idade de uma destas festas, que determinado casal fizesse uma celebração “tão convencional”, e os próprios noivos apontaram o quanto o evento seria importante para as suas famílias.

No caso dos adultos que eu entrevistei, algo que me chamou a atenção foi perceber que nenhum deles disse nutrir expectativas quanto a formalidades relacionadas à oficialização de uniões maritais de seus filhos. Pelo contrário: Dona Bartira, lembrando do casamento da filha mais velha, já separada deste primeiro casamento e em outro relacionamento, disse que foi “tão cansativo, meu Deus, foi muito preparo, viu? Foi muito. A única coisa que sobrou da história foi o álbum dela, é só o que tá no álbum, muito bonito, por sinal...”.

Elaine: Então a senhora não chegou a ter assim a expectativa de que elas seguissem aquela coisa assim tradicional, e tudo certinho, o casamento...

Dona Bartira: Não, eu não queria, eu não gostava, também nunca nunca... Carol casou em Casa Forte, um vestido de noiva coisa toda... mas eu achei um desperdício, eu disse “pega esse dinheiro, faça uma viagem, porque isso aí é só pra apresentar”, amanhã depois vão, puxa vida, sempre vai ter uma coisa que não está de acordo, então vai passear, vai fazer uma viagem, vai curtir esse dinheiro. Mas ela queria, que era “mainha, a gente só casa uma vez na vida, deixa eu...” “então faça”. Então faça, eu não incentivo, sabe.

Dona Marisa também não parece importar-se com a celebração que houve, ou que poderá ser realizada, das uniões das filhas:

Elaine: E essa coisa da festa, as duas fizeram festa de casamento, assim, isso é uma coisa que a tia tinha sonhado, o dia que a filha ia casar?

Dona Marisa: nunca! Eu nunca sonhei com nada disso, nem me emocionei, não teve nenhuma emoção, aquilo ali é como um evento natural que elas queriam, né, quiseram fazer, inclusive até eu do ponto de vista financeiro eu colaborei pouco, porque foi num momento que eu não tinha, não tinha como colaborar mais, principalmente Clarissa, mas assim, acho uma coisa normal delas, de satisfação própria delas porque minha mesmo não... Pra mim Laura vai sair vai se amigar, tanto faz ela ir ao juiz casar como ela não ir, pra mim é a mesma coisa, não me entristece não.

Já Dona Sílvia, quando lembra do próprio casamento – feito de forma bem convencional, pensado pelo marido e aceito por ela para “não decepcionar todo mundo” – diz que se sentiu um pouco envergonhada ao ver-se vestida de noiva.

Dona Sílvia: segui as etapas assim, eu namorei, mas namorei, porque eu namorei muito, né. Namorei, aí de repente eu aí eu acho que eu passei pouco tempo noiva, entendeu? Namorei muito muito aí de repente noivei e de repente casei, mas segui assim namoro, noivado, sabe, casamento, eu não tava muito, **eu senti vergonha quando eu entrei de vestido de noiva na igreja**, tu acredita? Eu achei, olhe, porque tava assim os meus amigos, eu digo, “meu Deus”, porque eu casei de noiva mesmo, com tudo o que tinha direito, sabe, porque mamãe, sabe, você não pode também decepcionar todo mundo, assim, mas quando eu me vesti de noiva, meu Deus, quando eu entrei na igreja, eu digo “meu Deus”, porque foi, eles não deram vaia em mim porque não podiam dar, sabe, mas antes, assim, eu no carro, e cada um que chegava “tu estás ridícula” (risos).

Elaine: a senhora dizia?

Dona Sílvia: não, eles. Porque eu era uma pessoa assim meio hippie, entendeu, não tinha nada a ver aquele vestido de noiva com calda, com grinalda, tinha nada a ver comigo, que foi aquele, o meu casamento foi um casamento *normalissimo*.

Elaine: todo convencional?

Dona Sílvia: tudo, exatamente tudo, decoração de igreja, gente cantando, entendeu, buquê, tudo, tudo, bolo de noiva, salgadinhos, foi uma coisa muito...

Se ela própria sentiu que aquele ritual, da forma como foi concebido, não “tinha nada a ver” com ela, as expectativas quanto o casamento das filhas seguem um caminho bem diferente daquelas de sua mãe, que ela quis agradar.

Elaine: E a senhora tem alguma expectativa com relação a elas nessa coisa de casamento? A senhora ficaria feliz se elas casassem?

Dona Sílvia: Ah! Ficaria, se elas encontrassem, vamos supor, Sandoca encontrasse um marido como Cristian, desligado assim, sabe, que não é aquela coisa, entendeu, porque eu acho que o casamento hoje em dia tem que ser meio surreal, não é aquela coisa daquele cara que chega todo dia de 6h com sua pastinha dele, bota naquele lugarzinho certinho, a mesa tá toda arrumadinha com sopa e inhame, bifezinho, entendeu, não é, sabe, mas eu ficaria feliz se elas tivessem um companheiro, certamente ficaria.

Elaine: mas a senhora não tá falando do evento ritual do...

Dona Sílvia: não, não. Não.

Elaine: tá falando da união.

Dona Sílvia: da união. Entendeu? [...] porque eu acho que o bom das pessoas é você conviver, é você ter um pessoa [...].

Eu não saberia dizer até que ponto a visão de Dona Marisa e Dona Sílvia sobre a celebração do casamento tem ligação com seus próprios relacionamentos. Algo em comum nas trajetórias das duas é que embora elas tenham namorado por um longo período, elas dizem ter se casado sem conhecerem seus noivos suficientemente. A certeza de que o relacionamento teria um fim aconteceu logo após o casamento, embora todas as duas tenham permanecido casadas ainda por um longo período.

Dona Marisa: Foi um casamento terrível, traumático, era assim, eram dois desconhecidos, porque quando a gente casou apesar de ter namorado longo período de tempo, o namoro era pouca convivência, então não dava pra você conhecer, como é que conhece alguém que

você vai ver dia de sábado de 7 à 11 da noite, dia de domingo, de 7 à 11. Então eu era a antítese da mulher que ele queria e precisava, e ele era a antítese do homem que eu precisava e gostaria de ter, então assim, o casamento foi um erro total, do princípio ao fim.

Elaine: Desde o começo já tinha essa diferença?

Dona Sílvia: Desde o começo, desde o começo, entendeu? **O casamento da gente no outro dia, aliás, no dia do casamento eu já comecei a... sabe, a achar aquilo uma coisa... mas eu era muito apaixonada**, eu era uma pessoa extremamente apaixonada porque, Elaine, eu sou uma pessoa que eu vivo apaixonada, [...] eu me apaixonei durante até cair assim a ficha, que eu sabia que ele não prestava, mas continuava apaixonada, até o momento de eu dizer assim “basta”. Quando eu disse basta, realmente acabou a paixão, eu acho que de fato eu nunca amei o meu marido, eu era apaixonada por ele, eu era apaixonada porque ele era um negro que eu julgava ser inteligentíssimo, era um professor de estatística muito bom, entendeu, na área dele ele realmente era muito bom. [...]

Elaine: Mas vocês demoraram pra sentir que tinham que se separar ou foi ...?

Dona Sílvia: olhe, eu vou lhe dizer, eu apesar dessa minha paixão que eu julgava que fosse amor, eu achava, eu sabia que aquilo ali eu tinha que me separar, eu tentava mas eu não conseguia. Que ele era meio louco, ele dizia que só quem se separava a pessoa casada era Deus [...].

Hoje, Dona Sílvia está separada do marido, embora eles ainda dividam o mesmo apartamento. Dona Marisa chegou a se separar do marido depois de ter tido seus cinco filhos com ele. Eu lhe perguntei se ela tinha o sentimento de que era obrigada a permanecer casada, mas parece que o que mais contou foi o período de preparação para sustentar os filhos, que havia resolvido ter com o marido mesmo (neste sentido, Dona Marisa parece ter seguido noções bem biológicas, imaginando que a mistura entre seus genes e os do esposo daria “uma boa descendência”).

Dona Marisa: Não, não. Não. Comigo sucedeu uma coisa engraçada, **quando eu voltei da lua de mel eu tinha certeza que eu ia me separar. Quando eu voltei da lua de mel, com menos de um mês de casada eu tinha certeza que eu ia me separar, que o casamento ia ter um tempo definido**, agora o que é que eu achava, que eu queria ter uma família, queria ter filhos e queria ter uma família mais numerosa que a que eu tinha, na verdade eu queria ter uns 8 ou 10 filhos, entendeu? Mas aí eu digo “se é pra eu ter com outro, vou ter com ele”, entendeu? Daí, e assim e prevendo já que eu tinha certeza que ia me separar, eu então comecei a me preparar assim financeiramente, estudar, fazer concursos, arranjar emprego, tanto é assim que quando eu pedi a primeira vez a separação dele eu tinha 32 anos, eu tava com 6 empregos. Seis empregos, né, então eu garanti a minha sobrevivência e dos meus filhos, que eu não pensava que ele fosse se negar a colaborar com os meninos, mas no fim mas ele se negou e eu assumi sozinha, entendeu? Mas não, nunca achei que deveria ficar casada não, eu sabia que tinha, eu sabia que eu tinha que me preparar porque eu não contava com a minha família, minha família não me dava o menor apoio, e eu tinha, que eu ia me separar. Isso aí eu tinha certeza.

Há assim, certa separação entre a figura do esposo e a do pai – no caso de Dona Marisa, a idéia de paternidade, que ela considera muito menos importante do que a maternidade, do ponto de vista biológico, já que é “menos visceral”, repercutia numa importância menor do pai na educação dos filhos. Assim, se o esposo não era nem o marido

nem o pai ideal, ele teria um papel de “reprodutor”¹¹⁶. Já Dona Sílvia, olhando para o casamento não via bons frutos dele – nem suas filhas eram vistas como sendo o fruto daquela instituição:

Dona Sílvia: e eu não tenho esse negócio assim de ficar, “ah, a única coisa boa do meu casamento é minhas filhas”. Não. Porque eu teria elas com qualquer um. Não é verdade? Se o meu útero não era ruim. Qualquer [xilocoquinho] aí masculina aí eu teria tido filhos, não é verdade? Eu não tenho muito isso, às vezes até eu acho que eu choco as minhas filhas, porque eu tenho umas coisas assim meio fortes, né, porque as pessoas geralmente diziam isso, né, “a única coisa boa do meu casamento foram os meus filhos”. Não.

Elaine: são duas coisas separadas, pra senhora, filho e casamento.

Dona Sílvia: aquilo dali é um fruto, não foi, as minhas filhas que são maravilhosas não podem ser taxadas de frutos de uma coisa medíocre como foi meu casamento. As minhas filhas elas são frutos de que? De duas pessoas que se uniram, e também da vontade que eu tinha de ter filhos, do carinho que eu tive por elas quando estava grávida, então elas são filhas disso, não fruto daquele casamento.

A amostra composta pelos interlocutores é muito pequena para pensarmos em padrões próprios a cada uma das duas gerações. Teoricamente também não foi feito um aprofundamento da discussão em torno das mudanças relacionadas à formação de famílias nestas últimas décadas. Desta forma, as colocações que podemos tirar destes dados não deixam de ser inferências mais ou menos livres, que podem ter alguma validade quando confrontadas com o debate sobre este recorte do curso da vida da transição à adultez.

Neste sentido, é interessante perceber que a experiência de Dona Marisa e de Dona Sílvia não deixa de ter paralelos com a trajetória de Dona Bartira, que se casou jovem e também não conheceu muito o noivo antes do casamento. Já Seu Donizete e Dona Estela, que estão casados com seus primeiros cônjuges, pai e mãe de seus filhos, percebemos que houve formas de relacionamento pré-marital. Dona Estela, por estar iniciando um relacionamento com um homem separado, demorou alguns anos para efetivar o casamento civil. Seu Donizete, que namorava uma estudante do Rio de Janeiro que morava sozinha, teve mais liberdade para passar períodos mais longos que as poucas horas de namoro de que falam Dona Marisa e Dona Sílvia.

Com relação à geração de jovens, se pensarmos no exemplo das filhas de Dona Marisa, houve sim o seguimento de um modelo que poderíamos chamar de tradicional – namoro-noivado-casamento. Mas elas teriam feito as suas “leituras” e “adaptações” como observa Dona Marisa:

Elaine: E quando chegou nos filhos quem fez mais dentro desse padrão foi quem, mais Beatriz, será que seguiu, nem sei se seguiu, a senhora acha que eles mudaram isso?

Dona Marisa: mudaram, de uma certa forma, eles adequaram, eu acho assim, Beatriz e

¹¹⁶ Lembremos que Dona Marisa é médica.

Clarissa eu acho que elas adequaram aquele padrão aos dias de hoje, né, por exemplo, a questão sexual, a questão da liberdade sexual, a liberdade de sair, né, mas eles seguiram mais ou menos aquele padrão, agora com outra leitura, porque é uma leitura diferente, na minha época a gente tinha que casar virgem, não sei o que, aquelas coisas que hoje não é mais... eu acho que só elas duas mesmo¹¹⁷.

Na entrevista com Dona Marisa, eu remeti a algo que Bruna havia dito – de que os casamentos de hoje seriam mais “conscientes” – ao que ela concordou de pronto:

Elaine: Teve uma menina que eu entrevistei que ela acha que pode parecer o contrário mas que agora os casais quando fazem, assim, quando tomam a decisão ou de casar, ou de viverem juntos eles fazem mais conscientes do que na época dos pais.

Dona Marisa: muito mais, mas infinitamente mais! Sem dúvida nenhuma, sem dúvida nenhuma, isso não era só na parte sexual não, isso não era só na parte sexual não, isso era assim na parte de caráter, de objetivo, de estilo de vida, de tudo, então hoje, eu acho o seguinte, que hoje as uniões os casamentos têm muito mais possibilidades de darem certo, de serem satisfatórias, de serem prazerosas ou pelo menos durarem um período de bom relacionamento do que na minha época, na minha época ninguém conhecia ninguém.

Elaine: O namoro é que mudou...

Dona Marisa: pois é, era uma coisa imatura, uma coisa tomada mais assim, as decisões eram tomadas mais por um momento, por uma cabeça de um sogro ou de uma sogra, ou de... não era uma coisa madura, eu não vejo no meu redor, da minha época ninguém que casou assim maduro realmente não, eu vejo assim, tinha uns mais ousados, uns mais ousados, tinha assim, eles ousavam, mas assim que fosse coisa madura, não, tanto é assim que foi a geração que menos soube se separar, menos soube se separar, é a geração que mais tem separação e separações mal feitas, mal vivenciadas.

Para além de uma mudança nos modelos de casamentos, o que é claramente diferente entre as duas gerações são os relacionamentos que o antecedem. Assim, o namoro dos jovens de hoje é muito diferente do de seus pais. Não é à toa que o pai de Vitória fala em “situação irregular” para falar do relacionamento da filha que passava mais tempo na casa do namorado do que na sua.

A decisão pelo casamento, ou pela coabitação, quando tomada, é feita sobre um maior conhecimento do/a parceiro/a. Neste sentido é que se pode falar em escolhas mais conscientes. Isto não irá se refletir, necessariamente (e esta não parece ser de fato a maior expectativa de alguns pais), em relações mais duradouras. Parece, antes, que a duração de um casamento não é a melhor medida para pensar na satisfação que ele proporciona aos cônjuges. Acontece que se a obrigação de se casar não é mais tão forte, a obrigação de se permanecer casado é menor ainda. Os casamentos durarão, assim, o tempo que durarem relações que sejam satisfatórias para marido e mulher. O casamento *consciente* de hoje em dia, teria como

¹¹⁷ Se os jovens de hoje desejam ou seguem modelos mais ou menos parecidos com os de seus pais; se os pais que foram jovens nos anos 60 e 70 podem ter vivenciado modelos nem tão tradicionais assim, o que fica em aberto é a possibilidade de se estar, na leitura destas famílias, assim como Furlong et. al. (2006) apontam para a inserção profissional, incorrendo-se em dois erros. O primeiro, de super-valorização da não linearidade das trajetórias atuais. O segundo, da subestimação da complexidade das transições dos jovens dos anos 60 e 70.

uma dimensão importante o fato de não ser percebido como uma instituição insolúvel – e é neste sentido que Singly (2007) fala em uma “desvalorização do eterno”. As possíveis separações é que, sendo vistas de outra maneira, seriam potencialmente menos traumáticas. De acordo com Singly, poderíamos pensar:

Quando os cônjuges já não são tão felizes juntos, eles não acham que devam continuar vivendo conjugalmente em nome de um princípio exterior, em nome de uma instituição, em nome de um princípio moral ou societal. A vida conjugal deve seguir esses movimentos. A fragilidade das uniões reflete o primado da focalização nas relações, nas necessidades efetivas. (Singly, 2007, p. 129).

Para Singly (2000), as famílias atuais, que ele chama de “modernas 2”, não se opõem às anteriores – as “modernas 1”. Veríamos hoje uma lógica do amor se impondo cada vez mais: “os cônjuges só ficam juntos sob condição de se amarem; os pais devem ainda mais atenção aos seus filhos” (p. 15). O que diferencia o modelo atual de família da precedente é o maior valor dado ao processo de individualização. “O elemento central não é mais o grupo reunido, são os membros que a compõem. A família se transforma em um espaço privado a serviço dos indivíduos” (p. 15). É neste sentido que podemos tentar entender como os casamentos podem ser até menos duradouros, e ao mesmo tempo mais satisfatórios:

Essa família ‘moderna 2’ compõe-se com a individualização. Sua permanência se dá a esse preço, sua instabilidade também. Por isso, paradoxalmente, a família pode parecer frágil e forte: frágil, pois poucos casais conhecem antecipadamente a duração de sua existência, e forte porque a vida privada com uma ou várias pessoas próximas é desejada pela grande maioria das pessoas (sob certas condições, ou seja, se a família não é percebida como sufocante). A família deve ser designada, para nós, pelo termo de ‘relacional e individualista’. E é nessa tensão entre os dois pólos que se constroem e se desfazem as famílias contemporâneas. (Singly, 2000, p. 15).

Estas reflexões sobre novos modelos familiares parecem ser bem adequadas para se pensar nas famílias de camadas médias que constituíram a maioria de meus interlocutores. Se tenho poucos elementos para pensar esta questão nesta classe social, certamente ficam ainda mais em aberto as elucubrações sobre as famílias de camadas populares. A partir da trajetória de JJ, podemos pensar que talvez precisemos de outras noções, para além das de individualização, para pensar em suas motivações e os padrões desejados de família em seu contexto. Como os pais de JJ não puderam ser entrevistados, também tenho poucos elementos para pensar em que medida ele estaria promovendo rupturas ou continuidades com os padrões de relacionamento da geração anterior.

Com relação ainda à família, outro ponto que foi bastante discutido com os jovens, principalmente as mulheres, foi uma certa pressão que se sentia com relação ao momento de se ter filhos. Aos pais, o que se perguntou é se eles imaginavam que a chegada de netos

poderia mudar a maneira como eles se vêem com relação à idade, ou a maneira como ele vêem seus filhos. No caso de Dona Bartira, que já vimos, a experiência de se tornar avó parece ter sido muito significativa – a ponto dela me recomendar dar logo esta alegria, “essa curtidão” a minha mãe. Vitória fala de como sua mãe lhe “pressiona” com relação à chegada dos netos. E fala também como ela aprendeu a lidar com isso dizendo à mãe “tá bom, vou engravidar, certo, agora não vai ter pai”, ao que sua mãe concordava que elas podiam ainda esperar. Seu Donizete também fala de seu desejo de ter netos dizendo que será um avô “bem babaca”, mas que como esta é uma decisão que tem que partir das filhas, ele não as pressiona.

Pelas falas de Dona Marisa e Dona Sílvia, há de se pensar se a chegada de netos representa ou representará um evento marcante na vida de todas as mães, com alguma possível mudança na auto-percepção ou na percepção de suas filhas. Elas apontam ainda para a definição do papel de avó – bastante diferente daquela mulher que após ter criado os filhos se dedica a cuidar dos netos.

Dona Sílvia: Olha, eu tenho vontade de ter netos, porque eu acho que tanto Sílvia como Sandra elas, elas querem ter filhos, agora vou gostar dos meus netos, né, porque a gente gosta, agora eu não quero ser aquela avó que fica tomando conta dos netos, e elas sabem disso. Entendeu? Eu posso até me transformar depois, mas eu não tenho aquela coisa de ficar assim, claro que se a minha filha tiver o que fazer e tiver uma festa, eu quero dar todas as chances, porque são jovens, mas eu não vou ser daquelas que vai se anular por conta dos netos e nem vou criar aqueles capetinhas que eu vejo por aí não. Aqueles meninos que destroem a casa dos outros, entendeu, e se tiver um desses, se eles derem uma educação dessas eu digo, “não, filha” eles vão tomar conta do filho deles.

Elaine: E a senhora acha que netos mudariam a maneira como a senhora se vê, ou a maneira como a senhora vê suas filhas, quando elas forem mães, vai mudar?

Dona Sílvia: Eu só não queria que elas fossem aquelas mães que dessem todos os direitos aos filhos, porque é muito feio você ter filho, esses menininhos que têm hoje em dia que não respeitam as pessoas...

Elaine: sem limites, né?

Dona Sílvia: é, mais não tenho não. Eu acho que vai ter, claro, alteração, mas eu não acredito assim que elas amadureçam mais não, porque elas já são muito maduras. Entendeu? Não sei, realmente nunca pensei assim, essa questão, se vai alterar alguma coisa.

Dona Marisa: Não, eu convivo pouco, né, mas assim, uma coisa que me surpreendeu, que todo mundo dizia que os netos a gente gosta mais do que os filhos. Eu não sei se é porque houveram essas, essas últimas, né, fatos, não sei que, que me afastou, na verdade eu gosto da minha neta mas não vou dizer que gosto mais do que gostava dos meus filhos, pode ser que amanhã eu goste mais, mas eu acho que não, entendeu? Eu sempre fui muito... eu sempre gostei muito dos meus filhos e sou assim e sou uma pessoa que eu não concebo determinados atitudes numa mãe, eu até assim não sou daquelas que fica atrás não sei o que não sei o que mas eu sempre tô por trás, assim, eu tô sempre vigilante, sempre, onde eu puder ajudar eu ajudo, entendeu, sem interferir porque eu acho que já passou esse negócio de interferência já passou, são todos adultos, maduros.

[...]

Elaine: [...] mas o modo como a senhora se vê, mudou alguma coisa depois que foi avó?

Dona Marisa: não.

Elaine: Ou o modo como a senhora vê a sua filha hoje, Beatriz depois de mãe, era diferente ou a senhora vê ela de outra forma.

Dona Marisa: Não, não, não. Ela é o que eu já sabia que ela ia ser, é uma boa mãe, afetuosa, o que eu fui com ela, ela tá sendo com a filha, entendeu? Graças à Deus a minha neta tem a mãe e tem o pai, Arno é um bom pai, mas não mudou, o que ela é eu já sabia que

ia ser, como Laura vai ser, como Clarissa vai ser, não causa surpresa nenhuma.

Há, assim, em primeiro lugar, a confiança na maturidade das filhas para exercer o papel de mães – e neste sentido não parece que o modo como elas as percebem mudou ou irá mudar com a chegada dos netos. O que Dona Bartira apontou, aliás, como sendo a diferença que percebem em Bruna após a maternidade é justamente o fato de ela ter se tornado mais responsável e mais caseira, curtindo mais ficar em casa com a família. A responsabilidade e a maturidade andam, assim, lado a lado com a maternidade – ou sendo uma pré-requisito para ela ou sendo uma consequência desta importante experiência.

Quanto ao papel de avó, embora Dona Bartira pareça realmente “curtir” o neto, talvez mesmo ela não seja uma avó-cuidadora, deixando à filha e ao genro esta função (e esta colocação eu posso fazer estando mais pautada na observação da rotina familiar do que no que foi dito nas entrevistas). Dona Sílvia não se imagina “tomando conta dos netos”, salvo em ocasiões excepcionais, muito menos se a educação que elas estiverem dando aos seus filhos for muito permissiva. Já Dona Marisa, na época avó de uma neta, não tinha um contato muito cotidiano com ela. Nunca havia exercido esta função de cuidar da criança, e questionava algo que havia ouvido de que os avós gostariam mais dos netos do que de seus filhos. Ela também parece estabelecer alguns limites para a aproximação da avó, ao dizer “que não concebia determinadas atitudes numa mãe”. Como Dona Sílvia, talvez a idéia fosse de que, não concordando com o tipo de educação que as filhas estivessem dando aos netos, talvez a aproximação fosse menos estreita. Mas ela se sentia tranqüila em perceber que a filha é uma boa mãe, assim como o genro é um bom pai, o que não lhe causava “nenhuma surpresa”.

O papel de avó, tal qual nos falam estas mulheres, parece ser bastante diverso da experiência retratada por Peixoto, numa pesquisa comparativa entre as relações de avós e netos em Paris e no Rio de Janeiro:

Cuidar ou criar é uma tarefa das avós. Nem todas cuidam dos netos diariamente, mas a maioria é solicitada a fazê-lo ocasionalmente. A natureza dessas duas situações é diferente. A ‘guarda’ ou o ‘cuidado’ pode ser por um longo período, mas não é contínua. [...] Em compensação, existem aqueles que consideram a guarda dos netos uma obrigação, uma verdadeira prestação de serviço. (Peixoto, 2000, pp. 100-1).

É mais difícil ser adulto hoje?

As comparações entre as transições à adultez nas duas gerações, feitas pelos interlocutores/as, apontaram para uma série de fatores. A partir de perguntas abertas, os

discursos podiam ser articulados em torno das dimensões que cada interlocutor/a enfatizava mais, de acordo inclusive com os estilos narrativos que eles utilizavam. Assim, enquanto alguns dos adultos comparavam sua geração com a de seus filhos pela dimensão profissional, outros o faziam através do acesso a informações e ao mundo do consumo etc. Algumas perguntas foram feitas também direcionando a avaliação dos entrevistados, por exemplo *no campo profissional, você acha que a trajetória de seus filhos se assemelha com a sua?* De uma forma ampla, as respostas tendiam a dizer que se tornar adulto hoje era mais fácil ou mais difícil.

Com relação à transição ao mundo do trabalho, um primeiro ponto a se observar é que a tomada de decisão sobre que carreira seguir se complexifica à medida que novos caminhos vão se tornando possíveis. Este aspecto já foi apontado por Sandra e Júlio, e é lembrado também por Dona Marisa:

Elaine: e a senhora acha que isso se complexificou? Por exemplo, digamos, hoje tem novos cursos que antes não existiam, ou que o mercado é diferente?

Dona Marisa: Com certeza, eu acho que hoje é. Muito mais difícil alguém decidir tomar uma decisão assim, logo no início da vida né, porque com 16, 17 anos, 18 anos por uma, o exercício de uma profissão pra ficar pro resto da vida, geralmente, né. Hoje tem um leque muito grande né e eu acho que é mais difícil hoje, no meu tempo era mais fácil, se você quiser fazer uma faculdade era Engenharia, Direito ou Medicina, só. Pronto, era mais fácil.

Um outro aspecto é que as exigências teriam se tornado maiores, no sentido de que não bastava mais o conhecimento adquirido numa faculdade para que um indivíduo tivesse inserção profissional. A gama de habilidades agora teria se tornado maior, e para um bom profissional, segundo Dona Sílvia, não bastava ter uma profissão, era preciso “ter mil”.

Elaine: Pensando assim um pouco na trajetória da senhora na sua história profissional e quando a senhora olha pra suas filhas, a senhora vê diferença, acha que é diferente pra elas do que foi pra senhora?

Dona Sílvia: ah é. É. Eu acho assim a questão profissional, como é?

Elaine: é, da vida profissional mesmo.

Dona Sílvia: é diferente, é diferente porque eu acho que a época foi uma época mais, apesar de de do número de mulheres trabalhando ser menor mas era uma coisa que exigia de você o que você tinha tido oportunidade de aprender. Vamos supor, eu era socióloga então o que eu tinha que ser era uma socióloga. Eu não tinha que ser uma expert em computação, entendeu? Eu não tinha que falar três idiomas, eu não tinha que ter um corpo perfeito, eu não tinha que ter um peitão de silicone, entendeu? [...] Então eu acho que a gente, vamos supor, “o que que você é? Eu sou contadora. O que que você é? Eu sou... fiz magistério” na época era pedagógico. Então você tinha uma profissão, hoje você tem que ter mil, você vamos supor você tinha o terceiro grau e era, você saía de um terceiro grau, por pior que fosse a faculdade, você saía melhor que os que saem hoje das melhores faculdades.

Em certo momento, Dona Sílvia se refere ao volume de conhecimentos a serem adquiridos pelos jovens profissionais de hoje, e ao fato de que se exigia atualmente uma

formação muito mais estendida do que a de sua época. Ela me diz: “você, uma jovem, que já tá, já estudou o que um professor meu daquela época de 70 anos tinha estudado”. Apesar das exigências serem maiores, o mercado de trabalho, em contra-partida, oferece hoje muito menos estabilidade e certezas aos profissionais. É neste sentido que Dona Sílvia compara a situação de suas filhas, hoje, com a que elas atravessava na 5ª série.

Elaine: Mas a senhora quando olha pra elas, a senhora acha que elas estão bem encaminhadas ou ...?

Dona Sílvia: Não, de jeito nenhum, de jeito nenhum. Elas estão como eu tava na 5ª série (risos)

Elaine: me fala mais sobre isso. Por que a senhora acha isso?

Dona Sílvia: é, porque veja, eu na 5ª série, eu como eu digo, com 16 anos tinha uma coisa assim que eu sabia que eu ia sobreviver, eu sabia que ia ter mercado pra mim, mas elas estão como se eu estivesse na 5ª série, por que o que é que uma pessoa, vamos supor, imagina Cristian tem o emprego dele que é uma coisa mais certa, né, mas Sandra, qual é a segurança? Silvinha, qual é a segurança que essas pessoas têm só tem estudo! Entendeu?

Elaine: Então a senhora compara elas quando estava na 5ª série quer falar dessa questão da segurança, de saber, de ter uma certeza pro futuro?

Dona Sílvia: é. Pro futuro. Entendeu? Até porque na minha época, que não é tão distante, mas na minha época um bom casamento era um ótimo emprego, e hoje em dia não existe mais isso.

Dona Sílvia tem total confiança na capacidade profissional de suas filhas – ela diz ver Sílvia ganhando prêmios internacionais na área de Direitos Humanos, e Sandra como uma grande mulher de negócios. Mais do que um sonho, é algo que ela deseja por acreditar ser o que as filhas merecem por sua capacidade. Estando tranqüila quanto a este ponto, Dona Sílvia dizia se preocupar com duas coisas: a satisfação pessoal das filhas, quanto a suas escolhas profissionais, e a sua sobrevivência. Dizer que as filhas, uma pós-graduada e outra concluindo a faculdade, estão como ela estava na 5ª série, não deixa de ser, assim, uma leitura das mudanças nos contextos do mundo do trabalho nas últimas décadas; e, quando ela fala que em sua época “um bom casamento era um ótimo emprego”, é uma leitura sobre as mudanças nos papéis desempenhados pelas mulheres na sociedade que é articulada. Talvez o que Dona Sílvia esteja apontando é para a necessidade das mulheres se colocarem enquanto profissionais, não deixando de serem cada vez mais cobradas por se manterem bonitas e, não seria exagero dizermos, jovens. O que viríamos, então, é a articulação de uma série de identidades: mães, esposas, profissionais, e, para lembrar outro aspecto muito discutido por Dona Sílvia, mulheres amantes.

Dona Sílvia: Eu acho a vida de hoje mais complicada. Eu acho, Elaine, pra todo mundo, pra todo mundo. Olhe, eu eu às vezes, digo “ah, porque...” minha mãe gosta de muito de dizer isso, as pessoas, “na minha época, hoje essas mulheres duas, três empregadas, e babá, na minha época eu lavava, passava, cozinhava, fazia isso”. Mas não fazia porra nenhuma!

O sentimento de incerteza e insegurança quanto ao futuro profissional foi um elemento citado por todos os jovens interlocutores. A forma como eles vivenciavam ou lidavam com estas incertezas poderia ser diversa – alguns tinham planos para alcançar alguma estabilidade, outros se sentiam num barquinho à deriva, outros se propunham simplesmente a viver o presente, com esperanças ou nenhuma expectativa com relação ao futuro. Mas o fato é que esta talvez seja uma das diferenças mais marcantes entre as trajetórias de assunção da adultez das duas gerações – o que têm feito com que os estudos sociológicos sobre a transição tendam a enfatizar este período como sendo especialmente dramático na atualidade ou discutir a crescente autonomia dos jovens-adultos, paralela a sua tardia independência.

Outra forma de comparar as trajetórias profissionais das duas gerações foi pensar a partir das situações econômicas das famílias. Esta leitura foi particularmente evidente nas famílias com história de ascensão social, e o caso de Dona Estela e Vitória é o mais expressivo neste sentido. Já vimos, com Dona Estela, como ela percebe sua trajetória como tendo sido pautada na *necessidade* e a das filhas na *possibilidade de escolha*. Sua transição a uma vida profissional teria sido muito mais difícil do que a das filhas – “elas tiveram um pouquinho mais de folga na vida porque elas não tiveram necessidade”.

Também Seu Donizete lembra que em sua família de origem a mãe enfatizava muito a necessidade de trabalhar, por conta da situação financeira deles – não que passassem necessidade, mas a família era numerosa e a morte do pai foi prematura, o que fazia com que a mãe fosse particularmente preocupada com a emancipação dos filhos. As filhas de Seu Donizete teriam tido, assim como as filhas de Dona Vitória, “um pouquinho mais de folga”.

Por outro lado, eles concordam na percepção de que a inserção profissional nos dias de hoje se dá de forma mais difícil. Seu Donizete lembra que as filhas foram “mais preparadas que a gente”, “tiveram muito mais apoio nesse campo profissional”, até pelas experiências profissionais dele e de sua esposa serem maiores do que eram as de sua mãe. No entanto, “o lado profissional é mais difícil” para as filhas.

Dona Estela: mas a vida de vocês, passou, a vida de todo mundo é difícil, mas eu acho que o jovem hoje ele tem muito mais dificuldade, muito mesmo. De manter uma família, de ter uma carreira, muito mais difícil pra vocês, esse mundo tá muito competitivo agora. No meu tempo ainda meio que você podia se sobressair um pouco, né, hoje você tem que ter, ter, ter, vai pro exterior, faz o MBA, faz não sei o que, faz não sei que lá, pra quê¹¹⁸?

Dona Bartira avaliou a assunção da adultez por um ângulo diferente da inserção

¹¹⁸ “Pra que” tanto estudo? É uma indagação tanto de Dona Sílvia quanto de Dona Estela. Mais do que uma desvalorização da importância do estudo, parece haver o questionamento do retorno adquirido a partir deste estudo continuado.

profissional. Dona Estela já havia falado sobre ter se tornado adulta sem ter sido preparada para isto, e se questionava sobre o que significaria se preparar para a adultez. Dona Bartira acredita que o mundo de hoje impulsiona o indivíduo para se tornar adulto – por um contexto do qual desde criança teríamos que aprender a nos defender.

Elaine: A senhora acha que hoje em dia é mais difícil ser adulto?

Dona Bartira: não. Hoje em dia, eu acho que a vida já te cria pra ser adulto, porque tão... existe aquela coisa, a criança tem que aprender a se defender, porque tem, tem qualquer maneira, tá na rua, qualquer lugar ele tem que saber se defender, tem que estar preparado, pra evitar, pra saber se defender, de pegar uma droga, entendeu, mas ele tem que se..., a gente tem que preparar eles em casa pra isso. Pra não experimentar, não querer nem saber, e graças a Deus com toda a minha, minha cabeça, que não sei nem a hora que cheguei (inaud.) eu tive condição de acompanhar eles. Conversando, que eu acho que o diálogo é a coisa melhor que tem, é você conversar com eles. Conversa, troca idéia, discuta, bote na mesa, assim, abra o peito, pra eles se sentirem à vontade de conversar com você. De trocar idéias com você, e aí não vai pra, não vai buscar o... aquela coisa assim, como é... desconhecido “ah, mais aquilo, será? Será que não?” ele não procura, que ele não tem curiosidade. A gente conversa tanto que ele não tem curiosidade.

Uma importante diferença que poderíamos apontar, além das diferentes épocas em que ela e seus filhos vivenciaram a juventude, são os contextos regionais. Dona Bartira nasceu e “se criou” numa cidade do interior do Rio Grande do Sul, onde provavelmente a violência à qual estava exposta era bastante diferente da que teve que lidar na criação de seus filhos. Talvez, neste sentido, estar preparada para ser adulta tenha relação com conhecer os perigos do mundo, e criar a sua autonomia em contextos em que os/as jovens têm cada vez mais acesso à informação, e cada vez mais exposição à hostilidade da vida urbana. O papel da mãe seria, assim, expor ao/à filho/a a realidade do mundo, e, conversando, conseguir fazê-lo perceber que certas coisas não merecem ser experimentadas (o consumo de drogas, por exemplo).

Dona Marisa também fez a avaliação sobre a assunção da adultez na atualidade por um outro ângulo. Para ela, o jovem de hoje teria mais elementos para construir a sua trajetória, já que tem mais acesso à informação.

Dona Marisa: É mais fácil hoje sabe por que? Olhe, hoje há uma coisa, existe alguns fatores mais difíceis, sem dúvida nenhuma, mas assim, é mais fácil porque as pessoas hoje, os jovens hoje eles têm mais acesso à informação, as coisas são muito mais ditas mais claramente, né, são muito mais expostas, de uma maneira muito mais clara, então tem muitos recursos, então a pessoa realmente hoje, eu acho mais fácil, a pessoa construir a sua própria trajetória de vida, assim, pra se tornar adulto, às vezes aí diz assim, “não, mas o pessoal hoje não tá querendo mais ser adulto porque *não quer assumir sua autonomia*, não quer assumir” isso aí é um lado da questão, né. A pessoa pode morar com o pai, com a mãe e ser muito adulto, né, isso é só uma questão de conveniência dela, né, conveniência, porque não faz questão de ter muita independência, muita liberdade ou *tem* mesmo morando com o pai e com a mãe, então é uma questão de conveniência, mas a gente não pode refutar que aquela pessoa lá seja adulto né? Ela tá ali porque é uma coisa que vai beneficiar ela. Né?

Além disso, sua colocação nos faz questionar a medida da emancipação familiar a partir da decoabitação. Dona Marisa admite que um indivíduo, mesmo morando com os seus pais, pode ser adulto. Trata-se do grau de liberdade que se deseja ter, ao sair de casa, ou da liberdade que se tem mesmo morando com os pais. De fato, ele vivenciava na época desta entrevista o processo de saída da última filha que ainda morava em casa – sua filha mais velha, com idade em torno de 32 anos. O noivo da filha também morava na sua residência há dez anos, os dois tinham uma situação profissional bem estabelecida, ela como advogada e ele como contador, e haviam optado por continuar morando com Dona Marisa até terminar que o seu apartamento estivesse concluído e quitado. Para Dona Marisa, não havia dúvidas de que se tratava de duas pessoas adultas e maduras, que continuavam a morar com ela por conveniência.

Responsabilidade, independência, autonomia e emancipação familiar

Um pressuposto que parece acompanhar toda a reflexão sobre a transição à adultez é o de que esta se define a partir da assunção de *responsabilidades*. Uma outra idéia é a que um indivíduo só poderia se considerar adulto quando conseguisse certo grau de *emancipação* da família de origem. As noções de *independência* e *autonomia* parecem ser articuladas para se entender este processo de gradativa formação do indivíduo adulto.

Para Singly,

a independência, e principalmente a independência econômica, é a maneira pela qual o indivíduo pode, graças aos seus recursos pessoais retirados diretamente de sua atividade, depender menos dos próximos; a autonomia é o conhecimento do mundo no qual essa pessoa vive: mundo definido pela elaboração tanto de regras pessoais quanto, no caso de vida em comum, de regras construídas na negociação entre várias pessoas. Quando essas duas dimensões estão reunidas – independência e autonomia – então, o indivíduo moderno tem o sentimento de estar livre, pelo menos na sua vida privada. (Singly, 2000, p. 18).

No mundo contemporâneo, cada vez mais os jovens estariam expostos a uma defasagem entre a crescente (e mais precoce) autonomia e a reduzida (ou mais tardia) independência (Singly, 2000, 2000b; Brandão, 2004; Pais, 1993). A defasagem existiria na medida em que os jovens de hoje (que teriam tanto um grande acesso a informações sobre o mundo globalizado, quanto a liberdade de ter uma vida pessoal separada da dos pais, ainda

que na sua casa) demorariam muito mais tempo para adquirir a independência financeira através da inserção no mercado de trabalho.

Segundo Singly,

Essa distância entre as duas dimensões do processo de individualização – autonomia e independência – é o que hoje diferencia cada vez mais os jovens e os adultos. Assinalo a importância do momento em que os jovens adultos vivem ainda essa distância pelo prolongamento da escolaridade e pelas dificuldades em obter um primeiro trabalho estável, enquanto as gerações precedentes (ao menos para os homens, já que a maioria das mulheres eram inativas profissionalmente) tinham acesso a essa independência econômica muito mais rapidamente. Tudo se passa como se, nas sociedades contemporâneas, o modelo de identidade pessoal, completa, só pudesse ser elaborado muito tardiamente e os jovens adultos sofressem por não conseguirem chegar a essa conjunção entre autonomia e independência. (Singly, 2000, pp. 18-19).

Se os jovens demorariam mais tempo para a construção de uma identidade “completa” (adulta?) pautada nas dimensões da independência e da autonomia, então se faz necessário buscar formas de compreender esta nova realidade. Já comentei o quanto a idéia de moratória social parece-me reducionista (Müller, 2004), e articular conceitos semelhantes seria incorrer no mesmo erro de pensar os jovens, ou os novos adultos, pelo o que eles ainda não são, ao invés de partir daquilo que eles produzem de significativo.

Esta preocupação parece perpassar alguns estudos da sócio-psicologia do desenvolvimento, que têm abordado o desenvolvimento pessoal em sua multidimensionalidade. Vandenplas-Holper (2001), por exemplo, defende o caráter multilinear do desenvolvimento psicológico ao longo de toda a vida. Boutinet (2001) concorda com esta abordagem, mas tem reservas em pensá-lo sob um ângulo essencialmente positivo, como faz a autora. Ela trabalha com a noção de “controle” que a pessoa exerce sobre seu contexto e sobre si mesma, a partir de noções de “busca de sentido da vida”, de “maturidade” e “sabedoria”. “Maturidade”, aqui, significaria “integridade moral”, “engajamento social responsável”, “condução autônoma” e de “controle” de sua vida. Para Boutinet, são valores próprios da sociedade industrial moderna que termina nos anos 1970; agora entramos numa *era de “autonomias limitadas”*. É preciso fazer o luto destes valores que pertencem a uma cultura passada e, num mundo marcado pela complexidade de sua organização, nos contentar com autonomias e controles parciais. Os adultos de hoje, segundo Boutinet (2001), não sonham mais com a autogestão nem com a liberação, e tentam, modestamente, manter uma parcela de liberdade protetora suficiente viável. Duvidando deles mesmos nesta modesta ambição, não deixam de se fazerem acompanhar por dispositivos de conselho¹¹⁹.

¹¹⁹ Boutinet possivelmente aqui se refere a dispositivos estatais de conselho e acompanhamento destinados aos adultos – a literatura sobre a transição à adultez na Europa freqüentemente aborda o papel do Estado nas

Ao contrário de valorizar os conceitos de maturidade e de sabedoria, Boutinet (2001) recomenda que seja mais oportuno tentar construir um modelo não-linear do curso da vida adulta, que integre de modo paradoxal quatro variantes do desenvolvimento psicológico, quais sejam: pré-maturação, maturação, maturidade e imaturidade. Cada adulto reservaria uma parte de si a identificar, simultaneamente, uma ou outras destas variantes.

Seguindo uma proposição que caminha neste sentido, uma preocupação que eu tive no decorrer da pesquisa foi não utilizar a idéia de *responsabilidade* para identificar o momento da entrada na vida adulta, ou os eventos de sua gradativa assunção. Eu não quis confundir as datas de certos eventos – do primeiro emprego, da saída da casa dos pais, do início de uma vida de casal ou independente da família – com as respectivas responsabilidades profissionais, domiciliares e familiares. Até porque estas responsabilidades talvez fossem assumidas gradativamente, antes destes eventos, ou, após eles, por dinâmicas diversas, tivessem diferentes pesos e importâncias, ou seja, diferentes significados para os jovens. Além disso, teoricamente falando, se o sentido da noção fosse dado *a priori*, sem ser problematizado, acabar-se-ia por transformar em categoria analítica aquilo que deveria ser um elemento a mais a ser observado.

Este posicionamento inicial se fortaleceu em campo, à medida que os interlocutores foram trazendo elementos para pensar a responsabilidade como algo que perpassa todas as idades da vida, e não apenas a adultez. Nas palavras de Antônia: “Pois é, o que eu vejo, pra falar a verdade todas as fases da vida você tem responsabilidade, né? Sendo que a intensidade é que é diferente”.

A entrevista que fiz com Antônia despertou-me para a idéia que um entendimento mais detalhado sobre a responsabilidade e estes outros conceitos correlatos só seria possível a partir de uma pesquisa que abarcasse, além das trajetórias de vida, as concepções sobre educação nas quais os pais se apóiam na criação de seus filhos e sobre algumas características do contexto familiar, no que pese inclusive a presença ou não de empregados domésticos na residência. Apesar de ter um padrão de vida de classe média alta, Antônia acostumou-se desde cedo a assumir certos compromissos com a casa: fazer compras de supermercado, pagar contas, limpar a piscina e organizar o próprio quarto. Além disso, o fato dos pais serem separados e da mãe ter uma situação financeira bem menos favorecida que o pai impulsionou-

instâncias criadoras de autonomia para os adultos. Parece-me que no Brasil a realidade seja um pouco diferente, e se há políticas públicas voltadas para os adultos elas se centram em suas áreas de atuação (saúde, educação de jovens e adultos etc.), e não se conformam enquanto políticas públicas para a adultez. Isto não significa que os adultos não se submetam a formas diversas de aconselhamento, no que pese o consumo crescente da literatura de auto-ajuda.

a a ajudá-la com algumas despesas desde que começou a trabalhar, por volta dos 18 anos de idade. Bem, vejamos um trecho um pouco longo desta entrevista:

Antônia: Ela, aí pronto, a minha mãe biológica já é separada do meu pai desde que eu tenho, eu tinha acho que três, quatro anos e meu pai ficou com a guarda, e hoje em dia, eu é que sustento ela. [...] **Que talvez a minha transição de de pra adulta tenha acontecido bem mais cedo do que outras pessoas** porque eu, bom, tando na casa de uma amiga, conhecendo, você vê que os pais, até hoje, eu tenho amiga, os pais faz tudo pra ela, não sei o que, enquanto lá em casa eu é que fazia tudo, ia no banco, ia fazer supermercado, eu sempre fiz o Bom Preço sozinha, não sei o que, às vezes eu ia com a minha mãe, então **eu via assim muita gente bem diferente, mesma idade do que eu, às vezes mais velha, e eu tinha bem mais responsabilidades.**

Elaine: Que legal isso que tu tá dizendo, assim... isso começou com que idade, que tu começou a assumir essas coisas?

Antônia: Acho que desde os treze, dos catorze anos, assim começou os meus pais, a mulher do meu pai e meu pai, né, sempre trabalharam muito sempre botavam a gente pra, eu e meu irmão mais velho pra fazer as coisas, resolver com encanador, com eletricista, com telefonista, **se virar, assim, passava o dia se virando**, era escola e todo dia de tarde “ó, vai pagar isso no banco” não sei o que, então andava feito uma diaba. E comecei a fazer, aí pronto, acho que quando eu tinha uns catorze anos, quinze, meu pai determinou que seria obrigação minha e de meu irmão mais velho fazer Bom Preço, supermercado, né? Aí a gente...

Elaine: É um voto de confiança...

Antônia: Mais isso não durou muito tempo com meu irmão, né, porque eu até preferia fazer sozinha, porque aí era, era complicado, ir andando pro Bom Preço, até o Bom Preço, e aí ou levava um dinheiro, ou ligava quando acabava, meu pai ia buscar e passava no cartão, olhe uma confusão (risos). Eu não sei nem como eles fizeram quando eu passei um, aí depois eu passei um ano nos Estados Unidos, né [...] aí passei um ano fora, depois quando voltei continuei, com todas essas obrigações. E quando eu tive carro, com vinte anos já, já entrei¹²⁰ com vinte, aí: aí fazia tudo mesmo. Tudo tudo. Aí fora as ob, os irmãos pequenos, né. Cuidei dos dois, mais de Luiza, né, seis anos, então, e levava e buscava pra tudo que era canto. Então sempre tive esse, apesar de sempre ter duas empregadas, em casa, mas, aquela história, nunca foi moleza. Quem olhasse, assim, meus pais moram num triplex, com piscina, barará, então quem olhasse de fora assim achava que era o que? A mordomia, né, de viver com empregadas servindo (risos). Mas nunca, por exemplo, a piscina era obrigação minha e do meu irmão, aspirar todo dia, tirar folha, tirar lodo, não sei o que, minha filha, era um exército.

[...]

Antônia: Aí quando eu comecei a ganhar o meu dinheiro, a a... e minha mãe ficou cada vez mais pobre, cada vez mais pobre, sem conseguir pagar o mínimo pra ela, **então eu fui assumindo**, né. Meu irmão ainda na época tinha algum contato com ela, não sei o que, aí também ajudava. Mas de uns tempos pra cá ele perdeu o contato com a minha mãe, assim. Descobriu na terapia que toda a loucura dele foi por conta da separação, e, voltou no tempo, uma história muito louca. Só Freud explica. Aí ele realmente se distanciou, né, e eu fiquei sozinha. Aí, foi outro motivo de preocupação. Hoje em dia, sei não. **Muita preocupação que a gente tem. Um as pessoas mais que outras, com certeza.** Eu fico vendo, aí minha amiga que fez dupla comigo no projeto da faculdade, é:: **os pais dela vivem pra agradar os filhos**, tudo. É o pai dela vir buscar, levava o almoço dela no estágio, ficava esperando ela acabar o estágio pra trazer ela de volta pra casa. Trazia ela de volta pra casa levava não sei pra onde. Levava a roupa que ela tava precisando não sei onde. A mãe dela acordava cinco da manhã pra fazer o almoço dela, que ela levava quentinha. Olha, era uma coisa assim absurda. Então eu fico vendo, meu Deus do céu, isso é::, bom, **família pra família, né. É diferente.**

Elaine: Mas você vê isso como positivo, assim...

Antônia: Não.

Elaine:... a maneira como você foi educada?

Antônia: Ah, a minha sim. A minha sim. Eu não digo que eu vá seguir exatamente, o que os meus pais fizeram comigo eu vá fazer com meus filhos, mas eu acho que é quase um

¹²⁰ “Entrou” na universidade, foi quando ganhou um carro.

equilíbrio, aí. Sabe. De, não sei. Eu vejo por exemplo, comparando com essa minha amiga, né, eu vejo **as pessoas ficam com noções diferentes**, sabe, você vê, sei lá, eu fico, eu não suporto que alguém me espere, tá entendendo, um compromisso, eu tenho hora marcada, então, de responsabilidade que eu acho que é importante. Que você vê aqui muita gente não liga pra nada, né, impressionante. Com a maior cara dura pede pra você, com sono, cansada, precisando ir pra casa, a pessoa na maior cara dura pede pra você levar não sei onde, parar não sei onde, enquanto eu fico pensando “meu Deus do céu, como é que essa pessoa pensa isso?”. Eu pego carona e “ah, mas me deixa onde você puder”, né, não sei o que, toda... Então sei lá, acho que foi pelo meio de ser criada mesmo, assim, de tudo isso influencia.

Elaine: De ter mais, de ser, teve uma educação pra independência, na verdade, tu foi educada pra ser autônoma, né, se virar, autonomia. Provavelmente não ia ter problema assim, se sáisse pra morar sozinha não “meu Deus, como é que eu faço agora? Supermercado pra fazer”, né.

Antônia: É. Muita coisa. Apesar de que muita coisa, com certeza, se eu fosse morar sozinha eu ia dar de cara assim de, de, pô, sem saber o que fazer. Eu vejo assim Lázaro sabe de tudo de truque de casa, de faze isso, de fazer... e enquanto eu, ainda é surpresa pra mim. Mas, mas assim, nunca fui criada enclausurada, com alguém que fizesse tudo pra mim, né, então assim desde, acho que desde pequena a família incentivou, você ir atrás, procurar. Era sempre, qualquer pergunta de prova “pai, o que é, sei lá, quanto é dois mais dois, né”. “Não sei, minha filha, vá procurar no...” bom, no dicionário não, né, mas sempre assim. “Não sei, vai procurar no dicionário, se não entender pode vir falar, coisa e tal”. Então nunca foi fácil nada. E é engraçado que **às vezes os pais são criados assim, né, e quando têm os seus filhos eles querem facilitar tudo**, né, querem, ganharam dinheiro então “não vou deixar meus filhos passarem necessidade, vou dar tudo, porque...” né, eu acho que aí que entra o erro, né. Eu acho que tem que ter esse equilíbrio. No caso o meu pai ele foi criado na linha duríssima, e eu acho que ele conseguiu ser duro com a gente (risos). Talvez ele fosse duríssimo, se ele não casasse com essa segunda mulher, que é um anjo de pessoa, né, e tem mais equilíbrio. Mas eu acho que então, o que eu vejo mais é isso, os pais perdendo, né, **perdendo os filhos desse jeito, com dinheiro com tudo fácil**, tudo de mão beijada. E você vê também o oposto, né. Tem pai que, duro, maltrata o menino, meu menino passa no vestibular e não dá nem um, não diz nem um...

Antônia contrapõe a educação que ela recebeu com a de algumas amigas, que teriam bem menos responsabilidades do que ela durante a adolescência¹²¹. Talvez o caso dela seja de uma minoria, no contexto do Recife. A figura da empregada doméstica é de fato bastante comum nas residências de classe média¹²², e sugiro que esta relação com a empregada mereceria um estudo à parte, não apenas sobre as relações de classe, gênero e idade que se estabelecem entre pais, filhos e “secretárias”; mas também sobre o papel da empregada na educação da criança e do jovem – nas diferentes “noções” que se aprende, com relação a compromissos e ao que se pode pedir ou esperar de outras pessoas.

De qualquer forma, seja pela presença da empregada ou da mãe dona-de-casa, ou de outro elemento, Antônia foi a única entrevistada de classe média que citou as obrigações

¹²¹ E seu pai, adepto de uma educação rígida, comparava o Brasil com os Estados Unidos imaginando que a filha não teria “mordomia” por lá. Na verdade Antônia teve uma “mãe” americana que fazia tudo o que achava que devia ser feito em casa, e que nem mesmo exigia que os filhos arrumassem a cama pela manhã, já ela mesma não arrumava a dela.

¹²² Não deixa de ser possível que esta observação seja especialmente forte aos meus olhos por eu ter vindo de um contexto extremamente diferente, de uma cidade no interior de Santa Catarina. Vide trajetória de Dona Estela, que deixou de trabalhar fora ao sair de Recife pois a mão-de-obra doméstica não seria tão acessível.

domésticas como uma forma de responsabilidade¹²³. Em geral, os compromissos com a escola eram mais lembrados (quando se pensava na infância e adolescência, vista como a primeira juventude). Depois, na fase de juventude já identificada como tendo também algumas características de adultez, os jovens lembravam mais das responsabilidades com o trabalho.

Sobre a educação para autonomia, conforme a expressão que eu uso na entrevista, ou uma educação do ensinar a fazer, *versus* esta educação com outras pessoas para lhes servir, do ensinar a ser servido, Antônia lembra que muitos pais teriam crescido no contexto da primeira e repassado para os filhos a segunda. As trajetórias de ascensão social fariam com que os pais não quisessem ver os filhos passarem pelo o que eles passaram, sem perceberem que estariam privando-lhes de um aprendizado importante sobre autonomia ao lhes darem dinheiro e outras coisas muito “fácil”.

A questão das responsabilidades com a casa (parental), e do aprendizado de autonomia que elas podem significar, parece-me interessante de se pensar à luz da discussão sobre independência e autonomia levada por alguns autores. Conforme apontei anteriormente, têm-se ressaltado a crescente defasagem entre a autonomia cada vez mais precoce dos jovens e sua independência cada vez mais tardia (Brandão, 2004; Pais, 1993). Tomando a diferenciação entre os dois conceitos feita por Singly (2000), pensaríamos a *independência* como o conseguir se manter sozinho (há, portanto, uma idéia de que a independência perpassa a capacidade de viver dos recursos financeiros conseguidos a partir de suas atividades), e a *autonomia* como o domínio do que precisa ser sabido para se viver no mundo.

Quando Singly fala em autonomia relacionando-a ao conhecimento do mundo onde se vive, parece estar pensando principalmente no mundo do público. Talvez pudéssemos arriscar dizer que alguns jovens não estariam adquirindo assim tanta autonomia com relação ao mundo privado, da casa. Ou melhor, estariam sim aprendendo, antes de saber fazer alguns afazeres, a negociar com outras pessoas as regras para que estas atividades lhes sejam oferecidas.

Antônia, talvez por esta educação recebida, não tinha muita facilidade em se perceber numa transição à vida adulta – na verdade, no decorrer da nossa entrevista, à medida que ela ia tentando contrapor coisas da vida de jovem, ou adolescente, com coisas da vida de adulta, ela foi percebendo o quanto a vida vinha mudando nos últimos tempos, principalmente com o casamento e a gravidez. Foi a situação da entrevista que a despertou para refletir se já

¹²³ Também Cris, que tem uma situação financeira bem menos favorecida, relacionou “fazer coisas em casa” com responsabilidade, apontando para algo que Pimenta (2007) percebeu como sendo bem comum entre as jovens mulheres de camadas populares.

teria deixado de ser uma adolescente¹²⁴, já que ela não conseguia perceber eventos como importantes marcos de assunção de responsabilidade ou liberdade, que são tão comumente articulados para pensar nesta transição.

Já Sofia, que se percebia como adulta, disse:

Sofia: Eu não sei, eu acho que eu amadureci muito cedo, né, pela perda do meu pai, então eu acho que não tem nenhum problema em me sentir uma **mulher adulta**, eu uso essa classificação pensando na idéia de, por exemplo, **ter responsabilidades**, então assim, eu sou uma mulher e penso que tá tudo certo, não tem nenhum problema em relação a isso.

Elaine: Eu achei ótimo que tu falou isso, que essa coisa de responsabilidade sempre entra quando vão falar de ser adulta. Que tipo de responsabilidade tu acha que define, assim, ser adulta?

Sofia: Em primeiro lugar eu acho que, **porque eu fui criada assim, né, a questão da independência financeira**, eu sempre escutei isso dos meus pais, né? Você quer ser independente, você tem que começar sua independência pela independência financeira. Então eu acho que isso é um critério diferenciador, né, de ser jovem e ser adulto, mas assim eu acho que passa pela questão da **liberdade**, eu preso muito pela minha liberdade, a liberdade em todos os sentidos, liberdade do que eu penso, do que eu faço, do que eu não faço quando eu não quero. **Então eu acho que responsabilidade e liberdade com consciência dessa liberdade, são dois caracterizadores da vida adulta**, eu acho que quando você é muito jovem, você ainda não tem critérios claros de definição dessa liberdade como utilizar bem ou mal, então eu acho que nesse sentido eu sou uma mulher adulta, e eu já tenho isso bem claro e utilizo isso.

Sofia cita, assim, a forma como foi criada, que a ensinou a priorizar a *independência financeira* como o primeiro aspecto da independência de uma forma mais ampla. Alcançar a independência financeira seria uma primeira responsabilidade. Ela relaciona esta *responsabilidade* com a *liberdade*, de pensamento, de atitude e de eleições para a vida. O jovem talvez fosse aquele que ainda não sabe utilizar sua liberdade com “consciência” – o que nos remete, de certa forma, à idéia de *maturidade*, tão bem definida por Dona Estela. A maturidade se adquiriria a partir das experiências pelas quais uma pessoa passa em sua vida. Adquire-se, então, com o tempo, com o saber utilizar, de forma consciente, a liberdade para cuidar da própria vida.

Um outro aspecto importante para pensarmos a respeito da responsabilidade, tal qual o exemplo dos valores diversos que se aprende em cada família a respeito dos compromissos com a casa ou a prioridade da independência financeira, é o de que não existe uma só noção sobre *responsabilidade*. Vitória, por exemplo, fala de “responsabilidades padrão” – as mais comuns na sociedade, as que desencadeiam algumas expectativas e cobranças acerca de nossas trajetórias – e de responsabilidades que cada indivíduo pode se colocar para si.

¹²⁴ Sobre isto, ela chegou a comentar “ai, não sei, tá sendo muito complicado, visse? (risos) Sair daqui eu tenho que ir pra uma terapia. (risos) Porque você às vezes, acho que nunca ninguém parou, né, pra pensar, acho que se você for falar, nunca ninguém parou ‘ah, será que eu já saí da adolescência?’ (risos)...”.

Elaine: Você acha assim que isso faz sentido? Você dizer que idade adulta é uma idade de responsabilidades? Ou que idade adulta é uma idade de autonomia... Ou o que que é assim, essa palavra responsabilidade você acha que é adequada pra falar de idade adulta? Entendeu, o que eu quis dizer?

Vitória: Entendo um pouco, eu tenho que pensar a respeito, assim. Porque eu não me vejo seguindo muito, posso até queimar a minha língua e amanhã casar de véu e grinalda e ter dois filhos lindos e vestir avental todos os dias da semana. Pode ser que isso aconteça, é claro. Mas, hoje eu não me vejo muito seguindo o **modelo tradicional de responsabilidade**. Que é um pouco daquilo que eu tava falando que a sociedade cobra e tal. Que você vive dentro de um sistemazinho que se você sair um pouco, se o cara tiver 35 anos e não tiver casado, alguma coisa de errado ele tem, não pode simplesmente ele não querer casar. A pessoa não tem vontade própria, né. Ela tem que assumir, entre aspas, estas **responsabilidades padrão, de uma vida normal, né. Que é casar, assumir a casa, assumir a família, e trabalhar pra sustentar isso e ser feliz**. Assim, eu não me vejo muito seguindo esse modelo padrão não. Me vejo com alguém, feliz, não sei o que, mas eu não me vejo investindo na minha vida, no meu lado profissional nisso, né, pra chegar nessas responsabilidades, assim. Aí, eu não sei, velho, eu não, quando falo nessas responsabilidades eu falo, caramba, eu acho que eu quero trabalhar pra ter a minha casa, isso é verdade, mas eu acho que eu queria morar só, a princípio. Não sei se eu tô respondendo muito a tua pergunta não. Talvez eu não tenha captado.

Elaine: Não, mas é um pouco por aí, assim. Acho que de repente de outras respostas até eu vou pegar essa coisa.

Vitória: É. Eu acho que eu vou querer, mesmo que eu me sinta na fase adulta, que eu tenha, vamo lá, até os meus 35 anos, digamos assim, bota mais 10 anos pra frente, eu vou querer tá investindo na minha carreira, mas eu vou tá querendo investir em mim ainda, entende? Mesmo que eu tiver um filho, aí, de repente, **eu vou tá querendo investir nas coisas que eu acho que eu tenho que realizar na minha vida. E isso, querendo ou não é uma responsabilidade, que é um compromisso que você assume com você**. Porra, eu quero ver o mundo lá fora, então eu tenho que trabalhar pra ganhar dinheiro pra viajar pra Europa, por exemplo. Isso é uma responsabilidade? É. Exige planejamento, exige dedicação, exige... como é que fala, você abrir mão das coisas, né, certas coisas pra você chegar nesse objetivo. Não é uma responsabilidade padrão, que talvez a gente leia no livro, de assumir uma casa, mas é **uma responsabilidade que você assume com você mesmo**, você tá tendo que investir em você pra realizar o que você quer. Eu me vejo mais nesse outro módulo, assim, nesse plano b, assim, entre aspas. Tendo que realizar pra adquirir os sonhos que eu coloco pra mim, assim. As responsabilidades de vida que eu coloco pra mim, assim. É meio isso que eu penso, assim, eu acho que o padrão, o comportamento padrão, **as responsabilidades padrão não são as únicas na vida que você pode atingir pra ser aceita ou pra se sentir bem-sucedida**. É meio que um, uma norma que a gente, que incutem na nossa cabeça, na educação que a gente recebe normalmente, né. Que você tem que crescer, fazer faculdade, ganhar uma profissão, ganhar dinheiro, aí casa, aí tem filho e pronto. Essa, a linha normal que você tem que seguir, não levo isso muito como verdade não.

Para Vitória, as *responsabilidades padrão* não seriam as únicas importantes ou legitimadoras de algum *status* de adulto. Ela fala de compromissos que ela mesma se impõe, que exigem “planejamento” e “dedicação”, e que, por isso, seriam também responsabilidades, embora não sejam aquelas as quais a sociedade nos cobra assumir. É interessante pensarmos que muito já foi escrito sobre a transição à adulez em termos destas “responsabilidades padrão”, sem necessariamente se questionar o grau de agência dos indivíduos não apenas na escolha de prioridades ou na busca de estratégias para sua realização; mas, o que poderíamos ter como um foco interessante, na definição destas responsabilidades. Quais responsabilidades

são assumidas por cada jovem? Quais responsabilidades cada um escolhe assumir? Quais prioridades de sua vida ele define como *sendo responsabilidades*? Para JJ, por exemplo a noção de responsabilidade não tem a ver apenas com compromissos, mas também com a possibilidade de se arcar com eles – o que não deixa de implicar na agência dos sujeitos em elencar as suas próprias responsabilidades como as mais factíveis. Dona Marisa, quando compara a saída de seus filhos de casa, lembra que enquanto uma das filhas preferiu permanecer mais tempo morando com ela até que o seu grande apartamento estivesse disponível, seu filho saiu de casa para um morar em um quarto e sala numa das ruas mais tumultuadas do centro do Recife. Para Dona Marisa, não se podia dizer que um ou outro fosse mais maduro. O que mudava eram os compromissos que cada um deles havia se colocado, pesando coisas como a liberdade e a privacidade *versus* a qualidade de vida que se pode adquirir com uma boa moradia.

Com relação à associação feita comumente entre adulez e responsabilidade, perguntei a Dona Sílvia se ela não achava que com isso acabávamos por definir o jovem como sendo irresponsável (este de fato sempre foi um dos meus questionamentos quanto ao uso desta noção como limiar para a definição da adulez). Para ela, o jovem irresponsável é apenas aquele que tem tudo a sua mão e não aproveita as oportunidades.

Dona Sílvia: o jovem irresponsável é aquele que tem tudo tudo, todas as chances na vida e passa 10 anos numa faculdade, sem conseguir sair dali. É aquele que tem tudo, que já foi pro Britanic, já foi por aí, não sabe dizer “eu” em inglês, entendeu? Que viaja todos os anos pros Estados Unidos e chega lá não sabe falar, só sabe ir pra Disneylândia porque não tem coragem de estudar. E isso é irresponsabilidade. O jovem não é irresponsável, ele é uma pessoa que quer, quer as coisas, ele *quer*, ele quer. Não é verdade? Ele quer.

De acordo com as colocações de meus interlocutores, acredito que a adulez de fato é vista como a idade de se ser responsável, mas que isto não quer dizer que as responsabilidades não permeiem todo o curso da vida – embora com diferentes intensidades, como disse Antônia. As responsabilidades têm ainda a ver com o que cada indivíduo elege como prioridade em sua vida, e neste sentido, ser responsável terá diferentes significados para diferentes sujeitos ou para um mesmo indivíduo em momentos diferentes de seu curso da vida. Este seria o principal problema em se tomar a noção como um medidor para as transições à adulez – localizando etariamente os indivíduos conforme o grau de responsabilidades que cada um já assumiu. Afinal, para algumas pessoas a assunção da administração de um lar virá antes da capacidade de comprar uma casa própria, enquanto para outros o que será mais importante será a chegada de um filho ou ainda a realização profissional, independente da renda que se consegue perceber a partir do trabalho. Se cada um

sabe a medida de sua responsabilidade, como tomá-la enquanto um conceito analítico, ou um limiar entre uma idade e outra?

O prolongamento da juventude

Um aspecto central da reflexão sobre a transição à adultez na contemporaneidade é a percepção de que a fase definida como juventude se prolonga cada vez mais. Os eventos comumente tidos como definidores da assunção do *status* de adulto – trabalho estável, casamento, residência independente da dos pais, a chegada dos filhos – não coincidem mais da mesma maneira como ocorria nas trajetórias de jovens-adultos de algumas décadas atrás. Fala-se em um *prolongamento da juventude*. Alguns autores definem este processo como sendo mais ou menos problemático, e especialmente na literatura europeia discute-se de que forma o Estado poderia intervir na solução do *problema* (ver Gil Calvo, 2002).

No Brasil, como aponta Camarano *et. al.* (2004) e Camarano (2006), trabalhando com dados das PNAD (Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios), percebe-se que a idade média da saída da casa dos pais tem aumentado nos últimos 20 anos. A abordagem do prolongamento da juventude talvez nem precisasse seguir a ótica do problema social, caso se percebesse que a saída da casa dos pais nunca foi tão estimulada por aqui como é sabido acontecer em países anglo-saxões (e ainda mais em Recife, como lembra Vitória, comparando com São Paulo). De fato, podemos aprender bastante revisando as formulações teóricas feitas nas últimas décadas; podemos vislumbrar abordagens mais positivas e enriquecedoras das novas formas de assunção da adultez, e porque não dizer, das novas formas de ser adulto.

Olivier Galland, em 1991, afirma que se considerarmos que a entrada na vida adulta se efetua sobre dois eixos principais, um que vai da escola ao trabalho, outro da família de origem à formação de uma nova unidade familiar, podemos registrar sobre estes dois eixos um prolongamento das fases de transição, dos períodos intermediários, e uma alteração da nitidez das fronteiras que os enquadram. A passagem da escola ao trabalho se efetua de acordo com uma série de etapas transitórias, marcadas pela formação, pelo desemprego e atividade profissionais como os estágios. Além de mais tardia, a entrada na vida ativa torna-se mais progressiva, menos instantânea e menos definitiva. Da mesma forma, a passagem da família de origem à formação de um casal estável se estabelece após um período cada vez maior de

novos modos de vida (uniões estáveis sem o casamento, vida entre amigos ou solitária). Aqui teríamos três fatores influenciando o retardamento da vida de casal: uma nova ideologia amorosa, as mudanças nas relações entre os sexos e as atitudes feministas, e as mudanças no calendário de instalação profissional.

Para Galland (1991), os jovens em situação profissional precária conheceriam uma forma de prolongamento da adolescência que se organiza em torno do *núcleo familiar*, que assegura a sobrevivência econômica e habitacional, em torno da *sociabilidade do grupo de pares* e em torno das *novas formas de socialização do tipo para-escolar* que oferece a esta população a legitimidade institucional mínima e o reconhecimento social sem o qual ela seria sem dúvida exposta a reações de rejeição de suas famílias e vizinhos.

Além disso, haveria mudanças no campo simbólico, como certas “virtudes” associadas à juventude – como a força, a vivacidade, o espírito de decisão e competição – também colocados adiante no curso da vida, não sendo mais atributos necessariamente juvenis (e seria mais fácil prolongar este estado juvenil quando se partilha com todos destas virtudes). O conceito de juventude se complica, e ela se prolonga, quando as suas fronteiras não são mais tão claras e quando a aparência juvenil não lhe é mais exclusiva, sendo partilhada com setores da sociedade que não vivenciam a sua situação etária.

Não podemos, no entanto, reduzir a leitura deste alongamento das fases de transição à adulez a fatores conjunturais que seriam as suas causas. Segundo Galland (1991), é a forma de entrada na vida adulta que foi profundamente redefinida a partir do fim do século XX, passando de um modelo instantâneo a um modelo progressivo de acesso à adulez. Uma leitura sociológica teria que integrar como fator explicativo a forma como os jovens, eles mesmos, se constituem praticamente e mentalmente como sujeitos adultos.

Os jovens contemporâneos conseguiriam, segundo o autor, escapar de certas formas de controle aos quais os jovens de algumas décadas (os seus pais) estavam submetidos, mas sem ter ainda os atributos da idade adulta. Se estes pais vivenciaram uma juventude que guardaria semelhanças com a infância, os jovens de hoje viveriam em um período em que a definição da adulez se constitui por aproximações sucessivas – tanto na vida profissional como na de casal – experimentadas pelo próprio indivíduo e não mais construída do exterior, pela família e a escola. Alguns fatores teriam contribuído para este processo, como a “inflação” e desvalorização dos diplomas, as novas atitudes feministas e esta “juvenilização” da sociedade que acabamos de citar (Galland, 1991).

Galland (1991) define estas mudanças em torno da juventude em termos de um período moratório – sem, no entanto, definir em detalhes o que entende por moratória ou

porque esta noção seria analiticamente relevante¹²⁵. Segundo o autor, três efeitos contribuiriam para o estabelecimento desta moratória:

- 1) Efeito econômico: o desequilíbrio global entre a oferta e a demanda de trabalho tem efeitos de acentuação da demanda escolar (para se proteger do desemprego ou da desclassificação) contribuindo para o relaxamento dos efeitos da acentuação da relação título escolar—posto, porque de fato o número de postos oferecidos e o número de títulos distribuídos evoluem em relação inversa. O desequilíbrio permite que as empresas instaurem políticas de emprego flexíveis (vide trajetória de Vitória). Enfim, este desequilíbrio se traduz diretamente no desemprego e num alongamento objetivo e incompreensível da fase de transição.
- 2) Efeito sociológico sobre o posicionamento profissional: trata-se do modo de constituição das ambições confrontadas com as chances objetivas de alcançar as posições (de acordo com entrevista com Cris, e seu sonho de ser juíza). As faltas de correspondências e os ajustamentos necessários se traduzem na emergência de um período moratório, que se reflete também nos modos de vida: atraso na decoabitação familiar, atraso no casamento, crescimento dos modos de vida intermediários.
- 3) Efeito sociológico do estabelecimento matrimonial: o estabelecimento profissional não estabelece obstáculo e passa a preceder o estabelecimento matrimonial. As formas privilegiadas têm por característica evitar a inscrição marcada e irreversível nos papéis sexuais dissimétricos; elas buscam evitar toda formalização muito precoce de constituição de uniões e privilegiam as formas flexíveis e reversíveis.

Em 1994, Olivier Galland refina um pouco suas colocações, estabelecendo a hipótese de que o prolongamento da juventude não é apenas o retardamento dos calendários, mas também a formação de uma nova idade da vida: a pós-adolescência. Um elemento que Galland leva em consideração, para pensar neste período mais prolongado até a assunção do *status* de adulto, é que a postergação da assunção deste estatuto não é condicionada pela precariedade. Pelo contrário, quanto melhores as condições sociais dos jovens, mais facilmente eles escapam da urgência de estabelecer ou fundar uma família, por exemplo. As formas intermediárias de consolidação de um novo núcleo familiar – como a vida solitária ou em grupo, a coabitação ou a vida de casal não casado – seriam objeto de aspiração de muitos jovens.

Tiago fala do prolongamento da juventude nos dias atuais remetendo a alguma

¹²⁵ Sobre a discussão a respeito de moratória social e juventude, vide Müller (2004, 2005).

mudança no estilo de vida, que ele mesmo não saberia definir ao certo:

Tiago: Acho que é, acho que hoje em dia a galera tá ficando mais, a turma tá demorando..., não sei, acho que antes, na época da minha avó, assim, a galera era outra vida, né, outro modo de viver, acho que a pessoa com 25 anos já era um adulto, já tinha, sei lá, uma menina com 15 anos já era mulher...

Elaine: já tinha filhos?

Tiago: já tinha filhos, já tava casada assim, hoje em dia acho que a galera com certeza é mais jovem assim, jovem assim com responsabilidade e tal, porque todos têm filhos, mas mesmo assim um casal tem filhos e tal mas sempre sai e sai muito e se diverte muito e vai pra outro lugar, tão se divertindo não é questão de só jovem não, adulto também se diverte, não tem nada a ver diversão, não consigo explicar não direito as coisas não.

O que talvez Tiago não consiga explicar exatamente é que os jovens da idade dele, ainda que continuem tendo filhos em idade parecida com a da geração de nossos avós (e ele próprio já apontou para o quanto esta experiência é definidora do *status* de adulto) continuam a ter comportamentos de jovens. Talvez estejamos aqui diante da lógica apontada por Galland (1994), de aproveitar a juventude, e não necessariamente privar-se da vida de adulto. Assim, assumir a vida adulta não implicaria obrigatoriamente em deixar de aproveitar a juventude.

Para Galland (1994), não podemos acreditar que o acesso mais rápido ao *status* adulto seja sempre a norma social dominante. Este aspecto é bastante importante, pois parece haver certa fixação, nos estudos sobre a transição da juventude à adultez, na estabilidade da vida adulta – como se os jovens fizessem planos, buscassem estratégias de alcançar seu *projeto de adultez*¹²⁶. A mim parece-me que os planos e projetos de fato existem nas vidas dos jovens, mas são planos para a vida, não para ascender a uma determinada idade ou assumir uma nova identidade.

Galland (1994) lembra que os jovens dos anos 60 (eles nunca deixam de estar presentes nas discussões sobre juventude) desejavam ascender o mais rápido possível para a independência, o que se vislumbrava apenas através do casamento. O pós-adolescente da atualidade é um indivíduo que conquistou o direito de ter uma vida privada autônoma: no interior da vida privada da família erige-se uma vida privada individual. O pós-adolescente talvez seja a manifestação mais característica e talvez o ponto culminante de um processo de “privatização” da sociedade contemporânea.

Mas o prolongamento da adolescência não se reduz à uma inversão da norma social que autoriza ser jovem mais tempo e aproveitar as vantagens ligadas a esta idade da vida. Segundo Galland (1994), as estatísticas mostram que os modos de vida intermediários

¹²⁶ A tese de Pimenta (2007) traz formulações como “projeto paterno/familiar de transição para a vida adulta” (p. 211); “[...] demonstrar que ele é capaz de realizar um projeto de vida adulta com sucesso” (p. 254); “[...] poderia ‘caminhar um pouco mais tranquilo’ em direção à concretização do seu projeto de vida adulta” (p. 265).

também estão ligados a *status* precários. É possível, neste sentido, que dois diferentes tipos ideais – “aproveitar a juventude” e “definir sua posição” – misturem-se contribuindo para o adiamento de certos compromissos.

A fala de Seu Donizete, num trecho de nossa entrevista transcrita no capítulo sobre a sua trajetória, parece ter uma visão sobre a permanência prolongada das filhas em sua casa que caminha neste sentido. Em suma, Seu Donizete fala do que Galland chama de efeito do processo de privatização – com os jovens tendo dentro da casa de seus pais a independência ou autonomia que antes, na geração destes pais, só era conquistada saindo-se para morar fora. Se as filhas têm mais liberdade para levar o namorado dormir na casa dos pais, isto contribui para que elas não tenham tanto ímpeto em ir morar fora. E também fala sobre um efeito sociológico deste prolongamento – o fato das expectativas dos jovens com relação ao mercado de trabalho serem incompatíveis com as reais chances de inserção profissional. Para Seu Donizete, há a contribuição da mídia para que os jovens tenham uma visão um tanto que desfocada da realidade, imaginando bons empregos com grandes salários, quando a maioria das pessoas precisam “ralar muito” para ganhar o mínimo. Isto se traduz no discurso dos jovens de independência de atitude, que não é acompanhada pela independência financeira.

Júlio aponta alguns elementos para pensarmos nesta incompatibilidade entre as aspirações e as reais chances dos jovens de hoje com relação ao mercado de trabalho:

Elaine: Então me conta como é que você acha que teu pai se tornou um adulto ou sua mãe?
Júlio: Primeiro que eu acho que eles eram assim adultos com relação as responsabilidades e tudo assim e se tornaram acho que, a geração deles era realmente adultos com 18 anos, acho que eles já eram completamente adultos, assim, realmente, entendeu, tinham aquela perspectiva de..., não sei, não sei, não sei, acho que eles eram menos sonhadores assim, nesse aspecto mais, mais de fazer as coisas, mas ao mesmo tempo acho que as possibilidades deles eram mais limitadas, nós temos mais possibilidades, a gente fala outras línguas, se relaciona com outros povos, a gente tem, a gente tem internet, então a gente vê o que o cara no primeiro mundo tem e deseja aquilo pra gente, a gente quer mais sofisticação, ao mesmo tempo a gente tem mais sofisticação com menos dinheiro, que de repente uma vez ou outra a gente vai lá no Ponteio, e come lá no Ponteio Grill, eu come aquela carne, come aquele negócio assim, ou compra uma luz vermelha e liga o ar condicionado no quarto porque quer comprar e compra uma comida japonesa, pra fazer uma coisa, de repente é uma realidade meio louca essa que a gente vive hoje, assim, de, em francês, que tem aquela música de Lobão que diz *décadence avec élégance*, é a decadência e a elegância ao mesmo tempo, ninguém tem um puto e ao mesmo tempo a gente quer muitas coisas. Mas eu acho que é positivo no final das contas, eu acho que é um pouquinho de ambição e ambição positiva...

O jovem contemporâneo, antenado com um mundo globalizado, teria acesso a desejos que não eram colocados tão facilmente para a geração de seus pais. O preço a se pagar por alguns destes desejos seriam até mais acessíveis – o problema talvez esteja em conseguir saciar-se diante de tanto estímulo para o consumo, e conseguir pagar por isto numa época de incertezas cada vez maiores.

Um outro aspecto importante de se notar é que não são apenas as opções de escolha de consumo que são mais diversificadas para os jovens. A necessidade de escolher também é maior, isto em todos os setores da vida.

Elaine: Sandra como é que você acha que a tua mãe ou o teu pai se tornaram adultos assim, essa transição, fala um pouco como foi então, daí vamos pensar a respeito..

Sandra: mas eu acho que isso foi como o Júlio falou assim, que tipo, eles eram adultos bem antes, assim, eu lembro que minha mãe falou que com 16 anos ela já fazia negócio de artesanato pra vender na rua, com 16 anos eu, vixe, sequer sabia que eu iria trabalhar e tal, tava curtindo ainda minha adolescência sabe e ela com 16 anos, 17 ela já era noiva e se casou com meu pai cedo assim, se bem que ela teve a gente tarde, tarde pra época dela, ela teve Silvinha com 27 enfim, mas assim eles começaram bem cedo, apesar de que como eu falei, eles tinham uma outra realidade, né, eles tinham menos coisas pra decidir, “eu não sei se eu vou ser isso ou aquilo, você se casa agora e mora ou aqui ou ali, quem mora aqui é rico e quem mora aqui é pobre, ou então é classe média e tal, seus filhos vão, comem isso, porque é a idade que eles tem que comer isso, depois eles passam a comer outra coisa” eles não tinham muita escolha.

Júlio: A realidade deles ao mesmo tempo era mais simplificada...

Sandra: simples, é...

Júlio: ...porque não existiam tantos caminhos, “se você é homem, você veste essa roupa, você trabalha, você ou é engenheiro ou você é médico ou você é advogado, se você é mulher ou você faz isso ou faz isso ou faz isso, e acabou,” não, chegou hoje em dia uma época com internet, com a globalização, e você é homem, você pode ser bailarino, enfermeiro, advogado, advogado, engenheiro, vagabundo, artista plástico.

Sandra: Você pode não ser homem.

Júlio: Você pode não ser homem, você pode decidir fazer uma cirurgia e virar mulher, agora a mulher vira homem e ...

Sandra: É como Júlio falou isso é bom e ao mesmo tempo é complicado, assim, tem que ter uma vida mais complicada, mas é bom né porque teve tipo uma evolução, né, hoje em dia tem mais direito, você tem mais escolhas e tal.

Elaine: É como se o deles fosse mais restrito porém mais palpável?

Júlio: Exato.

Sandra: é.

Júlio: Era mais simplificado as coisas...

Sandra: Mas também como ela falou mais palpável.

Para Galland (1994), refinando um pouco seu posicionamento anterior acerca da noção de moratória, o pós-adolescente é este novo jovem que tenta construir um destino social que não é mais tão freqüentemente dado por antecipação. Aqui, podemos refletir sobre estas amplas opções e a necessidade de se efetivar escolhas cada vez mais complexas. Para o autor, este trabalho de definição, complexo e às vezes doloroso, favorece a formação de um novo período de vida, que pode ser um modo de vida que valoriza a independência pessoal e a liberdade. Parece-me que colocar o jovem, ou pós-adolescente, como alguém que busca construir o seu destino seja percebê-lo como um agente social – o que a noção de moratória acaba por deixar em segundo plano.

6 A TRANSIÇÃO

Pensar em transição nos remete a uma área clássica da Antropologia voltada ao estudo dos rituais, cuja trajetória se confunde com a própria história da disciplina. Põe-se, no entanto, o questionamento quanto à aplicabilidade da noção de transição implícita nestes estudos para se pensar a passagem de uma idade a outra do curso da vida na contemporaneidade.

Seja por pensar os rituais como eventos importantes para a transição de um *status* a outro de um indivíduo, seja por tomar os próprios rituais como uma sucessão ordenada de eventos, por trás dos estudos clássicos está claramente colocada a idéia de *transição* como *passagem de uma etapa a outra*. É neste sentido que se justifica perguntar-se sobre o que significa falar em um período de *transição* ao mesmo tempo em que se defende os limites da abordagem do curso da vida como uma sucessão de etapas. O que estaria significando então transição, se não o período liminar entre uma etapa e outra? Como identificar um período de transição quando a assunção da vida adulta parece prolongar-se cada vez mais, deixando de ser marcada por eventos decisivos?

Arnold van Gennep, ao falar dos ritos de passagem, ressaltou a existência de um *período liminar*, que ele chama de *margem*, que estaria presente em todos estes ritos como uma fase intermediária entre a anterior *separação* e a posterior *agregação*. Nas palavras do autor, quando fala da passagem de um indivíduo por uma fronteira entre dois territórios sagrados:

qualquer pessoa que passe de um [território] para outro acha-se assim, material e mágico-religiosamente, durante um tempo mais ou menos longo em uma situação especial, uma vez que flutua entre dois mundos. É esta situação que designo pelo nome *margem* e um dos objetivos do presente livro consiste em demonstrar que esta *margem*, simultaneamente ideal e material, encontra-se, mais ou menos pronunciada, em todas as cerimônias que acompanham a passagem de uma situação mágico-religiosa ou social para outra (Van Gennep, 1978 [1909], p. 36).

O modelo de van Gennep é levado adiante por outros antropólogos, entre eles Victor Turner (1974), que se debruçou mais detidamente sobre este período liminar, associando a um “modelo de correlacionamento humano” que o autor denomina de

communitas. A *communitas* corresponderia a “um ‘comitatus’ não-estruturado, ou rudimentarmente estruturado e relativamente indiferenciado, uma comunidade, ou mesmo comunhão, de indivíduos iguais que se submetem em conjunto à autoridade geral dos anciãos rituais”. Justaposto e alternante a esse modelo, teríamos aquele outro “da sociedade tomada como um sistema estruturado, diferenciado e freqüentemente hierárquico de posições político-jurídico-econômicas, com muitos tipos de avaliação, separando os homens de acordo com as noções de ‘mais’ ou de ‘menos’” (Turner, 1974, p. 119).

Os indivíduos que compartilham uma posição de *liminaridade* poderiam ter, segundo Turner, formas intensas de agregação. A partir do caso dos Talensis, diz Turner:

resumindo, diremos que em determinadas crises da vida, a adolescência, a chegada da velhice e a morte, variando em significação de cultura para cultura, a passagem de uma condição estrutural para outra pode ser acompanhada de um forte sentimento de ‘bondade humana’, um sentido do laço social genérico entre todos os membros da sociedade [...] independentemente das afiliações subgrupais ou da ocupação de posições estruturais. (Turner, 1974, p. 142).

Roberto DaMatta faz uma releitura crítica da idéia de liminaridade apresentada pelos estudos simbólicos de Victor Turner, Mary Douglas e Edmund Leach. Segundo o autor:

o que mais chama a minha atenção na obra desses mestres é a sua leitura da liminaridade como algo invariavelmente paradoxal, ambíguo e, no limite, perigoso e negativo; isto é, como um estado ou processo que desafia um sistema de classificação legalisticamente concebido ou fixo, indiscutível e construído por categorias isoladas. Enfim, algo que – tal como ocorre com a concepção de sociedade puritana e com os esquemas burgueses dos quais esses autores são parte – não admite o mais-ou-menos, a indecisão, o adiamento e, acima de tudo, o hibridismo, ou seja, a ausência de compartimentalização e de indivisibilidade. Para esses antropólogos, o ambíguo é todo objeto, ser ou instituição situada simultaneamente em dois campos semânticos mutuamente excludentes. (DaMatta, 2000, p. 13).

Pensando o carnaval brasileiro como um exemplo que contraria a noção de antiestrutura de Turner, pois “domestica, aristocratiza e hierarquiza a competitividade, fazendo com que ganhadores e perdedores se liguem entre si como grupos e entidades especiais” (DaMatta, 2000, p. 13), o autor se pergunta:

como, então, tomar o limem e o paradoxal como negativos em sistemas relacionais, como o Brasil, uma sociedade feita de espaços múltiplos, na qual uma verdadeira institucionalização do intermediário como um modo fundamental e ainda incompreendido de sociabilidade é um fato social corriqueiro? (DaMatta, 2000, p. 14).¹²⁷

Uma outra questão que DaMatta coloca relaciona-se ao modo como a liminaridade é caracterizada nos trabalhos como o de Turner e de outros mestres de uma “antropologia da

¹²⁷ Para DaMatta (2000) numa sociedade em que pontos críticos da sociabilidade são constituídos por tipos liminares como o mulato; o despachante; a(o) amante; o(a) santo (a), o orixá, o ‘espírito’ e o purgatório; a reza, o pedido, a cantada; a varanda, o quintal, a praça; o “jeitinho”, o “sabe com quem está falando?” e o “pistolão”; a feijoada e o cozido; etc. não podemos ter horror ao intermediário e ao misturado.

ambigüidade”, relacionando-a com os seguintes fatores: 1) pela evasão da estrutura jurídico-política cotidiana e suas classificações binárias; 2) pela associação com a morte para o mundo; 3) pela impureza; 4) pela identificação com objetos ou processos anti-sociais ou “naturais”; 5) pelo uso de línguas secretas, estranhas e/ou especiais; 6) pela invisibilidade social; 7) pela associação com seres bi ou transexuais ou com animais que sinalizam estados negativos e abomináveis; 8) pelos ordálios como a circuncisão, a subincisão, a supressão do clitóris ou testes físicos impossíveis nos quais o fracasso é ridicularizado (DaMatta, 2000, p. 15)¹²⁸.

Além de discutir sobre a leitura negativa que os autores clássicos fazem dos períodos liminares, DaMatta traz novos elementos para pensarmos a relação liminaridade-individualidade, que retomo aqui por acreditar que está bem articulada com o contexto estudado:

meu argumento central é o seguinte: o que caracteriza a fase liminar dos ritos de passagem é a experiência da individualidade vivida não como privacidade ou relaxamento de certas regras (pois o neófito está sempre sujeito a inúmeras regras), mas como um período intenso de isolamento e de autonomia do grupo. Mas, o que temos aqui é a experiência com a individualização como um estado, não como uma condição central da condição humana. Ou seja, a individualização dos noviços nos ritos de passagem não envereda pelo estabelecimento de uma ruptura, por meio da ênfase extremada e radical em um espaço interno ou em uma subjetividade paralela ou independente da coletividade; antes, pelo contrário, essa individualização é inteiramente complementar ao grupo. Trata-se de **uma autonomia que não é definida como separação radical, mas como solidão, ausência, sofrimento e isolamento** que, por isso mesmo, acaba promovendo um renovado encontro com a sociedade na forma de uma triunfante interdependência quando, na fase final e mais básica do processo ritual, os noviços retornam à aldeia para assumir novos papéis e responsabilidades sociais (DaMatta, 2000, p. 17, grifos meus).

A idéia de que a individualização dos noviços não é marcada por uma ruptura com um grupo, mas o é *complementar*, pode ser associada pelo menos a um dos domínios da transição da juventude à idade adulta: aquele da transição ao mundo do trabalho – através de arranjos bem convenientes para a instituição do trabalho, como, por exemplo, os estágios não-remunerados, sem os benefícios trabalhistas. Além disso, há de se notar que as experiências dos jovens, por mais que sejam comuns a muitos deles, como a instabilidade na carreira, as inseguranças em outros domínios da vida por conta desta instabilidade etc., são vistas como sendo questões individuais. Caberia a cada indivíduo “resolver” a sua entrada no mundo do trabalho e na vida adulta.

¹²⁸ Podemos aqui fazer uma ponte com os estudos sobre juventude. A idéia de liminaridade, na forma como é criticada por DaMatta parece casar com as colocações do sociólogo português José Machado Pais (2003), especialista nos trabalhos com jovens. Para o autor, quando os sociólogos estudam a transição dos jovens para a adultez, eles acionam um repertório adjetivo que enfatiza a vulnerabilidade e a imprevisibilidade destas transições.

DaMatta parece ainda inverter o esquema proposto por Turner, ao pensar que é uma experiência de individualização extremada à qual o neófito é submetido que marca sua situação de liminaridade, e não o contrário.

[...] Quero sugerir que o traço distintivo da liminaridade é a segregação de uma pessoa (ou de uma categoria de pessoas, tratadas como corporação social ou mística) dos laços sociais imperativos, liberando-a temporariamente das suas obrigações de família, linhagem, clã ou aldeia, o que a transforma temporariamente em indivíduo fora-do-mundo. [...] É precisamente essa ‘desclassificação’ constituída pela rejeição do mundo que possibilita a constituição de uma sociabilidade inusitada e distinta, criando novas experiências fundadas em uma ‘liberdade’ que se nutre da experiência da individualização. (DaMatta, 2000, p. 20).

DaMatta continua:

meu ponto central, então, é que a liminaridade dos ritos de passagem está ligada à ambigüidade gerada pelo isolamento e pela individualização dos noviços. É, portanto, a experiência de estar fora-do-mundo que engendra e marca os estados liminares, não o oposto. Em outras palavras, a liminaridade e as propriedades nela descobertas por Turner não têm poder em si mesmas. Mas é a sua aproximação de estados individuais que faz com que os noviços se tornem marginais. É, em uma palavra, a individualidade que engendra a liminaridade. (DaMatta, 2000, p. 23).

Aqui também teríamos pelo menos uma possível conexão com o tema desta tese, ao tomarmos a individualização dos noviços como fator que engendra sua liminaridade. A literatura do tipo “auto-ajuda” que tem abordado as “crises” de certas idades, como o livro *A crise dos 25: como lidar com os desafios da transição para a vida adulta* das jornalistas Alexandra Robbins e Abby Wilner (2004), tem elaborado a justificativa de seu trabalho pelo seguinte caminho: o que seria específico das crises enfrentadas pelos jovens em transição à adultez é justamente esse não compartilhamento de sua situação liminar com outros indivíduos. Para as autoras, os jovens adultos enfrentam uma crise que “não é reconhecida por pais e amigos” (pp. 19-20), ou seja, embora não seja uma individualização institucionalizada, ela pode ser observada em nosso contexto. Isto provavelmente pelo fato deste período do curso da vida ter ganhado contornos mais específicos nestas últimas gerações – não haveria mesmo como compartilhar com os pais uma crise que eles próprios talvez não tenham experimentado com a mesma intensidade.

Considerando que a própria idéia de transição é uma das imagens mais difundidas sobre a juventude (que representaria uma fase intermediária entre a infância ou adolescência e a adultez) podemos pensar algumas formas de associação juvenil como estando relacionadas com essa “desclassificação” que (não)define o não-mais-criança e o ainda-não-adulto.

Para Camarano *et. al.* (2004), evocando Casal (1988),

tomar a juventude como transição permite incorporar ao discurso da juventude os conceitos de processo, transformação, temporalidade e historicidade. Desse modo, coloca-se em evidência que a realidade juvenil é determinada por processos de transição desiguais, em que trajetórias diferenciadas exercem papéis diferenciados sobre as diversas maneiras de ser jovem. (Camarano et. al., 2004, p. 18).

O risco de *pensar a juventude a partir da ótica da transição* reside em esvaziar os ricos sentidos das construções dos jovens, pois estes mesmos estariam sendo pensados como os adultos que ainda não são, ou as crianças que eles não são mais. Neste sentido, tomo não apenas a juventude como um período transitório, mas todo o *curso da vida como um processo* (Featherstone, 1994), em que podemos registrar diferentes idades como detentoras de valores, ideologias, normas de comportamento e responsabilidades diferentes, embora relacionados entre si, construídos mutuamente e em constante dinâmica.

Podemos falar em transição da juventude para a adultez, assim, no sentido de que socialmente têm-se idéias relativas à juventude e à adultez como períodos do curso da vida (embora estas não sejam as únicas idéias), podendo-se identificar os indivíduos como sendo jovens, adultos, ou como passando por um período intermediário – liminar – entre estas duas idades da vida. Também podemos assumir que o período de transição (esse processo) é significativo, e merece ser compreendido, inclusive porque pode nos dizer muito sobre o que significa ser jovem e ser adulto em nossa sociedade e sobre as formas diversas como o curso da vida é cronologizado.

É preciso também atentar para o fato de que algumas diferenças que eram bastante marcadas entre as diferentes idades da vida têm se tornado cada vez mais tênues. As roupas, adereços e lares juvenis são compartilhados com outras idades. Os jovens permanecem mais tempo na casa de seus pais, sem deixar de experimentar certa independência e autonomia, além de certas responsabilidades tidas tradicionalmente como sendo próprias da idade adulta. A própria idéia de que eventos apontados pela literatura como sendo marcos na assunção da adultez serem cada vez menos definitivos coloca em xeque o quão definidores seriam estes eventos para o *status* etário do indivíduo, ou o quão válidos eles seriam para servir como limiar para os pesquisadores apontarem o momento da “transição”.

Podéramos questionar, neste contexto, se é válido falarmos de uma transição de uma idade a outra. Penso que a idéia de transição só faz algum sentido se a desvincularmos de idéia de duas realidades distintas – a juventude e a adultez – às quais ela serviria como uma ponte. Se o processo de assunção da adultez se torna mais frouxo, se os limites entre as idades ficam mais fluidos, é preciso buscar por formas de entender a transição vendo-a também como um processo rico em si mesmo. As concepções dos meus interlocutores têm tendido

muito mais a ver a vida como um processo contínuo, não necessariamente composto por diferentes e distintas fases. Adiante ficará mais claro, a partir das falas dos jovens-adultos, como a idéia de transição precisa ser pensada de forma cuidadosa, num contexto em que a vida toda parece tomar o sentido de uma transição – com as incertezas, inseguranças e crises que parecem estar relacionadas à situações de liminaridade (Bauman, 2007; Leccardi, 2005).

É preciso, por exemplo, deter-se no caráter mais subjetivo desta transição à adultez. Jennifer Johnson-Hanks (2002) chama a atenção para a extrema variabilidade dos eventos da vida (no tempo, no espaço, mas também em ordem e sincronização). Por causa desta variabilidade, a autora sugere que nos afastemos da reflexão sobre os *eventos de transição* como sendo o que organiza as vidas dos indivíduos. Em lugar disto, a autora propõe o *foco nas instituições e aspirações*, reconhecendo que estas aspirações são múltiplas, mutáveis e aplicadas numa variedade de enquadramentos temporais. Assim, ela sugere que, em sociedades como a dos Beti, em que não há rituais que marquem a passagem de uma jovem para a adultez, ao invés de indicar que as etapas da vida destas mulheres são definidas pela procriação, que a vida delas não é organizada por etapas.

Segundo Johnson-Hanks (2002), entre os Beti o tempo social de eventos como deixar a escola, casar-se e ter filhos é sistemático, e o sistema simplesmente não é o de etapas. As conseqüências dos eventos da vida deitam-se nos tipos de futuros potenciais que eles podem ser mobilizados para autorizar. Dar à luz pela primeira vez não é uma transição estandardizada na adultez feminina, mas um *nexus* de potencial social futuro: uma *conjuntura vital*.

O conceito analítico de conjuntura vital refere-se à zona de possibilidades socialmente estruturada que emerge em torno de um período específico de transformação potencial na vida, ou nas vidas. É uma configuração temporária, de possível mudança, uma duração de incerteza e potencial (Johnson-Hanks, 2002).

Johnson-Hanks (2002) toma o termo *conjuntura* de Bourdieu, que o emprega para expressar as condições relativamente de curto prazo que manifestam a estrutura social e servem como matriz para a ação social. Para Bourdieu, a conjuntura é o efetivo contexto de ação, é o lugar onde o *habitus* é produzido e suas conseqüências são postas em vigor. O uso que a autora faz da noção enfatiza seu caráter dual: as manifestações de recorrência sistemática e os contextos de uma única possibilidade de orientação futura.

Já o termo *vital* é tomado pela autora do termo demográfico *evento vital*, que se refere a qualquer ocorrência relacionada com a entrada ou saída de um indivíduo na vida e as mudanças de estado civil, tais como nascimento, morte, casamento e mudança de residência

(Johnson-Hanks, 2002).

Vital conjunctures are experiential knots during which potential futures are under debate and up for grabs. The contested future is not only the stream of future events but also the future person, the range of identities that could potentially be claimed: Will I be a good wife? an honorable mother? a gifted student? a devout communicant? These potential futures, these structured possibilities, orient and motivate the forms of action that we observe or ask about in surveys. I call these imagined futures ‘the horizons of the conjuncture.’ Horizons are specific to a time: what looks like a hopeful prospect now may be closed down without warning tomorrow, and another potential future may open up. They are also specific to a perspective or agent position. Not only do different social actors have access to different kinds of knowledge about a situation, but they also interpret that knowledge differently. (Johnson-Hanks, 2002, p. 872).

Também Elsa Ramos (2006) prefere olhares diferentes para pensar a condição de jovens-adultos que residem como seus pais, para além da abordagem dos eventos, ou de passagem e transição a partir destes. A autora enfoca “as transformações microscópicas e progressivas nas relações intergeracionais”, antes da “passagem por patamares muito estanques, como término dos estudos, decoabitação, formação de um casal.” (p. 45) A autora justifica sua posição a partir de três argumentos. O primeiro é que os estudos sobre a “passagem à idade adulta” pressupõem uma institucionalização do estatuto “jovem” pelo grupo, bem nos moldes dos ritos de passagem das sociedades tradicionais, que fariam a transição de uma etapa a outra da vida, todas bem delimitadas. As características destes ritos – “têm propriedades morfológicas, contêm uma dimensão coletiva, exercem-se num campo específico marcado por rupturas e descontinuidades, e são momentos críticos, tanto em termos individuais, quanto em termos sociais” (Ramos, 2006, p. 45) – fazem a autora questionar sua operacionalidade para pensar a situação dos jovens adultos que moram com seus pais.

Na coabitação intergeracional, as micromudanças observadas não podem ser definidas como rituais, na medida em que não possuem suas características. Se a validação por ‘um outro’ é um componente desse processo, ela não possui a dimensão coletiva. A legitimidade da definição de si como adulto encontra-se no lugar que os pais progressivamente reconhecem aos seus filhos, enquanto os pais são também ‘outros significativos’ (Berger e Kellner, 1988) que permitem essa evolução do lugar de cada um na relação. As ações que acompanham essas micromudanças, e que podem ser simbólicas aos olhos dos atores, buscam essa dimensão no sentido que lhe confere o jovem adulto e naquilo que ele desenvolve para transmitir esse sentido aos outros. Enquanto nos ritos o sentido vem do coletivo e é predeterminado, nesse caso o sentido é definido pelo indivíduo e fabricado na interação em que cada um dos pais é um interlocutor singular e em que a dimensão do grupo familiar cede lugar às negociações interindividuais. (pp.45-46)

Faria sentido, aqui, lembrarmos novamente do modo como Bruna diz se sentir por voltar a morar com a mãe – voltando a ter a vida que tinha quando “era pirralha”, e sendo tratada como se fosse “criança” – que contribui para que ela tenha a sensação de um

“retrocesso” em sua vida. Além disso, talvez boa parte dos jovens experimentem uma assunção gradual de responsabilidades, como administrar seu espaço, cuidar de sua própria alimentação, dimensões, mais do que de independência, de autonomia, no sentido do indivíduo caminhar para saber “funcionar” sozinho. Quando perguntei a Tiago de que forma fazia sentido pensar a fase atual de sua vida em termos de transição, ele remeteu justamente ao que Elsa Ramos chama de micromudanças, lembrando bastante a reflexão da autora: “não é de uma hora pra outra que mudou aqui, mudou a minha vida, não, ela sempre foi devagarzinho, assim, mudando”. Em outras conversas nossas, Tiago falou sobre cozinhar sua própria comida, mas como estava com um problema digestivo ele preferia ir almoçar na casa da avó, onde se preparava alimentos mais saudáveis. Esta assunção gradual da autonomia pode, assim, admitir idas e vindas, mediante um aporte familiar que continua bastante presente.

O segundo argumento de Ramos (2006) diz respeito a “dessincronização dos patamares” que definiriam a passagem a idade adulta. A autora toma os estudos de Olivier Galland, que teria introduzido a idéia de “descontinuidade em uma concepção de linearidade temporal, social e familiar”, ou seja, as diferentes etapas da passagem à idade adulta não acontecem mais na mesma ordem, nem ao mesmo tempo. Acontece que a posição de Galland, para a autora, persiste na análise em termos de fases e etapas (tal qual o faria van Genep). Para a autora,

O declínio dos ritos de passagem e o prolongamento da juventude colocam a questão de saber se é possível continuar a considerar as transições como transições, já que se prolongam: como distinguir a etapa da transição? E a transição pode ainda ser definida como uma etapa? (Ramos, 2006, p. 46)

Para Ramos, análises de “rupturas” institucionais como a de Galland são adequadas para se pensar a aquisição de independência, mas não a construção da autonomia, em cuja perspectiva o sentimento de realização pessoal seria mais importante que a passagem de patamares.

O terceiro argumento da autora diz respeito aos “limites da análise em termos de passagem à idade adulta”. Aqui a dificuldade seria identificar o exato momento em que se dá a separação. Já remetemos ao fato de que praticamente todos os jovens se percebem como sendo jovens e adultos ao mesmo tempo, e como há dificuldade em se pensar em marcadores formais para a passagem de uma idade a outra. Isto nos remete, reafirmo, para a idéia de que juventude e adultez, enquanto idades da vida, não são percebidas como etapas ou fases distintas. Assim, estudar a transição entre estas idades significa *redirecionar um pouco a idéia*

de transição – até porque descartá-la seria como jogar fora o bebê com a água do banho. Aliás, como tenho defendido, juventude e adultez, em suas múltiplas dimensões, significam também outras coisas para além de idades, às vezes se aproximando mais a estilos de vida, comportamentos ou formas de se posicionar diante da vida.

Passemos, então, a algumas colocações que me fazem refletir que a noção de transição faz algum sentido para pensar o período do curso da vida dos jovens com os quais dialoguei, e em outras proposições que nos fazem ressignificar o que poderíamos entender por transição, colocando, assim, em xeque, as conclusões tipológicas de muitos estudos sobre este processo.

A idéia de uma transição à adultez como algo significativo surge da comparação entre as duas gerações com as quais trabalhei. Tenho subsídios para pensar, a partir das entrevistas que foram feitas nesta pesquisa, que a percepção desta fase do curso da vida mudou nas últimas décadas. Pode-se dizer que na geração dos filhos, os jovens-adultos, é compartilhada uma idéia de que existem problemas que são próprios da fase que precede a plena assunção do *status* de adulto; que existe um *sentimento de geração* compartilhado entre aqueles que entram no mercado de trabalho e iniciam seus próprios núcleos familiares e que enfrentam questões parecidas por estarem fazendo-o contemporaneamente.

Os pais destes jovens-adultos contam suas trajetórias particulares e falam sobre questões que enfrentavam na época de suas vidas em que começaram a se sentir adultos. Eles não têm, no entanto, tantos elementos sendo compartilhados além do contexto sócio-econômico da época. Não há, entre os pais, o mesmo sentimento de que a transição à idade adulta é período potencialmente complicado, difícil da vida; há, sim, os relatos de dificuldades enfrentadas nas trajetórias individuais deles.

Surge, assim, a idéia de *crise* para geração mais jovem, expressada nestes termos mesmo ou através de outras expressões que falam da angústia, da indecisão e da incerteza tanto com relação ao presente quanto ao futuro.

Elaine: Ah, tá. Agora como é que você se sente com relação a idade de vocês? Que tipo de sentimento que lhes causa estar nessa fase de vida que você definiriam?

Júlio: (pequena pausa) Eu me sinto como se tivesse numa (pausa)... na frente assim de uma encruzilhada, assim, que a partir desse momento agora existem várias possibilidades e ao mesmo tempo você tem um tempo muito curto pra decidir qual daqueles caminhos você vai tomar, porque você vai ter que escolher o melhor caminho, entendeu, e às vezes eu acho que talvez essa fase, às vezes eu acho que essa fase seja mais difícil que a própria adolescência, entendeu? Do que a própria adolescência que já passou, que todo mundo fala que é fase mais complexa, eu acho que essa fase é uma fase meio de crise, porque tu não sabe pra onde é que tu vai, tu sabe que daqui a 4 anos, 5 anos de repente tu vai tá casado, mas e aí tu vai tá casado, mas tu vai te manter só com o teu salário de mil reais ou tu tem que fazer por onde tu ganhar 2 mil, 3 mil ou 4 mil reais? Tu vai ter filhos, tu vai ter outras coisas pra pagar, então a pergunta foi como é que tu se sente nesse momento, é assim que

eu me sinto, **eu me sinto na frente de uma encruzilhada, meio perdido.**

Elaine: E você Sandra?

Sandra: Eu acho que ele falou uma coisa que é certa assim, até porque a gente tá numa idade que você já começa a ter suas vontades só que você tá na casa de seus pais ainda, entendeu, aí tipo aí você fica nessa encruzilhada, eu tenho que tomar uma atitude, não sei qual atitude eu tenho que tomar, não sei se eu tenho que tomar agora isso, se eu, também tem a questão de pouco tempo porque a gente tem a sensação que tem que ser agora, assim, que **tem que tomar alguma decisão...**

Júlio: ... sabe porque falta pouco tempo? Porque só falta 6 anos pra tu fazer 30 anos, pô.

Sandra: É exatamente, ainda tem essa pressão, que de vez em quando eu penso nisso, eu tô com 23 anos, daqui a pouco eu tenho 30 e aí, como ele falou, certamente..., sei lá..., eu não sei quando é que eu vou me casar, entendeu, eu não sei como é que vai ser, eu não sei se eu vou ter dinheiro pra me casar, eu sei que já tá chegando a hora, né, todo mundo tá falando, assim tipo, as pessoas começam a cobrar mais e tal, e você começa a cobrar mais de si, porque tem coisas que eu não reclamava na minha casa e hoje eu não suporto, assim, eu não suporto, é uma coisa que vixe maria, eu adoro minha família, e tal, minha mãe e minha irmã mas tem coisas que eu não suporto, eu fico imaginando “ai meu Deus, se eu tivesse morando sozinha isso seria um problema a menos pra mim”, eu não teria, mas aí eu não tenho condições de morar sozinha, e nem sei se eu quero morar sozinha agora, e você sente que **tem que fazer alguma coisa também**, a gente **tem que se preocupar em como é que você vai estar daqui a um ano**, se você tem que aumentar seu salário, se você vai tá empregado, se você não vai tá, tem essa questão realmente de ser muito difícil, mais do que na adolescência, porque na adolescência não tem uma cobrança em cima de você assim, você, pelo menos eu fui muito livre assim pra brincar e também na hora que eu quis parar de brincar e começar a namorar, não teve muita, mas não teve uma pressão como tem assim agora, uma pressão muito grande de você..., do seu inconsciente também, de você ficar pensando que tem que... é agora que é o momento...

Júlio: Eu acho que na realidade agora é a pior cobrança porque antes se existia uma cobrança, no caso você tá dizendo que você não tinha, mas na época de adolescência se existia antes era uma cobrança externa, por você amadurecer, ou você ser mais responsável, uma série de coisas assim e tal, que vinham do seus pais, e **agora é a pior cobrança que é de você com você mesma...**

Sandra: É. É.

Júlio: Pelo menos eu sinto dessa forma.

Sandra: é. Exatamente.

Existe, assim, a sensação de que se está num momento crucial da existência, no qual se “tem que tomar alguma decisão”, “tem que fazer alguma coisa”, “tem que se preocupar em como é que você vai estar daqui a um ano”. E “tem que ser agora”. Há o sentimento de que toda a existência depende do que se esteja sendo definido neste momento, e como os 30 anos parecem sempre ter o peso de um limite para a definição do futuro, quanto mais se aproxima deles, maior é a angústia.

E um aspecto novo que todos eles precisam lidar é que as cobranças agora são internas, não vem mais dos pais ou professores, mas, principalmente, deles mesmos. Acho até que não seria exagero afirmar que havia um grande otimismo da parte dos pais entrevistados quanto ao futuro dos seus filhos – mesmo das mães de jovens que também foram entrevistados e que reportaram muito suas crises, indecisões, angústias e aflições com relação ao futuro. Voltamos, assim, ao aspecto individualizado deste momento, remetendo às colocações de DaMatta (2000). E podemos ainda relacionar esta sensação de ser o

responsável por seu futuro ao processo de tomada de independência e, principalmente, de autonomia pelo qual eles estão passando neste período.

A idéia da assunção da adultez como sendo uma transição, por outro lado, precisa ser repensada, à luz das colocações de Ramos (2006), quando percebemos que para alguns jovens não há um momento de mudanças, ou de definições e mudanças bruscas em sua vida, e sim “micromudanças” que se acumulam em toda a vida.

Elaine: E essa coisa assim, que eu também tô falando de transição de juventude pra idade adulta né, mas tu acha que transição diz alguma coisa assim, você por exemplo se sente numa transição ou... fala assim um pouco sobre...

Tiago: É fácil, transição é... acho que..., a minha transição agora passou pelo momento de quando eu entrei na faculdade assim que você pensa muito, “Porra, eu vou começar com o trabalho da minha vida”, quando você entra na faculdade, você tá estudando e tal, tá trabalhando, é uma transição, né, de jovem pra você quando é jovem não tem essa responsabilidade, quando você começa a morar sozinho, tudo isso é transição, **eu não penso muito assim, “a minha vida tá mudando muito, sei lá” acho que não, que ela muda aos poucos, assim, não é de uma hora pra outra que mudou aqui, mudou a minha vida, não, ela sempre foi devagarzinho, assim, mudando, sempre mudando um fator ou outro, um outro lado, uma responsabilidade ou outra**, agora que eu tô só, assim, eu tô começando a viver outras coisas, assim, eu mesmo faço minha comida, como eu tava fazendo, hoje em dia eu tô só comendo lá em casa¹²⁹, não tô nem preocupado de fazer comida porque na barriga eu tô com começo de gastrite, sei lá, não sei o que foi, não tô nem fazendo comida mais, mas ...fazer tudo assim, não tem como dizer, transição assim acho que foi mais quando eu entrei na faculdade, que eu senti mais assim, e comecei a trabalhar também, quando eu tive o meu primeiro emprego assim... foi quando eu tinha 20 anos, tava com 21.

Tiago cita vários eventos que poderiam ser vistos como compondo uma transição: entrar na faculdade, morar sozinho, cozinhar a sua própria comida, começar a trabalhar. Mas também deixa claro que alguns destes eventos têm as suas idas e vindas, como a opção de voltar a almoçar na casa da mãe quando aparece um problema digestivo (ele sabe que a comida que ele prepara não é tão saudável quanto a “de casa”). Não são, portanto, eventos definitivos, que pudessem ser vistos como um divisor de águas. Tiago define muito bem a idéia de micromudanças (a vida que “muda aos poucos”, “um fator ou outro”), dando um sentido à transição à adultez que poderia ser visto como sendo característico de toda a existência humana (este constante processo cumulativo).

Outra idéia para pensarmos a transição, ou a existência de possíveis marcos para a entrada na vida adulta, foi colocada por Sofia, que se percebe como uma mulher adulta já há algum tempo¹³⁰.

¹²⁹ “Lá em casa”, aqui, se refere à casa da avó e da mãe, próxima de onde Tiago estava morando.

¹³⁰ Embora no decorrer da pesquisa tenha expressado que também se sentia jovem, mas não adolescente, Sofia foi a entrevistada que mais marcadamente se colocou como adulta, e sem nenhum problema em se perceber assim.

Elaine: E quando você acha que você começou a se sentir assim? Tem algum marco ou isso foi aos poucos? Como é que foi?

Sofia: não. Eu acho que se eu olhar pra trás eu vou encontrar assim um marco, mas quando eu estava vivendo essa transição eu não tinha consciência disso não, eu acho que foi quando eu comecei a trabalhar, depois que eu saí da faculdade eu ainda demorei dois anos pra começar a trabalhar, então acho que foi isso nesse sentido de adulto, né?

Como tenho apontado, nossas percepções sobre os diferentes momentos do curso da vida, ou sobre as diferentes idades, mudam conforme mudamos de condição etária, e isto diz respeito ao aspecto relacional das idades da vida. Talvez os jovens que se percebem como estando hoje numa “encruzilhada” ou “em crise”, ao passarem por mais algumas experiências daqui a alguns anos dêem outro sentido a estes momentos. Talvez outros, passado algum tempo, percebam que hoje estão passando por situações que representarão um marco muito mais significativo em suas trajetórias do que lhes parece atualmente. Este seria mais um dificultador de se abordar a chamada transição à vida adulta a partir da análise dos eventos de transição.

Pensando em termos de expectativas, alguns interlocutores falaram sobre idealizações que tinham sobre a idade que têm hoje, há alguns anos, e que não se concretizaram. Vitória falava, na nossa primeira entrevista, sobre a “urgência” que sentia em alcançar uma estabilidade econômica que viabilizasse a realização de alguns planos:

Vitória: [...] eu moro com os meus pais ainda, quando eu tinha 20, 21 anos eu achava que quando eu tivesse com 26, 27 eu já tava no meu apezinho, eu já tava com as minhas coisinhas, e isso não tá acontecendo, assim, não rolou ainda, não tenho condições de ir pra rua, eu não tenho condições financeiras de ir pra rua, morar só, assim, ter o que eu quero, e isso me dá uma certa frustração, por isso eu digo que é uma crise assim. Que meio que aquilo que eu idealizei que eu estaria fazendo com a idade que eu tô hoje não tá acontecendo. É outra vida que eu tô vivendo assim. E aí me dá esse meu conflito.

Também Sofia apontou que não havia realizado o que tinha imaginado para a sua vida há 10 anos:

Elaine: Mas quando você tinha 20, você olhava, você se imaginava com 30 anos?

Sofia: Quando eu tinha 20, eu me imaginava aos 30 anos como sendo a, assim, eu queria ser uma advogada bem estabelecida que tivesse um monte de coisas pela frente.

Elaine: E hoje você acha que você chegou nesse ponto?

Sofia: Não...

Elaine: Ou ainda não...

Sofia: Eu acho que eu estive perto de chegar nesse ponto, principalmente na questão profissional, né, e eu tive, é como assim, eu optei por retroagir um pouco, e adiar essa, essa, esse projeto de advocacia privada que sempre foi uma coisa bem clara na minha cabeça, assim, eu entrei na faculdade pensando nisso, e assim, eu tive que adiar essa questão porque eu tenho uma insatisfação de outro lado que é a questão financeira que me pediu assim pra adiar um pouco essa parte da advocacia privada.

Assim, nem no caso de Vitória nem no de Sofia, pode-se falar numa mudança de

planos, mas no encontro de situações que lhes colocaram empecilhos para a realização das expectativas. Sofia, em sua fala, não explicitou que isto seria um motivo para se sentir em crise; Vitória, por outro lado, atrelava este descompasso entre o esperado e o (não) realizado a sua vivência particularmente complicada daquele momento de vida.

Já Tiago, por outro lado, disse que tinha quase que como uma postura diante da vida não nutrir expectativas com relação ao futuro.

Tiago: eu nunca fui de criar expectativa assim de muita coisa não, sempre fui mais cada dia, cada dia assim, ...já é uma forma de não ficar mal assim, não decepcionar muito com certas coisas, você esperar muito uma coisa que chega na hora não acontece, porra, eu nunca, desde pequeno que eu nunca fui de esperar muito assim não, sempre eu esperei muito pela... coisa mais pior que ia acontecer, assim, nem sempre vou esperar pelo pior não, mas sempre tem o pior... como... vai acontecer aquilo ali e tal, até pelo curso mesmo, primeiro dia de aula, assim, o professor chegou perguntou a todo mundo, “qual a sua expectativa em relação ao curso, sei lá o que” quando eu falei: “professor, eu não tenho expectativa nenhuma!” Um cara de cabelão e brinco, todo mundo falando bonitinho, sabe, aí chegou pra mim, “sua expectativa com relação ao curso” “Professor tenho expectativa não, de nada não” Todo mundo começou a rir, logo, assim. “Mas explica aí,” “ô, Professor eu não costumo me decepcionar com as coisas, espero que o curso seja bom mas não penso muito no que vai ser o curso não, eu espero cursar pra ver o que vai ser, porque se eu for ficar esperando que o curso vai ser um curso bom pra mim chega lá no final vou tá decepcionado com o curso, eu vou cursando, vou cursando” aí o pessoal parou de rir assim.

Pimenta (2007) interpreta o “não pensar no futuro, seja por hábito, por impossibilidade de fazê-lo ou por opção deliberada” como “uma estratégia para lidar com a incerteza e a insegurança acerca dos resultados das próprias ações” (p. 158). Leccardi (2005) considera que as novas condições temporais do agir não estariam sendo adequadamente discutidas na reflexão sobre as construções biográficas juvenis. Para ela, é preciso interrogar “se e em que medida a relação entre projeto, tempo biográfico e identidade” teria validade na contemporaneidade, quando “o componente de incerteza tende a dominar e onde fermentam as vivências contingentes” (p. 36).

Com efeito, quando a incerteza aumenta para além de certo limiar e se associa não apenas com a idéia de futuro, mas com a própria realidade cotidiana, pondo em causa a dimensão do que é considerado óbvio, então o ‘projeto de vida’ tem seu próprio fundamento subtraído. Além disso, quando a mudança, como ocorre em nossos dias, é extraordinariamente acelerada, e o dinamismo e a capacidade de *performance* são imperativos, quando o imediatismo é um parâmetro para avaliar a qualidade de uma ação, investir num futuro a longo prazo acaba parecendo tão pouco sensato quanto adiar a satisfação. Mais do que renunciar às recompensas que o presente pode oferecer, convém então estar treinado para ‘aproveitar o instante’, para não fechar a porta ao imprevisto, dispor-se mentalmente em termos positivos com relação a uma indeterminação carregada de potencialidade (Leccardi, 2005, p. 36, grifos da autora).

Talvez tenha sido este movimento de “aproveitar o instante” que marcou a vivência da adolescência ou juventude de Bruna. Com 21 anos ela estava “simplesmente

vivendo” e nem conseguia imaginar o futuro. Após 10 anos e a experiência de ter um filho, ela diz que “*só vive pensando no futuro*”:

Elaine: o Bruna, e tu acha assim que tipo há dez anos atrás, como é que tu imaginava que ia tá a tua vida, diferente do que tá hoje?

Bruna: era muito diferente. Eu me imaginava tá assim, oxe, há dez anos atrás eu nem, eu acho que eu nem me imaginava (risos). Eu tinha 21 anos, pense, eu nem me imaginava não, Elaine. (risos). Oxe, tu acha? Eu acho que com 21 anos eu já tava na faculdade, eu acho, eu não tenho certeza. Tem que fazer os cálculos matemáticos, tico e teço tão dormindo, tá ligada. Aí assim, eu não me imaginava não. Não me imaginava casada, não me imaginava ter filho, imaginava nada, assim, tava simplesmente vivendo. Não, não tava, as coisas aconteciam e eu tava ali, velho, o que ia acontecer depois (bate palma com verso da mão) tava nem aí, saca.

Elaine: mas hoje tu já vive pensando no futuro?

Bruna: eu *só vivo* pensando no futuro, é a única coisa que eu sei fazer hoje em dia, é pensar no futuro, eu não consigo mais pensar em nada, pô. Até por causa de Caio, né, e tudo que eu também quero dar a ele, ainda tem essa, você quer *dar* alguma coisa pra seu filho, entendeu, quer deixar, quer transmitir, quer ser *aquela* pessoa pro seu filho, tá ligada, é isso que é assim, a viagem é essa, tá entendendo? Eu quero que Caio olhe pra mim e me admire, pô. Tá entendendo, e não que ele sinta uma chateação qualquer, tá ligado? Sei lá, eu queria que ele me admirasse, mesmo, entendeu?

Elaine: e isso já era uma coisa que você imaginava que ia mudar na sua vida quando você decidiu ter filho?

Bruna: não. Eu não tinha a mínima dimensão. Assim, todo mundo dizia, “ah, mulher grávida muda demais, você vai mudar demais”. Oxe, eu não tinha mínima dimensão de quanto eu iria mudar, Elaine. Não tinha *noção* mesmo, Joselito sem *noção*.

Podemos pensar, com Leccardi (2005), que agora estamos falando de uma nova significação do futuro. A autora articula a noção de “diferimento de recompensas” que talvez esclareça o momento atual da vida de Bruna, que se dedica aos estudos, tentando alcançar alguma estabilidade que até então não conseguiu a partir das escolhas anteriores em sua vida. O diferimento de recompensas diz respeito “a repressão de impulsos hedonísticos, a determinação de adiar para um tempo vindouro a satisfação possível que o tempo presente pode garantir, em vista dos benefícios que esse adiamento torna possíveis” (Leccardi, 2005, p. 35). Assim, se lida com uma rotina que não inclui todos os prazeres que poderiam ser desfrutados se não se estivesse buscando um “objetivo maior”. No caso de Bruna, a opção de voltar à casa da mãe, enquanto o marido volta a morar com a sua família, representa o maior “sacrifício” em nome desta estratégia para um futuro melhor.

Portanto, se o futuro é considerado a dimensão depositária do sentido do agir; se é representado como o tempo estratégico na definição de si, o veículo pelo qual, em direta ligação com o passado, a narração biográfica toma forma, o diferimento da recompensa pode, então, ser aceito. Nessa perspectiva, o futuro é o espaço para a construção de um *projeto de vida* e, ao mesmo tempo, para a definição de si: projetando que coisa se fará no futuro, projeta-se também, paralelamente, *quem* se será. Em suma, a perspectiva biográfica à qual remete o diferimento das recompensas implica a presença de um horizonte temporal estendido, uma grande capacidade de autocontrole, uma conduta de vida para a qual a programação do tempo se torna crucial. O tempo cotidiano é cuidadosamente investido e desfrutado de modo análogo ao dinheiro; é programado, e seu uso, racionalizado. (Leccardi,

2005, p. 36, grifos da autora).

Afinal, não estamos falando apenas do que vai acontecer com Bruna num futuro, quando ela conseguir passar em um concurso público e cursar a faculdade dos sonhos. Estamos falando “daquela pessoa” que ela “quer ser para o seu filho”. Para isto, valem alguns esforços, como o ter que lidar com um contexto doméstico do qual ela já havia adquirido alguma independência, e com o qual ela não deixa, vez ou outra, de se sentir incomodada.

A identidade pessoal, conseqüentemente, constrói-se em relação a uma projeção de si no tempo vindouro (o que quero ser?), graças à qual não apenas o passado adquire sentido, mas também é tolerada uma eventual frustração que pode acompanhar as experiências do presente (Leccardi, 2005, p. 36).

Tipologias da transição da juventude à adultez

Diversos trabalhos sobre a transição à adultez têm chegado a *tipologias de transição*, ou seja, a modelos analíticos (tipos ideais) ou a classificações dos diferentes tipos de trajetórias de transição à adultez observadas em pesquisas empíricas. A observação destas tipologias é um exercício interessante para observarmos a complexidade deste processo e a pluralidade de fatores que o condiciona ou influencia. Isto porque diferentes pesquisas têm se centrado em diferentes *fatores determinantes* da forma como os indivíduos assumem o *status* de adulto em suas sociedades.

A análise destas tipologias também nos ajuda a perceber algo que tenho tentado defender nesta tese: que o tipo de olhar dado à temática ajuda a construí-la. Ao proporem classificações ou categorizações das diversas formas de se tornar adulto em diferentes contextos, os autores estão indo além de uma organização de dados coletados em campo. Eles estão ajudando a construir um *corpus* teórico sobre a temática (e, num sentido mais amplo, um *discurso* sobre ela) que influencia na forma como a enxergamos.

Os exemplos que trago a seguir são importantes, desta forma, para observarmos tanto como tem acontecido a transição à adultez de jovens de diferentes contextos sócio-culturais, como a forma como esta transição se constrói enquanto temática importante dos estudos de juventude e de curso da vida¹³¹.

¹³¹ Não deixa de ser um tanto quanto questionável retomar a todas estas tipologias após ter tentado desconstruir

Dentro do marco da Sociologia/Antropologia da Juventude, uma das tematizações mais antigas é a proposta por Olivier Galland no início dos anos 90. Galland (1991) define a entrada na vida adulta como o superar das etapas sociais que introduzem ao papel adulto. E aponta três ocasiões principais, três momentos que contribuem particularmente para esta passagem: a separação da família de origem, a entrada na vida profissional e a formação de um casal. A partir destes três eventos principais, cujas combinações não teriam nada de mecânicas, Galland constrói três modelos de transição.

O primeiro deles seria o *modelo operário*, um modelo de “instalação”, regido por dois princípios: a instantaneidade da passagem da infância à idade adulta e a concordância necessária de suas três etapas mais significativas – o início da vida profissional, o casamento e a saída da família de origem. Galland afirma que no fim do século XIX até os nossos dias este esquema de inserção operário sofreu profundas mudanças, mantendo-se, no entanto, ainda muito presente. Este seria um modelo, segundo Galland, “logicamente” orientado pelos rapazes, pela preocupação central dada ao trabalho. Citando uma pesquisa feita em Elbeuf, aponta que para 80% dos rapazes operários esta é a condição para a saída da casa dos pais. O casamento continuaria tendo importância em suas vidas, mas seria condicionado à obtenção de um emprego estável.

Em suma, o modelo de instalação operário é claramente associado a um cenário de casamento tradicional: permaneceria nas representações masculinas operárias um modelo de entrada na vida adulta fundado na centralidade do trabalho, na dominação masculina e na constituição estável e simbolicamente confirmada pelo casamento de uma nova unidade familiar, semelhante àquela que se deixa.

Oposto ao modelo trabalhador de instalação estaria o *modelo burguês* de “diletantismo”, próprio a um modo de vida estudante que permite empurrar o momento e as etapas definitivas da entrada na vida adulta sem por isso deixar de conhecer certa forma de independência. No século XIX era exclusividade da adolescência da classe burguesa, beneficiária do prolongamento dos estudos, mas alterou-se progressivamente. A extensão do tempo de formação e sua difusão progressiva nas classes médias conduziram à generalização do modelo adolescente ou a sua extensão a outras classes sociais. Ao mesmo tempo, o acesso automático à profissão no final dos estudos foi recolocado em questão devido aos níveis de formação que autorizam uma inserção rápida.

Assim, a definição social da juventude como privilégio burguês se obscurece e se

muitas de suas bases. A opção por manter a seção se deu por acreditarmos na importância deste diálogo, e porque nem tudo pode ser desconstruído, mesmo em “tempos pós-modernos”. Algumas destas proposições são realmente interessantes, e todas são muito bem elaboradas.

complexifica, tanto por causa de sua extensão a outras categorias sociais, como pela indefinição mais marcada de suas fronteiras institucionais e simbólicas. Permanecem, no entanto, as características deste modelo que têm mais chances de ocorrer entre jovens de classes superiores que podem adiar tanto seus planos profissionais e matrimoniais como o próprio momento de assunção da vida adulta.

Com relação à *especificidade feminina*, Galland cita duas características: de um lado a precocidade da partida da casa parental, de outro, a importância do casamento como um modo de estabelecimento e de entrada na vida adulta. Estas duas características estariam, segundo Galland, associadas: se as jovens deixam mais cedo a casa dos pais é em parte porque elas se inquietam (ou se inquietavam) menos que os jovens em assegurar sua posição profissional antes de pensar em formar um casal estável. Para Galland, este modelo é mais uma sobrevivência do que uma característica majoritária da entrada na adultez de jovens mulheres de hoje (Galland, 1991, pp. 121-5).

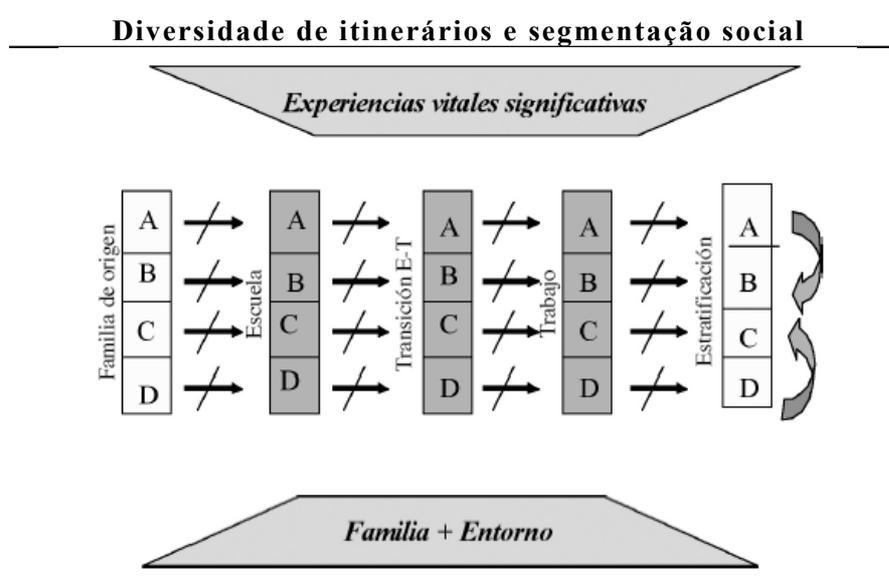
Podemos perceber que o modelo analítico de Galland é um modelo mínimo, no sentido de pensar em termos de um número reduzido de tipos ideais, que nos ajudam a observar grandes diferenças estruturais da transição à adultez. Mas a simplicidade de sua tipologia faz com que ela seja de difícil aplicação, principalmente porque não é difícil imaginarmos casos intermediários entre um modelo e outro.

Também a “sensibilidade” do autor quanto à especificidade feminina pode ser mais bem discutida atualmente. Alguns números de censos demográficos apontam, é verdade, para a força de modelos tradicionais de transição. No caso brasileiro, alguns dados podem ser destacados, conforme Camarano et. al. (2004), a partir dos dados das PNAD: um deles é que enquanto a participação na população economicamente ativa (PEA) dos jovens do sexo masculino tem apresentado queda nos últimos 20 anos, a PEA feminina tem apresentado tendência de crescimento; outro é que a saída das mulheres de casa ocorre mais cedo que a dos homens (uma diferença que pode chegar a mais de sete anos e meio no limite superior), em decorrência do fato de a grande maioria delas sair na condição de cônjuge; no entanto, nos últimos 20 anos também cresceu o número de mulheres que saem da casa de seus pais na condição de chefes de família, e de homens na condição de cônjuges.

A possibilidade cada vez maior de arranjos familiares diversos, o crescimento de mulheres em posição de chefes de família – a própria necessidade que se faz sentir de se repensar este papel de “chefe de família”, definido tradicionalmente como sendo o personagem provedor do lar – são todas questões que complexificam os modos de se tornar adulto, e que não podem deixar de serem contempladas.

De fato, as tipologias esboçadas a partir de dados empíricos, sejam eles quali ou quantitativos, têm sugerido um leque bem maior de possibilidades de transição. É o caso de um trabalho realizado na Catalunha. Casal, Garcia, Merino e Quesada (2006) criaram uma tipologia a partir das pesquisas e proposições do GRET (Grupo de Estudos Educação e Trabalho) da Universidade Autônoma de Barcelona. Para os autores, a análise sociológica sobre a juventude deve estabelecer uma ponte entre as biografias dos indivíduos e a diversidade de itinerários sociais descritos pelos jovens. A identificação da diversidade de itinerários da juventude consistiria em se passar de individualidade total (os milhares de jovens de determinada localidade) a uma tipologia dos itinerários básicos (a classificação em diferentes modalidades).

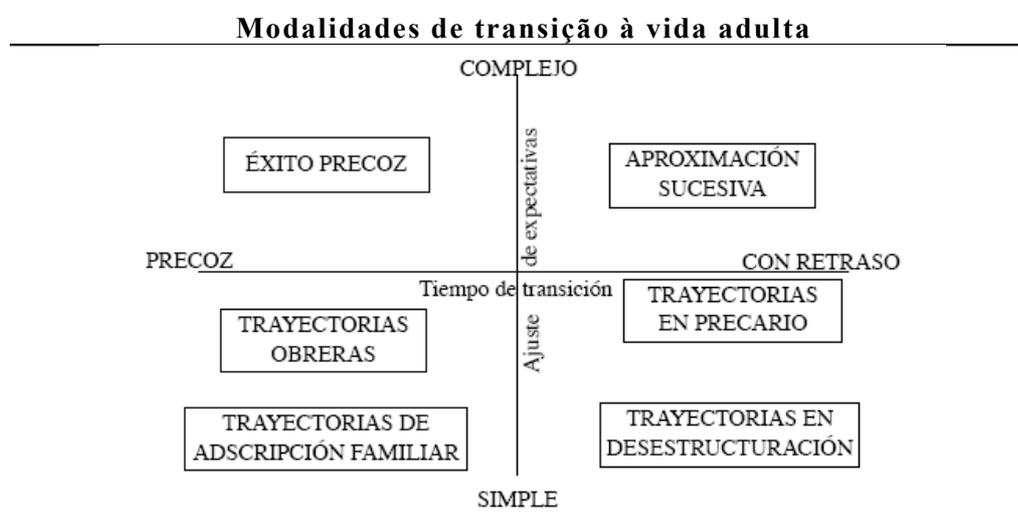
Para isso, os autores tentam organizar a diversidade de itinerários possíveis em uma seqüência “biográfica e longitudinal”. Casal et. al. trabalham a partir de dois pontos de saída (a família de origem e os determinantes sociais), até posições sociais conseguidas na emancipação familiar plena (posições que não consideram terminais, mas propedêuticas ou de continuidade). No esquema abaixo, as flechas horizontais indicam um processo biográfico no tempo, o tempo de “transição”, que possui determinismos sociais, mas não constitui necessariamente um mecanismo linear (por isso as flechas são cortadas, representando as possíveis variações).



Ainda de acordo com este esquema, as *experiências vitais* seriam os impactos na vida dos sujeitos que têm influência no desenvolvimento das suas trajetórias e o acompanham em todo o processo de transição. Geralmente, pertencem ao campo da vida associativa, do ócio, da cultura e vida cidadã e se desenvolvem na relação entre iguais.

Já a *família* e o *contexto social* são vistos como componentes que intervêm ao longo do processo biográfico dos jovens. O contexto familiar seria mais que a posição social de partida, estando presente em toda a trama biográfica. E o contexto social, entendido como “grupo de iguais”, grupos de amizade ou referentes culturais, seria importante por modificar, positiva ou negativamente, as oportunidades e tomadas de decisões.

A partir destes conceitos os autores chegam às “modalidades de transição”, ou seja, formas básicas de construção do futuro por parte dos jovens, de acordo com este outro esquema apresentado abaixo. Um dos eixos vai das inserções mais complexas às mais simples (as primeiras, que demandam esforço pessoal e apontam para posições de êxito laboral; as últimas, que estão num nível muito baixo de titulação escolar e apontam ocupações menos qualificadas). O segundo eixo é definido pela aceleração ou atraso em “conseguir” a emancipação familiar.



Fonte: Casal et. al., 2006, p. 39.

Casal et. al. (2006) chegam assim a seis modalidades de transição:

a) Trajetórias de êxito precoce: itinerários rápidos e diretos para posições profissionais

de êxito e que, ao mesmo tempo, supõem formas precoces de emancipação familiar. Corresponde a profissões com projeção de futuro e emancipação familiar acelerada.

- b) Trajetórias operárias:** inserção rápida no trabalho, por supor pouca qualificação. Está ligada a pautas de emancipação familiar precoce, seja por mobilidade geográfica, seja por nupcialidade precoce.
- c) Trajetórias de adscrição familiar:** um tipo de transição bem ligada à família, que supõe todo o contrário da eleição e só se dá em determinados âmbitos de minorias étnicas segregadas.
- d) Trajetórias de aproximação sucessiva:** itinerários que apontam para uma inserção exitosa e que demanda dos jovens tomadas de decisões e itinerários de formação prolongados, mas também certas demoras ou ajustes às situações de estudo e/ou trabalho e, finalmente, atrasos no mesmo processo de emancipação familiar por razões econômicas ou de estratégia.
- e) Trajetórias de precariedade:** identificam itinerários mais simples em formação e qualificação profissional, e inserção num mercado de trabalho muito precário. Compreende tanto pessoas com pouca formação, como jovens altas titulações, mas que tiveram que se ajustar às baixas e escassas possibilidades de promoção profissional. A precariedade aqui é definida pelo tempo de contrato e a vulnerabilidade no trabalho (risco de demissão e pouca acumulação profissional).
- f) Trajetórias erráticas ou de bloqueio:** são aquelas de jovens que ficam muitos anos fora dos circuitos de formação e de trabalho, quando o desemprego crônico e a baixa ocupabilidade são contínuos ou permanentes.

Com relação ao modo como estas modalidades se apresentam e se comportam na atualidade, os autores afirmam:

Las modalidades de transición, sin embargo, son históricas y cambiantes. En el marco del capitalismo informacional, las modalidades de TVA están sujetas a un proceso de cambio; un cambio en tres sentidos al mismo tiempo: en primer lugar, el receso del éxito precoz y de las trayectorias obreras; en segundo lugar, la aproximación sucesiva adquiere más dominio porque implica a muchos jóvenes (de clases medias pero también de clases populares); en tercer lugar, las trayectorias en precariedad adquieren carácter de emergencia social porque implican también a muchos jóvenes (también de diferentes posiciones sociales), sobretudo ubicados en itinerarios de inserción laboral a la baja y teniendo que diferir las opciones de emancipación familiar. (Casal et. al., 2006, p. 40).

Um outro exemplo tipológico vem de Portugal. A partir de dados de uma pesquisa feita em Lisboa em 1997, Guerreiro e Abrantes (2005) propõem sete padrões diferenciados de

transição para a adultez em seu país. O trabalho se pauta na análise de trajetos e projetos de vida feita a partir de entrevistas individuais e de grupo. A idéia é mostrar, através de uma tipologia, que por um lado, os percursos para a vida adulta “deixaram de corresponder a uma via única idealizada, tornando-se múltiplos e problemáticos”; mas por outro, “permanecem associados a um número finito de padrões, lógicas ou referenciais sociais, não correspondendo a meras escolhas pessoais ou derivas erráticas” (Guerreiro e Abrantes, 2005, p. 167). Passemos aos tipos de transição.

- a) **Transições tradicionais:** caracterizadas pelo investimento quase exclusivo no trabalho nos primeiros anos e pela postergação de projetos familiares ou de lazer para um futuro mais ou menos longínquo. A maioria dos jovens pretende ter família quando tiver estatuto profissional estável, mas pelas incertezas e exigências do mercado de trabalho investem numa transição em dois tempos. Em geral, saem tarde da casa dos pais, num estatuto de semi-dependência.
- b) **Transições lúdicas:** corresponde a um modelo de longo período pós-adolescente para viver a vida de forma descontraída, emocionante e sem grandes preocupações. Supõe longos trajetos escolares e inserções precárias ou temporárias no trabalho, que não implicam em grandes responsabilidades e compromissos. É caracterizada ainda por um estatuto de semi-dependência e permanência tardia na casa dos pais – “liberdades quase ilimitadas e encargos financeiros quase nulos, mas refletindo também dificuldade de obtenção da independência financeira” (p. 168). Trata-se de um modelo minoritário em Portugal, devido a constrangimentos financeiros, sendo quase exclusivamente masculino.
- c) **Transições experimentais:** trata-se do viver sozinho, em coabitação ou com um grupo de amigos. É um modelo valorizado para o período que antecede a parentalidade e nos setores mais escolarizados da população, mas pouco exercido pelo alto preço de habitações e precariedade do mercado de trabalho.
- d) **Transições progressivas:** forma de transição relativamente linear e programada e muito freqüente em Portugal. O percurso da escolarização antecede a inserção profissional, a qual se segue a constituição da família. Modelos progressivos e planejados de transição tendem a ser defendidos, segundo os autores, como estratégia de gestão do risco, dada a insegurança no mercado de trabalho. Para muitos jovens, especialmente os mais empobrecidos, é sinônimo de transição bem-sucedida.
- e) **Transições precoces:** é a passagem rápida e em idade precoce de um estatuto de dependência na casa dos pais ao estatuto de trabalhador, em vida conjugal e muitas

vezes com filhos, desejavelmente, embora nem sempre, em casa própria. É freqüente, sobretudo, entre jovens de classes desfavorecidas, alvos de um maior controle familiar com relação aos seus lazeres, que só cessa com o casamento.

- f) Transições precárias:** ocorre em contextos de reduzidos campos de possibilidades e de opções, e corresponde a percursos de constante (re)adaptação dos jovens aos constrangimentos que lhes são impostos. Fazem parte deste tipo de transição à adultez os “trabalhadores descartáveis” entre a inserção efetiva no mercado de trabalho e a desinserção de longo prazo.
- g) Transições desestruturantes:** é caracterizada pela incapacidade de alguns jovens para a construção de uma transição para a vida adulta e independente, mergulhando na exclusão social, sentimentos de depressão e/ou experiências de marginalidade social. Segundo os autores,

Na transição para a vida adulta, os jovens podem construir biografias intensamente individuais, aproveitando as múltiplas opções que têm ao seu dispor, mas podem também cair em ‘buracos negros’, condições degradantes marcadas pela precariedade, isolamento e ausência de oportunidade. A informalidade e a flexibilidade das diversas instituições (e das formas de transição entre elas) oferecem uma grande liberdade, mas também riscos suplementares sobretudo porque as instituições tendem a delegar aos indivíduos a responsabilidade sobre tudo aquilo que lhes acontece. (Guerreiro e Abrantes, 2005, p. 169).

Padrões de Transição para a Vida Adulta

Padrões de Transição	Origem social	Escolaridade	Integração profissional	Modo de residência	Orientação
Profissional	Diversificada	Elevada	Forte	Em casa dos pais	Trabalho
Lúdica	Classes médias / altas	Elevada / intermediária	Instável	Em casa dos pais	Lazer
Experimental	Classes médias / altas	Elevada	Regular/ instável	Espaços transitórios	<i>Self</i>
Progressiva	Diversificada	Diversificada	Progressiva	Em casa dos pais	Futuro
Precoce	Classes desfavorecidas	Baixa	Instável	Em casa própria	Responsabilidade e familiar
Precária	Classes desfavorecidas	Baixa	Instável	Em casa dos pais	Adaptativa
Desestruturante	Classes desfavorecidas	Baixa/ intermediária	Periférica	Espaços transitórios	Sobrevivência

Fonte: Guerreiro e Abrantes, 2005, p. 170.

Passemos agora a um exemplo brasileiro, a pesquisa feita por Camarano, Mello, Pasinato e Kanso (2004). O diferencial deste trabalho, com relação aos outros, é que ele se apresenta como um modelo interpretativo de dados censitários. Ou seja, não se trata da

organização de dados coletados no âmbito de uma pesquisa direcionada para o entendimento da transição da adultez, mas de uma tentativa explicativa de como se dá esta transição feita a partir de informações coletada pelo Estado. Trata-se de um trabalho demográfico pautado nas Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (PNAD), feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nos anos de 1982 e 2002. Os autores consideraram intervalos etários definidos pelos limites inferior do primeiro quartil e superior do terceiro nas duas datas trabalhadas. Em 1982, isto corresponde às idades entre 15 e 27,5 anos para os homens e 15 e 24,4 anos para as mulheres. Em 2002, as idades inferiores e superiores correspondem a 15 e 29 anos para os homens e 15 e 25,7 anos para as mulheres.

Foram levadas em consideração as pessoas que saíram de casa, sendo “estimadas as combinações possíveis de chefia de domicílio com as variáveis presença de cônjuge, frequência à escola, ocupação, presença de filhos” nos intervalos etários e nas datas definidas (Camarano et. al., 2004, p. 40). Foi possível identificar cinco modalidades de transição, conforme a tabela reproduzida abaixo:

Brasil: Proporção de jovens que fizeram a transição para a vida adulta por condição no domicílio e modalidade, 1982 e 2002

	Tradicional		Escolarização prolongada		Parcial		Emergente		Indefinida		Total
	1982	2002	1982	2002	1982	2002	1982	2002	1982	2002	
Homens chefes	91.4	86.8	4.1	6.5	1.7	2.1	-	0.3	0.2	0.4	100.0
Mulheres cônjuges	4.1	9.3	0.9	0.7	-	-	-	-	-	-	100.0
Mulheres chefes	-	1.9	-	0.7	8.0	5.0	2.0	6.2	-	4.2	100.0

- Dados sem significância

Fonte: IBGE/PNAD de 1982 e 2002, apud Camarano et. al., 2004.

O que significaria cada uma destas modalidades de transição à adultez:

- a) Tradicional:** caracterizada pela chefia com ou sem cônjuge, o término dos estudos e a existência de trabalho, com ou sem filhos residindo no domicílio. Nesta modalidade, a saída da casa dos pais assume um papel definidor. Trata-se da principal forma de transição para a vida adulta para os homens chefes e as mulheres cônjuges nos dois períodos considerados. Apesar de dominante, decresceu nos últimos anos, possivelmente pela ocorrência de novos arranjos familiares.

- b) **Escolarização prolongada:** vivem na presença de cônjuge, possuem trabalho e estudam, tendo ou não filhos residindo no domicílio. É uma modalidade nova, que atende as exigências de qualificação do mercado de trabalho.
- c) **Emergente:** é o tipo mais novo de transição. Caracterizada pela ausência de cônjuge e presença de filhos no domicílio. É exclusividade feminina.
- d) **Parcial:** transição feita por homens entre 15 e 29 anos que haviam saído da casa dos pais em 2002; sem cônjuge, que estudam e trabalham e não têm filhos residindo no domicílio.
- e) **Indefinida:** trata-se de homens chefes, com ou sem filhos, com idade entre 15 e 29 anos, que não estudam nem trabalham. Não é possível saber se estão experimentando uma vulnerabilidade econômica ou se dependem financeiramente das famílias de origem. Podem viver da renda dos pais ou estar em extrema dificuldade de inserção econômica e social.

Camarano et. al. (2004) ainda chamam a atenção para algumas especificidades das transições das mulheres. Acredito que se tratam de observações relevantes para pensarmos os limites interpretativos dos dados disponíveis, e ao mesmo tempo apontar para a necessidade de complementações com pesquisas mais direcionadas para esta temática.

Observa-se, entre as mulheres, que ainda predomina a modalidade tradicional de transição, mas que a escolarização prolongada cresceu nos últimos anos. Eu pergunto-me o quanto a modalidade escolarização prolongada pode guardar de “tradicional” em outros sentido, como por exemplo na divisão sexual do trabalho.

Os autores também chamam a atenção para um novo padrão de arranjo familiar, caracterizado pela presença de mulheres chefes, embora uma minoria de mulheres esteja nesta condição. Aqui, a crítica que podemos fazer é mais direcionada à própria coleta de dados pelos recenseadores do que pela interpretação feita pelos autores. Sabemos que a definição de “chefia” é feita estritamente pelo fator financeiro, sendo considerado chefe aquele que arca com a maior parte do orçamento familiar. Questões como a tomada de decisões com relação à vida doméstica, cuidado com os filhos e o próprio destino do orçamento não são levadas em conta nesta idéia de “chefia”. Temos, assim, limitações para falarmos sobre novos arranjos familiares.

Com relação à modalidade emergente, os autores colocam a ampla margem de interpretação possível. Pode ir desde o padrão tradicional de família, na qual a mãe fica com os filhos após a separação, a um novo padrão, das mulheres que optam por criar seus filhos

sozinhas ou em novas formas de relacionamento.

Todos os modelos tipológicos que vimos até aqui carecem de algo que considero indispensável para o entendimento coerente da transição da juventude à adultez: como os jovens-adultos se vêem enquanto jovens e/ou adultos?

Pais, Cairns e Pappámikail (2005), em artigo no qual exploram dados qualitativos e quantitativos de uma pesquisa levada a cabo no projeto FATE (Famílias e Transições na Europa), esboçam uma análise tipológica das transições da juventude à adultez na Europa. A pesquisa contou com a aplicação de questionários a 1.929 jovens com idades entre 16 e 34 anos (a maioria entre 18 e 23), e com entrevistas em profundidade com 376 jovens e 219 de seus pais; no Reino Unido, Alemanha, Portugal, Espanha, Itália, Holanda, Dinamarca e Bulgária.

Neste trabalho, os autores acrescentaram outros fatores relevantes para o entendimento da transição da juventude à adultez, como o apoio familiar e estatal e a auto-estima dos jovens, além de sempre contar com a auto-identificação dos jovens quanto à sua condição.

Percebeu-se uma expressiva diversidade de experiências, mas com algumas sobre-representações no caso de jovens de alguns países – os italianos e alemães, por exemplo, praticamente integravam grupos tipológicos autônomos. Estes grupos foram assim definidos:

- a) autonomia proporcionada por aculturações sociais (jovens-adultos solteiros, cultos, independentes):** neste grupo há uma sobre-representação de jovens da Holanda (38%), Espanha (26%) e Reino Unido (21%), correspondendo, respectivamente, a 86%, 56% e 44% dos jovens inquiridos em cada um destes países.

Em síntese, o grupo caracteriza-se por uma sobre-representação de jovens-adultos com independência econômica e boas disponibilidades conviviais – alguns deles têm um relacionamento preferencial com namorados(as). São jovens que contam com bom apoio familiar, em termos quer das socializações profissionais, quer das aculturações sociais, e os relacionamentos familiares estão isentos de conflitos explícitos. Os capitais culturais que circulam em ambiente familiar criam-lhes também disponibilidades conviviais. A independência econômica garante-lhes autonomia financeira. Todas as características do grupo (socialização profissional, bom relacionamento convivial, independência econômica etc.) convergem para uma elevada auto-estima e autonomia. (Pais et. al., 2005, pp. 118-9.)

- b) dependência gerada pela tradicionalidade (jovens temerosos, materialistas, dependentes):** grupo constituído por 52% de jovens da Bulgária, 27% de Portugal e 17% da Espanha, o que corresponde a 87% dos jovens búlgaros inquiridos, 75% dos portugueses e 41% dos espanhóis. Trata-se de um grupo fortemente marcado pela dependência econômica, que recorre aos pais mesmo para as despesas triviais da vida

juvenil. A dependência econômica é uma realidade não só do presente, já que os jovens têm expectativas de que seus pais os ajudem no futuro. Os jovens tendem a adotar *estratégias defensivas* para contornar as dificuldades de inserção profissional. Assim, fogem do confronto direto com o mercado de trabalho. Os vínculos da *tradicionalidade* podem ser vistos como geradores de *dependência* – “ameaçados pelo futuro, esses jovens se refugiam na *família*, temerosos em relação ao *desemprego*” (p. 120). Há potencial conflito entre a socialização pré-moderna da família (*transmissões verticais*) e dos amigos (*transmissões horizontais*): por um lado, há a necessidade de dinheiro para os consumos típicos da juventude contemporânea, por outro lado, a dependência econômica da família pode desencadear tensões a propósito do uso do dinheiro. Estas tensões não correspondem necessariamente a uma negação dos valores herdados dos pais. Por exemplo, os valores materialistas defendidos pela geração paternal ficam inculcados nos jovens, que tendem a valorizar um trabalho que, sobretudo, lhes dê dinheiro. O investimento em educação aparece como estratégia familiar para enfrentar o desemprego e galgar mobilidade social.

- c) independência precoce mas condicionada (jovens vivendo como casais, pós modernos, entravados):** compreende a quase totalidade dos jovens dinamarqueses inquiridos (84%) e quase metade dos britânicos (43%). A característica principal é a independência econômica – mesmo as despesas com a casa são pagas majoritariamente com dinheiro próprio. Muitos jovens, aliás, já abandonaram a casa dos pais.

Em síntese, diríamos que os jovens desse grupo possuem uma *independência precoce mas condicionada*. Boa parte deles vivendo como casais e com tendência a abandonar cedo a casa dos pais – dos quais não têm grande apoio –, gozam de amplas margens de autonomia. No entanto, trata-se de uma *autonomia precária*, que os obriga a recorrer a subsídios estatais para melhorar sua formação profissional (muitos deles já trabalharam) e agilizar uma melhor colocação no mercado de trabalho. Alinham-se em posições ‘*pós-materialistas*’ em relação ao trabalho e ao emprego, uma vez que consideram que ‘uma pessoa consegue realizar-se na vida mesmo sem um emprego’ e que os desempregados devem ser considerados cidadãos como quaisquer outros. (Pais et. al., 2005, p. 123.)

- d) ancoragem tensa à família de origem (jovens dependentes, controlados, acomodados):** grupo exclusivo dos jovens italianos (97% dos inquiridos). São todos solteiros e sem filhos, e a maioria ainda vive na casa dos pais (o que em parte se explica pelo fato dos jovens abordados terem predominantemente entre 17 e 20 anos de idade). Economicamente, são dependentes, e 96% dos jovens dizem não contribuir monetariamente com seus pais. São jovens *ancorados à família de origem*, com

tendência a *prolongar a estadia na casa dos pais*, e que vivem sob rígido controle parental.

Estamos seguramente perante jovens que transitam entre dois mundos: o dos pais, marcado por valores de tradicionalidade, e o dos amigos, orientado por valores hedonistas. Os primeiros são tomados como referência quando os jovens encaram sua vida profissional: aí se retraem, se mostram céticos em relação à escola, temerosos em relação ao emprego, materialistas nas atitudes perante o trabalho e o emprego. A tendência que então surge é a de se refugiarem na família: embora controlados, acomodam-se à dependência, vivendo sob uma espécie de protecionismo familiar. Apesar dos conflitos, os pais financiam os consumos e, em casa, eles contam sempre com a mãe para o desempenho das tarefas domésticas, nas quais pouco colaboram. (p. 125).

e) “ética de trabalho” libertadora (jovens coabitantes, independentes, confiantes):

98% dos jovens deste grupo são da Alemanha. Um elevado número de jovens se consideram estar em regime de coabitação – o que pode apontar para uma forma de interpretação da questão “qual a sua situação conjugal?”, que trazia as opções: solteiro(a), casado(a), vivo com companheiro(a) ou divorciado/separado(a). A coabitação parece significar a relação intermediária entre a vida de solteiro e a de casado, e pode corresponder aos casos de coabitação esporádica ou eventual. Como poucos trabalham em tempo integral, a maioria dos jovens vive com subsídios de formação, bolsas de estudo e outros subsídios estatais. Enfim, estes jovens

encontram-se orientados por uma ‘ética de trabalho’ fortemente associada à valorização da independência. Os pais contribuíram para a formação desse ideário de vida, dada a sobre-representação dos que apostam na formação profissional. Eles próprios acreditam que as qualificações são determinantes na obtenção de emprego. Têm bons relacionamentos familiares e sociais, tudo convergindo para a auto-estima, a confiança, o desenvolvimento de um sentimento de liberdade (p. 128).

Este último modelo tipológico nos parece mais atraente por trazer elementos para além dos eventos de transição – como as éticas relacionadas ao trabalho e à vida familiar. É neste sentido que Pimenta (2007) acaba por sugerir uma classificação das diversas formas de transição à adultez em sua pesquisa em São Paulo. Embora a autora questione outros estudos que sugiram “tipologias que tendam a normativizar as trajetórias pessoais, distinguindo as que se aproximam de um modelo considerado 'normal' ou dominante e as que são 'desviantes' em relação a ele” (p. 91) – já que o que é considerado desviante ou mal sucedido por um agente de política pública pode não ser percebido desta forma pelos jovens – ela chega a um modelo classificatório não muito distante. Pimenta (2007) fala em três transições:

uma mais “lenta”, associada às camadas mais privilegiadas da pirâmide social, outra mais “precoce”, associada aos segmentos menos favorecidos e uma terceira “errática”, em que o processo de transição apresenta “reversões” de algumas etapas, como por exemplo, o abandono dos estudos, o desemprego e a volta ao lar familiar após o divórcio (p. 16).

O que parece-me passível de discussão, longe do rigor na coleta dos dados ou da interpretação – feita bem de acordo com o referencial teórico da autora, assim como todos os outros autores citados anteriormente – são alguns pressupostos que norteiam estas análises. Por mais que se trabalhe com as trajetórias dos indivíduos “em transição” à adultez, suas “representações” e “identidades”, parece haver, por parte destes pesquisadores, uma definição *a priori* sobre o que seja a *juventude* e a *adultez* e os *eventos* que precisariam ser realizados para que se transitasse de uma para outra fase da vida. De que outra maneira poder-se-ia medir a lentidão, precocidade ou erraticidade destas transições do que em termos mais ou menos cronológicos? Com Fortes (1984), poderíamos pensar que é o olhar do pesquisador, ávido por identificar eventos para cronologizá-los, que dá o contorno a estas proposições.

Não tendo trabalhado nem com amostras nem com categorias analíticas que permitissem ou priorizassem alguma forma de categorização das experiências, penso na possível contribuição destas tipologias numa pesquisa mais ampla, envolvendo a comparação entre diferentes regiões do Brasil. Tenho subsídios para acreditar, dada a diversidade de experiências encontradas a minha volta, numa mesma cidade, que os sentidos e as formas de assunção da adultez possam se mostrar ainda mais plurais ao nos voltarmos também para cidades de outras regiões do país, cidades pequenas, contextos rurais, comunidades tradicionais etc. Assim, pode ser útil, ao se trabalhar com contextos muitos plurais, pensar em formas de categorização que organizem as leituras e conduzam a outros estudos mais detalhados.

Neste momento, preferi trazer a diversidade de experiências da assunção da adultez sem tentar classificá-las. A idéia foi mostrar como a própria diversidade já é, por si só, um grande desafio para sua leitura, ao mesmo tempo em que pode sugerir-nos dimensões importantes de serem observadas numa Antropologia das Idades da Vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese nasceu da inquietação de alguém que percebia a sua própria transição à adultez como “uma roubada” e se indagava de que forma outras pessoas com a mesma idade vivenciavam este momento de suas vidas; e foi construída à medida que algumas inquietações foram sendo resolvidas e o próprio curso da vida foi tomando novos sentidos. Não seria exagero dizer que se a vida dos interlocutores mudou nestes quatro anos e meio, a minha própria está longe de ser a mesma.

A construção do problema de pesquisa foi marcada por uma série de inquietações de quem não conseguia se sentir contemplada com olhares que vinham sendo dados à chamada Transição à Vida Adulta. O ranço adultocêntrico de muitos destes olhares parecia criar modelos explicativos muito distantes da experiência de quem passa a se perceber como adulto na contemporaneidade.

O contato com os interlocutores aqueceu algumas destas inquietações. Como noções como *responsabilidade* ou a própria *juventude* e *adultez* podiam ser tomadas como sendo tão unívocas? Como o momento de decoabitação, por exemplo, podia servir de medida para a definição de uma Transição à Vida Adulta?

A importância dada neste trabalho para as concepções de cada interlocutor (não é por acaso ou displicência que eles não sejam numerosos) e a minha própria experiência e condição etária, se refletem no tipo de etnografia que eu construí. Desde o início da escrita, fiz a escolha deliberada por não me anular ou esconder na narrativa que eu iria construir. Mais do que uma opção estilística, isto tinha ligação com uma proposição epistemológica que julgo muito importante: se as idades da vida são relacionais, há de se assumi-las desta forma teórica e metodologicamente. Minha idade esteve presente na proposta de tese com que entrei no Doutorado, nas leituras da bibliografia sobre a TVA, no trabalho de campo, no que aprendi com meus interlocutores e nas observações que tirei disso tudo. E por que não dizer: talvez esta tese acabe por representar, de alguma forma, um evento importante na minha assunção definitiva da adultez, ao lado de tantos outros eventos que atravessei nestes últimos quatro

anos de vida.

Respondendo um pouco às expectativas de um tópico com o título Considerações Finais, talvez esta seja minha primeira contribuição para uma Antropologia das Idades da Vida. Não que seja em todo inovadora, mas por eu ter tentado ir a fundo nesta empreitada, por acreditar profundamente nela. E nos aspectos que parecem-me merecedores de maior atenção do que consegui dispensar nesta tese, certamente em trabalhos futuros levarei comigo a certeza de que em cada experiência de pesquisa será uma nova pesquisadora (que ao mesmo tempo é a mesma, talvez com uma bagagem mais volumosa nos ombros) que encontrará com novos interlocutores, em novas relações¹³².

No contato com a geração parental, fui apresentada a uma época cujo contexto econômico, os valores relacionados à família e a transição ao trabalho colocavam questões diferentes para aqueles que se tornavam adultos. Talvez o mundo lhes parecesse mais “simples”, embora seus desafios não fossem menores ou mais simplificados.

Os filhos dessa classe média tiveram acesso muito mais “fácil” ao que poderíamos pensar como “preparação” para a vida adulta (pelo menos alguns aspectos mais formais que poderiam ser vistos desta forma): acesso à educação prolongada, referências mais consolidadas de experiências no mundo do trabalho (notadamente com pai e mãe inseridos no mercado de trabalho), facilidades de se deslocar no espaço, acesso à informação, relações familiares e expectativas quanto à formação de novas parentalidades mais flexíveis.

No entanto, o mundo a sua volta parece exigir-lhes cada vez mais estar conectado, bem preparado, dominando uma série de qualificações, embora ofereça-lhes em troca muito menos segurança e estabilidade. Tanto as condições de classe de suas famílias (e seus estilos de vida), quanto as características do mundo contemporâneo lhes colocam ainda novas *necessidades*. Se o mundo, na época de seus pais, era mais simples, eles também podiam e se submetiam a viver de forma mais simples.

Já com os jovens de contextos menos favorecidos socialmente, este mesmo mundo mais complicado parece ser ainda mais cruel. É preciso “encará-lo” e não se tem as mesmas ferramentas disponíveis às camadas médias. As necessidades acabam sendo, também, mais próximas de suas experiências; mas não os sonhos, como o de ser juíza ou morar no interior e

¹³² Nas palavras de Pais “os cursos de vida são caminhadas nas quais os caminhos percorridos, conforme são percorridos, se vão enrolando sobre si mesmos, carregando-se nos dorsos dos caminhantes – de caminhos transformam-se em bagagens, em capital adquirido. O passado (tempo histórico) não é ‘passado’ simplesmente porque não esteja já no presente – essa seria uma denominação extrínseca –, mas porque se reporta a um determinado conjunto de acontecimentos que passaram a um indivíduo e que este ‘carrega’ no seu presente” (Pais, 1993, pp. 57-8).

sentir o vento frio no rosto ao amanhecer.

Para todos eles, parece haver tantas opções à escolha, quanto é mais intensa e urgente a necessidade de escolher. Construir a própria trajetória é assim um processo de múltiplas possibilidades e incertezas ainda mais múltiplas.

Para além destes contextos e condições que permeiam a assunção da adultez, colocando-lhe diferentes dilemas, possibilidades e expectativas, cada indivíduo com quem dialoguei trouxe-me a sua maneira particular de se perceber no processo da vida, ou de narrar formas nem tão particulares assim. Daí foi que tomei contato com reflexões sobre a diferença entre construir sua trajetória estando pautado na “necessidade” ou na “possibilidade de escolha”; a idéia de maturidade como algo que se adquire com as experiências; com o sentido das experiências sendo dado pela possibilidade e necessidade de compartilhá-las com outras pessoas; com a idéia de que ser adulto, mais do que ter responsabilidade (o que podemos ter em todas as idades) é saber agir de forma responsável, conseguir arcar com elas, saber ver a vida da forma como ela *realmente é*. E que a medida da responsabilidade de cada um não deixa de ser, de certa forma, a medida de sua “ambição”, por exemplo: ter privacidade e liberdade, ou se fortalecer para conseguir mais estabilidade?

Também descobri que talvez seja tão difícil identificar o período de transição à adultez porque toda a vida é transitória, sempre se está mudando, acrescentando coisas, aprendendo. E neste processo, talvez ser jovem ou adulto não sejam coisas contraditórias nem sucessivas. Cada indivíduo parece ter em si muito do que tem sido pensado como sendo próprio da juventude e da adultez, de maturidade e de imaturidade. A idade, assim, parece extrapolar o sentido de estágio da vida e se aproximar de percepção e postura diante o mundo, idéias sobre qualidade de vida e tantas outras dimensões que não deixam de ter relação com o número de anos vividos, mas que não se restringem a isso.

Todas estas idéias colocam-nos desafios teóricos: qual a importância e o papel da idade na nossa sociedade? Como abordá-la quando ela parece ter tantas dimensões? Que pensar de períodos de “transição” quando a própria distinção entre diferentes idades parece se diluir?

A idade é o campo dos paradoxos – e talvez a sua Antropologia esteja mesmo fadada à ambigüidade, o que não é de todo ruim. A idade calendária, referência para a institucionalização dos indivíduos pelo Estado, parece perder bastante de seu significado social; no entanto, não deixa de ser uma informação que todos levaremos conosco e sobre a qual temos pouco poder (o local e a data de nascimento são informações que jamais poderemos mudar, a menos que usemos documentos falsos) (Peatrik, 2003). Paralelo ao

apagamento das diferenças marcantes entre diferentes idades enquanto fases da vida, vimos a criação de novas idades em diversos meios. Teoricamente, tenta-se compreender as novas formas de Transição à Vida Adulta, antes mesmo que se pergunte: o que significa ser adulto? E a adulez, a idade legítima e legitimadora, o lugar de onde se tem observado as outras idades, se apresenta como problemática. Não seriam os olhares que precisariam ser redimensionados?

Acredito que a principal contribuição desta tese, tanto para o entendimento dos sentidos e da assunção da adulez, como para uma Antropologia das Idades da Vida, seja chamar a atenção para alguns pressupostos que vêm direcionando olhares sobre as idades, tentando colocar dúvidas a respeito deles. Tentei apontar que noções como a de transição podem ainda ter algum sentido, desde que observemos alguns redirecionamentos. Falar em transição faz sentido já que se têm noções, por exemplo, sobre juventude e adulez, e os indivíduos se identificam como sendo jovens, adultos ou ambas as coisas. Mas se a adulez é mais do que a idade que sucede a juventude, e esta é mais do que a idade que antecede aquela, a transição não é estritamente uma ponte que liga dois mundos separados. Mais do que um entre-período da vida, a transição é um conceito para se pensar o curso da vida.

Um outro pressuposto que parece nortear muitos estudos é o de que a adulez é o corolário de expectativas e planos dos jovens. Os indivíduos teriam projetos de adulez, realizando-os de modo mais ou menos satisfatório. E o papel do olhar “científico” sobre esta fase seria, ou encerraria, a classificação das experiências numa espécie de *dégradé* que vai da frustração à realização. Parece-me que os indivíduos têm projetos de vida, e que talvez o que mude nestes projetos, além das chances de pensá-los de forma mais factível a partir do acúmulo de experiências, seja a sensação do impacto que eles terão no resto de suas vidas. Perceber-se como adulto é, assim, perceber-se fazendo escolhas que terão um grande impacto no curso da vida, antes de perceber-se efetivando algum projeto de adulez.

Há ainda uma confusão nos estudos sobre a Transição à Vida Adulta, entre características deste processo e modelos explicativos dele. Isto ocorre especialmente com a noção de responsabilidade, onde percebemos que algumas tipologias acabam por colocar a sua assunção a partir de alguns eventos e ao mesmo tempo tomá-la como medida de emancipação. Assim, sair da casa dos pais é tido como sinônimo de assunção de responsabilidade domiciliar, que acaba sendo parâmetro para se pensar a data de entrada na vida adulta. Não é difícil de imaginar que a coabitação parental pode pressupor uma série de responsabilidades, da mesma forma que sair da casa dos pais pode significar não assumi-las integralmente. Para uma Antropologia das Idades da Vida resta ainda pensar sobre qual o

impacto que eventos como este e as expectativas em seu entorno têm na forma como os indivíduos se percebem com relação à idade (a velha busca das motivações dos sujeitos e das categorias nativas).

Acredito também que, para além de certas desconstruções, esta tese vem somar com outras tentativas de entendimento da assunção à adultez. Principalmente por não trazer considerações que se proponham definitivas, será o diálogo com outros olhares que contribuirá para observarmos com mais clareza os sentidos e a assunção da adultez. Durante o trabalho, pontuei uma série de aspectos merecedores de um olhar mais atento. Futuras pesquisas em contextos transculturais poderão ser um grande passo neste sentido. Se este é um exercício importante para o entendimento deste recorte do curso da vida que me propus a tratar aqui, para o edifício de uma Antropologia das Idades da Vida ele é primordial.

Para a consolidação deste campo, ainda temos que superar certas estratificações que nos fazem caminhar na direção de uma Antropologia da Criança, outra da Juventude, outra da Velhice e talvez mais recentemente uma Antropologia da Adultez. Não que não existam especificidades nestas vivências e nas metodologias e teorias para pensá-las, mas o exercício de se pensar as idades da vida no curso da vida parece-me especialmente esclarecedor. Principalmente porque podemos ter mais clareza tanto do aspecto relacional, quanto das dimensões ideológicas sobre idade e das idéias a seu respeito. E também porque há quem acredite que uma idade seja um objeto que escorra por entre os dedos¹³³.

Ocorre-me que é possível que este tipo de estratificação entre os estudos de diferentes idades diga respeito ao fato de que boa parte destes estudos não estejam refletindo realmente sobre *idade*. Pensa-se a respeito de formas de sociabilidade e associações, em transgressões ou movimentos próprios de pessoas em diferentes pontos do curso da vida, mas não necessariamente sobre como estes aspectos são, ou não, relacionados com as condições etárias destes sujeitos e com a forma como eles se percebem com relação à idade. O exercício que tentei fazer foi pensar em algumas questões neste sentido. A idéia foi, antes de responder de que forma os jovens de Recife transitam à adultez, levantar algumas questões em torno deste processo.

Quero acreditar que consegui chegar a algumas pistas instigantes e deixar um texto que conta muitas histórias, a minha inclusive. Histórias tão inconclusas e em construção quanto a Antropologia que tenta lê-las.

¹³³ Para Peatrik (2003), a idéia que podemos apreender uma idade, não apenas como um segmento, mas no encadeamento das idades da vida e dos modelos sócio-ontológicos que os sustentam, ou seja, que o efeito do tempo e de suas concepções sobre a biografia dos indivíduos sejam uma linha de pesquisa, parece irrealista tanto quanto o objeto parece se esconder.

REFERÊNCIAS

AAPOLA, Sinikka. Exploring Dimensions of age in young people's lives: a discourse analytical approach. **Time & Society**, vol. 11, n.º. 2/3, 2002.

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, número especial: Juventude e contemporaneidade. ANPED, n.º. 5-6, maio a dezembro, 1997.

_____. **Cenas Juvenis**. São Paulo: Scritta/ANPOCS, 1994.

ALPÍZAR, Lydia e BERNAL, Marina. La construcción social de las juventudes. In: **Última Década**, n.º. 19, CIPDA Viña Del Mar, nov. 2003.

ALVIM, Rosilene. Olhares sobre a juventude. NOVAES, R.; PORTO, M.; HENRIQUES, R. Juventude, cultura e cidadania. **Comunicações do ISER**. Ano 21. Edição Especial, 2002.

AMIT-TALAI, Vered. Conclusion: the 'multi' cultural of youth. In: AMIT-TALAI, Vered e WULFF, Helena (eds.). **Youth cultures: a cross-cultural perspective**. London and New York, Routledge, 1995.

AMORIM, Nadia Fernanda Maia de. **Mulher solteira: do estigma à construção de uma nova identidade**. Tese de doutorado. Maceió: EDUFAL, 1992.

ARIÈS, P. **História Social da criança e da família**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BALANDIER, Georges. **Antropo-lógicas**. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.

BARROS, Myrian Lins de. **Autoridade & Afeto: avós, filhos e netos na família brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

BASSIT, Ana Zahira. O curso da vida como perspectiva de análise do envelhecimento na pós-modernidade. In: DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, Donna M. (org.) **Políticas do corpo e o curso da vida**. São Paulo: Editora Sumaré, 2000.

BATESON, Mary Catherine. **Full circles, overlapping lives: culture and generation in transition**. New York: Random House, 2000.

_____. **With a daughter's eye: a memoir of Margaret Mead and Gregory Bateson**. Nova Iorque: Harper Perennial, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

BERGER, Bennett M. Générations, politique, culture. Les années soixante américaines. In: L'HOMME ET LA SOCIÉTÉ – Revue Internationale de recherches et de synthèses en sciences sociales. **Générations et mémoires**. L'Harmattan, nº 111-112, janvier-juin, 1994.

BERMUDEZ Q., Suzy. Es posible seguir interpretando y construyendo la historia Del hombre o de los hombres? Reflexiones en torno a tres limitaciones existentes: el género, la etnia y la edad. In: **Hijas, esposas y amantes: género, classe, etnia y edade en la historia de américa Latina**. Santafé de Bogotá, Colómbia: Ediciones Uniandes: 1992.

BERTAUX, Daniel. **Les récits de vie**. Paris, Ed. Nathan, 1997.

BILAC, Elisabete Dória. Família: algumas inquietações. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). **A Família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC – Editora da PUC-SP, 1997.

BONTEMS, Claude (dir.). **Mariage-Mariages**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (orgs.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.

_____. Classificação, desclassificação, reclassificação. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.) **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998b.

_____. As contradições da herança. In: LINS, Daniel S. (org.) **Cultura e subjetividade: saberes nômades**. Campinas: Papyrus, 1997.

_____. A juventude é apenas uma palavra. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.

BOUTINET, Jean-Pierre. Maturité(s) et immaturité(s) adultes: du singulier générique au pluriel spécifique. **Carriéologie Revue Francophone International**, 2001.

BRANDÃO, Elaine R.; HEILBORN, Maria Luiza; AQUINO, Estela; KNAUTH, Daniela; BOZON, Michel. Juventude e família: reflexões preliminares sobre a gravidez na adolescência em camadas médias urbanas. Interseções. **Revista de Estudos Interdisciplinares**. UERJ, RJ, ano 3, n. 2, pp.159-180, jul./dez. 2001

BRANDÃO, Elaine Reis. Iniciação sexual e afetiva: exercício de autonomia juvenil. In: HEILBORN, Maria Luiza (org.) **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

_____. **Individualização e vínculo familiar em camadas médias: um olhar através da gravidez na adolescência**. Tese de Doutorado em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social da UERJ. Rio de Janeiro: UERJ, 2003.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Gênero e Geração: de articulação fundante a ‘mistura indigesta’”. Trabalho apresentado no **VI Simpósio Baiano de Pesquisadora (es) sobre mulheres e relações de gênero**. 2000.

_____. Gênero, família e fases do ciclo de vida. **Caderno CRH**. N. 29, jul./dez. 1998 – Dossiê Gênero e Família.

CAMARANO, Ana Amélia (org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro, IPEA, 2006.

CAMARANO, Ana Amélia; MELLO, Juliana Leitão e.; PASINATO, Maria Tereza; KANSO, Solange. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. In: **Última Década**, nº. 21, CIPDA Valparaíso. Dez. 2004, pp. 11-50.

CASAL, Joaquim; GARCIA, Maribel; MERINO, Rafael; QUESADA, Miguel. Aportaciones teóricas y metodológicas a la sociología de la juventud desde la perspectiva de la transición. **Papers** 79, 2006.

CASTRO, Lucia Rabello (org.) **Crianças e jovens na construção da cultura**. Rio de Janeiro: NAU Editora/FAPERJ, 2001.

CHAMBOREDON, Jean-Claude. Adolescence et port-adolescence: la «juvénisation». In: **Adolescence terminée, adolescence interminable**. Paris: PUF, 1985.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Narrative Inquiry**: experience and story in qualitative research. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

CLARKE, John; HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony; ROBERTS, Brian. Subcultures, cultures and class. In: HALL, Stuart e JEFFERSON, Tony (eds.). **Resistance through rituals**: youth subcultures in post-war Britain. London: Routledge, 1996.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

COMMAILLE, Jacques; DE SINGLY, François (dir.) **La question familiale en Europe**. Paris/Montréal: L’Harmattan, 1997.

DAMATTA, Roberto. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. **Revista Mana**, 6(1):7-29, 2000.

DÁVILA LEÓN, Oscar. Biografías y trayectorias juveniles. In: **Ultima Decada**, nº 17, CIPDA Viña del Mar, Set. 2002.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. 1ª ed., 1ª reimp. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, FAPESP, 2004.

_____. A cultura adulta e juventude como valor. Trabalho apresentado no ST13 – Imagens da Modernidade: mídia, consumo e relações de poder. **XXVIII Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu: ANPOCS, 2004b. CD-ROM.

_____. (org.). **Cadernos Pagu**: gênero em gerações. 13(1999). Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero.

_____. (org.). **Antropologia e Velhice**. 2ª Edição. Textos Didáticos nº. 13. Campinas, janeiro de 1994.

_____; GOLDSTEIN, Donna M. (org.) **Políticas do corpo e o curso da vida**. São Paulo: Editora Sumaré, 2000.

DEL VALLE, Teresa (ed.) **Gendered anthropology**. London and New York: Routledge, 1993.

DOMINGUES, José Maurício. Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. **Tempo Social**; Revista de Sociologia da USP. São Paulo, 14 (1): 67-89, maio de 2002.

DUBEUX, Carolina. **Quando o assunto é sexo: um estudo geracional a respeito da transmissão de valores sobre sexualidades em famílias de camadas médias**. Dissertação de Mestrado. Recife: PPGA, UFPE, 1998.

EISENSTADT, S. N. **De geração à geração**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.

ESPRIT. **Divorce**: idéal du consentement ou peur du conflit? N° 7, juillet 2004.

_____. **Fins de vie**: un temps pour quoi? N°. 1, Janvier 2003.

ESTEVEVES, António Joaquim. **Jovens e idosos**: família, escola e trabalho. Porto: Ed. Afrontamento, 1995.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

_____. **Discurso e mudança social**. Brasília: Ed. UnB, [1992] 2001.

FEATHERSTONE, Mike. O curso da vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento. Tradução de Deborah Stuchi. In: **Textos Didáticos**, IFCH/Unicamp, 1(13):31-48, mar. 1994.

FEATHERSTONE, Mike; HEPWORTH, Mike. Envelhecimento, tecnologia e o curso da vida incorporado. In: DEBERT, Guíta Grin; GOLDSTEIN, Donna M. (org.) **Políticas do corpo e o curso da vida**. São Paulo: Editora Sumaré, 2000.

FEINBERG, Richard. Introduction: Schneider's cultural analysis of kinship and its implications for anthropological relativism. In: FEINBERG e OTTENHEIMER. **The cultural analyses of kinship**. University of Illinois Press, 2001 (disponível em <http://www.press.uillinois.edu/epub/books/feinberg/intro.html>; acessado em 22/01/2006).

FEIXA, Carlos. **El Reloj de Arena**: culturas juveniles em México. México: Causa Jovem/Centro de Investigación y Estudios sobre Juventud, 1998.

_____. Antropología de las edades. In: **Cholonautas** – Biblioteca Virtual de Ciencias

Sociales, 1996. Disponível em <www.cholonautas.edu.pe>.

FIELDS, A. Belden. Aperçus du problème de générations: Mentré, Ortega et Mannheim. L'HOMME ET LA SOCIÉTÉ – Revue Internationale de recherches et de synthèses en sciences sociales. **Génération et mémoires**. L'Harmattan, n° 111-112, janvier-juin, 1994.

FIUZA, César. **Direito civil**: curso completo. 6ª Edição, rev. atual. e ampl. de acordo com o Código Civil de 2002. Belo Horizonte: Del Rey, 2003.

FONSECA, Claudia. A certeza que pariu a dúvida: paternidade e DNA. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 12(2): 13-34, maio-agosto/2004.

_____. De afinidades a coalizões: uma reflexão sobre a “transpolinização” entre gênero e parentesco em décadas recentes da antropologia. In: **Ilha**, Rev. De Antropologia. Florianópolis, vol. 5, n°. 2, dez. 2003.

FORTES, Meyer. Age, generation and social structure. In: KEITH, Jennie; KERTZER, David I. **Age and Anthropological Theory**. London: Cornell University Press, 1984.

_____. Introduction. In: GOODY, Jack. (org.) **The developmental cycle in domestic groups**. Cambridge: Cambridge University Press, [1958] 1971.

FOX, Robin. **Kinship and marriage**. An anthropological perspective. Penguin Books/Harmondsworth, [1967] 1976.

FRAGA, Alex Branco. **Corpo, identidade e bom-mocismo**: cotidiano de uma adolescência bem-comportada. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FRANCH GUTIERREZ, Mônica Lourdes. **Tardes ao léu**: um ensaio etnográfico sobre o tempo livre entre jovens de periferia. Dissertação de Mestrado em Antropologia. UFPE, Recife, 2000.

FRANKLIN, Sarah. Re-thinking nature-culture: anthropology and the new genetics. In: **Anthropological Theory**, vol. 3(1):65-85, 2003.

FRITH, Simon. Critiques of Sub-Cultural Theory. In: **The Sociology of Youth**. Londres, Causeway Press Ltd., 1984. Pp. 49-58.

_____. **Sound Effects**: Youth, Leisure and the Politics of Rock n'Roll. New York, Pantheon Books, 1981.

FURLONG, Andy; CARTEL, Fred; BIGGART, Andy. Choice biographies and transitional linearity: re-conceptualising modern youth transitions. **Papers** 79. 2006.

GALLAND, Olivier. **Devenir adulte est plus compliqué pour les jeunes d'aujourd'hui**. Entrevista disponível em: www.diplomatie.gouv.fr/label_france/51/fr/01.html. Acessada em: 26/04/2005, 14h33min.

_____. Adolescence et post-adolescence: la prolongation de la jeunesse. In: MAUGER. G.,

BENDIT, R., et WOLFFERSDORFF, C. **Jeunesses et sociétés**: perspectives de la recherche en France et en Allemagne. Paris: Armand Colin, 1994.

_____. **Sociologie de la jeunesse**: l'entrée dans la vie. Paris: Armand Colin, 1991.

GARBER, Jenny e MCROBBIE, Angela. Girls and subcultures. In: HALL, Stuart e JEFFERSON, Tony (eds.). **Resistance through rituals**: youth subcultures in post-war Britain. London: Routledge, 1996.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1992.

GIL CALVO, Enrique. Emancipación tardía y estrategia familiar (el caso de los hijos que ni se casan ni se van de casa). **Estudios de Juventud**, n.º. 58/02, 2002.

GOLDSTEIN, Donna M. Por que os homens não envelhecem? Violência, morte, conversão religiosa e a vida cotidiana nas favelas do Rio de Janeiro. In: DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, Donna M. (org.) **Políticas do corpo e o curso da vida**. São Paulo: Editora Sumaré, 2000.

GOODY, Jack. (org.) **The developmental cycle in domestic groups**. Cambridge: Cambridge University Press, [1958] 1971.

GOW, Peter. O parentesco como consciência humana: o caso dos piro. In: **Mana** 3(2):39-65, 1997.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GUERREIRO, Maria das Dores; ABRANTES, Pedro. Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada. **RBCS**, vol. 20 n.º 58, jun. 2005.

GULLESTAD, Marianne; SEGALLEN, Martine (dir.) **La famille en Europe**: parenté et perpetuations familiales. Paris: Éd. La Découverte, 1995.

HALL, Stuart e JEFFERSON, Tony (eds.). **Resistance through rituals**: youth subcultures in post-war Britain. London: Routledge, 1996.

HAREVEN, Tamara. Novas imagens de envelhecimento e a construção social do curso da vida. In: **Cadernos Pagu**, (13)1999: pp. 11-35. (Dossiê Curso da vida adulta e gerações).

HEILBORN, Maria Luiza (org.) **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

HEILBORN, Maria Luiza. A costela de Adão revisitada: gênero e hierarquia. **XVIII Reunião Anual da ABA**. Belo Horizonte, 1992.

HEILBORN, Maria Luiza. Sobre sexualidade, gênero, corpo e juventude”. In: BRUSCHINI, Cristina e UNBEHAUM, Sandra G. (orgs.) **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: FCC; Ed. 34, 2002.

HOWELL, Signe e MELHUUS, Marit. The study of kinship; the study of person; a study of gender? In: DEL VALLE, Teresa (ed.) **Gendeered anthropology**. London and New York: Routledge, 1993.

IACUB, Marcela; MANIGLIER, Patrice (dir.). **Famille en scènes**: bousculée, réinventée, toujours inattendue. Paris: Éditions Autrement – Collection Mutations, n° 220, 2003.

JEFFREY, Craig; MCDOWELL, Linda. Youth en a comparative perspective: global change, local lives. In: **Youth & Society**, vol. 36, n° 2, dez. 2004.

JELÍN, Elizabeth. Las Familias en América Latina. In: **ISIS Internacional**, Ediciones de Las Mujeres, n° 20, 1994.

JOHNSON-HANKS, Jennifer. On the limits of life stages in ethnography: toward a theory of vital conjunctures. **American Anthropologist**, 104 (3): 865-880, 2002.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (orgs.) **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Ed. Fund. Perseu Abramo, 2004, pp.89-114.

KEITH, Jennie; KERTZER, David I. **Age and Anthropological Theory**. London: Cornell Universtisy Press, 1984.

KEITH, Jennie. “The best is yet to be”: toward an Anthropology of Age. In: **Annual Review of Anthropology**. 9: 339-64, 1980.

KILEY, Dan. **Síndrome de Peter Pan**. São Paulo: Melhoramentos, 1987.

LAGO-FALCÃO, Tânia M. **Dor sofrimento, dor encantamento**: retratos de vidas – ser viúva em camadas médias pernambucanas. Recife: PPGA, UPFE, 2003.

LANGÉVIN, Annette. **Les delimitatios sociales du temps de vie**: le parcours de la categorie d’âge adolescent/jeune/adulte. Mimeo.

_____. A construção social das idades: mulheres adultas de hoje e velhas de amanhã. **Caderno CRH**. N. 29, jul./dez. 1998 – Dossiê Gênero e Família.

_____. Temporalités et rapports sociaux. GEDISST: **Journée d’études**, 14 juin 1990, mimeo,

_____. Rithmes sociaux et reinterpetation individuelle dans le parcours de vie. **Les anales de Vaucresson**, 1/1987, n° 26, s/d., mimeo.

_____. Rapports aux temps sociaux et division sexuée. **Cahiers du Gedisst**. IRESO: CNRS, n° 3, s./d.

LECCARDI, Carmen. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. Tradução de Norberto Luiz Guarinello. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, vol. 17, n.º 2. 2005.

LEIRIS, Michel. **A idade viril**: precedido por Da literatura como tauromaquia. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (orgs.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.

_____.; SCHMITT, J.-C. (org.) **História dos Jovens**: da Antiguidade à Era Moderna. Vol. 1. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. Reflexões sobre o átomo do parentesco. In: **Antropologia estrutural dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, [1973] 1976.

_____. A família. In: SHAPIRO, Harry (org.) **Homem, cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

_____. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, [1947] 2003.

L'HOMME – Revue française d'anthropologie. Passages à l'âge d'homme. **Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales**, n.º 167-168, juillet-décembre, 2003.

_____. Observer nommer classer. **Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales**, n.º 153, janvier-mars, 2000.

_____. Récits et rituels. **Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales**, n.º 151, juillet-septembre, 1999.

_____. Lignage, mariage, héritage. **Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales**, n.º 148, octobre-décembre, 1998.

_____. **Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales**, n.º 147, juillet-septembre, 1998.

L'HOMME ET LA SOCIÉTÉ – Revue Internationale de recherches et de synthèses en sciences sociales. **Génération et mémoires**. L'Harmattan, n.º 111-112, janvier-juin, 1994.

LINDE, Charlotte. **Life stories**: the creation of coherence. New York; Oxford: Oxford University Press, 1993.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1999.

LUNA, Naara. Natureza humana criada em laboratório: biologização da pessoa, genetização do parentesco e eugenia nas novas tecnologias reprodutivas. Trabalho apresentado no Seminário Temático 03- **Ciências Sociais e Biologia em cenários contemporâneos**: repensando fronteiras e interfaces. XXVIII Encontro anual da ANPOCS, Caxambu, 2004.

_____. Pessoa parentesco nas novas tecnologias reprodutivas. In: **Estudos Feministas**, 2/2001.

MARCUS, George E. **Rereading cultural anthropology**. Durham and London: Duke University Press, 1992.

MARGULIS, Mario. **La Juventud es más que una palabra**. 2ª Ed. Buenos Aires: Biblos, 2000.

MAUGER, G., BENDIT, R., et WOLFFERSDORFF, C. **Jeunesses et sociétés: perspectives de la recherche en France et en Allemagne**. Paris: Armand Colin, 1994.

MAUGER, Gérard. **Les jeunes en France**. Etat des recherches. Paris: Ministère de la Jeunesse et des Sports, 1994.

MEAD, Margaret. **Adolescência y cultura en Samoa**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 6ª Edição, 1978.

_____. **O conflito de gerações**. Lisboa: Dom Quixote, s.d.

MELATTI, J. C. **Radcliffe-Brown**. São Paulo: Ática, 1978.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR., Carlos E. A. (orgs.) **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2002.

MÜLLER, Elaine. A idade do olhar: implicações da condição etária do/a pesquisador/a de juventudes. Trabalho apresentado no **30º Encontro Anual da Anpocs**. Caxambu: Anpocs, 2006.

_____. Resenha de COHN, Clarice. Antropologia da Criança. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. In: **Revista Antropológicas**. Ano 10, volume 17(2), 2006b.

_____. “As palavras nunca voltam vazias”: reflexões sobre classificações etárias. In: ALVIM, Rosilene; QUEIROZ, Tereza; FERREIRA JR., Edísio (orgs.) **Jovens e Juventudes**. João Pessoa: Editora Universitária – PPGS/UEPB, 2005.

_____. **As patricinhas no mundo do shopping center**: um discurso e algumas práticas juvenis bem-comportadas. Dissertação de mestrado - Antropologia. Recife: PPGA/UFPE, 2004.

_____. Transições da juventude à adultez: notas sobre algumas trajetórias. Trabalho apresentado na **25ª Reunião Brasileira de Antropologia**. Goiânia: ABA, 2004.

_____. **Freqüentando o shopping**: a sociabilidade entre jovens na praça. Trabalho de Conclusão de Curso, Ciências Sociais. Florianópolis: UFSC, 2000.

MUNRO, Rolland. Partial organization: Marilyn Strathern and the elicitation of relations. In: **The Sociological Review**. Vol. 53, p. 245, out. 2005.

NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (orgs.) **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Ed. Fund. Perseu Abramo, 2004.

OCHS, Elinor; CAPPS, Lisa. **Living narrative: creating lives in everyday storytelling**. Cambridge/ London: Harvard University Press, 2001.

ORTNER, Sherry e WHITEHEAD, Harriet. Introduction: accounting for sexual meanings. In: **Sexual meanings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

OVERING, Joanna. Estruturas elementares de reciprocidade – uma nota comparativa sobre o pensamento sócio-político na Guianas, Brasil Central e Noroeste. In: **Cadernos de Campo**. Ano 11, 2002.

PAIS, José Machado; CAIRNS, David; PAPPÁMIKAIL, Lia. Jovens europeus: retrato da diversidade. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, vol. 17, nº. 2. 2005.

PAIS, José Machado. The multiple faces of the future in the labyrinth of life. **Journal of Youth Studies**. Vol. 6, nº. 2, 2003.

_____. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PARSONS, Talcott. A classe como sistema social. [1963]. In: Britto, Sulamita (org.) **Sociologia da Juventude**, III. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

_____. Edad y Sexo en la Estructura social de los Estados Unidos de Norteamérica. In: **Ensayos de teoría sociológica**. Buenos Aires: Paidós, 1967.

PEATRIK, Anne-Marie. O'Océan des âges. In: **L'Homme**, Revue Française d'Anthropologie. 167-168, jul./dez. 2003.

PEIXOTO, Clarice Ehlers (org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

_____; SINGLY, François de; CICCHELLI, Vincenzo (orgs.) **Família e individualização**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

PERIVOLAROPOULOU, Nia. Temps socio-historique et générations chez Karl Mannheim. In: L'HOMME ET LA SOCIÉTÉ – Revue Internationale de recherches et de synthèses en sciences sociales. **Générations et mémoires**. L'Harmattan, nº 111-112, janvier-juin, 1994.

PIMENTA, Melissa de Mattos. “Ser jovem” e “ser adulto”: identidades, representações e trajetórias. Tese de Doutorado em Sociologia, São Paulo: USP, 2007.

PISCITELLI, Adriana. Nas fronteiras do natural: gênero e parentesco. In: **Rev. Estudos Feministas**, vol. 6, nº. 2, pp. 305-321, 1998.

QUIROGA, Consuelo. O (não-)trabalho: identidade juvenil construída pelo avesso? **Praia Vermelha nº. 7**, segundo semestre, 2002.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred R. Introdução a sistemas africanos de parentesco e casamento [1950]. In: MELATTI, J. C. **Radcliffe-Brown**. São Paulo: Ática, 1978.

_____. Organização social das tribos australianas [1931]. In: MELATTI, J. C. **Radcliffe-Brown**. São Paulo: Ática, 1978.

_____. O irmão da mãe na África do Sul. In: **Structure and function in primitive society**. London: Routledge, Kegan Paul [1924] 1952.

RAMOS, Elsa. As negociações no espaço doméstico: construir a “boa distância” entre pais e jovens adultos “coabitantes”. In: BARROS, Myriam Lins de (org.). **Família e gerações**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.

RAPPORT, Nigel e OVERING, Joanna. **Social and cultural anthropology: the key concepts**. New York: Routledge, 2000.

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Narrative Analysis**. Qualitative Research Methods Series 30. Newbury Park: Sage Publications, 1993.

REGUILLO CRUZ, Rosana. **Emergencia de Culturas Juveniles**. Estratégias Del Desencanto. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2000.

RIFIOTIS, T. Grupos etários e conflitos de gerações: bases antropológicas para um diálogo interdisciplinar. **Política & Trabalho 11**, setembro 1995.

ROBBINS, Alexandra; WILNER, Abby. **A crise dos 25**: como lidar com os desafios da transição para a vida adulta. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

ROSALDO, Michelle. O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural. In: **Horizontes Antropológicos – Gênero**. Ano 1, nº. 1, 1995.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**: notas sobre “economia política” do sexo. Recife: SOS Corpo, [1979] 1993.

SALEM, Tânia. **O velho e o novo**: um estudo de papéis e conflitos familiares. Petrópolis: Vozes, 1980.

SANZ DE SANTAMARÍA, María Consuelo Cárdenas. **Las relaciones de pareja**: la importancia de la diferencia. Bogotá: Ed. Uniandes/Universidade de los Andes, 1990.

SARTI, Cynthia. O jovem na família: o outro necessário. In: NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (orgs.) **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Ed. Fund. Perseu Abramo, 2004, pp. 115-129.

_____. Família e individualidade: um problema moderno. CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). **A Família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC – Editora da PUC-SP, 1997.

SCHNEIDER, David M. What is kinship all about? In: REINING, Priscilla (ed.). **Kinship Studies in the Morgan Centennial Year**. Washington D.C.: Anthropological Society of Washington, 1972.

_____. **American kinship**: a cultural account. New Jersey: Englewood Cliffs, 1968.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre: v. 16, nº. 2, p. 5-22, julho/dezembro de 1990.

SCOTT, R. Parry. Famílias sem casais e a diversidade conjugal no Brasil. **Interseções**. Revista de Estudos Interdisciplinares. UERJ, RJ, ano 3, n. 2, pp. 93-112, jul./dez. 2001.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SHEEHY, Gail. **Passagens**: crises previsíveis da vida adulta. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

SCHLEGEL, Alice. A cross-cultural approach to adolescence. In: **Ethos**. 23(1): 15-32. American Anthropological Association, 1995.

SILVA, Evaldo Mendes da. **A periodização da vida e a experiência de homens e mulheres na faixa dos 40 anos**. Dissertação de Mestrado – Antropologia. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1996.

SINGLY, François de. O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers; SINGLY, François de; CICCHELLI, Vincenzo (orgs.) **Família e individualização**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

_____. **Penser autrement la jeunesse**. Lien Social et Politiques – RIAC, 43, Primavera, 2000b.

SORJ, Bila e GOLDENBERG, Mirian. Um novo modelo de família: coesão e centramento nos filhos. **Interseções**. Revista de Estudos Interdisciplinares. UERJ, RJ, ano 3, n. 2, pp. 113-120, jul./dez. 2001.

SOUSA, Filomena Carvalho. O que é “ser adulto”: as práticas e representações sociais sobre o “ser adulto” na sociedade portuguesa. **Revista Moçambros**: acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa. São Paulo, ano 1. nº. 2, março de 2007. Disponível em <<http://www.mocambros.org>>.

SPERBER, Dan. **O saber dos antropólogos**. Três ensaios. Lisboa: Edições 70, 1992.

STOLCKE, Verena. Velhos valores, novas tecnologias, quem é o pai? In: **Anuário Antropológico 86**. Brasília: Ed. UnB, 1988.

SUÁREZ, Mireya. A Problematização das diferenças de Gênero e a Antropologia. In: AGUIAR, Neuma (org.) **Gênero e Ciências Humanas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

SZYMANSKI, Heloisa. Teorias e “Teorias” de famílias. CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). **A Família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC – Editora da PUC-SP, 1997.

TORRES, Anália Cardoso. **Casamento em Portugal**: uma análise sociológica. Oeiras: Celta Editora, 2002.

_____. **Sociologia do casamento**: a família e a questão feminina. Oeiras: Celta Editora, 2001.

TURNER, Victor W. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974.

VANDENPLAS-HOLPER, Christine. Immatûrit  e maturit  de l'adulte. Un paradoxe chez les PUF? **Carri logie Revue Francophone International**, 2001.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978 [1909].

VELHO, Gilberto. Família e parentesco no Brasil contemporâneo: individualismo e projetos no universo de camadas médias. **Interseções**. Revista de Estudos Interdisciplinares. UERJ, RJ, ano 3, n. 2, pp. 45-52, jul./dez. 2001.

_____. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 2^a Ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.

_____. **Subjetividade e sociedade**: uma experiência de geração. 2^a Ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

VIEIRA, Joice Melo. Transição para a vida adulta, família e curso da vida. Trabalho apresentado na **25^a Reunião Brasileira de Antropologia**. Goiânia: ABA, 2004.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Pensando o parentesco ameríndio. In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo (org.) **Antropologia do parentesco**: estudos ameríndios. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

WEIL, Claudie; COHEN, Yolande. Mannheim... et apr s? In: L'HOMME ET LA SOCIÉTÉ – Revue Internationale de recherches et de synth ses en sciences sociales. **Générations et mémoires**. L'Harmattan, n  111-112, janvier-juin, 1994.

WOLF, Eric R. Parentesco, amizade e relações patrono-cliente em sociedades complexas. In: **Textos de Aula**. Antropologia 7. Universidade de Brasília, s.d.

WOORTMANN, Klaas. A etnologia (quase) esquecida de Bourdieu, ou o que fazer com heresias. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 19, n . 56, outubro 2004.

WULFF, Helena. Introducing youth culture in its own right: the state of the art and new possibilities. In: AMIT-TALAI, Vered e WULFF, Helena (eds.). **Youth cultures: a cross cultural perspective**. London and New York, Routledge, 1995.

APÊNDICE: Transições em curso

Vitória continua morando em São Paulo, e após um ano “de férias” começou a trabalhar numa empresa de *games* – portanto, mudou de área, saindo da Publicidade, conforme seus desejos. Está pensando em mudar de apartamento, mas não em voltar ao Recife, apesar de estar namorando com um rapaz daqui.

Bruna continua estudando para concursos, morando com a mãe e o filho, enquanto o marido mora **com** a mãe dele. Ela tem feito cursinhos para se preparar para as provas, e seu próximo desafio é o concurso da Caixa Econômica Federal.

JJ se casou em dezembro de 2007. A esposa está grávida e o bebê está sendo esperado para o final de outubro. Eles ficaram morando com a mãe e o irmão de JJ por alguns meses, mas agora mudaram-se para uma casa só para eles, no mesmo bairro. Ele disse que só falta arranjar um emprego.

Tiago voltou a morar com a avó e a mãe e está trabalhando no Banco do Brasil. Sandra foi promovida, depois mudou de empresa e está com um bom emprego na área de comércio exterior. Júlio desistiu da área e virou fotógrafo. Sofia continua dando aulas, mas está com um bom emprego em vista. Cris continua casada e estudando. Eu não consegui confirmar a informação, mas parece que Antonia separou-se do marido.